

*Eles são perdidamente apaixonados,
mas objetivos diferentes vão pôr
seu amor à prova*



A REDENÇÃO DE GABRIEL



SYLVAIN REYNARD

autor de O inferno de Gabriel



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





*Eles são perdidamente apaixonados,
mas objetivos diferentes vão pôr
seu amor à prova*

A REDENÇÃO DE GABRIEL

SYLVAIN REYNARD

autor de O inferno de Gabriel

A REDENÇÃO
DE GABRIEL



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas*, 4/1201 *muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

A REDENÇÃO DE GABRIEL

SYLVAIN REYNARD



Título original: *Gabriel's Redemption*

Copyright © 2013 por Sylvain Reynard

Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com The Berkley Publishing Group, um membro

da Penguin Group (USA) Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fabiano Morais

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Flavia Midori e Luis Américo Costa *projeto gráfico e diagramação:*

Valéria Teixeira *capa:* Ana Paula Daudt Brandão

imagem de capa: Homem: Fuse / Getty Images Casal: Ivan Bliznetsov / iStockphoto

Fumaça verde: G. K. / Dreamstime.com e Prillfoto / Dreamstime.com

produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

7/1201

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Reynard, Sylvain

A redenção de Gabriel [recurso eletrônico] / Sylvain Reynard [tradução de Fabiano Morais]; São Paulo:

Arqueiro, 2013.

recurso digital

R351r

Tradução de: Gabriel's redemption

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-241-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano. II. Título.

CDD: 819.13

13-07153

CDU: 821.111(71)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia 04551-060 – São Paulo –

SP

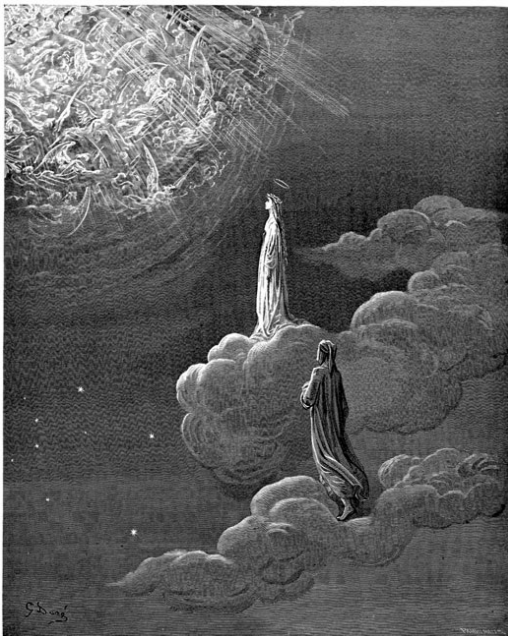
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Aos meus leitores,

com gratidão.



Dante e Beatriz ascendem à esfera de Marte

Gravura de Gustave Doré, c. 1868

“A esperança”, disse eu, “é a expectativa segura

Da glória futura, que resulta

Da graça divina e do mérito precedente.”

– DANTE ALIGHIERI, *Paraíso*, Canto 25

Prólogo

1292

Florença, Itália

O poeta se levantou da mesa e olhou pela janela sua adorada cidade. Embora a arquitetura e as ruas o chamassem, o faziam com vozes ocas, sem vida. Era como se uma grande luz tivesse se apagado, não só na cidade, mas no mundo todo.

“Quomodo sedet sola civitas plena populo! Facta est quasi vidua domina gentium...” * 

Ele correu os olhos pela citação do Livro das Lamentações, da Bíblia, que escrevera havia pouco. As palavras do profeta Jeremias eram tristemente inadequadas.

12/1201

– Beatriz – sussurrou ele, o coração se apertando no peito. Mesmo agora, dois anos após sua morte, era-lhe difícil escrever sobre essa perda. Ela permaneceria para sempre jovem, nobre, e seria eternamente sua bem-aventurança, e nem toda a poesia do mundo conseguiria expressar sua devoção por ela. Mas, em consideração a sua memória e ao amor dos dois, ele tentaria.

 “Como está deserta a cidade, antes tão cheia de gente!

Como se parece com uma viúva, a que antes era grandiosa entre as nações!”

– Lamentações 1:1, NVI (N. do E.) CAPÍTULO UM
Junho de 2011

Selinsgrove, Pensilvânia

O professor Gabriel Emerson estava parado à porta do seu escritório, com as mãos nos bolsos, olhando para a esposa com considerável paixão. Alto e atlético, ele tinha uma imagem arrebatadora, com seus traços rústicos e olhos cor de safira.

Ele a conhecera quando ela era uma jovem de 17 anos (dez a menos do que ele) e se apaixonara. Os dois haviam sido separados pelo tempo e pelas circunstâncias, mas, acima de tudo, pelo estilo de vida hedonista de Gabriel. Ainda assim, o Céu lhes havia sorrido. Seis anos mais tarde ela se tornara sua aluna de pós-

14/1201

graduação em Toronto, o que reacendeu a paixão entre eles. Casaram-se um ano e meio depois. Agora que já tinham quase seis meses de casados,

ele a amava ainda mais do que antes. Invejava até o ar que ela respirava.

Havia esperado tempo demais pelo que estava prestes a fazer. Talvez ela precisasse ser seduzida, mas Gabriel orgulhava-se de ser um mestre da sedução.

Os acordes da canção “Mango”, de Bruce Cockburn, flutuavam pelo ar, evocando lembranças da viagem a Belize, que eles fizeram antes de se casarem. Na ocasião, tinham feito amor em vários lugares ao ar livre, inclusive na praia.

Julia estava sentada à mesa, sem se dar conta da música ou de que ele a observava. Digitava no laptop, cercada de livros, pastas de arquivo e de duas caixas de papéis que Gabriel fizera a gentileza de trazer do andar de baixo da antiga casa de seus pais.

15/1201

Havia uma semana que estavam morando em Selinsgrove – uma trégua em suas vidas agitadas em Cambridge, Massachusetts. Gabriel dava aulas na Universidade de Boston, e Julia terminara pouco tempo antes o primeiro ano do doutorado em Harvard, sob a orientação de uma brilhante acadêmica, ex-professora de Oxford. Eles haviam fugido de Cambridge porque a casa na Harvard Square estava uma bagunça, por conta de uma reforma para expandi-la.

A casa da família Clark em Selinsgrove fora reformada antes de eles chegarem, seguindo com exatidão os padrões de Gabriel. Grande parte da mobília deixada por Richard, o pai adotivo de Gabriel, tinha ido para um depósito.

Julia escolhera cortinas e móveis novos e convenceria Gabriel a ajudá-la a pintar as paredes. O gosto estético dele pendia mais para madeiras escuras e couro marrom, mas Julia preferia as cores claras de uma casa de praia, com paredes e

16/1201

mobília pintadas de branco, realçadas com vários tons de azul.

Gabriel havia pendurado no escritório re-produções de pinturas que enfeitavam a casa deles na Harvard Square – *Dante e Beatriz*, de Henry Holiday, *Primavera*, de Botticelli, e *Madona com a criança e dois anjos*, de Fra Filippo Lippi. Ele se pegou analisando com atenção o último quadro.

Era possível dizer que aquelas pinturas ilustravam as etapas do relacionamento deles. A primeira retratava o encontro dos dois e a obsessão crescente de Gabriel por Julia. A segunda representava a flecha de Cupido atingindo-a quando ele já não se lembrava dela, além do namoro e do casamento subsequente. Por fim, a pintura da Madona mostrava o que Gabriel esperava do futuro.

Aquela era a terceira noite que Julia passava sentada à mesa, preparando sua primeira palestra

17/1201
pública, que ela daria em Oxford no mês seguinte. Quatro dias antes, quando os móveis ainda não tinham sido entregues, eles haviam feito amor no chão do quarto, sujos de tinta. (Julia descobrira que pintura corporal com Gabriel era seu novo esporte favorito.)

Com as lembranças da conexão física entre eles em mente e ouvindo o ritmo da música acelerar, a paciência dele chegou ao fim. Eles eram recém-casados. Gabriel não tinha a menor intenção de deixar que ela o ignorasse por mais uma noite. Aproximou-se dela, sorrateiro, com passos silenciosos. Afastou os cabelos de Julia, que lhe caíam sobre os ombros, expondo seu pescoço. Os pelos curtos da barba por fazer roçaram a pele dela, e ele intensificou seus beijos.

– *Venha* – sussurrou ele.

A pele de Julia se arrepiou. Os dedos longos e finos de Gabriel contornavam o arco do seu pescoço enquanto ele esperava.

18/1201

– Ainda não terminei a palestra. – Julia ergueu seu belo rosto para encará-lo. – Não quero que a professora Picton passe vergonha, afinal foi ela

quem me convidou. Sou a mais jovem do doutorado.

– Você não vai fazê-la passar vergonha. E ainda tem muito tempo para terminar a palestra.

– Preciso arrumar a casa para a sua família. Eles vão chegar daqui a dois dias.

– Eles não são minha família. – Gabriel a encarou com um olhar tórrido. – São a *nossa* família. E vou contratar uma empregada. Venha. Traga a manta.

Julia se virou e viu uma familiar manta de lã escocesa jogada sobre a poltrona branca que ficava debaixo da janela. Olhou para o bosque que delimitava o quintal.

– Está escuro.

– Eu protejo você.

19/1201

Ele a ajudou a se levantar e envolveu-lhe a cintura com os braços por alguns instantes, colando seu peito ao dela.

Julia sentiu o calor do corpo dele através do tecido fino de seu vestido de verão, a temperatura reconfortante e sedutora.

– Por que você quer visitar o pomar no escuro?

– provocou ela, tirando os óculos do rosto do marido e pousando-os sobre a mesa.

Gabriel a fitou com um olhar capaz de derreter neve. Então, colando os lábios à orelha dela, disse:

– Quero ver sua pele nua brilhar sob o luar *enquanto estou dentro de você*.

Ele mordiscou de leve a orelha de Julia. Em

seguida, começou a explorar seu pescoço, cobrindo-o de beijos e mordidinhas, fazendo os batimentos cardíacos dela acelerarem.

– Uma declaração de desejo – sussurrou ele.

20/1201

Julia se entregou às sensações, finalmente percebendo a música no ar. Sentiu o cheiro de Gabriel, uma mistura de hortelã e Artemis.

Ele a soltou, observando-a pegar a manta como um gato observaria um rato.

– Imagino que Guido da Montefeltro possa esperar – disse ela, olhando para suas anotações.
– Ele está morto há setecentos anos. Eu diria que já está acostumado a esperar – falou ele, sorrindo.

Julia retribuiu o sorriso, ajeitando a manta nos braços para segurar a mão que Gabriel lhe oferecia.

Enquanto eles desciam as escadas e atravessavam o jardim, uma expressão travessa tomou o rosto de Gabriel.

– Você já fez amor em um pomar antes?

Ela arregalou os olhos e negou com a cabeça.

– Então fico feliz em ser o primeiro.

Julia apertou a mão dele com mais força.

21/1201

– Você é meu último, Gabriel. O único.

Ele acelerou o passo e acendeu a lanterna quando os dois adentraram o bosque atrás da casa. Gabriel foi na frente, evitando as raízes expostas e as irregularidades do

terreno.

Era junho e fazia muito calor na Pensilvânia. O bosque era cerrado e o dossel formado pelas copas das árvores bloqueava a maior parte da luz da lua e das estrelas. O canto noturno dos pássaros e o som dos gafanhotos fazia com que o ar parecesse estar vivo.

Em pouco tempo eles chegaram à clareira.

Flores do campo salpicavam o espaço verde. No outro extremo da clareira havia diversas macieiras antigas. Por trás dos vestígios do velho pomar, as novas árvores que Gabriel havia plantado erguiam seus galhos para o céu.

À medida que eles se aproximavam do centro da clareira, o corpo de Gabriel foi relaxando.

22/1201

Algo naquele lugar, quer fosse sagrado ou não, sempre o tranquilizava.

Julia o observou estender a manta com cuidado sobre a grama espessa, desligando a lanterna em seguida. A escuridão os envolveu como uma capa de veludo.

A lua cheia brilhava no céu, sua face pálida vez

por outra ocultada por nuvens passageiras.
Estrelas cintilavam sobre suas cabeças.
Gabriel passou as mãos pelos braços dela, antes
de percorrer com os dedos o singelo decote do
seu vestido de verão.

– Gosto disto – murmurou ele.

Admirou sem pressa a beleza da esposa, evidente até mesmo na penumbra: o contorno das
maçãs do rosto, os lábios carnudos, os olhos
grandes e expressivos. Gabriel ergueu o queixo de
Julia e colocou seus lábios aos dela.

Foi o beijo de um amante fervoroso, que queria
comunicar com sua boca o desejo que sentia. Ele
23/1201

pressionou seu corpo alto contra as formas delicadas de Julia, os dedos se emaranhando nos cabelos castanhos e sedosos dela.

– E se alguém nos vir? – perguntou ela,
ofegante, antes de enfiar a língua na boca de
Gabriel.

Ela explorou ardorosamente o seu corpo até ele
recuar.

– Este bosque é particular. E, como você mesma
disse, está escuro.

As mãos dele encontraram a cintura de Julia,
espalmando-se sobre a base das suas costas.
Ele acariciou as covinhas que ela tinha ali, como
se fossem adorados marcos geológicos, antes de
subir até seus ombros. Sem cerimônia, Gabriel
tirou o vestido dela devagar, largando-o sobre a
manta. Então abriu o sutiã com um simples girar
de dedos.

Ela deu uma risadinha diante daquele movimento hábil, enquanto segurava o sutiã no lugar
24/1201

para se cobrir. Era de renda preta e provocativamente transparente.

– Você é muito bom nisso – comentou ela.

– Em quê?

Gabriel aninhou os seios dela em suas mãos
grandes, por sobre o sutiã.

– Em tirar sutiãs no escuro.

O silêncio de Gabriel ecoou ao redor deles. Ele não gostava de ser lembrado do seu passado.

Julia ficou na ponta dos pés para dar um beijo no queixo anguloso dele.

– Não estou reclamando. Afinal, quem sai ganhando com sua habilidade sou eu.

Ao ouvir essas palavras, ele traçou os contornos dos seios de Julia através da renda.

– Por mais que eu goste da sua lingerie, Julianne, prefiro você nua.

– Não sei... – Ela espiou por sobre o ombro, vasculhando a área em torno da clareira. – Parece 25/1201

que alguém vai nos interromper a qualquer momento.

– Olhe para mim.

Os olhos dela encontraram os dele.

– Estamos sozinhos aqui. E o que vejo é de tirar o fôlego.

Com mais um movimento provocante, ele soltou os seios de Julia e deslizou as mãos pelas colinas e pelos vales das costas dela, espalmando-as em seguida sobre os quadris. Os dedos dele pairavam sobre a pele dela.

– Eu vou cobrir você.

– Com o quê? Com a manta?

– Com o meu corpo. Mesmo que alguém nos surpreenda, não vou deixar que a vejam. Eu prometo.

O cantos dos lábios de Julia se curvaram num sorriso.

– Você pensa em tudo.

– Só penso em você. Você é tudo para mim.

26/1201

Gabriel aceitou os lábios que ela lhe oferecia e, contendo-se ao máximo, descolou o sutiã de renda do corpo de Julia. Beijou-a com paixão, explorando languidamente sua boca, antes de baixar sua calcinha.

Agora ela estava nua à sua frente, no pomar

deles.

*Ó deuses do sexo em pomares, pensou ela. Por favor,
não
permitam
que
ninguém
nos
interrompa.*

Ela tirou a blusa de Gabriel com avidez, os dedos brincando com os poucos fios de cabelo no peito dele. Então deslizou as mãos por seus músculos abdominais para desafivelar o cinto.

Quando os dois estavam nus, ele a envolveu em seus braços e Julia deu um suspiro.

– Ainda bem que está calor – sussurrou ele. –

Só trouxemos uma manta.

Com um sorriso, ela se deitou no chão e Gabriel a cobriu com seu corpo. Seus olhos azuis fitaram
27/1201

os dela enquanto ele pousava as mãos uma em cada lado do seu rosto.

– “Ao Leito Nupcial eu a levo, suas faces rubras como a manhã: nessa hora, todo o Céu e as jubilosas estrelas sobre nós...”

– *Paraíso perdido* – sussurrou ela, acariciando a barba por fazer em seu queixo. – Mas, aqui, só

consigo pensar em Paraíso encontrado.

– Deveríamos ter nos casado aqui. Deveríamos ter feito amor pela primeira vez aqui.

Ela correu os dedos pelos cabelos de Gabriel.

– Estamos aqui agora.

– Foi neste lugar que descobri a verdadeira beleza.

Ele tornou a beijá-la, suas mãos a explorando com carinho. Julia retribuiu as carícias e a paixão dos dois se inflamou, ardendo em chamas.

Nos meses que se seguiram ao casamento, o desejo que sentiam um pelo outro não diminuiu, tampouco a doçura com que se amavam. As
28/1201

palavras se dissolviam, fundiam-se a movimentos, toques e à bênção do amor físico.

Gabriel conhecia a esposa: conhecia sua libido e sua excitação, sua impaciência e seu êxtase. Eles fizeram amor cercados pela escuridão e pelo verde da natureza.

Na extremidade da clareira, as velhas macieiras que observaram o amor casto dos dois no passado desviaram os olhos com pudor.

Depois de enfim recuperarem o fôlego, Julia ficou deitada ali, leve como uma pluma, admirando as estrelas.

– Tenho um presente para você.

Ele tateou em busca da lanterna e a usou para encontrar a calça. Quando voltou para o lado de Julia, prendeu um objeto frio em torno do seu pescoço.

Julia olhou para baixo e viu um colar com três pingentes: um coração, uma maçã e um livro.
29/1201

– É lindo – sussurrou ela, acariciando os pingentes um a um.

– Mande vir de Londres. As argolas e os pingentes são de prata, com exceção da maçã, que é de ouro. Ela representa o dia em que nos conhecemos.

– E o livro?

– Tem “Dante” gravado na capa.

Ela olhou para ele um pouco envergonhada.

– Por acaso me esqueci de alguma data especial?

– Não. Mas eu gosto de lhe dar presentes.

Julia o beijou com paixão e ele a deitou de costas, tornando a afastar a lanterna.

Quando se separaram, ele pousou a mão na barriga lisa de Julia e levou os lábios ao ponto logo abaixo do polegar.

– Quero plantar meu filho aqui.

As palavras dele ecoaram na clareira e Julia ficou petrificada.

30/1201

– O quê?

– Quero ter um filho com você.

Ela prendeu a respiração.

– Tão cedo?

O polegar dele percorreu sua pele.

– Nunca sabemos quanto tempo nos resta.

Julia pensou em Grace, a mãe adotiva de Gabriel, e em sua própria mãe, Sharon. Ambas haviam morrido cedo, mas sob circunstâncias muito diferentes.

– Dante perdeu Beatriz quando ela tinha apenas 24 anos – prosseguiu ele. – Perder você seria devastador.

Julia ergueu a mão para tocar a covinha no queixo dele.

– Nada dessa conversa mórbida. Não aqui, depois de celebrarmos a vida e o amor.

Gabriel deu vários beijos arrependidos na barba de Julia antes de se reclinar de lado.

31/1201

– Já sou quase mais velha que Beatriz e estou saudável. – Ela pousou a mão no peito de Gabriel, sobre a tatuagem de um coração que sangrava, tocando o nome inscrito nele. – Sua ansiedade é por causa de Maia?

O rosto dele ficou tenso.

– Não.

– Se for, não tem problema.

– Eu sei que ela está feliz.

– Também acredito nisso. – Julia hesitou, como se quisesse falar algo mais.

– O que foi?

– Estava pensando em Sharon.

– E?

– Ela não foi uma mãe exemplar.

Ele se inclinou para a frente e roçou os lábios nos dela.

– Você será uma excelente mãe. É carinhosa, paciente e tem bom coração.

– Não saberia o que fazer.

32/1201

– Nós descobriríamos juntos. Eu é que deveria estar preocupado. Meus pais biológicos eram a

personificação dos comportamentos não funcionais e não poderiam ter sido mais disfuncionais. E meu passado está longe de ser moralmente impecável.

Julia balançou a cabeça.

– Você é ótimo com o bebezinho da Tammy.

Até o seu irmão concorda com isso. Mas ainda é muito cedo para termos um filho, Gabriel. Só estamos casados há seis meses. E quero terminar meu doutorado.

– Eu concordei com isso, lembra? – Ele deslizou um dedo pelo arco das costelas de Julia.

– A vida de casados é maravilhosa, mas tem sido uma adaptação. Para nós dois.

Ele deteve seus movimentos.

– É verdade. Mas precisamos conversar sobre o futuro. Quanto antes eu falar com meu médico, 33/1201

melhor. Faz tanto tempo que fiz a vasectomia que talvez não seja possível revertê-la.

– Há mais de uma maneira de formar uma família. Podemos cogitar outras possibilidades médicas. Podemos adotar uma criança do orfanato franciscano em Florença. Na hora certa.

– O rosto dela se encheu de esperança.

Ele afastou um cacho do rosto dela.

– Podemos fazer todas essas coisas. Pretendo levá-la à Úmbria depois da conferência, antes de irmos à exposição em Florença. Mas, quando voltarmos da Europa, gostaria de conversar com meu médico.

– Está bem.

Ele a puxou para cima de si. Uma estranha corrente elétrica pareceu percorrer os dois quando Gabriel a agarrou pelos quadris.

– Assim que você estiver pronta, podemos começar a tentar.

Ela sorriu.

34/1201

– Talvez seja melhor praticarmos bastante antes.

– Sem dúvida.

CAPÍTULO DOIS

Na manhã seguinte, Julia acordou bem cedo, sobressaltada. Ainda não havia amanhecido e o quarto estava silencioso; os únicos sons eram o da respiração ritmada de Gabriel e o chilrear distante dos pássaros lá fora.

Ela puxou as cobertas para junto do peito nu e fechou os olhos, forçando a respiração a se acalmar. Isso serviu apenas para trazer as cenas do seu pesadelo à tona com total clareza.

Ela estava em Harvard, correndo pelo campus à procura do local da sua prova de qualificação.

Julia parava todos que encontrava pelo caminho, implorando por ajuda, mas ninguém parecia saber onde a banca examinadora estava reunida.

Então ouviu o som de alguém chorando e ficou chocada ao ver que havia um bebê em seus

36/1201

braços. Ela o colocou ao peito, tentando silenciá-lo, mas a criança não parava de chorar.

De repente, estava parada diante do professor Matthews, o chefe do departamento. Um grande cartaz à sua esquerda indicava que a prova estava acontecendo na sala atrás dele. Matthews bloqueava a porta e dizia a Julia que não era permitida a entrada de crianças.

Ela tentou argumentar. Prometeu que não deixaria o bebê chorar. Implorou que ele lhe desse uma chance. Todas as esperanças e o sonho de terminar o doutorado e se tornar uma especialista em Dante dependiam daquela prova de qualificação. Se não a fizesse, seria afastada do programa.

Foi então que a criança em seus braços começou a gritar. O professor Matthews fechou a cara e apontou para as escadas, mandando-a ir embora.

37/1201

Julia sentiu um braço sobre seu corpo, abraçando-a. Olhou para o lado e viu que Gabriel ainda dormia. Algo em seu estado inconsciente

deve tê-lo impelido a confortá-la. Observou-o com uma mistura de amor e ansiedade, o corpo ainda tremendo por causa do pesadelo.

Ela se levantou, cambaleou até o banheiro, acendeu as luzes e abriu o chuveiro. Esperava que a água quente a acalmasse. As luzes fortes sem dúvida ajudaram a dispersar um pouco a escuridão.

Debaixo do chuveiro de teto, tentou esquecer o pesadelo e outras preocupações que lutavam para vir à tona em sua mente – a palestra, a visita iminente da família, a repentina necessidade de Gabriel de ter um filho...

Julia levou os dedos ao colar em seu pescoço.

Sabia que Gabriel queria ter filhos com ela. Eles já haviam conversado sobre isso antes mesmo de

ficarem noivos. Mas também tinham concordado
38/1201

em esperar até ela terminar o doutorado. Isso levaria ainda uns cinco ou seis anos.

Por que ele está tocando nesse assunto agora?

A pesquisa já era motivo suficiente de ansiedade. Em setembro, estaria de volta às aulas, preparando-se para a prova de qualificação que precisaria fazer no ano seguinte.

Mais urgente ainda era a palestra que daria em Oxford dentro de semanas. No semestre anterior, Julia havia escrito um artigo sobre Guido da Montefeltro para o curso da professora Marinelli. Ela gostara muito do resultado e mencionara o artigo para a professora Picton, que incentivou Julia a submeter um resumo aos organizadores da conferência.

Julia ficara eufórica ao saber que sua proposta havia sido aceita. Mas a ideia de estar diante de uma plateia de especialistas em Dante e palestrar sobre temas em que eles eram muito mais especializados do que ela era intimidadora.

39/1201

Agora, Gabriel estava falando em reverter a vasectomia quando eles voltassem da Europa, em

agosto.

E se a vasectomia fosse revertida com sucesso?

Julia foi tomada pela culpa. É claro que ela queria ter um filho dele. E sabia que reverter a vasectomia era mais do que um simples procedimento cirúrgico. Seria um gesto simbólico – significaria que ele finalmente havia se perdoado pelo que acontecera com Paulina e Maia. Que enfim começara a acreditar que era digno de gerar e criar um filho.

Eles haviam rezado por isso. Depois do casamento, tinham ido à cripta de São Francisco e feito uma prece espontânea e íntima, pedindo que Deus abençoasse o casamento e lhes desse uma criança.

Se Deus quiser atender às nossas preces, como posso dizer “agora não”?

40/1201

Julia teve medo de estar sendo egoísta. Talvez devesse priorizar os filhos, e não seus estudos e suas ambições. Harvard não iria a lugar nenhum. Muita gente voltava à universidade depois de começar uma família.

E se Gabriel não quiser esperar?

Ele tinha razão ao dizer que a vida era curta. O fato de terem perdido Grace era prova disso.

Assim que Gabriel se soubesse capaz de gerar uma criança, era provável que fosse querer fazer isso sem demora. Como ela poderia dizer *não*?

Gabriel era uma chama que consumia tudo ao redor. Suas paixões e vontades pareciam sobrepujar os desejos de todos à sua volta. Certa vez ele lhe confessara que ela era a única mulher que

tinha lhe dito *não*. Isso provavelmente era verdade.

Julia temia não ser capaz de dizer *não* ao maior anseio dele. Ela seria tomada pelo desejo de



41/1201

agradá-lo, de fazê-lo feliz – e, para isso, sacrificaria a própria felicidade.

Ela não tivera quase nada quando criança. Sua infância com Sharon em St. Louis fora marcada

pela pobreza e pela negligência. Mas Julia havia se destacado na escola. A

inteligência e a disciplina foram seus trunfos nas universidades de Saint Joseph e Toronto.

Seu primeiro ano em Harvard tinha sido um sucesso. Não era hora de desistir ou abandonar o curso. Não era hora de ter um filho.

Julia cobriu o rosto com as mãos e pediu a Deus que lhe desse forças.

Algumas horas depois, Gabriel entrou na cozinha com seus tênis de corrida e um par de meias nas mãos. Usava short e uma blusa de Harvard e estava prestes a pegar uma garrafa d'água na

42/1201

geladeira quando viu Julia sentada à ilha da cozinha, com a cabeça apoiada nas mãos.

– Aí está você. – Ele largou os tênis e as meias no chão e lhe deu um insistente beijo de bom-dia. Foi então que notou os olhos cansados da esposa e as manchas roxas debaixo deles. Ela parecia chateada.

– O que houve?

– Nada. Acabei de limpar a cozinha e a geladeira e agora estou fazendo uma lista de compras.

Ela apontou para uma grande folha de papel coberta pela sua letra caprichada. Ao seu lado havia uma xícara cheia até a metade de café frio, assim como outra lista de tarefas igualmente longa.

Gabriel correu os olhos pela cozinha, que brilhava. Até o piso estava imaculado.

– São sete da manhã. Não está um pouco cedo para faxina?

43/1201

– Tenho muito o que fazer. – Ela não parecia animada.

Gabriel pegou sua mão e acariciou a palma com o polegar.

– Você parece cansada. Não dormiu bem?

– Acordei cedo e não consegui pegar no sono outra vez. Preciso arrumar os quartos e limpar os banheiros. Depois, tenho que ir ao mercado e

planejar as refeições. E... – Ela deu um suspiro trêmulo.

– E? – perguntou ele, baixando a cabeça para fixar os olhos dela. Julia tinha voltado a olhar para a longa lista de tarefas.

– Preciso me apressar. Ainda nem troquei de roupa. – Ela juntou as beiradas do seu roupão azul-claro e começou a se levantar.

Gabriel a deteve.

– Você não precisa fazer nada. Eu falei que iria encontrar alguém para limpar a casa e vou fazer
44/1201

isso. – Ele apontou a lista de compras. – Posso passar no mercado depois da minha corrida.

Os ombros dela relaxaram um pouco.

– Isso ajudaria. Obrigada.

Ele aninhou o rosto dela em uma das mãos.

– Volte para a cama. Você está exausta.

– Ainda falta muita coisa para fazer – sussurrou ela.

– Deixe comigo. Você precisa trabalhar na sua palestra. – Ele lhe ofereceu um meio sorriso. – Mas durma um pouco antes. Uma mente cansada é incapaz de trabalhar direito.

Ele tornou a beijá-la e a conduziu até o segundo andar. Afastou as cobertas de cima da cama, ficou olhando enquanto ela se acomodava e então a cobriu.

– Sei que é a primeira vez que recebemos convidados em casa. Não espero que você faça o papel de empregada. E certamente não quero que nossos parentes atrapalhem seus prazos. Passe o



45/1201

restante do dia trabalhando no escritório.

Esqueça qualquer outra coisa. Eu cuido de tudo.

Ele pressionou os lábios na testa dela e apagou a luz, deixando Julia dormir.

Gabriel costumava ouvir música enquanto corria, mas nessa manhã sua mente estava distraída. Julianne estava sobrecarregada; isso era óbvio. Não tinha o hábito de levantar cedo e, pela sua cara de cansaço, estava acordada

havia horas.

Talvez não deversem ter convidado a família para uma visita antes da palestra dela. Gabriel nunca recebera mais de uma ou duas pessoas de cada vez – e, mesmo nessas ocasiões, contava com a ajuda de uma empregada e de uma conta bancária que lhe permitia levar seus hóspedes para comer fora.

46/1201

Pobre Julianne. Gabriel se lembrou de seu próprio tempo em Harvard. Na época, as férias nunca eram um verdadeiro descanso, pois sempre havia trabalho a fazer, línguas para aprender e provas para as quais se preparar.

Era um alívio ser professor titular. Ele não trocaria de lugar com Julia por nada. Ainda mais sabendo que costumava lidar com as pressões da pós-graduação bebendo, cheirando cocaína e transando com P...

Gabriel tropeçou e foi jogado para a frente quando o bico do seu tênis ficou preso na calçada. Ele se ajeitou depressa e recuperou o ritmo, forçando-se a se concentrar em seus passos.

Não gostava de pensar nos anos que passara em Harvard. Desde que tinha voltado a morar em Cambridge, suas experiências com as drogas lhe voltavam à mente com tanta clareza que, às vezes, ele poderia jurar que sentia a cocaína entrando

47/1201

pelas suas narinas. Quando dirigia pelo campus da universidade ou entrava em um dos seus prédios, sentia uma fissura tão intensa que chegava a doer. Até ali, com a graça de Deus, havia resistido. As reuniões semanais nos Narcóticos Anônimos sem dúvida tinham ajudado, assim como as consultas mensais com um terapeuta.

E além disso, é claro, havia Julianne.

Se Gabriel tinha de fato entrado em contato com um poder superior em Assis, no ano passado, Julianne era seu anjo da guarda. Ela o

amava, o inspirava, tornava sua casa um lar. Mas ele não conseguia se livrar do medo de que o Céu lhe havia sorrido apenas para ganhar tempo antes de tirá-la dele.

Gabriel mudara em vários sentidos desde a época em que Julianne era sua aluna. Porém ainda não conseguira abandonar a crença de que não era digno de uma felicidade duradoura. Como o 48/1201

próprio terapeuta alertara, ele sempre caía no mesmo padrão de autossabotagem.

Grace, sua mãe adotiva, morreria de câncer cerca de dois anos antes. Sua morte prematura simbolizava quanto a vida é curta e incerta. Se ele perdesse Julianne...

Se tivesse um filho com ela, jamais a perderia, uma voz baixa e serena sussurrou em seu ouvido.

Gabriel acelerou o passo. A voz tinha razão, mas não expressava o principal motivo para ele querer ter um bebê com Julianne. Queria uma família com filhos – uma vida cheia de riso e da certeza de que ele poderia consertar os erros cometidos pelos pais biológicos.

No entanto, ele não dividia esses conflitos internos com a esposa. Julia tinha muitas preocupações e ele detestaria lhe causar mais. Ela se pre-ocuparia com seus vícios e medos, e Gabriel já a fizera sofrer muito.

49/1201

Enquanto corria pelo familiar trajeto de sua antiga vizinhança, ele se perguntava por que Julia estaria tão abatida mais cedo. Tinham passado uma noite incrível juntos, celebrando o amor no pomar e depois na cama. Quebrou a cabeça tentando descobrir se havia feito algo que a magoara. Mas o sexo entre os dois tinha sido, como sempre, tão apaixonado quanto carinhoso.

Havia
outra
possibilidade
e
Gabriel

se

amaldiçoou por não ter pensado nela antes. Julianne sempre demonstrou certa ansiedade por voltar a Selinsgrove. Um ano e meio atrás, seu ex-namorado, Simon, invadira a casa do pai dela e a atacara. Pouco depois, a atual namorada dele, Natalie, tinha confrontado Julia em um restaurante, ameaçando divulgar fotos obscenas dela caso a queixa de agressão não fosse retirada. Julianne conseguira convencer Natalie de que não seria vantajoso para ela divulgar as imagens, pois também comprometeriam Simon. O pai dele



50/1201

era senador e estava concorrendo à Presidência, e Natalie trabalhava na campanha.

Na época, Gabriel guardara para si suas dúvidas quanto ao sucesso de Julia nessa questão. Ele sabia que, uma vez que uma pessoa tomava gosto pela chantagem, ela sempre recorreria a essa mesma tática.

Ele praguejou novamente, correndo a uma velocidade extenuante. Nunca contara a Julia o que havia feito. Tampouco queria fazer isso agora. Mas, se ela estava preocupada com Simon e Natalie, então talvez estivesse na hora de lhe contar a verdade...

Quando Gabriel voltou da corrida, Julia ainda estava dormindo. Ele riu ao notar os pés descalços dela despontando por debaixo das cobertas. Julia não gostava que seus pés ficassem quentes, então



51/1201

os colocava para fora enquanto mantinha o resto do corpo debaixo de vários cobertores.

Inclinando-se sobre ela, Gabriel cobriu seus pés e foi tomar uma ducha. Depois de se vestir, tornou a dar uma olhada nela, mas Julia continuava dormindo. Desceu as escadas, pegou na cozinha as listas que ela fizera e seguiu para o Range Rover. Com alguma sorte, conseguiria fazer as compras e arrumaria uma faxineira antes que ela acordasse.

Às onze da noite, Julia finalmente desceu do segundo andar. Encontrou Gabriel sentado na sala de estar, lendo. Ele estava em um sofá de couro, com os pés repousados sobre uma otomana. Seus olhos se moviam por trás dos óculos.

– Ora, ora, vejam só quem apareceu. – Ele a cumprimentou, fechando o livro.

52/1201

– O que está lendo?

Ele lhe mostrou a capa. *O caminho de um peregrino*.

– É bom?

– Muito. Você já leu *Franny e Zooey*, de J. D. Salinger?

– Há muito tempo. Por quê?

– Franny fica angustiada ao ler este livro. Foi assim que ouvi falar dele pela primeira vez.

– Do que se trata?

Ela pegou o exemplar, analisando a contracapa.

– É sobre um cristão ortodoxo russo que tenta descobrir o que significa o ensinamento bíblico de que devemos “orar sem cessar”.

Julia arqueou as sobrancelhas.

– E?

– Estou lendo para descobrir o que ele aprendeu.

– Você está orando por alguma coisa?

Ele esfregou o queixo.

53/1201

– Estou orando por um bocado de coisas.

– Como o quê?

– Que eu me torne um bom homem, um bom marido e, algum dia, um bom pai.

Ela sorriu e tornou a olhar para o livro.

– Estamos todos em nossas próprias jornadas espirituais, imagino.

– Alguns estão mais adiantados do que outros.

Julia largou o livro e se sentou no colo dele.

– Não concordo. Acho que perseguimos Deus até que Ele nos encontra.

– Como “O cão de caça do céu”, do poema de

Francis Thompson?

– Mais ou menos isso.

– Uma das coisas que mais admiro em você é sua compaixão pela fragilidade humana.

– Também tenho meus vícios, Gabriel. Eles só estão escondidos.

Ela correu os olhos pela sala, notando as marcas deixadas pelo aspirador de pó no carpete e os

54/1201

móveis recém-espantados. O ar recendia a limão e pinho.

– A casa está um brinco. Obrigada por arrumar alguém para limpá-la. Consegui adiantar bastante o trabalho hoje.

– Ótimo. – Ele a encarou por sobre a armação dos óculos. – Como está se sentindo?

– Bem melhor. Obrigada por preparar o jantar.

– Ela descansou a cabeça no ombro do marido.

– Você não estava com muita fome quando levei a comida lá para cima. – Ele correu os dedos pelos cabelos dela.

– Mas acabei comendo depois. Encontrei um problema no meu artigo, então não consegui comer naquela hora.

– Posso ajudar? – Ele tirou os óculos, pousando-os em cima do livro.

– Não. Não quero que as pessoas achem que você é o cérebro por trás da minha pesquisa.

55/1201

– Não era isso que estava oferecendo. – Gabriel pareceu ofendido.

– Preciso fazer isso sozinha.

Ele torceu o nariz.

– Acho que você se preocupa demais com o que as pessoas pensam.

– Tenho que me preocupar – disse ela com rispidez. – Se apresentar um artigo que pareça escrito por você, todos vão notar. Christa Peterson já vem espalhando boatos a nosso respeito. Paul me contou.

Gabriel fez cara feia.

– Christa é uma piranha invejosa. A carreira dela está andando para trás, e não para a frente. A Colúmbia a obrigou a se matricular no mestrado

em filosofia. Eles se recusaram a aceitá-la no programa de doutorado. Já conversei com a chefe do

departamento. Se Christa nos difamar, o risco é todo dela. – Ele se remexeu na poltrona. – E quando você andou falando com Paul?

56/1201

– Ele me mandou um e-mail depois da conferência de que participou na UCLA. Foi onde viu Christa e ficou sabendo dos boatos que ela estava espalhando.

– Você nem me deixou ler seu artigo. Se bem que já discutimos tanto Guido que tenho certeza de que sei o que vai dizer.

Julia roeu a unha do polegar, mas ficou calada. Ele a abraçou mais forte.

– Meu livro ajudou em alguma coisa?

– Ajudou, mas estou seguindo uma linha diferente – respondeu ela, evasiva.

– Isso pode ser uma faca de dois gumes, Julianne. A originalidade é bem-vista, mas às vezes métodos consagrados são consagrados por um motivo.

– Vou deixá-lo ler o artigo amanhã, se você tiver tempo.

– É claro que terei tempo. – Gabriel começou a acariciar as costas dela. – Na verdade, estou

57/1201

ansioso para lê-lo. Só quero ajudar você, não prejudicá-la. Sabe disso, não sabe?

– Claro. – Julia tornou a beijá-lo, antes de se aninhar no peito dele. – Só estou preocupada com o que vai achar.

– Serei sincero, mas de um jeito construtivo. Eu prometo.

– Não poderia pedir mais do que isso. – Julia sorriu para ele. – Agora, preciso que você me leve para a cama e me alegre. Ele estreitou os olhos, pensativo.

– E o que devo fazer para alegrá-la?

– Afastar os problemas da minha cabeça me seduzindo com seu corpo nu.

– E se eu não estiver pronto para ir para a cama?

– Então acho que terei que ir sozinha. E talvez me alegrar por conta própria.

Ela se levantou e se espreguiçou, olhando de esguelha para Gabriel.

58/1201

Num piscar de olhos ele estava atrás dela, erguendo-a nos braços e correndo em direção às escadas.

CAPÍTULO TRÊS

– Você não pode apresentar isto – disse Gabriel, entrando no escritório na tarde do dia seguinte com uma impressão do artigo de Julia nas mãos.

Ela ergueu os olhos da tela do laptop, horrorizada.

– Por que não?

– Você está errada. – Ele largou as páginas e tirou os óculos, atirando-os em cima da mesa. – São Francisco vai buscar a alma de Guido da Montefeltro depois que ele morre. Já discutimos isso. Você concordou comigo.

Julia cruzou os braços, na defensiva.

– Mudei de ideia.

– Mas é a única interpretação que faz sentido!

Ela engoliu em seco, balançando a cabeça.

60/1201

Gabriel começou a andar de um lado para outro em frente à mesa dela.

– Nós falamos sobre isso em Belize. Pelo amor de Deus, eu lhe enviei uma ilustração da cena quando estávamos separados! Agora você vai aparecer diante de uma sala cheia de pessoas e dizer que não foi assim?

– Se você tivesse lido as notas de rodapé, veria que...

Ele parou de andar e se virou para encará-la.

– Eu li as notas de rodapé. Nenhuma das suas fontes vai tão longe. Isso não passa de mera

especulação.

– *Mera especulação?* – Julia se levantou. – Encontrei várias fontes confiáveis que concordam

com grande parte do que digo. A professora Marinelli gostou do meu artigo.

– Ela é boazinha demais com você.

Julia ficou boquiaberta.

61/1201

– Boazinha demais? Imagino então que você ache que a professora Picton me convidou para a conferência por *mera* caridade?

A expressão de Gabriel se abrandou.

– É claro que não. Ela tem você em alta conta.

Mas não quero que fique diante de uma plateia de professores experientes e apresente uma interpretação ingênua. Se tivesse lido meu livro, saber-ia que...

– Eu li o seu livro, *professor Emerson*. Você só menciona de passagem o texto que estou analisando. E aceita *ingenuamente* a interpretação con-sagrada, sem refletir se deveria confiar nela.

Gabriel estreitou os olhos.

– Eu aceito a interpretação que faz sentido. –

Seu tom de voz era glacial. – Nunca aceito nada ingenuamente.

Julia bateu o pé, bufando de frustração.

– Você não quer que eu tenha minhas próprias ideias? Ou acha que devo repetir o que todos já

62/1201

disseram só porque sou uma reles aluna de doutorado?

O rosto de Gabriel ficou vermelho.

– Eu nunca disse isso. Também já fui aluno, caso não se lembre. Mas não sou mais. Você poderia se beneficiar da minha experiência.

– Ah, aí está. – Julia jogou as mãos para o alto, indignada, e saiu do escritório.

Gabriel foi atrás dela.

– Como assim, *aí está?*

Ela não se deu o trabalho de se virar.

– Você só está irritado porque vou discordar de você em público.

– Que bobagem.

– Bobagem? – Desta vez, ela se virou. – Então por que está me dizendo para mudar meu artigo para ficar de acordo com seu livro?

Ele pôs a mão no braço dela.

63/1201

– Não quero que o artigo concorde comigo. Só estou tentando ajudá-la a não fazer papel de idiota...

– Ele se interrompeu de repente.

– Como é que é? – Julia questionou, desvencilhando-se da mão dele.

– Nada.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

Quando tornou a abri-los, parecia mais calmo.

– Se começar agora, pode conseguir reescrever o artigo a tempo para a conferência. Eu posso ajudar.

– Não quero a sua ajuda. E não posso mudar minha tese. Eles já publicaram o resumo no site da conferência.

– Vou ligar para Katherine. – Ele lhe abriu um sorriso encorajador. – Ela vai entender.

– Você não vai ligar coisa nenhuma. Não vou mudar o artigo.

Gabriel apertou os lábios em uma linha fina.

– Não é hora de ser teimosa.

64/1201

– Ah, é sim. É o meu artigo!

– Julianne, preste atenção...

– Você está com medo de que eu faça papel de idiota. E que envergonhe você.

– Não falei isso.

Ela lançou-lhe um olhar que parecia magoado, se não traído.

– Foi o que acabou de falar.

Ela entrou no quarto e tentou fechar a porta atrás de si. Ele esticou a mão, segurando a porta no lugar.

– O que está fazendo?

– Tentando sair de perto de você.

– Julianne, pare. – Ele olhou ao redor, sem saber o que fazer. – Podemos conversar sobre isso.

– Não, não podemos. – Ela pressionou um dedo no peito dele. – Não sou mais sua aluna. Tenho direito às minhas próprias ideias.

– Não foi nada disso que eu falei.

65/1201

Ela o ignorou e andou em direção ao banheiro.

– Julianne, mas que droga. Pare com isso! – gritou ele diante da porta.

Ela deu meia-volta.

– Não grite comigo!

Gabriel levantou as mãos, como se estivesse se rendendo, e inspirou fundo.

– Desculpe. Vamos nos sentar e conversar.

– Não consigo conversar com você agora, não sem dizer algo de que vá me arrepender depois. E você também precisa se acalmar.

– Para onde você vai?

– Para o banheiro. Vou trancar a porta e evitar você pelo resto do dia. Se não me deixar em paz, vou para a casa do meu pai.

Gabriel fez uma careta. Julia não ficava na casa do pai desde antes de eles se casarem.

– E como pretende fazer isso?

Ela revirou os olhos.

66/1201

– Não se preocupe, não vou deixar você sem carro. Chamarei um táxi.

– Não tem nenhum táxi na cidade. Você vai precisar chamar um de Sunbury.

Julia lançou-lhe um olhar fulminante.

– Sei disso, Gabriel. Eu morava aqui, lembra?

Você deve mesmo achar que eu sou uma imbecil.

Ela entrou no banheiro e bateu a porta atrás de si.

Gabriel ouviu o barulho do trinco girando.

Ele esperou um momento antes de bater à porta.

– Rachel, Aaron e Richard vão chegar a qualquer momento. O que vou dizer a eles?

– Diga que eu sou uma idiota. É óbvio.

– Julianne, me escute. Por favor.

Ele ouviu o som de água corrente vindo do lado de dentro.



67/1201

– Muito bem! – gritou. – Me evite, então. Nossa primeira briga e você se tranca no maldito banheiro. – Ele espalmou a mão contra a porta.

O barulho da água parou de repente.

Ela ergueu a voz para ser ouvida:

– Minha primeira palestra e você me diz que ela é uma merda. E não por ser verdade, mas porque não está de acordo com você e com seu maldito livro!

Após um banho de banheira quente e demorado, Julia saiu de lá. O quarto estava vazio.

Ela se vestiu depressa e depois foi para o corredor. Caminhou de mansinho até a escada e aguçou os ouvidos.

Convencida de que a casa estava vazia, foi até o escritório e fechou a porta com cuidado. Então



68/1201

sentou-se à mesa e, com um jazz suave como trilha sonora, voltou a trabalhar no artigo.

– Cadê a Julia?

Rachel abraçou o irmão antes de arrastar sua pequena mala e a do marido, Aaron, para dentro da sala de estar. Alta e esguia, usava calças cáqui e uma blusa branca com gola em V. Seus longos cabelos louros e lisos tinham um corte perfeito e estavam presos para trás pelos grandes óculos

escuras na cabeça, mostrando seu rosto bonito.

Poderia muito bem ter saído de um anúncio da Gap.

A expressão de Gabriel ficou tensa.

– Está trabalhando no artigo dela.

– Você avisou a ela que nós chegamos? – Rachel foi até o pé da escada. – Jules! Tire a bunda dessa cadeira e venha aqui!

69/1201

–

Rachel,
por
favor

—

disse

seu

pai,

repreendendo-a antes de cumprimentar Gabriel com um abraço.

Richard era uns cinco centímetros mais baixo que o filho, com cabelos claros e olhos acinzentados. Era discreto e sério, e sua inteligência e gentileza geravam respeito em

todos que o

conheciam.

Como não ouviu movimento algum no andar de cima, Rachel se virou para o irmão, estreitando os olhos acinzentados iguais aos do pai.

— Por que ela está se escondendo?

Gabriel cumprimentou Aaron com um aperto de mão.

— Ela não está se escondendo. Não deve ter ouvido você. Seus quartos estão prontos e há toalhas limpas no banheiro social. Pai, se quiser, pode ficar no seu antigo quarto.

— O de hóspedes está ótimo. — Richard pegou sua bolsa e começou a subir as escadas.

70/1201

— Você e Julia estão brigados? — perguntou Rachel, lançando um olhar desconfiado para o irmão.

Ele apertou os lábios.

— Você pode falar com ela lá em cima — desconversou Gabriel. — Depois nos reunimos na varanda para beber alguma coisa. Vou fazer costeletas grelhadas para o jantar.

— Costeletas? Excelente. — Aaron deu um tapinha amigável nas costas de Gabriel. — Eu ia parar para comprar cerveja no caminho, mas Rachel

quis vir direto para cá. Vou buscar algumas e já volto.

Ele pegou as chaves do carro e estava prestes a seguir em direção à porta quando a esposa o deteve, balançando a cabeça.

Gabriel percebeu a troca de olhares entre Rachel e Aaron e decidiu que essa era a sua opor-

tunidade de escapar.



71/1201

– Vejo vocês no quintal daqui a pouco – disse, indo para a cozinha.

Rachel balançou a cabeça para o marido.

– Eles estão brigados. Vou falar com a Jules enquanto você fala com o Gabriel. Depois pode ir comprar cerveja.

– Por que eles teriam brigado? – Aaron correu os dedos pelo cabelo escuro e cacheado.

– Quem sabe? Talvez Julia tenha reorganizado a coleção de gravatas dele sem pedir autorização.

– Oi – disse Rachel, abrindo a porta do antigo escritório de seu pai.

Julia recebeu a melhor amiga com um largo sorriso.

– Rach! Oi!

72/1201

As duas se abraçaram e Rachel se acomodou em uma das confortáveis poltronas próximas à janela.

– Como você está?

– Bem.

– O que aconteceu entre você e Gabriel?

– Nada.

– Você mente muito mal, sabia?

Julia desviou os olhos.

– O que faz você pensar que há algo de errado?

– Gabriel está lá embaixo com cara de enterro e você está aqui em cima com a mesma cara. A casa está carregada de tensão. Não preciso ser nenhuma médium para perceber.

– Não quero falar sobre isso.

– Os homens são uns idiotas.

– Sou obrigada a concordar.

Julia sentou-se de frente para a melhor amiga, jogando as pernas sobre o braço da poltrona.

73/1201

– Às vezes também brigo com Aaron. Ele fica com raiva e some por umas duas horas, mas

sempre acaba voltando. – Rachel analisou a amiga com atenção. – Quer que eu dê uma surra no Gabriel?

– Não. Mas você tem razão. Estamos brigados.

– O que houve?

– Cometi o erro de deixá-lo ler a palestra em que estou trabalhando. Ele me disse que está uma droga.

– Gabriel falou isso? – Rachel se empertigou em sua poltrona, erguendo a voz.

– Não com essas palavras.

– Onde já se viu? Eu teria tacado alguma coisa na cabeça dele.

Julia sorriu com amargura.

– Pensei em fazer isso, mas não queria ter que limpar o sangue depois.

Rachel riu.

– Por que ele acha que o artigo está uma droga?
74/1201

– Gabriel pensa que eu estou errada. Falou que só estava tentando ajudar.

– Parece que meu irmão está tentando controlar o artigo como tenta controlar todo o resto. Achei que ele estivesse fazendo terapia para resolver isso.

Julia ficou calada por alguns instantes.

– Não quero que ele minta para mim só para não me magoar. Se o artigo precisa de melhorias, eu tenho que saber.

– Ele deveria ser capaz de ajudá-la sem dizer que sua palestra está horrível.

Julia bufou de frustração.

– Exatamente. Primeiro ele diz que quer formar uma família comigo. Mas, no momento seguinte, começa a agir como um babaca condescendente.

Rachel levantou a mão, fazendo um gesto para que a amiga parasse.

– Espere um minuto. Ele quer ter filhos?

Julia se remexeu na poltrona.

75/1201

– Sim.

– Jules, isso é demais! Fico tão feliz por você.

Quando vão começar a tentar?

– Nem tão cedo. Concordamos em esperar até eu terminar o doutorado.

– Isso é bastante tempo – comentou Rachel, com a voz mais baixa.

– Seria muito difícil trabalhar em uma tese e cuidar de um bebê.

Rachel assentiu. Ela brincou com a bainha da sua blusa.

– Nós estamos pensando em ter um.

Julia mudou de posição para encarar a amiga.

– Agora?

– Talvez.

– Como você soube que estava pronta?

Rachel sorriu.

– Eu não sei, para dizer a verdade. Sempre quis ter filhos, e Aaron também. Falamos no assunto desde o ensino médio. Eu amo o Aaron. Ficaria 76/1201

feliz em viver com ele, só nós dois. Mas, quando vislumbro o futuro, vejo crianças. Quero que tenhamos alguém para vir nos visitar no Natal. Se aprendi algo com a morte da minha mãe, é que a vida é incerta. Não quero ficar esperando para começar uma família e acabar perdendo minha chance.

Julia sentia que estava à beira das lágrimas, mas piscou os olhos para contê-las.

– Você faz mamografia todos os anos, não faz?

– Sim, e também fiz o teste genético. Não tenho o gene do câncer de mama, mas desconfio que mamãe também não o tinha. E, mesmo que tivesse, ao descobrirem já teria sido tarde demais para ela.

– Sinto muito.

Rachel suspirou e olhou pela janela.

– Não gosto de falar nisso, mas é algo que me preocupa. E se tivermos filhos e eu desenvolver 77/1201

um câncer? Esse assunto está sempre ali, em algum canto da minha mente.

Rachel se virou para a amiga.

– Ter filhos seria um modo de fazer Gabriel perder essa atitude condescendente.

– Por quê?

– Meu irmão não vai agir assim quando o bebê sujar a fralda nos braços dele. Vai é gritar o seu nome, implorando por ajuda.

Julia riu. Mas logo voltou a ficar séria.

– Só quero que ele dê valor às minhas ideias.

Elas são tão importantes quanto as dele.

– É claro que são. Diga isso a ele.

– Vou dizer. Mas, por enquanto, não estamos nos falando.

Rachel arrastou a mão para a frente e para trás sobre o braço da poltrona.

– Ele evoluiu muito. Só de vê-lo casado e falando em começar uma família... é extraordinário. Mamãe me contou que, quando eles

78/1201

trouxeram Gabriel para casa, ele costumava esconder comida no quarto. Não importava o que eles dissessem ou fizessem, ele sempre enfiava alguma coisa no bolso depois de cada refeição.

– Por fome?

– Por medo de *passar* fome. Não confiava que mamãe e papai fossem continuar lhe dando de

comer. Então fazia um estoque para quando eles parassem. Ele também não desfez as malas. Só depois da adoção oficial. Achou até o último momento que meus pais fossem mandá-lo embora.

– Eu não sabia disso. – Julia sentiu um aperto no peito.

Rachel lançou-lhe um olhar solidário.

– Gabriel é meu irmão e eu o amo. Mas ele fala sem pensar. Provavelmente o problema dele com o artigo é que você não o escreveu como ele teria feito.

– Não vou escrever as coisas do jeito dele.

Tenho minhas próprias ideias.



79/1201

– Meu conselho é que você converse com ele. É

claro que não seria má ideia fazê-lo suar um pouco antes. Coloque-o para dormir no sofá.

– Infelizmente, eu é que devo acabar no sofá.

Julia apontou para o sofá encostado na parede oposta.

Dizer que aquele jantar foi desagradável seria um eufemismo.

Julia e Gabriel se sentaram lado a lado.

Chegaram até a dar as mãos durante a prece. Mas tudo não passou de uma cortesia forçada – não houve nenhum olhar carinhoso, nenhuma palavra de afeto sussurrada, nenhum toque furtivo debaixo da mesa.

As costas de Gabriel estavam eretas e ele se comportava com frieza. Julia estava calada e distraída.

80/1201

Richard, Aaron e Rachel mantiveram a conversa fluindo, ao passo que o casal mal falava. Depois do jantar, Julia recusou a sobremesa e pediu

licença para trabalhar em sua palestra.

Os olhos de Gabriel a seguiram enquanto ela deixava a mesa, um músculo saltando em sua mandíbula. Mas não a deteve. Apenas a observou ir embora.

Quando Rachel foi à cozinha para fazer café, Aaron decidiu que já estava farto daquilo. Ele se debruçou na mesa e disse:

– Engula esse orgulho besta e peça desculpas a ela, cara.

Gabriel ergueu as sobrancelhas.

– Por que você supõe que a culpa seja minha?

– Porque é você que tem um pa... – O olhar de Aaron cruzou com o do sogro e ele começou a tossir. – Hum, de acordo com as estatísticas, oitenta por cento das brigas são culpa do homem. Apenas peça desculpas e acabe logo com isso.

81/1201

Não quero ter que aturar outra refeição como esta. O clima aqui dentro está tão frio que vou lá para fora me esquentar.

– Acho que vou ter que concordar com Aaron.
Não que você tenha pedido minha opinião –
disse Richard, rindo.

Gabriel olhou para os dois com algo muito
parecido com aversão.

– Eu tentei conversar com ela. Foi assim que a
briga começou. Ela se trancou no banheiro e me
mandou sumir.

Richard

e

Aaron

trocaram

olhares

de

cumplicidade.

– Você está encrencado – disse Aaron, assobi-
ando. – É melhor ter uma conversa com ela antes
de ir para a cama, ou vai acabar no sofá.

Ele balançou a cabeça antes de ir se juntar à es-
posa na cozinha.

Richard tamborilava na haste da sua taça de
vinho, pensativo.

82/1201

– *Et tu, Brute?* – perguntou Gabriel, fechando a cara.

– Não falei nada. – Richard olhou para o filho
com carinho. – Estou tentando ficar fora disso.

– Obrigado.

– Mas não é à toa que casais mais velhos aconselham os mais jovens a não irem dormir zangados um com o outro. Lidar com os problemas quando eles estão no começo vai facilitar a vida de vocês.

– Não posso ter uma conversa através de uma porta trancada.

– É claro que pode. Você a conquistou uma vez,
por que não a conquista de novo?

Gabriel fitou Richard com uma expressão
incrédula.

– Está dizendo que devo conquistar minha própria esposa?

– Estou dizendo que deixe seu ego de lado, peça

desculpas e então ouça o que ela tem a dizer.

83/1201

Nem sempre eu fui como sou agora, Gabriel.

Você pode aprender com meus erros.

– Você e mamãe tinham o casamento perfeito.

Richard soltou uma gargalhada.

– Nosso casamento estava longe de ser perfeito.

Mas logo no início fizemos um pacto de que iríamos manter as imperfeições dele longe dos olhos e ouvidos dos nossos filhos. As crianças sofriam quando os pais brigam. E, pela minha experiência, casais brigam por dinheiro, sexo e falta de respeito e atenção. Gabriel começou a protestar, mas Richard errou a mão.

– Não estou perguntando o motivo da briga de vocês. Isso é entre você e sua esposa. Mas é óbvio que Julia ficou magoada.

Ela passou o jantar inteiro retraída, do jeito que costumava ser antes de se envolver com você.

84/1201

– Não fui eu quem acabou com qualquer possibilidade de conversa racional. – Gabriel soou arrogante.

– Ouça o que está dizendo. – Desta vez, Richard falou em tom de bronca. – Julia não está sendo irracional. Ela está magoada. Quando alguém magoa você, retrair-se é uma reação muito racional. Ainda mais se levarmos em conta a história de vida dela.

Gabriel fez uma careta.

– Não tinha a intenção de magoá-la.

– Tenho certeza que não. Mas também sei que você não joga limpo. Aprender a discutir com quem você ama é uma arte, não uma ciência. Eu e sua mãe demoramos muito tempo para descobrir isso. Mas, depois que descobrimos, nossas discussões foram se tornando cada vez mais raras. E, se por acaso brigávamos, não deixávamos a coisa ficar feia ou agressiva. Se, mesmo discutindo com Julia, conseguir convencê-la de que a ama e de



85/1201

que ela é importante para você, seus conflitos serão mais fáceis de administrar.

Richard terminou o vinho e pousou a taça sobre a mesa.

– Ouça um homem que foi casado por bastante tempo e criou uma filha. Quando uma mulher se retrai e fica fria, é porque está se protegendo. Meu conselho é que você seja gentil com a sua esposa. Conquiste-a outra vez e convença-a a sair daquele quarto. Ou pode ir se preparando para passar várias noites solitárias no sofá.

Já passava da meia-noite quando Julia fechou o laptop. Ela sabia que todos já tinham ido para a cama. Ouvira os passos deles no corredor.

Foi de fininho até a porta do escritório e a abriu. A luz escapava por debaixo da porta do 86/1201

quarto principal. Sem dúvida Gabriel estava acordado, lendo.

Ela cogitou ir ao seu encontro. Mas a distância que

a

separava

de

sua

cama

parecia

intransponível.

Pegou o frasco de espuma de banho que roubara da suíte deles depois do jantar. Tomaria outro banho quente no banheiro social para tentar esquecer os problemas. Meia hora depois voltou ao escritório, fechando a porta em seguida. Sentia-se revigorada, mas não muito mais relaxada do que antes. Como Gabriel estava decidido a manter distância dela, Julia dormiria no sofá.

Deitada debaixo da velha manta de lã que eles haviam dividido pela primeira vez tanto anos antes no pomar, Julia pensou na casa deles em Cambridge. Lembrou os primeiros meses de casamento e como tinham sido felizes.

Ela queria se tornar especialista em Dante. Esse era um longo caminho que exigiria sacrifícios, 87/1201

dedicação e humildade. Não queria ser o tipo de pessoa que se considerava acima de qualquer crítica. Sabia que o artigo ainda precisava ser melhorado.

Mas, quando Gabriel lhe disse que ela faria papel de idiota, a dor foi excruciante. Ela precisava do seu incentivo, do seu encorajamento, e não

que ele a menosprezasse. Sua autoestima já era frágil o suficiente.

Por que ele não vê que preciso do seu apoio?

Sentindo a tristeza aumentar, Julia se perguntou por que ele não a procurara.

Sem dúvida passara a noite com a família, fumando um charuto na varanda e conversando sobre os velhos tempos. Julia se perguntou que tipo de explicação teria dado a Rachel sobre a briga deles. Perguntou-se por que estava sozinha no escuro, à beira das lágrimas, e por que ele não parecia se incomodar com

isso.

88/1201

Foi então que ouviu uma porta se abrir no corredor. Em seguida, escutou os passos rápidos e determinados de Gabriel. Eles pararam em frente à porta do escritório.

Ela se sentou no sofá, prendendo a respiração.

Uma luz fraca veio do corredor, entrando no escritório através da fresta sob a porta.

Ó deuses dos recém-casados brigados, por favor, façam com que ele bata à minha porta.

Ela ouviu algo que lhe pareceu um suspiro angustiado e o som do que poderia ter sido a mão dele pousando na porta. Então viu uma sombra atravessar a luz enquanto os passos seguiam o caminho de volta.

Julia se enroscou em posição fetal, mas não chorou.

CAPÍTULO QUATRO

Bem cedo na manhã seguinte, o celular de Julia

tocou.

Ela acordou sobressaltada, com o som de “Message in a Bottle”, do The Police, reverberando pelo escritório. Ficou olhando o telefone vibrar sobre a mesa. Mas não atendeu.

Alguns minutos depois, ouviu outro toque, indicando que ela havia recebido uma mensagem. Curiosa, foi até a mesa e pegou o celular. Por incrível que pareça, o torpedo era de Dante Alighieri.

Sinto muito.

Enquanto pensava no que responder, outra mensagem chegou.

Me perdoe.

90/1201

Ela tinha começado a pensar numa resposta quando ouviu passos no corredor. Alguém bateu à porta.

Por favor, me deixe entrar.

Julia leu a nova mensagem antes de ir até a porta. Ela abriu pouco mais do que uma fresta. – Oi – disse Gabriel, brindando-a com um sorriso hesitante.

Ela o encarou, notando que seu cabelo estava molhado do banho, mas que ele não havia feito a barba. Uma atraente sombra de pelos negros lhe cobria o rosto e ele vestia uma blusa branca e uma calça jeans velha. Estava descalço. Talvez aquela fosse a coisa mais bonita que ela já tinha visto.

– Posso saber por que está batendo à minha porta às seis da manhã? – Seu tom foi mais frio do que ela pretendia.

– Desculpe, Julianne – falou ele, a expressão adequadamente arrependida.

91/1201

(Sem dúvida ajudava o fato de que seus olhos estivessem injetados e suas roupas amarrotadas, como se ele as tivesse retirado de um saco separado para doação.)

– Você me magoou – sussurrou ela.

– Eu sei. Me desculpe. – Ele deu um passo à frente. – Reli seu artigo.

Ela pôs a mão na cintura.

– Você bateu à minha porta para dizer isso?

– Eu liguei antes, mas você não atendeu – disse ele com um sorriso. – Isso me fez lembrar de Toronto, quando tive que entrar pela sua janela. O rosto de Julia corou diante da recordação de Gabriel de pé no quintal, para lhe entregar o jantar, enquanto ela o recebia de toalha, após ter acabado de sair do banho. – Você se esqueceu de algo muito importante.

Em sua mão, ele trazia a ilustração da *Disputa por Guido da Montefeltro*.
92/1201

– Eu a encontrei no chão do quarto ontem à noite. Não sei quem de nós estava com ela, mas alguém a deixou cair.

Julia ignorou a ilustração que ele havia deixado em seu escaninho ainda em Toronto e analisou a expressão no rosto de Gabriel. Ele parecia agitado, os olhos visivelmente aflitos. Correu os dedos pelos cabelos molhados.

– Sei que você precisava ficar um pouco longe de mim, mas acho que já passamos tempo demais separados. Posso entrar?

Julia recuou um passo.

Ele entrou e ela fechou a porta.

Julia andou até o sofá e se enroscou nele, jogando a velha manta em volta dos ombros. Gabriel observou os movimentos dela, notando como seu corpo se curvava em uma atitude defensiva. Deixou a ilustração em cima do laptop e enfiou as mãos nos bolsos.

93/1201

– Reli seu artigo. E também dei outra olhada no texto do *Inferno* de Dante. – Ele a fitou nos olhos.

– Ontem falei algumas coisas que não devia.

– Obrigada. – A postura de Julia relaxou um pouco.

– Tenho algumas sugestões que talvez possam melhorar o seu trabalho. – Ele se recostou na mesa, apoiando os quadris na beirada. – Sei

quanto é importante que você ande com as próprias pernas. Mas terei prazer em ajudar, se precisar de mim.

– Eu receberia de bom grado seus conselhos, desde que você não me diga o que pensar.

– Eu jamais lhe diria o que pensar. Como poderia fazer isso? – A expressão no rosto dele se abrandou. – Suas ideias são uma das várias coisas que amo em você.

Gabriel baixou os olhos para a ilustração.

– Eu exagerei. E peço desculpas por isso. Mas o tema do seu artigo é um tanto pessoal, Julianne.
94/1201

A história de Francisco se arriscando no Inferno para salvar a alma de Guido representa o que eu estava tentando fazer ao assumir a culpa diante do Comitê Disciplinar em Toronto.

Julia sentiu um nó na garganta. Ela não gostava de pensar no que acontecera no ano anterior. O Comitê Disciplinar e a subsequente separação dos dois eram um assunto doloroso demais.

– Admito que não estava reagindo apenas à sua tese, mas também ao que interpretei como um repúdio a essa história. À nossa história.

– Minha intenção nunca foi repudiar algo tão importante. Sei que você arriscou tudo para me ajudar. Sei que passou pelo Inferno. – O rosto de Julia assumiu uma expressão determinada. – Se tivesse sido o contrário, eu teria descido ao Inferno para resgatá-lo.

Gabriel abriu um sorriso.

95/1201

– Beatriz sabia que não poderia acompanhar Dante pelo Inferno, então enviou Virgílio em seu lugar.

– O único Virgílio que conheço é Paul Virgil Norris. Duvido que você fosse aceitar a ajuda dele.

Gabriel resmungou.

– Paul não é exatamente Virgílio.

– Ele foi para mim.

Gabriel fechou a cara, pois a ideia de Paul consolando Julia em sua ausência ainda o irritava.

– Eu fui um idiota. Tanto naquela época quanto agora.

Ele se afastou da mesa e parou na frente de

Julia, tirando as mãos dos bolsos.

Olhou para o espaço ao lado dela.

– Posso?

Ela assentiu.

Gabriel sentou-se ao lado dela e estendeu-lhe a mão. Ela a aceitou.

96/1201

– Não quis magoá-la.

– Eu sei. Também sinto muito.

Ele a puxou para o seu colo e enterrou o rosto em seus cabelos.

– Não quero que você precise se trancar no banheiro para fugir de mim.

Ele aninhou o rosto de Julia nas mãos e colocou os lábios aos dela. Depois de alguns instantes, Julia retribuiu o gesto.

Gabriel a beijou com cautela, os lábios quentes e convidativos. De um lado para o outro, ele provocava e mordiscava sua boca. Por fim, ela passou a mão em volta do pescoço dele, puxando-o mais para perto.

Ele traçou-lhe os contornos da boca com a língua. Quando Julia a abriu, Gabriel fez suas línguas se tocarem.

Ele nunca fora capaz de mentir com seus beijos, que comunicavam tudo o que sentia. Julia

97/1201

percebeu seu arrependimento e sua tristeza, mas também notou uma intensa chama de desejo.

As mãos dele deslizaram do rosto dela para os quadris, erguendo-a até Julia estar montada nele.

A parte de cima de seus corpos se colocou enquanto eles continuavam a se beijar, as bocas ávidas e curiosas.

– Venha para a cama. – A voz de Gabriel era um apelo rouco. Ele espalmou a mão sobre as nádegas

dela,
puxando-a
para
sentir
sua
excitação.

– Sim.

– Que bom. – Ele colou os lábios à orelha dela.
– Ainda temos tempo para fazer as pazes direito
antes de nossos hóspedes se levantarem para tomar café.

Julia se afastou.

– Não podemos fazer as pazes direito com visitas em casa.



98/1201

– Ah, podemos, sim. – Os olhos azuis de Gabriel brilharam perigosamente. – Vou lhe mostrar.
– A noite de ontem foi horrível.

Gabriel estava deitado de costas, com um dos braços atrás da cabeça. Ele não se dera o trabalho de se cobrir. O quarto estava quente e a amada

esposa estava deitada de bruços ao seu lado, também nua. Em momentos como esse, ele gostaria que os dois pudessem passar os dias na cama, nus.

– Foi mesmo. – Julia se apoiou nos cotovelos para fitá-lo nos olhos. – Por que não veio falar comigo?

– Queria reler seu artigo. E achei que você precisava de espaço.

99/1201

– Não gosto de brigar com você. – Julia baixou a cabeça, as mechas dos cabelos roçando o alto de seus seios. – Odeio.

– Também não gosto, o que é surpreendente, na verdade. Eu costumava adorar brigas. – Ele fez um biquinho. – Você está me transformando num pacifista.

– Tenho minhas dúvidas de que algum dia você seja pacifista, Gabriel. – A voz de Julia ficou em-bargada. – Fazer doutorado

já é difícil o sufi-

ciente. Preciso do seu apoio.

– E pode contar com ele – sussurrou ele com intensidade.

– Não planejei discordar de você em meu artigo. Simplesmente... aconteceu.

– Venha cá.

Julia se estendeu sobre ele, que a envolveu com os braços.

100/1201

– Precisamos encontrar um jeito de discordar sem repetirmos o que aconteceu ontem – disse Gabriel. – É demais para o meu coração.

– Para o meu também – sussurrou ela.

– Prometo não ser um babaca egoísta, se você prometer não se trancar no banheiro. – Ele a fitou nos olhos.

– Prometo não me trancar no banheiro, se você me der espaço. Eu tentei me afastar ao ver que a situação estava esquentando. Mas você não deixou.

– Tem razão. Podemos dar um tempo durante uma discussão, mas precisamos jurar que voltaremos a ela mais tarde. E não na manhã seguinte. Não vou aceitar que você durma no sofá outra vez. Nem eu.

– Combinado. O sofá é muito desconfortável. E solitário.

– Não me expressei muito bem quando conversamos sobre o artigo. Me desculpe por isso. Não
101/1201

estava preocupado por você discordar de mim. Na verdade, talvez seja melhor que discorde dos meus pontos de vista em público, pois isso mostrará a todos que você tem ideias próprias.

– Não discordo de você só para ser do contra. – Uma ruga surgiu entre as sobrancelhas ligeiramente franzidas de Julia.

Gabriel tentou fazê-la desaparecer com um beijo, mas não teve sucesso.

– É claro que não. Por mais que isso possa

surpreendê-la, eu posso me enganar às vezes.
– O meu professor? Se enganar? Inconcebível. –
Ela riu.

– Pois é, realmente surpreendente, não é? – Ele balançou a cabeça de um jeito irônico. – Mas, quando terminei de ler o artigo pela segunda vez, já estava convencido de que a interpretação consagrada estava errada.

– O quê? – Julia não conseguia acreditar no que ouvia.

102/1201

– Você ouviu. Seu artigo me fez mudar de ideia. Mas tenho algumas sugestões que podem melhorar a última parte. Não fiquei totalmente convencido com a conclusão.

– Algumas dicas seriam bem-vindas. Vou lhe dar o crédito nas notas de rodapé.

Gabriel acariciou as costas dela.

– Ficaria honrado em ser mencionado em uma nota de rodapé sua.

Ela hesitou por alguns instantes.

– Você não acha o artigo uma droga? Ou que eu vá fazer papel de idiota?

– Não. Assim que superei minha reação precipitada e analisei melhor sua argumentação, percebi que a professora Marinelli tinha razão. Seu artigo é bom.

– Obrigada. – Julia encostou o rosto no peito dele. – É difícil para mim estudar a mesma coisa em que você é especialista. Tenho a sensação de estar sempre correndo atrás do atraso.

103/1201

Gabriel entrelaçou os dedos nos cabelos dela.

– Vou me esforçar para lhe dar mais apoio daqui para a frente. Não estamos competindo. Na verdade, gostaria de escrever um artigo com você algum dia.

Julia levantou a cabeça.

– Sêrio?

– Acho que seria bom para nós se criássemos algo juntos, a partir do nosso amor em comum por Dante. E me orgulho de você por ter coragem

de defender suas convicções. Quando der sua palestra em Oxford, estarei na primeira fila pensando: *Essa é a minha garota.*

– Ouvir você dizer isso é a realização de um sonho.

– Então não vou mais parar de dizer.

CAPÍTULO CINCO

Os parentes do casal tiveram o bom senso de não comentarem como eles pareciam relaxados e felizes quando enfim saíram do quarto, pouco antes do almoço.

Mais tarde, Scott, irmão de Gabriel, chegou com a esposa Tammy e o filho, Quinn. Todos, incluindo o pai de Julia, Tom, e sua namorada, Diane, se reuniram para jantar cedo.

Diane Stewart era uma negra atraente, de pele impecável, olhos escuros e cabelos encaracolados na altura dos ombros. Aos 40, ela era quase dez anos mais nova que o namorado. Conhecia-o havia um bom tempo, pois passara a vida inteira em Selinsgrove.

Na hora de servir a sobremesa, Diane flagrou Gabriel e Julia dançando na cozinha. Gabriel

105/1201

tinha instalado um sistema de som central na casa e os acordes de um jazz latino suave enchiam o ar.

Eles estavam abraçadinhos, gingando devagar ao som da música. Gabriel sussurrou algo no ouvido de Julia. Ela pareceu ficar constrangida e virou a cabeça para outro lado, mas ele deu uma risadinha e a puxou mais para perto, beijando-a. Diane recuou, com a intenção de voltar à sala de estar, mas o piso de madeira antigo rangeu sob seus pés. Os dois pararam de repente e se viraram para ela.

– Tem alguma coisa esquentando aqui. E não é a torta de maçã. – Diane sorriu.

Gabriel riu, um som alto e alegre, enquanto Julia sorria e apoiava a testa nele.

Diane meneou a cabeça, aprovando a cena.

– Vocês estavam demorando tanto para preparar o café que achei que tivessem esquecido como se faz.

106/1201

Gabriel correu os dedos pelos cabelos, que estavam despenteados graças às explorações que a esposa fizera pouco antes.

– Amor? – Ele baixou os olhos para Julia.

– O café está pronto e as tortas estão esfriando.

Só mais um minuto.

Relutante, Julia se afastou do marido, que lhe deu um tapinha discreto na bunda.

Neste exato momento, Rachel e Tammy se juntaram a eles. Tammy era a mais nova integrante da família, tendo se casado com Scott, o irmão mais novo de Gabriel, no mês anterior. Com 1,80 metro, ela era alta e curvilínea, com longos cabelos louros arruivados e olhos azul-claros.

– Por que a demora? – perguntou Rachel, lançando um olhar desconfiado para o irmão, como se ele fosse o único culpado pelo atraso.

– Estávamos fazendo café – disse Julia, escondendo o constrangimento ao servir a bebida em uma série de xícaras.

107/1201

– Aposto que sim – falou Tammy com uma piscadela maliciosa.

– Humm... Acho que não era café que eles estavam fazendo, não. – Diane agitou um dedo para eles.

– Está bem. Vou deixar as meninas cuidarem disso sozinhas. – Gabriel deu um beijo casto em Julia antes de escapular para a sala de estar.

Rachel examinou as tortas de maçã no balcão central da cozinha, testando a temperatura com o dedo.

– Pegue uma faca, Jules. Vamos experimentar essas tortas.

– É assim que se fala. – Diane recusou o café oferecido por Julia e sentou-se em um dos bancos.

– Então, o que estava rolando aqui? E, por favor, não me diga que vocês usaram os balcões. – Rachel olhou para os novos balcões de granito que Gabriel insistira em comprar.

108/1201

– Não, são gelados demais.

Julia levou a mão à boca, mas era tarde.

As

mulheres

caíram

na

gargalhada

e

começaram a provocá-la sem piedade.

– Está ficando quente aqui ou é impressão

minha? – Diane se abanou com um guardanapo

de papel. – Vou começar a chamar este lugar de *a casa do amor*.

– Meus pais eram assim – falou Rachel, cor-

rendo os olhos pela cozinha. – Não nos balcões,

até onde sei. Mas eram muito apaixonados. Esta cozinha deve ter algo de especial.

Julia teve que concordar. Havia algo terno e reconfortante naquele espaço e na casa em si. Ela e Gabriel não conseguiam se desgrudar, exceto quando ela estava trabalhando no artigo.

– Então, meu irmão mais velho se redimiu de ontem? – perguntou Rachel, encarando Julia, que se ruborizou um pouco.

– Sim.

109/1201

– Que bom. Mesmo assim, preciso ter uma conversa com ele. Gabriel deveria lhe comprar flores depois de uma briga. Ou diamantes.

Julia olhou seu anel de noivado, que trazia uma grande pedra central cercada de diamantes menores.

– Ele já me deu o suficiente.

– Que anel mais lindo, meu anjo. – Diane se virou para Tammy, focando o olhar na mão esquerda dela. – E o seu também é. Como vai a vida de casada?

Tammy observou as luzes halogênicas incidir-
em sobre as facetas da pedra em seu próprio anel.
– Nunca imaginei que isso fosse acontecer
comigo.

– Por que não? – perguntou Rachel, com a boca
cheia.

Tammy lançou um olhar para a porta da
cozinha.

– Não é melhor servirmos a sobremesa?

110/1201

Rachel engoliu a torta.

– Eles têm pernas. Se quiserem torta, que ven-
ham buscar.

Tammy riu e pegou sua xícara de café,
aninhando-a entre as mãos.

– Antes de começar a sair com Scott, morei
com outra pessoa. Ele foi meu namorado na fac-
uldade de direito. Nós falávamos em nos casar,
comprar uma casa, enfim, o pacote completo. Aí
eu engravidei.

Julia se remexeu no banco, desconfortável, os
olhos fixos no chão.

Tammy olhou para as amigas com uma ex-
pressão triste.

– Scott disse que ele também foi uma surpresa,
mas que seus pais ficaram felizes. Queria ter tido a oportunidade de conhecer

Grace. Ela parece ter

sido uma mulher maravilhosa.

– E era – concordou Rachel. – Gabriel também
não estava nos planos. Meus pais o acolheram
111/1201

depois que a mãe dele morreu, e o adotaram em
seguida. Não é o planejamento que importa, mas
sim o que acontece depois.

Tammy assentiu.

– Já tínhamos falado sobre ter filhos. Era algo
que nós dois queríamos. Então, de repente, Eric
decidiu que não estava preparado. Achou que eu
tinha engravidado para prendê-lo.

– Como se você tivesse ficado grávida sozinha –
falou Diane, brandindo seu garfo no ar.

Julia ficou calada, envergonhada por se identificar com a sensação de despreparo de Eric, por mais que condenasse a atitude dele.

– Eric me deu um ultimato: ou ele, ou o bebê.

Quando hesitei, ele foi embora.

– Babaca – murmurou Rachel.

– Fiquei arrasada. Sabia que não era a única responsável pela gravidez, mas sentia que devia ter tomado mais cuidado. Cheguei a cogitar fazer um 112/1201

aborto, mas Eric já havia me abandonado. No fundo, eu estava feliz em ser mãe.

Julia tornou a se remexer, comovida pela sinceridade na voz de Tammy.

– Eu não tinha como pagar o aluguel sozinha, então voltei para a casa dos meus pais. Me sentia um fracasso total: grávida, solteira e morando com os pais. Chorava todas as noites antes de dormir, achando que nenhum homem jamais fosse me querer.

– Sinto muito – falou Julia, os olhos se enchendo de lágrimas.

Tammy estendeu os braços e a abraçou.

– Depois as coisas melhoraram. Mas nunca vou perdoar Eric por ter abdicado de seus direitos de pai. Agora, Quinn nunca vai conhecer seu pai biológico.

– Doadores de esperma não são pais – atalhou Rachel. – Richard não contribuiu com material genético para gerar Gabriel, mas é o pai dele.

113/1201

– Não sei quem foi que contribuiu, mas deve ter sido muito bonito, porque aquele homem ali é um gato – falou Diane, gesticulando em direção à sala de estar. – Não tão

gato quanto o meu, mas ninguém é.

Julia deu uma risadinha nervosa, assimilando a ideia de que alguém achava seu pai um “gato”.

Tammy prosseguiu:

– Por sorte eu tinha um emprego. Trabalhava no escritório do promotor público com Scott.

Nós saímos juntos algumas vezes durante a gravidez. Éramos apenas amigos, mas ele era um doce comigo. Achei que, assim que tivesse o bebê, ele fosse sumir. Mas Scott foi me ver poucas semanas depois de Quinn nascer. Quando ele me chamou para sair, eu gamei na hora.

– Ele também ficou gamado em você, se bem me lembro – disse Rachel com um sorriso. – Gamadíssimo.

Tammy tocou seu anel, girando-o no dedo.

114/1201

– Eu estava amamentando, então tive que tirar leite antes de ele ir me buscar. Meus pais ficaram cuidando do bebê. Mas Scott nunca fez com que

eu me sentisse desconfortável ou constrangida.

Ele me via como uma pessoa, como uma mulher, e não apenas como mãe. Acho que ele já gostava um pouco de mim enquanto eu ainda estava com Eric.

Ela olhou para as amigas e sorriu.

– Eu estava muito nervosa antes de conhecer vocês. Tinha medo do que poderiam pensar de mim. Mas vocês foram tão acolhedores. – Ela olhou para Julia. – Só conheci Gabriel mais tarde, mas ele também foi muito simpático. Mesmo quando Quinn estragou o terno dele.

– Você deveria ter visto Gabriel antes de ele conhecer Julia. – Rachel fez uma careta. – Ele ter-ia mandado a conta da lavanderia para Quinn.

Julia estava prestes a defender o marido, mas

Tammy voltou a falar:

115/1201

– Não consigo imaginar Gabriel fazendo isso.

Ele é maravilhoso com o Quinn. E o Scott? Bem, a paternidade muda um homem. Quero dizer, um bom homem – esclareceu. – Scott senta no chão com Quinn e se atraca com ele. É brincalhão e carinhoso. É um lado totalmente diferente dele.

Julia refletiu sobre as observações de Tammy, perguntando-se que tipo de pai Gabriel seria.

– Mal posso esperar para ter uma menina. –

Tammy sorriu para si mesma. – Scott vai tratá-la como uma princesa.

– Você quer ter mais filhos? – perguntou

Rachel, arqueando as sobrancelhas, espantada.

– Quero. Acho que dois está de bom tamanho para nós, mas, se tiver outro menino, gostaria de tentar uma menina.

Foi então que Scott entrou na cozinha, carregando um sonolento rapazinho de 1 ano e 9 meses. Ele acenou a cabeça para as outras mulheres antes de se aproximar de Tammy.

116/1201

– Acho que está na hora de dormir.

Julia sorriu ao notar o contraste entre Scott, que tinha 1,92 metro e era forte, e o pequenino anjo

de cabelos louros que ele aninhava de forma protetora junto ao peito.

– Eu ajudo.

Tammy se levantou, beijou o marido e os dois subiram juntos.

Rachel olhou para a pilha de pratos de sobremesa e depois para as tortas.

– Acho melhor eu levar a sobremesa para eles. –

Cortou duas fatias de torta e pôs nos pratos, levando-as em seguida para a sala de estar.

Diane olhou para Julia e brincou com sua xícara.

– Posso falar com você um minutinho, meu anjo?

– Claro.

Julia se virou para dar toda a atenção a Diane.

117/1201

– Não sei como começar, então vou ser direta.

Tenho passado muito tempo com seu pai.

Julia sorriu com ternura para Diane.

– Eu acho isso ótimo.

– Ele conheceu minha mãe e o restante da minha família. Tem até ido à igreja aos domingos, para me ouvir cantar no coro.

Julia disfarçou a surpresa ao pensar no pai dentro de uma igreja.

– Quando ele me perguntou se poderia levar você ao meu casamento, entendi que era sério.

– Eu amo o seu pai.

Julia arregalou os olhos.

– Uau. E ele sabe disso?

– Claro que sabe. Ele me ama também. – Diane abriu um sorriso hesitante. – Temos conversado sobre o futuro, feito alguns planos...

– Isso é maravilhoso.

– Você acha? – Os olhos negros de Diane perscrutaram os de Julia.

118/1201

– Fico feliz que ele esteja com alguém que o ame. Por mais que não queira falar de Deb, estou certa de que você sabe que eles ficaram juntos um bom tempo. A relação não parecia ter futuro. E eu não gostava dos dois como casal.

Diane ficou calada, como se estivesse remoendo alguma coisa.

– Seu pai e eu estamos falando de oficializar nossa relação. Quero que saiba que, quando fizermos isso, não vou tentar tomar o lugar da sua mãe.

Julia ficou rígida.

– Sharon não era minha mãe.

Diane pousou a mão no braço de Julia, consolando-a.

– Sinto muito.

– Não sei quanto meu pai lhe contou a respeito dela, mas imagino que não tenha sido muito.

– Tenho evitado tocar no assunto. Na hora que um homem está pronto para falar, ele fala.

119/1201

Julia bebericou o café em silêncio. Não gostava de falar ou pensar na mãe, que morrera quando Julia estava no último ano do ensino médio.

Sharon era alcoólatra e negligenciara a filha durante quase toda a vida. Quando não era negligente, era abusiva.

– Grace foi como uma mãe para mim. Eu era mais próxima dela do que de Sharon.

– Grace era uma boa mulher.

Julia examinou a expressão de Diane e viu esperança em seus olhos, misturada com um pouco de ansiedade.

– Não vejo nenhum problema em você se tornar minha madrasta. Se você e meu pai se casarem, eu estarei lá.

– Você fará muito mais do que isso, meu anjo. Vai ser uma das minhas madrinhas. – Diane deu um abraço apertado em Julia.

Alguns instantes depois, se afastou, secando os olhos com os dedos.

120/1201

– Sempre quis ter uma família. Um marido e uma casa só minha. Tenho 40 anos e finalmente meus sonhos estão se tornando realidade. Estava preocupada com a sua reação. Quero que saiba que amo o seu pai e que não estou com ele pelo dinheiro.

Julia a encarou com um olhar intrigado e então as duas começaram a rir.

– Agora sei que você está só brincando. Papai não tem nenhum dinheiro.

– Ele é um bom homem, tem um emprego e me faz feliz. Quando uma mulher encontra alguém assim, e que ainda por cima é um gato, não o deixa fugir por nada neste mundo e não se preocupa com dinheiro.

Antes que Julia pudesse responder, Tom se juntou às duas. Ao ver os olhos marejados de Diane, foi para junto dela.

– O que está havendo? – Ele levou a mão ao rosto da namorada, limpando suas lágrimas.



121/1201

– Diane estava me dizendo quanto ama você. – Julia lançou um olhar de aprovação para ele.

– Ah, é? – disse Tom, um tanto ríspido.

– Não que tenham me pedido, mas vocês têm a minha bênção.

Ele baixou o olhar, seus olhos escuros fitando os

da filha.

– Ah, é? – repetiu, abrandando o tom de voz.

Tom passou um braço em volta de cada uma das mulheres, deu um beijo na cabeça de uma e depois na da outra.

– Minhas garotas – sussurrou.

Pouco depois, Julia se despediu dos dois. Achava que eles talvez já estivessem morando juntos, ou pelos menos passando algumas noites por semana, por isso ficou surpresa quando Diane lhe



122/1201

explicou que não fazia isso por respeito à mãe dela, com quem morava.

Foi então que Julia começou a entender por que Diane tinha tanta pressa de se casar e ter sua própria casa.

Depois que a sobremesa foi servida, Richard Clark sentou-se na varanda dos fundos, bebendo uísque e fumando um charuto. O ar estava fresco, mas não havia vento. Se fechasse os olhos podia quase imaginar a esposa, Grace, saindo pela porta e se acomodando na espreguiçadeira ao seu lado. Seu coração ficou pesado. Ela nunca mais se sentaria ao lado dele.

– Tudo bem?

Richard abriu os olhos e viu a nora Julia sentada na espreguiçadeira mais próxima. Ela enfiou suas pernas esguias debaixo do próprio corpo,

123/1201

embrulhada em um dos velhos cardigãs de caxemira de Gabriel.

Richard passou o charuto para a mão esquerda e trocou o cinzeiro de posição para não incomodá-la.

– Tudo, e você?

– Também.

– O jantar foi ótimo – comentou ele. – Realmente excepcional.

– Tentei reproduzir alguns dos pratos que comemos na Itália. Que bom que você gostou. –

Ela inclinou a cabeça para trás, recostando-a no espaldar e olhando para o céu escuro. Ele tornou a bebericar o uísque, sentindo que algo a incomodava. Mas, como não queria forçar uma confissão, ficou calado.

– Richard?

Ele riu.

– Achei que tínhamos concordado que você me chamaria de pai.

124/1201

– Claro, pai. Desculpe. – Ela correu uma unha pelo braço da espreguiçadeira, riscando a madeira.

– Não precisa se desculpar. Somos uma família, Julia. E, sempre que precisar de alguma coisa, estarei aqui.

– Obrigada. – Julia correu o dedo de volta pelo risco que havia deixado na madeira. – Você se incomoda que tenhamos mudado as coisas? Dentro da casa, quero dizer.

Richard hesitou antes de responder.

– O banheiro precisava ser reformado e foi uma boa ideia fazer outro no primeiro piso e um terceiro no quarto principal. Grace teria gostado do que vocês fizeram na cozinha. Ela passou anos implorando para eu instalar balcões de granito. Julia sentiu um aperto no peito.

– Deixamos muita coisa como estava.

125/1201

– Por favor, não se preocupe. Grace teria tido o maior prazer em ajudá-la a redecorar a casa, se estivesse aqui.

– Você está confortável no quarto de hóspedes? Fiquei imaginando se não teria mudado de ideia quanto a ficar nele.

– É bondade sua perguntar, mas nada disso me incomoda. O que me perturba é o fato de Grace ter partido para sempre. Temo que esse sentimento nunca me abandone.

Richard fixou o olhar em sua aliança, um simples aro de ouro.

– Às vezes, quando estou aqui nesta casa, juro que consigo ouvir a voz dela ou sentir seu perfume. Não sinto a presença de Grace na Filadélfia. Meu apartamento não guarda nenhuma lembrança dela. – Ele sorriu para si mesmo. – Não me sinto tão separado dela aqui.

– É doloroso?

– Sim.

126/1201

Julia ficou calada por alguns instantes, imaginando como se sentiria se perdesse Gabriel. Ficaria arrasada. A duração da vida é incerta. Você pode ter câncer ou morrer num acidente de carro e, num piscar de olhos, uma família é destruída.

Foi então que Julia ouviu uma voz sussurrar, vinda não sabia de onde:

Se você tivesse um filho com Gabriel, sempre teria uma parte dele.

A voz, mais do que a ideia por trás dela, lhe causou um arrepio.

Notando sua reação, Richard se levantou e envolveu os ombros dela com uma manta.

– Obrigada – murmurou Julia. – Você gosta de morar na Filadélfia?

– Meu cargo de pesquisador não era bem o que eu esperava. Tenho pensado em me aposentar. – Ele bateu as cinzas do charuto no cinzeiro. –

Mudei para lá para estar mais perto de Rachel e

127/1201

Scott, mas quase nunca os vejo. Estão muito ocupados com as próprias vidas. Todos os meus amigos, incluindo seu pai, estão aqui.

– Então volte.

– Como é? – Ele se virou na espreguiçadeira para encará-la.

– Volte para Selinsgrove. Venha morar aqui.

– Esta casa agora é sua e do meu filho.

– Só ficamos aqui durante as férias. Podemos trocar de quartos agora mesmo e você pode trazer suas coisas de volta.

Ele levou o charuto aos lábios.

– É muita gentileza sua fazer essa oferta, mas já

tomei minha decisão. Vendi a casa para Gabriel há mais de um ano.

– Ele ficaria mais feliz se soubesse que você está no seu lugar.

Richard balançou a cabeça.

– Eu jamais voltaria atrás na minha palavra.

128/1201

Julia se esforçou para descobrir uma estratégia convincente.

– Seria um *mitzvah* para nós. E precisamos de uma bênção.

Richard riu.

– Esse é o tipo de coisa que eu costumava dizer para Gabriel quando ele era teimoso. De que tipo de bênção vocês precisam?

A expressão de Julia se modificou.

– Tenho uma prece não atendida.

Ela não se explicou melhor, então Richard apenas deu uma tragada no charuto e soprou a fumaça.

– Na minha opinião, todas as preces são atendidas a seu tempo. Às vezes, a resposta é *não*. Mas com certeza vou orar para que você receba uma

resposta. Não posso fingir que a ideia de voltar para cá não é tentadora. Mas vocês se empenharam tanto em tornar esta casa o lar de vocês.

129/1201

Mobiliaram o andar de baixo, pintaram as paredes...

– Você hipotecou a casa para pagar as dívidas de Gabriel por causa das drogas.

Richard olhou para ela, surpreso.

– Ele lhe contou isso?

– Sim.

– Foi há muito tempo. Gabriel já nos devolveu o dinheiro.

– Mais um motivo para ele abrir as portas da casa para você agora.

– Um pai faria qualquer coisa pelo filho. –

Richard assumiu uma expressão grave. – O dinheiro não era importante. Eu estava tentando salvar a vida dele.

– E salvou. Você e Grace. – Julia correu os olhos

pelo quintal. – Desde que a casa continue na família e possamos nos reunir aqui para o Dia de Ação de Graças e o Natal, não importa de quem ela seja. Ou quem more aqui.

130/1201

Ela apertou a manta em volta do corpo quando uma brisa suave soprou pela varanda, acariciando-lhe o rosto.

– A única coisa de que Gabriel não abriria mão é do pomar. Ele contratou uma empresa para revitalizá-lo. Plantaram árvores novas.

– Aquelas macieiras não dão uma boa colheita há anos. Temo que ele esteja sendo otimista.

Julia olhou para o bosque, na direção do pomar.

– O otimismo faz bem a ele.

Ela se virou para Richard.

– Se morasse aqui, poderia tomar conta do pomar. Gabriel ficaria aliviado por saber que ele está em boas mãos. Você estaria nos ajudando.

Richard ficou calado pelo que pareceu uma eternidade. Quando falou, sua voz estava rouca:

– Obrigado.

Ela apertou sua mão antes de deixá-lo sozinho com seu charuto e seus pensamentos. Quando



131/1201

Richard fechou os olhos, foi invadido por uma onda de esperança.

Depois que os convidados se recolheram, Julia sentou-se na beirada da sua banheira de hidromassagem, testando a temperatura da água.

Estava

ansiosa

por

alguns

minutos

de
relaxamento.

Sabia que deveria estar trabalhando em sua palestra, mas aquele dia tumultuado a deixara exausta. Estava em dúvida se deveria ou não telefonar para sua analista em Boston. A Dra. Waters certamente teria algumas sugestões para ajudá-la a lidar com a ansiedade, os conflitos matrimoniais e o súbito interesse de Gabriel em constituir uma família.

Não havia mal algum em querer um bebê. Julia comparou o entusiasmo cheio de ternura de
132/1201

Gabriel com a indiferença fria de Eric que Tammy descrevera. Sabia qual dos dois ela preferia. Só precisava se manter firme e não permitir que a paixão de Gabriel a sufocasse ou a impedisse de realizar seus sonhos.

No mínimo, sua briga com Gabriel no dia anterior mostrara quanto eles ainda tinham que aprender como casal. Antes de trazerem uma criança para o mundo, precisavam aprender essas lições.

Enquanto esperava a banheira encher, ela sentiu os cabelos da nuca se eriçarem. Virou-se e deparou com Gabriel parado diante da pia. Ele havia aberto os três primeiros botões da camisa social; alguns fios de cabelo do seu peito despendiam do colarinho da camiseta branca que usava por baixo.

– Nunca me canso de olhar para você – disse ele, beijando o pescoço dela antes de retirar a toalha de *plush* com que Julia se enrolara. – Eu 133/1201
deveria pintá-la. – Ele correu os dedos por sua coluna, subindo e descendo.

– Você me pintou há algumas noites, Caravaggio. Nós sujamos o chão inteiro de tinta.

– Ah, sim. Fiquei triste por ter que limpá-lo.

Tinha esperanças de que pudéssemos acrescentar algumas pinceladas.

– Isso vai ter que ficar para uma noite em que

não tivermos convidados. – Julia lançou um olhar escondido para ele. – Quer se juntar a mim?

– Prefiro assistir.

– Então vou garantir que seja um belo espetáculo.

Ela levantou os cabelos, afastando-os do pescoço com as duas mãos, arqueando as costas e fazendo uma pose de *pin up*.

Ele gemeu e deu um passo à frente.

– Deixei minha espuma de banho no banheiro social ontem à noite. Poderia pegá-la para mim?

134/1201

– É para já. *Deusa*. – Ele provou seus lábios antes de sair.

Gabriel demorou alguns minutos para encontrar a espuma de banho, pois alguém a derrubara e ela havia rolado para trás do cesto de lixo.

Quando se agachou para pegá-la, notou algo preso entre o cesto e a parede.

Era uma pequena caixa retangular.

Ele leu o rótulo. *Teste de gravidez*.

Mas a caixa estava vazia.

Depois de se recuperar da surpresa e conferir outra vez o rótulo para ver se tinha lido direito, ele deixou a caixa no mesmo

lugar de antes e

voltou para o quarto.

Sem dizer nada, entregou a espuma de banho a Julia, que espalhou pela água sua essência perfumada de sândalo e Satsuma antes de entrar na banheira.

Ela se ajeitou no que esperava ser uma posição provocante.

135/1201

Perdido em pensamentos, Gabriel ficou imóvel.

– O que houve? – Ela se inclinou na banheira para enxergá-lo melhor.

Ele passou a mão pela boca e pelo queixo.

– Rachel está grávida?

– Não que eu saiba. Mas ela me disse que eles estão tentando. Por quê?

– Encontrei a caixa vazia de um teste de gravidez no banheiro social. Parecia que alguém

tentou escondê-la.

– Deve ser dela.

– Gostaria que fosse seu. – Gabriel a encarou com um olhar tão intenso que ela sentiu seu calor na pele.

– Mesmo depois do que aconteceu ontem?

– Claro. Casais brigam. Maridos são uns imbecis. Só nos resta fazer sexo de reconciliação quente e selvagem e seguir em frente.

Ela baixou os olhos para a água.

136/1201

– Prefiro fazer sexo de reconciliação quente e selvagem sem precisar brigar antes.

Gabriel baixou a voz e falou num sussurro rouco:

– Assim não seria reconciliação, seria?

Ela respirou fundo e ergueu seus olhos escuros para encontrar os dele.

– Não estou pronta para ter uma família.

– Nossa hora vai chegar. – Ele pegou a mão dela

e beijou seus dedos ensaboados. – E, acredite, não quero começar outra

discussão e deixá-la ainda

mais estressada.

Julia abriu um sorriso fraco.

– O teste também pode ser de Tammy.

– Ela já tem um bebê.

– Quinn fará 2 anos em setembro. E sei que ela quer ter filhos com Scott.

Gabriel ajustou as luzes, diminuindo-as, antes de desaparecer no quarto. Voltou alguns

137/1201

instantes depois e Julia ouviu a voz de Astrud Gil-berto vindo da caixa de som instalada no teto.

Julia lançou ao marido um olhar de apreciação.

– Quem quer que tenha feito o teste talvez tenha descoberto que não estava grávida. Mas, caso contrário, você será tio. *Tio Gabriel.*

Sem esboçar reação, Gabriel desabotoou a camisa. Ele a tirou, assim como a camiseta, expondo a tatuagem e a penugem de pelos negros em seu peito musculoso.

Julia o observou pendurar a camisa em um gancho antes de suas mãos descerem até o cinto. Ele sorriu com malícia enquanto se movia mais devagar, provocando-a.

Ela revirou os olhos.

– A água vai estar fria quando você terminar.

– Duvido. Certamente não vou terminar em pé aqui fora.

– Por que não?

– Porque pretendo terminar dentro de você.

138/1201

Com um sorriso, ele pendurou as calças antes de tirar a cueca boxer.

Julia conhecia muito bem o corpo do marido, mas, ainda assim, vê-lo sempre a deixava sem fôlego. Ele tinha ombros largos que se afunilavam em direção à cintura e aos quadris finos, que emolduravam coxas musculosas. Seus braços, assim como o abdome, eram bem definidos, assim como o “V” dos músculos oblíquos que descia até seu sexo mais do que proeminente.

– Você me mata ao olhar para mim desse jeito.

– Gabriel fixou seus olhos famintos nos dela.

– Por quê? – Ela o olhava sem nenhum pudor, abrindo espaço para ele na banheira.

– Porque parece que quer me lamber. Todinho.

– E quero.

Num piscar de olhos, ele estava atrás de Julia, entrelaçando suas pernas longas às dela.

– Conheço esse perfume.

139/1201

– Comprei a espuma de banho porque ela me fez lembrar do óleo de massagem que você usou em Florença. Você massageou as minhas costas, lembra?

– Se bem me lembro, massageei mais do que as costas. – Gabriel roçou o nariz em sua orelha. – Você não faz ideia do que esse perfume provoca em mim.

– Ah, faço, sim. – Ela se recostou no peito de Gabriel, sentindo a rigidez dele na parte de baixo das suas costas.

– Antes de passamos para... *ah...* outras atividades, quero que você converse comigo.

– Sobre o quê? – Julia ficou tensa.

Ele pousou as mãos nas laterais do pescoço dela e começou a massageá-la.

– *Relaxe*. Não sou o inimigo. Só estou tentando convencê-la a se abrir um pouco comigo. Você

costuma tomar banhos de espuma quando está estressada. E tem feito isso diariamente.

140/1201

– Estou com muita coisa na cabeça.

– Me conte.

Ela deslizou a mão esquerda pela superfície da água, arrastando a espuma para a frente e para trás.

– Estou preocupada com o doutorado e com medo de ser reprovada. Também estou preocupada com a palestra.

Gabriel apertou os ombros dela.

– Já conversamos sobre a sua palestra e lhe dei minha opinião sincera. Ela é boa. E você não vai ser reprovada. Só tem que levar um semestre de cada vez. Não precisa fazer sala para os nossos parentes esta semana. Amanhã avisaremos a eles que você vai passar o dia trabalhando na palestra.

Eles vão se manter ocupados durante o dia e à

noite farei churrasco para o jantar. Tenho certeza de que Rachel e Tammy vão entender.

Os músculos de Julia começaram a relaxar sob os dedos dele.

141/1201

– Isso já seria uma ajuda. Obrigada.

– Por você eu faço tudo – sussurrou ele, pressionando os lábios no pescoço dela. – Você sabe disso, não sabe?

– Sei, sim. – Ela se virou e o beijou com paixão.

Ao se separarem, ela sorriu.

– Seu aniversário vai ser quando estivermos na Itália. Como vai querer comemorar?

– Com você. Na cama. Por uns dois dias.

Ele passou os braços ao redor da cintura dela,

acariciando a pele em volta do seu umbigo.

– Não quer chamar nossos amigos para se juntarem a nós na Úmbria? Eles poderiam nos acompanhar à exposição em Florença – sugeriu Julia.

– Não. Quero você só para mim. Podemos convidá-los

para

o

seu

aniversário

em

Cambridge.

Julia pousou as mãos sobre as de Gabriel, interrompendo os movimentos dele.

142/1201

– Não gosto de grandes comemorações no meu aniversário.

Ele se inclinou para trás.

– Achei que já tínhamos superado isso.

– Setembro vai ser um mês cheio.

– O aniversário de 25 anos é uma data marcante.

– O de 35 também.

– Datas como essas só são importantes para mim por sua causa. Sem você, não passariam de dias vazios.

Julia enterrou o rosto no peito dele.

– Você precisa ser tão doce?

– Como passei a vida quase toda provando do amargo, sim.

Com sua boca, ele explorou a curva do pescoço dela e a pele ensaboada dos seus ombros.

– Então parece que vamos dar uma festa em setembro. Devíamos comemorar o feriado do Dia do Trabalho. – Ela beijou o peitoral dele antes de 143/1201 se virar de volta para a frente. – O que Richard falou quando vocês conversaram?

– Ele gostaria de voltar a morar aqui, mas não quer comprar a casa. Acho que está contando com o dinheiro para a aposentadoria.

– Ele pode morar aqui sem comprá-la. Você não se importa, não é?

– Nem um pouco. Na verdade, preferiria que ele morasse aqui. Mas ele não se sente à vontade desfrutando das reformas que fizemos.

– Nada o impede de desfrutá-las agora. A única questão é o que fazer com os móveis. Não temos espaço para eles em Cambridge.

– Poderíamos doá-los para Tom. Os móveis dele já viram dias melhores – falou Gabriel com afetação.

– Você faria isso?

– Não vou mentir, Julianne. Não morro de amores pelo seu pai. Mas, como morro de amores por você... – Ele a beijou. – Richard tem algumas 144/1201

coisas que comprou com Grace das quais não vai querer abrir mão e guardamos num depósito parte da mobília que ele deixou aqui. Vamos ter que tirar os móveis novos para abrir espaço. Poderíamos oferecê-los para Rachel, se você preferir.

– Acho que seria bom oferecê-los ao meu pai. Ele e Diane estão pensando em se casar.

Gabriel apertou seu abraço.

– O que você acha disso?

– Ela é boa para o meu pai e para mim também. Gostaria que ele tivesse alguém com quem envelhecer.

– Detesto ser eu a lhe dizer isso, meu amor, mas seu pai já está envelhecendo. Todos nós estamos.

– Você me entendeu.

Gabriel a girou para colocá-la de frente para si, passando as pernas dela em volta da sua cintura.

– Para sua sorte, não estou velho demais para manter você acordada a noite toda. Se não me 145/1201

engano, existe um quarto que não batizamos... ainda.

CAPÍTULO SEIS

Pouco depois da meia-noite, Richard sentiu o

colchão afundar quando alguém se enfiou debaixo das cobertas. Ele se virou para o lado e abraçou a esposa. Suas formas eram tão familiares e macias que ele suspirou alto ao se apertar contra ela.

Ela também suspirou de contentamento, como sempre fazia em momentos assim,

aconchegando-se junto dele.

– Senti saudades.

Ele acariciou seus cabelos, beijando-os. Não lhe pareceu estranho que eles estivessem longos e lisos, como eram antes da quimioterapia.

– Também senti saudades, querido. – Grace buscou a mão de Richard e entrelaçou seus dedos nos dele.

147/1201

Richard sentiu os anéis de casamento e noivado dela baterem em sua aliança. Ficou feliz por não tê-la tirado.

– Eu sonho com você.

Ela beijou o ponto em que suas alianças se tocavam.

– Eu sei.

– Você era tão jovem. Tínhamos a vida inteira pela frente, havia tantas coisas que queríamos fazer.

A voz dele falhou na última palavra.

– Sim.

– Sinto falta disso – sussurrou Richard. – De abraçar você no escuro. De ouvir sua voz. Não consigo acreditar que a perdi.

Grace soltou a mão esquerda dele e a puxou em direção ao peito.

Richard se preparou para sentir as cavidades que havia no lugar dos seios. Embora as cicatrizes lhe causassem tristeza,

nunca

se

sentira

148/1201

incomodado em olhar para elas ou tocá-la ali, mas Grace não permitia.

Ela pretendia fazer uma cirurgia de reconstrução, mas o câncer voltou, impossibilitando a operação. Aos olhos de Richard, Grace sempre foi linda, encantadora, mesmo no fim.

Quando ela puxou sua mão para cima, no entanto, a palma dele encontrou carne arredondada e cheia. Richard hesitou, mas apenas por alguns instantes. Ela pousou a mão sobre a dele e apertou.

– Fiquei curada – sussurrou ela. – Foi mais maravilhoso do que você poderia imaginar. E não doeu nem um pouco.

Os olhos de Richard arderam.

– Curada?

– Sem dor. Sem lágrimas. E é muito, muito lindo.

– Me perdoe por não ter percebido que você estava doente. – A voz dele tornou a falhar. – Eu



149/1201

deveria ter prestado mais atenção. Deveria ter notado.

– Era a minha hora. – Ela baixou a cabeça e beijou as costas da mão dele. – Tem tanta coisa que quero lhe mostrar. Mas ainda não.

– Descanse, meu amor.

Na manhã seguinte, Richard acordou em uma cama vazia, e consciente de que tinha recebido um presente muito precioso. Havia tempos que não se sentia tão leve, tão em paz. Tomou o café da manhã com a família e começou a providenciar a demissão do seu cargo de pesquisador na Filadélfia.

Na semana seguinte, colocou o apartamento à venda e contratou uma transportadora para levar

suas coisas de volta para a casa que havia comprado com a esposa tantos anos antes. Gabriel
150/1201

insistiu que os móveis que haviam guardado no depósito fossem trazidos de volta.

Quando os caminhões de mudança chegaram, ele conduziu os carregadores até o quarto principal, pedindo-lhes que retirassem os móveis que estavam ali antes de trazerem os de Richard.

– Não. – Richard pousou a mão no ombro do filho. – A partir de agora, o quarto de hóspedes é meu. Gabriel fez sinal para que os carregadores esperassem. Então voltou-se para o pai, com as sobancelhas franzidas.

– Por que não quer ficar no seu antigo quarto?

– O quarto principal é seu e de Julia. Ela o pintou e o transformou no seu espaço. Não vou desfazer isso.

Gabriel protestou, mas Richard ergueu a mão para detê-lo.

– Grace estará comigo onde quer que eu durma. Ela vai me encontrar no quarto de hóspedes.

151/1201

Ele tornou a espalmar a mão no ombro de Gabriel antes de chamar os carregadores e conduzi-los para o andar de baixo.

Gabriel não iria discutir com o pai, ainda mais quando ele parecia satisfeito com a decisão. E, mesmo que tenha achado as observações dele estranhas, guardou para si a opinião.

(Mas, no fundo, não as achou nem um pouco estranhas.)

Naquela noite, quando a casa ficou vazia e silenciosa, Richard quase pôde imaginar Grace deitando-se na cama com ele. Ele rolou para o lado e adormeceu em paz, antes de encontrá-la em seus sonhos.

CAPÍTULO SETE

Julho de 2011

Oxford, Inglaterra

O professor Gabriel O. Emerson correu os ol-

hos com repulsa pelo modesto quarto de hóspedes no quinto andar do mosteiro do Magdalen College. Seus olhos azuis pousaram sobre duas camas de solteiro encostadas na parede.

– Que droga é essa?

Julia olhou para onde ele apontava.

– Acho que são camas.

– Isso eu estou vendo. Vamos embora.

Ele pegou suas malas e foi em direção à porta, mas ela o deteve.

– Já é tarde, Gabriel. Estou cansada.

– Exatamente. Onde vamos dormir?

153/1201

– Onde os alunos do Magdalen College costumam dormir? No chão?

Ele lançou-lhe um olhar contundente.

– Nunca mais vou dormir em uma ridícula e abominável cama de solteiro. Vamos nos hospedar

ar no Randolph.

Ela esfregou os olhos com as duas mãos.

– Nossa reserva é para daqui a dois dias. E, além do mais, você prometeu.

– Nigel me prometeu um dos quartos de professor vagos, com cama de casal e suíte. – Ele olhou em torno. – Onde está a cama de casal? Onde está a suíte? Vamos ter que dividir o banheiro com Deus sabe quem!

– Não me importo em dividir o banheiro com os outros hóspedes por duas noites. Passaremos a maior parte do tempo na conferência mesmo.

Ignorando as queixas furiosas do marido, Julia foi até a janela, com vista para o belo pátio abaixo. Olhou com nostalgia para as estranhas

154/1201

esculturas de pedra instaladas em cima dos portais à direita.

– Você me disse que C. S. Lewis se inspirou naquelas estátuas quando escreveu *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*.

– É o que dizem – respondeu Gabriel, lacônico. Ela descansou a testa contra o vidro chumbado.

– Você acha que o fantasma dele ainda vaga por aqui?

– Duvido que ele assombraria um quarto como este. – Gabriel torceu o nariz. – Ele deve estar no pub.

Julia fechou os olhos. Havia sido um longo dia.

Já tinham viajado desde o hotel em Londres até a estação de trem, depois de lá para Oxford e, por fim, até ali. Ela estava muito, muito cansada.

Do outro lado do quarto, Gabriel olhou para a esposa exausta.

– Fantasmas não existem, Julianne. Você sabe disso – falou em tom gentil.

155/1201

– E o que me diz de quando você viu Grace e Maia?

– Aquilo foi diferente.

Ela lançou mais um olhar nostálgico para as estátuas antes de se juntar a ele diante da porta,

com uma expressão derrotada no rosto.

– Você não prefere ficar num hotel? – Gabriel perscrutou os olhos dela. – Teríamos mais privacidade.

– Sim, teríamos. – Ela desviou o olhar.

Ele fitou as camas de solteiro.

– É quase impossível fazer sexo nisso aí. Não há espaço suficiente.

Ela sorriu com malícia.

– Não é bem assim que me lembro.

Um sorriso provocador se abriu lentamente no rosto de Gabriel, que se aproximou a poucos centímetros dela.

– Isso é um desafio, Sra. Emerson?

156/1201

Julia o encarou por alguns instantes. Então pareceu se livrar do cansaço enquanto enrolava a gravata de seda de Gabriel nas mãos, puxando seus lábios para junto dos dela.

Gabriel largou a bagagem e a beijou com paixão, esquecendo-se da sua irritação. Então jogou a perna para trás e fechou a porta com um coice.

CAPÍTULO OITO

Algun tempo depois, Gabriel estava enroscado com a esposa em uma das camas estreitas. Ela sussurrou o nome dele contra seu peito.

– Você não perdeu o jeito. Achei sua mais recente inovação extremamente... satisfatória.

– Obrigado. – O peito dele inflou. – Está tarde. Hora de dormir.

– Não consigo.

Gabriel ergueu o queixo dela.

– Está preocupada com a palestra?

– Quero deixar você orgulhoso.

– Sempre estarei orgulhoso de você. *Estou* orgulhoso de você. – Os olhos azuis de Gabriel penetraram os dela como raios laser.

– E quanto à professora Picton?

158/1201

– Ela não convidaria você se não achasse que

está pronta.

– Mas e se alguém me fizer uma pergunta e eu não souber responder?

– Responda da melhor forma que puder. Se a pessoa insistir, você sempre pode dizer que é uma ótima pergunta e que irá pensar melhor sobre o assunto.

Julia descansou a cabeça no peito dele, correndo os dedos pelos músculos de sua barriga.

– Você acha que, se eu pedisse a C. S. Lewis para interceder em meu favor, ele oraria por mim?

Gabriel bufou.

– Lewis era um protestante da Irlanda do Norte. Não acreditava em santos. Mesmo que pudesse ouvi-la, ele a ignoraria. Por uma questão de princípios. Peça a Tolkien. Ele era católico.

– Posso pedir a Dante.

159/1201

– Dante já está orando por você – disse ele, com a boca encostada nos cabelos dela.

Julia fechou os olhos, ouvindo as batidas do coração de Gabriel. Sempre achava o ritmo reconfortante.

– E se alguém perguntar por que você deixou a Universidade de Toronto?

– Nós diremos o mesmo de sempre: eu quis ir para Boston porque você iria para Harvard e nós pretendíamos nos casar.

– Christa Peterson tem contado outra história. O professor estreitou os olhos.

– Esqueça Christa. Não precisamos nos preocupar com ela nesta conferência.

– Prometa que não vai perder a cabeça se ouvir algo... desagradável.

– Me dê um pouco de crédito. – Ele soou aborrecido. – Já tivemos que lidar com fofocas na Universidade de Boston e em Harvard, e não perdi a cabeça.



160/1201

– Tem razão. – Ela lhe deu um beijo no peito. – Mas acadêmicos costumam ficar entediados e gostam de fofocar. Nada mais excitante do que um escândalo sexual.

– Permita-me discordar, Sra. Emerson. – Os olhos de Gabriel faiscaram.

– Por quê?

– Sexo com você é muito mais excitante do que qualquer escândalo.

Ele a virou de costas e começou a beijar seu pescoço.

Antes de o sol despontar no horizonte, Julia voltou ao quarto na ponta dos pés. Uma nesga de luz vinda da janela iluminava em parte o homem nu em sua cama. Ele estava deitado de bruços, seus cabelos negros embaraçados. O lençol estava perigosamente puxado para baixo, expondo a

161/1201

base das suas costas, as covinhas que havia ali e o início da sua bunda.

Julia o admirou, seus olhos se detendo um pouco mais do que o necessário sobre suas costas musculosas e suas nádegas. Ele era lindo, sensual e todo seu.

Tirou a calça de ioga e a blusa, deixando suas roupas e peças íntimas em uma cadeira. Desde que haviam se casado, quase sempre dormia nua. Preferia sentir a pele do amado contra a sua. Gabriel se mexeu quando sentiu o colchão afundar. Recebeu-a imediatamente em seus braços, mas ainda levou algum tempo para acordar.

– Aonde você foi? – perguntou ele, correndo os dedos pelo braço de Julia.

– Fui ver as esculturas de pedra no pátio.

Gabriel abriu os olhos.

– Por quê?

162/1201

– Eu li os livros da série *As crônicas de Nárnia*.

Esses livros são... especiais para mim.

Ele aninhou o rosto dela nas mãos.

– Foi por causa de Lewis que você quis ficar

aqui?

– E por sua causa. Sei que Paulina morava aqui na mesma época que você, então eu... – Ela se interrompeu, lamentando ter mencionado o nome de uma pessoa que ambos estavam tentando esquecer.

– Isso foi antes de nos envolvermos. Passei muito pouco tempo com ela aqui. – Gabriel passou os braços em volta de Julia. – Se eu soubesse disso, não teria tentado levar você para o Randolph ontem à noite. Por que não me disse?

– Achei que você fosse achar infantil da minha parte.

– Nada que seja importante para você pode ser infantil.

163/1201

Ele parou para pensar um pouco no que ela dissera.

– Também li esses livros. No apartamento da minha mãe em Nova York havia um armário que eu tinha certeza de que se abriria para o mundo de Nárnia se eu fosse um bom menino. É claro que não fui.

Gabriel esperava que ela risse, mas Julia não riu.

– Sei o que é estar disposto a fazer tudo para tornar uma história realidade – sussurrou ela.

Ele a abraçou mais forte.

– Se quiser visitar The Kilns, a casa onde Lewis morou, posso levar você lá. Depois podemos ir ao pub The Bird and Baby, onde os integrantes do seu grupo literário, Os Inklings, se reuniam.

– Eu adoraria.

Ele beijou o cabelo dela.

– Eu lhe disse certa vez que você não era igual a mim, mas melhor. Parece que você não acreditou.

164/1201

– Às vezes é difícil acreditar que você pense assim.

Ele se encolheu.

– Então preciso me esforçar mais para demonstrar – sussurrou ele. – Mas não sei bem como.

CAPÍTULO NOVE

Depois do café da manhã no refeitório do Magdalen, Gabriel insistiu em que eles pegassem um táxi até o St. Anne's College, onde seria a conferência. Estava preocupado que Julia (e seus saltos altos) não fosse aguentar a caminhada, mas sob hipótese alguma iria lhe pedir que trocasse de sapatos.

– Isso é um sonho realizado – balbuciou Julia enquanto eles atravessavam Oxford de carro. – Nunca imaginei que teria a chance de visitar este lugar, quanto mais de apresentar minha pesquisa aqui. Mal posso acreditar.

– Você trabalhou muito duro. – Gabriel levou a mão dela aos lábios. – Esta é a sua recompensa. Julia ficou calada, sentindo o peso da expectativa sobre os ombros.

166/1201

Ao passarem pelo Ashmolean Museum, os olhos de Gabriel se iluminaram de repente.

– Fico imaginando em que tipo de encrenca poderíamos nos meter ali dentro. – Ele apontou para o museu. – Se bem me lembro, há espaço de sobra para um ou outro encontro amoroso.

Julia corou e ele a puxou para junto de si, rindo. Ainda tinha a capacidade de fazê-la corar, uma façanha que o enchia de considerável orgulho. E tinha feito bem mais do que isso poucos dias antes, quando dançaram tango contra uma parede no British Museum.

(Os mármore de Elgin ainda não tinham se recuperado do choque.)

Os Emersons chegaram ao St. Anne's College bem a tempo do início da primeira rodada de palestras. Lá dentro, um grupo de cinquenta acadêmicos zanzava diante da mesa do bufê, bebendo chá e saboreando biscoitos enquanto

167/1201

conversavam sobre o extraordinário mundo dos estudos sobre Dante.

(De fato, esse mundo era muito mais interess-

ante do que poderia parecer para quem estava de fora.)

Gabriel serviu uma xícara de chá para Julia antes de se servir de um café. Ele a apresentou a dois renomados professores de Oxford, que bebericavam seus drinques. Na hora de seguir para o auditório, Gabriel pousou a mão na base das costas de Julia, incentivando-a a ir em frente. Ela deu dois passos e então parou.

Uma risada familiar e desinibida encheu seus ouvidos; a poucos metros de distância era possível ver de onde ela vinha. No centro de um grupo de rapazes e homens mais velhos vestindo basicamente tweed, uma beldade de cabelos negros era bajulada por seus admiradores. Ela era alta e graciosa, suas formas atraentes acentuadas por um conjunto justinho de blazer e saia pretos.

168/1201

Saltos altos de 10 centímetros faziam suas pernas longas parecerem ainda maiores.

(Pela primeira vez na vida, o professor olhou para um par de elegantes sapatos de grife com algo diferente de admiração.)

A mulher parou de rir quando um homem de cabelos negros e pele muito morena sussurrou algo no ouvido dela, seu olhar voltado para os Emersons.

– *Merda* – praguejou Gabriel baixinho.

Ele lançou a Christa Peterson e ao professor Giuseppe Pacciani um olhar ameaçador, enquanto Julia observava as reações dos homens ao redor. Ao correr os olhos de um para outro, foi invadida por uma sensação terrível e angustiante.

Mais de um deles se virava para olhar para ela, detendo-se por mais tempo do que o apropriado em seus seios e quadris. Ela soltou a mão de Gabriel e abotoou o blazer para cobrir melhor o busto.

169/1201

Uma visível expressão de desapontamento perpassou os olhares de vários dos homens. Estava

claro que Julia frustrara suas expectativas de que ela fosse uma jovem e desejável doutoranda; uma

mulher que tinha ido para a cama com o professor e se envolvido num escândalo.

– Vou resolver isso de uma vez por todas.

Gabriel se lançou para a frente, mas Julia apertou os dedos no braço dele, fincando-os tanto na lâ do paletó quanto em sua carne.

– Posso falar com você um instante? – sussurrou ela.

– Mais tarde.

– Você não pode fazer isso – sibilou Julia. – Não aqui.

– Problemas no Paraíso? – provocou Christa, a voz presunçosa reverberando no recinto. – Parece que a lua de mel não durou muito.

Ela fixou os olhos felinos em Julia, a boca atraente se curvando em um esgar de desdém.

170/1201

– Não que eu esteja surpresa.

Julia tentou puxar Gabriel para longe, mas ele se manteve firme, o corpo tremendo de raiva.

– Gostaria de dar uma palavra com você, Srta. Peterson.

Christa se aproximou do professor Pacciani. Ela fingiu, de forma bem teatral, estar intimidada por Gabriel.

– Não depois do que aconteceu em Toronto. Se tiver algo a dizer, terá que falar diante de testemunhas. – Segura ao lado de Pacciani, ela se inclinou para a frente, baixando a voz: – Não é do seu interesse fazer uma

cena, Gabriel. Descobri

algumas coisas a seu respeito depois que você foi embora, como sua inclinação sadomasoquista. Não sabia que a professora Ann Singer era sua dominadora.

Um silêncio caiu sobre as pessoas mais próximas dos dois, os olhos deles saltando de Christa para Gabriel.

171/1201

Julia pegou a mão dele e a puxou.

– Vamos embora. *Por favor.*

Apesar da fúria que sentia, ele estava consciente, muito consciente, dos olhares atentos dos colegas. Precisou de cada gota de autocontrole

para não saltar e agarrar Christa pelo pescoço. Reprimindo um xingamento, ele se virou bruscamente e deu um passo para longe de sua ex-aluna.

– Estou ansiosa pela sua palestra, Julianne – disse Christa, erguendo a voz para que mais pessoas pudessem ouvi-la. – É bastante incomum que uma aluna do primeiro ano do doutorado participe de uma conferência tão importante. Como será que você conseguiu?

Julia parou de andar e olhou para Christa por sobre o ombro.

– A professora Picton me convidou.

– Sério? – Christa pareceu intrigada. – Não teria sido melhor convidar Gabriel? Afinal, você só
172/1201

deve mesmo repetir o que aprendeu com ele. Ou quem sabe ele escreveu a palestra para você?

– Eu faço minha própria pesquisa. – Julia falou baixo, porém com firmeza.

– Tenho certeza disso. – Christa fez questão de olhar para as costas de Gabriel. – Mas a sua “pesquisa” não pode ajudá-la a escrever uma palestra. A não ser que pretenda nos contar sobre todos os professores com quem foi para a cama para conseguir entrar em Harvard.

Gabriel praguejou e largou a mão de Julia.

Virou-se para trás, lançando a Christa um olhar furioso.

– Já chega. Não dirija a palavra à minha esposa. Fui claro?

– Calminha, Gabriel, calminha. – Os olhos negros de Christa brilhavam com uma satisfação perversa.

– É *professor* Emerson para você – disparou ele.
173/1201

Julia bloqueou seu caminho com o próprio corpo.

– Vamos embora. – Ela pousou a mão de leve no peito dele, bem debaixo da gravata-borboleta.
– Saia da minha frente. – Ele parecia um dragão se preparando para cuspir fogo.

– *Por mim* – implorou ela, com uma expressão desolada.

Antes que Gabriel pudesse abrir a boca, uma voz imponente soou ao seu lado:

– O que está acontecendo aqui?

Katherine Picton estava parada à sua direita, os cabelos brancos curtos e arrumados de forma impecável, os olhos azul-acinzentados faiscando atrás dos óculos. Ela encarou o professor Pacciani com repulsa antes de voltar sua atenção para Christa.

– Quem é você?

Christa saiu da defensiva e assumiu uma postura bajuladora. Ela estendeu a mão.

174/1201

– Sou Christa Peterson, de Colúmbia. Nós nos conhecemos na Universidade de Toronto.

Katherine ignorou a mão que lhe era oferecida.

– Conheço bem o quadro docente de Colúmbia.

Você não faz parte dele.

Christa corou, recolhendo a mão.

– Sou aluna de mestrado.

– Então não se apresente como se fosse outra coisa – repreendeu Katherine, ríspida. – Você não é *de* Colúmbia. Você *estuda* em Colúmbia. O que está fazendo aqui?

Como Christa não respondeu, a professora Picton se aproximou dela, erguendo a voz:

– Você é surda? Eu lhe fiz uma pergunta. O que está fazendo na minha conferência insultando meus convidados?

Christa quase vacilou, sentindo a energia do ambiente mudar por causa da antipatia da professora Picton por ela. Até o professor Pacciani recuou um passo.

175/1201

– Estou aqui para assistir à palestra da senhora, como todos os outros.

Katherine se empertigou em seu 1,52 metro de altura e ergueu os olhos para a estudante muito mais alta e meio século mais jovem.

– Seu nome não está na lista de convidados. Eu com certeza não a convidei.

– Professora Picton, me desculpe. A jovem é minha amiga – intercedeu o professor Pacciani, em tom polido.

Ele se inclinou e fez menção de beijar a mão da professora Picton, mas ela o dispensou com um gesto.

– Já que ela está com você, Giuseppe, sua presença é perdoável. Mas por pouco. – Ela o fulminou com o olhar. – Trate de lhe ensinar boas maneiras.

Katherine virou e se dirigiu a Christa:

– Eu sei da confusão que você causou em Toronto. Suas mentiras quase destruíram meu 176/1201

departamento. Mantenha o decoro aqui ou cuidarei

pessoalmente

para

que

seja

expulsa.

Entendido?

Sem esperar resposta, Katherine começou a ralar com Pacciani em um italiano fluente, deixando claro que, se a amiga tornasse a visita de seus convidados desagradável de

qualquer forma, ela o

consideraria responsável.

A acrescentou ainda que tinha uma memória perfeita e implacável.

(O que era verdade.)

– *Capisce?* – Ela o fuzilou com o olhar por trás dos óculos.

– *Certo*, professora. – Ele fez uma mesura, seu rosto tenso e irritado.

– Eu sou a vítima – protestou Christa. –

Quando estava em Toronto, Gabriel...

– Conversa fiada – disparou Katherine. – Posso ser velha, mas não estou senil. Reconheço uma

177/1201

mulher rejeitada ao ver uma. Todos aqui deveriam reconhecer também.

Com essas palavras, voltou sua expressão mordaz para os homens que cercavam Christa, loucos para darem ouvidos às suas fofocas.

– E tem mais: dar um jeito de se infiltrar num evento só para convidados é extremamente anti-profissional. Isto não é uma festa de fraternidade. A professora Picton tornou a correr os olhos pelo recinto, interrompendo-se como se desafiasse alguém a contradizê-la. Sob seu olhar desmoralizador, os lascivos espectadores começaram a se afastar, arrastando os pés.

Parecendo satisfeita, ela voltou sua atenção para a Srta. Peterson e ergueu o queixo.

– Creio que já terminamos por aqui.

Com isso, deu as costas para Christa. Os demais presentes ficaram parados ali, um pouco atordoados por terem presenciado o equivalente acadêmico de uma luta na lama, vencida

178/1201

facilmente por uma pequena (porém invocada) septuagenária.

– Meus caros amigos, que prazer revê-los.

Como foi o voo de vocês? – Katherine passou um braço ao redor dos ombros tensos de Julia, dando-lhe um abraço maternal, antes de apertar a mão de Gabriel.

– O voo foi tranquilo. Passamos alguns dias em Londres antes de irmos para cá de trem. – Gabriel beijou o rosto da professora Picton. Tentou forçar um sorriso, mas não conseguiu.

– Não me admira que eles tenham permitido a entrada de pessoas desqualificadas – falou Katherine, torcendo o nariz. – Preciso falar com os organizadores. Já é péssimo que vocês tenham que

se sujeitar a uma pessoa dessas, mas aturá-la em público... aí já é demais. Que garota ridícula. Os olhos experientes da professora Picton notaram a expressão atormentada de Julia e seu tom

abrandou:

179/1201

– Deixe-me convidá-la para um drinque hoje à noite, Julianne. Acho que está na hora de termos uma conversa.

As palavras da professora arrancaram Julia de seu devaneio. Uma expressão mal disfarçada de horror atravessou seu rosto.

Gabriel a agarrou pela cintura.

– É muito generoso da sua parte, Katherine, mas por que não se junta a nós para o jantar?

– Obrigada, será um prazer. Mas preciso conversar com Julianne primeiro. – Ela se voltou para a ex-aluna com um ar de ternura. – Venha falar comigo depois da última palestra e nós iremos até o The Bird and Baby.

A professora Picton se afastou e logo foi cercada por vários admiradores acadêmicos.

Julia precisou de alguns instantes para recuperar a compostura, mas, quando conseguiu, apoiou-se em Gabriel.

– Estou tão constrangida.

180/1201

– É uma pena que Katherine tenha me interrompido naquela hora. Gostaria de dizer algumas verdades para Christa.

Julia começou a retorcer as mãos.

– Eu nunca deveria ter respondido a ela.

Devíamos ter continuado andando.

A expressão de Gabriel ficou tensa. Ele olhou ao redor, então colou a boca à orelha de Julia.

– Você se defendeu. Fez a coisa certa. E eu não iria ficar de braços cruzados e permitir que ela chamasse você de vadia.

– Se tivéssemos ido embora, ela não teria chegado tão longe.

– Até parece. Ela já estava nos difamando. Você mesma disse.

O rosto de Julia foi tomado pela decepção.

– Eu lhe pedi que parasse.

– E eu expliquei que não iria deixar que ela

falasse com você daquela forma. – Ele contraiu a mandíbula e a relaxou em seguida. – Não vamos 181/1201

discutir por causa daquela piranha. É exatamente isso que ela quer.

– Christa estava louca por uma briga. E foi isso que você deu a ela. – Julia correu os olhos pelo salão, que se esvaziava depressa. – Amanhã terei que me apresentar na frente de todas essas pessoas sabendo que elas testemunharam aquela cena constrangedora.

– Se eu tivesse ficado calado, se não tivesse feito nada, teria dado a impressão de que concordo

com ela. – A voz de Gabriel soou grave, gutural.

– A questão é que pedi que você parasse e você me ignorou. – Ela o encarou com um olhar magoadado. – Sou sua esposa. Não um casinho qualquer.

Ela pegou sua velha bolsa de carteiro Fendi e seguiu os convidados até o auditório.

CAPÍTULO DEZ

O professor Emerson fervia de raiva enquanto observava a esposa se afastar. Sua vontade era arrastar Christa Peterson para fora dali pelos cabelos e lhe dar uma lição. Infelizmente, levando em conta suas táticas de sedução quando era sua aluna, era provável que ela fosse gostar disso. (Talvez até tirasse fotos para seu álbum de recordações.)

E não era do feitio de Gabriel bater em mulheres.

Ou era? Talvez fosse exatamente do seu feitio querer bater em uma mulher. Raiva e violência estavam gravadas em seu íntimo, codificadas em seu DNA. Talvez Gabriel fosse igual ao pai.

Ele fechou os olhos. Assim que o pensamento veio à tona, apressou-se em reprimi-lo. Aquele 183/1201

não era o momento de pensar em seus pais biológicos.

Gabriel sabia que tinha um gênio difícil.

Tentava controlá-lo, porém muitas vezes falhava. Em uma dessas ocasiões, para sua vergonha, havia batido em uma mulher.

Na época, ainda dava aulas em Toronto. Havia muitas mulheres bonitas e sensuais; a cidade era repleta de distrações musicais e artísticas. Mesmo assim, ele estava deprimido. Paulina fora visitá-lo e eles haviam retomado seu relacionamento sexual... mais uma vez. Depois de cada encontro, ele jurava que aquele seria o último. Mas, sempre que ela o tocava, ele cedia.

Gabriel sabia que aquilo era errado. Continuar envolvido com ela era prejudicial para os dois. Mas, seu espírito, embora resoluto, estava ligado a uma carne muito, muito fraca.

Assim que ela voltou para Boston, Gabriel mergulhou de cabeça na bebida. Tornou-se cliente
184/1201

VIP do Lobby e passou a transar com uma mulher diferente a cada noite. Às vezes mais de uma na mesma noite regada a uísque. Às vezes, mais de uma ao mesmo tempo.

Nada conseguia ajudá-lo. Assombrado pelo passado, ainda mais depois dos poucos dias que passara com Paulina, tinha a sensação de estar a um passo inconsequente de retomar seu vício em cocaína.

Então ele conheceu Ann. Eles compartilhavam a paixão pela esgrima e tinham lutado algumas vezes no clube do qual eram sócios. Na última ocasião, haviam terminado em um quarto escuro para uma breve, porém explosiva, experiência sexual.

Ann Singer trazia a promessa de uma nova e tentadora distração. Falara de um prazer selvagem e intenso como ele jamais havia experimentado.

185/1201

Ele ficou intrigado. Ann tinha o poder de arrastar a mente de Gabriel para dentro de seu corpo e mantê-la ali, incapaz de pensar ou de se preocupar. E foi assim que ele se viu no porão da

casa dela em Toronto, nu, amarrado e de joelhos. Ela confundia seus sentidos, dando-lhe prazer ao mesmo tempo que o punia. A cada golpe ele sentia sua dor emocional se esvaír. Seu único pensamento fugidio era por que havia esperado tanto tempo para aliviar o sofrimento da alma com dor física. Porém mesmo esse pensamento era logo esquecido.

Então veio a humilhação. A dominação de Ann não era apenas sobre o corpo, mas também sobre a mente. Ao ferir sua carne, a intenção dela era quebrar seu espírito.

Gabriel percebeu o que ela estava fazendo e sua psique se enfureceu. Ele desejava a dor física e a aceitava, mas não a manipulação psicológica.

186/1201

Graças ao seu passado, sua mente já era prejudicada o bastante.

Ele começou a resistir.

Ann o acusou de tentar inverter os papéis de dominação e redobrou seus esforços. Recontou a história da vida de Gabriel, narrando um mito especulativo baseado apenas em sua análise ordinária dos fatos. Algumas partes chegaram perigosamente perto da verdade. Mas o resto...

Sem aviso, algo dentro dele se rompeu.

Parado ali no St. Anne's College, Gabriel não conseguia lembrar as palavras exatas da professora Singer que o haviam tirado do sério. Tampouco recordava quanto tempo o encontro havia durado. Lembrava-se apenas da fúria que o cegara.

Com um único movimento rápido, ele arrebitou a amarra que prendia seu punho direito (uma façanha considerável) e deu um tapa na

187/1201

cara de Ann com as costas da mão. O corpo miúdo dela se encolheu no chão de ladrilhos.

Ele se levantou cambaleante e parou sobre ela, com a respiração ofegante. Ann não se mexia.

Uma porta se escancarou e Gabriel se viu lut-

ando com uma mão só contra o guarda-costas dela, que corra em sua defesa. Machucado e sangrando, Gabriel foi atirado na neve, as roupas espalhadas atrás dele.

Esse foi seu último encontro sexual com Ann e sua última experiência sadomasoquista. Gabriel ficou furioso por ter perdido o controle e batido nela e estava determinado a nunca mais agredir uma mulher.

Mesmo
agora,
sentia-se
envergonhado.

Ele fechou os olhos e tentou se recompor. Nunca explicara completamente para Julianne o que havia acontecido com a professora Singer. Nem pretendia fazer isso. Era melhor que algumas coisas nunca fossem reveladas.



188/1201

Lembrou todos os eminentes especialistas em Dante que tinham ouvido as observações de Christa sobre seu passado. Era constrangedor, sem dúvida. Mas ele era um professor titular e catedrático. Eles que fossem para o inferno.

(E estudassem o *Inferno* de Dante in loco.) Mas era preciso neutralizar Christa antes que

ela prejudicasse ainda mais a reputação de Julianne. Ela praticamente chamara Julia de prostituta ao sugerir que seu sucesso acadêmico tinha sido conquistado de joelhos.

Com esse pensamento se revirando em sua cabeça, ele endireitou a gravata-borboleta, alisou o paletó e entrou no auditório.

Julia observou o marido se aproximar com uma expressão carrancuda e os olhos agitados.

189/1201

Olhou com raiva para Christa, sentada ao lado do professor Pacciani. Em seguida Gabriel se acomodou entre Julia e a professora Picton. Ainda

calado, pegou sua caneta-tinteiro Meisterstück 149 e um bloco de notas de dentro da pasta de couro. Sua linguagem corporal deixava claro que estava muito irritado.

Julia tentou se concentrar na palestra, sobre o uso do número três na *Divina Comédia* de Dante. O tema e a apresentação em si só poderiam ser descritos como contrários às disposições da Convenção de Genebra sobre punições cruéis e incomuns. Pior ainda era estar sentada ao lado de Gabriel e sentir a raiva que irradiava de seu belo terno de três peças.

Pelo canto do olho, Julia viu que ele tomava uma série de anotações, sua caligrafia elegante atipicamente forçada e inclinada. A boca dele estava tensionada e havia um vinco familiar entre suas sobrancelhas negras, atrás dos óculos.

190/1201

Embora desapontada, Julia não estava com raiva. Sabia que o papel de anjo vingador combinava com o caráter do marido. Em algumas ocasiões, ela havia considerado esse aspecto da sua personalidade bem-vindo, como quando Gabriel dera uma surra em Simon depois de ele atacá-la.

Ela não gostava de brigar com ele, ainda mais em público. E claro que não gostou de vê-lo perder a cabeça e fazer uma cena diante de tantas pessoas importantes, mesmo que Katherine o tenha defendido.

Julia suspirou baixinho. O amor que Gabriel sentia por ela e o desejo de que ela fosse bem-sucedida deviam ter alimentado sua fúria.

Lembre-se de que você é o primeiro relacionamento sério dele; seu primeiro compromisso. Devia dar um desconto para o cara.

Julia queria tocá-lo, mas tinha medo da reação dele. Não queria interrompê-lo. Imaginou-o

191/1201

olhando por cima da armação dos óculos com uma expressão de censura. Uma reação desse tipo a magoaria profundamente.

Fazia muito tempo que ela não o via tão irado. Julia se lembrou da interação explosiva entre os dois durante o curso que ele dera sobre Dante, quando ela o questionou a respeito de Paulina. Ele ficara furioso até sua raiva se transformar em paixão.

Julia descruzou e cruzou as pernas. Aquela não era hora de pensar em paixão. Não o tocaria até que estivessem de volta ao quarto no Magdalen. Caso contrário, Gabriel talvez decidisse fazer as pazes com ela e arrastá-la até um canto para uma *conferência sexual*.

(Conferências sexuais eram motivo de especial arrependimento para certos acadêmicos. Deveriam ser evitadas a todo custo.)

A palestra seguinte foi tão insuportável quanto a primeira. Julia fingiu interesse, enquanto seus

192/1201
pensamentos se concentravam em um único ponto. Se Gabriel tivesse lhe dado ouvidos, Christa teria sido obrigada a desfiar sua teia de calúnias sem uma grande e atenta plateia. Agora, Julia teria que socializar com os demais participantes do congresso sabendo que eles haviam testemunhado aquele espetáculo constrangedor. Ela já era tímida e Christa aumentara consideravelmente seu desconforto.

Apesar da briga, Julia teria preferido passar o dia ao lado de Gabriel, sobretudo durante o almoço e os frequentes *coffee breaks*. Mas eles combinaram na noite anterior que se separariam para

circular, assim Julia teria a oportunidade de fazer contatos. Ela se esforçou para conversar sobre amenidades, deixando as professoras Marinelli e Picton apresentá-la a velhos amigos, enquanto Gabriel socializava do outro lado do salão. Ele estava claramente colocando todo seu charme em ação –

193/1201
tentando conversar com o máximo de pessoas possível. Pelos olhares que Julia recebia, era óbvio que estava falando dela. As mulheres o cercavam. Onde quer que Gabriel estivesse, sempre havia uma ou duas ao seu

lado. Mas, verdade seja dita: ele tolerava o assédio delas com paciência, sem encorajá-las.

Julia se concentrou em suas próprias interações, mas sempre atenta a onde ele estava e com quem. Também não perdia Christa de vista, porém ela nunca se afastava do professor Pacciani.

Julia achou isso curioso.

Os olhos de Pacciani pareciam seguir Julia e houve um momento em que ela teve certeza de que ele lhe deu uma piscadela. Mas o professor não tentou se aproximar ou falar com ela. Parecia contente em permanecer ao lado de Christa, apesar de sua acompanhante vez por outra flertar com outros homens.



194/1201

Julia bebericou seu chá enquanto ouvia um professor atrás do outro falar sobre seu mais recente projeto de pesquisa, ansiando pelo fim daquele dia.

Durante a última palestra, Gabriel notou que Julia se remexia na cadeira. Havia uma hora que estava fazendo isso, como se precisasse desesperadamente ir ao banheiro.

Ele vinha remoendo sua irritação com Christa durante horas, abanando as brasas com uma série de justificativas para suas palavras e atitudes.

Estava no meio da elaboração de um sermão moralista que pretendia dar a Julia assim que eles voltassem ao Magdalen quando ela o surpreendeu ao lhe entregar um bilhete.

Não quero brigar.

195/1201

Me desculpe.

Obrigada por me defender. Lamento que ela tenha mencionado a professora Agonia.

Gabriel releu o bilhete duas vezes.

Ver o arrependimento de Julia ali, preto no branco, fez seu coração se apertar. Ela pedira desculpas, embora não tivesse feito quase nada de errado.

Gabriel gostaria que ela o tivesse apoiado.

Queria que Julia tivesse compaixão por um tormento causado por seu intenso desejo de protegê-la. Mas não esperava um pedido de desculpas.

Seus olhos se encontraram e Julia lhe deu um sorriso hesitante. O sorriso, mais até do que o bilhete, o desarmou por completo.

Sua irritação arrefeceu sob as águas frias do remorso.

196/1201

Sem demora, ele virou o bilhete e escreveu no outro lado do papel:

Emerson foi um babaca. Mas espera que você o perdoe.

Julia precisou de apenas um instante para ler a mensagem. Ao terminar, teve de conter uma risada, o que resultou em um guincho abafado.

O som ecoou pelo salão e o palestrante ergueu os olhos de suas anotações, perguntando-se como um porco selvagem tinha conseguido entrar no St. Anne's College para assistir à sua palestra.

Vermelha como um tomate, Julia fingiu uma crise de tosse e Gabriel deu tapinhas nas suas costas. Quando a palestra enfim prosseguiu, ele

acrescentou as seguintes palavras ao bilhete:

Sinto muito por ter constrangido você.

Prometo que vou me esforçar mais.



197/1201

Você não é um casinho qualquer. É minha Beatriz.

Os traços delicados de Julia se iluminaram e ele notou seus ombros relaxarem.

Hesitante, ela estendeu o dedo mindinho e o entrelaçou com o dele. Essa era a sua maneira de segurar a mão de Gabriel sem que os outros vissem.

Ele curvou o mindinho ao redor do dela, fitando-a pelo canto do olho.

Sim, às vezes o professor Emerson podia ser um babaca. Mas pelo menos ele estava arrependido.

Depois que as palestras do dia terminaram, Katherine arrastou Julia até o The Eagle and Child para um drinque. O pub era conhecido na região como The Bird and Baby, ou The Fowl and 198/1201

Foetus. Devia ser o pub mais famoso de Oxford. Julia estava louca para vê-lo, pois tinha sido um dos pontos de encontro dos Inklings, o grupo literário cujos membros incluíam C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien e Charles Williams.

Assim que entraram, Katherine pediu dois *pints* de Caledonian Ale e conduziu a ex-aluna para

um canto nos fundos do bar. Assim que se acomodaram, ela bateu seu copo no de Julia para um brinde e tomou um generoso gole de cerveja.

– É muito bom revê-la, Julianne. Você está ótima. – Katherine avaliou a aparência da ex-aluna num único olhar. – Seu casamento foi incrível. Havia anos não me divertia tanto.

– Fiquei muito feliz por a senhora ter conseguido ir.

Julia pegou seu copo, exagerando um pouco na força, e os nós dos dedos brancos delataram seu nervosismo.

– Está ansiosa por causa da palestra?

199/1201

– Um pouco. – Julia bebericou a cerveja, perguntando-se por que Katherine insistira em falar com ela a sós.

– É normal ficar apreensiva, mas você vai tirar de letra. Sem dúvida ainda está um pouco abalada depois de encontrar aquela mulher terrível.

Julia assentiu, sentindo o estômago revirar.

Katherine se certificou de que as outras pessoas no pub estavam entretidas em suas próprias conversas antes de prosseguir:

– Gabriel já lhe explicou como fiquei em dívida com ele?

– Ele mencionou algo sobre ter feito um favor para a senhora, mas não entrou em detalhes.

Katherine tamborilou com as unhas sem es-

malte no copo de cerveja.

– Achei que talvez ele fosse lhe contar. Mas, pensando bem, é a cara dele guardar os segredos de outra pessoa.

Ela tirou os óculos, pousando-os sobre a mesa.

200/1201

– Há seis anos, eu estava semiaposentada em Toronto. Jeremy Martin contratou Gabriel para me substituir, mas eu ainda estava orientando alguns alunos e dando um curso. No começo do primeiro semestre, recebi um e-mail de um velho amigo aqui de Oxford. Ele me disse que nosso ex-professor John Hutton estava internado, morrendo de câncer.

– Conheço o trabalho do professor Hutton – disse Julia. – Ele foi uma das fontes que usei para escrever o artigo.

– O Velho Hut provavelmente se esqueceu de mais informações sobre Dante do que eu jamais saberei. – Katherine assumiu uma expressão quase melancólica. – Quando recebi a notícia de que ele estava morrendo, meu curso já havia começado. E eu tinha concordado em dar uma série de palestras sobre Dante e os sete pecados capitais para o canal de televisão CBC. Fui falar

201/1201

com Jeremy e perguntei se seria possível tirar uma semana de folga e vir para cá.

O olhar incisivo de Katherine não deixava passar quase nada e ela sem dúvida notou o espanto de Julia diante da menção ao nome do professor Martin.

– Jeremy foi um aliado de vocês no ano passado. Ele se esforçou ao máximo para ajudar Gabriel, mas, no fim das contas, havia um limite para o que podia fazer.

Julia se remexeu na cadeira.

– Sempre me perguntei por que o professor Martin ajudou Christa a conseguir uma transferência para a universidade onde ele próprio estudou. Correram boatos de que os dois estariam envolvidos.

– Boatos prejudicam as pessoas. E, às vezes, a pessoa prejudicada é inocente. Muito me admira que você, Sra. Emerson, tenha dado ouvidos a focas sobre o professor Martin.

202/1201

Julia ficou desconcertada.

– Me desculpe. A senhora tem toda a razão.

– Conheço Jeremy e a esposa há anos. Acredite, Christa Peterson não chamaria a atenção dele nem que estivesse nua, segurando o manuscrito original do *Decameron* e uma caixa de cerveja. Julia reprimiu uma risada diante da descrição criativa da professora Picton.

– Dois dias depois de eu ter explicado minha situação, Jeremy entrou em contato com Gabriel. Na mesma hora ele se ofereceu para assumir meu curso e todas as minhas responsabilidades enquanto eu estivesse afastada.

– Não sabia disso.

Katherine inclinou a cabeça de lado.

– Mas não deveria ficar surpresa. Parece que Gabriel gosta de manter suas boas ações em segredo, mas o fato de ele fazer coisas assim não é nada espantoso. Quando se ofereceu para me ajudar, ele estava no seu primeiro ano como

203/1201

professor-assistente; tinha acabado de concluir o doutorado. Foi muita gentileza dele, especialmente em se tratando de alguém que ele mal conhecia. No fim das contas, fiquei afastada até depois do Natal, deixando tudo nas costas dele por quatro longos meses. Depois, quando voltei para casa, ele se mostrou um grande amigo. Então, como pode ver, tenho uma dívida com Gabriel.

– Estou certa de que ele ficou feliz em ajudá-la, professora. Depois de tudo o que a senhora fez por nós, essa dívida está mais do que perdoada. Katherine fez uma pausa, olhando em volta, pensativa.

– Gabriel me disse que você é uma admiradora dos Inklings.

– Sou, sim. A senhora os conheceu?

– Encontrei Tolkien uma vez, quando criança.

Meu pai era especialista no poema épico

“Beowulf” na Universidade de Leeds, e ele e

204/1201

Tolkien costumavam se corresponder. Fiz uma

viagem de trem com meu pai para visitá-lo.

– Como ele era?

Katherine se recostou na cadeira e olhou para o teto.

– Gostei dele. Na época, simplesmente o achei velho, como meu pai. Mas me lembro de que ele

me convenceu a lhe contar uma história que eu

tinha inventado sobre uma família de texugos

que vivia atrás da nossa casa. Ele pareceu ficar encantado. – Katherine

gesticulou para o canto em

que elas estavam sentadas. – Era bem aqui que os

Inklings se reuniam.

Julia demorou-se examinando o espaço ao

redor. Quando criança, escondida em seu quarto

com uma pilha de livros da série de Nárnia, ela

jamais teria imaginado que um dia estaria no

mesmo lugar em que Lewis se sentara. Era um

verdadeiro milagre.

205/1201

– Obrigada por me trazer aqui. – Sua voz quase

ficou presa na garganta.

– O prazer é meu.

A expressão de Katherine mudou.

– Demorei quase um semestre inteiro para con-

seguir ver o Velho Hut. Quando cheguei a Ox-

ford, a esposa dele proibiu minha entrada no hos-

pital. Passei semanas indo até lá todos os dias, na esperança de convencê-la a mudar de ideia, torcendo para ele não morrer antes que eu pudesse vê-lo.

– Como alguém pode ser tão cruel?

– Você ainda pergunta isso depois do Holo-

causto? Depois de incontáveis casos de genocí-

dio? Os seres humanos podem ser incrivelmente

cruéis. No caso do Velho Hut, a crueldade foi

toda minha e paguei por isso. Mas, naquele

semestre, a Sra. Hutton teve a chance de cobrar sua vingança, *com juro*.

– Sinto muito.

206/1201

A professora Picton a descartou com um gesto da mão.

– Gabriel me deu a chance de reaver a minha paz. Nunca conseguirei lhe retribuir, o que significa que me sinto especialmente responsável por vocês.

– A senhora conseguiu ver seu amigo?

– A tia da Sra. Hutton ficou doente. Enquanto ela a visitava, consegui ver o professor. A essa altura, ele já estava à beira da morte, mas conseguimos conversar. – Katherine fez uma pausa. –

Voltei para Toronto e superei minha depressão.

Mas nunca contei a Gabriel a história toda, nem por que era tão importante para mim ver John antes que ele morresse.

Ela franziu os lábios, parecendo em dúvida se deveria prosseguir ou não. Então deu de ombros.

– Todos os envolvidos estão mortos, exceto eu.

Não faz mais sentido manter segredo. – Ela olhou para Julia por sobre seu copo. – Não espero que

207/1201

você esconda coisas do seu marido, mas peço que seja discreta.

– Naturalmente, professora.

Katherine passou os dedos envelhecidos ao redor do copo de cerveja.

– O Velho Hut e eu nos envolvemos quando eu era aluna dele e depois disso, durante o tempo em que eu dava aulas em Cambridge. Ele era casado. Para minha sorte, ninguém descobriu nada enquanto eu morava aqui em Oxford. Mas, com o passar do tempo, surgiram boatos, e eles me perseguiram por dez anos.

Julia ficou boquiaberta.

Katherine a encarou, seus olhos azuis brilhando com o que poderia ser divertimento.

– Vejo que está surpresa. Mas nem sempre fui tão velha. Na minha época, era até considerada

atraente. E será que isso é mesmo tão espantoso?
Duas pessoas trabalham juntas em algo por que
são apaixonadas e essa paixão tem que ir para
208/1201

algum lugar. Dante fala disso ao descrever Paolo
e Francesca.

Katherine voltou a pôr os óculos no rosto.

– Quando estava tentando assumir um cargo
acadêmico, as fofocas ficaram ainda mais maldosa-
sas. Entre minhas colegas, havia quem sentisse
ciúmes da atenção que o Velho Hut me dedicava
e do fato de eu ser claramente sua preferida.

Mesmo sem provas do nosso *amour*, essas pessoas começaram a espalhar
boatos de que ele era o

verdadeiro autor da minha pesquisa. Na verdade,
alguém chegou a escrever para a Universidade de
Cambridge depois de eu ter me candidatado a um
emprego lá afirmando que o Velho Hut só havia
escrito uma carta de recomendação para mim
porque estávamos dormindo juntos.

Julia riu.

Então tapou a boca com a mão.

– Sinto muito. Isso não é nada engraçado. Os
olhos de Katherine brilharam.

209/1201

– Claro que é. Você deveria ter visto a carta de
recomendação dele. Ele escreveu: *A Srta. Picton é uma competente
pesquisadora na área de estudos sobre Dante*. Pelo amor de Deus, eu era amante
dele! Não acha que o Velho Hut poderia ter se

dado o trabalho de escrever mais de uma frase?

Julia a encarou horrorizada, e a professora Pic-
ton deu uma risadinha.

– Hoje em dia consigo achar graça, mas me
senti infeliz por vários anos. Eu era apaixonada
por um homem casado e lamentava não tê-lo só
para mim. Não pude me casar nem ter filhos.
Assim que comecei a apresentar minha pesquisa,
os boatos perderam força. Quando as pessoas
ouviram minhas palestras e viram que eu discor-
dava do Velho Hut em alguns pontos, perce-
beram que eu sabia do que estava falando. Tra-

balhei muito duro para fazer meu nome e sair da sombra dele. É por isso que, no momento em que ele estava morrendo, a única pessoa que sabia o

210/1201

que havia acontecido entre nós dois era a sua esposa.

Katherine fitou Julia com um olhar firme.

– Fiz o melhor que pude para desacreditar a Srta. Peterson esta manhã e continuarei a fazê-lo. Mas, mesmo que eu fracasse, com o tempo todos voltarão suas atenções para o mais recente escândalo. Quando tiver seu cargo na universidade, os boatos já terão sido esquecidos.

– Ainda faltam seis anos para isso, professora.

A professora Picton sorriu.

– Levando em conta o que compartilhei com você esta noite, acho que deveria me chamar de Katherine.

– Obrigada, Katherine. – Julia retribuiu o sorriso timidamente.

– Você pode ajudar as pessoas a esquecerem as fofocas sendo excepcional no que faz. Se provar o seu valor, nenhuma fofoca no mundo poderá diminuí-lo. Talvez precise se esforçar mais do

211/1201

que as outras pessoas, mas me parece que você tem medo de trabalhar duro. Ou estou enganada?

– Não, não tenho medo.

– Ótimo. – Katherine se recostou na cadeira. – Meu próximo conselho será um pouco mais difícil de ouvir.

Julia se preparou para o impacto das palavras seguintes.

– Você precisa ser mais assertiva, academicamente falando. Compreendo que seja tímida e seja da sua natureza evitar confrontos. Mas, no meio acadêmico, não pode agir assim. Quando apresentar um artigo e for contestada por alguém, precisa contestar de volta. Não pode aceitar calada as críticas equivocadas ou maliciosas, sobretudo em público. Entende isso?

– Não acho que eu tenha problemas em defender meus pontos de vista nas apresentações. A professora Marinelli tem ficado satisfeita.

212/1201

– Que bom. Meu conselho para amanhã é: seja você mesma. Seja brilhante. Seja excepcional. E não se permita ser devorada por lobos.

Julia arregalou os olhos diante daquelas palavras, mas ficou calada.

– Também não deve deixar que seu marido a defenda. Isso faz você parecer fraca. Precisa defender a si mesma e as suas ideias se quiser ter sucesso. Gabriel não vai gostar disso, mas você pre-

cisa lhe mostrar que, quando ele vem em seu auxílio, faz você parecer desamparada. O cavalheirismo está morto na academia.

Julia assentiu, um pouco insegura.

Katherine terminou a cerveja.

– Agora, vamos ver se Gabriel conseguiu encantar aquela velharada da Sociedade Dante Alighieri de Oxford a ponto de eles se esquecerem do que ouviram esta manhã. – Ela deu uma piscadela. – Se bem que, para alguns deles, o que ouviram só serviria para torná-lo ainda mais atraente. Temo



213/1201

que seu marido seja muito mais interessante do que eles possam imaginar.

Gabriel utilizou o tempo longe de Julianne com sabedoria. Foi com velhos amigos e recém-conhecidos ao pub The King's Arm e pôs toda a sua lábria em ação. Ao fim de uma hora, tinha conseguido dar a meia dúzia de especialistas em Dante motivos para acreditarem que Christa Peterson não passava de uma ex-aluna ciumenta e que ele e Julia eram vítimas de difamação. Assim, seu humor estava bem melhor quando se juntou à professora Picton e a Julia para jantar. Conforme o vinho fluía, Katherine falava com desenvoltura, enquanto Gabriel se empenhava em manter o ritmo da conversa.

Julia estava calada, mais até do que o normal, e seus grandes olhos pareciam cansados. Ela mal
214/1201

tocou na comida nem se sentiu tentada a pedir sobremesa. Estava claro que os acontecimentos do dia tiveram um custo alto.

Quando ela pediu licença para ir ao banheiro, Katherine lançou um olhar preocupado para Gabriel.

– Ela precisa descansar. A pobrezinha está exausta.

– É verdade. – Gabriel tinha uma expressão pensativa,

mas

não

teceu

mais

nenhum

comentário.

Katherine meneou a cabeça para a taça de vinho vazia dele.

– Você parou de beber.

– Sim, parei. – Ele abriu um sorriso paciente.

– Não é má ideia. Eu também tenho meus períodos de abstinência. – Ela limpou a boca com o guardanapo. – Você aceitaria um conselho maternal de alguém que não é sua mãe?

Gabriel se voltou para ela bruscamente.

215/1201

– Sobre o quê?

– Às vezes fico preocupada com sua capacidade de lidar com seus detratores. Ainda mais agora que está casado.

Ele começou a discordar, mas Katherine o interrompeu:

– Estou velha, posso me comportar como bem entender. Mas você não pode ser o defensor de Julianne no meio acadêmico. Quando sai em defesa dela, faz com que ela pareça fraca.

Gabriel dobrou seu guardanapo e o pousou na mesa.

– O incidente desta manhã com Christa Peterson não serve de parâmetro. Ela tentou destruir nossas carreiras.

– Exatamente. Mas, mesmo nesse caso, acredito que você tenha causado mais mal do que bem. Gabriel franziu a testa e Katherine decidiu mudar de tática:

216/1201

– Nós somos bons amigos, eu e você. Gosto de pensar que, se tivesse um filho, ele teria sua inteligência e seu talento.

A expressão dele se suavizou.

– Obrigado, Katherine. Sua amizade é muito importante para mim.

– Eu dei alguns conselhos a Julianne. Tenho certeza de que ela irá lhe contar tudo sobre a nossa conversa. Mas, antes que ela volte, quero que pense sobre o que eu acabei de dizer. Ela é uma jovem boa e muito inteligente. Deixe-a brilhar.

– É tudo o que quero – respondeu ele, fitando as próprias mãos.

Seus olhos foram atraídos pela luz refletida em sua aliança e ele a observou por alguns instantes.

– Ótimo. – Katherine bateu com o dedo na mesa, como se quisesse encerrar o assunto. – Espero ser convidada para jantar na casa de vocês quando for dar minhas palestras em Harvard, em



217/1201

janeiro. Greg Matthews sempre me leva a um daqueles pavorosos restaurantes de gastronomia molecular onde servem entradas preparadas em nitrogênio líquido. Nunca sei se estou jantando ou fazendo uma prova de química inorgânica. Depois do jantar, Gabriel insistiu que eles acompanhassem Katherine até o All Souls College, onde ela estava hospedada. Ao chegar lá, despediram-se e combinaram se encontrar para tomar café.

– Às oito e meia em ponto – falou Katherine,

dando tapinhas no relógio de pulso. – Não se atrasem.

– Nem sonhando. – Gabriel fez uma mesura.

– Até parece.

Com um aceno, ela desapareceu atrás da grande porta de madeira, que se fechou atrás dela.

218/1201

Os dois ficaram sozinhos ali e Gabriel pegou a mão de Julia, notando que seus dedos tinham ficado gelados. Ao tentar aquecê-los, tocou sua aliança e seu anel de noivado.

– Sei que está cansada – disse ele. – Mas gostaria de lhe mostrar uma coisa. Não vai demorar nada.

Ele a conduziu ao redor da Radcliffe Camera, a grandiosa construção circular que se tornara um ícone da universidade. O céu estava escuro, sem luar, mas algumas luzes iluminavam a impressionante estrutura.

Ao se aproximarem dela, ele apertou a mão de Julia.

– Eu costumava passar muito tempo andando em volta deste prédio. Sempre tive grande admiração por ele.

– É fantástico.

Julia examinou com entusiasmo a arquitetura, a interação entre pedra, cúpula e pilares. O céu

219/1201

estava negro como nanquim e o domo quase parecia brilhar contra esse pano de fundo.

Gabriel levou as mãos às faces de Julia, aninhando o rosto dela.

– Quero conversar sobre o que aconteceu hoje de manhã.

Ele sentiu a tensão dela sob seu toque. Seus olhos buscaram os dela e ele roçou os polegares com carinho pelas suas maçãs do rosto.

– Me perdoe por ter constrangido você – disse ele.

– Sei que a princípio não foi fácil para você dar as costas e se afastar de Christa. Mas, no fim das contas, conseguiu. E eu lhe

agradeço por isso. –

Os olhos negros dela cintilaram. – Você ainda gosta de brigar.

Gabriel tomou as mãos dela nas suas e as trouxe para junto do peito.

220/1201

– Gosto de brigar com os outros, não com você.

Christa é perigosa. A única maneira de lidar com pessoas como ela é confrontando-as.

Julia ergueu o queixo.

– Às vezes é preciso deixar quem é ruim se queimar sozinho. Ou pelo menos dar a chance a quem está sendo atacado de decidir por conta própria o que deve ser feito.

– Eu posso fazer isso. Ou posso pelo menos tentar.

– É tudo que lhe peço. – Julia roçou os lábios nos dele. – Lamento que ela tenha falado da professora Agonia. Não fazia ideia de que elas se conheciam.

Gabriel fechou os olhos. Ao abri-los, estavam angustiados.

– Eu assumo meu passado. Mas o deixei para trás. Será que preciso ser lembrado dele para sempre?

– Sinto muito.

221/1201

Julia passou os braços pelas costas dele, colando seu peito no de Gabriel.

Eles ficaram calados por alguns instantes, então Gabriel enterrou o rosto no pescoço dela, abraçando-a com força.

– Caravaggio – disse Julia.

– Como é?

– Estava me lembrando do que você disse sobre o quadro dele que retrata São Tomé e Jesus, como nossas feridas podem sarar, mas as cicatrizes ficam para sempre. Você não pode apagar o passado, só não precisa ser controlado por ele.

– Eu sei disso. Mas ninguém gostaria que suas experiências sexuais fossem alardeadas para seus

colegas de trabalho.

– Bem, qualquer pessoa que o julgar com base em velhos boatos não é sua amiga. – Ela recuou para olhar nos olhos de Gabriel. – Nós, que conhecemos você, vamos ignorar esse tipo de fofoca.



222/1201

– Obrigado. – Ele beijou a testa de Julia antes de fitá-la nos olhos. – As pessoas e as circunstâncias vão conspirar para nos afastar um do outro, Julianne. Não podemos permitir isso.

– E não vamos permitir.

– Não tive intenção de ignorá-la. Você é a coisa mais importante da minha vida – sussurrou ele.

– E você a da minha.

Ela uniu sua boca à dele, sentindo o movimento de seus lábios macios.

Longe dali, o professor Giuseppe Pacciani gemeu de prazer e se deixou cair sobre o corpo da amante. O sexo com ela era sempre magnífico e dessa vez não fora diferente.

Ele balbuciou algumas palavras em italiano, como de costume. Mas, em vez de recebê-las de
223/1201

bom grado, ela o empurrou de cima de si e rolou para o lado. Infelizmente, isso não era incomum.

– Cara?

Christa Peterson cobriu seu corpo nu com o lençol.

– Vou precisar do quarto amanhã à noite. Você vai ter que arranjar outro lugar para dormir.

Com um xingamento, Giuseppe pousou os pés descalços no chão e foi ao banheiro jogar a camisinha fora.

– Este quarto é meu.

– Não – rebateu ela. – É meu. Você sempre paga a minha hospedagem. E eu vou receber convidados amanhã à noite.

Giuseppe voltou para a cama e logo ela estava debaixo dele de novo, seus braços apoiados ao lado dos ombros de Christa.

– Já vai levar alguém para a cama? Os lençóis

ainda vão estar quentes.

Os olhos negros dela faiscaram.

224/1201

– Não venha me julgar. Você é casado. Não é da sua conta com quem eu trepo.

Ele se inclinou para beijá-la, seus lábios insistindo até ela abrir a boca.

– Que boca suja, Cristina.

– Você adora quando falo sujeira.

Ele suspirou e um sorriso malicioso se abriu em seu rosto.

– *Si*.

Ele se virou de costas, arrastando-a junto.

– Quero me levantar. – Christa tentou se desvencilhar dele.

– Não.

Ela se debateu, mas Giuseppe não estava disposto a soltá-la. Por fim, ela cedeu, descansando a cabeça no peito dele.

Giuseppe brincou com seus cabelos. Isso fazia parte do acordo entre eles. Depois do sexo, Christa precisava deixar que ele a abraçasse.

225/1201

Talvez ele fizesse isso só para se convencer de que havia algo de afetuoso na relação. Ou talvez para não se sentir um adúltero totalmente inescrupuloso. Qualquer que fosse o motivo, ela sempre resistia por alguns instantes, embora no fundo gostasse de ser abraçada.

– Foi uma surpresa ter notícias suas, Cristina.

Devíamos ter nos encontrado um ano atrás. Você nunca retornou meu contato.

– Estava ocupada.

Ele levou as pontas dos cabelos negros dela ao nariz, inalando seu perfume.

– Eu bem que estava me perguntando por que você insistiu que eu a trouxesse comigo. Você queria vingança.

– Estamos os dois conseguindo o que queremos.

Ele parou de mexer os dedos.

– Cuidado, Cristina. Você não vai querer ter a

professora Picton como inimiga.

226/1201

– Não estou preocupada com isso.

Pacciani praguejou.

– Você não entende como funcionam as indicações no meio acadêmico? A professora Picton tem admiradores espalhados por departamentos no mundo todo. A diretora do seu departamento em Colúmbia foi aluna dela.

– Não sabia disso – respondeu Christa, encolhendo os ombros. – Tarde demais. Ela já está puta comigo.

Pacciani segurou o queixo de Christa de um jeito rude, forçando-a a encará-lo.

– Sou responsável por você agora. Então você vai parar com isso. Estou tentando conseguir uma vaga nos Estados Unidos e não quero que a professora Picton me atrapalhe.

Christa ficou calada por alguns instantes, examinando a expressão ameaçadora do professor.

– Está bem – disse ela, com um biquinho. – Mas preciso do quarto amanhã à noite.

227/1201

– *Va bene.*

Ele soltou o queixo dela e voltou a alisar seus longos cabelos negros.

– Qual é o nome dele?

– De quem?

– Do homem que fez você ficar assim.

Os músculos de Christa se retesaram sob os dedos dele.

– Não sei do que você está falando.

– Sabe, sim, *tesoro*. Foi seu pai? Ele por acaso...

– Não. – Ela o fitou com um olhar furioso. –

Meu pai é um bom homem.

– *Certo, cara. Certo.* Durante todo esse tempo que nos conhecemos, você sempre teve amantes, mas nenhum pretendente. Deveria estar casada, com filhos. Mas, em vez disso, vai para a cama com homens mais velhos em troca de presentes caros.

228/1201

– Não vou para a cama com você por causa dos seus presentes. Vou para a cama com você porque gosto de sexo.

Ele riu.

– *Grazie*. Mas, ainda assim, você sempre precisa ganhar presentes. –

Giuseppe colou os lábios à testa dela. – Por quê?

– Gosto de coisas bonitas. Isso não é crime. E eu valho a pena.

– Sabe o que eu acho, *tesoro*?

– Pare de me chamar assim. – Ela tentou se afastar.

Giuseppe passou a mão pela nuca de Christa, segurando-a no lugar.

– Você não acha que valha a pena e é por isso que exige presentes. Triste, não?

– Não quero sua piedade.

– Mas a tem assim mesmo.

– Então você é um idiota.

Ele a segurou com mais força.

229/1201

– Você transa com padres e homens mais velhos e casados porque tem medo do que pode acontecer se for para a cama com alguém que não seja comprometido.

Ela se debateu nos braços dele.

– Desde quando você é psicanalista? Não projete suas neuroses em mim. Pelo menos não estou traindo minha esposa.

– *Attenzione, Cristina*. – Seu tom era de alerta.

– Quem é o homem com quem vai trepar amanhã à noite? Um padre? Um professor?

Ela o encarou por alguns instantes, depois correu um dedo pelo seu lábio inferior.

– Quem disse que é um homem?

Giuseppe a fitou com um olhar voraz.

– Então espero que a dívida comigo.

CAPÍTULO ONZE

– Acorde, querida. – Gabriel correu o polegar pelas sobrancelhas de Julia. – Você precisa se

arrumar.

Ela enterrou o rosto no travesseiro e balbuciou algo ininteligível.

Ele riu, pensando em como ela ficava linda daquele jeito.

– Vamos, você precisa tomar banho antes que um dos nossos vizinhos ocupe o banheiro.

– Vá você primeiro.

– Já tomei banho, fiz a barba e me vesti, querida.

Ele deslizou as costas da mão pela espinha nua de Julia, e sentiu um grande prazer ao vê-la estremecer.

231/1201

– Você me manteve acordada até muito tarde – resmungou Julia.

– Se não se apressar, Katherine vai ficar zangada conosco.

– Não vou tomar banho. Posso dormir mais um pouco.

Gabriel a virou de barriga para cima e esfregou o nariz em sua clavícula, inalando seu aroma.

– Você está cheirando a sexo – sussurrou ele, sua língua despontando da boca para provar a pele dela. – E a mim.

– É por isso que não vou tomar banho. Nosso sexo de reconciliação foi incrível e quero me lembrar dele.

Gabriel precisou de todo o seu autocontrole

para não puxar os lençóis de cima de Julia e fazer sexo selvagem e apaixonado

(e que deixa cheiro)

com ela. Mas se apressou em conter seus impulsos.



232/1201

– Você não pode dar uma palestra em Oxford cheirando a sexo.

– Isso é um desafio?

Gabriel tirou o relógio de pulso. Então olhou para a esposa.

Em seguida, despiu todas as suas roupas e

começou a fazer sexo pré-conferência – selvagem, passional e que deixa cheiro (apesar de rápido). Os Emersons saíram atrasados para o All Souls College. Enquanto caminhavam até lá a passos rápidos, Julia contou a Gabriel a história entre Katherine e o Velho Hut.

Ele ficou surpreso. Já tinha ouvido falar do professor Hutton, mas nunca o conhecera. Pelo jeito, ele era um cafajeste.

233/1201

(Imagine quão cafajeste Hutton foi, levando em conta o passado do professor que fazia tal julgamento.)

Gabriel estava grato pelo apoio da professora Picton e lhe disse isso durante o café da manhã no All Souls, expressando sua esperança de que Christa abrisse mão da oportunidade de causar problemas para Julia durante a palestra.

– Bobagem – falou Katherine. – Julianne tem a situação sob controle e o melhor que podemos fazer é deixá-la cuidar das coisas.

Julia sorriu com bravura, brincando com o cordão de prata que Gabriel lhe dera em Selinsgrove.

Quando entraram no St. Anne's College depois do café, Gabriel enlaçou Julia pela cintura, abraçando-a.

– Você está linda. E vai arrasar.

Ela baixou os olhos para seu terninho azul-marinho e os sapatos de salto alto básicos, da mesma

234/1201

cor. Gabriel queria que ela usasse Prada ou Chanel, mas Julia não se sentia à vontade ostentando o dinheiro dele. Preferia que as pessoas se concentrassem em sua pesquisa, e não em suas roupas. Então comprou um conjunto simples de blazer e saia na Ann Taylor e um modesto par de sapatos na Nine West. Mesmo assim, levando em conta o modo como alguns dos presentes se vestiam (com exceção de Christa Peterson), ela ainda sentia que havia exagerado um pouco na

produção.

Debaixo das roupas, sabia que usava o perfume de Gabriel e o corpete que ele comprara para ela, o que reforçava consideravelmente sua confiança.

– Vou buscar um café. O que você quer? – perguntou ele com um sorriso, soltando-a.

– Uma garrafa d’água, por favor. Vou me sentar, se você não se importa.

– De modo algum. Encontro você lá dentro.

235/1201

Julia retribuiu o sorriso e entrou no auditório sozinha.

Gabriel trocou amenidades com alguns colegas antes de ir em direção à mesa de bebidas. Quando terminou de servir seu café e pegou a garrafa d’água, todos já haviam saído.

Ou pelo menos foi o que ele pensou.

– Olá, professor.

A voz provocante atrás dele chamou sua atenção. Ao se virar, Gabriel deparou com Christa pairando ao seu redor como uma assombração.

– O que você quer? – perguntou ele, ríspido, com uma expressão homicida no rosto.

– Você queria falar comigo ontem. Então... fale.

Gabriel correu os olhos pelo espaço vazio, perguntando-se se era possível ouvi-los do auditório.

236/1201

Christa se aproximou dele mais do que o apropriado e fechou os olhos, inspirando fundo.

Quando tornou a abri-los, estavam vorazes.

– Você cheira a sexo.

– Não faça seus joguinhos comigo. Quero que pare de nos difamar.

– Isso não vai acontecer.

– Então irei processá-la.

Algo passou rapidamente pelo rosto de Christa, mas ela logo mudou de expressão, abrindo um sorriso.

– Por quê? Por falar a verdade?

– Não há verdade nenhuma nas suas calúnias.

Você não foi assediada em Toronto. E Julia faz a própria pesquisa, o que é óbvio para qualquer pessoa que tenha metade de um cérebro.

O som de uma risada ecoou pelo recinto, vindo do auditório. Gabriel se virou naquela direção.

Christa ergueu a voz para recuperar sua atenção:

237/1201

– Você está se esquecendo da parte em que trepou com uma das alunas e foi obrigado a tirar uma licença. É uma história interessante. Isso sem considerar que a professora Singer tinha muita coisa a dizer a seu respeito. Pena que ela não tirou fotos. Eu bem que gostaria de ter uma. Ela ergueu a mão para limpar uma sujeira imaginária da lapela do terno azul-marinho de Gabriel.

Ele agarrou sua mão e a apertou. Com força.

– Você está brincando com fogo.

Christa se aproximou ainda mais, levando a boca a poucos centímetros da dele.

– Ah, espero que sim, professor.

Gabriel a soltou com repulsa, recuando e limpando as mãos como se tivessem sido contaminadas. Lançando outro olhar na direção do auditório, decidiu dar um fim àquele confronto.

– Mantenha a boca fechada. Ou vou tornar sua vida um inferno.

238/1201

– Não há por que ser hostil. O poder de acabar com isso está em suas mãos. – Christa gesticulou para a virilha dele, e seus lábios se voltaram para cima em um sorriso apreciativo. – Na verdade,

está um pouco mais abaixo.

Ele murmurou um xingamento e começou a se afastar, mas ela o seguiu.

– Venha ao meu hotel e amanhã não precisará mais se preocupar com minha boca talentosa. – Ela pousou a mão em seu braço, baixando a voz

até um sussurro sedutor: – *Eu conheço você*. Sei do que gosta e o que quer.
Vamos trepar a noite
inteira e depois cada um seguirá o seu caminho.
Ele afastou sua mão com um gesto brusco.
– Não.
– Então a culpa do que acontecer depois será
toda sua.
Gabriel deu um passo na direção dela.
– Fique longe da minha esposa, está me
ouvindo?
239/1201

– Estou no Malmaison. Ele já foi uma prisão, o
que deve soar tentador para você. – Christa ficou
na ponta dos pés para levar os lábios à orelha
dele. – Eu trouxe algemas.
Gabriel estava ocupado demais empurrando-a
para longe para perceber que ela havia posto algo
no bolso do seu paletó.
Com um sorriso afetado, acenou para ele.
– Esta noite é sua única chance. Venha antes da
meia-noite.
Ela se virou em seus saltos altíssimos e se
afastou, rebolando de forma sedutora. Então,
como se tivesse acabado de se lembrar de algo,
parou e olhou para ele por sobre o ombro.
– Ah, mande lembranças minhas à sua *esposa*.

CAPÍTULO DOZE

Alguns minutos depois, Gabriel corria os olhos
pela plateia do auditório, procurando Julia. Seus
olhos se arregalaram ao ver a cena que se desen-
rolava bem em frente ao palco. Julia estava sendo
abraçada. Por alguém grande. Por um homem.
Um homem... bonito.
Gabriel correu para chegar à frente do salão.
Observou Julia se afastar do homem, o rosto feliz, seu lábios desejáveis
curvados num sorriso.
O homem tirou os braços da cintura dela com
relutância, antes de dizer algo que a fez rir.
Gabriel estava pronto para estrangular aquele
sujeito e depois desafiá-lo para um duelo.
Enquanto ele se aproximava, os olhos de Julia

encontraram os seus. O homem se voltou na direção do olhar dela.

241/1201

Gabriel parou de andar.

– *Papa-anjo*.

– O quê?

Paul Norris estreitou os olhos para seu antigo orientador, sem saber ao certo se tinha ouvido o que achava que tinha ouvido. Ele sem dúvida tinha alguns apelidos preferidos para o professor e quase nenhum era elogioso.

Papa-alunas, pensou Paul.

– Esta conferência está ficando cada vez melhor – resmungou Gabriel antes de se esticar, revelando sua imponente altura de quase 1,90 metro.

– Professor Emerson. – Inconscientemente,

Paul flexionou os bíceps e estufou o peito.

– Paul. – Gabriel foi para o lado de Julia, possessivo, entregando-lhe a garrafa d'água.

– Cumprimentem-se com um aperto de mãos, cavalheiros. – Ela franziu o cenho, alternando olhares entre o amigo e o marido.

Os dois aceitaram a sugestão sem entusiasmo.

242/1201

– Não sabia que você vinha. – Gabriel encarou Paul com um olhar incisivo.

– Eu não vinha. Mas um dos palestrantes não pôde comparecer, então fui convidado pela professora Picton. Vou apresentar minha palestra logo antes de Julia.

Julia sorriu.

– Que ótimo. Parabéns.

Paul ficou radiante.

– Posso convidá-la para almoçar? – perguntou ele, concentrando-se exclusivamente nela.

– É uma pena, mas ela já tem outros planos.

Julia lançou para o marido algo que só poderia ser chamado de *o olhar*, antes de assentir para Paul.

– Adoraria almoçar com você. Obrigada.

Gabriel segurou o cotovelo da esposa.

– Não creio que isso seja apropriado –

murmurou.

– *Querido* – sussurrou ela, em tom de alerta.

243/1201

– Olá, Sr. Norris – interrompeu Katherine. Ela apertou a mão de Paul com firmeza antes de se voltar para Gabriel. – O Sr. Norris e eu vamos jantar juntos hoje à noite. Gostaria que você e Julianne se juntassem a nós.

– Seria um prazer – falou Gabriel, com a voz tensa. – Já que vamos jantar juntos esta noite, Sr. Norris, reservo-me o direito de almoçar com a minha esposa. – Ele sorriu, revelando todos os seus dentes brancos como porcelana.

– Amor, posso dar uma palavrinha com você? – pediu Julia. Então voltou-se para Katherine e Paul. – Voltamos num instante.

Julia pegou a mão de Gabriel e o conduziu até um canto reservado do salão.

– Quero almoçar com ele.

– Só por cima do meu cadáver. – Gabriel cruzou os braços na frente do peito.

– Ele é um velho amigo.

– Um velho amigo que já beijou você.

244/1201

– Isso foi quando você me abandonou. E, como deve lembrar, eu o rejeitei. – Ela também cruzou os braços, imitando a postura dele.

Gabriel fechou a cara.

– Ele quer você.

– Paul nunca daria em cima de uma mulher casada. É só um almoço. Então eu lhe peço, por favor: não transforme isso em um problema.

– Mas é um problema.

– Não o vejo há um ano. Quero conversar com ele, saber como está. Talvez tenha voltado com a Allison.

– Ele ainda é apaixonado por você.

– Não é, não.

Gabriel a pressionou, baixando a voz:

– Você se esquece de que mulheres bonitas, inteligentes e boas são fáceis de encontrar. Um

homem faria qualquer coisa para ter uma mulher como você. Inclusive roubá-la do marido.

Julia empertigou-se.

245/1201

– Você se esquece de que, quando uma mulher encontra um bom homem, que a ama e a faz feliz, ela não sai traindo-o por aí.

Gabriel se encolheu.

Antes que pudesse evitar, seu olhar cruzou com o de Christa, que o provocava, alternando olhares entre ele e Julia com uma expressão convencida.

Gabriel voltou a olhar para a esposa e descruzou os braços.

– Está bem, mas não gosto disso.

Julia se pôs na ponta dos pés e deu um beijo no rosto dele.

– Posso conviver com isso. Obrigada.

Poucos minutos depois, Gabriel se viu na desconfortável posição de ter que ver sua esposa se sentar ao lado do Papa-anjo, enquanto ele se acomodava do outro lado dela. Julia e o amigo trocaram algumas palavras bem-humoradas antes de as palestras começarem, e Gabriel se ressentiu de cada uma delas.

246/1201

Esta conferência é como uma jornada pelos vári-os níveis do Inferno, pensou. A única coisa que falta é um Virgílio respeitável e hordas de pessoas aos gritos.

Uma coisa era suportar os ataques e as investidas da Srta. Peterson. Outra bem diferente era ver a esposa nos braços de outro homem. E do Papa-anjo, ainda por cima.

Numa tentativa de se acalmar, Gabriel começou a recitar a oração de São Francisco em italiano.

Ele sabia que deveria contar a Julia sobre seu confronto com Christa. Mas também sabia que isso iria aborrecê-la e talvez arruinar sua chance de se apresentar de forma serena e autoconfiante

diante do público. Portanto, guardou os detalhes desagradáveis para si.

Além disso, ele tinha que se preocupar com o Sr. Norris.

Paul tinha sido um bom e fiel amigo de Julia,

sobretudo quando ela mais precisara. Mas

247/1201

também havia tentado conquistá-la, algo que Gabriel entendia, mas nunca conseguiria perdoar. Queria manter Julia o mais longe possível dele. Mas a expressão no rosto dela ao vê-lo eliminara essa possibilidade. No dia anterior, ela tivera pouquíssimos motivos para sorrir. Gabriel não queria apagar aquele sorriso agora.

Ele começou a bater discretamente o pé no chão quando o primeiro palestrante começou a falar. Nem se deu conta do barulho incômodo produzido por seus sapatos italianos até Julia pousar a mão de leve em seu joelho.

Ele sacou sua Meisterstück 149 e ficou brincando com ela, tentando em vão passá-la por sobre os dedos da mão com um só movimento. Em um esforço para se distrair de uma palestra que jurava já ter ouvido antes, lembrou-se de sua briga bastante pública com Julia, quando ela ainda era sua aluna. Ela o provocara diante de Paul, Christa e do restante da turma. Gabriel

248/1201

ficara constrangido e furioso. Em sua ira, tinha até destruído uma cadeira muito boa da Ikea. Ele aprendera muito com Julia nesse meio-tempo, e uma das principais lições tinha sido a importância de perdoar o próximo e a si mesmo. Mas as tendências pacifistas de Julia eram exageradas demais. Sem ele, ou alguém como ele, ela seria magoada e maltratada.

Gabriel a observou, pensativo. Talvez ela tivesse se tornado uma pacifista justamente *porque* fora maltratada. Talvez o fato de carregar cicatrizes

lhe trouxesse uma consciência mais aguda do dano que palavras e atitudes cruéis poderiam causar. Ele refletiu sobre essa conclusão por alguns instantes, fitando-a até ela se remexer, desconfortável, em sua cadeira.

Julianne era linda, com a pele muito branca e os olhos grandes, mas não sabia disso. Não via o que

os outros viam e, embora tivesse progredido muito desde o início do relacionamento deles, 249/1201

Gabriel sabia que sua autoimagem sempre seria inferior ao que deveria ser. E era porque tinha consciência disso que tomava o cuidado de protegê-la, inclusive de si mesmo. Não estava nem um pouco disposto a deixar que o Papa-anjo se aproveitasse da fraqueza dela.

CAPÍTULO TREZE

Janeiro de 2011

Arredores de Essex Junction, Vermont

Paul Norris pisou em um monte de bosta de vaca.

– Merda – exclamou ele, levantando a bota.

Bessie, uma das estimadas vacas Holstein do seu pai, lançou-lhe um olhar contrariado.

– Desculpe, Bessie.

Ele afagou o pescoço da vaca e começou a limpar a bota com uma pá.

De manhã bem cedo, enquanto removia esterco do celeiro, ele refletia sobre o funcionamento do

universo, sobre as leis do carma e sobre o que sua vida tinha se tornado. Então pensou *nela*.

251/1201

Julia iria se casar com o canalha. Àquela hora do dia seguinte, o casamento já teria acontecido. Era inacreditável.

Depois de tudo por que Emerson a fizera passar... depois de ter sido tratada de forma tão paternalista, estúpida e controladora. Ela o perdoou. Pior: não só o perdoou; iria *se casar* com ele.

Emerson, o babaca.

Emerson, o babaca.

Por quê?

Por que os caras legais sempre se dão mal?

Por que os Emersons do mundo sempre ficam com a garota?

Não existe justiça no mundo. Ele fica com a garota, enquanto eu fico aqui limpando esterco.

Julia disse que Gabriel tinha mudado, mas, sinceramente, quanto um homem pode mudar em seis meses?

Ele estava feliz por não ter aceitado o convite para o casamento. Ficar lá parado, vendo os dois se olharem nos olhos e fazerem seus votos, 252/1201

sabendo que Emerson iria levá-la para um hotel e...

Paul rosnou como um homem apaixonado que perdera a amada.

(Pelo menos ele tinha esterco de sobra com que se ocupar.)

Fora trabalhar na fazenda da família em Vermont porque o pai estava se recuperando de um ataque cardíaco. Apesar da boa recuperação, os médicos o instruíram a evitar qualquer trabalho que envolvesse esforço físico.

Quando saiu do celeiro e voltou para casa, às oito horas, Paul estava ansioso para tomar seu café da manhã. Estava frio e o vento soprava pelas árvores que algum ancestral dos Norris havia

plantado para proteger do vento a grande casa de fazenda. Até Max, o border collie da família, sentia frio. Ele corria em círculos, latindo para a neve que caía e implorando que o deixassem entrar na casa.

253/1201

Um carro subiu o longo caminho de entrada, que vinha diretamente da estrada principal, e parou a poucos centímetros de Paul. Ele logo reconheceu o veículo – um Fusca verde-limão. Também reconheceu a motorista assim que ela abriu a porta, pousando suas botas de pele de carneiro no solo recém-arado.

Allison tinha cabelos negros e cacheados, sardas e olhos azuis cheios de energia. Era engraçada, inteligente e dava aulas num jardim de infância em

Burlington. Também era a ex-namorada de Paul. – Oi – disse ela com um aceno. – Trouxe café. Paul notou que ela carregava uma bandeja com quatro cafés grandes do Dunkin' Donuts e uma sacola de guloseimas. Ele imaginava que, entre elas, houvesse rosquinha frita coberta de açúcar.

– Entre. Está um gelo aqui fora. – Paul gesticulou em direção à casa com a mão enluvada e seguiu Allison e Max pela neve.

254/1201

Paul deixou as botas e as roupas de frio no hall de entrada e pendurou as luvas em um cabideiro para secarem. Então foi a lavar as mãos, esfregando-as com força debaixo da água quente. Conseguia ouvir a mãe, Louise, conversando com Allison em voz baixa na cozinha. Ela não parecia surpresa com a visita de Ali. Paul começou a se perguntar se a visita era mesmo tão inesperada assim.

Quando chegou à cozinha, a mãe desapareceu com dois copos de café.

– Como está o seu pai? – perguntou Allison, entregando-lhe o copo dele.

Ele tomou um gole, com a intenção de adiar a resposta. O café estava perfeito: preto com dois cubos de açúcar. Ali sabia como ele gostava.

– Melhor. – A voz se Paul soou tensa. Ele sentou-se de frente para ela à mesa. – Está sempre tentando trabalhar e mamãe fica dizendo que

255/1201

não. Pelo menos ele não conseguiu sair de casa esta manhã. Ela o impediu a tempo.

– Nós mandamos flores para o hospital.

– Eu vi. Obrigado.

Eles ficaram sentados em silêncio, constrangidos, até Allison estender a mão por sobre a mesa para pegar a de Paul.

– Fiquei sabendo do casamento.

Paul ergueu os olhos para ela, surpreso.

– Sua mãe contou para a minha. Elas se encontraram por acaso no supermercado. – Allison revirou os olhos.

Ele balançou a cabeça, mas ficou calado.

– Se lhe servir de consolo, sinto muito. É claro que ela é uma idiota.

– Não é, não. Mas obrigado.

Paul apertou a mão dela. Quis recolher a sua, mas era gostoso segurar a mão de Ali. Era uma

sensação familiar, reconfortante, e só Deus sabia

256/1201

quanto ele precisava ser confortado, então deixou a mão onde estava.

Ali sorriu e tomou um gole de café.

– Sei que não é um bom momento, mas quero

que saiba que estou aqui.

Ele se remexeu na cadeira, concentrando-se no café.

– Quer ir ao cinema? – perguntou ela depressa.

– Quero dizer, algum dia. Não agora. Está muito cedo para ir ao cinema. – Allison observou o rosto de Paul e corou.

– Não sei. – Ele soltou a mão dela e se recostou na cadeira.

– Não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós. Somos amigos há muito tempo e prometemos que continuaríamos sendo. – Ela contornou a borda do seu copo com a unha.

– Só que as coisas estão... complicadas para mim no momento.

Allison arranhou a superfície do copo.

257/1201

– Não quero que você se sinta preso a nada.

Minha intenção é apenas que sejamos amigos. Sei que você está ocupado... e tudo mais.

Ela começou a arrancar pedacinhos do copo de café e a depositá-los ordenadamente sobre a mesa da cozinha.

– Ei. – Paul pegou a mão dela no momento em que Allison rasgava mais um pedaço. – Relaxe.

Ele fitou os olhos dele e o que viu foi aceitação e gentileza. Deu um suspiro aliviado.

Paul tornou a recolher a mão, envolvendo o copo com ela.

– Nós temos uma história. Uma boa história.

Mas não quero voltar a ter um relacionamento com você. Seria fácil demais.

– Eu nunca fui fácil, Paul. – Allison soou ofendida.

Ele pigarreou e a encarou.

– Eu nunca disse isso. O que quero dizer é que seria tentador voltar ao que nós tínhamos antes, 258/1201

seria confortável. Você merece estar com alguém que se entregue por inteiro, não pela metade. Paul se distraiu durante os instantes de silêncio que se seguiram, até perceber que Allison estava esperando por algo.

Ele pestanejou.

– O que foi?

– Nada. – Ela se empertigou na cadeira. –

Então, vamos marcar um cinema qualquer dia desses ou não? Talvez eu até leve você para jantar no Leunig's, agora que estou ganhando uma nota

preta como professora.

Paul se pegou sorrindo; e o sorriso era sincero.

– Só se você me deixar levar você para tomar café da manhã no Mirabelle's.

– Combinado. Quando?

– Pegue seu casaco.

Paul a seguiu até a porta dos fundos e ajudou-a a vestir o casaco. Quando Allison quase caiu tentando calçar as botas, ele se ajoelhou no chão

259/1201

coberto de areia e sal por causa da neve e as colocou nos seus pés.

– Metade de você é melhor do que qualquer outra pessoa por inteiro – sussurrou ela, ainda que apenas para si mesma.

CAPÍTULO CATORZE

Julho de 2011

Oxford

Assim que o intervalo para o almoço começou,

Julia se retirou para ir ao banheiro e pediu a Paul que a esperasse. Quando subia de volta as escadas

que levavam ao auditório, viu um par de sapatos Christian Louboutin.

O olhar de Julia subiu pelas pernas cobertas por meias de seda, passou por uma saia lápis preta e por um blazer justo, até chegar ao rosto de Christa Peterson.

Sua expressão era hostil, porém claramente

tensa, e ela apertava o corrimão com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. Passou o peso do corpo de um pé para o outro, como se
261/1201

não soubesse se deveria seguir em frente ou recuar.

– Mal posso esperar pela sua palestra. Sem dúvida terei algumas perguntas a fazer.

Julia a ignorou e tentou seguir em frente, mas Christa bloqueou sua passagem.

Impaciente, Julia bufou.

– O que você quer?

– Você se acha muito esperta – disse Christa.

– Não temos mais nada para conversar.

– Ah, temos, sim.

Julia fechou os olhos com força antes de abri-los de novo, incrédulos.

– Sério? Você quer mesmo começar uma discussão aqui, num congresso acadêmico? Não vê que suas atitudes estão prejudicando sua carreira? Gabriel me disse que a Colúmbia a obrigou a se matricular no mestrado, em vez de aceitá-la no doutorado. Você se queimou em Toronto e agora
262/1201

está se queimando aqui. Não acha que está mais do que na hora de virar a página?

– Não desisto tão facilmente.

– Essa sua busca por vingança é ridícula. Nunca fiz nada contra você.

Christa riu com amargura.

– Meu problema não é com você. Não perderia meu tempo com você.

– Então por que está fazendo isso?

Julia jogou o cabelo para o lado.

– Você tem algo que eu quero. E eu sempre consigo o que quero. Sempre.

– Me deixe em paz. – Julia ergueu o queixo, desafiadora.

Os olhos amendoados de Christa estudaram Julia dos pés à cabeça.

– Não entendo o que ele vê em você. Você nem

é tão bonita. – Ela indicou com um gesto desdenhoso o terninho modesto e os sapatos sem grife de Julia. – Gabriel é lindo. Ele é uma lenda. Todas 263/1201 as mulheres do Lobby o conheciam e queriam ir para a cama com ele. – Ela olhou para Julia com desprezo. – E então, sabe-se lá por quê, ele fica com você. Mas não vai conseguir segurá-lo para sempre. Gabriel precisa estar com uma mulher que tenha um apetite tão voraz quanto o dele. – E está.

Christa soltou uma gargalhada ríspida.

– Até parece. Tenho certeza de que, no começo, ele gostou da conquista. Mas, agora que já conseguiu, vai começar a olhar para outras mulheres e você vai perdê-lo. – Os olhos dela brilharam de astúcia. – Já deve ter até traído você. Ou está planejando fazer isso.

– Se não me deixar ir, eu vou gritar. Você quer mesmo passar vergonha na frente de todo mundo? Outra vez?

Christa hesitou e Julia aproveitou a oportunidade para passar por ela. Estava a dois degraus do topo da escada quando parou e se virou.

264/1201

– Amor – falou baixinho.

– O quê?

– Você estava se perguntando o que o Gabriel vê em mim. A resposta é amor. Eu sei sobre as outras mulheres. Ele não escondeu nada de mim. Mas elas não são uma ameaça.

Christa levou as mãos aos quadris.

– Você está louca. Então você o ama. E daí?

Será que não se enxerga? Por que ele iria querer uma ratinha sem sal como você quando pode ter uma tigresa na cama?

– Melhor uma ratinha com amor para dar do que uma tigresa indiferente. – Julia empertigou os ombros. – Aquelas mulheres não viam quem ele era de verdade. Não se importavam com seu sofrimento. Queriam apenas usá-lo até que não sobrasse mais nada e depois o jogariam fora. Eu o

amava desde os 17 anos. E o amo por inteiro; a luz e a escuridão, o lado bom e o lado ruim. É por isso que ele está comigo. Deixou as outras para



265/1201

trás e nunca mais voltará para elas. Mostre seu pi-or lado, Christa. Mas se pretende seduzir meu

marido... *não... vai... conseguir.*

Julia se virou para ir embora, mas parou de novo, encarando Christa pela última vez.

– Mas você está certa sobre uma coisa.

– E o que é? – perguntou Christa com arrogância.

Julia sorriu.

– Meu marido é um amante incrível. Ele é carinhoso, criativo, enlouquecedor. Hoje à noite, e em todas as outras que virão, a mulher que vai aproveitar o espírito aventureiro dele será eu.

Ela encarou Christa por um bom tempo.

– Nada mau para uma ratinha – concluiu.

– Lamento que você tenha tido outro confronto com Christa. – Paul falava em tom solidário

266/1201

enquanto levava Julia do St. Anne's College até um pequeno restaurante libanês, que ficava a uma breve caminhada dali. – Imagino que ela só esteja aqui para perturbar você.

Julia brincou com a aliança, movendo-a de um lado para outro com o polegar.

– Ela disse que iria fazer perguntas depois da minha palestra. Vai tentar fazer com que eu pareça uma idiota.

Paul passou um braço em volta dos seus ombros.

– Ela não pode fazer isso, porque você não é idiota. Mantenha-se firme. Vai dar tudo certo. Ele lhe deu um apertão antes de recolher o braço.

– Você está ótima. Bem melhor do que na última vez em que nos vimos.

Ela estremeceu, lembrando-se de quando se

despedira de Paul em frente ao seu apartamento em Cambridge, no verão anterior. Na época, 267/1201

estava mais magra e triste, porém otimista em relação à vida em Harvard.

– O casamento me faz bem.

Paul fez uma careta. Não queria pensar no que a vida de casada dela envolvia, pois não conseguia suportar a ideia de Julia dormindo com o professor Emerson. Rezava para que ele tivesse abandonado suas tendências sadomasoquistas e tratasse Julia com carinho.

Uma imagem de Emerson amarrando Julia lampejou em sua mente. Seu estômago se embrulhou.

– Você está bem? – perguntou Julia, erguendo os olhos para ele. – Parece meio enjoado.

– Estou ótimo. – Ele forçou um sorriso. – Só acabei de me dar conta de que a Coelhinha não existe mais.

– Já estava mais do que na hora, não acha?

– Vou sentir falta dela.

268/1201

Julia concentrou sua atenção na calçada diante deles.

– Ela volta em momentos de tensão. Minhas pernas estão bambas só de pensar em ficar de pé diante daquele monte de gente.

Por instinto, Paul fez menção de pegar a mão dela, mas se deteve a tempo.

Limitou-se a fazer um gesto atrapalhado, tentando disfarçar.

– Hum, você cortou o cabelo.

Ela puxou um dos cachos negros que pendiam logo acima dos ombros.

– Achei que me daria uma aparência mais profissional. Gabriel não gostou.

– Aposto que não.

(Paul não disse que concordava com o professor nesse ponto.)

Ele tornou a gesticular com a mão esquerda.

- Bela pedra a do seu anel.
- Obrigada. Foi Gabriel que escolheu.

269/1201

É claro que ele iria comprar um anel enorme, pensou Paul. Estou surpreso que não tenha tatu-ado seu nome na testa dela.

- Eu teria me casado com ele com uma aliança de brinquedo. – Julia olhou para a própria mão, pensativa. – Teria me casado com ele com uma fita de amarrar saco de lixo. Não ligo para esse tipo de coisa.

Exatamente. Eu nunca poderia lhe dar uma aliança dessas. Mas Julia é o tipo de garota que precisa de pouco para ser feliz, só precisa amar de verdade a outra pessoa.

- Ele pagou o que eu devia de crédito estudantil
- disse ela baixinho.
- O quê? Tudo?

Ela assentiu.

- Eu pretendia consolidar as dívidas e começar a pagar parcelado, mas ele insistiu em quitar tudo.

Paul assobiou.

270/1201

- Deve ter custado uma grana.
- Custou mesmo. Ainda estou me acostumando... digo, com essa coisa de dividirmos tudo, até uma conta bancária. Eu tinha uma conta bem modesta quando nos casamos. Gabriel tinha... muito mais.

- Você gosta de morar em Cambridge?

Paul mudou de assunto, pois não estava nem um pouco interessado em saber quanto *mais* o professor tinha.

- Adoro. Moramos tão perto de Harvard que posso ir andando para a universidade. O que é ótimo, já que eu não dirijo. – Julia soou encabulada.

- Você não dirige? Por quê?

- Eu vivia me perdendo e indo parar em bairros estranhos. Uma noite liguei para Gabriel de Dorchester e ele teve um ataque. E isso porque eu estava usando o GPS.

- Como você foi parar em Dorchester?

271/1201

– O GPS deu algum problema. Não reconhecia as ruas de mão única. Chegou a me mandar fazer um retorno ilegal enquanto estava passando por um dos mergulhões. Acabei me afastando cada vez mais de casa. Depois disso, desisti.

– Mas você nunca dirige?

– Não na região metropolitana. O Range Rover de Gabriel é difícil de estacionar e eu sempre ficava com medo de atropelar alguém. Os motoristas em Boston são loucos. Isso para não falar dos pedestres. Paul resistiu ao impulso de citar as inúmeras falhas de Gabriel, decidindo se ater a apenas uma delas.

– Por que ele não lhe dá um carro novo? Sem dúvida dinheiro não é problema.

– Eu queria algo pequeno, como um Smart, ou um daqueles novos Fiats. Mas Gabriel diz que é como dirigir uma lata de sardinha. – Ela bufou. –

272/1201

Ele quer que eu tenha algo maior, como um Hummer.

Ele bateu no ombro dela, de brincadeira.

– Vocês pretende invadir Bagdá? Ou só Charleston mesmo?

– Muito engraçado. Se não consigo estacionar o Range Rover, como ele espera que eu vá conseguir estacionar o Hummer?

Paul riu, abrindo a porta do restaurante.

Antes que ele pudesse pedir uma mesa para duas pessoas, houve uma comoção em uma mesa próxima. Uma garotinha de 3 ou 4 anos apertava repetidamente um botão em seu livro musical, gerando os mesmo acordes de uma canção sem parar.

Enquanto a garotinha fazia isso, Paul e Julia correram os olhos pelo restaurante. Os outros clientes não pareciam estar gostando nada daquilo.

Uma mulher vestida com roupas simples e usando um véu muçulmano tentou convencer a

273/1201

menina a trocar o livro musical por um livro comum. Mas ela protestou aos berros. Foi nesse momento que um homem mais velho, sentado perto delas, exigiu em voz alta que o garçom fizesse a garota ficar quieta. Ainda reclamou que ela estava arruinando o almoço e que crianças *que não sabem se comportar* não deveriam ser autorizadas a frequentar restaurantes.

A mulher ficou muito vermelha e tentou novamente convencer a filha a trocar de livro. Mas a menina tornou a se recusar, chutando com força a perna da mesa.

Nesse instante, o recepcionista se aproximou de Paul e Julia.

– Uma mesa para dois – disse Paul, alegre.

– Perto da janela?

O recepcionista apontou uma mesa no canto oposto, ao lado da janela.

– Está ótimo.

Paul seguiu o homem, que pegou dois menus.

274/1201

Enquanto atravessavam o salão, Julia notou que o homem mais velho continuava a resmungar por causa da garotinha, que ainda tocava a música alta e fora de ritmo. Por um instante Julia se perguntou se a menina seria autista. Estava chocada

com o comportamento do homem.

Ela se dirigiu ao recepcionista:

– Será que não podemos trocar de mesa com aquela moça e sua filha? Se elas não quiserem trocar, tudo bem. Mas talvez a menina vá gostar de olhar pela janela e poderá brincar com seu livro em paz.

O recepcionista olhou na direção em que Julia apontava, notando o desconforto crescente dos demais clientes.

– Com licença – disse ele, antes de se aproximar da mãe da menina.

A mãe e o recepcionista trocaram algumas palavras em árabe. Em seguida, a mulher se dirigiu à filha em inglês:

275/1201

– Maia, nós podemos nos sentar perto da janela. Não é legal? Podemos ver os carros passando na rua.

A garotinha seguiu com o olhar a mão da mãe, que indicava a mesa de canto. Pestanejou atrás de seus óculos de lentes grossas e assentiu.

– Maia, por que não agradece ao moço?

O nome da menina ecoou pelo restaurante. Ao ouvi-lo, Julia levou um susto. Ela se viu encarándo a criança, petrificada.

Maia ergueu os olhos para o recepcionista e balbuciou um agradecimento, enquanto a mãe sorria para Julia e Paul.

Alguns minutos depois, mãe e filha estavam acomodadas na mesa de canto, felizes. A garotinha tinha o rosto colado à janela, olhando carros e pedestres do lado de fora,

o livro musical esquecido.

Julia e Paul estavam sentados à outra mesa, ao lado do agora triunfante homem mais velho. Eles

276/1201

pediram alguns pratos para dividir e tomaram suas bebidas em silêncio.

– Você não me perguntou antes. – A voz de

Paul interrompeu os pensamentos de Julia.

– Sabia que não iria se importar de sentar aqui.

– Tem razão. Na verdade, foi bom você ter lid-

ado com a situação, pois eu estava prestes a ir até aquele cara e dizer umas verdades para ele. Que idiota!

Julia olhou para o homem que tinha sido tão intolerante e balançou a cabeça.

– Não sei por que ainda me surpreendo com a insensibilidade das pessoas, mas não consigo evitar.

– Fico feliz que não consiga. Já conheço pessoas cínicas de sobra.

– Eu também.

Paul lançou um olhar para a mãe e a filha.

– Está planejando ter sua própria Maia num fu-

turo próximo?

277/1201

Julia se encolheu, ainda abalada por causa do nome da menina.

– Não. Quero dizer, pelo menos não por ora.

Paul a fitou por alguns instantes, os olhos grandes e negros irradiando preocupação.

– Você me pareceu apavorada. Ter filhos é algo que a preocupa?

Ela baixou os olhos.

– Não, eu quero ter filhos. Só que mais tarde. –

Ela tomou um gole da água. – Como está o seu pai?

Paul cogitou ir mais a fundo na ansiedade dela, mas pensou melhor e desistiu.

– Bem. Ainda estou ajudando na fazenda, então tive que abrir mão do meu apartamento em Toronto.

– E a sua tese, como vai?

Ele riu com sarcasmo.

– De mal a pior. Não tenho muito tempo para escrever e a professora Picton está furiosa

278/1201

comigo. Eu deveria ter lhe entregado um capítulo há duas semanas, mas ele ainda não está pronto.

– Posso ajudar de alguma forma?

– Só se quiser escrever a droga do capítulo para mim. Queria procurar um trabalho no outono, mas Picton só vai deixar depois que eu avançar um pouco mais na tese. – Ele bufou alto. – Devo ter que passar pelo menos mais um ano na fazenda. Quanto mais tempo fico lá, mais difícil se torna escrever.

– Lamento ouvir isso.

Julia largou o copo e esfregou os olhos.

– Está cansada? – Paul tornou a soar preocupado.

– Um pouco. Meus olhos me incomodam de vez em quando. Deve ser estresse. – Ela pousou as mãos no colo. – Desculpe. Não quero que a conversa seja só sobre mim. Prefiro que me conte o

que anda fazendo.

279/1201

– Temos tempo para isso. Quando começou a sentir esse incômodo nos olhos?

– Depois que me mudei para Boston.

– Muitos pesquisadores acabam desenvolvendo vista cansada.

Você

deveria

ir

a

um

oftalmologista.

– Não tinha pensado nisso. Você usa óculos?

– Não, bebi muito leite na infância. Ajudou minha visão.

Julia pareceu confusa.

– Achei que as cenouras é que fizessem isso.

– Leite é bom para tudo.

Ela riu.

Paul não pôde deixar de apreciar a beleza de Julia, ainda mais adorável quando ria.

Ele estava prestes a dizer algo, mas foi interrompido pelo garçom, que serviu a comida.

Quando ele se afastou, foi Julia quem voltou a falar:

– Está saindo com alguém?

280/1201

Paul se esforçou para não fechar a cara.

– Ali e eu saímos às vezes. Mas não é nada sério.

– Ela é uma boa pessoa. E gosta de você.

– Eu sei. – A expressão dele ficou carregada.

– Quero que seja feliz...

Ele mudou de assunto:

– Como vai o doutorado?

Julia mexeu nos talheres de prata antes de responder:

– Os professores são exigentes e eu não tenho um segundo de folga, mas estou adorando.

– E os outros alunos?

Julia fez uma careta.

– Eles são muito competitivos. Considero uns dois meus amigos, mas isso não quer dizer que confie neles. Fui à biblioteca uma vez e descobri que alguém tinha escondido um monte de fontes sobre Boccaccio para que o restante de nós não pudesse usá-las para o nosso seminário.

281/1201

– Então imagino que não esteja ficando até tarde na biblioteca, dividindo uma sala.

– De jeito nenhum. – Ela beliscou sua comida.

– Tem saído à noite?

– Raramente. É estranho, porque meus colegas levam acompanhantes e Gabriel não quer ir comigo.

– Por que não?

– Ele não acha boa ideia socializar com os alunos.

Paul mordeu a língua. Com força.

– Ele quer ter um bebê – disparou Julia.

Ela se encolheu, arrependendo-se na mesma hora da sua indiscrição.

– Talvez seja meio difícil para ele, por motivos biológicos – provocou Paul. Ao ver o olhar de Julia, ele ficou sério. – E você não quer?

– Não agora. – Ela torceu o guardanapo em seu colo. – Quero terminar o doutorado. Tenho

282/1201

medo de, se engravidar, não conseguir me formar nunca.

Ela baixou a cabeça, remoendo-se de culpa por ter abordado uma questão tão pessoal com Paul. Gabriel ficaria possesso se soubesse que ela compartilhara esse tipo de intimidade com outras pessoas. Mas ela precisava conversar com alguém. E Rachel, por mais compreensiva que fosse, não entendia o mundo acadêmico.

– Lamento, Julia. Você falou isso para ele?

– Falei. Ele disse que entendia. Mas agora já foi dito, sabe? Depois que se expressa esse tipo de desejo, é impossível voltar atrás.

Paul começou a bater o pé no chão. Aquela conversa tomara um rumo inesperado e ele realmente não sabia o que dizer. Depressa pensou em algo:

– Havia algumas mães no programa de doutorado em Toronto, mas não muitas.

– Elas terminaram o curso?

283/1201

– Sinceramente? A maioria não. Muitos dos homens têm filhos. Só que quase todos têm esposas que são donas de casa ou trabalham meio expediente. Ei. – Ele esperou Julia levantar o rosto. – Isso não serve de parâmetro. Eu não estava atento a quem estava engravidando ou não. Deve haver um grupo em Harvard que possa lhe dar alguma orientação sobre como conciliar a família com o doutorado.

– Não quero ter esse tipo de conversa agora.

– Entendo.

Paul balançou a cabeça.

– Jules, sei que não é da minha conta, mas não se sinta obrigada a viver a vida de outra pessoa. Se não está pronta para ter uma família, deve deixar

isso bem claro. E se manter firme em sua decisão, ou vai acabar infeliz.

– Não acho que ter um filho com meu marido me tornaria infeliz. – O tom dela era defensivo.

284/1201

– Mas abandonar Harvard, sim. Conheço você, Julia. E sei o que considera importante. Você vem se esforçando muito para conseguir o que quer. Não jogue tudo isso fora.

– Não quero jogar, mas me sinto culpada.

Paul praguejou baixinho.

– Achei que você tivesse dito que ele apoiava sua decisão.

– E apoia.

– Então por que se sente culpada?

– Porque estou sendo egoísta. Colocando meus estudos em primeiro lugar, acima da felicidade dele.

Paul a encarou.

– Se ele ama você, não ficará feliz à custa da sua infelicidade.

Julia ajeitou os talheres à sua frente, até que ficassem perfeitamente alinhados.

– Por mais que eu deteste dizer isto, acho que você deveria conversar com ele de novo. Diga-lhe

285/1201

o que quer e peça para ele esperar. – Paul sorriu.

– Se ele se recusar, jogue-o para escanteio.

Julia olhou para ele, surpresa.

– Paul, não acho que...

Ele a interrompeu:

– Estou falando sério, Julia. Se seu marido a ama, ele precisa tirar da cabeça essa ideia ridícula de que a mulher deve engravidar e ficar em casa

cuidando dos filhos.

Ela franziu as sobrancelhas.

– Gabriel não pensa assim.

– Então você não tem por que se sentir culpada.

Você é jovem. Tem a vida inteira pela frente. Não precisa escolher entre o doutorado e a família.

Pode ter os dois.

– Não são apenas os meus sonhos que contam.

– Talvez não. – Paul baixou a voz, fitando os olhos dela: – Não sou imparcial quando se trata de você.

286/1201

– Eu sei – disse Julia com brandura. – Você tem sido um bom amigo. Obrigada.

– Não precisa agradecer. – A voz dele saiu rabugenta.

– Amigos são raros de encontrar. Ontem, Christa contou a praticamente todo mundo o que aconteceu em Toronto. Eu me senti humilhada.

– Queria que alguém a fizesse calar a boca. De uma vez por todas.

– Gabriel tentou. Eles fizeram uma cena. Então a professora Picton apareceu e ameaçou expulsar Christa do congresso.

Paul assobiou.

– Que pena eu não ter visto isso. Picton e

Christa se engalfinhando? Poderíamos ter vendido pipoca.

Ele notou que Julia parecia aflita.

– Desculpe, não quis parecer idiota.

Julia arregalou os olhos.

– Você não é idiota.

287/1201

Ele continuou a bater com o pé debaixo da mesa, uma expressão desconfortável em seu rosto.

– Falei um monte de besteiras no e-mail que enviei antes de você se casar. Eu me recusei a ir ao casamento. Isso é se comportar como um autêntico idiota.

– Você me disse que não podia ir porque seu pai estava doente.

Os pés de Paul começaram a bater mais rápido.

– É verdade; meu pai estava doente. Mas não foi por isso que não fui ao casamento. – Paul a encorajou. – Não conseguiria ver você se casando com ele.

Paul viu o rosto dela assumir uma expressão constrangida e puxou a cadeira para mais perto da mesa.

– Sei que você está casada e jamais faria nada para atrapalhar isso. Mas, Deus me perdoe, não conseguiria vê-la se casar com ele. Sinto muito.

288/1201

– Paul, eu...

Ele ergueu a mão para silenciá-la.

– Não estou esperando chance nenhuma. Mas é difícil para mim ver você com ele. E ouvir os boatos que ainda estão rolando... boatos que são culpa dele, não sua, e saber que ele a está pressionando para ter um bebê logo depois de entrar para o doutorado... *Porra!* – Ele balançou a cabeça. – Quando ele vai acordar e se dar conta de que se casou com uma mulher incrível e precisa cuidar bem dela?

– Ele cuida bem de mim. Gabriel não é quem você pensa.

Paul fixou seus olhos negros nos dela.

– Pelo seu bem, espero que não.

– Ele é voluntário em um orfanato, o Abrigo Italiano para Crianças. Já fez trabalho filantrópico junto aos pobres. Está mudado.

289/1201

– Ele não é um grande filantropo se não consegue ver que a esposa precisa de tempo antes de se tornar mãe.

– Gabriel vê isso. Sou eu quem está em conflito.

É difícil privar quem você ama de uma coisa que o faria feliz. E eu também estou feliz – sussurrou ela. – Você mesmo disse.

Sei que ele tem defeitos, mas eu também tenho. Ele me daria o mundo se pudesse carregá-lo no bolso. E nunca, jamais, me deixa desamparada.

Paul desviou o olhar, o joelho saltando debaixo da mesa.

CAPÍTULO QUINZE

A palestra de Paul foi bem recebida, porém um pouco curta, na avaliação de Gabriel. Ele notou com uma satisfação cruel que tanto Paul quanto Julia pareciam aborrecidos depois do almoço, como se as coisas não tivessem saído como eles esperavam.

Se Gabriel queria perguntar a Julia os detalhes do encontro, conseguiu disfarçar bem. Ele a recebeu com ternura quando ela chegou e os dois sentaram-se juntos durante a apresentação de Paul.

Logo chegou a vez de Julia. O professor Patel, um dos organizadores da conferência, a apresentou, dizendo que era um talento em ascensão de Harvard. O sorriso de Gabriel se alargou ao ver Christa ferver de raiva.

291/1201

A plateia era composta por cinquenta acadêmicos, em vários estágios de suas carreiras. As professoras Picton e Marinelli sentaram-se na primeira fila, perto de Gabriel. Os três sorriram para Julia, encorajando-a.

Com dedos trêmulos, ela pôs as páginas do

artigo sobre o púlpito. Ali, seu corpo pequeno parecia ainda menor. O professor Patel ajustou o microfone para baixo para que captasse a voz dela.

Ela parecia jovem, pálida e nervosa. Gabriel notou que Julia mordia a parte de dentro da boca e pediu mentalmente que ela parasse. Ficou grato ao ver sua prece ser atendida.

Com os olhos fixos nos dele, Julia respirou fundo e começou:

– O título da minha apresentação é “O silêncio de São Francisco: testemunho de uma fraude”. No canto XXVII do *Inferno* de Dante, Guido da 292/1201 Montefeltro conta a história do que aconteceu após sua morte.

Então Julia recitou:

“Quando eu morri, Francisco veio em meu auxílio, mas um querubim negro lhe disse: ‘Não o leve consigo; não me faça essa desfeita.

Ele deve descer às profundezas junto com meus condenados,

pois deu falsos conselhos

e desde então tenho andando em seu encalço;

pois aquele que não se arrepende não merece o perdão,

tampouco é possível arrepender-se e pecar ao mesmo tempo

uma vez que isso seria uma contradição.’

293/1201

Ai de mim! Como estremeci

quando ele agarrou-me e disse: ‘Talvez o surpreenda que a lógica seja meu forte!’”

Em seguida, ela retomou seu discurso:

– Guido viveu na Itália entre aproximadamente os anos de 1220 e 1298. Ele era um proeminente gibelino e estrategista militar, até abandonar suas funções para se tornar franciscano, por volta de

1296. Depois disso, o papa Bonifácio VIII o convenceu a dar falsos conselhos à família Colonna, com a qual o sumo pontífice vinha tendo prob-

lemas. Bonifácio disse a Guido que promettesse anistia à família se ela deixasse a segurança de sua fortaleza. Guido fez isso, mas só depois de

garantir sua absolvição. Graças a seus conselhos, a família Colonna deixou a fortaleza e foi punida por Bonifácio. Mais tarde, Guido morreria no mosteiro franciscano de Assis. O relato de Guido do que aconteceu depois de sua morte é
294/1201

dramático. Nele, podemos ver São Francisco enfrentando com coragem um demônio para resgatar a alma de seu colega franciscano.

Ela relanceou Gabriel, cujos olhos exibiam um azul vívido e expressivo. Houve uma compreensão entre eles e, por um instante, ela soube que ambos estavam pensando em como tinham resgatado um ao outro.

– Mas, como é praxe nos escritos de Dante, as aparências podem enganar. Em vida, Guido era persuasivo, mas também traiçoeiro. Na morte, ele habita o círculo dos fraudulentos no Inferno.

Portanto, suas palavras devem ser tomadas com ceticismo. Sem dúvida devemos questionar a afirmação de Guido de que Francisco foi resgatar sua alma. Se esse fosse o propósito de Francisco,

ele fracassou. Em nenhum outro trecho da *Divina Comédia* vemos um exemplo do mal vencendo o bem. A *Comédia* é assim chamada porque a narrativa parte do caos no Inferno em direção à

295/1201

ordem no Paraíso. Se uma só alma fosse injustamente punida, isso poria em xeque toda a narrativa. Portanto, há muito em jogo nesta passagem. Nossa interpretação dela é importante para a compreensão de toda a *Comédia*.

Julia fez uma pausa e tomou um gole d'água, suas mãos tremendo um pouco.

– Segundo Dante – ela retomou –, foi por ser justo que Deus criou o Inferno. Virgílio faz menção a isso ao explicar que a justiça motiva as almas dos

mortos
a
atravessarem
o
rio

Aqueronte. Dante parece acreditar que aqueles que são condenados ao Inferno o são porque merecem esse destino. As almas não são condenadas por acidente ou por algum capricho divino. Se fosse esse o caso, como deveríamos interpretar as declarações de Guido?

Katherine assentiu, seus olhos brilhando de orgulho. O movimento chamou a atenção de Julia e as duas cruzaram olhares por um breve instante.

296/1201

– Com o entendimento de que Dante acredita que as almas que habitam o Inferno merecem estar ali, voltemos a analisar a história de Guido. O demônio vê Francisco e discute com ele, dizendo que a alma de Guido pertence ao Inferno e que, se Francisco a levasse, isso seria um roubo. Se isso é verdade, por que Francisco teria aparecido?

Julia fez uma pausa, na esperança de que a plateia refletisse com ela sobre a questão.

– Uma revisão da literatura com estudos sobre Dante dos últimos cinquenta anos revela pelo menos duas interpretações para essa passagem. A primeira é a de que Guido diz a verdade e Francisco foi mesmo reivindicar sua alma. A segunda defende que Guido está mentindo e Francisco nunca apareceu para ele. Acho que as duas linhas são extremistas. Para que a primeira interpretação esteja correta, precisaríamos acusar Francisco de ignorância ou injustiça, e nenhuma das duas opções é razoável.

297/1201

Julia fez uma pausa.

– A segunda interpretação afirma que Francisco não apareceu de fato, mas então o discurso do demônio não faz sentido, uma vez que Guido não pode roubar a própria alma. Dessa forma, o que

temos é um relato intrigante da aparição de Francisco, acompanhado por uma explicação que desafia nossa credulidade. Essa explicação nos é dada por Guido e por um demônio, nenhum dos dois dignos de confiança. Acredito que possamos solucionar o impasse da aparição de Francisco rejeitando a explicação de Guido e a substituindo por outra mais condizente com a vida e o caráter de Francisco. Do meu ponto de vista, Francisco apareceu, sim, e foi visto pelo demônio. Mas este se enganou quanto ao motivo da vinda do santo. Julia agarrou o púlpito com mais força quando um burburinho começou a se espalhar pela plateia. Sua boca estava seca como um deserto, mas ela prosseguiu, os olhos fixos nos de Gabriel: 298/1201

– Por mais que possa ser... reconfortante pensar em Francisco descendo do Paraíso como um arcanjo para lutar pela alma de Guido, isso não pode ter acontecido.

Ela trocou um olhar com o marido antes de prosseguir:

– Guido tira vantagem do compromisso de Francisco para com seus irmãos, sem dúvida pensando que qualquer pessoa sensata acreditará que ele intercedeu por um dos colegas de sua ordem após sua morte. Além disso, Guido quer que Dante espalhe sua história, para que outros acreditem que ele era importante o suficiente para atrair a atenção do santo, ou que sua condenação ao Inferno tinha sido um erro. O demônio, buscando persuadir Francisco a não roubar sua alma, explica por que Guido merece estar no Inferno. Guido solicitou absolvição pelo pecado de prestar falsos conselhos *antes* de cometê-lo. Ele acreditava que a

absolvição iria

299/1201

libertá-lo das consequências do pecado, portanto enganou a família Colonna de bom grado e sem arrependimento. O demônio argumenta que a absolvição só funciona se o ser humano se arrepender. Não se pode pecar intencionalmente e ao

mesmo tempo se arrepender desse pecado. – Julia abriu um sorriso titubeante para a plateia. – A absolvição não é como um seguro anti-incêndio.

(Ao ouvirem isso, alguns membros da plateia, entre eles Paul, riram.)

– Guido se esconde atrás de um hábito franciscano e de uma absolvição prévia, mas ele é uma fraude. Francisco teria reconhecido isso. O máximo que Guido conseguiu com esse comportamento foi envergonhar os franciscanos. Embora Francisco pudesse ter condenado o pecado de Guido, ele se mantém calado. Francisco não pode salvar Guido. Ele é obrigado a assistir ao demônio agarrá-lo pelos cabelos e arrastá-lo para as profundezas. A feiura dos gritos do demônio e do

300/1201

falso franciscanismo de Guido parece ainda pior

quando contrastada com a presença calada e virtuosa de Francisco. Seu silêncio e sua passividade refutam a explicação do demônio de que Francisco teria ido até lá para roubar-lhe uma alma. E

esse silêncio nos obriga a reexaminar o relato de Guido. Francisco seria mesmo tão passivo em sua tentativa de resgatar uma alma injustamente condenada? É claro que não. Como Guido não havia se arrependido de seu pecado, tudo o que Francisco pode lhe oferecer é sua compaixão silenciosa e, talvez, suas preces.

Julia fez uma pausa e deliberadamente olhou na direção de Christa.

– Francisco poderia ter discutido com o demônio. Poderia tê-lo chamado de mentiroso por apresentar uma justificativa falsa para sua aparição. Poderia ter protestado, alegando que o demônio estava apenas espalhando boatos a seu respeito. Mas, em vez de lutar para manter sua
301/1201

reputação, Francisco fica calado, para que o mal possa ser ouvido exatamente como ele é.

Julia correu o olhar pelos demais espectadores da palestra, notando vários assentimentos de concordância e o sorriso largo e expressivo de Paul.

– Guido quer que acreditemos que São Francisco era ingênuo o suficiente para crer que o lugar dele era no Paraíso ou arrogante a ponto de achar que poderia ir contra uma decisão de Deus. Guido quer que acreditemos que Francisco confrontou um demônio, mas perdeu, porque não era inteligente o bastante para superá-lo em um debate lógico. A vida de Francisco e suas atitudes desmentem essas possibilidades. A meu ver, ele

surge ao pé da cova de Guido da Montefeltro para lamentar sua vida fraudulenta, não para salvá-lo. Ao fazer isso, Francisco demonstra compaixão e misericórdia, mesmo que severa. – Neste ponto o olhar de Julia encontrou o do marido. –

302/1201

Ele não é um ladrão. Não era traiçoeiro e fraudu-

lento e em momento algum tentou se valer de palavras vãs para defender sua causa. Guido, no fim das contas, apenas capturou a essência da natureza de Francisco ao descrevê-lo como presente, porém silencioso.

Ela fez mais uma pausa.

– Talvez seja espantoso que alguém que domine de tal forma a arte da fraude seja capaz de retratar com tamanha maestria uma imagem da virtude.

Mas, se pensarmos nas histórias que os seguidores de Francisco contaram sobre sua vida e obra, veremos que é exatamente isso que Guido faz, embora tente mascará-lo com um habilidoso uso da retórica. Para concluir, acredito que as duas interpretações históricas dessa passagem estão equivocadas. Francisco surgiu para Guido após sua morte, mas não para resgatar sua alma. A aparição de Francisco serve para evidenciar a diferença entre o verdadeiro franciscanismo e o 303/1201

falso franciscanismo de Guido da Montefeltro. Dante, no fim das contas, usa Guido como um veículo para louvar a piedade de São Francisco, mostrando quanto os dois homens são diferentes. Obrigada.

Julia meneou a cabeça para a plateia ao receber uma quantidade respeitável de aplausos. Notou que alguns acadêmicos sussurravam entre si, até seus olhos encontrarem os rostos das professoras Picton e Marinelli e do professor Emerson. Gabriel lhe deu uma piscadela, e o rosto de Julia se abriu num sorriso de alívio.

– Alguma pergunta? – disse Julia, voltando-se para a plateia.

Durante alguns instantes, que para ela pareceram uma eternidade, ninguém se pronunciou. Quando encontrou o rosto de Christa e viu sua expressão confusa, chegou a acreditar que tinha escapado ileso.

304/1201

Então, como se em câmera lenta, a expressão de

Christa se modificou, tornando-se mais dura. Ela se pôs de pé.

Pelo canto do olho, Julia viu o professor Paciani segurar o cotovelo de Christa de forma um tanto rude, tentando puxá-la de volta para a cadeira. Mas ela soltou seu braço.

– Eu tenho uma pergunta.

Julia mordeu o lábio inconscientemente, com o coração na boca.

Todos os presentes se viraram para Christa, como se tivessem sido coreografados. Muitos cochicharam com a pessoa ao lado, os olhos cheios de expectativa. O problema de Christa com os Emersons era conhecido por quase todos. De fato, houve um zumbido nervoso na sala, enquanto as pessoas esperavam pelo que ela iria dizer.

305/1201

– São tantos os furos no seu artigo que nem sei por onde começar. Mas vamos falar primeiro da sua *pesquisa*, se é que podemos chamá-la assim. O tom de Christa era de desdém.

– A maioria dos artigos sobre o trecho em questão aceita o fato de que Francisco foi em socorro de Guido. Alguns negam sua aparição. Mas ninguém... – Ela fez uma pausa para enfatizar seu argumento. – *Ninguém* sugere que Francisco apareceu, mas não para resgatar a alma de Guido.

Ou Guido está mentindo, ou não está. Não pode ser meio a meio, como meia mussarela, meia calabresa.

Ela abriu um sorriso afetado e alguns dos presentes riram.

Julia engoliu em seco, os olhos movendo-se rapidamente pela sala observando a reação de cada um dos presentes antes de retornarem para Christa.

306/1201

– Além do mais, você nem sequer menciona o início do canto XXVII, quando Guido explica a Dante que ele está contando a verdade por achar

que o poeta passará o resto da eternidade no Inferno e, portanto, não poderá repetir sua história para ninguém. Essa passagem demonstra que

Guido está falando a verdade sobre a aparição de Francisco. Por fim, se você tivesse se dado o trabalho de ler o trabalho seminal do professor Hutton sobre a estruturação do *Inferno*, saberia que ele considera o discurso do demônio confiável,

pois as palavras dele são historicamente precisas. Então, Hutton também acreditava que Francisco foi resgatar a alma de Guido.

Com um sorriso orgulhoso, Christa tornou a sentar-se, esperando pela resposta de Julia. Ela estava orgulhosa de si mesma, tão satisfeita que não notou o olhar que a professora Picton lançou para o professor Pacciani. O olhar deixava bem claro que Katherine o responsabilizava pelo 307/1201

comportamento exibicionista de sua convidada e como ela não estava nada contente com isso. A reação do professor Pacciani foi sussurrar no ouvido de Christa, gesticulando bruscamente.

Julia simplesmente ficou ali, piscando depressa, enquanto todos na sala esperavam sua resposta.

Gabriel se inclinou para a frente na cadeira, como se fosse se levantar. Mas pensou melhor e desistiu quando a professora Picton estreitou os olhos para ele. A expressão no rosto dele estava furiosa ao olhar na direção de Christa.

Paul balbuciou um xingamento e cruzou os braços na frente do peito.

A professora Picton apenas meneou a cabeça para Julia, seu rosto o retrato da confiança.

Julia ergueu a mão trêmula para prender o cabelo atrás da orelha, os diamantes em seu anel de noivado refletindo a luz.

– Hum, vamos começar com sua colocação de que alguns pesquisadores acreditam

que

308/1201

Francisco veio salvar a alma de Guido e que isso pode ser demonstrado nas primeiras palavras que ele dirige a Dante.

Julia leu os versos em italiano, sua pronúncia segura e melodiosa:

*“S’I credesse che mia risposta fosse
a persona che mai tornasse al mondo,
questa fiamma staria stanza più scosse;
ma però che già mai di questo fondo
non torno vivo alcun, s’I’ odo il vero,
sanza tema d’infamia ti rispondo.”*

Em seguida traduziu:

“Se acreditasse ser destinada minha resposta
A alguém que ao mundo jamais retornaria,
Esta chama, sem mais crepitar, inerte quedar-
se-ia;

309/1201

Contudo,

visto

que

destas

profundezas

ninguém

Jamais retornou, se o que escuto é verdade,

Sem temer a infâmia a ti respondo...”

Julia empertigou-se um pouco mais.

– Nessa passagem Guido diz que está disposto a contar a verdade, pois acredita que Dante é um dos condenados e por isso não seria capaz de repetir sua história. Mas a história de Guido serve a ele próprio. Ele culpa a

todos por seu destino: o

papa, o demônio e, por consequência, São Francisco. Em sua descrição, não há nada do que ele deveria se envergonhar. Na verdade, ele gostaria que sua história fosse repetida. Ele não quer revelar sua estratégia dizendo isso às claras e é por isso que faz o discurso que

acabei de citar. Você

também se esqueceu de outro trecho.

Julia voltou a recitar:

310/1201

“‘Ora chi se’, ti priego che ne conte;
non esser duro più ch’altri sia stato,
se ‘l nome tuo nel mondo tegna fronte.”

E novamente traduziu:

“Peço-te agora que me contes quem és;

Não seas mais irredutível do que os outros
antes de ti,

Para que teu nome no mundo faça boa figura.”

Sentindo sua confiança aumentar, Julia resistiu
ao impulso de sorrir, preferindo fitar os olhos de Christa com uma expressão
séria.

– Dante fala para Guido que pretende repetir
seu relato para o mundo. Só depois ele conta a
história de sua vida. Além disso, sabemos que
Dante não se parece fisicamente com as outras
sombras. Portanto, é bem provável que Guido
tivesse percebido que o poeta não estava morto.
311/1201

Christa ia começar a falar, mas Julia ergueu a
mão com paciência, indicando que não havia
terminado.

– Há evidências no próprio texto que sustentam
minha interpretação. Podemos encontrar um
trecho semelhante no canto V do *Paraíso*, em que o filho de Guido fala sobre
como um anjo veio

buscar sua alma no momento de sua morte.

Talvez seja da responsabilidade dos anjos, e não
dos santos, conduzir as almas ao Paraíso. Dessa
forma, Francisco pode ter surgido para Guido
após a sua morte por um motivo bem diferente.
Quanto à sua última colocação, sobre o trabalho
do professor Hutton, se estiver se referindo ao
livro *Fogo e gelo: desejo e pecado no Inferno de Dante*, então sua
interpretação do posicionamento dele está incorreta. Embora não tenha um
exemplar do livro aqui comigo, há uma nota de
rodapé no capítulo 10 em que ele afirma acreditar
que Francisco apareceu para Guido, pois a seu
312/1201

ver o demônio se dirige a outra pessoa que não o
próprio Guido. Mas o professor Hutton afirma

ter dúvidas quanto a se o santo foi para salvar sua alma ou por algum outro

motivo. Isso é tudo o

que ele diz sobre o assunto.

Christa se levantou, como se quisesse rebater os argumentos de Julia, mas, antes que pudesse dizer uma palavra sequer, um professor mais velho, trajando tweed da cabeça aos pés, se virou para encará-la. Ele a fitou com desdém por trás de seus óculos de armação de tartaruga.

– Podemos seguir em frente? A senhorita já fez a sua pergunta e a palestrante já a respondeu. De forma muito adequada, se me permite observar. Christa ficou perplexa, mas logo se recompôs, protestando que deveria ter a chance de fazer uma pergunta complementar.

Mais uma vez a plateia reagiu com sussurros, mas Julia percebeu que a expressão em seus

313/1201
rostos havia mudado. Agora olhavam para Julia com um tipo de admiração silenciosa.

– Podemos continuar? Gostaria de fazer uma pergunta. – O professor desviou os olhos de Christa e os voltou para o moderador, que, pigarreando, intercedeu:

– Bem, se sobrar tempo voltaremos à senhorita. Mas, a meu ver, no momento o professor Wodehouse tem a palavra.

O homem mais velho de tweed balbuciou um agradecimento e se levantou. Retirou os óculos e os brandiu na direção de Julia.

– Donald Wodehouse, do Magdalen College – apresentou-se.

Julia ficou pálida, pois o professor Wodehouse era um especialista em Dante cujo posicionamento rivalizava com o de Katherine Picton.

– Sei a que nota de rodapé a senhora se refere no livro do Velho Hut. O resumo que fez dela está correto. Emerson, no entanto, interpreta a

314/1201

questão de outra forma. – Ao dizer isso, Wodehouse gesticulou na direção de Gabriel. – Mas vejo que não se deixou influenciar por ele, em-

bora sejam casados.

Risadas se espalharam pela plateia, e Gabriel piscou para Julia, orgulhoso.

– Como a senhora sugeriu, causa espanto que Francisco pudesse surgir no momento da morte de um falso franciscano, mas devemos pressupor que ele o tenha feito para que o discurso do demônio faça sentido. Então o que nos resta é o meio a meio que a senhorita atrás de mim mencionou. Meias verdades e meias mentiras parecem permear todo o discurso de Guido. A ambiguidade e a astúcia retórica já são de esperar de uma pessoa culpada de conselhos fraudulentos.

Dessa forma, tendo a concordar com boa parte do que a senhora disse. E, embora não possa falar por ele, imagino que o Velho Hut também concordaria, se estivesse entre nós.

315/1201

Julia suspirou devagar, aliviada, largando o púlpito que segurava com toda a força. Sua mente ansiava pelas próximas palavras dele, mas ela se sentia endossada pelas observações do professor. Wodehouse olhou para suas anotações antes de continuar:

– A senhora ofereceu uma interpretação que sem dúvida é uma teoria tão boa quanto qualquer outra, e superior às análises que atribuem ignorância ou injustiça a Francisco. Mas, sejamos claros: é uma especulação.

– Sim, é. – A voz de Julia saiu baixa, mas firme.

– Estou aberta a sugestões de interpretações alternativas.

O professor Wodehouse deu de ombros.

– Quem pode saber por que Francisco fez seja lá o que for? Talvez ele tenha ido ao encontro de outra alma de Assis e apenas haja sido interceptado por um farsante oportunista.

A sugestão arrancou risadas da plateia.

316/1201

– No entanto, tenho uma pergunta. – Ele recolocou os óculos no rosto e baixou os olhos para

suas anotações. – Gostaria que falasse mais sobre o acordo entre Bonifácio e Guido. A senhora passou muito por alto por essa parte em seu artigo e creio que o assunto mereça mais atenção.

Com essas palavras, ele sentou-se.

Julia assentiu, tentando organizar depressa suas ideias.

– Minha tese foi sobre a interpretação da aparição de Francisco, não sobre o pecado de Guido. Mesmo assim, será um prazer falar um pouco mais sobre essa parte.

Julia deu início a um breve, porém desenvolto, resumo do encontro de Guido com o Papa Bonifácio VIII e suas consequências, o que pareceu satisfazer o professor. No entanto, registrou para si mesma que ele havia considerado seu artigo de-ficiente nesse aspecto. Iria se lembrar disso ao revisar o texto para uma possível publicação.

317/1201

Mais algumas perguntas foram feitas e respondidas, e então o moderador agradeceu a Julia.

Uma salva de palmas que beirava o entusiasmo encheu a sala e Julia percebeu que vários professores experientes assentiam para ela.

Quando o moderador convidou todos os presentes a fazerem uma pausa para um chá ou um café, ela observou, com surpresa, o professor Pacciani tomar Christa pela mão e conduzi-la para fora do auditório.

Julia foi para junto de Gabriel, perscrutando seu rosto, ansiosa.

Ele sorriu e entrelaçou seu dedo mindinho ao dela discretamente.

– *Essa é a minha garota brilhante* – sussurrou.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Julia circulou durante o *coffee break*, conversando com o professor Wodehouse e vários outros

sobre a palestra. Era quase uma unanimidade que sua pesquisa era muito boa e que ela havia lidado com as perguntas de modo admirável. Na verdade, mais de um participante da conferência havia comentado que estava surpreso por ela ser

apenas aluna do doutorado e não professora assistente.

Enquanto a esposa aproveitava seu triunfo acadêmico, Gabriel passeava do lado de fora, tomando o café sob o sol de Oxford.

Sentia-se grato pelo bom tempo, sem chuva.

Também sentia-se grato pelo fato de Julia ter se saído tão bem em sua apresentação. Sim, transparescera nervosismo e ainda tinha muito o que
319/1201

melhorar. Mas, levando-se em conta que acabara de entrar para o doutorado, muitos dos presentes tinham ficado devidamente impressionados. Ele ofereceu uma prece silenciosa de agradecimento. No meio dessa prece, Paul Norris se aproximou dele, com as mãos nos bolsos.

A princípio, eles conversaram de forma tolerante e educada. Então Gabriel percebeu que Paul o encarava com algo que lhe parecia inquietação.

– Algum problema? – A voz de Gabriel era enganosamente suave. Como uísque.

– Não, nada. – Paul tirou as mãos dos bolsos.

Ele estava prestes a entrar de novo no prédio quando se deteve. – Que se dane – balbuciou.

Ele retesou os ombros e encarou seu antigo orientador.

– A professora Picton quer que você seja o leitor externo da minha tese.

Gabriel fitou Paul com um olhar frio.

– Ela comentou isso comigo.

320/1201

Paul esperou que o professor dissesse mais alguma coisa, mas ele ficou calado.

– Hum, você vai pensar no assunto?

Gabriel jogou o peso do corpo para trás, apoiando-se nos calcanhares.

– Sim, vou pensar no assunto. O tema da sua tese é bom e fiquei satisfeito com o trabalho que fez para mim. Eu o transferi para Katherine por motivos pessoais. Não fosse por isso, ainda estaria orientando você.

Paul
afastou
o
olhar,
sentindo-se
desconfortável.

– Julia se saiu bem – disse ele, mudando de assunto.

– É verdade.

– Soube lidar até com Christa.

O rosto de Gabriel assumiu uma expressão orgulhosa.

– Julianne é uma mulher extraordinária. Ela é muito mais forte do que parece.

321/1201

– Eu sei. – Os olhos de Paul tornaram-se duros, fitando o professor com algo que poderia ser raiva.

– Você parece ter muito a dizer sobre e para a minha esposa. – O tom de Gabriel ficava cada vez mais frio.

– O que você está fazendo para acabar com os boatos? Eu estive na UCLA em março e todos estavam falando sobre como Julia foi para a cama com você para se formar e entrar em Harvard.

Um músculo saltou na mandíbula de Gabriel.

– Esses boatos são fruto do veneno da Srta.

Peterson. Cuidarei dela, posso garantir.

– Bem, é melhor se apressar.

Gabriel estreitou os olhos.

– Como é?

Paul trocou o peso do corpo de um pé para o outro, mas não se deixou intimidar.

– Ontem, quando cheguei, ouvi dois senhores conversando sobre Julia. Falavam como se ela

322/1201

fosse burra e só estivesse no doutorado pelo rostinho bonito.

– Acho que já podemos dizer, sem medo de errar, que ela provou o contrário. O artigo de Julianne foi bem apresentado e bem recebido. Isso

sem contar o pequeno detalhe de que, em vez de apenas *ir para a cama* – ao dizer isso, Gabriel abanou a mão com repulsa –, eu me casei com

ela.

– Julia pode ser sua esposa, mas você não a merece.

Gabriel deu um passo à frente, ameaçador.

– O que você disse?

Paul se empertigou, revelando toda a sua altura, pelo menos uns 3 centímetros acima do seu ex-professor.

– Eu disse que você não a merece.

– E você acha que eu não sei disso?

Furioso, Gabriel atirou sua xícara de porcelana no chão. Ela se espatifou com o impacto.

323/1201

– Todas as noites, antes de dormir com ela nos meus braços, agradeço a Deus por ela ser minha. Todas as manhãs, ao acordar, a primeira coisa em que penso é como me sinto grato por ela ter se casado comigo. Jamais serei digno dela. Mas passo todos os meus dias fazendo o melhor que posso por ela. Você foi um amigo para Julianne quando ela precisou. Mas preste atenção no que lhe digo, Paul: não queira me provocar.

Um longo silêncio se estabeleceu entre os dois.

Com um esforço hercúleo, Gabriel controlou sua raiva.

Paul foi o primeiro a desviar os olhos.

– Quando a conheci, ela se assustava com muita facilidade. Eu tinha a sensação de que precisava sussurrar para não matá-la de susto.

– Ela não é mais assim.

– Não, não é mesmo. – Os ombros de Paul pareceram despencar. – Durante o almoço, Julia

324/1201

me falou sobre o doutorado em Harvard. Ela está adorando.

– Eu sei disso. – A expressão de Gabriel ficou ainda mais carregada. – E sei que você a quer.

Estou lhe dizendo: desista.

Paul o encarou.

– Você está enganado.

– Ah, estou? – O professor o desafiou, dando mais um passo à frente. Agora estavam a poucos centímetros de distância e a postura de Gabriel era furiosa e ameaçadora.

– Não quero Julia. Eu a amo. Ela é a mulher da minha vida.

Gabriel o fitou, incrédulo.

– Julianne não pode ser a mulher da sua vida.

Ela é minha esposa!

– Eu sei disso.

Paul olhou por cima do ombro do professor, em direção à Woodstock Road, balançando a cabeça.

325/1201

– Conheci uma garota linda, doce e católica. O tipo de mulher que poderia apresentar aos meus pais. O tipo de mulher que passei a vida inteira procurando. Eu a tratei bem, nós ficamos amigos e, quando um babaca apareceu e partiu o seu coração, eu estava lá. Ela chorou na droga do meu ombro. Dormiu na droga do meu sofá.

Gabriel retesou o maxilar, furioso.

– No fim do semestre, ela foi atrás de seus sonhos e entrou para Harvard. Eu a ajudei com a mudança. Arranjei um trabalho de meio expediente e um apartamento para ela. Mas, quando enfim lhe disse o que sentia e pedi que ela me escolhesse, ela não fez isso. Não

porque não gostasse

de mim ou não sentisse nada. Mas porque estava apaixonada pelo babaca que partiu seu coração.

Paul deu uma risada falsa.

– E esse cara cheira a encresna. Ele é promíscuo. Costumava tratá-la como lixo. Bebe demais.

Até onde sei, ele a seduziu só por diversão. Já se 326/1201 envolveu como uma professora que dá em cima dos alunos e é sadomasoquista. Então quem sabe o que ele faz com a minha garota entre quatro paredes? Quando ele a abandona, fico feliz da vida, achando que agora ela vai ter a chance de

estar com alguém que será bom para ela. Alguém que irá tratá-la com carinho e nunca a fará chorar. Só que, para meu espanto, o babaca volta. Porra, ele volta. E faz o quê? Ele a pede em casamento. E ela aceita!

Ele chutou o chão, frustrado.

– Esse é o resumo da história da minha droga de vida. Encontrei a garota perfeita, a perdi para um babaca que partiu o coração dela e provavelmente vai continuar fazendo isso. E depois recebi a merda do convite para o grande casamento deles na Itália.

Gabriel trincou os dentes.

– Em primeiro lugar, ela não é a sua garota nem nunca foi. Não preciso me justificar para você ou
327/1201

para quem quer que seja. Mas, por respeito à minha esposa, que parece se importar com você, vou admitir que fui um babaca. Não sou mais aquele homem. Nunca trai Julianne, nem uma vez sequer, e tenho certeza de que não partirei seu coração de novo.

– Muito bem. – Paul arrastou os pés no chão. – Então permita que ela termine o doutorado.

– Permite? – Gabriel baixou a voz até um quase sussurro: – *Permite?*

– Ela pode querer desistir, dar um tempo, ou coisa parecida. É seu dever incentivá-la a continuar.

Os olhos de Gabriel faiscaram.

– Se tiver alguma informação que queira compartilhar, Sr. Norris, sugiro que fale de uma vez.

– Julia se sente culpada por priorizar seus estudos.

Gabriel fechou a cara ao entender o que Paul queria dizer com aquelas palavras.

328/1201

– Ela lhe disse isso?

– Disse também que não tem muitos amigos.

– Que conveniente para você. Está interessado em continuar sendo amigo dela?

Paul fez uma careta.

– Não há nada de conveniente nisso. Será que você não entende? Eu amo Julia e, por amá-la, tenho que ouvi-la falar quanto se preocupa em fazer você feliz. Você, o babaca que a abandonou.

– Também não fico exatamente feliz por ela ter escolhido fazer essas confidências a você.

– Se ela tivesse amigos em Cambridge, não precisaria se abrir comigo. E, de todo modo, minha amizade com ela precisa acabar.

Gabriel tornou a se apoiar nos calcanhares, perplexo por um momento.

– Você mesmo tomou essa decisão?

– Sim.

– Já disse isso a ela?

329/1201

– Não faria isso antes da palestra. Seria cruel da minha parte.

– Quando pretende contar?

Paul deu um suspiro profundo.

– Esse é o problema. Não posso fazer isso pessoalmente. Assim que voltar a Vermont, escreverei

para ela. – Ele fitou Gabriel, seus olhos cheios de rancor. – Estou certo de que você ficará muito

feliz.

– Ver Julianne sofrendo não me causa nenhum

prazer, por mais que você pense o contrário. –

Gabriel baixou os olhos para a aliança de platina em sua mão esquerda. – Eu a amo.

Paul lançou seus olhos negros para a aliança.

– Sua amizade é importante para ela – disse o professor. – Julianne ficará magoada.

– Está na hora de virar a página.

– Você vai dizer isso a ela?

– Não vou mentir. Contar a verdade vai me matar, mas é o que farei.

330/1201

– Isso é muito nobre da sua parte. – Um traço de admiração despontou na voz de Gabriel. – Talvez eu devesse convencê-lo a mudar de ideia.

– Não vai conseguir.

Paul e seu ex-professor fitaram-se por um bom tempo.

– Fui injusto com você, Paul. E, por isso, peço desculpas.

– Não estou fazendo isso por você. E certamente não estou fazendo isso para que leia minha tese e me escreva uma carta de recomendação. Direi a Katherine que nós conversamos e que você preferiu não fazer a leitura.

Paul meneou a cabeça para Gabriel e começou a seguir em direção ao prédio.

– Sr. Norris – chamou-o Gabriel.

Paul parou e se virou lentamente para o professor.

– Sempre tive intenção de ser seu leitor externo, mesmo que continuasse sendo amigo de Julianne.

331/1201

Sua pesquisa se sustenta por seus próprios méritos. – Ele estendeu a mão.

Paul hesitou por alguns instantes, mas então voltou. Os dois trocaram um aperto de mãos.

– Obrigado.

– De nada.

Os dois se entreolharam, a expressão em seus olhos semelhante à de dois guerreiros após uma batalha em que ambos os lados sofreram baixas graves.

Paul foi o primeiro a falar:

– Não vou interferir em seu casamento. Mas, se descobrir que você voltou a magoá-la, teremos um problema.

– Se eu magoar Julianne, terei feito por merecer.

– Ótimo. – Paul sorriu. – Podemos parar de nos tocar agora?

Gabriel largou a mão de Paul como se ela estivesse em chamas.

332/1201

– Sem dúvida.

CAPÍTULO DEZESSETE

Mais tarde, Julia e Gabriel fizeram *check in* no Randolph Hotel. Deveriam encontrar Katherine e

Paul para jantar, mas Paul dissera que precisava

conversar com a professora Picton a sós e, em tom de desculpas, perguntara se Julia e Gabriel se importariam de cancelar seus planos. Assim, os

Emersons acabaram jantando sozinhos.

Após uma refeição tranquila no elegante restaurante do Randolph, os dois subiram para a suíte que haviam reservado.

– Está feliz que a conferência tenha acabado? –

Gabriel segurou a porta aberta para a esposa.

– Muito.

Na mesma hora, Julia tirou o blazer e o jogou sobre uma cadeira. Sentou-se na beirada da cama e chutou os sapatos de salto alto para longe.

334/1201

Pegou um quadradinho de chocolate de cima de um dos travesseiros e o desembulhou, enfiando-o na boca em seguida.

– Eles não nos davam chocolates no Magdalen College.

Julia olhou com carinho para o banheiro.

– Acho que estou apaixonada por esse portatualhas aquecido. Precisamos de um desses em Cambridge.

Gabriel riu.

– Vou ver o que posso fazer.

– Mas não trocaria nossas noites no Magdalen College por nada neste mundo. Se voltarmos a Oxford, espero que possamos ficar lá de novo.

– Claro. – Gabriel deu um beijo no topo da cabeça dela. – O Magdalen é um lugar especial, mas as acomodações eram espartanas demais para o meu gosto. Acho que o melhor seria voltarmos a dividir nosso tempo entre lá e aqui.

335/1201

– Tinha esperanças de ver um fantasma de Nárnia durante nossa estadia.

– Só no Magdalen teria chances de encontrar um. Embora tenha ficado sabendo que o ator que interpretou o inspetor Morse assombra o bar deste hotel. Podemos descer para dar uma olhada.

– Acho que já estou farta de gente por hoje. Preciso de um banho e uma toalha quentes e ir para a cama cedo.

– Sente-se diferente agora? – Ele aninhou seu rosto na palma da mão.

– Sobre o quê?

– O doutorado. – Ele deu de ombros. – Sobre tudo.

– Trabalhei duro no artigo, mas também tive sorte. A plateia não foi nada hostil hoje.

– Também não era uma plateia tão fácil. Conheço aquelas pessoas. Elas não toleram idiotices. 336/1201

– Percebi isso pela maneira como se voltaram contra Christa durante as perguntas. Nunca tinha visto nada parecido.

Julia estremeceu.

– Eu já. E coisas piores.

– Para onde será que ela foi?

Gabriel bufou.

– Ao que parece, Pacciani a levou embora. Imagino que Katherine tenha mesmo botado medo nele. Ele estava furioso.

Julia ergueu os olhos para o marido, curiosa.

– Não acha estranho que Paul não tenha querido jantar conosco? Ele parecia tão empolgado mais cedo.

Gabriel correu o nariz dela com o dedo, de modo suave.

– Talvez Katherine não esteja satisfeita com a tese dele e Paul queira acertar algumas coisas com ela sem uma plateia.

– Pode ser.

337/1201

– Você ainda não respondeu à minha pergunta. Está se sentindo diferente em relação ao doutorado? Ou continua entusiasmada?

Ela pousou a mão sobre a dele, pressionando a palma de Gabriel contra seu rosto.

– Foi uma experiência intimidadora. Mas fico feliz por ter passado por ela. Gostaria de fazer isso de novo.

– Que bom, porque acho você talentosa, Julianne, e quero fazer tudo o que estiver ao meu alcance para ajudá-la a alcançar o sucesso.

Ela fechou bem os olhos.

– Obrigada, Gabriel. Isso significa muito para mim.

– Você sempre pode conversar comigo. Se alguma coisa a estiver incomodando, eu irei ouvir. Prometo. – Ele deslizou a mão até a sua nuca.

– Quero que sejamos felizes – disse Julia.

– Eu também. Então, se em algum momento estiver infeliz, me diga.

338/1201

Julia deu um beijo no pulso dele.

– Eu me pergunto o que o marido de Beatriz pensava do assédio de Dante. Você precisa admitir que essa parte da história é triste. Beatriz é casada, mas tem esse poeta que a segue por toda parte e lhe dedica sonetos.

Gabriel a apertou com mais força.

– Eu me casei com *você*. Amo *você*. Temos algo que Dante e Beatriz nunca tiveram. – Ele tornou

a beijá-la. – Preciso dar uma saída.

– Vai demorar muito?

– Não sei. Mas, enquanto isso, tenho um presente para você.

Ele tirou uma caixa do bolso e a pôs na mão dela.

Julia leu a inscrição: *Cartier*.

Ergueu a cabeça para ele, os olhos arregalados.

Gabriel abriu a caixa, revelando um belo relógio de ouro branco que reluzia em meio a camadas de seda creme.

339/1201

– É o reconhecimento de um bom trabalho.

Você terá muitas oportunidades de apresentar sua pesquisa, portanto precisa de um relógio confiável.

Ele o retirou da caixa e o virou ao contrário, mostrando-lhe a inscrição na parte de trás:

Para minha amada,

com admiração e orgulho.

Gabriel.

– Um Timex é um relógio confiável. Isto aqui é completamente diferente – disse Julia, mal contendo uma risada.

Ela tocou a inscrição, admirada.

– Como sabia?

– Como sabia o quê? – Ele pôs o relógio no pulso dela. Era do tamanho perfeito.

– Que eu faria um bom trabalho.



340/1201

– Porque acredito em você.

Ele a beijou com paixão. Então, com determinação no olhar, saiu da suíte.

Christa Peterson estava sentada na espaçosa cama do seu quarto de hotel, esperando. Consequira encontrar um espartilho preto sensual de amarrar nas costas, que usava com uma meia-calça presa por uma cinta-liga e saltos muito altos.

Uma garrafa de champanhe gelava num balde de prata em um dos cantos do quarto e uma música sensual flutuava no ar. Uma série de

acessórios eróticos (alergias inclusive) estava disposta sobre a mesinha de cabeceira.

Ela conferiu seu relógio muito caro, que usava desde o dia em que perdera a virgindade, resistindo ao impulso de pensar nas palavras que
341/1201

Giuseppe lhe dissera na noite anterior. Sua avaliação chegara muito perto da verdade.

Em vez disso, concentrou-se no que estava

prestes a acontecer. Ela enfim teria o que seu cor-ação desejava: o professor

Gabriel O. Emerson

em seus braços, em sua cama, em seu corpo.

Finalmente.

Os homens nunca diziam não para ela. E, apesar do apego de Gabriel por sua esposa sem sal, que mais parecia uma ratinha, ele era homem.

Eles transariam algumas vezes e então cada um seguiria seu caminho. Ela teria a satisfação de

saber que seu grau de sucesso na arte da sedução era de cem por cento.

O som de alguém batendo à porta ecoou pelo quarto.

Tentando disfarçar seu entusiasmo, Christa endireitou as costuras de suas meias e caminhou em direção à porta.

CAPÍTULO DEZOITO

– Você foi maravilhosa – sussurrou Gabriel, correndo os dedos sem pressa pela espinha dela, para cima e para baixo.

Ela abraçou o travesseiro, escondendo o rosto.

Estava deitada de bruços, as costas gloriosamente expostas.

Ele observou sua timidez com preocupação, antes de se inclinar para beijar o ombro dela.

– Querida?

– Obrigada. – Julia se ajeitou um pouco e olhou para ele.

– O que achou daquela posição? – Gabriel espalmou a mão na base das costas dela, pousando-a sobre as duas covinhas que havia ali.

– Gostei.

– Mas?

343/1201

– Não tenho ressalvas.

– Então por que está sem graça?

Ela deu de ombros.

Gabriel a virou de lado.

– Você está segura. Prometo que está segura nos meus braços e na minha cama. Sempre. – Ele levou um dedo ao seu queixo, erguendo-o. – Fale comigo.

Julia evitou os olhos dele.

– Não quero ficar trazendo velhas questões à tona, mas às vezes fico preocupada.

– Com o quê?

– Tenho medo de não ser ousada o bastante para você.

Gabriel teria rido se ela não parecesse tão preocupada. Ele se forçou a manter a seriedade.

– Depois das últimas horas, acho impressionante que isso a perturbe.

344/1201

A palma da mão dele estava pousada na curva das costas dela, mas ele resistiu à tentativa de apertar sua bunda.

Ela soprou para tirar um fio de cabelo de dentro da boca.

– Não tive oportunidade de lhe contar, mas Christa me abordou logo antes do almoço.

Os olhos de Gabriel faiscaram.

– Não quero ouvir esse nome quando estivermos na cama.

Julia acariciou os pelos finos do peito de Gabriel.

– Desculpe.

– O que ela disse?

– Que você merecia uma mulher mais ousada na cama.

– Não dê ouvidos às idiotices maliciosas dela.

– Eu disse a ela que o que você merecia era amor e que eu lhe dava isso.

345/1201

– A mais absoluta verdade. – A mão dele deslizou pela espinha de Julia até o pescoço, onde começou a massageá-la gentilmente. – Por que está preocupada?

– Porque não quero perder você.

Dessa vez, Gabriel não pôde deixar de rir.

– Então acho que isso seja uma competição, meu amor, porque pretendo fazer o possível e o impossível para não perdê-la.

– Ótimo. – Ela se enroscou um pouco mais em seus braços.

– Não tenho a menor intenção de repetir algumas aventuras que tive no passado.

Julia pensou na professora Agonia e se encolheu.

Com o indicador, Gabriel contornou a curva do pescoço dela, subindo e descendo, e sussurrou baixinho:

– Já outras aventuras estou disposto a explorar, se você estiver de acordo. Nossa cama é feita para 346/1201 o prazer. Minha maior preocupação é satisfazê-la e ter prazer com você, não às suas custas. Não precisa ter medo de que eu vá abandoná-la se me disser não. Você sempre pode me dizer não. Entendeu?

– Entendi. – Ela suspirou com força.

– Então, se eu sugerir algo... novo e você decidir que não quer experimentar, tudo bem.

– Sério? – Os olhos arregalados de Julia perscrutaram os dele.

Os cantos da boca de Gabriel se curvaram.

– Posso tentar seduzi-la e fazê-la mudar de ideia. Mas não consigo imaginar nada mais desagradável do que fazer sexo com uma mulher contra a vontade dela.

Gabriel acariciou o rosto dela com o polegar.

– E, no seu caso, não consigo pensar em nada mais doloroso do que olhar nos seus olhos e ver desconforto ou arrependimento.



347/1201

Ele colou sua boca à dela e os dois se perderam por alguns instantes na doçura de sua união.

– Continua tímida? – Ele a afastou para estudar a expressão em seu rosto.

– Não. – Ela juntou as pernas. – Mas me pergunto que tipo de aventuras sexuais você tem em mente.

– Acredite, Julianne, eu vou lhe mostrar.

Ele a virou de costas e segurou os braços de Julia acima da cabeça dela, roçando os lábios em seu pescoço.

Na manhã seguinte, os Emersons dormiram até mais tarde, apesar dos planos de acordarem cedo para visitar o Ashmolean Museum. Gabriel foi o primeiro a sair da cama, beijando Julia antes de ir ao banheiro.

348/1201

Depois de tomar uma ducha e fazer a barba, ele voltou ao quarto, usando apenas os óculos e uma

toalha enrolada na cintura. Julia ainda estava dormindo.

Ele a observou com considerável satisfação. Ela ficara exausta na noite anterior, graças a uma excepcional série de orgasmos. O peito dele se encheu de orgulho.

Gabriel passara a noite anterior iniciando-a em atividades que ela nunca havia experimentado.

Não conseguia conter a possessividade primitiva que sentia por ser ele a ensiná-la e a compartilhar de seu prazer. Essa possessividade, no entanto,

era atenuada pela ternura que o invadia ao perceber quanto Julia confiava nele.

O sexo entre os dois era sempre repleto de paixão, sempre carinhoso. Gabriel a observava com toda a atenção, para que pudesse agir imediatamente a qualquer sinal de hesitação. E, por 349/1201

saber-se em segurança, ela se entregava por completo.

O sexo pode devorar uma pessoa. Gabriel sabia disso, pois já havia sido devorado, como um animal preso em uma armadilha. Sabia que até mesmo com a esposa havia vezes em que sentia a tentação de largar tudo para poder estar dentro dela. Julia podia ser voraz e passional. A confiança de estar segura lhe dava coragem e sua paixão a tornava uma amante ardorosa. Sua experiência se limitava ao que Gabriel havia lhe ensinado, um fato do qual ele muito se orgulhava. Era como se uma novidade os aguardasse a cada vez que se amavam.

Ele não sabia como lhe transmitir o que sentia em relação a tudo isso sem trazer à tona o fantasma de suas antigas amantes. Porém sentia na própria carne as diferenças entre a esposa e as outras mulheres e tentava assegurá-la de quanto 350/1201

ela o satisfazia não só com palavras, mas também com atos.

Dentro ou fora do quarto, eles seguiam a

sabedoria de Santo Agostinho: *Ama e faz tudo o que quiseres.*

(E eles amaram e fizeram tudo o que quiseram várias vezes na noite anterior.)

Ele olhou para os restos da surpresa que preparara: morangos e trufas para os dois, champagne para Julia e água com gás para ele. O recepcionista tinha sido muito prestativo quando, por impulso, Gabriel lhe pedira tudo aquilo na noite anterior.

Gabriel começou a catar as roupas do chão.

Pendurou as coisas de Julia primeiro, sorrindo para o corpete e a calcinha minúscula que ela usara debaixo do terninho bem-comportado. Ela sabia exatamente como seduzi-lo, sem se afastar do recato que lhe era natural.

351/1201

Em seguida, pendurou o próprio terno, esvaziando os bolsos. Uma coisa branca caiu no chão.

Ele se agachou para pegá-la de volta. Era um cartão de visita.

Christa Peterson

Estudante de Mestrado

Departamento de Italiano

Universidade Colúmbia

E-mail: cp24@columbia.edu

Tel. (212) 4582124

Gabriel olhou com repulsa para o cartão e virou-o. No verso, encontrou algo escrito em letra cursiva feminina.

Malmaison Hotel, Quarto 209. Hoje à noite.

Com um xingamento, Gabriel amassou o cartão e o jogou na lata de lixo.

352/1201

Christa devia tê-lo enfiado em seu bolso no dia anterior. Sem dúvida escrevera o cartão antes de encontrá-lo, já tendo planejado seduzi-lo. Talvez tivesse até viajado a Oxford só para isso.

Diante dessa explicação, grande parte do seu comportamento fazia sentido. O alvo era Gabriel, não Julia. As atitudes ultrajantes de Christa tinham sido friamente calculadas para apanhá-lo

numa armadilha, usando seu desejo de proteger a esposa. É claro que isso não a impedira de provocar Julia e sugerir que ela não seria capaz de segurar o marido, como se Christa estivesse certa de que conseguiria seduzi-lo.

O estômago de Gabriel se revirou.

Ele andou até a cama e observou o perfil de Julia enquanto ela dormia. Os dois haviam tido uma noite de imenso prazer, e Christa queria roubar isso deles. Sua luxúria se transformara em inveja e perfídia e ela conspirava para roubá-lo de sua esposa.



353/1201

Que bom que Julia não encontrou aquele cartão.

Ele esperava que, se isso tivesse acontecido, ela o confrontasse em vez de sair correndo e abrir seu coração para Paul.

Um arrepio percorreu a espinha de Gabriel. A carreira de Julia, que mal estava começando, era preciosa. O casamento deles era precioso. E ele não permitiria que nada ou ninguém ameaçasse qualquer uma dessas duas coisas.

Pegou o celular e voltou ao banheiro. Enquanto andava, discou o número de John Green, seu advogado.

No Malmaison Hotel, no Oxford Castle, Christa estava parada diante do espelho do banheiro. Levou a mão trêmula ao lábio, pairando os dedos sobre a pele cortada. Encolheu-se, inspecionando lentamente o hematoma que surgia em sua face e

354/1201

as marcas que os dedos dele haviam deixado ao se enterrarem em sua carne.

Seu estado era lastimável.

Na noite anterior, ela abrira a porta do quarto esperando ver o professor Emerson. Mas era Giuseppe quem estava ali, bêbado e furioso.

Ele passou por ela com um empurrão e trancou a porta, vociferando sobre como Christa iria lhe custar o cargo que pleiteava nos Estados Unidos. Gritava em italiano, com a voz engrolada.

Quando Christa questionou o que ele estava fazendo ali, Giuseppe ficou ainda mais agressivo, exigindo saber quem ela pretendia seduzir no quarto pelo qual ele havia pagado.

Assim que ouviu o nome de Gabriel, ele lhe deu um tapa com as costas da mão.

Ela nunca havia apanhado antes. Entre a noite anterior e essa manhã, passou por muitas coisas pelas quais nunca tinha passado. Baixou os olhos para o meio das pernas, onde sua carne estava

355/1201

esfolada e sensível. Christa não havia consentido. Não concordara com nada daquilo.

A ternura que Giuseppe demonstrara antes desaparecera por completo. Ele se entregou à fúria, rasgando as roupas dela e forçando-a a se deitar na cama. Ele a insultou, xingando-a e a Gabriel. Christa resistiu e tornou a apanhar.

Ela se debruçou sobre a privada ao se lembrar da agressão, botando para fora tudo o que havia em seu estômago. Assim que terminou, recostou-se na pia e bebeu um copo d'água.

Achava que estava no controle. Era ela quem decidia com quem ir para a cama e o que seus parceiros deveriam lhe dar em troca. Era ela quem rejeitava os amantes. Mas, na noite passada, o controle lhe fora tomado.

E ele lhe tomara bem mais do que isso. Ao lembrar, ela precisou conter lágrimas de raiva e frustração.

356/1201

Christa voltou ao quarto na ponta dos pés para se certificar de que ele ainda dormia. Ao ouvir o som grave dos seus roncoss, soube que estava na hora.

Vestiu algumas roupas às pressas, sem se importar se combinavam ou não. Jogou seus pertences dentro da mala, deixando os farrapos da lingerie da noite anterior espalhados pelo chão. Ouviu uma inspiração forte e alta vir da cama e se virou na direção dela, aterrorizada.

Giuseppe
balbuciou
algo
e
os
roncos
recomeçaram.

Christa pegou a bolsa, o passaporte e o casaco. A poucos passos da porta, percebeu que seu relógio Baume & Mercier estava sobre a mesinha de cabeceira, a poucos centímetros da cabeça dele. Ela queria pegá-lo de volta. O relógio tinha grande valor sentimental.

Quando Christa se aproximou da cama, a respiração de Pacciani ficou mais irregular. Um 357/1201

grunhido lhe escapou da boca e ele rolou na direção dela.

Sem olhar para trás, Christa fugiu para a porta, abrindo-a e fechando-a sem fazer barulho.

Deixou o relógio para trás.

Enquanto entrava no táxi que a levaria até a estação de trem, começou a elaborar sua vingança. Qualquer pensamento sobre o professor Gabriel O. Emerson e sua jovem esposa, Julianne, havia desaparecido de sua cabeça.

CAPÍTULO DEZENOVE

– Sinto muito por não ter ido à sua formatura em Toronto.

Gabriel segurava a mão de Julia enquanto eles exploravam o Ashmolean Museum, que ficava em frente ao Randolph Hotel.

– Eu procurei por você. Tinha certeza de que estaria lá.

– Não conseguiria estar no mesmo ambiente que você sem poder me aproximar. E fazer isso na frente de Jeremy e do pró-reitor Aras... – Gabriel balançou a cabeça. – Irei à sua próxima formatura.

– Promete?

– É claro.

Ela se colocou na ponta dos pés e colou os lábios aos dele.

359/1201

– Obrigada.

Eles continuaram a passear pelo museu, parando para admirar algumas peças expostas. Quando se detiveram em frente a um painel que mostrava uma pintura medieval de Santa Luzia, Julia se lembrou de Rachel.

– Sua irmã me mandou um e-mail. Perguntou como tinha sido a palestra.

– Ela está grávida?

– Ela não disse. Mas, se não estiver, não é por falta de tentativa.

Gabriel franziu o nariz.

– Não preciso dessa imagem na minha cabeça.

– Tenho certeza de que Rachel também não precisa ter esse tipo de imagem sua na cabeça dela. Mas ficou quase tão feliz quanto eu quando consumamos nosso relacionamento.

– Isso é bem difícil de acreditar – sussurrou ele, puxando-a para um canto escuro.

360/1201

– Ela disse que está ansiosa por nos visitar em Cambridge no feriado do Dia do Trabalho.

– Agora fique quietinha. Estou tentando beijar você.

Julia riu.

– Só um minuto, ainda não terminei.

– Então seja rápida – disse ele, levando os lábios a poucos centímetros da orelha dela.

– É importante. – Ela o repreendeu com o olhar. – Rachel e Aaron gostariam que nós acendêssemos uma vela para eles em Assis. Querem que rezemos para que eles tenham um bebê.

– Acho que as preces de Richard seriam mais eficazes do que as minhas. Embora eu ainda esteja rezando por outra coisa.

Gabriel não pôde esconder o brilho de esperança que iluminou seus olhos, como se a prece não atendida fosse um tesouro que ele cobiçasse

desesperadamente.

361/1201

Julia notou a mudança, mas ficou calada. Ela acabara de celebrar sua entrada triunfal no mundo acadêmico. Agora, Gabriel dava a entender que queria ter um filho. De alguma forma, a esperança naquele olhar tornava o desconforto dela ainda mais doloroso.

A luz nos olhos dele se apagou.

– Por que está me olhando assim? – Ele a soltou.

– Assim como?

– Como se estivesse me rejeitando.

– Não estou rejeitando você. – Ela forçou um sorriso.

– A ideia de ter um filho comigo é tão repulsiva assim?

As feições de Gabriel se enrijeceram.

– Claro que não. – Ela entrelaçou seus dedos aos dele. – Só é difícil para mim pensar em filhos quando preferiria me concentrar nas palestras e no doutorado.

362/1201

– Não estou lhe pedindo para escolher entre uma coisa e outra, Julianne. Jamais obrigaria você a sacrificar seus sonhos por mim. Acredito já ter dado provas suficientes disso. – A voz dele soou fria.

– Como deve se lembrar, seu sacrifício nos causou muita dor.

– Quanto a isso, você tem razão. – Ele soltou a mão dela e gesticulou para o corredor. – Vamos?

– Gabriel. – Ela pousou a mão de leve em seu braço. – Eu lhe disse antes de nos casarmos que a ideia de ter criancinhas de olhos azuis com você me fazia feliz. Isso não mudou.

– Então por que não podemos falar sobre isso? Por Deus, Julianne. Se estivéssemos indo para a África, falaríamos a respeito. Se fôssemos construir uma casa, falaríamos a respeito. Por que não podemos falar sobre um filho?

– Porque não consigo lhe dizer não. Ainda mais quando você parece tão feliz e esperançoso. – Os 363/1201

olhos dela se encheram de lágrimas. – Não aguento ser essa pessoa que ergue uma barreira entre você e seu sonho, como uma bruxa com um coração de pedra.

– Meu amor – balbuciou ele, puxando-a para um abraço apertado. – Essa ideia nunca sequer passou pela minha cabeça.

A mão dele tocou o pescoço dela, debaixo dos cabelos, e a acariciou com ternura. – Este não é o melhor lugar para termos esta conversa, mas juro

que não penso em você dessa forma. Já disse que vou esperar. Entendo que queira terminar o doutorado. Nunca senti tanto orgulho de você quanto ontem, assistindo à sua palestra. Você foi fantástica. – Ele deu um beijo logo abaixo da orelha de Julia. – Quando falo sobre termos uma família, juro que minha intenção não é pressioná-la. Estou apenas trazendo à tona um assunto que me faz feliz, na esperança de que faça você feliz também. Podemos falar sobre o futuro e fazer 364/1201

planos sem mudar nosso cronograma. Começar uma família é uma decisão muito importante, especialmente com o nosso histórico familiar. Sei que você já pensou muito nisso. Só estou pedindo que conversemos um pouco sobre o assunto. Mas não precisamos fazer isso agora. Me desculpe por ter falado sobre isso antes da palestra. Só me prometa que vamos conversar algum dia, mesmo que

seja apenas em linhas gerais.

– Claro, Gabriel. É só que esse assunto me deixa ansiosa.

– Então preciso me empenhar em abordá-lo de um jeito melhor, em vez de jogá-lo no seu colo quando você menos espera. Mas nunca mais quero ouvi-la chamar a si mesma de bruxa com coração de pedra.

Ele se afastou para fitar os olhos da esposa.

– Essa é uma descrição que não se aplica a você, e eu jamais deixaria que alguém se referisse à minha esposa dessa forma.

365/1201

Ela assentiu.

– Ótimo. – Ele pegou a mão dela e voltou a andar. – Agora, se bem me lembro, você estava me contando sobre o e-mail de Rachel.

– As palavras exatas dela foram: “Estou apostando todas as minhas fichas. Pedi que cristãos, muçulmanos, judeus

e

até

uma

zoroastrista rezassem por nós.”

Gabriel pareceu intrigado.

– Rachel conhece uma zoroastrista? Como isso é possível? Existem menos de duzentos deles no mundo.

– Ela trabalha com uma mulher que segue essa religião. Como você sabe quantos deles existem no mundo?

– Eu pesquisei na Wikipedia.

Gabriel a encarou com um olhar solene, antes de lhe dar uma piscadela bem-humorada.

– Não acredite em tudo o que lê na Wikipedia, professor.

366/1201

– Eu não teria dado conselho melhor, Sra.

Emerson. Alguém redigiu um artigo a meu respeito naquele maldito site e o conteúdo era parvososo. *Wikimbecis*.

Gabriel lhe deu um beijo carinhoso, porém firme, até eles ouvirem alguém pigarrear ali bem perto.

Havia um segurança a meio metro deles.

– Vamos andando – disse ele, fulminando-os com o olhar.

– Desculpe – falou Gabriel, em um tom que era

o oposto de um pedido de desculpas.

Em seguida, passou o braço em volta da cintura de Julia e entrou na sala ao lado.

– Precisamos ser mais discretos. – Ela sentiu que corava enquanto eles continuavam seu passeio pelo museu.

– Precisamos é encontrar um canto escuro. – Gabriel lançou um olhar provocativo para ela, que corou ainda mais. – Já pedi a John Green que 367/1201

envie a Christa uma notificação extrajudicial. – Gabriel a levou para o corredor.

– Você acha que é uma boa ideia?

– John achou que sim. É apenas um alerta. Um simples lembrete de que não iremos tolerar calúnias. Aquela mulher é uma ameaça.

Julia inspirou fundo e prendeu a respiração, expirando devagar em seguida.

– A conferência foi melhor do que eu esperava. Gabriel levou a mão dela aos lábios.

– Você foi excepcional.

– Então talvez as calúnias não sejam tão preocupantes quanto pensávamos.

– Calúnias são sempre preocupantes. Não conhece aquele trecho de *Otelo*?

Então ele citou:

*Aquele que rouba minha algibeira rouba-me
lixo...*

Mas aquele que priva-me de meu bom nome
368/1201

*Subtrai de mim algo que não o enriquece
Mas torna-me paupérrimo.*

– Acho que já ouvi você dizer isso antes. Acha mesmo que pode impedir Christa de espalhar focas a nosso respeito?

Gabriel a fitou com resignação.

– Não sei. Mas, depois da maneira como ela se comportou na conferência, eu tinha que tentar.

CAPÍTULO VINTE

Julho de 2011

Minneapolis, Minnesota

A caligrafia de Paulina Gruscheva era firme e

sofisticada como ela própria. Escrevia com uma caneta-tinteiro Montblanc, a tinta preta se espalhando em floreios rebuscados por sobre o caro envelope creme.

Tivera que pesquisar o endereço dele. Por milagre, ele constava na lista telefônica de Cambridge.

Enquanto olhava as letras e os números que havia escrito, um sorriso de satisfação se abriu em seu belo rosto. Então ela lacrou o envelope e se

preparou para ir à agência dos Correios.

Ele teria uma surpresa.

CAPÍTULO VINTE E UM

Julho de 2011

Itália

Julia e Gabriel se despediram de Katherine, Paul e Oxford poucos dias depois da conferência. As últimas palavras trocadas com Paul foram especialmente estranhas. Julia conhecia o amigo e, por isso, sabia que havia algo errado. Porém, quando o questionou a respeito, Paul se limitou a dizer que estava ansioso por causa da tese.

Ao abraçá-lo na despedida, ele a apertou bem forte e por mais tempo que de costume. Julia sugeriu que eles mantivessem contato e ele balançou a cabeça, mas não concordou. Ela o perdoou pelo comportamento dele, convencendo-se de que

371/1201

Paul estava apenas nostálgico com relação à amizade deles.

Gabriel distraiu Katherine para que ela não notasse a interação entre Paul e Julia, tentando lhes dar um pouco de privacidade. Mas o desconforto

de Paul, ou a maneira como ele tentava parecer feliz e sereno pelo bem de Julia, não lhe causava nenhum prazer.

Os Emersons viajaram para Roma, comemorando o aniversário de Gabriel no dia 17 de julho com um tour especial pelo Museu do Vaticano. Por mais chocante que pareça, no entanto dessa vez não houve sexo no museu.

(Nem mesmo Gabriel seria capaz de ceder ao seu desejo por Julia dentro do Vaticano.)

Ele passaram alguns dias em Assis, onde rezaram e acenderam velas na cripta de São Francisco. Embora não tivessem revelado o conteúdo das preces, ambos sabiam ter rezado um pelo
372/1201

outro, por seu casamento e pela dádiva de uma criança no futuro.

A essas preces, Julia acrescentou seus próprios pedidos de sabedoria e força, ao passo que Gabriel pediu bondade e coragem. Ambos rezaram por Rachel e Aaron, pedindo a Deus que abençoasse suas tentativas de terem um bebê.

Foi assim que, no fim de julho, chegaram à casa deles nos arredores de Todi, um vilarejo da Úmbria. A casa ficava perto de um pomar com árvores frutíferas variadas e ostentava uma piscina coberta, um de seus lados cercado de alfazemas. O perfume das flores pairava no ar e Julia pôs alguns ramos entre os lençóis da cama. Quando acordou no dia seguinte, não viu Gabriel. Com o sol alto no céu e entrando pela porta da sacada, não ficou surpresa com sua ausência, ou com a frieza dos lençóis do seu lado da cama. Ao agarrar seu travesseiro, que ainda preservava
373/1201

o cheiro de Aramis misturado a alfazema, encontrou um bilhete.

Bom dia, querida

Você estava dormindo tão gostoso que não tive coragem de acordá-la.

Fui a Todi comprar algumas coisas no mercado. Ligue para o meu celular se precisar de alguma coisa.

Com amor,

G.

P.S.: Você é maravilhosa.

Julia sorriu. Era um bilhete simples, como tantos outros que ele já lhe havia escrito. Mas, no canto inferior, quase como uma decisão de última

hora, Gabriel acrescentara um desenho. Era ela
374/1201

de perfil, dormindo, transposta para um pequeno esboço a lápis. Embaixo da ilustração, ele escrevera *Minha Beatriz*.

Julia não sabia que ele era tão hábil com um lápis, embora sua destreza em outras atividades sugerisse um ampla gama de talentos manuais. O desenho era muito bem-feito. Ela teve vontade de emoldurá-lo.

Ainda sorrindo, pousou os pés descalços no chão e foi andando até o armário. Não estava com vontade de vestir muita coisa. Então pegou uma camisa de Gabriel e a colocou, fechando apenas alguns botões antes de abrir uma das gavetas da penteadeira em busca de meias. Ouviu a voz de Gabriel chamando-a lá de baixo. Animada, desceu correndo as escadas rumo à cozinha.

– Oi. – Ele lhe deu um beijo na testa e pousou as compras sobre o balcão. – Você está linda.

375/1201

Com as mãos livres, beijou-lhe primeiro uma bochecha e depois a outra, antes de envolvê-la em seus braços.

– Dormiu bem? – Os lábios dele roçaram seus cabelos.

– Muito bem. Somando nossa estadia em Assis e a noite de ontem, acho que dormi mais do que nos últimos meses. – Ela deu um beijo no pomo de adão dele, que se encolheu um pouco, como se sentisse cócegas. – Obrigada pelo desenho.

– De nada.

– Não sabia que você desenhava.

– Meu bem, eu pintaria você se pudesse. *Com meus dedos*.

– Pare de me provocar, professor. Sempre que penso em tinta, me lembro do que fizemos no chão em Selinsgrove. E isso me deixa bem agitada. – Ela fez um biquinho travesso.

376/1201

– Prometo que vou cuidar disso mais tarde. –

Ele a libertou dos seus braços, abrindo um sorriso malicioso. – Gostei das suas meias.

Ela baixou os olhos para os pés e os esticou.

– Estampa de losangos é sexy.

– Sem dúvida. Um amigo me disse certa vez que é a estampa da sedução.

– Você tem amigos estranhos.

Julia balançou a cabeça, arrancou uma uva do cacho na fruteira e a comeu.

Ele

começou

a

arrumar

as

compras,

observando-a com o canto do olho.

– Você parece feliz.

Ela se sentou em cima do balcão e começou a balançar as pernas para a frente e para trás.

– E estou. A conferência acabou e nossa viagem a Roma e Assis foi ótima. Sou apaixonada pelo meu marido e ainda divido esta casa fantástica com ele. Sou a mulher mais sortuda do universo.

Gabriel arqueou as sobrancelhas.

377/1201

– Do universo? Humm. Estou certo de que os habitantes da galáxia mais próxima não vão gostar de ouvir isso.

Brincalhona, ela o cutucou com o pé calçado de meia.

– Seu nerd.

Ele se virou e agarrou o pé dela, puxando-o para cima até a perna de Julia estar na altura dos seus ombros. Julia se apoiou nos cotovelos para manter o equilíbrio.

– *Do que você acabou de me chamar?* – Ele fingiu estar irritado, mas seus olhos cor de safira brilhavam.

– Hum, de nerd.

Ele ergueu uma só sobrancelha.

– Ah, é? Um nerd faria *isto*?

Habilmente, Gabriel usou os dedos para acariciar as curvas do peito do pé de Julia.

Quando a sensação prazerosa a fez suspirar, ele tirou suas meias e as jogou por sobre o ombro.

378/1201

– Vamos ver se conseguimos deixar você toda agitada. Que tal? – A voz dele soou grave e fez Julia estremecer.

Ele deslizou a mão por sua perna acima, brincando com a parte de trás do seu joelho até ela gemer.

– Julianne ... – rosnou ele, os olhos dançando.

– Q-quê?

– Você está sem calcinha.

Ela começou a respirar muito depressa enquanto os dedos dele se aproximavam de sua carne exposta.

– Nerds não costumam ter fama de bons amantes.

Gabriel puxou sua mão de volta e pôs o indicador na boca de Julia.

Ela abriu os lábios e ele enfiou seu dedo lá dentro. Julia fechou os lábios ao redor dele, chupando-o antes de soltá-lo.

379/1201

Gabriel piscou para ela antes de usar seu dedo agora úmido para acariciar a parte de dentro da sua coxa, perto da virilha.

– Um nerd saberia fazer isso? – Ele se inclinou e começou a soprar ao longo da linha úmida que seu dedo deixara.

Quando Julia tornou a estremecer, ele sorriu com malícia e roçou o nariz na mesma linha.

Então se levantou, beijou-a com paixão e recuou bruscamente. Antes que ela pudesse protestar, Gabriel ficou de joelhos à sua frente.

– Humm – gemeu, erguendo as pernas dela para apoiá-las em seus ombros. – Este balcão parece ser da altura perfeita. Parece que você é mesmo a mulher mais sortuda do universo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Julia acordou no meio da noite e foi ao banheiro. Ao voltar, percebeu que Gabriel se revirava na cama e algumas palavras abafadas escapavam de seus lábios.

Isso não era nenhuma surpresa. Gabriel tinha o sono pesado, mas em algumas noites se remexia e até falava dormindo. Em geral, Julia não se incomodava. Mas, desta vez, ele começou a se debater e xingar.

Julia foi imediatamente para junto dele.

– Gabriel?

Seus movimentos espasmódicos continuaram, pontuados por instantes de torpor.

Ela acendeu a luz.

– Gabriel?

381/1201

Ele balbuciou. Então, de repente, puxou com força as cobertas, lutando contra elas e agitando-se até se libertar.

Por fim arregalou os olhos e sentou-se, ofegante.

– Você está bem? – Julia preferiu manter certa distância, falando em voz baixa.

Ele a encarou, desorientado, e levou a mão ao peito.

– É seu coração? Consegue respirar?

– Pesadelo – disse ele, a voz falhando.

– Vou buscar água para você. – Julia voltou ao banheiro e pegou um copo, enchendo-o com a água da torneira. Ele o aceitou sem dizer nada. Julia sentou-se na beirada da cama e aguardou, observando-o com atenção.

– Sobre o que era o pesadelo?

Ele terminou de beber a água e pôs o copo no criado-mudo.

– Me dê um minuto.

382/1201

Julia quis afastar os cabelos negros da testa dele, mas achou que Gabriel não receberia bem o gesto.

Ele piscou os olhos azuis antes de fixá-los na parede atrás dela.

– Meus pais biológicos.

– Ai, meu bem. – Julia fez menção de abraçá-lo, mas ele ficou tenso.

Ela parou por um momento, depois andou até o seu lado da cama.

Gabriel não se mexia. Nem se deu o trabalho de apagar a luz; apenas permaneceu sentado, as costas apoiadas na cabeceira.

Ela deslizou para perto dele, debaixo dos lençóis. Queria confortá-lo. Mas o ar ao redor de Gabriel estava carregado de uma energia estranha. Ele não queria ser tocado.

Julia fechou os olhos e estava quase dormindo quando ouviu a voz dele:

383/1201

– Eu estava com minha mãe no nosso antigo apartamento no Brooklyn. Ela discutia com meu pai.

Julia abriu os olhos.

– Ouvi um barulho. Ouvi minha mãe chorando.

Entrei correndo na cozinha.

– Ela estava bem?

– Estava ajoelhada no chão. Ele estava parado na frente dela, gritando. Bati nele com os punhos cerrados. Gritei também. Ele me empurrou e foi em direção à porta. Minha mãe rastejou atrás dele, implorando-lhe que não fosse embora.

Os olhos de Gabriel assumiram um brilho frio, a raiva distorcendo seus belos traços.

– Filho da puta – praguejou.

– Meu amor... – balbuciou Julia.

Ela arrastou a mão pelo lençol, tocando-lhe o quadril.

384/1201

– Eu o odeio. Ele está morto há anos, mas, ainda assim, se eu soubesse onde está enterrado, iria mijar na sua sepultura.

Julia espalmou a mão sobre o quadril dele.

– Sinto muito.

Como Gabriel continuasse calado, ela acariciou sua pele devagar, buscando acalmá-lo.

– Ele batia nela. Como se não bastasse tê-la seduzido e depois nos abandonado, o cretino batia nela.

– Gabriel – sussurrou ela –, foi apenas um sonho.

Ele balançou a cabeça, ainda com o olhar perdido.

– Acho que não.

Julia se deteve.

– Você acha que foi real?

Gabriel cobriu os olhos, apertando as órbitas com os dedos.

385/1201

– Não acho que aquela tenha sido a primeira vez que eles brigaram. Ou que eu intervim.

– Quantos anos você tinha?

– Eu era novo. Cinco ou seis. Não sei bem.

– Você era um rapazinho corajoso, defendendo sua mãe desse jeito.

Gabriel largou as mãos sobre o próprio colo.

– Não adiantou nada. Ele arrasou com ela. Consegue imaginar isso? Rastejar atrás do homem que bateu em você? Na frente do seu filho.

– Ela devia amá-lo.

– Não arranje desculpas – falou ele, ríspido.

– Gabriel, olhe para mim. – O tom de voz dela era gentil.

Ele se virou na direção dela, os olhos faiscando.

– Eu fiquei com o Simon. – Ela lembrou baixinho.

Gabriel pestanejou e, pouco a pouco, o fogo em seus olhos começou a abrandar.

386/1201

– Não conheci sua mãe. Mas sei como minha cabeça estava confusa quando eu namorava o Simon.

– É diferente. Você era jovem.

– Imagino que sua mãe não fosse muito velha quando você nasceu. Quantos anos ela tinha?

– Não sei – resmungou ele.
– Ela achava que o amava. Teve um filho com ele.

– Ele era casado.

Julia remexeu no lençol que a cobria.

– Não podemos mudar nosso passado, só o futuro.

– Desculpe por ter acordado você. – Gabriel deu um beijo nos cabelos dela.

– Você não me acordou.

Ele se afastou para poder ver o rosto dela.

– Ah, não?

– Tive um probleminha feminino.

387/1201

Após alguns instantes, a compreensão se estapou no rosto dele.

– Ah. Está se sentindo bem?

– Já estive melhor, mas vai passar.

– Achei mesmo que estava um pouco sensível mais cedo. – Ele passou a mão de leve sobre seus seios.

Julia a segurou, detendo-a.

– Sinto muito pelo pesadelo.

Ele se afastou, apagando a luz. Então enfiou-se debaixo do lençol, ao lado dela.

Julia o ouviu trincar os dentes, retesando o queixo.

– Acha mesmo que é uma lembrança, e não só um pesadelo?

– Às vezes não sei diferenciar – admitiu ele.

– Já aconteceu antes?

– Uma vez ou outra. Mas já fazia algum tempo.

– Você nunca me disse nada.

388/1201

– Não é algo de que eu goste de falar, Julianne.

Minhas lembranças da infância são, na melhor das hipóteses, vagas. E, o que lembro, tento esquecer.

– Já falou com o Dr. Townsend a respeito delas?

– Por alto. – Ele tocou Julia, distraído, roçando a ponta dos dedos pelas suas costas. – Sei muito

pouco sobre os meus pais.

– Entendo a raiva que sente dos seus pais. Mas não é saudável se agarrar a ela.

– Sei que não. – Ele parou de tocá-la e virou de lado, de frente para ela. – Talvez haja alguns esqueletos terríveis no armário da minha família.

Você me amaria apesar disso?

– Nunca amaria você apesar de nada, Gabriel. Simplesmente amo você.

Ele prendeu a boca de Julia num beijo, mas apenas por um breve instante. Eles relaxaram na cama, abraçados debaixo das cobertas.



389/1201

Quando ela estava prestes a cair no sono, a voz de Gabriel soou em seus ouvidos:

– Obrigado.

Na manhã seguinte, Julia estava tomando sol à beira da piscina antes que ficasse quente demais.

Usava um chapéu grande e um biquíni azul

muito pequeno. Gabriel a convencera a comprar

o biquíni durante a viagem a Belize, antes de eles se casarem. Ela não tivera

muitas chances de usá-

lo.

Lembrou-se da noite anterior e do pesadelo de

Gabriel. Os dois tinham ficado perturbados com

aquilo. Julia não conseguia deixar de visualizar a cena que ele descrevera: a mãe no chão, ras-tejando atrás do homem que lhe fizera um filho e

a abandonara. Talvez essa imagem, real ou não,

fosse em parte responsável pela intensa revolta de 390/1201

Gabriel diante da visão de Julia ajoelhada. Mesmo

agora, meses depois do casamento, essa era uma posição que ele não suportava.

Talvez seja por causa de Paulina.

Julia se encolheu. Não gostava de pensar nessa

mulher, antigo caso de Gabriel e mãe da criança

que eles perderam. Mas, a não ser que Gabriel estivesse escondendo algo, havia mais de um ano

que não tinham notícias dela.

Ela não tinha o menor interesse em revirar esse passado.

Uma sombra caiu sobre as pernas de Julia, que olhou pelos óculos escuros e deu de cara com o marido parado sobre ela. Ele usava apenas uma sunga preta e trazia uma toalha.

O peito e os braços musculosos dele ondulavam conforme ele se movia, beijando-a antes de pousar a toalha em uma cadeira e mergulhar na piscina. A temperatura da água estava agradável e era um alívio bem-vindo do sol forte da Úmbria.

391/1201

Gabriel nadou algumas voltas, perdendo-se no quase silêncio da água, indo várias vezes de uma ponta a outra da piscina. Durante o exercício, assim como durante o sexo, ele conseguia afastar sua mente de todas as preocupações e do estresse, concentrando-se apenas em seus movimentos.

Suprimiu

conscientemente

qualquer

pensamento ou reflexão sobre o pesadelo. Sua intuição assumira o controle, dizendo-lhe que o sonho era uma lembrança. Por mais que tentasse racionalizar, não conseguia se convencer do contrário. Então apenas desviou sua atenção para

outras coisas – a sensação do sol e da água em sua pele, o som da água espirrando, o cheiro de cloro, a gloriosa queimação em seus músculos à medida que ele se forçava a nadar mais rápido.

Ele estava contando as voltas, virada após

virada, quando sua paz foi quebrada por um grito repentino.

392/1201

Gabriel parou na mesma hora e olhou para

Julia. Ela continuava sentada, mas havia jogado as pernas por sobre a lateral da espreguiçadeira,

pousando os pés no chão, e segurava seu iPhone contra a orelha.

– Ela o *quê*? – A voz de Julia soava estridente, o que era raro.

Gabriel secou os olhos para enxergá-la melhor.

– Mentira! – Ela fez uma pausa, boquiaberta. –

Para quando?

Ele nadou até a escada e saiu da piscina. Pegou

a toalha e começou a se secar, sem desgrudar os olhos dela.

– Não, estou feliz. Por vocês dois. Só não consigo acreditar. – O tom dela era sincero, se não perplexo, mas sua linguagem corporal mostrava que estava tensa.

Gabriel abanou a mão diante do rosto dela.

– Quem é? – sussurrou, apontando para o telefone.

393/1201

– *Meu pai* – sussurrou ela.

Foi a vez de Gabriel ficar boquiaberto. Se as palavras dela significavam o que ele achava que significavam, então...

– Quando vai ser o casamento? – Julia olhou para Gabriel, erguendo as sobrancelhas. – Não sei. Vou ver com ele e falo para você depois.

Nossa, pai. Que surpresa.

Ela riu.

– Sim, para você também. É claro.

Gabriel estendeu a mão e a pousou sobre o ombro dela. Julia a cobriu com a sua.

– Sim, claro. Passe para ela. – Julia fez uma pausa. – Oi, Diane. Meus parabéns.

Gabriel secou o rosto com a toalha uma segunda vez e foi se sentar na espreguiçadeira ao lado da esposa.

– É óbvio que nós iremos. Só precisamos saber a data. Isso mesmo. Claro. Meus parabéns mais
394/1201

uma vez. Tchau. Oi, pai. Estou muito feliz por vocês dois. Sim, é claro. Tchau.

Julia encerrou a chamada e se deixou cair para trás, recostando-se na espreguiçadeira.

– Puta merda!

– O que foi?

– Meu pai vai se casar.

Os lábios de Gabriel tremeram.

– Isso eu entendi. Eles falaram que estavam pensando nisso em Selinsgrove.

– Eu sei, mas eles querem se casar logo porque

Diane está grávida.

Gabriel conteve um sorriso.

– Humm. – Ele acariciou a barba por fazer em seu queixo, fingindo estar imerso em pensamentos. – Tom, forçado a se casar sob a mira de uma espingarda, sendo que ele deve ser a única pessoa que conheço que *tem* uma espingarda. Isso é o que eu chamaria de *ironia*, se

não soubesse que é 395/1201

melhor ficar calado. – Gabriel lhe deu uma piscadela.

Julia ajeitou os óculos escuros.

– Pois é, professores de literatura têm esse hábito irritante de sempre usarem a palavra certa, seja qual for a ocasião.

Tira toda a graça de um

bom neologismo.

Gabriel riu.

– E é exatamente por causa desse tipo de observação – ele se interrompeu para lhe dar um beijo na boca – que eu amo você, Sra. Emerson.

– Pensei que me amasse por causa dos meus seios.

– Gosto de todos os seus atributos na mesma medida. – Ele deslizou a mão até a parte de baixo do seu biquini, dando um puxãozinho nela.

– Você é charmoso demais para o seu próprio bem, professor.

– É o que dizem. Para quando é o bebê?

– Final de dezembro.

396/1201

– Você está chateada? – Ele tirou o chapéu e os óculos escuros dela para poder ver seus olhos.

– Não, estou chocada. Meu pai vai ter um bebê.

Nem acendemos uma vela para ele em Assis.

– Talvez tenha sido melhor assim, ou então Deus poderia ter lhe enviado gêmeos.

– Deus me livre!

– Deve ter sido um choque para o seu pai.

Como ele está reagindo?

– Ele me pareceu empolgado. Fiquei com a impressão de que os dois estavam bastante surpresos, mas não quis fazer muitas perguntas.

– O que provavelmente foi sensato da sua parte.

Pelo menos já sei o que dar para ele de Natal.

– O quê?

Lentamente, Gabriel abriu um sorriso satisfeito.

– Camisinhas.

Julia revirou os olhos.

– Quando eles vão se casar?

Ela gesticulou a mão entre eles dois.

397/1201

– Depende de nós. Eles querem a nossa presença, então vai ser assim que pudermos voltar.

Gabriel fechou a cara.

– Não vou encurtar nossas férias por causa do casamento deles.

– Calminha. Eles querem que passemos um fim de semana em Selinsgrove. Pediram que sugeríssemos algumas datas para eles falarem com a família de Diane.

– Você vai ser irmã mais velha.

Uma expressão de espanto atravessou o rosto dela.

– Vou ter um irmão – sussurrou. – Sempre quis ter um irmão ou uma irmã.

– Irmãzina Julia. Com todos os direitos, privilégios e responsabilidades. Sempre detestei ser filho único. Fiquei feliz quando Scott e Rachel se tornaram meus irmãos.

Embora Scott tenha sido

uma peste a maior parte da vida.

398/1201

– Não sei como isso foi acontecer.

Mais uma vez, Gabriel reprimiu um sorriso.

– Que decepção ouvi-la dizer isso, Sra. Emerson. Pelo jeito, nossas atividades noturnas não têm sido... ah... *memoráveis* o suficiente.

Julia franziu a testa.

– Você me entendeu. Meu pai já está velho.

– Ele não é tão velho assim – falou Gabriel. – E Diane é ainda mais jovem.

– Diane tem 40. Ela mesma me disse.

– Uma cocota.

Julia o fitou pelo canto do olho.

– Sério que você falou *cocota*?

– Falei. Seu pai encontrou uma noiva jovem e atraente e agora está prestes a ser pai. De novo.

– Meu pai vai ser pai – repetiu Julia, com uma expressão sonhadora no rosto.

– Acho que você está chocada. – Gabriel se levantou. – Talvez eu devesse lhe preparar um drinque.

399/1201

– Rachel quer ter um bebê, papai vai ter um bebê, enquanto isso, nós... – Ela deixou a frase no ar.

Gabriel se inclinou para ela.

– Pense o seguinte: nossos filhos vão ter um monte de crianças mais velhas com quem brincar nos Natais e nas férias. *Um dia*.

– Natais e férias. Com esse monte de crianças. Santa Mãe.

– Exatamente. – Gabriel sorriu. – Puta merda!

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Naquele mesmo dia, Christa Peterson chegou ao Departamento de Italiano da Universidade Colúmbia alguns minutos antes do horário de sua reunião com a professora Lucia Barini, chefe do departamento. Christa tinha conseguido escapar do professor Pacciani e voltara a Nova York, lambendo suas feridas (tanto as internas quanto as externas) e jurando vingança.

Quando pensava no que lhe acontecera no Malmaison Hotel em Oxford, não usava a palavra *es-tupro*. Mas era o que de fato havia acontecido. Ele a forçara a fazer sexo e usara de violência para

subjugá-la e dominá-la. Por vários motivos, no entanto, Christa escolhera pensar no ocorrido como uma perda de controle. Ele tinha roubado o poder de suas mãos e o usara contra ela. Agora

401/1201

ela iria fazer o mesmo com ele. Só que garantiria que ele sofresse mais.

Pacciani lhe mandara um e-mail com um pedido de desculpas não muito convincente.

Christa ignorara a mensagem.

Na verdade, já estava decidida a usar toda sua considerável energia para arruiná-lo. Escrevera uma longa carta para a esposa dele (em italiano), detalhando seu caso com ele desde o início, quando ela ainda era sua aluna em Florença. Anexou fotografias (algumas pornográficas) e cópias de e-mails. Se isso não bastasse para dificultar a vida dele, ela ao menos ganharia tempo até poder fazer algo verdadeiramente devastador. Foi por isso que, assim que ficou sabendo do boato de que o professor Pacciani pretendia se candidatar a uma vaga justo no departamento dela, Christa marcou uma reunião com a professora Barini.

402/1201

Por estar tão determinada a se vingar, mal tivera tempo ou energia para dedicar ao professor Emerson e a Julianne. Na verdade, já havia praticamente se esquecido deles.

Como estava adiantada para sua reunião, Christa decidiu conferir o seu escaninho no departamento. Encontrou um envelope tamanho padrão, com o nome e o endereço de um proeminente escritório de advocacia de Nova York. Apressou-se em abri-lo e ler o seu conteúdo.

– Droga – balbuciou.

O professor não estava brincando quando disse que iria fazê-la calar a boca. O que tinha nas mãos era uma notificação extrajudicial que a acusava de uma série de incidentes de difamação pública. Cada um deles era descrito com grande riqueza de detalhes e também eram listadas as implicações legais de suas declarações. A carta trazia ainda uma ameaça de que as providências

403/1201

cabíveis seriam tomadas se ela continuasse espalhando calúnias sobre Gabriel ou sua esposa, que se reservavam o direito de tomar as devidas atitudes contra os incidentes já ocorridos.

Merda, pensou.

Parte de Christa queria redigir uma resposta desfavorada para o escritório de advocacia. Parte dela queria continuar sua cruzada para destruir os

Emersons, por puro ódio.

Mas, ao olhar para os demais escaninhos do departamento, percebeu que isso seria burrice. Se um dia quisesse ser admitida no doutorado e conseguir seu título, não devia fazer nada que pudesse constranger seu departamento.

(Além do mais, tinha um peixe muito maior para fritar.)

Enfiando a carta na bolsa, ela decidiu esquecer os Emersons e concentrar suas energias em destruir a carreira do professor Pacciani. Para isso, iria expor seu caso com ele.

404/1201

E foi exatamente isso que fez no escritório da professora Barini, assumindo o papel de aluna insegura e facilmente manipulável.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Do outro lado do oceano, Gabriel apagou a luz antes de puxar Julia para seus braços. Ele começou a beijar o pescoço dela com paixão.

Ela ficou tensa.

Ele parou.

– O que foi?

– Não posso, lembra? Depois de amanhã já deve ter acabado.

– Não estou beijando você porque quero sexo.

Julia arqueou as sobrancelhas no escuro.

– Tenho ótima memória. Não esqueci que você está menstruada. – Ele se afastou, soando um pouco ríspido.

Julia cutucou o braço dele.

– Desculpe. Eu só não queria lhe dar falsas esperanças.

406/1201

Ele baixou a voz até um sussurro rouco:

– A esperança *jorra* eternamente.

– É o que dizem.

– Amanhã eu lhe mostrarei. Eternamente.
Ela riu e se debruçou sobre o corpo dele.
– Quantas tiradas espirituosas, professor.
Parece até que estou em um daqueles filmes com Cary Grant.

– Você me deixa lisonjeado. – Gabriel beijou as pálpebras dela. – Está ansiosa para se tornar uma irmã mais velha?

– Estou. Quero que o bebê me conheça. Quero passar um tempo com ele ou ela. Esperei minha vida inteira para ter um irmão ou uma irmã.

– Estávamos mesmo planejando passar parte das nossas férias em Selinsgrove. À medida que as famílias de Rachel e de Scott forem aumentando, também vamos querer passar mais tempo com eles. Selinsgrove é o melhor lugar para isso.

407/1201

– Mais um motivo para ficarmos felizes que Richard tenha decidido voltar para a casa. Assim, estaremos todos juntos.

Gabriel puxou um cacho do cabelo dela, pensativo.

– Aprendi a gostar do seu cabelo mais curto. Combina com você.

– Obrigada.

– Mas também gosto dele comprido.

– Juro que vai crescer.

Gabriel interrompeu seus movimentos.

– Eu tenho meios-irmãos.

– Ah, é? – Julia se forçou a parecer despreocupada.

– Quando minha mãe estava chateada, ela costumava dizer que meu pai tinha nos abandonado porque amava mais sua família de verdade.

– Que coisa horrível para se dizer a uma criança

– disse Julia em tom sério.

408/1201

– É, ela era turbulenta, mas linda. Tinha os olhos e os cabelos negros.

Julia o encarou com um olhar intrigado.

– Tenho os olhos do meu pai, ao que parece.

Lembro que mamãe era alta, mas imagino que tivesse apenas alguns centímetros a mais do que você.

– Qual era o nome dela?

– Suzanne. Suzanne Emerson.

– Você tem alguma foto dela?

– Sim, algumas. Também tenho fotos de quando eu era bebê.

– E nunca me mostrou? Por quê?

– Não as escondi. Estão em uma gaveta lá em Cambridge. Tenho até o diário dela.

Julia ficou boquiaberta

– Você tem o diário da sua mãe?

– E o relógio de bolso do pai dela. Às vezes eu o uso.

– Já leu o diário dela?

409/1201

– Não.

– Se Sharon houvesse me deixado um diário, eu teria lido.

Gabriel a encarou, curioso.

– Acho que não tem nada da sua mãe, não é?

– Eles mandaram uma caixa com as coisas dela para o meu pai depois que ela morreu.

– E?

– E não faço ideia do que havia lá dentro. Papai a guardava no armário. Imagino que ainda esteja lá. Agora que você falou, eu deveria pedir a ele que me deixasse vê-la.

– Irei com você.

– Obrigada. O que você sabe sobre o seu pai?

– Não muito. Acho que me lembro de ter me encontrado com ele uma vez ou outra, sem contar a cena do sonho que tive ontem à noite.

Quando ele morreu, tive algumas conversas com o advogado dele. Sei que meu pai morava em

Nova Yorke tinha mulher e filhos. A princípio,

410/1201

recusei a herança, mas depois mudei de ideia e eles tentaram invalidar o testamento.

– Ele o deserdou?

– Não. Um ano antes de morrer, ele me acrescentou como beneficiário na mesma proporção dos outros filhos. A mulher dele também recebeu uma bela herança.

– Então você nunca os conheceu?

Gabriel riu com amargura.

– Você acha que meus meios-irmãos tinham alguma vontade de conhecer o bastardo que estava roubando a herança deles?

– Desculpe – sussurrou ela.

– Eu não me importo. Eles não são a minha família.

– Qual era o nome do seu pai?

– Owen Davies.

Gabriel ergueu o queixo dela com o dedo.

– Eu lhe contei essas coisas e lhe mostrei as fotos quando chegarmos em casa. Mas quero que 411/1201

você me prometa que não vai investigar minha família.

A expressão dele era intensa, se não severa. Mas havia algo em seus olhos que ela não conseguia decifrar por completo.

– Eu prometo.

Com isso, Gabriel tornou a pousar a cabeça dela em seu ombro.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Agosto de 2011

Arredores de Essex Junction, Vermont

Na noite seguinte, Paul estava sentado à mesa da cozinha na casa de fazenda dos pais, olhando para o laptop. Eram quase sete da noite.

Fazia duas semanas que voltara da Inglaterra.

Todos os dias ele se sentava para escrever um e-mail para Julia e todos os dias era incapaz de fazer isso.

As mensagens dela eram sempre alegres e a

mais recente não era exceção. Ela havia escrito da Itália, insistindo que ele visitasse o Museu do

Vaticano da próxima vez que estivesse em Roma.

Como se ele precisasse ser convencido disso.

Como se precisasse ser lembrado de que ela

413/1201

estava casada e flanando pela Europa com seu sofisticado marido mais velho, que provavelmente tramava novas maneiras de persuadi-la a ter um filho com ele.

Desgraçado.

Paul era jogador de rúgbi. Ele era forte. Mas, de

alguma forma, aquela frágil garota de Selinsgrove, Pensilvânia, tinha virado sua vida de cabeça para

baixo. Agora ele estava com medo de fazer algo que decidira havia muito tempo.

– Isto é ridículo – murmurou.

Ele começou a digitar, as palavras enfim fluindo com naturalidade. Então ouviu alguém bater à porta dos fundos.

Curioso, foi abrir.

– Oi. – Allison o cumprimentou, parada do lado de fora com dois cafês grandes do Dunkin’ Donuts. – Achei que estivesse precisando de um desses.

Ele ficou calado e ela abriu um sorriso inseguro.

414/1201

– Está trabalhando na tese? Não quero atrapalhar.

Allison lhe entregou um café e disse:

– É melhor eu ir embora.

– Espere. Entre. – Ele segurou a porta de tela aberta.

Ela agradeceu e entrou na cozinha, puxando uma cadeira e se acomodando de frente para onde ele estivera sentado, as costas do laptop viradas para ela.

– Não tive notícias suas desde que voltou da Inglaterra.

– Tenho andado ocupado. – A voz dele soava um pouco irritada. – Minha orientadora está arrancando meu couro e tenho muita coisa para colocar em dia até setembro.

– Como foi a viagem?

Paul bebericou o café e soltou um gemido de

aprovação.

415/1201

– Foi boa. Minha palestra foi bem recebida e pude conversar com minha orientadora.

Allison meneou a cabeça, apertando o copo um pouco mais do que o normal.

– Ela estava lá?

– O nome dela é Julia – disse Paul, ríspido.

– Eu sei – disse ela, em tom gentil. – Eu a conheci nesta cozinha, lembra?

– Sim, ela estava lá. – Ele tomou mais um gole do café.

– E como ela está?

– Bem. O marido dela também foi.

Allison perscrutou o rosto excepcionalmente ranzinza de Paul.

– Você não parece feliz.

Ele ficou calado.

– Sinto muito – falou ela.

Paul deu um meio sorriso.

– Por quê?

– Porque não gosto de ver você sofrendo.

416/1201

Paul deu de ombros, mas não negou.

– Estava tentando escrever um e-mail para ela quando você chegou.

Allison segurou seu copo com as duas mãos.

– Não a entendo. Mas acho estranho que ela mantenha contato, considerando a história entre vocês dois. É como se ela quisesse lhe dar falsas esperanças.

– Tem razão, você não a entende – falou Paul, fuzilando-a com o olhar.

– Duvido que o marido dela fosse gostar de saber que ela lhe manda e-mails.

Paul resmungou algo desagradável sobre o professor.

Allison ficou sentada ali por mais alguns instantes, como se esperasse alguma coisa. Por fim se levantou.

– Vou embora. Não se preocupe, eu conheço o

caminho.

417/1201

Mesmo assim, o ex-namorado a acompanhou até a porta dos fundos.

– Obrigado pelo café.

– Não tem de quê. – Ela saiu.

– Se servir de consolo, sinto muito.

Allison não se virou para trás, mas ficou parada, olhando para o caminho de entrada.

– Eu também.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Agosto de 2011

Úmbria, Itália

Sempre que Julia se sentava diante do computador, sentia-se tentada a pesquisar o nome dos pais de Gabriel no Google. Mas ele a obrigara a fazer uma promessa, e ela estava decidida a não trair sua confiança, por mais difícil que fosse. Certa manhã, Julia estava checando os e-mails quando deparou com uma mensagem de Paul. Ela a abriu.

Assim que terminou de lê-la, recostou-se na cadeira, pasma.

419/1201

– Quer ovos para o café da manhã? Ou frutas e queijo? – perguntou Gabriel da cozinha, que ficava ao lado da sala de estar.

Julia não respondeu, então Gabriel foi até ela.

– Prefere que eu faça ovos para o café, ou só frutas e queijo? Também temos alguns folhados da padaria.

Julia ergueu os olhos para ele, claramente transtornada.

– O que houve?

– Acabei de receber um e-mail do Paul.

Gabriel resistiu ao impulso de fazer comentários sobre o *Papa-anjo* e seu comportamento.

– O que ele diz?

Sem palavras, ela apontou para a tela do computador.

Gabriel pegou seus óculos no bolso e os

colocou.

Querida Julia,

420/1201

Obrigado pelo e-mail. Você fez um ótimo trabalho com sua palestra e achei que lidou muito bem com as perguntas, especialmente

a

de

Christa.

Fiquei

impressionado.

A professora Picton a elogiou muito. Ela não costuma fazer isso, portanto você deveria estar orgulhosa.

Mande meus parabéns para o seu pai e a namorada dele. Ele é um bom homem e fico feliz pelos dois.

Estou de volta a Vermont. A saúde do meu pai continua melhorando. Obrigado por perguntar. Vou dizer a ele e à mamãe que você mandou lembranças.

Estou decidido a cumprir os prazos que a professora Picton me deu, então meus pais contrataram mais

gente para ajudar na fazenda. Espero entrar no mercado de trabalho ainda este outono e tentar conseguir algumas entrevistas durante a convenção da Modern

Language Association. Se não arranjar emprego, terei que voltar à fazenda por mais um ano.

421/1201

Fico feliz por termos tido a chance de almoçar juntos.

Foi bom ver você. Eu deveria ter dito algumas coisas, mas não disse. Acho que devo dizê-las agora.

Acho que cada um de nós deve seguir o seu caminho. Você está casada e eu preciso tocar a minha vida.

Talvez isso se torne mais fácil para mim no futuro. Mas, por ora, devemos parar de trocar e-mails.

Não tenho a intenção de magoá-la, então, por favor, não me leve a mal. Gosto muito de você, mas venho

pensando nisso há algum tempo e acredito que seja o melhor para nós dois. Seja feliz, Coelhinha.

Paul.

Gabriel a encarou. Julia parecia chocada.

– Eu mandei alguns e-mails para ele. Paul demorou dias para responder. E veja o que me

escreveu.

Gabriel se agachou, pousando a mão no joelho dela.

422/1201

– Ele é apaixonado por você, Julia. Você sabe disso.

– Sei que ele me amou no passado.

Gabriel a encarou, sério.

– Você parou de me amar quando fui embora de Toronto?

Ela mordeu a ponta de uma das unhas.

– Claro que não.

– Se ele a ama de verdade, ainda vai amá-la por muito tempo. Talvez para sempre.

– Então por que não iria querer ser meu amigo?

– Julia voltou seus olhos confusos na direção dele.

– Porque é doloroso demais. – Gabriel aninhou

as faces dela nas mãos. – Se eu perdesse você para ele, não poderia ser seu amigo. Teria que amá-la de longe.

– Nunca tive a intenção de magoá-lo – sussurrou ela.

– Estou certo de que ele sabe disso.

423/1201

– Por que ele não tentou falar comigo sobre isso em Oxford?

– Paul não queria deixar você chateada antes da sua palestra.

Julia olhou desconfiada para o marido.

– Você sabia disso?

Gabriel hesitou, mas apenas por um breve instante.

– Sabia.

– Por que não me contou?

– Pelo mesmo motivo que ele não tocou no assunto. Queria que estivesse o mais serena possível durante a conferência.

Ela empurrou a cadeira para trás, afastando-a da mesa.

– Então você e Paul conversaram sobre isso?

Sobre mim?

– Apenas por alto, mas sim.

– Você devia ter me contado.

424/1201

– Estou contando agora. Sinceramente, Julianne, esperava que ele fosse mudar de ideia.

Porém, mais uma vez, Paul me surpreendeu.

– Você distribui as informações a conta-gotas, como se fossem, sei lá, vitaminas.

Gabriel ergueu a cabeça, um sorriso brincando em seus lábios.

– Vitaminas?

– Você me entendeu. Você e seus segredos. –

Ela se levantou, mas Gabriel a segurou pelo braço.

– Não guardo segredos de você. Concordamos em não revelar tudo sobre nosso passado para podermos seguir em frente. Porém, se quiser que eu fale tudo, então é o que farei. – Ele ergueu o queixo, desafiador. – Mas depois vou pedir que faça o mesmo. Por exemplo, você por acaso falou para Paul alguma coisa sobre abandonar Harvard?

– O quê?

425/1201

– Ele me deu um sermão, falando que eu deveria garantir que você não desistisse dos seus sonhos.

Julia arregalou os olhos.

– Quando ele disse isso?

– Em Oxford, logo depois de almoçar com você. Então não venha me falar sobre segredos, Julianne. Não fico almoçando com antigas paixões para conversar com elas sobre nossos problemas conjugais.

– Eu não fiz nada disso.

– Bem, então foi o quê?

Ela ergueu as mãos, mas logo as deixou cair ao lado do corpo.

– Eu só... falei sem pensar. Estava angustiada e precisava conversar com alguém.

– Não lhe passou pela cabeça que você já tem alguém com quem conversar? – Gabriel moveu o

indicador, apontando ora para ela, ora para ele próprio. – Alguém infinitamente mais próximo?
426/1201

– Eu precisava de tempo para pensar.

– Isso eu entendo. Até apoio. Mas ter um tempo para pensar é diferente de sair por aí falando com outras pessoas sobre nossos problemas. Não era a

coisa certa a fazer, Julianne, e você sabe disso. – O tom dele era de censura.

Julia se limitou a encará-lo, esperando que ele explodisse em um ataque de fúria. Para sua surpresa, isso não aconteceu.

(O que demonstrava claramente que o Apocalipse estava próximo.)

Gabriel prosseguiu:

– Eu não falo dos nossos problemas com ninguém. E, sim, às vezes distribuo informação a conta-gotas, como você disse com tanto charme, para protegê-la. Mas é sempre, *sempre*, por amor. Seus dedos deslizaram do pulso dela para a mão.

427/1201

– Tentei convencer Paul a não cortar relações com você. Não porque eu quisesse isso, mas porque não queria vê-la sofrer.

Julia piscou, para afastar as lágrimas que tinham surgido de repente.

– O que me faz sofrer é o fato de você não confiar em mim.

– Eu confio em você.

– Não a ponto de me contar a história da sua família.

Ele trincou os dentes.

– Você sabe tudo o que eu sei: a família da minha mãe a desertou e, depois que ela morreu, me entregou para adoção. Meu pai nos abandonou. Você quer que eu vá atrás desse tipo de gente? Só para descobrir mais detalhes sórdidos?

– Eles fizeram você, Gabriel. Tem que haver alguma coisa na história da sua família que valha a pena saber. É claro que não quero vê-lo triste.

Mas sua família é parte de você. Se tivermos

428/1201

filhos, um dia eles vão nos perguntar sobre os avós.

Gabriel largou a mão dela, seu rosto uma máscara de pedra.

– Se eu pudesse expurgá-los da minha memória, eu o faria. Não quero nossos filhos metidos nessa sujeira.

Ela ergueu o queixo.

– Um homem tão bom e inteligente quanto você nasceu dessa sujeira. E é dela que nossos filhos também virão.

A expressão de Gabriel se abrandou. Ele levou a mão de Julia aos lábios e a beijou.

– Obrigado – sussurrou ele.

– Você tem razão, eu não devia ter falado com Paul sobre minhas preocupações. Mas ele era meu amigo. – Julia continuava lutando contra as lágrimas.

Gabriel puxou o rosto dela para junto de seu peito.

CAPÍTULO VINTE E SETE

À noite, Gabriel entrou na suíte principal.

Estava descalço, usando apenas calça jeans e uma camiseta branca. Quando viu Julianne, arregaçou as mangas.

– Seu ciclo já terminou?

Julia estava parada diante da pia, pois tinha acabado de escovar os dentes e lavar o rosto.

– Ontem.

– Ótimo. Tire a roupa e vá para a cama.

– *Agora.*

Os olhos dele pareciam queimá-la, como duas labaredas. Sem discutir, ela se despiu às pressas, largando as roupas no chão antes de ir para a cama.

– Deite de bruços e feche os olhos.

430/1201

Julia não pôde deixar de estremecer ao som da voz dele, mas fez o que ele lhe pedia. Com os olhos fechados, seus outros sentidos se aguçaram.

Ela sentia a brisa que entrava pela janela aberta.

Ouvia os passos firmes de Gabriel no piso.

Logo em seguida, ele pôs uma música: “The Look of Love”, na interpretação de Diana Krall.

Julia abriu os olhos e viu que ele tinha apagado as luzes e acendido velas ao lado da cama. Como

uma nuvem, o brilho suave tomou conta do seu olhar.

– *Feche os olhos* – ordenou ele.

Ela obedeceu e sentiu o colchão afundar. As mãos dele tocaram sua cintura, erguendo-a para deslizar um travesseiro para debaixo dos seus quadris. Aparentemente satisfeito com a posição dela, seus lábios deixaram uma trilha flamejante de covinha a covinha, antes de pousarem sobre a base da sua espinha.

431/1201

Em seguida, ele deslizou um único dedo até a nuca de Julia e depois pelos ombros. Colocou outro travesseiro debaixo de seus seios nus, erguendo os braços dela acima da cabeça.

– Uma obra de arte – sussurrou ele antes de beijá-la atrás da orelha, chupando de leve sua pele.

A palma de sua mão percorreu duas vezes toda a extensão das costas de Julia, antes de explorar sua bunda e suas pernas.

O colchão tornou a afundar e a música mudou para “I Burn for You”, de Sting. Julia sentiu mais do que uma faísca de desejo.

Podia sentir a presença de Gabriel ao seu lado, mas não ouviu nada até ele colocar um par de objetos na mesa de cabeceira. Ela virou a cabeça na direção do som, mas Gabriel tapou seus olhos com a mão.

– Você confia em mim?

– Confio.

432/1201

– Ótimo. – Ele passou a mão sobre a nuca de Julia, jogando seu cabelo para um lado.

Julia o ouviu se empertigar e, alguns minutos

depois, o farfalhar de roupas e o barulho de um cinto caindo no chão. Em seguida, escutou o sussurro das cuecas de Gabriel deslizando pela pele dele.

Abriu o olho esquerdo, deliciando-se com a visão de seu marido nu, observando-o virar de costas para arrumar os objetos sobre o criado-mudo. Suspirou de admiração diante do corpo dele e tornou a fechar os olhos.

Ouviu algo líquido e o som de mãos se esfregando, antes de o colchão afundar novamente. Então ele começou a massagear suas costas.

Ela gemeu.

– Você gosta disso, não gosta?

Julia murmurou. O perfume de Satsuma e sândalo invadiu suas narinas: a fragrância da primeira noite que passaram juntos.

433/1201

– Obrigada.

– Estou só começando.

Ele continuou, sem a menor pressa, venerando seu corpo com as mãos. De vez em quando, a nudez dele roçava na dela. Julia se mexia para prolongar o contato, mas ele soltava uma risadinha e recuava.

Depois do que pareceram horas, ela estava quase inconsciente, completamente relaxada. Todo e qualquer pensamento não relacionado a Gabriel desapareceu de sua cabeça.

Ele levou a boca ao pescoço dela, colando os lábios à sua pele e sugando-a de leve. Suas mãos grandes deslizaram pelos braços de Julia até ele agarrar suas mãos, estendendo-as para os lados. Então o corpo nu de Gabriel estava sobre o dela, o peito dele contra as suas costas.

O contato a fez gemer.

– Se for demais, me diga.

434/1201

Foi uma sensação intensa. Ela preferia o contato frontal, mas havia algo de especialmente íntimo e erótico naquela posição, com Gabriel estendido

sobre ela como uma segunda pele.

Quando ouviu a respiração de Julia acelerar, ele sustentou o próprio peso com os joelhos, separando as pernas dela. Julia respirou fundo e Gabriel colocou uma das mãos sob seu seio direito.

Julia soltou um gemido de aprovação.

Gabriel moveu sua mão esquerda por baixo dela até a junção de suas coxas, os dedos deslizando pela pele dela.

Começou a acariciá-la, as duas mãos trabalhando em sintonia, extraíndo prazer de ambas as partes do corpo dela. Então, bem devagar, ele a penetrou.

Gabriel se deteve. A sensação de estar dentro dela naquela posição era quase intensa demais.

435/1201

Eles sempre se encaixavam bem, mas, desta vez, a união desafiava seu autocontrole.

Julia se ergueu, colando o corpo ao dele.

– Por favor – disse.

– Não se mexa – falou Gabriel com voz ríspida.

Ela parou e Gabriel sentiu que ela inspirava, trêmula, suas costas se movendo junto ao peito dele.

– Você é uma deusa. Mas... não... se mexa.

Julia sorriu contra os lençóis, então, bem devagar, levantou os quadris e fez força para trás.

Com um gemido e um xingamento, ele se moveu dentro dela, rápida e vigorosamente. Em poucos minutos, assumiram um ritmo frenético, o ar repleto de sons de prazer.

Julia ergueu os quadris uma última vez e Gabriel a sentiu latejar à sua volta.

Então não pôde mais se conter e gozou logo em seguida.

436/1201

Quando recuperou o fôlego, estendeu-se sobre ela como uma bandeira, os lábios colados ao ombro de Julia, que se abriu em um sorriso.

– Isso é transcendência – sussurrou ele. –

Nunca foi tão bom para mim.

O coração de Julia parou de bater por um instante.

– Nunca?

– Nunca.

Gabriel pousou a mão sobre as nádegas dela e sentiu o corpo de Julia se afundar na cama, enquanto um largo sorriso de felicidade se abria no rosto dela.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Na manhã seguinte, Julia acordou ao som dos roncamentos de Gabriel. Ele quase nunca roncava, mas, quando o fazia, era uma força da natureza.

(Até especialistas em Dante roncam às vezes.)

Ela dormira como um anjo a noite toda. Ele lhe dera um presente: a certeza de que ela era o ápice de sua vida sexual, da mesma forma que Gabriel era, gloriosamente, o dela. Julia foi dominada por uma deliciosa sensação de anseio e incerteza, diante da perspectiva de repetir o que tinham feito na noite anterior.

Gabriel a amava. Isso lhe dava a confiança necessária para deixar que ele assumisse o controle.

Mas, como C. S. Lewis escrevera a respeito de Aslan, Gabriel não era domesticado. Sempre

438/1201

haveria um quê de perigo e imprevisibilidade nele.

Por cautela, decidiu não acordá-lo para dizer que ele estava roncando. Em vez disso, resolveu ser ousada e entrar nua no ofurô.

O ofurô ficava na varanda do quarto deles.

Como o vizinho mais próximo estava a vários quilômetros de distância, Julia não teve vergonha de tirar o roupão. Entrou na água quente e deixou o sol e a brisa suave acariciarem seu rosto, enquanto a água aliviava suas partes íntimas e seus músculos doloridos.

Estava quase dormindo quando ouviu o som da voz de Gabriel. Abriu os olhos e deparou com a visão dele apenas de cueca samba-canção, falando ao iPhone.

Ficou alguns momentos admirando a beleza rústica do seu professor não domesticado. Percorreu com os olhos as curvas dos seus músculos, as linhas e os tendões que lhe cobriam os

439/1201

braços. Observou os pelos em seu peito e a trilha que descia do umbigo até o elástico da cueca.

Julia então olhou ao redor – para as colinas e vales que cercavam a propriedade deles. Ninguém podia vê-los.

De repente, Gabriel encerrou a ligação e largou o telefone em uma mesa próxima.

– Posso me juntar a você? Ou só está interessada em um espetáculo? – Ele flexionou os bíceps teatralmente.

Julia engoliu em seco.

– Hum, o que está incluído no preço do ingresso?

Ele sorriu devagar.

– Tudo o que você quiser. Estou aqui para satisfazê-la, Sra. Emerson. – Ele baixou a voz: – Então me diga o que lhe dá prazer.

Quando Julia indicou que ele deveria se aproximar, Gabriel se livrou depressa da cueca e se

440/1201

juntou a ela no ofurô. Ela sentou-se no seu colo, passando os braços em volta dele.

– Tudo o que quero é o prazer da sua companhia.

Gabriel a abraçou e ela apoiou o queixo no ombro dele.

– Obrigada por ontem à noite.

– Eu é que deveria agradecer, Sra. Emerson.

– Sou um pouco estúpida às vezes. Acaba de me ocorrer que você teve tanto trabalho ontem à noite porque estava tentando me alegrar. – Ela brincou com os pelos do peito dele.

– Isso não é exatamente verdade. Não fazíamos amor havia alguns dias, porque você estava no período menstrual. Isso me deu tempo para pensar como eu queria me reconectar a você.

Ele levantou o cabelo dela e correu os dedos por sua nuca.

– Queria que você soubesse que valorizo isso.

Gosto do cuidado que você tem ao planejar nosso
441/1201

tempo juntos. Gostei de você ter percebido que eu estava mal ontem. – Ela pôs a mão na tatuagem sobre o coração dele. – E de você ter me dito que foi o melhor da sua vida.

– É verdade. O sexo é diferente com você. Sentimos atração um pelo outro. É claro, temos química. Mas também temos amor e carinho. Quando todas essas coisas se combinam... – Ele deixou a frase pelo meio.

– Obrigada. – Ela tocou os lábios dele com os seus.

– Com quem estava falando ao telefone? – perguntou ela.

– Scott.

– O que ele queria?

– Ele e Tammy gostariam de levar Quinn para passar um fim de semana em Boston no outono. Querem ficar na nossa casa.

– A ideia me parece muito divertida.

442/1201

– Eu disse que iria falar com você antes, mas que adoraríamos recebê-los.

– Fico feliz que você e seu irmão estejam se acertando.

Julia beijou o queixo dele.

– Às vezes queria que tivéssemos a mesma idade. Poderíamos ter ido juntos ao baile de formatura.

Gabriel a acariciou com o nariz.

– Teria sido uma honra levá-la ao baile de formatura, mas foi bom eu não ter conhecido você quando era adolescente.

– Por quê?

– Porque não a teria tratado da maneira que merece.

Ela se virou para fitá-lo nos olhos.

– Duvido. Você me tratou bem na noite em que nos conhecemos, lá no pomar. Teria se comportado da mesma forma quando era mais jovem.

443/1201

– Talvez. Existe algo de especial em você que...

– Ele sorriu. – Poderíamos providenciar um baile aqui, só para nós dois.

Julia riu.

– Vou ter que comprar um vestido curto demais e meu pai vai enfartar.

– Não me lembro de ter convidado seu pai – resmungou Gabriel, beijando-a. – Quanto é curto demais?

– Para mim, logo acima do joelho. Sou tímida.

Ele mordiscou seu lábio inferior.

– Não foi nada tímida ontem à noite.

Ela acariciou a barba por fazer no queixo dele.

– Seu amor me dá coragem.

– Que bom, porque vou continuar amando você. Para sempre. – Gabriel deslizou as mãos até a cintura dela e a puxou para junto de seu peito. – Sinto muito pelo que aconteceu com Paul.

444/1201

– Eu também. – O rosto dela assumiu uma expressão melancólica. – A partir de agora, se tivermos problemas, vou mantê-los entre nós.

– Prometo fazer o mesmo. – Ele pigarreou. –

Temo que, quando duas pessoas se casam, as amizades delas mudem.

Ela estreitou os ombros.

– Acho que sim.

– Eu negligenciei nossa vida social. Prometo que vou me esforçar mais. Podemos convidar amigos para jantar e irei com você ao Grendel's Den tomar uma cerveja com seus colegas.

Julia arregalou os olhos.

– Achei que não gostasse de socializar com alunos. Você nunca foi comigo antes.

Gabriel roçou o polegar no queixo dela.

– Sou capaz de quase tudo para fazer você feliz.

Não quero que se arrependa de nenhum instante

em que estejamos juntos.
Os olhos dele ficaram perigosos.



445/1201

– Então venha cá.

Algumas horas depois, Gabriel ouviu o telefone de casa tocar. Decidiu ignorá-lo.

Por fim, foi vencido pela curiosidade e espichou a cabeça para fora da porta aberta do escritório. Pôde ouvir ao longe a voz de Julia falando em italiano. Perguntando-se com quem ela estaria conversando, saiu do escritório e desceu até a cozinha.

– *No, Fra Silvestro. Non è necessario.*

Julia notou que Gabriel a observava e ergueu um dedo, pedindo que ele esperasse.

– *Allora dovremmo organizzare una festa per i bambini. Non per me.*

Gabriel ergueu as sobrancelhas e se aproximou dela, recostando-se no balcão.

446/1201

– *Si, per i bambini. Possiamo festeggiare i loro compleanni.* – Ela fez uma pausa e Gabriel pôde ouvir o irmão franciscano tagarelando do outro lado da linha.

– *Ci dovranno essere regali, palloncini e una torta. E del gelato.* – Julia riu. – *Certo. E' proprio quello che vorrei. Ci vediamo, allora. Arrivederci.*

Julia desligou o telefone.

– Minha nossa.

– Posso saber o que foi isso?

– Era o Irmão Silvestro, do orfanato de Florença.

– Por que ele ligou para você?

– Na verdade, era com você que ele queria falar, mas me pareceu muito contente ao saber que você não podia atender.

Os cantos da boca de Gabriel se curvaram para cima.

– Parece que queria nos convencer de alguma coisa e achou que você seria um alvo mais fácil.

447/1201

– Pode ser. Ele queria organizar uma festa para

nós quando formos visitar o orfanato na semana que vem.

Gabriel pareceu surpreso.

– E você disse que não?

– Pedi que ele fizesse uma festa para as crianças.

Não precisamos de uma festa.

Julia voltou sua atenção para o lanche leve que estava preparando antes de receber o telefonema.

Gabriel a abraçou por trás.

– Você está muito assertiva.

– É pelas crianças.

– Essa é uma característica sua que sempre me intrigou, Julianne. Você desiste do que quer com muita facilidade. Mas se mantém firme e não abre concessões quando se trata de outras pessoas.

– Não acho que desisto do que quero tão fácil assim. Não desisti de você, desisti? E você foi 448/1201

terrível no começo. – Julia o fitou pelo canto do olho.

Ele arrastou os pés no chão.

– Estava pensando no quanto você queria ficar no Magdalen College e em como se mostrou disposta a ir embora depois que eu insisti.

Ela voltou ao que estava fazendo.

– Às vezes não tenho energia para brigar com você. Você estava incomodado com o quarto.

Não gosto de vê-lo assim.

Gabriel beijou o pescoço dela.

– Acho que você precisa de uma festa.

– Preciso mesmo. – Julia ergueu as mãos e emaranhou os dedos nos cabelos dele. – Preciso de uma festa particular que envolva arrancar do corpo do meu belo marido sua calça jeans favorita. – Ela colou a boca em seu ouvido. – Mas os óculos ficam.

Ele riu e colou a parte de baixo dos seus corpos uma à outra.

449/1201

– Não sabia que tinha uma queda por homens

de óculos.

– Ah, tenho. Sabe o que você sente em relação aos meus saltos altos? É assim que me sinto em relação aos seus óculos. Mas antes tenho que telefonar para a assistente do Irmão Silvestro para ver se ela consegue alugar um pônei.

Gabriel se empertigou.

– Um pônei?

– Você acha má ideia?

– É possível alugar pôneis? Em Florença?

– Sei lá. Mas tenho certeza de que nenhuma daquelas crianças jamais teve a chance de ver um pônei, quanto mais de montar um. Achei que poderia ser divertido.

Gabriel observou, contente, a empolgação da

esposa.

– Se você cuidar dos presentes, eu arranjanrei um pônei.

450/1201

– Obrigada. – Ela deu uma piscadela atrevida. –

Ah, e já que vai fazer isso, veja se consegue providenciar também uma fazendinha, para as crianças poderem interagir com os animais.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Julia não respondeu ao e-mail de Paul. Ele pedira que ela não voltasse a entrar em contato, e ela estava determinada a respeitar sua vontade. Sabia

que em algum momento seus caminhos se cruzariam em uma conferência. Mas achava que, assim que Paul se acostumasse com a ideia de que ela estava casada com Gabriel, conseguiria voltar a ser seu amigo.

Ou pelo menos era o que esperava.

Mesmo assim seu pedido – e a maneira como ele o havia feito, por e-mail – a magoara. Portanto, evitou acessar seu e-mail por alguns dias. Quando enfim foi checar as mensagens, encontrou uma do pai.

Jules,

452/1201

Ligue para o meu celular assim que receber esta mensagem,

Seu pai.

Os e-mails e recados de Tom em geral eram lacônicos. Ele não era um homem de muitas palavras. Mas o tom daquela mensagem parecia tão grave que Julia nem se deu o trabalho de alertar Gabriel sobre o ocorrido. Simplesmente pegou o telefone da cozinha e ligou para o celular do pai. Ele atendeu ao primeiro toque.

– Jules.

– Oi, pai. O que houve?

Tom fez uma pausa, como se não conseguisse encontrar as palavras.

– Estamos no hospital.

– No hospital? Por quê? Qual o problema?

Nesse exato momento, Gabriel entrou na cozinha. Julia apontou para o telefone e fez as palavras “meu pai” com a boca.

453/1201

– Ontem viemos fazer uma ultrassonografia. Iríamos descobrir o sexo do bebê. Mas eles encontraram algo de errado.

– O quê?

– O coração dele.

– Dele?

– Do meu filho. – A voz de Tom falhou na última palavra.

– *Pai*. – Julia fingou e seus olhos se encheram de lágrimas. Gabriel parou bem perto da esposa, para ouvir os dois lados da conversa.

– Onde você está agora? – perguntou ela.

– No Hospital Pediátrico da Filadélfia. Eles aceitaram nos atender imediatamente.

Julia ouviu um barulho abafado ao fundo, então escutou o pai sussurrar:

– Vai dar tudo certo, querida. Vai dar tudo certo. Não chore.

– É a Diane?

454/1201

– Sim – disse Tom, com a voz tensa.

– Sinto muito, pai. O que o médico falou?

– Acabamos de sair da consulta com o cardiologista. Ele disse que o bebê tem algo chamado síndrome da hipoplasia do miocárdio esquerdo.

– Nunca ouvi falar disso. O que significa?

– Significa que ele só tem meio coração. – Ele inspirou devagar. – É fatal, Jules.

– Ah, meu Deus. – Uma lágrima escorreu pelo rosto dela.

– O bebê não vai sobreviver sem cirurgia. Terá que ser operado logo depois do parto. Isto é, se Diane conseguir chegar ao fim da gravidez. Às vezes... – A voz de Tom sumiu aos poucos.

– Mas tem tratamento?

– A cirurgia pode fazer o coração dele funcionar, mas nunca será um coração normal. Segundo

eles, serão necessárias três cirurgias diferentes e medicamentos por toda a vida. Ninguém sabe

455/1201

como ele vai responder ao tratamento ou se ele vai... – Tom começou a tossir.

– O que eu posso fazer?

– Ninguém pode fazer nada. A não ser rezar.

Julia começou a chorar e Gabriel retirou com cuidado o telefone da mão dela.

– Tom? Aqui é Gabriel. Sinto muito pelo bebê.

Deixe-me reservar um quarto para vocês em um hotel perto do hospital.

– Não precisamos... – Tom se interrompeu bruscamente, e Gabriel pôde ouvir Diane falando ao fundo. Tom suspirou. – Isso seria ótimo.

– Vou providenciar e mando as informações por e-mail para você. Querem ir a Nova York para terem uma segunda opinião? Posso comprar as passagens. Também podemos conseguir uma transferência para outro hospital.

– Os médicos daqui parecem saber o que estão fazendo. Temos uma reunião com a equipe de cardiologia pediátrica amanhã.

456/1201

Gabriel olhou firme nos olhos da esposa.

– Você está precisando de Julianne?

– Não há muito que ela possa fazer agora.

– Mesmo assim. Ela é sua filha e o bebê é irmão dela. É só dizer que ela vai na mesma hora.

– Obrigado – falou Tom com uma voz rouca. –

As coisas estão meio caóticas neste momento.

Julia secou as lágrimas e gesticulou para o telefone.

– Ela quer falar com você. Fique firme, Tom.

Gabriel entregou o telefone a ela.

– Pai. Mantenha contato e não deixe de me dar notícias.

– Pode deixar.

– Detesto tocar nesse assunto agora, mas e o casamento?

– Não sabemos, Jules.

– Estamos planejando passar o feriado do Dia do Trabalho em Selinsgrove. Posso ir antes, se você e Diane precisarem de mim.

457/1201

– Ótimo.

– Quer que eu conte para Richard?

Tom hesitou.

– Seria bom. Com quanto menos pessoas eu tiver que ter esta conversa, melhor. Diane falou ao telefone mais cedo com a mãe e a irmã, Melissa.

Uma lágrima escorreu pelo nariz de Julia.

– Amo você, papai. Mande um beijo para Diane.

– Está bem. Tchau, Jules.

Julia largou o telefone em silêncio. Logo em seguida, estava nos braços de Gabriel.

– Eles estavam tão felizes com o bebê.

Gabriel lhe deu um abraço apertado, enquanto ela agarrava sua camisa.

– Eles estão em um bom hospital.

– Os dois estão arrasados. Parece que, mesmo que o problema possa ser corrigido, o bebê terá problemas de saúde pelo resto da vida.

458/1201

– Médicos fazem previsões, mas elas são baseadas em probabilidades. Cada paciente é um caso. Ele se empertigou de repente, como se tivesse acabado de pensar em algo.

– Seu pai tem algum problema de saúde?

– Não que eu saiba. Mas os pais dele eram cardíacos.

Julia ergueu os olhos para ele.

– Você acha que é genético?

– Não sei. – Ele a abraçou com mais força. – Há dias em que ser doutor em medicina é infinitamente melhor do que ser doutor em literatura.

Hoje seria um deles.

Mais lágrimas escorreram pelo rosto de Julia.

Nunca tinha lhe passado pela cabeça que pudesse haver algo de errado com o bebê. Ela estava tão

feliz por ganhar um irmão que qualquer risco era inimaginável.

Enquanto chorava nos braços de Gabriel, ela percebeu que, por maior que fosse o seu

459/1201

sofrimento, Tom e Diane deviam estar sofrendo dez vezes mais.

– Como poderiam se preparar para algo assim?

– murmurou ela. – Devem estar arrasados.

Julianne se apoiou em Gabriel, sem notar a expressão em seu rosto ou o horror que de repente cruzou seus olhos.

CAPÍTULO TRINTA

Agosto de 2003

Cambridge, Massachusetts

– Gabriel? Querido, está na hora de levantar.

A mão de alguém, suave e feminina, acariciou sua barba por fazer e, por um instante, ele relaxou. Não sabia direito onde estava ou quem estava deitada nua ao seu lado, mas a voz era sexy e o toque, suave. Com cautela, abriu os olhos.

– Oi, querido. – Os grandes olhos azuis dela o fitavam com devoção.

– Paulina – rosnou Gabriel, fechando os olhos.

A cabeça latejava e tudo o que ele queria era dormir. Mas o professor Pearson não aceitava desculpas de seus assistentes de pesquisa, o que
461/1201

significava que ele tinha que se arrastar até o campus.

(Era possível que o professor aceitasse morte como justificativa para falta, mas nem isso era garantido.)

– São oito da manhã. Você tem tempo para um banho e um café. E talvez um pouco de...

A mão de Paulina deslizou do peito de Gabriel para o seu abdome. Então os dedos dela se fecharam em volta dele e...

E sua ereção matinal murchou na mão dela como uma flor morta.

Ele a afastou.

– Agora não.

– Você sempre diz isso. É porque estou ficando gorda? – Ela se sentou ao lado dele, a barriga ligeiramente arredondada, os seios inchados. Ele não respondeu, o que já era uma espécie de resposta.

462/1201

– Posso lhe dar prazer. Você sabe que eu posso.

– Ela passou os braços em volta dos ombros dele, beijando-lhe o pescoço. – Eu amo você.

– Eu falei *agora não*. Que merda. Você é surda? Gabriel se desvencilhou dos braços dela antes de tirar as pernas de cima da cama. O chão de madeira estava frio sob seus pés, mas ele mal sentiu.

Toda a sua atenção estava focada em uma única coisa: o resto de pó branco sobre a mesinha de cabeceira. Ele ficou de cócoras, preparou o espelho, a gilete e enrolou uma nota de 5 dólares. O mundo se dissolveu ao seu redor e ele sentiu a mente e o corpo voltarem à vida, seus movimentos seguros e ágeis.

A droga lhe entrara pelas narinas em um piscar de olhos e tudo estava claro de novo. Estava hiperalerta. Consequia pensar. Tinha voltado a funcionar.

463/1201

Ele acendeu o cigarro, esquecendo-se de que sua... seja lá o que ela fosse agora... estava na cama, observando-o. Ela se enrolou em um roupão e fugiu para a cozinha, sem querer expor o bebê em sua barriga à fumaça.

Gabriel terminou o cigarro e tomou um banho, parando para tomar a xícara de café que ela havia deixado na pia do banheiro. Escovou os dentes e fez a barba, sua mente enumerando todo o trabalho que tinha para fazer em sua tese, assim como a interminável lista de tarefas que o professor Pearson lhe atribuíra.

Não tinha tempo para examinar sua vida ou suas atitudes. Se fizesse isso, perceberia que era um escravo, acorrentado à

cocaína, à nicotina, à
caféina e ao álcool.

Também era escravo de suas paixões, quando
seu pênis funcionava. Embora morasse com
Paulina e ela estivesse grávida, ainda fazia sexo
com outras mulheres. Nunca se dera o trabalho

464/1201

de refletir se deveria parar com isso. Na verdade, nem pensava a respeito.

Apenas agia.

– Você é lindo.

Paulina o observava da porta do banheiro, sua
mão aninhando a própria barriga protuberante
por sobre o roupão de seda preta.

Gabriel a ignorou, como já estava habituado a
fazer. Também ignorou os círculos negros de-
baixo dos próprios olhos injetados e o fato de que estava uns 5 ou 7 quilos
abaixo do seu peso normal, saudável.

– Preparei seu café da manhã. Ovos mexidos e
torradas – disse ela, com a voz esperançosa.

– Não estou com fome.

– Você tem um longo dia pela frente e Pearson
vai enchê-lo de trabalho.

– Não me encha o saco! – Ele explodiu. – Eu
falei que não estou com fome.

465/1201

– Desculpe – Paulina baixou os olhos para sua
barriga, contrita. – Está tudo na mesa com fruta e café fresco. Você só
precisa comer.

Ele fixou seus olhos cor de safira nos dela,
observando-a pelo espelho.

– Está bem – falou, ríspido.

Ela sorriu para si mesma e desapareceu dentro
da cozinha minúscula.

Logo ele estava vestindo o respeitável uniforme
de um aluno de Harvard, com direito a paletó de
veludo cotelê e calça Levi's. Sentando à mesa,
forçou-se a engolir o café da manhã. Terminou a
terceira xícara de café e estava prestes a acender outro cigarro quando notou
que Paulina o encarava. Vorazmente.

– O que foi?

Ela sentou-se no seu colo, passando os braços

em volta do pescoço dele.

466/1201

Gabriel soltou um gemido involuntário ao sentir o peso dela, sem notar que ela se encolheu ao vê-lo fazer isso.

Ela falou em seu ouvido:

– Sei que está com pressa. Mas me dê só um beijo antes de sair.

– Paulina, eu...

Ela o interrompeu com os lábios, sua língua ávida buscando a de Gabriel, girando dentro de sua boca.

Ele pousou as mãos na cintura de Paulina enquanto retribuía o beijo, sentindo o corpo começar a reagir.

– Vamos, querido. – Ela levou a mão ao botão do jeans dele. – Só uma rapidinha.

– Estou atrasado. – Ele a pôs de pé, resmungando um pouco com o esforço. – À noite, talvez. Ela franziu o rosto.

– À noite você tem que escrever.

– Posso arranjar um tempo.

467/1201

– Mas nunca arranja. – Ela pegou a mão dele. – Gabriel, eu amo você. Já faz muito tempo. Por favor.

Os olhos grandes e azuis dela se encheram de lágrimas e seu lábio inferior tremeu.

Ele revirou os olhos para o teto.

– Está bem. Mas tem que ser rápido.

Gabriel

empurrou

a

cadeira

para

trás,

afastando-a da mesa, e gesticulou para a própria virilha.

– Pode começar.

Com uma expressão ávida no rosto, Paulina se ajoelhou entre as pernas dele e abriu seu zíper.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Agosto de 2011

Úmbria, Itália

Gabriel não conseguia dormir, atormentado pelas lembranças nebulosas do passado. Sua mente se debatia em várias direções, puxando-o de um lado para outro. Por fim, cansado de rolar na cama, desceu para tomar uma bebida. Quando chegou à cozinha, praguejou. Havia se livrado de todo o álcool, com exceção de duas garrafas de vinho branco reservadas para Julianne. Mas vinho não mataria seu desejo. Não esta noite.

Não, esta noite queria um uísque. A sensação aveludada na língua, a rápida queimação na boca
469/1201

e na garganta, o calor latente que se espalharia pelas suas entranhas.

Só uma dose. É tudo de que preciso.

Gabriel pensou em Julianne, deitada em sua cama no andar de cima. Ela dormia tranquilamente, sem saber dos demônios que o atormentavam. As mãos dele tremiam de desejo. Ele se apressou em repassar na mente os doze passos dos Narcóticos Anônimos, concentrando-se no passo número dois.

Vimos a acreditar que um Poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.

Ajude-me, Deus.

Por favor.

Gabriel fechou os olhos e fez o sinal da cruz, a alma desesperada e conflituosa.

Ele sabia que a chave do Mercedes estava a poucos passos de distância. Sabia que poderia ir de carro ao bar mais próximo. Julia dormia um sono
470/1201

profundo. Poderia voltar à cama mais tarde e ela jamais saberia.

Ele abriu os olhos.

Pegou as chaves.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

– Gabriel? – A voz de Julia flutuou até onde

ele estava sentado, na varanda.

Ele estava em um canto escuro, taciturno. Pôde ouvir os pés dela cruzarem o chão de cerâmica e atravessarem a porta aberta, vindo em sua direção.

– O que está fazendo?

Ela notou o cigarro em uma de suas mãos e a bebida na outra.

– Nada.

Ele levou o cigarro aos lábios e tragou devagar, antes de apontar o rosto para o céu e soprar a fumaça.

– Você não fuma.

– É claro que fumo. Geralmente escolho charutos.

472/1201

Com ar preocupado, Julia olhou do copo para o rosto dele.

Ele ergueu o copo num brinde debochado.

– Não se preocupe, é Coca-Cola. – Ele deu um sorriso torto. – Preferia que fosse uma dose de Laphroaig.

– Não temos uísque.

– Eu sei disso – resmungou ele. – A casa não tem álcool nenhum, com exceção de vinho.

– E só branco. Você prefere tinto. – As sobancelhas dela se juntaram. – Você procurou?

– E se tiver procurado? – retrucou Gabriel, ríspido.

Julia mordeu seu lábio inferior.

Gabriel pousou o cigarro no cinzeiro e estendeu a mão, pressionando o polegar na boca de Julia.

– Não faça isso. – Ele soltou seu lábio e tornou a pegar o cigarro, desviando o olhar do dela.

O silêncio se estendeu entre eles, abrindo uma distância imensurável, até que ela enfim falou:

473/1201

– Boa noite, Gabriel.

– Espere. – Ele pôs a mão em seu quadril, fazendo pressão contra a seda branca de sua camisa. – Preciso lhe fazer uma pergunta. Você é

saudável?

– Já passa da meia-noite e você quer fazer perguntas sobre a minha saúde?

– Apenas responda. – Seu tom de voz era severo. – Por favor.

Ela afastou o cabelo do rosto.

– Sim, sou saudável. Tenho pressão baixa e uma tendência a baixos níveis de ferro, então tomo suplementos.

– Eu não sabia disso.

– Minha pressão baixa provavelmente é genética. Minha mãe tinha.

– Genética... – balbuciou Gabriel, dando mais uma tragada no cigarro. Ele expeliu a fumaça pelas narinas, como um dragão.

474/1201

– Não acha um pouco estranho me perguntar sobre a minha saúde quando você está aqui fora fumando?

– É melhor do que cocaína, Julianne – retrucou ele, frio. – Como a sua mãe morreu?

– Por que está me perguntando isso? – Julia se desvencilhou dele.

– Você me disse que sua mãe morreu na época em que você morava com seu pai. Não sei se foi um problema de saúde ou um acidente. – O rosto de Gabriel tinha uma expressão intrigada, mas seus olhos estavam na defensiva.

– Ela estava bêbada e rolou as escadas do prédio. Quebrou o pescoço. – Julia o encarou com um olhar fulminante. – Feliz agora?

Ela se virou para voltar ao quarto, mas ele a segurou pelo braço.

– *Julianne.*

– Não toque em mim! – Ela se libertou com um gesto brusco e tornou a se virar para ele. – Eu

475/1201

amo você, mas às vezes você é um cretino insensível.

Gabriel se levantou no mesmo instante, a bebida e o cigarro largados sobre a mesa.

– Não nego.

– Você está perturbado com alguma coisa, mas, em vez de conversar sobre isso com sua esposa, prefere falar com a bebida, o cigarro e com a paisagem da Úmbria. Direito seu. Fique aí sentado

sozinho a noite inteira, se quiser. Mas não tente ferrar com a minha cabeça.

Ela seguiu em direção à porta do quarto.

– Não estou tentando ferrar com a sua cabeça.

– Então me avise antes de começar a escarafunchar minhas lembranças mais tristes.

Gabriel tentou conter uma risada, mas não conseguiu.

Ela o fuzilou com os olhos.

– Não tem graça nenhuma!

476/1201

– Escarafunchar, Julianne? Sério? – O rosto dele relaxou em um sorriso brincalhão, enquanto ela continuava de cara amarrada.

Ele venceu o espaço entre os dois.

– Não fique brava comigo por ter rido. Você tem um vocabulário invejável.

Ela se debateu em seus braços e então os lábios de Gabriel se colaram aos dela. O gosto amargo de fumaça e tabaco invadiu a boca de Julia. O beijo dele foi carinhoso, porém insistente.

Após alguns instantes, ela relaxou.

– Me desculpe – sussurrou ele. – Estou de péssimo humor. Não deveria ter descontado em você.

– Tem razão. Não deveria mesmo. Quando estou angustiada, eu converso com você. *Converse comigo.*

Ele se afastou, passando as mãos pelos cabelos, deixando suas mechas negras ainda mais revoltas.

Julia o puxou pelo cotovelo.

477/1201

– Todo mundo tem crises de mau humor às vezes. Mas você não pode abordar certos assuntos com tanta indelicadeza.

– Me desculpe.

– Está desculpado. – Ela estremeceu. – Mas vo-

cê está me assustando. Procurou uísque e estava falando sobre cocaína. Depois perguntou como minha mãe morreu. O que está havendo?

– Hoje não, Julianne. – Ele esfregou o rosto com as mãos. – Já não tivemos aborrecimentos demais para um só dia? Vá para a cama. Não sou uma boa companhia hoje.

Ele voltou a sentar, os ombros encurvados.

Julia hesitou, os olhos oscilando entre a porta da varanda e o rosto dele. Parte dela queria deixá-lo sozinho. Outra parte acreditava que Gabriel estava atormentado e que, se ela não tentasse intervir, ele poderia se afundar em uma depressão.

Ou em coisa pior.

478/1201

Aproximou-se do marido, estendendo hesitante o dedo mindinho e entrelaçando-o ao dele.

– Você está angustiado.

– Sim, estou – disse ele, a voz inexpressiva.

– Antes de mim, o que fazia quando ficava de mau humor?

– Bebia e cheirava cocaína. E... – Ele começou a bater o pé descalço no chão da varanda.

– E?

Os olhos azuis dele se cravaram nos dela.

– E trepava.

– Isso resolvia?

Ele bufou.

– Por um tempo. Meus problemas sempre voltavam na manhã seguinte.

Ela olhou para dentro do quarto, em direção à grande cama de casal com dossel. Ergueu o queixo.

– Vamos.

– Para onde?

479/1201

– Para a cama. – Ela puxou o dedo mindinho dele. – Vamos nos livrar desse mau humor.

Os olhos de Gabriel faiscaram, encarando-a. Então pareceu se retrair.

– Não é uma boa ideia. Já falei que não sou eu

mesmo hoje à noite.

– Você me ama?

Ele franziu o cenho.

– Claro.

– Seria capaz de me machucar?

– De jeito nenhum. Quem você pensa que eu sou?

– Meu marido, que precisa trepar para aliviar todo esse mau humor. Então vamos.

Ele ficou boquiaberto.

Depois que se recompôs, uma expressão hostil tomou seu rosto.

– Eu não trepo com você, Julianne.

– Não, preferiria que eu fosse outra pessoa para poder fazer isso.

480/1201

Os olhos dele se incendiaram.

– Isso não é verdade. Você não sabe o que está falando.

– Ah, sei muito bem. Você nem tocou em mim quando fomos para a cama. Precisei de você, mas

você disse *não*. – Ela abriu os braços. – Será que não entende? Você deseja, eu preciso. Me ajude a

esquecer que estou prester a perder o único irmão que já tive. Por favor.

Ele estava dividido. Isso estava claro na maneira como fitava os olhos dela e no anseio que irradiava da sua pele.

Sem pensar, Julia passou um braço em volta das costas dele e agarrou-lhe os cabelos com a outra mão. Puxou a boca de Gabriel para junto da sua e o beijou intensamente.

Ele reagiu depressa, passando as pernas dela em volta de seus quadris. Em pouco tempo já era Gabriel quem controlava o beijo, com a língua insistente e voraz.



481/1201

– Me leve para a cama – implorou ela quando ele enfim parou para recuperar o fôlego.

– Nós não vamos usar a cama.

Com uma expressão perigosa no olhar, Gabriel a carregou para dentro do quarto.

Gabriel não se importou com iluminação ou música antes de encostá-la na parede mais próxima. Uma luz distante vinda da porta aberta do banheiro dava um tom cinzento à escuridão do quarto.

Julia apertou as pernas em volta dos quadris dele enquanto Gabriel tirava sua camisola. A seda caiu no chão.

Ele pôs dois dedos na boca, para umedecê-los, antes de baixar a mão para acariciá-la entre as pernas. Ela gemeu e se apertou contra a mão dele. O toque de Gabriel se tornou mais desesperado.

482/1201

– Está com medo? – perguntou ele, seus lábios colados à orelha dela.

– Não. – Ela entrelaçou os dedos nos cabelos de Gabriel, colando seus lábios aos dele.

Ele a explorou com a língua, lambendo os lábios de Julia e penetrando-lhe a boca. As mãos dele deslizaram para trás até agarrarem sua bunda, puxando-a para junto de si.

– Olhe – falou ele, ofegante, deslizando a boca pelo pescoço de Julia.

– O quê?

– Nós dois. No espelho.

Julia abriu os olhos e viu o espelho montado na parede oposta. Sua posição era perfeita para refletir as costas magníficas e nuas de seu marido e a

mulher de cabelos escuros escondida por trás do corpo dele.

– Quero que veja o que eu vejo quando você goza.

483/1201

Gabriel beijou o pescoço dela antes de roçar a barba por fazer em seu peito. Ele aninhou seus seios nas mãos, venerando cada um deles com a boca. Lambendo, mordiscando, sugando.

Baixou a mão até o meio das pernas de Julia de novo,

tocando-a
com
gestos
calculados,
acariciando-a enquanto sua boca se fechava sobre
um pequeno pico rosado.

Julia se esforçou ao máximo para manter os olhos abertos, mas era difícil. A língua de Gabriel provocava sua carne, seus lábios a sugavam. Ela nunca tinha visto como eles eram juntos. O corpo dele longo e esguio, o dela menor e mais suave. A pele dos dois tinha tons diferentes: ele era mais moreno; ela, mais branca.

Gabriel lhe dedicava toda a sua atenção. Como se estivesse à beira da morte e aquela fosse sua última chance de fazer amor.

A pele de Julia derretia sob o calor do toque dele.

484/1201

Seu foco nela fazia o mundo se desintegrar à sua volta, como sempre acontecia em momentos como esse. Os dedos curiosos e a ereção impaciente dele roçando entre as suas pernas.

– Preciso de você – murmurou Julia, afastando-se para vê-lo. Ela agarrava seus ombros, quase como se quisesse escalá-lo.

– Quero que goze antes. Olhe para o espelho. Ele continuou a acariciá-la, resistindo ao impulso de acelerar, apesar dos movimentos desesperados de Julia.

De repente, os lábios rosados dela se abriram e ela engasgou, seus olhos fixos no reflexo dos dois. Então, com um único movimento forte e profundo, Gabriel a penetrou.

Julia viu os próprios olhos se arregalarem, seus dedos agarrando com mais força os ombros dele. Viu os quadris fortes e o traseiro bonito e bem definido de Gabriel se moverem rapidamente enquanto ele estava dentro dela.

485/1201

Ela gemeu, fechando os olhos.

– Mandeí você olhar – rosnou ele, mordiscando

sua orelha.

Quando tornou a abrir os olhos, viu que ele a fitava com um olhar feroz.

Ela voltou a olhar para o espelho. Ele manteve o ritmo de seus movimentos.

Suspiros e gemidos escapavam dos lábios de Julia conforme ele aumentava a velocidade.

Mesmo assim, ela não desviou o olhar.

– Isto não é trepar – sussurrou ele. – Olhe para mim.

Ela afastou os olhos do espelho e o encarou.

Mal se via o azul-safira ao redor das pupilas negras muito dilatadas.

– Isto não é trepar. É muito mais – insistiu ele.

A respiração de Gabriel ficou entrecortada, o ritmo de seus movimentos tornando-se irregular de repente.

486/1201

– Sempre. – Julia começou a ofegar, exalando de acordo com o ritmo dele.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas, neste exato momento, ela chegou ao orgasmo. As palavras de Gabriel foram afogadas em um mar de sensações. Os olhos dela se fecharam, sentindo a satisfação inundar seu corpo.

Gabriel a penetrou fundo mais uma vez e gozou, mordendo sua clavícula.

Ela tentou recuperar o fôlego, descansando o rosto no pescoço dele.

– Incrível – rosnou ele, assim que parou de ofegar.

Ele ergueu a cabeça.

– Você está bem?

Ela fechou os olhos, recostando a cabeça na parede.

– Sim, mas devo estar com as pernas bambas.

Espere um minuto antes de me largar.



487/1201

– O que a faz pensar que eu já terminei com você?

Ele empurrou os cabelos de Julia para trás dos ombros, colando a boca à sua orelha.

– *Foi só a primeira* – sussurrou Gabriel.

Julia acordou na manhã seguinte e encontrou a cama vazia. O que, por si só, não era nenhuma surpresa. Mas, ao descobrir que o banheiro e a varanda também estavam desertos, vestiu o robe e foi procurar o marido.

Não havia sinal dele.

As chaves do Mercedes estavam sobre o balcão da cozinha, onde ele as havia largado na noite anterior, ao lado de uma garrafa vazia de Coca-Cola. Ele não deixara um bilhete.

Julia ficou magoada. A noite anterior fora intensa, talvez mais do que qualquer outra que os

488/1201
dois houvessem tido. Eles fizeram amor encostados na parede, sobre a bancada do banheiro, no chão e, por fim, na cama. O sol estava quase despontando no horizonte quando finalmente cederam ao cansaço e se permitiram dormir.

Julia queria acordar ao lado dele e, talvez, explorar seu corpo sem pressa antes de fazerem amor com languidez. Mas não teve essa sorte. A ausência de Gabriel e de um bilhete fizeram com que sentisse uma pontada de ansiedade. Ele não havia deixado nem mesmo um copo d'água ou de suco para ela sobre a mesa de cabeceira, como costumava fazer.

Será que era assim que as outras mulheres se sentiam depois de passarem a noite com ele? Se é que ele lhes permitia passar a noite...

A ansiedade de Julia se transformou em tristeza, e ela subiu relutante as escadas de volta ao quarto. Vestiu o biquíni, pegou os óculos de sol e o

489/1201
chapéu e foi para a piscina. Nadar um pouco iria mantê-la ocupada.

Ela nadou algumas voltas até quase se esquecer da conversa que tivera com o pai no dia anterior e da óbvia angústia de Gabriel na noite passada.

Então ficou de pé na parte rasa, olhando ao redor até avistar um par de tênis de corrida parados à beira da piscina.

– Já não falei que não quero que você nade sozinha?

Gabriel estava ali, estendendo uma toalha para ela. Ele usava roupas de corrida e estava muito suado.

– Bom dia para você também. – Julia nadou até a beira da piscina e puxou a toalha das mãos dele.

– Bom dia.

– Eu não estaria nadando sozinha se você não tivesse me abandonado – resmungou ela, saindo da água.

– Você sabe que gosto de correr de manhã.

490/1201

– Já é quase meio-dia. – Ela se enrolou na toalha e o encarou, com as mãos na cintura.

Gabriel parecia agitado. Ele retribuiu o olhar, mas não conseguia encará-la e, a julgar pela sua postura, estava decididamente desconfortável.

Julia se perguntou como uma fantástica noite de sexo poderia tê-la deixado relaxada e leve como uma pluma, enquanto ele continuava tenso como uma corda de piano.

– Você poderia ter deixado um bilhete.

– É, poderia – falou ele, devagar. – Não pensei nisso.

– Se quiser correr, não tem problema. Só me avise quando vai voltar.

Gabriel abriu a boca para protestar, mas na última hora decidiu que não valia a pena.

– Vou tomar um banho. Reservei um quarto de hotel para o seu pai ontem e pedi à recepção que levasse uma cesta de frutas para ele. Vou passar o 491/1201 dia quase todo no escritório, trabalhando. Mas levarei você para jantar em Todi hoje à noite.

– Não.

Ele pestanejou.

– Não?

– Não, Gabriel. Você não pode fugir para o es-

critório depois de me tratar com tanta frieza.

Não.

A expressão dele mudou.

– Não tive a intenção de ser frio, Julianne. – Sua voz soou grave.

Ela se limitou a encará-lo.

Ele esfregou a barba por fazer em seu queixo.

– Estou com muitas coisas na cabeça.

– Foi o que você disse na noite passada.

Esperava que o que fizemos fosse ajudar.

Uma sombra atravessou o rosto de Gabriel.

Ele parou diante dela, estendendo a mão para o colar que ela usava. Correu os dedos sobre o pingente de coração.



492/1201

– Você é sempre adorável. Eu poderia passar o dia inteiro a abraçando e fazendo amor com você, mas isso não resolveria os meus problemas.

Julia pousou a mão sobre a dele.

– Então diga que me ama.

Ele a fitou nos olhos.

– Eu amo você.

Ela deu um suspiro profundo.

– Vá resolver os seus problemas. Mas não se esqueça de que não é a única pessoa nesta casa. Não quero viver com um fantasma.

Uma angústia tomou conta dos olhos de Gabriel. Ele deu um beijo casto nela e se afastou da piscina coberta.

Como dissera, Gabriel passou a tarde no escritório, com a porta fechada.

493/1201

Julia não sabia o que ele estava fazendo, embora esperasse que estivesse resolvendo qualquer que fosse o problema que tanto o angustiava.

Várias hipóteses lhe passaram pela cabeça.

Talvez Paulina tivesse voltado a entrar em contato, fazendo-o pirar. Talvez a revelação da doença do irmão dela o tivesse levado a repensar seu desejo de ter um filho. Talvez estivesse percebendo que a vida de casado não era o que ele esperava – que a ideia de estar preso a uma única

mulher, a ela, era sufocante.

Julia foi ficando cada vez mais ansiosa. Era capaz de lidar com qualquer coisa, pensou, menos com a frieza de Gabriel. Já vira desprezo nos olhos dele antes. Já havia sido repudiada. Sobrevivera uma vez, mas a simples ideia de voltar a ser abandonada por ele era devastadora. Esforçando-se para se concentrar em outros assuntos, ela se sentou diante do computador, pesquisando sobre o Hospital Pediátrico da 494/1201

Filadélfia e a síndrome da hipoplasia do miocárdio esquerdo.

O site do hospital lhe deu alguma esperança. Apresentava a história de vários pacientes que passaram pela cirurgia que seu irmão teria que fazer. Mas todos os testemunhos incluíam uma advertência de que ninguém, nem mesmo os especialistas, poderia prever quão saudáveis os pacientes seriam quando crianças, adolescentes ou adultos.

Ela fez uma prece silenciosa por seu pai e Diane e, por último, por seu irmão. Pediu a Deus que o ajudasse e que lhe desse saúde.

Então voltou os pensamentos para o marido. Rezou por ele. Rezou pelo seu casamento. Ela achava que o sexo na noite anterior fosse aproximá-los mais e deixá-lo à vontade para conversar com ela.

Agora preocupava-se que o efeito tivesse sido o inverso. Se Gabriel pudesse se comunicar com ela



495/1201

através do corpo, talvez não visse necessidade de se comunicar com palavras.

Com esses pensamentos, voltou a pesquisar sobre cardiologia pediátrica, lendo vários artigos, até as palavras se embaralharem diante dos seus olhos e ela dormir com a cabeça no braço da poltrona. Julia acordou com a sensação de estar sendo

observada.

Estava deitada na cama. Ao seu lado, sentado com os braços em volta das pernas dobradas, estava Gabriel. Ele olhou para ela por trás dos óculos.

– Está tarde – sussurrou ele. – Volte a dormir.

Ela estreitou os olhos para o relógio sobre a mesa de cabeceira. Já passava da meia-noite.

– Perdi a hora do jantar.

496/1201

– Você estava exausta. Não deixei você dormir ontem à noite.

Ela bocejou.

– Venha cá.

Ele evitou sua mão estendida.

– Ei – sussurrou ela. – Não mereço um beijo?

Ele roçou os lábios nos dela de uma maneira que só poderia ser descrita como mecânica.

– Isso não é bem um beijo – reclamou ela. –

Você está empoleirado na beirada da cama como uma gárgula, olhando emburrado para mim. Qual o problema?

– Não estou emburrado.

Ela se sentou na cama e passou os braços em volta dos ombros dele.

– Então me beije com vontade, meu marido não emburrado que nem uma gárgula.

Ele arqueou as sobrancelhas escuras.

– Uma gárgula? Você sabe como destruir o ego de um homem, Sra. Emerson.

497/1201

– Você é muito mais bonito do que eu, professor. Mas posso viver com isso.

– Não diga blasfêmias. – A expressão dele ficou carregada.

Ela se afundou de volta no colchão, resmungando de frustração.

– Eu amo você, Gabriel. Isso significa que sou capaz de aturar muita coisa. Mas não vou deixar que me exclua dessa forma. Ou fala comigo, ou vou para casa.

Julia sentiu o olhar dele antes de encará-lo: duas safiras incandescentes e furiosas em meio à escuridão.

– O quê? – rosnou ele.

– Se eu for para a casa do meu pai, ele vai conversar comigo. Posso cuidar dele e de Diane quando voltarem do hospital. Você está agindo como se não suportasse olhar para a minha cara.

– Ela se virou de costas, erguendo os olhos para o dossel.

498/1201

– *Beatriz*. – A voz dele soou angustiada. – Se precisar ver o seu pai, nós iremos juntos. Jamais

deixaria você fazer essa viagem sozinha. Nem que o inferno congele você vai para casa sem mim.

Ela arriscou um pequeno sorriso.

– Agora sim, este é o Gabriel com quem me casei. Achei que tinha perdido você.

Julia retirou os óculos dele e os colocou sobre a mesa de cabeceira. Então o puxou para debaixo das cobertas com ela.

Gabriel virou de lado, ficando de frente para ela, e buscou seus lábios na penumbra.

– Até que enfim. – Ela descansou a cabeça no peito dele. – Me diga por que está tão taciturno.

– Não acho que você vá querer ouvir isto agora.

– Quero, sim.

– Está bem. Você achou que eu queria que você fosse outra pessoa com quem eu pudesse trepar – falou ele com rispidez. – Nunca mais diga uma coisa dessas.

499/1201

– Desculpe – sussurrou Julia.

– Isso não é verdade. Juro por Deus que não é verdade. Eu deixei aquela vida para trás e, com a ajuda de Deus, não pretendo voltar a ela.

– Não estava pedindo que você voltasse a ela.

Apenas quis que você se livrasse do seu mau humor comigo, em vez de ficar sentado do lado de fora se remoendo.

– Não estava pensando em trepar com outras mulheres, posso garantir. – Ele soava irritado. – E

o que temos é importante demais para que o vulgarizemos dessa forma.

Ela se sentou no mesmo instante.

– Não fizemos nada de vulgar ontem à noite.

Nós nos amamos. Nós dois recebemos notícias perturbadoras. Precisávamos de consolo.

– Eu fui egoísta.

– Foi mútuo. Não lembra? Eu quis você. Precisava de você. Se você foi egoísta, então eu também fui. Mas não vejo dessa forma. Sim, foi mais

500/1201

agressivo e intenso do que de costume. Mas você me prometeu que eu estava segura com você. E eu me senti segura. Você me prometeu que poderíamos ser mais aventureiros. A noite de ontem foi uma aventura. E é dando que se recebe.

Ela tentou ficar séria. Mas não conseguiu.

Abriu um largo sorriso, tentando conter uma gargalhada abafada.

Num piscar de olhos, Julia estava deitada de costas, com Gabriel em cima dela, seus narizes a poucos centímetros de distância.

– Duvido que São Francisco fosse aprovar que você pegasse um trecho de sua oração e aplicasse à nossa vida sexual – rosnou ele.

– Francisco acreditava no amor e no casamento. Ele entenderia. Na pior das hipóteses, se não aprovasse, guardaria silêncio.

Gabriel fechou os olhos e balançou a cabeça.

Mas um sorriso brincava nos cantos de sua boca.

501/1201

Quando abriu os olhos, eles estavam cheios de ternura.

– Eu poderia viver com você para sempre, e ainda assim você me surpreenderia.

– Fico feliz por ouvir isso, Gabriel, porque você está amarrado a mim. Mesmo quando está de mau humor. Não tenho vergonha das coisas que fazemos com nossos corpos, porque elas também envolvem nossas almas. Também não quero que você tenha vergonha.

Ele assentiu e a beijou com reverência.

– Você me diz que estou segura na sua cama.
Mas quero que saiba que você é livre na minha.
Toda sua bagagem, tudo o que fez no passado,
nada disso importa aqui.

Gabriel acariciou o queixo dela com o polegar.

– Está bem.

– Agora vai me contar por que estava tão angustiada na noite passada?

502/1201

– Ainda não. – Uma sombra caiu sobre o seu rosto. – Só preciso de um pouco de tempo.
Ele brincou com os diamantes nas orelhas de Julia.

– Você tem meu coração. Nunca duvide disso.
Julia relaxou nos braços dele, mas demorou um bom tempo para pegar no sono.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Julia não era psicóloga. Fizera análise por algum tempo e conhecia programas de reabilitação como o dos doze passos. No entanto, esforçava-se ao máximo para não diagnosticar outras pessoas. No caso do marido, contudo, não conseguia evitar. Algo o transtornava. Algo perturbador o suficiente a ponto de fazê-lo voltar a suas velhas estratégias para lidar com os problemas.

Ela suspeitava que, fosse qual fosse o motivo de sua angústia, estava relacionado à notícia que receberam de Tom e Diane; mas não podia ter certeza. Correlações não são o mesmo que causalidade, portanto era possível que fosse apenas uma coincidência.

Sem saber o que havia de errado, Julia não sabia como ajudar Gabriel. Ou consolá-lo. Tinha a



504/1201

sensação de que uma nuvem negra pairava sobre eles, apesar das tentativas calculadas de Gabriel de se comportar como se não houvesse problema algum.

Mas ela sabia que havia. E a teimosia dele em

não compartilhar seu fardo a magoava. Com a temporada na Úmbria chegando ao fim e a preparação para a viagem a Florença, ela decidiu que faria tudo ao seu alcance para apoiá-lo e ser amorosa. Mas também estava determinada a

tomar as rédeas da situação caso Gabriel não abrisse o jogo com ela antes de voltarem a Cambridge.

Durante o verão anterior, Gabriel trabalhara como voluntário no orfanato franciscano de Florença, no período em que esteve separado de Julia. Mas, como logo ficou claro para os

505/1201 funcionários, ele não era o voluntário ideal. Não aceitava ordens; ele as dava. Não hesitou em instaurar mudanças no funcionamento do orfanato ou fazer exigências quanto às instalações e à comida servida. E, ao ouvir o protesto dos funcionários alegando que não tinham

dinheiro para im-plantar essas mudanças, ele simplesmente as bancou do próprio bolso.

O diretor, Fra Silvestro, aceitou de bom grado seus donativos, mas ficou aliviado quando os franciscanos da Basílica de Santa Cruz persuadiram Gabriel de que seus talentos seriam mais bem empregados na condução de tours e em palestras sobre a vida de Dante.

Portanto, foi com alegria que Fra Silvestro recebeu Julia no orfanato em agosto, com a esperança de que ela pudesse refrear a caridade mais agressiva do marido.

Ao chegarem, os Emersons foram recebidos pelo diretor, sua assistente, Elena, e por um

506/1201 grupo de crianças entre 4 e 8 anos. Elas chamavam Julia de *Zia Julia* e lhe deram um buquê de flores, assim como vários desenhos que

tinham feito. Eram ilustrações em cores vivas de crianças sorridentes e uma mulher de longos cabelos pretos parada no meio delas.

Por alguns instantes, Gabriel foi dominado pela

emoção. Nos olhos daqueles órfãos, em especial dos mais velhos, ele teve um vislumbre de si mesmo quando criança. Lembrou-se de estar na sala de espera do hospital em Sunbury depois da morte da mãe, tentando conseguir algo para comer da máquina automática. Ele não tinha um tostão, por isso se deitou no chão para procurar moedas perdidas debaixo da máquina.

Gabriel suprimiu essa memória. Se Grace não tivesse surgido diante dele naquele dia, sua vida teria tomado um rumo muito diferente.

Julia

cumprimentou

todas

as

crianças,

agachando-se para ficar da altura delas. Parecia

507/1201

totalmente à vontade, rindo e conversando com os órfãos em italiano.

Depois das apresentações, os Emersons foram conduzidos até um pátio lateral, onde o restante das crianças do orfanato, que tinham de 1 a 12 anos, havia sido reunido. A equipe de funcionários trouxe os bebês para que eles também pudessem participar da festa.

Gabriel não conseguira alugar uma fazendinha para crianças, mas havia garantido quatro pôneis com tratadores. Os animais estavam presos do outro lado do pátio, cercados por um empolgadíssimo grupo de meninos e meninas.

Havia balões de gás, jogos e um grande pula-pula inflável em forma de castelo, além de mesas com comida e doces e uma grande pirâmide de presentes embrulhados.

– Como eles vão saber qual presente é para quem? – perguntou-se Gabriel em voz alta.

Julia lançou um olhar para a pirâmide.

508/1201

– Tenho certeza de que estão todos com nome.

– E se eles não gostarem do presente que

receberem?

– Elena perguntou às crianças o que elas queriam e nós compramos. – Julia apertou a mão dele.

– Pare de criar caso. As crianças vão ver sua cara feia e ficar assustadas. Gabriel torceu o nariz diante daquela bronca, mas logo mudou de expressão.

Ele ficou observando enquanto Julia brincava com as crianças, soprando bolhas de sabão e jogando balões de gás de um lado para outro. Um bebê de olhos e cabelos escuros ficou encantado com ela, e logo Julia o carregava no colo. E tentava libertar o cabelo de suas mãos rechonchudas, ao mesmo tempo que evitava alguns pingos de baba.

Gabriel foi dominado por uma certeza tão grande que chegava a ser dolorosa.

509/1201

Julianne nasceu para ser mãe. Ela é carinhosa, generosa e paciente. Tem tudo o que faltava à

minha mãe biológica e que Grace possuía de sobra.

Talvez até tenha o suficiente para compensar minhas próprias deficiências.

Para manter a melancolia sob controle, Gabriel foi ajudar com os pôneis, colocando e tirando as crianças das selas. Julia acertara na mosca: os pôneis foram a maior atração da festa. As crianças faziam fila para acariciá-los e lhes dar de comer entre os passeios.

Quando chegou a hora de entregar os presentes, Gabriel ficou atrás da pirâmide de embrulhos com Julia.

O irmão Silvestro fez um pronunciamento para as crianças, agradecendo ao Zio e à Zia Emerson por sua generosidade.

Gabriel e Julia menearam a

cabeca ao som de uma discreta salva de palmas.

510/1201

Então Julia começou a entregar os presentes, ainda segurando o bebê no colo.

Gabriel pretendia ajudá-la, mas um rapazinho puxou suas calças para chamar sua atenção.

– Oi – falou Gabriel. – Quem é você?

– Você é ele? – perguntou o menino.

– Ele quem?

– O Super-Homem.

Gabriel abriu um sorriso intrigado.

– Por que você acha que eu sou o Super-Homem?

– Você parece com ele. Posso olhar debaixo da sua camisa?

– Não estou com meu uniforme hoje – disse

Gabriel, com um sorriso torto.

– Você está usando os óculos do Clark Kent.

Gabriel tirou os óculos e olhou para eles com as sobrancelhas franzidas. Achava que sua armação Prada era muito mais elegante do que o horrível par de óculos que Clark Kent usava.

511/1201

(Talvez estivesse enganado.)

Mas não teve tempo de se sentir ofendido.

Assim que tirou os óculos, o menino ficou sem ar, de espanto. Uma pequena multidão de crianças logo se juntou à sua volta.

– É o Super-Homem – sussurrou o primeiro garoto, triunfante.

Gabriel pôs os óculos de volta, então estendeu a mão e bagunçou o cabelo do menino.

– Infelizmente não sou o Super-Homem. Sou o Zio Gabriel, dos Estados Unidos. Zia Julia é minha esposa.

As crianças olharam para Julia, que continuava distribuindo presentes coloridos. Quando notou que estava sendo observada, olhou as crianças e abriu um lindo sorriso.

– Aquela é a Lois Lane – falou uma vozinha aguda.

– Ih! – falou a primeira criança. – É ela mesma. É a Lois Lane.

512/1201

Gabriel examinou Julia com novos olhos.

– Achei que Lois Lane fosse mais alta – refletiu ele, mais para si mesmo.

– Eu tenho uma foto. Está vendo? – Um menino ergueu um gibi e apontou para o desenho de

Lois Lane na capa. – É ela.

– Ela cortou o cabelo – falou outro garotinho, olhando para Julia com uma expressão decepcionada. – Eu preferia mais comprido.

– Nem me fale – balbuciou Gabriel.

– Você pode fazer alguns truques? – perguntou uma menina, animada.

– Que tipo de truques? – O professor se esforçou para esconder quanto estava achando aquilo engraçado.

– Levantar alguma coisa pesada, ver através das paredes, voar.

– Isso aí, voe!

As crianças começaram a pular.

513/1201

O professor olhou para a multidão cada vez maior de meninos e meninas correndo em volta dele e bufou. Estendeu as mãos para que eles se calassem.

Ele se inclinou para a frente e falou em voz baixa:

– Ninguém sabe que Clark Kent é o Super-Homem.

– Eu sei – disse um dos rapazinhos, levantando a mão bem alto.

Gabriel sorriu.

– É, você sabe. Mas os adultos, não. Lois e eu viemos para a festa. Então preciso que vocês nos ajudem a manter esse segredo. Entenderam? Algumas das crianças olharam para ele com ceticismo, mas muitas assentiram.

– Agora Lois tem um presente para cada um de vocês. Por que não vão até lá falar com ela e buscá-los?

514/1201

Nem todas as crianças ficaram convencidas, mas logo começaram a se dispersar, distraíndo-se com outras atividades.

Julia, que ouvira parte da conversa, olhou para ele e lhe deu uma piscadela.

– *Super-Homem*? – fez com a boca, sem emitir som.

Ele assentiu. Já havia sido chamado de várias coisas em seus 35 anos, mas nunca fora acusado de ser o Super-Homem. Embora devesse admitir que Julia daria uma bela Lois Lane.

Gabriel se perguntou se não haveria alguma loja de fantasias em Florença.

Enquanto pensava nisso (e em outras coisas bem impróprias), sentiu que alguém o encarava. Baixou os olhos e viu uma garotinha loura. Ela estava com os dedos na boca e o olhava fixamente.

Gabriel sorriu.

– *Ciao, tesoro.*

515/1201

Ela tirou os dedos da boca e estendeu os braços.

A princípio, Gabriel não entendeu o que ela queria. A menininha esticou ainda mais os braços e os agitou de leve.

– Ela está pedindo para você pegá-la no colo, Homem de Aço.

Gabriel pegou a garotinha nos braços e ela sorriu por alguns instantes, antes de voltar a pôr os dedos na boca.

Foi então que os olhos de Julia encontraram os dele e os dois trocaram um olhar demorado. Ela cumprimentou a criança e afagou suas costas.

Depois voltou à pilha de presentes.

– Maria não fala.

Gabriel se virou na direção de Elena, a funcionária mais competente de Fra Silvestro.

Ele estendeu a mão para colocar um cacho louro atrás da orelha da menina.

– Estou surpresa que ela tenha vindo até você.

Geralmente evita estranhos.

516/1201

– Quantos anos ela tem?

– Três. Mas não falou uma palavra desde que chegou aqui, há quase um ano.

– Por que não?

– Está muito traumatizada.

Gabriel olhou para o rosto angelical da criança e abafou uma série de xingamentos.

– Ela falará um dia?

– Esperamos que sim. Sem dúvida precisa de uma família.

Inconscientemente, Gabriel segurou a criança mais perto de seu corpo.

– É difícil encontrar famílias interessadas?

– Às vezes. – Elena sorriu para Maria e falou em italiano, perguntando se ela estava gostando da festa.

Maria fez que sim com a cabeça e apontou na direção dos pôneis.

517/1201

– Ah, você quer dar um passeio de pônei.

Posso? – Elena fez menção de pegar a menina, mas Gabriel balançou a cabeça.

– Deixe que eu a levo.

Ele foi até os pôneis e perguntou à menina qual era o seu favorito. Maria apontou para o menor, um pônei preto com manchas brancas. Seu rabo era trançado, com um laço vermelho na ponta.

Chamava-se *Ciocolato*.

Com cuidado, Gabriel colocou Maria na sela e pousou a mão em suas costas, enquanto o tratador do pônei começava a conduzi-los em círculo.

Maria sorriu e agarrou a crina do animal entre seus dedinhos.

Dando voltas com a criança e o pônei, Gabriel pensava em como sua vida poderia ter sido diferente. Ele não era um órfão, mas um homem com uma família. E isso porque Grace e Richard tinham aberto seu lar e seus corações para ele.



518/1201

Embora a escuridão que o devorava por dentro não tivesse diminuído, Gabriel se sentiu grato pelo raio de esperança que havia incidido sobre a sua vida. E jurou que iria compartilhá-la com outras pessoas. Só não sabia como.

Ver seu marido no meio das crianças e depois com a garotinha deixara Julia atônita. Algo na imagem daquele homem alto e bonito explicando

por que ele não era o Super-Homem a comovera. Ela não tivera muitas oportunidades de ver Gabriel interagir com crianças. Não o acompanhara durante o trabalho voluntário dele no orfanato. Já o vira interagir com Quinn, claro, mas poucas vezes.

Ver o jeito protetor e carinhoso de Gabriel com Maria tocou seu coração.



519/1201

O professor era um homem intimidador. Às vezes podia ser frio e afetado. Sem dúvida havia momentos em que Julia se preocupava com ele, como quando o encontrou fumando na varanda, na Úmbria. Mas a surpreendente ternura com que tratou aquelas crianças fez com que ela se perguntasse como Gabriel seria como pai. Era provável que bagunçasse o cabelo do filho, com quem também falaria sobre o Super-Homem. E carregaria a filha nos braços e a trataria como uma princesa.

Ao ver Gabriel sorrir e falar com a menininha muda, Julia percebeu que o que Tammy lhe dissera era verdade: crianças trazem à tona um lado especial de um bom homem.

E Julia queria desesperadamente dar a Gabriel a chance de explorar esse lado.

Algum dia.

520/1201

No fim daquele dia gratificante, porém longo, Julia se sentou com Gabriel no terraço de seu quarto favorito no Gallery Hotel Art. Aquele lugar guardava muitas memórias dos dois. Foi onde Julia lhe entregara sua virgindade e onde Gabriel se refugiara quando se viu sob o risco de sucumbir aos seus vícios enquanto esteve separado dela.

Ele estava deitado no banco da varanda, com as mãos atrás da cabeça, observando o céu estrelado. Ela estava ao seu lado, bebericando um copo de San Pellegrino.

– Você pode tomar vinho – disse ele, apontando para o copo.

– Água está ótimo, Super-Homem.

A boca de Gabriel se contraiu.

– Aquela foi uma conversa interessante. Já fui chamado de muitas coisas na vida, mas nunca de Super-Homem.

Julia correu os dedos pelo braço dele.

521/1201

– Só porque nunca tiveram coragem. Eu até gostaria da ideia de você ser o professor bonitão, um pouco nerd durante o dia e o sexy Homem de

Aço à noite.

– O que eu lhe disse sobre me chamar de nerd?

– Gabriel pegou o pulso dela e a puxou para baixo, deitando metade do seu corpo sobre o dele.

A água quase transbordou do copo de Julia, então ele o tirou das suas mãos, largando-o de lado. Gabriel colou seu nariz ao dela.

– Vou lhe mostrar o que é de aço hoje à noite.

– Estou contando com isso – sussurrou ela.

– Eu nunca tinha pensado em você como Lois Lane. Mas a semelhança é extraordinária.

Julia revirou os olhos.

– Durante todo esse tempo achei que você estivesse apaixonado pela Beatriz, quando na verdade era pela Lois Lane. Vou precisar trocar de gênero literário.

522/1201

– Não necessariamente. Mas uma fantasia seria interessante, Srta. Lane.

– Vamos ter que organizar uma festa de Halloween para usarmos fantasias.

Gabriel percorreu os contornos do queixo dela com o dedo.

– Não precisamos esperar até o Halloween.

O tom de voz dele provocou um arrepio na espinha de Julia.

– Agora estou ansiosa. Você se divertiu na festa?

– Claro. – Ele a soltou, seu olhar retornando às estrelas.

Ela suspirou, voltando a pegar o copo. Bebeu um gole d’água, pensando em qual seria a melhor maneira de abordar a questão.

– Algo aconteceu hoje, não foi?

– Foi.

Julia esperou que ele falasse mais, porém Gabriel ficou calado.

523/1201

Ela pôs o copo de volta sobre a mesa e se virou para ele, descansando o braço na barriga.

– Quer conversar sobre isso?

Ele balançou a cabeça.

Julia sentiu um aperto no coração.

– A lista de coisas que você não quer compartilhar comigo não para de crescer.

– Minha intenção não é magoá-la com meu silêncio.

– Mas magoa. – Ela bufou de frustração. –

Como posso ser sua parceira se você não conversa comigo?

– Julianne, nós vamos conversar. Prometo que não vou fazer nada sem discutir antes com você.

Só preciso... resolver algumas coisas primeiro.

– Não pode resolvê-las comigo? Sou uma boa ouvinte. Posso ajudá-lo.

– Você é uma boa ouvinte. A melhor de todas.

Mas às vezes um homem precisa fazer as coisas sozinho.

524/1201

– Isso é machonês para “não esquite sua cabecinha, amor”?

– *Machonês*? – Gabriel deu uma risadinha, beijando a palma da mão dela. –

Você é adorável.

Ela se afastou, cruzando os braços.

– Esta não é a melhor hora para ser condescendente, Gabriel.

Ele virou para o lado e beijou o vinco entre as sobrancelhas de Julia.

– Não estou sendo condescendente. Você é

mesmo adorável. – Ele se deteve, seu olhar concentrado e intenso. – Você precisa ser mãe. Eu a vi com as crianças, vi como é carinhosa e quanto se sente à vontade. É um talento inato.

– Hoje foi um dia especial. Os seus pôneis foram um sucesso.

– Você tinha razão, como sempre.

– Então por que está tão triste?

525/1201

– Não suporto a ideia de deixá-los lá. – Os olhos e o tom de voz de Gabriel eram prova da sua angústia.

Julia o observou, notando que até aquele momento ele mantivera muito bem escondido todo e qualquer sofrimento causado pela visita ao orfanato.

– As crianças são bem tratadas. Os funcionários as adoram. Elas estão em segurança.

– Não deixa de ser um orfanato.

– É verdade.

Julia afastou uma mecha da testa dele e correu os dedos por seus cabelos, numa tentativa de acalmá-lo.

– Eu sei como é isso – Gabriel falou baixinho. – Quando minha mãe morreu, houve muitos meses em que eu não sabia onde iria parar. Poderia ser um orfanato, ou um reformatório. Poderia ser despachado de volta para Nova York para viver com a família dela. Eu estava no limbo, sempre

526/1201

na dúvida se alguém iria aparecer para me levar embora ou se Grace e Richard iriam se cansar de mim e fazer minhas malas.

– Eles nunca fariam isso.

– Eu não tinha como saber. Eles eram estranhos para mim. Além do mais, eu não era muito “adotável”. Meu pai tinha me deserdado e a família da minha mãe não me queria. Eles preferiram me deixar em um orfanato; logo eles, sangue do meu sangue. Agora você entende por que não quero ter nada a ver com essas pessoas?

Julia pousou a mão no rosto dele.

– Sim. Mas você era muito “adotável”. Grace e Richard se apegaram a você desde o início.

– Se eles não tivessem me adotado, o que teria sido de mim?

– Ficar pensando nisso não vai levá-lo a lugar nenhum. Você tem uma família que o ama e tem a mim.

– Você é tudo, Julianne.

527/1201

A beleza das palavras de Gabriel partiu o coração dela. Julia se inclinou para a frente para beijá-lo, tentando deixar claro quanto considerava aquelas palavras importantes.

Quando ela recuou, Gabriel segurou-a pelo pulso.

– Podemos adotar.

– Achei que queria tentar um filho biológico antes.

Ele desviou o olhar.

– Você mudou de ideia? – insistiu ela, notando a mudança na linguagem corporal de Gabriel.

– Crianças como Maria merecem um lar. Ela nem fala! – Ele estava visivelmente agitado.

– Talvez devêssemos tentar ajudar Elena a encontrar uma família para ela. Você conhece muita gente.

– E quanto a nós?

– Nós?

– Por que não a adotamos?

528/1201

Julia perscrutou os olhos dele, surpreendendo-se ao ver que Gabriel estava falando sério.

– Amor, ainda não temos condições de levar uma criança de colo para casa.

– Nós nos amamos e daríamos amor a ela. Temos uma casa com quintal. E falamos italiano.

– Maria é uma criança com necessidades especiais e nós somos pais de primeira viagem. Já tenho medo suficiente de cometer erros.

Gabriel se sentou.

– Como poderia cometer erros? Você é tudo de bom e carinhoso que uma mãe pode ser. As crianças adoram você.

– Não estou pronta.

– E se tivesse ajuda? Tenho direito a um ano sabático. Foi parte de meu acordo com a Universidade de Boston quando saí de Toronto.

Julia o encarou, incrédula.

– Você usaria seu ano sabático para ficar em casa comigo e uma criança?

529/1201

– Por que não? Crianças não ficam acordadas o tempo todo. Poderíamos nos revezar. Você precisa admitir que um par de mãos a mais facilitaria muito as coisas.

– Nenhum de nós dois faz a menor ideia de como cuidar de um bebê.

– Temos Rebecca.

Julia riu.

– Rebecca é maravilhosa, mas ela é nossa empregada, não uma babá. Os filhos dela já são crescidos. Duvido que ela vá querer nos ajudar com uma criança.

– Acho que você se surpreenderia se perguntasse a ela. Rebecca já se ofereceu para ajudar mais quando tivermos um filho.

Julia se afastou dele.

– Você falou com ela sobre isso?

Ele ergueu as mãos.

– Não. Mas, antes de nos casarmos, ela mencionou que esperava trabalhar para nós por

530/1201

tempo suficiente para nos ver começando uma família. – Ele franziu o cenho. – Não sou seu inimigo, Julianne. Não fico o tempo todo procurando maneiras de sabotar os seus estudos. Ou a sua vida.

Ela baixou a cabeça.

– Desculpe. Tenho a sensação de que qualquer turbulência me fará perder o foco e fracassar.

– Acho que essa é a coisa mais honesta que você já falou sobre o seu doutorado.

Ela ergueu o rosto e estreitou os olhos.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer, meu amor, que você está com medo de falhar. Mesmo com tantas pessoas dispostas a apoiá-la e ajudá-la. Incluindo eu e Rebecca.

Ela começou a protestar, mas ele a interrompeu:

– Sentir-se ansiosa diante da ideia de começar uma família é compreensível. Mas acho que você estaria ansiosa em relação ao doutorado de

531/1201

qualquer maneira. Isso tem mais a ver com o modo como se enxerga do que com o modo como vê o doutorado.

Julia arregalou os olhos.

– Eu... Isso não é verdade.

– É, sim. Sei que é, pois me sentia da mesma forma quando estava em Harvard. Acho que qualquer um que tenha um pinga de autocrítica tem essa mesma preocupação. – Gabriel passou a mão por trás da nuca da esposa, puxando-a para a frente. – Você vai conseguir, Julianne. Eu acredito em você.

Os olhos dela se encheram de lágrimas e, de repente, ela se viu nos braços de Gabriel, agarrando-o com força.

Ele colou os lábios à sua orelha.

– Gostaria de levar Maria para casa conosco.

Gostaria de levar todas aquelas crianças conosco. Mas você terá que resolver essa sua questão com Harvard sozinha.

532/1201

– É por isso que não quer dizer o que o está perturbando?

– Não. Ainda estou trabalhando algumas coisas na minha cabeça.

– Sem mim.

– Vou compartilhá-las com você em breve.

Como disse na Úmbria, não farei nada sem falar com você antes. Só preciso de um tempo.

Ela balançou a cabeça, mas decidiu não discutir

com Gabriel.

– Você vai continuar como voluntário no

Abrigo Italiano para Crianças?

– Claro. Eles precisam de mim e prometi aos alunos que, se eles se formassem no ensino médio com uma boa média, eu os mandaria para a Itália.

– Você já está mudando a vida dessas crianças.

Deveria sentir-se orgulhoso.

Ele lhe deu um meio sorriso.

– Tem certeza de que não está pronta para adotar? Nós a amaríamos muito.

533/1201

Os olhos dele estavam carregados de emoção.

Julia voltou a pensar no que tinha visto mais

cedo: a maneira como Gabriel se comportara com

Maria e as outras crianças. Naquele momento,

quis, do fundo do coração, dar a Gabriel o que ele queria. Mas sabia que seria

um erro.

– Sim, nós a amaríamos. Mas amá-la de verdade

significa fazer o que é melhor para ela. E

provavelmente o melhor para ela é encontrarmos

uma família da região disposta a adotá-la. Não

dois americanos recém-casados que não sabem o que estão fazendo. E você teria que parar de

fumar.

– Isso não é problema. – Ele a fitou com

atenção. – Está preocupada com as drogas, não está?

Quando Julia se contorceu em seus braços,

Gabriel franziu as sobrancelhas para ela.

– Você não parece confiar muito em mim.

534/1201

– Tenho total confiança em você. Mas não se

esqueça de que vi minha mãe ter muitas recaídas.

Ele soltou Julia.

– Bem, eu não terei recaídas.

– Ótimo.

– Talvez devêssemos falar sobre as suas recaídas, isso sim. Há um mês, quando se sentiu angustiada, você recorreu a Paul.

Os olhos castanhos de Julia se incendiaram.

– Você não tem o direito de jogar isso na minha cara. Por acaso não lembra que eu já pedi desculpas?

– Tem razão. Sinto muito – falou ele, tenso.

– Estamos tendo uma conversa franca e aberta?

Ou você está tentando me manipular?

Gabriel a fuzilou com o olhar.

– É claro que estamos tendo uma conversa franca e aberta. Desculpe por ter tocado no nome de Paul.

Ela suspirou.

535/1201

– Entendo que seja difícil trabalhar com as crianças do orfanato e deixá-las lá. Também sinto a mesma coisa. Mas ir conosco não seria o melhor para Maria.

– O orfanato é bom, mas não é a mesma coisa que ter uma família.

– Exatamente por isso não devemos adotá-la.

Gabriel ficou de pé.

– Esta não é a Julianne que eu conheço.

– Ah, é, sim. – Julia se levantou e ficou de frente para ele.

– A Julianne que eu conheço daria as roupas do próprio corpo para um desabrigado.

Ela se aproximou um passo, o rosto vermelho de raiva.

– Eu daria as roupas do meu corpo para Maria. Mas quero que ela fique com uma família estável e que tenha experiência com crianças. Ela tem traumas. Levá-la para um lugar que fala uma língua que ela não conhece, longe da sua cidade e

536/1201

dos seus amigos, só iria transtorná-la. Estaríamos fazendo mal a ela, não bem.

Não vou permitir

que você faça isso. E pouco me importa se acha que eu sou uma vaca sem coração, ou seja lá que droga esteja passando pela sua cabeça.

Ela o fitou com um olhar de reprovação antes de se retirar para o quarto.

– Merda! – gritou Gabriel, pegando o copo e atirando-o longe.

O copo se espatifou contra a porta do terraço. Gabriel ouviu o som distante da porta do banheiro batendo.

Ele pousou as mãos sobre o parapeito do terraço, apoiando-se na beirada, e baixou a cabeça.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Agosto de 2011

Washington, D.C.

Simon, o filho do senador Talbot, se levantou e vestiu às pressas sua calça jeans.

– Onde está minha camisa?

Ele procurou em vão a camisa polo azul-clara, da cor exata de seus olhos.

– Está na cadeira – disse Natalie, sua namorada, sentando-se na cama, sem se incomodar em puxar o lençol para se cobrir.

Como sempre, Simon olhou para os seios dela, que tinham sido cirurgicamente aumentados no ano anterior. Ele pousou um joelho na cama.

– Meu Deus, como estou feliz por ter comprado isso.

538/1201

Ele baixou a cabeça e colocou um dos mamilos na boca, chupando-o com força antes de mordê-lo.

– Venha aqui.

Ela estendeu a mão para apalpá-lo por cima da calça, mas Simon recuou.

– Tenho que ir. Eu ligo para você.

Simon encontrou a camisa e a vestiu, pegando em seguida os sapatos e as meias.

– Quando nos veremos de novo? – Natalie se ajoelhou atrás dele e beijou seu pescoço.

Com um só dedo, traçou os contornos do queixo dele, percorrendo as cicatrizes deixadas por seu único e violento embate com Gabriel Emerson.

Ele a afastou com um movimento brusco.

– Pare com isso.

– Desculpe. – Ela se sentou sobre os calcan-

hares, arrependida. – São quase imperceptíveis.

Acho que elas lhe dão um ar rústico.

539/1201

Simon se virou para ela, seus olhos dois lagos glaciais.

Ela inclinou a cabeça de lado.

– Quando nos veremos de novo?

– Nem tão cedo.

– Por quê?

– Precisamos dar um tempo.

– Mas as coisas estão indo tão bem. Ora, eu estou até trabalhando para o seu pai!

– E eu disse a ele que não tínhamos nada sério.

Foi a condição que ele impôs para contratar você.

Não posso mais ser visto entrando e saindo do seu apartamento. As pessoas observam.

– Podemos nos encontrar em um motel.

Ela estendeu a mão para pegá-lo, mas não o alcançou.

Simon foi em direção à porta do quarto.

– Ele quer que eu leve a filha do senador Hudson para jantar.

– O quê? – Ela pulou da cama.

540/1201

Natalie parou diante dele, nua, seus olhos verdes faiscando de raiva e os cabelos longos e ruivos desgrehnados.

Simon segurou sua nuca com uma das mãos.

– Não fique histérica.

Natalie estremeceu diante da frieza na voz dele.

– Não vou ficar. Me desculpe.

Ele correu o polegar pela curva do seu pescoço.

– Ótimo. Porque não gosto quando você fica assim.

Simon desceu a mão até a bunda de Natalie.

– É só um jantar. Ela terminou o terceiro ano na Universidade Duke e veio passar o verão em casa. Vou levá-la para sair e convencê-la a falar bem do meu pai para o dela. É o que espero. O apoio dele seria muito útil.

– Você vai trepar com ela?

Simon deu uma risada debochada.

– Você está brincando? Ela é virgem. Já me ferrei o suficiente por causa disso com Julia.

541/1201

Natalie franziu o nariz ao ouvir o nome de sua antiga colega de quarto.

– O que faz você pensar que a filha do senador Hudson é virgem?

– A família dela é religiosa. São do Sul. É um palpite.

– A religião não impediu que Julia chupasse você. – Natalie cruzou os braços.

– Não fale da Julia. Não preciso do namorado babaca dela estragando meus planos.

– Ele é o marido babaca dela agora.

– Não me importa o que ele é ou deixa de ser. Você conhece muito bem a situação. – Simon a puxou para perto. – Não volte a tocar no nome deles.

– Como acha que eu me sinto? O pai do meu namorado está arranjando uma santinha para ele porque acha que eu sou uma vadia.

542/1201

– Nós finalmente estamos conseguindo o que queremos. Só temos que esperar até depois da eleição.

– Ah, eu posso esperar. – Natalie se ajoelhou diante dele, libertando-o com dedos ágeis da prisão do seu jeans. – Mas acho que você precisa ser lembrado do que está dispensando.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Florença, Itália

Gabriel fumava um cigarro sozinho no terraço, fitando os cacos do copo quebrado. Ele havia aborrecido Julianne.

Não era a primeira vez que Julia o via atirar coisas longe. Ele tinha destruído seu velho telefone celular quando aquele filho da puta do Simon ligara para ela.

Gabriel inspirou fundo, puxando o ar com força para os pulmões antes de soltá-lo pelas narinas.

Não considerava o relacionamento deles perturbado. Por outro lado, vinham tendo mais conflitos nos últimos tempos. Havia brigado em Selinsgrove sobre o artigo dela. Outra vez na Úmbria, quando ele lhe perguntara sobre sua mãe e 544/1201

ela lhe dissera que Gabriel estava tentando ferrar com a sua cabeça. Esta noite, tinham descido mais um nível: Julia o acusou de pensar que ela era uma vaca. Nada poderia estar mais longe da verdade. Ele jamais conseguiria sequer colocar essa palavra e o nome dela na mesma frase.

Mas Gabriel perdeu a cabeça antes de conseguir lhe dizer isso.

Seus segredos estavam magoando Julia. Ele sabia disso. Mas não poderia tirar esse peso dos ombros antes de encontrar uma solução. Não queria parecer fraco, indeciso ou, o que seria ainda pior, ver a compaixão dela se transformar em pena. Preferia afastá-la por um tempo a perder o seu respeito.

E ele não havia descoberto o que fazer. Ainda. Estava oscilando entre dois extremos, e ambos eram inaceitáveis. No momento, faltava-lhe 545/1201

coragem ou sabedoria para buscar o caminho do meio.

Ele terminou o cigarro e acendeu outro. Talvez lhe faltasse tanto coragem *quanto* sabedoria. Julianne estava certa. Se adotassem uma criança, ele teria que parar de fumar. Já havia parado antes, depois da temporada na clínica de reabilitação. Poderia parar de novo.

Gabriel pensou em Tom e Diane. Eles haviam passado da euforia de descobrir que teriam um bebê à desolação da notícia de que a criança tinha um defeito congênito que poderia ser fatal. Não

consequia sequer imaginar quão impotentes se sentiam. Tivera um vislumbre desse tipo de impotência quando Paulina...

Gabriel se concentrou no cigarro entre seus de-

dos. Não poderia permitir que seus pensamentos tomassem esse rumo. Não esta noite.

546/1201

Ele olhou o horizonte de Florença, observando a torre do Palazzo Vecchio, e esperou até ter certeza de que Julia estava dormindo.

Foi ao banheiro, escovou os dentes e tirou as roupas, largando-as no chão. Tomou uma ducha rápida, sabendo que ela sentiria o cheiro de cigarro em sua pele. Nu e com os cabelos úmidos, enfiou-se debaixo das cobertas. Não a tocou. Um breve olhar para a cama sob a luz do abajur revelou que Julia usava uma camisola e estava enroscada de lado, de costas para ele.

Mensagem recebida, amor.

Ao se deitar na cama, pensou ter ouvido um gemido de irritação vindo da direção dela.

– Sinto muito – sussurrou ele.

Como Julia não respondeu, Gabriel apagou a luz e virou-se de costas para ela.

Num instante Julia havia trocado de posição, abraçando-o por trás.

547/1201

– Eu também.

– Nós prometemos que não iríamos mais dormir com raiva um do outro.

– Não estou com raiva, Gabriel. Estou magoada.

Ele jogou a mão para trás para pegar o pulso dela e puxou seu braço para cima da própria cintura.

– Você estava certa quanto a Maria. Eu só queria fazer alguma coisa. Não acho que você seja uma vaca. Nunca pensei em você desse jeito. Você é minha amada.

– Então precisa ser gentil comigo. Não vou mentir, Gabriel, esses últimos dias têm sido muito difíceis. Não quero que nosso casamento seja desse jeito.

O corpo dele se retesou.

– Vou encontrar um jeito de compensá-la por isso. Eu juro.

– Não quero que você me compense. Só que me conte o que há de errado.

548/1201

– Eu vou contar. Prometo.

– Conte-me agora – falou Julia, ríspida.

– Por favor, Julianne – sussurrou ele. – Estou lhe pedindo, por favor, me dê um pouco mais de tempo.

– Para que você possa tomar alguma decisão importante sem mim?

– Não faria nada sem antes falar com você. Mas nunca se sentiu preocupada com algo e precisou decidir sozinha como lidar com a questão? Você não pode tomar essa decisão por mim. – Ele balançou a cabeça. – Estou lhe pedindo, Julianne, para ter um pouco de compaixão.

Julia perscrutou os olhos dele, mas não encontrou nenhum traço de falsidade.

– Posso lhe dar mais um tempo. Mas quero que ligue para o Dr. Townsend.

Gabriel abriu a boca para protestar, mas foi interrompido:



549/1201

– Não vou aceitar não como resposta. Ou você conta para mim o que o está perturbando, ou conta para ele. Mas, pelo bem de nós dois, Gabriel, converse com alguém.

Ele deu um suspiro fundo e assentiu.

Gabriel se levantou antes de o sol nascer e saiu da suíte sem acordar Julianne.

Embora muito lhe

doesse abandonar o calor do seu abraço, ele tinha uma missão. Quanto mais cedo recolhesse as informações de que precisava, mais perto estaria de uma solução.

(Ou pelo menos era o que esperava.)

Naquela tarde, tinha uma importante reunião

marcada com seu velho amigo *dottore* Vitali, o diretor da Galleria degli Uffizi. Agora, Gabriel estava mais determinado do que nunca a mostrar à esposa quanto a amava. E publicamente.

550/1201

Ao sair do hotel, ele concluiu que gostava mais de Florença pela manhã – as ruas silenciosas antes de a cidade despertar.

Parou no café do Gucci Museo, na Piazza della Signoria e comprou um *espresso* e um croissant.

Tomou o café da manhã do lado de fora, lendo um exemplar do jornal *La Nazione* e fazendo hora até poder ir ao orfanato falar com Elena.

Às dez, tocou a campainha. Elena ficou surpresa ao vê-lo, ainda mais quando ele lhe contou o motivo da visita.

Ela lhe agradeceu por sua preocupação com Maria e sugeriu que, se Gabriel queria mesmo ajudar, arcasse com os custos do tratamento com o qual a menina se consultava para tentar recuperar a fala.

Assim que Gabriel tocou no assunto da adoção, Elena logo explicou que adotar uma criança na Itália era difícil. Apenas casais oficialmente casados tinham permissão para isso, e ainda assim

551/1201

precisavam ter no mínimo três anos juntos.

Mesmo que ele e Julianne tivessem decidido adotar Maria, o governo italiano não consentiria.

Gabriel saiu do orfanato devidamente dissuadido, mas não sem antes fazer uma doação para cobrir as despesas de Maria. Fez questão de deixar claro que Elena deveria entrar em contato com ele se houvesse qualquer necessidade.

Perdido em pensamentos, foi até um café na Santa Croce. Em vez de ficar observando as belas mulheres passarem, deu alguns telefonemas, tentando convencer algumas das mais ricas famílias de Florença a apoiar o orfanato por meio de acolhimento ou adoção.

As reações foram variadas. Todos se mostraram dispostos a doar dinheiro para a caridade, mas não houve um só casal que concordasse em acolher algum dos órfãos. Adotar, então, estava fora de cogitação.



552/1201

Gabriel foi mais uma vez defrontado com a enormidade da graça que havia recebido. Como podia ver, Richard e Grace tinham todos os motivos para se recusarem a adotá-lo, mas fizeram exatamente o contrário.

Julianne acordou e se viu na cama vazia, num quarto de hotel silencioso. Mas Gabriel deixara um copo d'água sobre a mesa de cabeceira, junto com um bilhete:

Querida,

Fui resolver algumas coisas na rua.

Voltarei a tempo de me arrumar para a inauguração da exposição hoje à noite.

Amo você,

E gosto do meu corpo quando ele está com o seu.

553/1201

G.

No verso do bilhete, Gabriel havia copiado um poema de e.e. cummings: “gosto do meu corpo quando ele está com o seu.”

Julia leu e releu o poema, perguntando-se o que Gabriel teria ido resolver.

Na verdade, sentia-se culpada. Gabriel tinha razão: Maria precisava de uma família que a amasse e cuidasse dela. Conseguia entender por que ele sentia tanta empatia por aquela garotinha. Mesmo com toda a ansiedade que sentia em relação ao doutorado e à sua carreira, ela não conseguia afastar a suspeita de que estava sendo egoísta ao dar prioridade aos seus estudos em detrimento do bem-estar de uma criança.

Ainda assim, não lhe parecia correto tirar Maria do único país que ela conhecia e colocá-la na casa de dois estranhos.

Sobretudo quando Julia nem

sabia o motivo da angústia de Gabriel.

554/1201

Talvez ele queira filhos imediatamente e esteja se preparando para me dizer isso.

Julia refletiu sobre essa possibilidade, mas logo

a descartou. Gabriel reconhecera a ansiedade dela em relação ao doutorado. Não iria fazer nada que pudesse piorá-la.

Ela havia se esforçado muito para chegar até ali. Os comentários de Gabriel na noite anterior sobre “a Julianne que eu conheço” a haviam magoado muito. Durante toda a sua vida, ela tentara ser compassiva. Mas quem disse que para ser uma boa pessoa é preciso abrir mão dos próprios sonhos?

Por mais que quisesse ajudar Maria, simplesmente não poderia concordar em adotá-la. Não agora. Talvez em uns dois anos, quando já estivessem mais habituados a ela e Julia estivesse no quarto ano do doutorado. O

quarto ano era dedicado

à
preparação
do
projeto
e
ao

555/1201

desenvolvimento da tese. Julia poderia ser mãe enquanto trabalhava na pesquisa.

(Ou era o que pensava.)

No entanto, continuava preocupada com o marido – com os demônios secretos que o atormentavam; com sua determinação em guardar segredos.

Ela pegou seu iPhone na mesinha de cabeceira e enviou uma breve mensagem para ele.

G,

Senti falta de acordar ao seu lado esta manhã.

Obrigada pelo bilhete e pelo poema.

Estou ansiosa pela inauguração de hoje à noite.

Também amo você.

Bjs

J.

556/1201

Então, empenhada em exercer sua paixão, ela se vestiu e dedicou o dia à sua missão particular: encontrar o morador de

rua a quem dera din-

heiro durante sua primeira visita a Florença com Gabriel.

Julia vasculhou o centro da cidade, mas ninguém parecia conhecer o homem a que ela se referia nem ter visto alguém que correspondesse à sua descrição.

Enquanto Julianne afogava as mágoas em um *gelatto* de limão no Bar Perseo, Gabriel concluía sua reunião com o *dottore* Massimo Vitali na Uffizi. Quando voltou ao hotel, encontrou a suíte vazia, mas o cheiro de flor de laranjeira enchia o ar, resquícios do perfume dela.

Ele tinha boas lembranças da primeira visita a Florença com Julia. Inclusive gostaria de transformar uma das paredes do quarto em santuário. Gabriel pensou no começo do relacionamento deles e em como ele havia se esforçado para



557/1201

conquistar a confiança de Julianne. Sua mente foi invadida por um vislumbre repentino de como seria a vida sem ela – vazia, fria, sem sentido. Gabriel precisava deixar de rodeios e enfrentar seus problemas, ou o abismo entre eles aumentaria cada vez mais – e ele acabaria por perdê-la. Tirou o telefone do gancho e discou o número do consultório do analista. Deixou uma longa mensagem na secretária eletrônica.

Após desligar o telefone, abriu seu laptop e acessou o Google. Digitou na barra de pesquisa: Owen Davies.

Algumas horas depois, Julia estava em pé no banheiro, se maquiando. Gabriel estava diante da pia, ao lado dela, fazendo a barba. Ao correr os dedos

por um certo ponto do pescoço, Julia se encolheu instintivamente. Já não conseguia ver a marca

558/1201

onde Simon a mordera, mas, sempre que tocava o local, sentia os dentes dele.

A mão gentil de Gabriel acariciou a nuca de Julia.

– Ele nunca mais vai machucá-la.

– Como pode ter tanta certeza?

Por um instante, algo atravessou os traços de Gabriel, mas logo foi eclipsado por seu sorriso.

– Confie em mim.

– Tive notícias do meu pai hoje.

Ela correu um dedo pelo tampo de mármore da pia.

– O que ele disse?

– Eles querem se casar no feriado do Dia do

Trabalho. Vai ser uma cerimônia *íntima*. Papai se sente mais confortável com Diane em sua casa e

ela não quer se mudar para lá antes de se casar.

– E o bebê?

– Tudo na mesma. Diane parece estar bem, e o bebê, tão saudável quanto possível. Os dois estão 559/1201

sendo bem acompanhados. – Ela balançou a cabeça. – Papai está se sentindo impotente.

– Aposto que sim. Ele quer protegê-los e não pode fazer nada.

Ela assentiu, baixando os olhos para a bancada de mármore com fascínio, como se ela tivesse aparecido ali de repente.

– Sinto muito sobre Maria.

– Eu também. – Ele se recostou na pia, contemplando seus pés descalços. – Pelo menos tentei ajudá-la.

– Talvez uma das famílias com as quais você falou mude de ideia. Se ao menos fossem conhecê-la,

tenho
certeza
de
que
se
apaixonariam.

Ele assentiu, remexendo os dedos dos pés.

– Não vou dizer que entendo como é, Gabriel, porque não seria verdade. Não fui adotada, portanto não tenho a mesma afinidade especial que

you tem com as crianças do orfanato. Mas se

560/1201

you puder ao menos esperar até meu quarto ano de doutorado...

– Teremos muito tempo para falar sobre isso.

Não há pressa. – Ele lhe deu um sorriso gentil.

Julia foi tomada por uma mistura de alívio e apreensão.

Gabriel voltou a fazer a barba enquanto ela o observava com grande fascínio.

– Isso me faz lembrar da nossa primeira viagem a Florença. Quando estávamos nos arrumando

juntos para irmos à Uffizi. – O tom de Julia era de nostalgia. – Eu era apenas sua namorada na

época.

Gabriel se deteve.

– Você nunca foi apenas minha namorada, Julianne. Você era o meu amor. E continuamos sendo um o amor do outro.

– Como eu poderia me esquecer disso? – Ela fez um gesto em direção ao quarto, parando por um momento para se lembrar da primeira vez deles

561/1201

juntos. – Fui tão feliz aqui. Mas, hoje à noite, irei com você à Uffizi como sua esposa. Vamos inaugurar juntos a exposição das suas ilustrações.

– Das *nossas* ilustrações. E meu amor por você é ainda maior do que naquela época. Nunca imaginei que isso fosse possível.

– Meu amor por você também é maior. – Ela baixou os olhos para os dedos dos pés, admirando o modo como seu esmalte vermelho brilhava à luz do banheiro. – Acho que seu amor me curou, em vários sentidos.

Gabriel pousou o barbeador no balcão.

– Não sei por que insiste em ser tão doce quando estou fazendo a barba. – Ele tentou não sujar o roupão de seda de Julia de creme de barbear, mas fracassou. – Agora vamos ter que fazer amor.

Ela riu.

562/1201

– Não podemos. Precisamos estar na Uffizi às

sete. Os convidados de honra não podem se atrasar.

– Não seria nada bom que um dos convidados de honra ficasse de mau humor a noite inteira por estar excitado e carente. Tivemos uma briga. Fizemos as pazes. Você me deve sexo de reconciliação.

Julia estendeu a mão para conferir a excitação dele.

– Não quero que fique incomodado, professor, mas preciso mesmo me arrumar. Olhe só o meu cabelo.

Ele recuou para olhar as mechas escuras, que agora estavam sujas de creme de barbear de um lado.

– Está bem – bufou ele. – Mas não fique surpresa se eu arrastá-la para um corredor vazio para fazer o que bem entender com você.



563/1201

– Estou contando com isso, Super-Homem. –

Julia mordiscou a orelha dele antes de se desven-
cilhar dos seus braços. – E, só para deixar claro, também gosto do meu corpo
quando ele está
junto do seu.

Pouco depois, Julia saiu do banheiro, andando até onde Gabriel estava sentado na área de estar da suíte.

– O que acha?

Ele se levantou e tirou os óculos, deixando de lado o livro que estava lendo.

Pegou a mão dela e a fez girar. O vestido Valentino era muito feminino, com decote canoa, manga japonesa, cintura fina e saia rodada, feito de um vistoso tafetá vermelho.

Ela puxou para baixo a barra da saia, que ficava logo acima dos joelhos.

564/1201

– Acho que deveria ter comprado preto em vez de vermelho.

– Não. – Os olhos dele desceram de sua

clavícula exposta, passando pelos seios, até se deterem nas pernas longas e bem torneadas. – Vermelho está perfeito.

Ele baixou um pouco mais o olhar até os sapatos *peep-toe* Prada pretos de salto agulha.

– Você anda escondendo seus sapatos de mim, Sra. Emerson. Não me lembro de já ter visto esses.

Julia arqueou uma sobrancelha para ele.

– Você não é único que tem segredos, professor.

O sorriso de Gabriel desapareceu.

Ela olhou para os próprios sapatos.

– Mas posso providenciar uma exibição particular.

– Em um canto escuro da Uffizi?

565/1201

Eles se encararam e ela assentiu. Gabriel deu um beijo no rosto dela.

– Você está linda. Os convidados não vão conseguir nem admirar as ilustrações de Botticelli. Estarão todos olhando para você.

– Ah, não diga isso, Gabriel. Já estou nervosa o suficiente. – Ela limpou uma sujeirinha imaginária dos ombros dele e então ajeitou sua gravata-borboleta. – Você está lindo. Não é sempre que tenho o prazer de vê-lo de smoking.

– Posso providenciar uma exibição particular.

Ele beijou a parte de dentro do pulso dela, fechando os olhos e inalando seu perfume.

– Rosas. – Gabriel abriu os olhos. – Você mudou de perfume.

– Este se chama The Noble Rose of Afghanistan. É uma delícia, não é? É comércio justo e incentiva o desenvolvimento daquele país.

– Só você escolheria um perfume porque a empresa é comprometida com o comércio justo.



566/1201

O que fiz para merecer você? – sussurrou Gabriel, seu olhar intenso e perscrutador.

– Você merece ser feliz. Por que não se permite acreditar nisso?

Ele a fitou detidamente, então pegou a mão dela e a conduziu até a porta.

O coração de Julia estava quase aos pedaços, sob o peso da compreensão de que seu amor não o havia curado.

– *Professore. Signora* – disse Lorenzo, o assistente do *dottore Vitali*, ao recebê-los na entrada da Galleria degli Uffizi. – Primeiro, vamos nos reunir com a imprensa e vocês serão convidados a inaugurar a exposição. Em seguida, veremos a coleção. Mais tarde teremos uma recepção e, por fim, um jantar.

567/1201

Gabriel concordou em italiano, apertando a mão de Julia.

Lorenzo os conduziu por um corredor onde um grupo de cerca de cem pessoas estava reunido. Julia reconheceu muitos rostos da palestra de Gabriel, um ano e meio antes. Todos os homens estavam de smoking, com exceção dos membros da imprensa, ao passo que as mulheres usavam vestidos longos, muitos dos quais chegavam a arrastar no chão.

Julia olhou para suas pernas nuas, constrangida. Logo eles estavam cercados de pessoas. Gabriel trocou apertos de mãos e amenidades, apresentando Julia como sua bela esposa. Ela o observava cumprimentar os convidados em italiano, francês e alemão, fluente e confortável. Mas em momento algum Gabriel permitiu que ela se afastasse dele, mantendo sempre o braço em volta de sua cintura.

568/1201

Eles estavam prestes a seguir o *dottore Vitali* até a entrada a exposição quando Julia parou de repente.

Olhando para ela, a menos de 15 metros, estava o professor Pacciani, acompanhado de uma mulher alta e de cabelos pretos. Os olhos de Julia se arregalaram. Por um instante, ela achou que a mulher fosse

Christa Peterson. Mas após um exame mais detalhado percebeu que, embora houvesse alguma semelhança, a acompanhante de Pacciani era cerca de dez anos mais velha do que Christa.

Gabriel notou que Julia havia parado, mas estava conversando com Vitali, recebendo as últimas instruções sobre a inauguração. Quando seu olhar seguiu o dela, algo parecido com um rugido escapou de seu peito.

– Ah, imagino que já conheça o professor Pacciani – falou Vitali ao pé do ouvido de Gabriel. – 569/1201

Nós convidamos os professores titulares das universidades, conforme me pediu.

– Entendo – falou Gabriel, lamentando não ter especificado quem não deveria ser convidado.

– Vamos? – O *dottore* Vitali gesticulou e os Emersons atravessaram a porta de entrada.

Pararam lado a lado diante do aglomerado de pessoas, pestanejando em meio às câmeras e à comoção, enquanto Vitali fazia as devidas apresentações. Julia tentou não ficar nervosa, mas sentia-se muito exposta.

O diretor da galeria deu uma longa explicação sobre a história das ilustrações, que datavam do século XVI. Contou que eram cópias das imagens originais de Botticelli para a *Divina Comédia* de Dante e que, embora oito dos originais tivessem

se perdido, os Emersons possuíam o conjunto completo de cem ilustrações.

Quando Julia varreu a multidão, um rosto se distinguiu. Um homem de aparência jovem, de 570/1201

cabelos claros, com estranhos olhos cinza olhava na direção dela sem piscar, com uma expressão de intensa curiosidade. Sua reação era tão diferente da dos outros convidados que Julia não pôde fazer nada além de retribuir o olhar, até Gabriel cutucá-la, fazendo com que ela voltasse a prestar atenção no anfitrião.

O *dottore* Vitali traçou detalhadamente a trajetória das imagens desde o

século XIX, período

em que pareciam ter surgido do nada, até os Emersons.

A Galleria degli Uffizi tinha o orgulho de apresentar imagens que não eram vistas em público talvez desde a época de sua criação.

Um burburinho de apreciação se espalhou pela plateia, que deu uma entusiasmada salva de palmas quando Vitali agradeceu aos Emersons por sua generosidade.

Gabriel moveu o braço para pegar a mão de Julia e a apertou.

571/1201

Eles menearam a cabeça e sorriram, gratos.

Então foram ao pódio e disseram algumas palavras de agradecimento em italiano a Vitali e à Uffizi.

Ele se virou de lado, fixando os olhos nos de Julia.

– Seria injusto da minha parte não mencionar minha esposa, Julianne. Esta linda mulher diante vocês foi quem tornou esta noite possível. Sem ela, eu teria guardado as ilustrações só para mim. Por meio de suas palavras e atitudes, ela me mostrou o que significa ser caridoso e fazer o bem.

Julia ruborizou, mas não conseguiu desviar os olhos de Gabriel. O olhar magnético de seu marido estava focado nela e em mais ninguém.

– Esta noite é apenas um pequeno exemplo do seu trabalho filantrópico. Ontem passamos o dia inteiro com as crianças de um orfanato franciscano. Hoje cedo minha esposa estava em uma

572/1201

missão beneficente junto aos pobres e desabrigados no centro da cidade. O que lhes peço esta noite é que apreciem a beleza das ilustrações da

Divina Comédia de Dante e busquem celebrar em seus corações a beleza, a caridade e a compaixão

na cidade que Dante tanto amava, Florença.

Obrigado.

A multidão aplaudiu, com uma única exceção.
Ninguém pareceu notar a reação cínica do
homem louro ao chamado de Gabriel a uma vida
virtuosa nem o desprezo que ele demonstrava
quando Dante era citado.

Gabriel voltou para junto de Julia e beijou o
rosto dela de forma casta, antes de se virar para a plateia. Eles posaram para
fotos antes de cortar-em a fita que estava presa diante das portas que
conduziam à galeria. A exposição estava inaug-
urada, ao som de uma retumbante salva de
palmas.

573/1201

– Por favor. – Vitali gesticulou para o salão, in-
dicando que os Emersons deveriam ser os
primeiros a verem a coleção.

Gabriel

e

Julianne

entraram

e

ficaram

boquiabertos. O espaço tinha sido renovado: suas
paredes, antes brancas, estavam pintadas de um
azul forte para dar melhor visibilidade às ilus-
trações a bico de pena, poucas das quais eram em
cores.

As imagens estavam dispostas em ordem, a
começar pelo famoso *Mapa do Inferno*, de Botticelli. Ao acompanhar a
coleção, era possível

testemunhar a jornada da alma de um homem
desde o pecado até a redenção. E, é claro, a inevi-
tável reunião de Dante com sua amada Beatriz.

– O que você acha?

Gabriel segurou a mão de Julia ao parar em
frente a uma de suas imagens preferidas: Dante e
Beatriz na esfera de Mercúrio. Beatriz vestia uma

574/1201

túnica ondulante e apontava para cima, enquanto
Dante seguia seu gesto com o olhar.

– É lindo. – Ela enganchou seu dedo mindinho
no dele. – Você se lembra da primeira vez que me

mostrou esta ilustração? Quando fui jantar no seu apartamento?

Gabriel levou a mão dela aos lábios e beijou sua palma.

– Como poderia esquecer? Eu as mostrei a você por impulso, sabia? Não tinha falado sobre elas nem com Rachel. De alguma forma, sabia que podia confiar em você.

– E *pode* confiar em mim. – Os olhos escuros dela assumiram um ar grave.

– Eu sei.

Gabriel pareceu indeciso e, por um instante,

Julia achou que fosse lhe confessar seus segredos, mas eles foram interrompidos.

575/1201

Um homem alto e atraente de cabelos claros se aproximou, virando de lado para enxergar melhor a ilustração.

Como num sonho, Julia viu o estranho se mover. Seu corpo parecia quase flutuar, os passos leves e fluidos. Embora desse a impressão de ser alto, era uns 5 centímetros mais baixo que Gabriel. Julia notou que, apesar de o homem estar bem-vestido, seu terno preto elegante escondia músculos que se destacavam sob o tecido fino.

Os Emersons recuaram educadamente, mas não antes de Gabriel fitar o convidado nos olhos. Sem dizer nada, ele se pôs entre o estranho e Julianne, bloqueando a visão dele.

– Boa noite. – O estranho se dirigiu a eles com um sotaque britânico, cheio de formalidade.

Para o ouvido treinado de Gabriel, o sotaque era de Oxford.

576/1201

– Boa noite – disse Gabriel, objetivo, deslizando a mão pelo pulso de Julia para entrelaçar seus dedos aos dela.

Os olhos do homem seguiram a mão de Gabriel, e ele sorriu para si mesmo.

– Uma noite memorável – comentou, gesticulando para a sala.

– Muito – falou Gabriel, apertando a mão de Julia um pouco de mais.

Ela apertou de volta, para indicar que ele podia afrouxar um pouco.

– É generoso da sua parte compartilhar suas ilustrações. – O tom de voz do homem era irônico. – Que sorte a sua tê-las adquirido em segredo, e não no mercado aberto.

Os olhos dele se desviaram dos de Gabriel para os de Julia, parando por um instante. Suas narinas se alargaram e então seu olhar pareceu ficar mais suave antes de ele se virar para a ilustração ali perto.

577/1201

– Sim, eu me considero um cara de sorte. Aproveite a noite. – Com um movimento rígido da cabeça, Gabriel se afastou, ainda segurando a mão de Julia com força.

Ela ficou confusa com o comportamento do marido, mas decidiu não questioná-lo até que chegassem ao extremo oposto da galeria.

– Quem era aquele?

– Não faço ideia, mas fique longe dele. – Gabriel estava visivelmente agitado, e passou a mão pela boca.

– Por quê? O que está havendo? – Julia parou, encarando-o.

– Não sei. – Os olhos de Gabriel não pareciam sinceros. – Mas há alguma coisa com ele. Prometa que vai ficar longe.

Julia riu, o som ecoando pela galeria.

– Ele é um pouco esquisito, mas pareceu gentil.

– Pit bulls são gentis até que você ponha a mão no canil deles. Se ele vier na sua direção, vire-se e 578/1201 se afaste. Prometa. – Gabriel baixara a voz para um sussurro.

– Claro. Mas qual é o problema? Você o conhece?

– Acho que não, mas não tenho certeza. Não gostei do modo como ele olhou para você. Os olhos dele poderiam ter aberto buracos no seu vestido.

– Ainda bem que tenho o Super-Homem para me proteger. – Julia beijou o marido. – Prometo

que vou evitar tanto ele quanto todos os outros homens bonitos daqui.

– Você o acha bonito? – Gabriel a encarou.

– Do jeito que uma obra de arte é bonita, não tanto quanto você. E, se você me beijar agora, vou me esquecer completamente dele.

Gabriel se inclinou para a frente e acariciou o rosto dela com as costas dos dedos antes de colar seus lábios.

579/1201

– Obrigada. – Ela mordeu a bochecha. – Você me deixou um pouco encabulada durante a apresentação. Não gosto de ser o centro das atenções.

– Mas você é a verdadeira doadora. Sou um mero acompanhante.

Julia riu de novo, mas dessa vez o som mal ecoou. A sala estava cheia de outros convidados, que aguardavam a uma distância respeitosa deles.

– Você é um acompanhante muito charmoso, professor.

– Obrigado. – Ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido: – Desculpe se a constrangi com minha apresentação. Esperava motivar alguns dos nossos convidados a fazer doações para o orfanato.

– Então pode me constranger à vontade. Se ao menos uma pessoa decidir apoiar o orfanato, toda esta exposição terá sido um sucesso. Mesmo que odeiem as ilustrações.

580/1201

– Como alguém poderia odiar algo tão belo? – Gabriel gesticulou à sua volta.

Julia não tinha como discutir. Vários artistas haviam ilustrado a obra de Dante ao longo dos séculos, mas Botticelli sempre fora o seu preferido.

Eles continuaram a andar pela galeria, parando diante de cada uma das imagens. Satisfeito, Gabriel notou que o estranho havia sumido. Quando chegaram à centésima e última ilustração, Julia se virou para o marido.

– Que exposição incrível. Eles fizeram um trabalho fantástico.

– Ainda não acabou. – Gabriel tentou conter um sorriso, os olhos cor de safira faiscando de diversão.

– Ah, não? – Ela olhou ao redor, confusa.

Gabriel pegou a mão dela e a conduziu ao segundo piso, até a sala dedicada a Botticelli.

581/1201

Ela se deteve assim que atravessou as portas, como sempre fazia. Ver o *Nascimento de Vênus* e a *Primavera* no mesmo recinto sempre a deixava sem fôlego.

Aquele tinha sido o local da palestra de Gabriel durante a primeira visita dos dois a Florença. Na ocasião, ele havia falado sobre casamento e família, coisas que, na época, pareciam tão distantes quanto um sonho.

Ao parar diante da *Primavera*, ela se sentiu feliz. Algo naquele quadro lhe trazia conforto. E ver uma cópia nunca seria tão magnífico quanto estar diante do original.

Se fechasse os olhos, ela poderia sentir o silêncio do museu, ouvir os ecos de um corredor distante. Concentrando-se, conseguiria evocar a voz de Gabriel, discursando sobre os quatro amores: *eros*, *phileo*, *storge* e *agape*.

De repente ela abriu os olhos e sua atenção foi atraída para a imagem de Mercúrio na extrema
582/1201

esquerda. Ela tinha visto a pintura mil vezes. Mas, nesse momento, sua imagem a inquietou. Havia

algo em sua aparência, algo em seu rosto que lhe parecia estranhamente familiar...

– Eles adicionaram mais uma obra a esta sala, desde a sua última visita.

A voz de Gabriel interrompeu seus devaneios:

– Onde?

Ele a pegou pelo cotovelo e a virou para a direita, para que ela pudesse ver uma grande fotografia em preto e branco emoldurada, pendurada na parede oposta à do *Nascimento de Vênus*.

Ela tapou a boca com a mão.

– O que isto está fazendo aqui?

Gabriel a puxou até que ela estivesse diante de uma foto de si mesma de perfil, os olhos fechados e os cabelos longos nas mãos de um homem. Ela sorria.

583/1201

A fotografia era a que Gabriel havia tirado ainda em Toronto, na primeira vez que ela aceitara posar para ele. Julia olhou para a plaqueta que havia debaixo da fotografia e leu o seguinte:

*“Deh, bella donna, che a’ raggi d’amore
ti scaldi, s’i’ vo’ credere a’ sembianti
che soglion esser testimon del core,
vegnati in voglia di trarreti avanti”, diss’ io a lei, “verso questa rivera,
tanto ch’io possa intender che tu canti.
Tu mi fai rimembrar dove e qual era
Proserpina nel tempo che perdette
la madre lei, ed ella primavera.”*

– Dante, *Purgatório*, Canto 28

“Ah, bela donzela, que em raios de amor
te aqueces, se nas aparências, que dos corações

584/1201

soem prestar testemunho, posso me fiar,
que seja teu desejo te aproximares
da margem deste rio”, disse-lhe,
“para que eu possa ouvir do seu canto as
palavras.

Tu fazes-me lembrar onde estava e o que era
Proserpina no instante em que a perdeu
sua mãe a ela, e ela a Primavera.”

– Essas são as palavras que Dante fala ao ver Beatriz pela primeira vez no *Purgatório*. – Gabriel tocou o rosto dela, e seus olhos se encontraram com uma intensidade abrasadora. – Eu me senti da mesma forma. Quando vi você em Cambridge depois da nossa separação, também me lembrei dessas palavras. O simples fato de vê-la parada na rua trouxe de volta à minha mente tudo o que eu

585/1201

havia perdido. Eu estava torcendo para que você
me visse e viesse a mim.

Gabriel a puxou para junto do peito ao notar que os olhos de Julia se enchiam de lágrimas.
– Não chore, meu amor. Você é minha Beatriz, minha folhinha pegajosa e minha linda esposa. Me desculpe por ter sido tão cretino. Eu queria lhe mostrar quanto você é importante para mim. Você é minha mais preciosa obra-prima.

Julia ergueu os olhos para ele.

Gabriel passou os polegares sob os olhos dela, antes de beijar sua testa.

– Você é minha Perséfone, a donzela que conquistou o coração do monstro.

– Chega de falar de monstros.

Ela alisou o smoking dele, com medo de ter sujado o tecido com lágrimas e maquiagem. Então começou a beijá-lo até perder o fôlego, os braços dele apertados ao redor das costas dela.

Quando ele a soltou, ela riu.

586/1201

– Suponho que tenha ficado impressionada com a exposição, não, Sra. Emerson?

– Sim. – Seu rosto ficou sério. – Mas gostaria que tirasse a foto dali. É um gesto magnífico, mas não quero ficar exposta.

– Você não está.

Julia olhou de Gabriel para a fotografia e depois de volta para ele.

– Estou pendurada ali para todos verem.

– Vitali quis nos dar um presente de agradecimento, mas eu recusei. Quando perguntei se poderia fazer algo especial por você, ele concordou.

– Gabriel fez um gesto indicando a Sala. – Vitali é um romântico à moda antiga e ficou feliz em poder fazer isso por nós. Concordou em exibir a fotografia e nos oferecer uma hora sozinhos neste andar.

Julia arregalou os olhos.

– Temos a Sala Botticelli só para nós?

– E não só isso.

587/1201

Os olhos azuis dele brilhavam de entusiasmo enquanto ele levava os lábios à orelha dela.

– Temos também o corredor.
– Sêrio?
– Sêrio. Este andar está interditado até... – Ele olhou para o seu Rolex. – Daqui a 45 minutos, quando precisaremos descer para a recepção e o jantar.

Com um rápido movimento, ela agarrou as lapelas do smoking de Gabriel com as duas mãos e o puxou para si, colando os lábios aos dele em um beijo intenso.

– Isso quer dizer que você gostou? – perguntou ele quando Julia enfim o soltou.

– Venha. – Ela agarrou sua mão e começou a puxá-lo em direção à porta.

– Para onde?

– Sexo de reconciliação, sexo de museu, sexo de corredor, chame como quiser, mas esta é a nossa chance.

588/1201

Gabriel se viu dando risadinhas e trotando atrás de uma Julianne que se movia com muita rapidez e determinação, equilibrando-se nos saltos altos.

– Você me surpreende, Sra. Emerson.

– Por quê? – perguntou ela, erguendo um pouco a voz para poder ser ouvida acima do barulho de seus saltos no chão.

– Você deveria ser tímida. Eu é quem deveria seduzi-la, não o contrário.

Ela se virou, os olhos brilhando.

– Eu quero um orgasmo contra uma parede florentina, um de fazer meu coração parar e minha mente explodir, professor. Você acabou de me dizer que temos o que nunca imaginei possível: privacidade em um espaço público. Que se dane a timidez.

Então Gabriel gargalhou, jogando a cabeça para trás.

Ele a conduziu a passos rápidos ao longo de um corredor e para além de uma curva, onde a

589/1201

empurrou para um canto escuro entre duas es-

tátuas de mármore altas sobre seus respectivos pedestais.

– Desta vez, não vou parar – sussurrou ele, sua mão puxando o vestido dela para cima, na altura da coxa.

– Ótimo.

– Não tem ar condicionado aqui, então as coisas podem ficar um pouco... quentes. Ele acariciou a pele da coxa dela com as costas da mão.

– Eu não esperaria nada menos que isso, professor.

Julia passou os braços em volta do pescoço dele e o puxou para perto.

Ela a levantou e ela enlaçou sua cintura com as pernas, pressionando a parte de baixo de seus corpos uma contra a outra. As costas dela entraram em contato com o vidro das janelas do 590/1201

museu, e ela estremeceu com uma pequena sensação de frio.

– Agora me diga quem é bonito – disse ele, com a boca grudada na dela.

– Você.

Julia capturou a boca de Gabriel no momento em que um gemido escapou dos lábios dele.

Ela o beijou com determinação, sua língua traçando os contornos dos lábios dele. Quando Gabriel abriu a boca, a língua de Julia a invadiu com sofreguidão.

Eles se beijaram como se tivessem passado anos separados, seus lábios ávidos e ansiosos.

Gabriel deslizou a mão pela lateral do corpo dela, para cima e para baixo, levantando mais seu vestido. O tafetá farfalhou em aprovação.

Ao pressionar o corpo ao dela com mais força, os dedos de Gabriel se moveram para a curva de seu quadril, que ele acariciou para cima e para 591/1201

baixo. Quando enfim parou a mão no osso da bacia, ele recuou.

– Onde está sua calcinha?

– Eu gosto do meu corpo quando ele está com o seu, está lembrado? Calcinhas só servem para atrapalhar.

Gabriel gemeu, o som ecoando pelo corredor vazio.

– Você andou por aí assim a noite toda?

Ela piscou para ele, provocante.

– Não é de espantar que aquele homem estivesse com os olhos cravados em você.

– Pare de falar dos outros homens. – Ela mexeu em sua gravata-borboleta.

Ele inclinou-se para a frente para provar seus lábios outra vez, acariciando a língua de Julia com a sua.

Ela se remexia em seus braços, os saltos dos sapatos presos ao paletó do smoking. Puxou a gravata dele, jogando-a no chão e apressou-se a 592/1201

desabotoar sua camisa. Começou a beijar o pescoço e o peito dele, os lábios roçando a superfície da pele, antes de deslizar uma das mãos para baixo, até a cintura de

Gabriel.

Mas ele não tinha pressa. Levou a mão dela de volta ao seu ombro, então estendeu a sua até entre as pernas dela, tocando-a com carinho. Mal pôde conter a alegria que sentiu diante da reação de Julia ao seu toque.

Ela se contorcia, gemendo em seu ouvido.

– Não me faça esperar – implorou, tentando em vão puxá-lo para mais perto.

Gabriel remexeu em seu bolso.

– Que bom que eu trouxe isto. – Com uma expressão triunfante, ele pegou uma embalagem de alumínio quadrada.

Julia abriu os olhos, encarando aquele objeto.

– De onde saiu isso?

Gabriel deu uma risadinha.

593/1201

– Achei que, se não tivesse trazido, você iria se sentir desconfortável a noite inteira.

Ela piscou.

– Você planejou tudo isto?

– Mas é claro. – Ele apertou a bunda de Julia com a mão esquerda, como se quisesse enfatizar suas palavras.

Ela tentou tirar a pequena embalagem da mão dele, mas Gabriel balançou a cabeça.

– Permita-me, Sra. Emerson.

Ele prendeu o quadrado de alumínio com os dentes para abrir o zíper da calça. Então rasgou a embalagem e pôs o preservativo depressa.

Gabriel a provocou, deslizando o pênis para a frente e para trás antes de penetrá-la. Ela suspirou de prazer, apertando-se ao redor dele.

Não disseram nada. Estavam além das palavras.

Gabriel conhecia o corpo da esposa como ela conhecia o dele, e os dois se moviam e reagiam

594/1201

um ao outro em um ritmo cada vez mais acelerado.

Gemidos abafados de satisfação ecoavam pelo corredor, fazendo algumas estátuas taparem os ouvidos. As costas de Julia batiam contra a janela enquanto eles se moviam em harmonia.

Julia deu um suspiro ofegante, dominada por seu orgasmo.

Gabriel acelerou seus movimentos, penetrando fundo nela até não conseguir mais se conter. Julia se agarrou ao corpo dele como se estivesse à beira da morte, seus braços em volta dos ombros dele, o rosto enterrado em seu pescoço.

Eles ficaram imóveis por um tempo. Gabriel soltou o ar que restava em seu corpo em um suspiro longo e relaxado.

– Foi bom? – perguntou ele, beijando-lhe o rosto.

– Fantástico.

595/1201

Eles continuaram abraçados, agarrando-se um ao outro com força enquanto o coração e a respiração desaceleravam. Gentilmente, ele a pôs de pé e baixou o vestido dela, cobrindo-a. Levou as

mãos à cintura dela e apertou.

– Consegue andar?

Ele olhou para ela e para seus sapatos de grife com ar preocupado.

– Acho que sim. Mas posso estar um pouco vacilante.

– Então permita-me. – Ele a pegou no colo e a levou até o banheiro mais próximo.

– É muito diferente quando você usa camisinha? – Julia meneou a cabeça para o preservativo que Gabriel acabara de jogar em uma lata de lixo.

– Perco um pouco a sensibilidade, o que é frustrante. – Gabriel foi lavar as mãos. – Durante a maior parte da minha vida, foi tudo o que senti.

596/1201

Mas saber como é estar dentro de você sem camisinha faz com que usá-las seja uma tortura.

– Desculpe.

Ele secou as mãos e se inclinou para beijá-la no alto da cabeça.

– Não precisa se desculpar. Não sou egoísta a ponto de querer que se sinta desconfortável ou suja só para que eu possa aproveitar melhor o sexo.

Gabriel uniu sua testa à dela.

– O sexo com você é sempre maravilhoso, porque não é apenas sexo. Agora acho que temos que ajeitar o seu cabelo e retocar sua maquiagem. Ou todos vão saber que acabamos de fazer sexo de museu.

Ele parecia mais que orgulhoso de si mesmo.

Ela arqueou a sobrancelha.

– E você está pronto para voltar para a recepção?

– Claro.

597/1201

Gabriel abotoou o paletó do smoking.

– Não precisa ajeitar nada?

– Não. – Ele inclinou a cabeça de lado. – É claro que não me importo que as pessoas percebam

que acabei de fazer sexo de museu com minha esposa.

– Ah, elas irão perceber.

– Como?

– Porque está se esquecendo de algo, professor.

– Do quê?

– Sua gravata.

Gabriel levou a mão ao pescoço, uma expressão

de surpresa atravessando-lhe o rosto por um instante. Então começou a abotoar a camisa.

– Onde está?

– No chão, onde a deixei.

– Safadinha – balbuciou ele, balançando a cabeça.

Ela se inclinou sobre a pia, ajeitando o cabelo e a maquiagem. Então perguntou a ele:

598/1201

– E aí? Como avaliaria o sexo que acabamos de fazer? Numa escala de um a transcendental?

– De tremer a terra e esquecer a gravata.

Orgulhosa, ela reaplicou o batom.

– Nunca se esqueça disso.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

– Adoro inaugurações de exposições – disse Julia baixinho quando eles se reuniram aos demais convidados. – Não tem nada melhor.

– Você nunca para de me impressionar. – A mão de Gabriel estava pousada na base das costas dela.

– Eu poderia dizer o mesmo. Acho que dá para ver a marca do meu corpo na janela lá de cima. Ele deu uma risadinha, deslizando sua mão para baixo para lhe dar um tapinha na bunda.

Alguém pigarreou atrás deles.

Ao se virarem, Julia e Gabriel viram o *dottore* Vitali parado a poucos metros de distância.

– Desculpem-me pela interrupção, mas estaria disposto a conversar com um doador em

600/1201

potencial? – Ele fitou o professor com esperança no olhar.

Gabriel se voltou para Julia.

– Vitali me perguntou mais cedo se eu não poderia tentar convencer uma pessoa a doar alguns quadros. Mas, se você quiser, isso pode esperar.

– Não, vá em frente.

– Tem certeza?

– Convença essa pessoa a doá-los. Enquanto isso, vou dar uma volta.

Gabriel lhe deu um beijo no rosto e foi com seu velho amigo se juntar a um grupo de homens e mulheres bem-vestidos parados perto da entrada da exposição.

Julia refez seus passos pela galeria, admirando a coleção sem pressa. Estava diante de uma das mais coloridas ilustrações de Dante e Virgílio no Inferno quando uma voz pastosa se dirigiu a ela em inglês:

– Boa noite.

601/1201

Ao se virar, deparou com o professor Pacciani. Correu os olhos pelo recinto, aliviada por ver que eles não estavam sozinhos. Havia vários casais ao seu redor, também admirando as ilustrações.

Ele levantou as mãos.

– Não pretendo perturbá-la. Tudo o que peço são alguns instantes da sua atenção.

Os olhos de Julia voltaram para ele.

– Em questão de instantes, meu marido irá voltar.

– Em questão de instantes, minha esposa também. Terei que ser breve. – Ele sorriu. – Lamento o que aconteceu em Oxford. Como deve lembrar, não fui eu que me portei mal.

Ele deu um passo à frente.

Julia recuou um passo.

– Eu lembro. Mas tenho que ir.

Ela tentou passar por ele, mas Pacciani bloqueou seu caminho.

602/1201

– Só mais um momento, por favor. A professora Picton não gostou do comportamento da minha amiga. E eu tampouco.

Julia o observou, desconfiada.

– Eu falei a Christa para manter distância de você. Mas, como já sabe, ela não me deu ouvidos.

– Obrigada, professor. Agora, se me dá licença...

Ele tornou a parar na frente dela, perto demais.

Julia não teve escolha senão recuar um passo.
– Talvez você pudesse mencionar nossa conversa para a professora Picton. Estou me candidando a uma vaga na Universidade Colúmbia, em Nova York. Uma ex-aluna de Katherine é chefe de departamento lá. Preferiria não ter nenhum... ressentimento interferindo nisso.

– Duvido que Katherine fosse interferir no processo de seleção de outro departamento.

– Eu consideraria isso um favor. Uma retribuição, na verdade, do favor que eu lhe fiz.
603/1201

Julia o encarou.

– E posso saber que favor foi esse?

– Impedi que minha amiga fosse para a cama com o seu marido.

Julia sentiu o mundo parar de girar.

– O quê? – A pergunta saiu alta demais e os outros convidados se viraram na direção deles.

As faces de Julia se incendiaram.

– Estou certo de que você vai querer demonstrar sua gratidão – falou ele, inclinando-se mais para perto.

– Você só pode estar brincando.

– Seu marido ia se encontrar com Christa no hotel em que ela estava hospedada. Eu a convenci a tirar isso da cabeça. Portanto, você me deve um favor.

– Como ousa? – sibilou Julia. Em seguida dobrou o corpo para a frente, fazendo Pacciani recuar um passo, surpreso. – Como ousa vir a
604/1201

este lugar cheio de beleza e falar essas coisas hor-ríveis para mim?

A confusão dominou o rosto de Pacciani, como se ele estivesse testemunhando a impossível transformação de uma gatinha assustada em uma leoa. Ele ergueu as mãos, rendendo-se.

– Não quero lhe fazer mal.

– Quer, sim. – A voz dela ficou mais alta. –

Fazer mal é tudo o que você e sua amiga, ou seja ela o que for, querem. Não me importa o que ela tenha lhe dito ou quais eram os planos dela. Você

não impediu meu marido de nada. Está me ouvindo?

Pacciani franziu o cenho ao perceber que todos os olhares estavam voltados para eles. As exclamações de Julia podiam ser ouvidas com toda a clareza pelos demais convidados.

A expressão em seu rosto se transformou, dando lugar a um sorriso condescendente.

605/1201

– Todo homem precisa de um pouco de... como direi? Recreação. É esperar demais que só uma mulher seja suficiente. – Ele deu de ombros, como se estivesse falando a coisa mais natural do mundo.

– Mulheres não são pratos em um bufê. E meu marido não compartilha de sua misoginia. – Ela ergueu o queixo, desafiadora. – Não vou dizer nada à professora Picton, exceto que você tentou me intimidar com suas mentiras. Agora saia daqui e me deixe em paz.

Quando ficou claro que ele não tinha intenção de obedecê-la, Julia apontou para a porta, irritada.

– Saia daqui. – O tom duro da voz dela encheu a galeria.

(O que talvez não tenha sido a forma mais elegante de expulsar um convidado de um evento de gala.)

606/1201

Julia ignorou as expressões de incredulidade e censura dos demais presentes, lançando um olhar fulminante para Pacciani, cujo rosto era uma máscara de fúria.

Ele partiu para cima de Julia como se pretendesse atacá-la, mas foi detido no último instante por uma mulher, que agarrou seu braço com um punho de ferro.

– Estava procurando você. – A Sra. Pacciani repreendeu o marido, mas não sem antes fitar Julianne com uma expressão hostil.

Pacciani xingou em italiano, tentando se des-

vencilhar da esposa.

– Vamos – falou a Sra. Pacciani, puxando o marido. – Temos pessoas *importantes* com quem conversar. Com um olhar ameaçador, Pacciani se virou e acompanhou a esposa em direção ao corredor. Julia os observou se afastarem com grande alívio. E muita raiva.

607/1201

(O que acabou de vez com os resquícios de prazer que ainda sentia.)

– Querida? – Gabriel sorriu ao entrar na sala, andando a passos firmes em seu smoking. Como sempre, todos os olhos o acompanharam enquanto ele e suas formas atraentes atravessavam o recinto com leveza.

Alguns dos outros casais trocaram cochichos, observando Gabriel voltar para junto da esposa.

O sorriso dele desapareceu.

– O que houve?

Julia apertou os lábios, tentando conter a raiva.

– O professor Pacciani me abordou.

– Aquele cretino. Você está bem?

Gabriel pousou a mão de leve no ombro dela.

– Ele veio me pedir desculpas pelo comportamento de Christa em Oxford. Eu perdi a cabeça e fiz uma cena.

– Sério? – Gabriel apertou seu ombro, lutando contra um sorriso. – Quero que me conte tudo.

608/1201

Julia começou a tremer, um efeito colateral do fluxo repentino de adrenalina que havia sentido.

– Eu o chamei de misógino e o enxotei daqui. E pus o dedo na cara dele. – Ela ergueu o indicador, olhando para ele incrédula e balançando a cabeça.

– Excelente. – Gabriel levou o indicador dela aos lábios, beijando-o.

– Excelente, não. Constrangedor. Todo mundo ouviu o que eu disse.

– Duvido muito que alguém tenha achado que a culpa foi sua. Todas as convidadas devem achá-lo um tarado, enquanto os homens devem odiá-lo

por ele ter dormido com suas esposas.

– Pacciani queria que eu contasse a Katherine que ele já deu um jeito em Christa. Está interessado em uma vaga na Colúmbia e Katherine é amiga da chefe de departamento.

– Ele nunca vai conseguir – zombou Gabriel. – Katherine foi orientadora de Lucia Barini, que também é minha amiga. Ela vai sacar qual é a 609/1201

dele. Talvez Pacciani quisesse ir para a Colúmbia para estar perto de Christa.

Julia pareceu enojada.

– Eu me pergunto o que a esposa dele acha disso. Ele também me disse que evitou que você fosse para a cama com ela.

– Com quem? – O tom de Gabriel soou ríspido.

– Christa. Falou que você iria encontrá-la no hotel dela, mas que ele a fez mudar de ideia. Foi por isso que fiquei tão irritada. Infelizmente, acho que outros convidados ouviram tudo. – Ela correu

os
olhos
pelo
recinto,
sentindo-se
desconfortável.

Gabriel xingou, lançando os olhos para a porta.

Não havia nem sinal de Pacciani e sua esposa.

– Preciso lhe contar uma coisa. – Gabriel entre-
laçou os dedos aos dela e a conduziu até um
canto. Olhou por sobre o ombro para se certificar
de que ninguém estava ouvindo. Aproximou o
rosto do dela, baixando a voz: – Christa me fez
610/1201

uma proposta antes da sua palestra. Eu deveria
ter lhe contado na ocasião, mas não quis transtor-
nar você.

Julia o encarou com uma expressão de censura.

– Por que não me contou depois?

– Não queria aborrecê-la.

– O mesmo motivo para não ter me contado

sobre sua conversa com Paul.

Um músculo se retesou no maxilar de Gabriel e ele assentiu. Julia soltou a mão dele.

– Você deveria ter me contado.

– Me perdoe.

– Não sou de porcelana. Posso ouvir notícias ruins.

– Antes não precisasse.

Julia revirou os olhos e por um momento ficou observando o teto da galeria.

– Gabriel, enquanto vivermos, coisas ruins irão acontecer. Faz parte da condição humana.

Quando você esconde algo de mim, abre uma

611/1201
brecha entre nós dois. – Ela o fitou com um olhar expressivo.

Como ele ficou calado, Julia gesticulou para a sala de exposição.

– Outras pessoas podem se aproveitar disso.

Ele assentiu, seu rosto tenso.

– Acho que mereço saber quem faz uma proposta ao meu marido. E quando. – Ela arqueou a sobrancelha, na expectativa.

– Concordo.

Julia o observou por um minuto, assimilando a expressão em seus olhos e as mãos apertadas nos quadris. Ele parecia muito infeliz, mas também protetor, e isso não era algo que ela queria que ele deixasse de ser.

– Você vai me contar as coisas, não vai? – A voz dela ficara mais suave.

– Vou.

612/1201

Ele estava sendo sincero, mas ambos sabiam que Gabriel guardava muitos segredos. Pelo menos por enquanto.

– Então tudo bem – disse ela, recuperando o ânimo. – Está perdoado. Só que, como o meu bom humor graças à primeira experiência sexual que tive em um museu foi arruinado, você vai ter que consertar isso.

Ele fez uma mesura, sem desgrudar os olhos dos

dela.

– Estou às ordens.

– Ótimo. – Ela se inclinou para a frente, agarrando sua gravata-borboleta. – Ordeno que me dê prazer. Agora.

Gabriel afastou os cabelos dela para trás dos ombros e colocou os lábios à sua orelha.

– Então venha aqui.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Agosto de 2011

Cambridge, Massachusetts

Quando Julia e Gabriel voltaram para casa na semana seguinte, encontraram um monte de correspondências esperando para serem abertas.

Gabriel olhou para os envelopes que Rebecca havia empilhado com esmero na mesa dele e decidiu que, antes de abri-los, iria desfazer as malas.

Enquanto ele estava no quarto, Julia ficou no escritório. Olhou para a porta aberta com

apreensão antes de fechá-la sem fazer barulho.

Sabia que o que estava prestes a fazer seria uma traição da confiança de Gabriel. Por outro lado,

ponderou, sua atitude era justificada pelo silêncio dele e por sua contínua resistência a dividir com

614/1201

ela o motivo da sua angústia. Julia havia esperado que ele conversasse com ela em Florença. Mas ele

não fez isso. Em suma, ela estava com medo e com dificuldade para lidar com isso.

Havia uma gaveta na mesa de Gabriel que ele nunca abria. Julia sabia da existência dela, embora nunca houvesse tido coragem de vasculhar seu conteúdo.

Certa vez, quando ela estava à procura de papel para a impressora, Gabriel a vira abri-la e a fechara na mesma hora, dizendo que havia memórias ali que ele não desejava revisitar. Em seguida, começou a distraí-la, puxou-a para o seu colo na poltrona de veludo vermelha e fez amor com ela.

Desde então, Julia não voltara a tocar na gaveta.

Hoje, no entanto, frustrada e preocupada,
sentou-se à mesa, examinando seu conteúdo. Se
Gabriel não queria lhe dar respostas, talvez ela as conseguisse revirando suas
memórias.

615/1201

As ilustrações de Botticelli, que ele havia mantido guardadas à chave em uma caixa de madeira na mesma gaveta, já não estavam ali, expostas agora na Galleria degli Uffizi. Rápida e silenciosamente, Julia pegou o primeiro objeto.

Era o relógio de bolso do avô dele. Gabriel o usava às vezes, quando ainda estavam em Toronto, mas, desde que haviam se mudado para Cambridge, ele nunca tinha saído dali. O relógio era de ouro e ficava preso a uma longa corrente com um berloque em forma de peixe. Julia abriu sua tampa com cuidado e leu a inscrição:

Para William,

Meu amado marido.

Com amor, Jean

Ela fechou a tampa do relógio, pousando-o na mesa.

616/1201

O segundo objeto que retirou da gaveta foi uma velha locomotiva de ferro fundido que claramente já vira dias melhores. Imaginou-o como um garotinho, agarrado à sua pequena locomotiva, talvez implorando que o deixassem levá-la quando ele e a mãe partiram de Nova York. Ela sentiu um embrulho no estômago.

Julia colocou a locomotiva sobre a mesa e voltou sua atenção à gaveta.

Havia uma caixa de madeira, que ela abriu.

Dentro dela, encontrou um colar de grandes pérolas dos mares do Sul e um anel cravejado de diamantes. Julia pegou o anel e procurou uma inscrição, mas não encontrou. Viu também dois braceletes de prata e um colar, ambos da Tiffany. As joias só podiam ser da mãe dele. Ela se perguntou de onde teriam vindo. Gabriel lhe contara várias vezes sobre a pobreza em que viviam.

Como alguém tão pobre poderia ter joias tão

617/1201

caras? E por que a mãe dele não as vendera quando ficou sem dinheiro?

Julia balançou a cabeça. A infância de Gabriel tinha sido trágica, sem dúvida, mas a vida de sua mãe também.

Ela fechou a caixa e se concentrou nas fotografias, que tinham sido separadas em envelopes.

Passou-as rapidamente, encontrando fotos de Gabriel com a mãe, assim como alguns retratos dela sozinha e outros de um homem que devia

ser o pai dele. Para sua surpresa, no entanto, não havia fotos dos pais juntos.

Como Gabriel, a mãe dele tinha cabelos

escuros, mas os olhos dela eram pretos,

destacando-se contra a pele clara, pálida. Ela era muito bonita, com traços finos.

O pai de Gabriel, por sua vez, tinha cabelos

grisalhos e penetrantes olhos cor de safira. Era atraente para um homem mais velho, mas havia

uma certa rigidez em sua expressão com a qual

618/1201

Julia antipatizou. Quase nunca aparecia sorrindo nas fotos.

No fundo da gaveta, debaixo de um ursinho de pelúcia surrado, havia um diário. Julia o abriu e olhou para a folha de guarda.

Este diário

Pertence a

Suzanne Elizabeth Emerson

Por impulso, ela o abriu em uma página aleatória e leu as primeiras linhas.

Estou grávida.

Owen quer eu faça um aborto.

Ele me deu o dinheiro e disse que vai marcar uma consulta.

Falou que,

619/1201

se eu fizer isso por ele, encontrará uma maneira de ficarmos juntos.

Mas não acho que eu seja capaz.

Julia fechou o diário com força e o enfiou de-
pressa no fundo da gaveta.

Gabriel poderia vir procurá-la a qualquer mo-
mento. Ficaria furioso com o que ela fizera.

Ela já estava arrependida. As palavras de Suz-
anne Emerson não lhe saíam da cabeça. Se Gabri-
el as lesse, passaria a odiar ainda mais o pai.

Julia devolveu o ursinho de pelúcia ao mesmo
lugar de antes, junto com as fotos e a caixa de joi-as. Estava prestes a colocar
a locomotiva de volta na gaveta quando percebeu algo ao lado dela, no
topo da pilha de correspondências não abertas.

Era uma carta.

620/1201

Ela não havia reconhecido a caligrafia, mas não
importava. O nome e o endereço de Paulina es-
tavam escritos com capricho no canto superior
esquerdo do envelope. De alguma forma, ela
descobrira o endereço de Gabriel e enviara uma
carta para a casa dele. A casa deles. A casa que
Gabriel dividia com a esposa. Julia teve vontade
de atirá-la na lareira.

Mas já havia traído sua confiança ao ler o diário
de sua mãe às escondidas. Não poderia, além
disso, jogar a carta de Paulina fora.

Segurando o envelope longe do corpo, ela foi ao
quarto e o entregou ao marido.

– Obrigado, mas vou abrir as correspondências
mais tarde. – Ele fez menção de jogar o envelope
em cima da cama, mas ela o deteve:

– Veja o remetente.

Gabriel relanceou para a carta e praguejou.

– Por que ela está me escrevendo? Nem Carson,
meu advogado, tem mais notícias dela.

621/1201

Julia continuou imóvel, olhando para ele.

Gabriel rasgou o envelope, esperando encontrar
uma longa carta escrita à mão. Para sua surpresa,
viu uma folha de papel-cartão.

Ele correu os olhos pelas palavras impressas.

– É um convite de casamento.

Ele virou o papel, deparando com a letra cursiva de Paulina no verso.

Gabriel,

Eu nunca cometeria a indecência de convidá-lo para o meu casamento.

Queria apenas que soubesse que vou me casar.

Depois de todos esses anos, finalmente serei esposa e mãe de duas garotinhas maravilhosas.

622/1201

Agora que estamos os dois felizes, as coisas estão como devem ser.

Beijos,

P.

Ele entregou o convite a Julia, que correu os olhos por ele.

– Ela vai se casar.

– Pois é.

– Como está se sentindo? – perguntou Julia, perscrutando seu rosto.

Ele tornou a pôr o convite no envelope e começou a batê-lo na palma da mão esquerda.

– Ela se expressou corretamente: estamos os dois felizes. Ela encontrou a família que queria.

Ele fixou os olhos azuis nos de Julia.

– É a você quem ela deveria agradecer.

– Eu?

623/1201

– Foi você que me convenceu a deixá-la partir. Paulina jamais encontraria sua própria felicidade enquanto fosse dependente de mim. Você tinha razão.

Julia se remexeu diante do elogio, desconfortável. Não conseguia ignorar o fato de que, poucos minutos antes, estava mexendo em seus artigos pessoais.

– Você também tinha razão quanto a Maria.

Agora, os olhos dele estavam tristes.

Julia se aproximou, passando os braços em volta da cintura de Gabriel.

– Eu queria não estar certa sobre Maria. Mas às vezes amar uma pessoa significa ter que abrir mão dela.

– Nunca vou abrir mão de você. Eu enfrentaria qualquer um que quisesse roubá-la de mim – retrucou ele, enraivecido.

Julia pressionou as pontas dos dedos nos lábios dele.

624/1201

– Lembre-se disto quando estiver resolvendo as coisas na sua cabeça: sejam quais forem os seus problemas, eu estou aqui. E não vou a lugar algum.

Ela tornou a beijá-lo, desaparecendo em seguida no corredor.

Gabriel olhou para o convite, sua mente vagando em direção ao passado.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Janeiro de 2010

Toronto, Ontário

Paulina Gruscheva chegou ao saguão do Manulife Building, as botas de salto alto fazendo barulho no piso de mármore, o telefone celular colado à orelha. Embora já vivesse em Toronto havia algum tempo, Gabriel se recusava a vê-la, falar com ela ou manter qualquer tipo de contato. Ela estava cansada de esperar.

Quando a ligação caiu na caixa postal dele, ela encerrou a chamada e ligou para o telefone fixo. Rezou em silêncio para Julianne não atender. Já era ruim o suficiente que Gabriel estivesse dormindo com ela. Paulina não precisava que o caso deles fosse esfregado na sua cara.

626/1201

Outra vez.

Sem se deixar abater pelo fato de ele não estar atendendo aos telefonemas, ela foi até Mark, o porteiro do prédio, exigindo que ele interfonasse para o apartamento do professor Emerson imedi-

atamente. Como o porteiro se recusou, ela deu uma piscadela e tentou seduzi-lo. Mark, no entanto, se mostrou imune ao charme da loura alta de olhos azuis.

Ela levantou a voz, fazendo uma cena.

Em questão de minutos, Mark interfonou para o professor e pediu-lhe que fizesse o favor de falar com uma visitante no saguão.

Paulina sorriu, triunfante.

Mas seu sorriso desapareceu assim que viu a expressão furiosa de Gabriel, que vinha na direção dela com os olhos faiscantes. Gabriel agarrou-a de forma brusca pelo cotovelo e praticamente a arrastou pelo saguão, em direção à entrada de veículos semicircular na frente do prédio.

627/1201

– O que pensa que está fazendo? – explodiu ele, soltando-a.

Paulina recuou um passo, surpresa com a fúria de Gabriel.

– Vamos, diga! Estou esperando!

– Queria falar com você. Há semanas que estou morando aqui. Você se recusa a me ver!

– Não vamos ter esta conversa outra vez. Eu já lhe disse tudo o que tinha para dizer em Selinsgrove. Você sabe que está acabado. Ele se virou para voltar ao prédio, mas ela o segurou pelo braço.

– Por que está fazendo isso comigo? – A voz de Paulina falhou e ela pestanejou para conter as lágrimas.

A expressão de Gabriel se suavizou um pouco.

– Paulina, acabou. Já acabou há um tempo. Não estou tentando fazer nada com você além de convencê-la a tocar sua vida. E deixar que eu faça o mesmo.

628/1201

Ela ergueu os olhos para Gabriel, as lágrimas começando a cair.

– Mas eu amo você. Nós temos uma história juntos!

Gabriel fechou os olhos por alguns instantes e

uma expressão sofrida se estampou em seu rosto.

Ele abriu os olhos.

– Estou apaixonado por outra pessoa. Estou dormindo exclusivamente com ela.

– Sim, eu sei. E ela é sua aluna.

– Tome cuidado – rosnou Gabriel.

Ela jogou os cabelos para trás.

– É incrível a quantidade de informações que você consegue reunir numa cidade deste tamanho. Antonio, do Harbour Sixty, foi muito prestativo nesse sentido.

Ele se aproximou.

– Você não fez isso.

629/1201

– Ah, fiz. Interessante você tê-la levado ao mesmo restaurante a que sempre me levava quando eu estava na cidade.

– Há muito tempo não levo você ao Harbour Sixty, Paulina. Desde que paramos... – Ele se deteve, com esforço.

– Desde que paramos... de trepar, Gabriel? Por que não consegue falar? Nós *trepamos* durante anos.

– Fale mais baixo.

– Não sou seu segredinho sujo. Nós éramos amigos. Tínhamos um relacionamento. Não pode simplesmente me ignorar e me tratar como lixo.

– Sinto muito pela maneira como a tratei. Mas ouça o que está dizendo. Não acha que merece ser o centro do universo de outra pessoa? Em vez de continuar atrás de alguém que quer outra mulher?

Ela desviou os olhos dos dele.

630/1201

– Você sempre quis outras mulheres. Mesmo quando eu estava grávida. Por que seria diferente agora?

Ele se encolheu.

– Porque você merece estar com um homem que a ame tanto quanto você o ama. Está na hora de virar a página e ser feliz.

– Você me faz feliz – sussurrou ela. – Você é

tudo o que eu quero.

– Estou apaixonado por Julianne e vou me casar com ela. – Ele soou determinado.

– Não acredito nisso. Você vai voltar. Sempre acaba voltando para mim. – Ela secou algumas lágrimas com as costas da mão.

– Não desta vez. No passado eu era fraco e você usava minha culpa contra mim. Mas agora chega. Não podemos mais nos ver ou nos falar. Já fui muito paciente com você e tentei ajudá-la, mas cheguei ao meu limite. A partir de hoje, seu fundo fiduciário está congelado.

631/1201

– Você não seria capaz!

– Ah, eu serei. Se voltar a Boston e procurar um psicólogo, irei garantir que continue recebendo ajuda financeira. Mas, se tentar entrar em contato comigo outra vez ou se fizer qualquer coisa para

prejudicar Julianne, a ajuda será cortada. Permanentemente. – Ele se inclinou para a frente com um ar ameaçador. – E isso inclui qualquer atitude que possa atrapalhar a vida acadêmica dela.

– Você faria isso? Simplesmente me jogaria fora? Eu sacrifiquei minha vida por você. Abri mão da minha carreira acadêmica.

Gabriel contraiu o maxilar.

– Nunca lhe pedi isso. Fiz de tudo para ajudá-la a continuar em Harvard. Você largou o curso.

– Por causa do que aconteceu comigo.

Conosco!

Ele cerrou os punhos ao lado do corpo.

632/1201

– Não nego que meu comportamento tenha sido horrível e que você tenha toda a razão de estar com raiva. Mas admitir isso não muda o fato de que esta história precisa acabar. Hoje.

Gabriel olhou para ela e, por alguns instantes, a expressão dele foi de compaixão.

– Adeus, Paulina. Fique bem.

Ele seguiu em direção às portas de correr.

– Você não pode fazer isso! Não vou deixar!
O rosto dele assumiu um ar de determinação inabalável.

– Já fiz.

Gabriel entrou no Manulife Building sem olhar para trás, deixando Paulina do lado de fora, chorando em meio à neve.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Maio de 2010

*Cemitério St. James the Apostle
West Roxbury, Massachusetts*

Gabriel parou diante dos dois anjos de pedra idênticos posicionados como sentinelas em cada um dos lados do mausoléu. Eram feitos de mármore, brancos e perfeitos. Eles o encaravam com as asas abertas. Havia um nome gravado na lápide entre os dois.

O monumento o fazia lembrar-se dos memoriais na Basílica de Santa Cruz, em Florença. A semelhança era intencional, uma vez que ele próprio se encarregara do projeto.

Enquanto observava os anjos, Gabriel se lembrou do tempo que havia passado na Itália, 634/1201

trabalhando como voluntário junto aos franciscanos. De sua experiência junto à cripta de São Francisco. De sua separação de Julianne.

Se ao menos pudesse esperar até o dia 1o de julho, haveria uma chance de que eles voltassem a ficar juntos. Mas Gabriel não tinha certeza se ela o havia perdoado. Não tinha certeza de que conseguiria o perdão de alguém, mas precisava tentar.

Enfiou a mão no bolso e pegou o celular, ligando para um número da lista de contatos.

– Gabriel?

Ele respirou fundo.

– Paulina. Precisamos nos encontrar.

– O que houve?

Ele voltou as costas para o monumento, pois seria incapaz de falar de frente para o nome gravado na pedra.

– Só preciso vê-la por uma hora, para conversar. Podemos nos encontrar amanhã?

635/1201

– Estou em Minnesota. O que você quer comigo?

– Vou pegar um voo para Minneapolis hoje à noite. Podemos nos ver? – insistiu ele, com a voz tensa e frágil.

Ela bufou.

– Tudo bem. Podemos marcar no Caribou Coffee amanhã de manhã. Vou mandar o endereço por e-mail.

Ela fez uma pausa e Gabriel pôde ouvir que ela se movimentava.

– Você nunca atravessou o país para falar comigo.

Ele trincou os dentes.

– Não, nunca.

– Nossa última conversa não foi nada agradável. Você me largou chorando do lado de fora do seu prédio.

– Paulina... – A voz dele tinha um ligeiro tom de súplica.



636/1201

– E depois cortou todo o contato entre nós.

Gabriel começou a andar de um lado para outro, apertando o telefone com força contra a orelha.

– Sim, cortei. E qual foi o resultado?

Ela ficou calada por alguns instantes.

– Eu fui para casa.

Ele parou de andar.

– Você deveria ter ido para casa há anos, e eu deveria tê-la incentivado a fazer isso.

Os dois ficaram em silêncio.

– Paulina?

– Isso vai doer, não vai?

– Não sei – confessou ele. – Amanhã conversamos.

Gabriel encerrou o telefonema e baixou a

cabeça, voltando em seguida ao túmulo de sua filha.

637/1201

Paulina estava nervosa. Ela havia sido humilhada durante seu confronto com Gabriel no saguão do Manulife Building. Ciente de que dependia do dinheiro do fundo fiduciário e assumindo seu problema com álcool e tranquilizantes, ela fez o que tinha jurado que jamais faria: voltou para casa.

Arranjou um emprego. Mudou-se para um apartamento simples, porém agradável. E, por incrível que pareça, conheceu outra pessoa. Um homem gentil e amoroso, que não queria mais ninguém além dela. Alguém que jamais olharia para outra mulher enquanto o relacionamento deles durasse e, possivelmente, nem depois disso. Agora Gabriel queria conversar. Pessoalmente. Paulina amava Gabriel. Mas também tinha medo dele. Mesmo quando ela estava grávida e os dois moravam juntos, ele sempre se mostrara arredo e inalcançável. Havia uma parte dele que Gabriel jamais a deixaria tocar. Paulina sabia

638/1201

disso. Aceitava. Mas nunca havia gostado dessa ideia, e sempre sentia o distanciamento dele pairar a todo momento sobre a sua cabeça, como uma nuvem carregada que poderia causar um temporal a qualquer instante.

Depois da última briga, ela percebeu que Gabriel jamais a amaria. Achava que ele fosse incapaz de amar. Mas, ao ouvi-lo falar de Julianne, ficou claro que ele era, sim, capaz de ser fiel e amar outra pessoa. Era apenas trágico que essa mulher não fosse ela.

Assim que aceitou isso, junto com a dor e a saudade inevitáveis, sentiu também certa liberdade. Paulina já não era uma escrava tentando conquistar o afeto de seu mestre. Já não era alguém com aspirações limitadas, que colocava seu futuro em compasso de espera para se manter

disponível para ele.

Ao entrar no Caribou Coffee, sentiu-se forte pela primeira vez em anos. Seria difícil vê-lo, mas 639/1201 tinha feito muitos avanços em outras áreas da sua vida e sem dúvida também poderia fazê-los em seu relacionamento com ele.

Encontrou-o sentado a uma mesa para dois nos fundos da cafeteria, seus dedos longos em volta de uma caneca de café. Ele usava paletó e camisa de botão, mas estava sem gravata. As calças estavam limpas e engomadas, o cabelo, bem penteado. Usava também óculos, o que a surpreendeu, pois costumava colocá-los apenas para ler.

Quando a viu, ele se levantou.

– Posso lhe pagar um café? – ofereceu, com um sorriso contido.

– Sim, obrigada.

Ela retribuiu o sorriso, mas ficou um pouco sem jeito. Antes, ele costumava cumprimentá-la com um beijo, mas agora preferia manter uma distância respeitosa e apropriada.

– Com leite desnatado e adoçante?

640/1201

– Exatamente.

Gabriel foi ao balcão e Paulina sentou na cadeira em frente a dele.

Enquanto esperava o pedido de Paulina, Gabriel coçou o queixo. Ela estava diferente. Ainda se movia como uma bailarina, a coluna reta e os movimentos calculados. Mas sua aparência havia mudado.

Seus cabelos longos e louros estavam presos em um rabo de cavalo, seus belos traços livres de cosméticos. Ela parecia revigorada, jovem. Grande

parte da dureza evidente em sua expressão da última vez que a vira tinha desaparecido.

Suas roupas também estavam diferentes. Ela

sempre se vestira bem, dando preferência a saias

e sapatos de salto alto de grife. Neste dia, no entanto, usava uma blusa azul de manga comprida,

simples e casual, com calça jeans escura e sandálias. Havia anos que Gabriel não a via com roupas

641/1201

tão descontraídas. Perguntou-se o que isso significava.

Pousou a bebida na frente dela e se sentou, tornando a pegar sua caneca de café. Concentrou-se no líquido preto, tentando encontrar as palavras certas.

– Você parece cansado. – Os olhos azuis de Paulina fitaram os dele com preocupação.

Gabriel evitou o olhar dela, virando a cabeça para a janela. Não estava particularmente interessado na paisagem de Minneapolis. Apenas não sabia por onde começar.

– Nós já fomos amigos. – Ela bebericou seu café e seguiu o olhar dele, observando os carros passarem. – Parece que você está precisando de um. Ele virou a cabeça de volta, seus olhos de um azul penetrante por trás dos óculos de armação preta.

– Eu vim até aqui para lhe pedir perdão.

642/1201

Ela arregalou os olhos e apressou-se em pousar a caneca na mesa, para não derramar o café.

– O quê?

Ele engoliu em seco.

– Nunca a tratei como um amigo ou companheiro deveria. Fui duro e egoísta. – Ele se recostou na cadeira e tornou a olhar pela janela. – Não espero que me perdoe. Mas queria olhar nos seus olhos e lhe dizer que sinto muito.

Paulina tentou desviar sua atenção do rosto e do maxilar contraído de Gabriel, mas não conseguiu. Quase tremia de espanto.

Ele ficou observando os carros e esperou que Paulina dissesse alguma coisa. Mas ela ficou calada. Por fim, Gabriel a encarou.

Ela estava boquiaberta, os olhos esbugalhados. Então fechou a boca.

– Passamos anos juntos, Gabriel, e você nunca

me pediu desculpas, nenhuma vez. Por que agora?

643/1201

Ele não respondeu, apenas fitou os olhos dela.

– É por causa dela, não é?

Gabriel ficou calado. Estar diante de Paulina já era difícil o bastante. Não poderia falar sobre o que Julianne significava para ele; quanto ela o havia mudado; quanto temia a possibilidade de que ela não o perdoasse quando voltasse para junto dela.

Ele aceitou a censura de Paulina sem se defender. Em seu atual estado, desejava punições e reprimendas, pois estava mais do que ciente dos seus pecados.

Ela observou sua reação, as emoções que se espalhavam pelo seu rosto. Gabriel estava claramente transtornado, algo que ela não via fazia muito tempo.

– Eu voltei para casa – disse ela baixinho. – Entrei em um programa de reabilitação e tenho ido às reuniões. Estou até me consultando com um terapeuta. – Ela o observou com atenção. – Mas

644/1201

you já sabe disso tudo, não sabe? Tenho mandado relatórios para a secretária de Carson.

– Sei, sim.

– Ela mudou você.

– Como?

– Ela mudou você. Consegui... domesticá-lo.

– A questão aqui não é ela.

– Ah, é, sim. Há quanto tempo nos conhecemos? Por quanto tempo dormimos juntos?

Você nunca me pediu perdão por nada. Nem mesmo quando...

Ele se apressou em interrompê-la:

– Mas deveria. Tentei compensar você por tudo o que a fiz passar com dinheiro. Tomando conta de você.

Gabriel se encolheu logo que pronunciou as palavras. Ele conhecia bem até demais o tipo de

homem capaz de agir dessa forma para se redimir de suas aventuras sexuais.

Paulina pegou de novo a caneca de café.

645/1201

– Sim, deveria. Mas fui tola de me contentar com o que tínhamos. Não conseguia me libertar daquilo. Mas agora consegui. E juro por Deus, Gabriel, que não vou voltar atrás.

Ela apertou os lábios, como se estivesse tentando não dizer mais nada. Então, de repente, voltou a falar:

– Durante todos esses anos, tive medo de que meus pais batessem a porta na minha cara. Fiz questão de que o táxi me esperasse em frente à casa deles enquanto eu tocava a campainha. No fim das contas, nem precisei tocar. Estava tentando atravessar a neve com meus sapatos de salto alto quando a porta da frente foi escancarada e minha mãe saiu. Ela ainda estava de pantufas. – A voz de Paulina falhou e seus olhos se encheram de lágrimas. – Minha mãe veio correndo na minha direção, Gabriel, e me abraçou. Antes mesmo de entrar em casa, percebi que poderia ter

646/1201

voltado anos antes e ela teria me recebido da mesmíssima forma.

– A filha pródiga – balbuciou Gabriel.

– Isso.

– Então você entende meu desejo de pedir perdão.

Ela observou seus olhos, a expressão em seu rosto. Não havia nada nele que lhe parecesse falso.

– Sim, entendo – falou ela devagar. – Só me pergunto por que está fazendo isso agora. Ele tornou a se recostar na cadeira, pegando outra vez a caneca.

– Você é minha amiga – sussurrou ele. – E veja só como a tratei.

Paulina secou os olhos.

Gabriel se inclinou para a frente.

– E também tem Maia.

Uma exclamação involuntária escapou dos lábios de Paulina.

647/1201

Nesse sentido, ela era como Gabriel: a simples menção do nome da filha deles lhe causava uma angústia imediata. Quando seu nome era dito sem nenhum aviso, a dor era ainda mais aguda.

– Não consigo falar sobre ela. – Paulina fechou os olhos.

– Ela está feliz agora.

– Você sabe que eu não acredito nisso. Quando se está morto, está morto. É como dormir para nunca mais acordar.

– Eu *sei* que isso não é verdade.

Paulina arregalou os olhos diante do tom de voz de Gabriel. Havia algo em seu olhar. Algo que ele tentava esconder, mas ao qual se agarrava com uma convicção mais forte do que qualquer outra que ela o vira demonstrar antes.

– Sei que não tenho o direito de lhe pedir perdão. E sei que estou perturbando você com minha presença. – Ele pigarreou. – Mas precisava lhe dizer essas coisas pessoalmente. Eu agi errado 648/1201 com você. Fui um monstro. Sinto muito. Por favor, me perdoe.

Ela estava chorando, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto perfeito.

– Pare – falou.

– Paulina, se nós fizemos algo de bonito juntos, foi ela. Seria um desrespeito à sua memória vivermos vidas vazias e sem sentido.

– Como ousa?! Como ousa vir até aqui para tirar um peso da sua consciência e dizer essas coisas para mim?! Gabriel trincou os dentes.

– Não vim aqui tirar um peso da minha consciência. Vim para consertar as coisas.

– Minha bebê está morta e eu não posso ter outro. Conserte isso!

Ele ficou tenso.

– Não posso.

649/1201

– Você nunca me amou. Eu desperdicei minha vida com um homem que apenas me tolerava. E só porque eu era boa de cama.

Um músculo saltou no maxilar de Gabriel.

– Paulina, você tem muitas qualidades admiráveis, como sua inteligência, sua generosidade e seu senso de humor. Não se deprecie tanto.

Ela riu sem alegria.

– No fim das contas, não faz diferença. Não importa quanto eu seja inteligente, fui burra o suficiente para tentar mudá-lo. E fracasei.

– Sinto muito.

– Quando enfim consigo tocar minha vida, você resolve aparecer para desencavar tudo.

– Não era essa a minha intenção.

– Mesmo assim, foi o que fez. – Ela secou os olhos com as mãos, recostando-se para afastar seu corpo do dele. – Vá para casa e volte para sua namorada jovem e bonita que pode lhe dar um filho, se é isso que você quer. Vasectomias são

650/1201

simples de reverter, mas o que aconteceu comigo é irreversível.

Gabriel baixou a cabeça.

– Me desculpe. Por tudo.

Ele se levantou, relutante. Já estava passando por ela quando Paulina segurou sua mão.

– Espere.

Gabriel baixou os olhos para ela com uma expressão desconfiada.

– Conheci outra pessoa. Ele é professor. Me ajudou a conseguir um emprego dando aulas de literatura inglesa enquanto termino o doutorado.

– Fico feliz.

– Não preciso do seu dinheiro. Não voltarei a fazer saques do fundo fiduciário. Keith é viúvo e tem duas filhas pequenas, de 5 e 7 anos. Pode imaginar? Elas me chamam de *tia Paulina*. Tenho a chance de vesti-las, pentear seus cabelos e brincar de chá de bonecas com elas. Conheci uma pessoa que me ama como eu sou. E as filhas dele

651/1201

precisam de mim. Então, embora não possa ter um bebê, ainda serei mãe. Ou, no mínimo, tia. Eu perdoo você, Gabriel. Mas não terei esta conversa de novo. Já fiz as pazes com o passado, da melhor forma que pude.

– Combinado.

Ela lhe deu um sorriso sincero e ele beijou o topo da cabeça dela.

– Adeus, Paulina. Seja feliz.

Ele soltou sua mão e foi embora.

CAPÍTULO QUARENTA

Agosto de 2011

Cambridge, Massachusetts

– Vai correr?

Julia ergueu os olhos da mesa do café da manhã e viu Gabriel vestido com seus tênis e roupas de corrida. Ele usava uma camiseta vermelha de Harvard e um short preto folgado nos quadris.

– Vou, sim.

Ele atravessou a cozinha para lhe dar um beijo.

– E então... vamos conversar?

Gabriel virou para o outro lado e começou a desenrolar os fones de ouvido do seu iPhone.

– Sobre o quê?

– Sobre o que está incomodando você.

– Agora não.

653/1201

Ele tirou os óculos de sol do estojo e limpou-os rapidamente com a camiseta.

Julia mordeu a língua, sua paciência quase esgotada.

– Marcou uma consulta com seu médico?

– Vai começar – murmurou ele, espalmado as mãos na ilha da cozinha e apoiando-se nelas, a cabeça baixa e os olhos fechados.

– O que quer dizer com isso? – Ela cruzou os braços diante do peito.

Gabriel não se mexeu.

– Não, não liguei para o meu médico.

– Por quê?

– Porque não preciso me consultar com ele.

Ela descruzou os braços.

– Mas e a reversão da vasectomia? Vai ter que falar com ele sobre isso.

– Não, não vou.

Ele se empertigou, pegando os óculos de volta e colocando-os no rosto.

654/1201

– Por que não?

– Não vou reverter minha vasectomia. Prefiro adotar. Sei que não podemos trazer Maria, mas gostaria que tentássemos adotar outra criança depois que você se formar.

– Você já decidiu – sussurrou ela.

Um músculo saltou no maxilar dele.

– Estou protegendo você.

– Mas e todas as nossas conversas? E o que falamos no pomar?

– Eu estava enganado.

– Você estava *enganado*? – Ela se levantou. –

Gabriel, que droga é essa?

– Precisamos mesmo falar disso agora?

Ele começou a andar em direção à porta.

– Gabriel, eu...

–

Assim

que

eu

voltar

–

disse

ele,

interrompendo-a. – Me dê apenas meia hora.

Ela conteve uma resposta irritada.

– Só me diga uma coisa.

◆ ◆ ◆

655/1201

Ele se deteve, olhando para ela através dos óculos de sol.

– O quê?

– Você ainda me ama?

Uma expressão de angústia tomou conta do seu rosto.

– Nunca a amei tanto.

Com essas palavras, ele abriu a porta e saiu para o ar quente da manhã.

– Como foi a corrida? – perguntou Julia, assim que Gabriel entrou suado na cozinha.

– Foi ótima. Só vou tomar uma ducha.

– Quer companhia?

Ele lhe deu um meio sorriso.

– Primeiro as damas.

Julia subiu as escadas na frente dele e os dois entraram juntos no quarto.

656/1201

Ele sentou-se em uma cadeira, tirando os tênis, as meias e a camiseta.

– A corrida desanuviou sua cabeça? – perguntou ela, analisando-o com atenção.

O suor brilhava na pele bronzeada de Gabriel, seus músculos ondulando a cada movimento.

– Um pouco.

– Então me diga o que está incomodando você. Ele bufou, fechando os olhos com força. Então assentiu e sentou-se à beira da cama. Apoiou os cotovelos nos joelhos, inclinando-se para a frente.

– Durante toda a minha vida fui uma pessoa autocentrada. Não sei como alguém pode aguentar conviver comigo.

– Gabriel – disse ela, em tom de repreensão. – Você é muito atraente. É por isso que as mulheres caem aos seus pés.

– Não me importo com isso. É só aparência.

Elas nunca ligaram que eu fosse egoísta desde que pudesse lhes garantir uma boa trepada.

657/1201

Julia fez uma careta.

– Eu conheço você. Conheço você por inteiro e não acho que seja egoísta.

– Fui terrível com você quando era minha aluna. Fui terrível com minha família e com Paulina – contrapôs ele.

Julia fitou os olhos carregados e torturados do marido.

– Isso é coisa do passado. Não precisamos mais tocar nesses assuntos.

– É claro que precisamos. – Ele apoiou a cabeça nas mãos, agarrando os cabelos. – Será que não entende? Estou sendo egoísta. Poderia fazer mal a você.

– Como?

– E se Paulina tiver abortado por minha culpa? O estômago de Julia se revirou.

– Gabriel, nós já falamos sobre isso. Não foi culpa de ninguém.

658/1201

– Foi minha culpa ter passado o fim de semana inteiro enchendo a cara. Se tivesse ficado em casa para tomar conta dela, poderia tê-la levado para um hospital.

– Por favor, não vamos voltar a isso. Já sabemos aonde vai dar.

Ele manteve os olhos fixos no chão.

– Exatamente. Na conversa que tivemos no pomar.

– No pomar?

– Tenho falado com você sobre ter um bebê.

Mas nunca pensei no assunto considerando o que aconteceu com Paulina.

– Gabriel, por favor, eu...

Ele a interrompeu:

– E se o aborto dela tiver sido resultado de alguma anomalia genética? Algo com que eu tenha contribuído?

Julia caiu em um profundo silêncio.

659/1201

– Eu lhe disse que queria um filho. Mas nunca refleti sobre os riscos.

– Abortos são comuns, Gabriel. É trágico, mas é verdade. Não seja tão duro consigo mesmo. Você teve aquele sonho com Maia por um motivo. Aceite a paz que ela lhe ofereceu e vire essa página.

– E se acontecer a mesma coisa conosco? – A voz dele falhou. – Olhe o que seu pai e Diane estão passando.

– Ficaríamos arrasados. Mas assim é o mundo em que vivemos. A doença e a morte existem. Não podemos fingir que somos imunes.

– Podemos evitar riscos inaceitáveis.

Os olhos de Julia ficaram tristes.

– Então você não quer ter um bebê comigo? Gabriel levantou a cabeça e viu os olhos dela se encherem de lágrimas.

– Toda essa conversa sobre Paulina... – Julia engoliu em seco – ... Sei que não devo sentir

660/1201 ciúmes, mas não consigo deixar de invejá-la.

Você dividiu uma experiência transformadora com ela que talvez nunca possamos ter juntos.

– Achei que você fosse ficar aliviada.

– Nada do que você disse poderia me trazer alívio. – Julia perscrutou os olhos dele. – E você também não me parece feliz.

– Porque não posso ter o que quero. Não posso passar mais uma vez pelo que passei com Paulina. Não posso e não vou. Não deixarei aquilo acontecer com você.

– Não teremos filhos – sussurrou ela.

– Vamos adotar.

– Então está decidido.

Ele assentiu.

Julia fechou os olhos, deixando-se invadir pelo significado das palavras de Gabriel. Pensou no futuro deles, nas imagens com as quais sonhara acordada. Imaginou-se contando a Gabriel que estava grávida, carregando o filho dele em seu

661/1201 ventre, segurando a mão dele enquanto dava à luz...

Todas essas imagens desapareceram no ar como uma nuvem de fumaça. A sensação de perda foi imediata. Até aquele momento, não tinha percebido quanto queria ter essas experiências e

compartilhá-las com ele. Agora que Gabriel estava lhe dizendo que ela não poderia tê-las, só lhe restava a dor.

– Não.

– Não? – Ele ergueu as sobrancelhas.

– Você quer me proteger, o que é admirável.

Mas, vamos ser sinceros, não é só isso.

– Não quero vê-la sofrer.

– Porém o motivo é muito mais profundo do que esse, não é? Tem a ver com o que aconteceu entre seu pai e sua mãe.

Gabriel se levantou, deixando o short cair no chão. Ele se virou, parando nu na frente dela.

Julia pigarreou.

662/1201

– Meu amor, eu sei que você tem feridas abertas. Não consegue nem olhar para os objetos guardados na gaveta da sua mesa.

– A questão não é essa, mas escolher quais riscos estou disposto a correr. Seu pai poderia perder Diane e o bebê. Não estou preparado para esse tipo de coisa.

– Viver é correr riscos. Eu posso ter um câncer.

Ou ser atropelada. Mesmo que você me embrulhasse em plástico bolha e não me deixasse sair de casa, eu ainda poderia ficar doente. Sei que posso vir a perdê-lo também. E,

por mais que não

queira nem falar nisso, um dia você vai morrer. –

A voz dela falhou ao pronunciar a última palavra.

– Mas escolho amá-lo agora e construir uma vida ao seu lado, mesmo sabendo que posso perdê-lo.

Estou lhe pedindo para fazer a mesma escolha.

Estou lhe pedindo para correr o risco. Comigo.

Ela se aproximou de Gabriel e pegou a mão dele.

663/1201

Ele

baixou

os

olhos

para

seus

dedos

entrelaçados.

– Não sabemos quais podem ser os riscos. Não faço ideia do que pode existir em meu histórico médico.

– Podemos fazer testes.

Ele apertou a mão de Julia e depois a soltou.

– Isso não basta.

– Alguns dos seus parentes ainda estão vivos.

Você pode tentar falar com eles, descobrir sobre o histórico médico de seus pais e avós.

Ele fechou a cara.

– Você acha que eu lhes daria a satisfação de rastejar até eles, implorando por informações? Preferiria arder no inferno.

– Ouça o que está dizendo. Você voltou à estaca zero... achando que não é bom o suficiente para ter filhos. E se recusa a descobrir se há algum problema de verdade em sua árvore genealógica. E quanto ao seu sonho com Maia? E quanto a 664/1201

Assis? E quanto a mim, Gabriel? Nós rezamos por uma criança. Temos pedido a Deus que nos dê um filho só nosso. Está voltando atrás nessa prece?

Ele cerrou os punhos dos lados do corpo, mas não respondeu.

– Tudo porque acha que não é bom o suficiente – sussurrou ela. – Meu lindo anjo caído.

Julia passou os braços em volta do pescoço dele. Gabriel soltou um gemido de angústia ao retribuir o abraço.

– Estou sujando você – sussurrou ele, o peito suado contra a blusa dela.

– Você nunca esteve tão limpo.

Ela beijou com carinho seu queixo retraído.

Eles continuaram abraçados até que Julia o conduziu ao banheiro. Sem palavras, abriu o chuveiro e livrou-se rapidamente das próprias roupas.

665/1201

A água estava quente e parecia chuva, espirrando em seus corpos e dançando sobre eles ao escorrer até o chão. Julia despejou um pouco de sabonete líquido na mão e começou a lavar o peito de Gabriel, as palmas deslizando com ternura por sobre os músculos do tórax dele. Ele passou o braço em volta da cintura dela.

– O que está fazendo? – perguntou.

– Estou tentando mostrar quanto amo você. – Ela deu um beijo na tatuagem dele e continuou a esfregá-lo, ensaboando seu abdome com as mãos.

– Lembro-me de quando um homem muito bonito fez isso comigo. Foi como um batismo. Eles ficaram calados enquanto ela explorava os músculos rígidos e fortes dos braços e das pernas de Gabriel, a firmeza de suas nádegas e as protuberâncias de sua coluna. Ela não teve pressa, tocando-o com carinho até toda a espuma ter sido enxaguada.

Gabriel a fitou com um olhar penetrante.

666/1201

– Eu a magoei tantas vezes. E ainda assim você é tão generosa comigo. Por quê?

– Porque eu amo você. Porque tenho compaixão. Porque o perdoo.

Ele fechou os olhos e balançou a cabeça.

Julia começou a lavar os cabelos dele, fazendo-o se inclinar para a frente a fim de alcançar cada mecha escura.

– Deus ainda não me puniu – murmurou ele.

– Do que você está falando?

– Vivo esperando que Ele tire você de mim.

Ela limpou o xampu dos olhos de Gabriel para que ele pudesse abri-los.

– Não é assim que Deus age.

– Eu vivi uma vida arrogante e egoísta. Por que Ele não me puniria?

– Deus não fica pairando sobre as nossas cabeças, esperando para nos punir.

– Não? – Os olhos dele estavam atormentados.

667/1201

– Não. Você se sentiu assim ao menos uma vez em Assis? Quando estávamos sentados lado a lado na cripta de São Francisco?

Ele negou com a cabeça.

– Deus quer nos resgatar, não nos destruir. Não precisa ter medo de ser feliz, achando que Ele quer roubar essa felicidade de você. Deus não é assim.

– Como pode ter tanta certeza?

– Porque, uma vez que você prova da bondade, ela o ajuda a reconhecer a diferença entre o bem e o mal. Acredito que gente como Grace, São Francisco e diversas pessoas igualmente boas e

amorosas nos mostram como Deus é. Ele não está esperando para punir você e não lhe concede uma bênção só para tomá-la de volta.

As mãos dela subiram pelo peito de Gabriel até pousar uma em cada lado de seu rosto.

– Não vou deixar você postergar a reversão da sua vasectomia. Independentemente do que

668/1201

descobrir ou do que acontecer, você é meu marido. Quero ter uma família com você e não me importa o que diz o seu DNA.

Gabriel fechou os dedos em volta dos braços dela.

– Achei que não estivesse pronta para ter um bebê.

– Não estou. Mas concordo com o que você falou no pomar. Se quisermos ter filhos, precisamos começar a discutir o assunto com os médicos.

– E quanto à adoção?

– Podemos fazer as duas coisas. Mas, por favor, Gabriel, você precisa reverter o procedimento, nem que seja apenas para mostrar que acredita que será um bom pai. E que não é um prisioneiro da sua própria história. Eu acredito em você, meu amor. O que mais desejo é que você acredite em si mesmo.

669/1201

Gabriel ficou parado sob a ducha, de olhos

fechados, deixando a água escorrer pela sua cabeça. Ele a soltou, passando as mãos pelos cabelos antes de se afastar para o lado.

Julia tomou as mãos dele nas suas.

– Essas mãos são suas. Você pode usá-las para o bem ou para o mal. E nada na sua natureza, na sua biologia ou no seu DNA determina suas escolhas.

– Eu sou alcoólatra porque minha mãe era alcoólatra. Isso não foi uma escolha.

– Você escolheu entrar para a reabilitação.

Todos os dias, escolhe não beber nem usar drogas. Não é sua mãe ou o AA quem faz essas escolhas; é você.

– Mas o que irei passar para os nossos filhos? –

A voz dele soava desesperada. – Não faço ideia do que existe no meu histórico familiar.

– Minha mãe era alcoólatra. Se estiver mesmo preocupado com nossos históricos familiares, 670/1201

deveria se perguntar o que eu vou passar para os nossos filhos.

– As únicas coisas que você poderia passar são beleza, bondade e amor.

Ela sorriu com tristeza.

– Era isso que eu ia lhe dizer. Vi como as crianças do orfanato reagiram à sua presença. Vi como você riu e brincou com elas. E como levou Maria para andar no pônei. Você dará aos nossos filhos amor, proteção e carinho. Dará um lar e uma família a eles. E não irá rejeitá-los se cometerem erros, nem parar de amá-los quando pecarem. Irá amá-los tão loucamente que será capaz de morrer por eles. É isso que um pai faz. E é isso que você vai fazer.

Os olhos de Gabriel penetraram os dela como dois feixes de laser.

– Você é inabalável.

– Só quando estou protegendo as pessoas que amo. Ou se estou lutando contra uma injustiça. E, 671/1201

se você sucumbir a essas velhas mentiras, é isso que estará cometendo. Você fez tanto por mim, Gabriel. Agora é minha vez. Se quiser esquecer sua família, eu vou apoiá-lo. Se quiser vasculhar cada galho da sua árvore genealógica, também pode contar com a minha ajuda. Mas não deixe a culpa e o medo privarem você das suas escolhas. Você tomou a decisão de reverter a vasectomia. Acho que deve mantê-la. Mesmo que no futuro optemos pela adoção.

– Seria mais fácil para mim esquecer minha família. Mas não posso tentar ter um filho sem saber mais sobre eles, ou pelo menos descobrir se existe algum problema de saúde mais sério que eu possa ter herdado.

– Não vai ser fácil. Mas você terá alguém do seu lado para apoiá-lo. Neste momento, está sendo controlado pelo passado por não saber o que existe nele. Assim que souber, não terá mais com 672/1201

que se preocupar. Assuma esse risco comigo, Gabriel.

Ele enterrou o rosto no pescoço dela.

Dos presentes que Deus me deu, pensou ele, você é o maior de todos.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Embora a angústia de Gabriel não tivesse sido totalmente aplacada pelas palavras de Julianne, ele se sentia aliviado. Sua crença nele e seu amor por ele reduziam a insegurança que sentia. Sem

dúvida, ele era abençoado por ter encontrado uma companheira e esposa tão maravilhosa.

Quando ela olhou nos seus olhos e lhe disse que queria que ele revertisse a vasectomia quer eles planejassem ter um bebê ou não... Gabriel se lembraria desse momento pelo resto da vida.

Um provérbio hebraico do Antigo Testamento

lhe veio à mente: *Aquele que encontra uma esposa encontra um bem da maior grandeza.*

À noite, porém, torturado pelo passado e temeroso pelo futuro, sua esperança foi abalada. Mas, em vez de sair do lado de Julia e procurar álcool

674/1201

pela casa, decidi abraçá-la e aguentar firme. Seu anjo de olhos castanhos não havia acabado com

suas preocupações. Mas lhe dera a força de que precisava para lutar.

No dia seguinte, ela o encontrou em seu escritório no segundo andar, debruçado sobre uma pilha de livros, o laptop aberto em cima da mesa.

– Olá. – Ela entrou no escritório com uma garrafa de Coca-Cola. – Trouxe uma bebida para você.

Gabriel olhou para ela, admirando-a.

– Obrigado, querida.

Ele deu um tapinha no próprio colo e Julia pôs a bebida sobre a mesa antes de se juntar a ele.

– Foi você quem colocou isto aqui? – Ele gesticulou para a locomotiva de brinquedo, que agora estava sobre uma pilha de pastas de arquivo.

– Foi. – Ela se remexeu em seu colo, imaginando como iria se explicar.

675/1201

– Tinha me esquecido dela. Mas dá um bom peso de papel.

– Eu deveria ter falado com você antes de mexer nas suas coisas.

Ele deu de ombros.

– Estava na hora. Esta locomotiva era um dos meus brinquedos favoritos quando criança.

– Parece uma antiguidade. Quem lhe deu?

Gabriel coçou o queixo.

– Tenho a impressão de que foi meu pai. Acho que me lembro de ganhá-la de presente dele.

Mas, pensando melhor, isso não faz muito sentido.

Julia o fitou com um olhar passivo.

– No que está trabalhando?

– No meu livro. Estou escrevendo uma parte sobre o Inferno. Acho que vou incluir algumas observações sobre a história de Guido. Citarei seu artigo como fonte, é claro.

– Ele a beijou.

676/1201

– Isso vai ser mais fácil agora, já que meu artigo vai ser publicado.

– Sério?

– Recebi um e-mail dos organizadores da conferência me dizendo que uma editora europeia concordou em publicar alguns dos artigos apresentados no congresso. Querem que eu envie o meu.

– Sua primeira publicação. Parabéns! – Gabriel deu um abraço apertado nela, tomado por uma sensação de orgulho.

– Vai ser um ótimo acréscimo ao meu currículo. – Ela brincou com os óculos dele. – Mas vou precisar de um favor seu.

– Qualquer coisa.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Qualquer coisa?

– Por você, meu amor, eu arrancaria as estrelas do céu só para colocá-las aos seus pés.

Julia levou a mão ao peito.

677/1201

– Como você faz isso?

– O quê?

– Dizer coisas como essa. É lindo.

Ele deu um meio sorriso.

– Passei anos estudando poesia, Sra. Emerson.

Está no meu DNA.

– Sem dúvida está. – Ela passou os braços em volta do pescoço dele e o beijou com determinação.

O abraço se tornou mais quente. Gabriel estava prestes a derrubar os livros da mesa e deitar Julianne em cima dela quando ela lembrou que quer-

ia lhe pedir um favor.

– Hum... amor?

– Sim? – rosnou ele enquanto suas mãos subiam e desciam pelos lados do corpo de Julia.

– Preciso lhe pedir uma coisa.

– Diga.

– Vou precisar revisar meu artigo antes de enviá-lo. Eles querem receber o arquivo na

678/1201

primeira semana de dezembro. Você poderia lê-lo e fazer algumas sugestões?

A expressão de Julia mostrava sua apreensão. Eles haviam brigado por causa daquele artigo havia poucos meses. Não queria que isso se repetisse.

– Claro. Será um prazer. Vou tentar não ser um cretino quando fizer meus comentários.

Ela deu um sorrisinho irônico.

– Ficarei agradecida.

– Agora podemos fazer sexo em cima da mesa, ou você quer conversar a tarde inteira?

– Sexo em cima da mesa, por favor.

– Seu desejo é uma ordem.

Gabriel tirou os óculos, jogando-os de lado.

Fechou o laptop e o colocou em cima de uma prateleira próxima, antes de tirar a locomotiva dali com cuidado. Girando o braço, atirou todos os livros e papéis no chão de uma só vez, para pousar Julia sobre a mesa.



679/1201

Eles dedicaram a hora seguinte a uma nova forma de prazer conjugal: sexo sobre a mesa. (Sexo sobre a mesa pode ser muito, muito bom, mas é importante tirar todos os grampeadores de perto antes.)

Mais tarde, Julia começou a fazer as malas para eles irem ao casamento de Tom e Diane, enquanto Gabriel continuava no escritório, tentando escrever. Ele estava tendo dificuldade em se concentrar em Guido da Montefeltro no local de seu mais recente (e muito intenso) encontro amoroso com Julianne.

Talvez nunca mais consiga trabalhar nesta mesa.

Frustrado, fechou o documento em que estava trabalhando e abriu seu e-mail. Digitou uma breve mensagem para Carson Brown, seu



680/1201

advogado, pedindo-lhe que começasse uma

pesquisa sobre seus pais biológicos e suas respectivas famílias.

Então pegou o celular e deu um telefonema.

Julia entrou no quarto depois de passar a noite revisando o artigo que apresentara na conferência. Seus olhos doíam. Já havia se convencido de que Paul tinha razão: ela devia estar sofrendo de vista cansada e precisava ir a um oftalmologista. Decidiu marcar uma consulta assim que ela e Gabriel voltassem de Selinsgrove.

– Qual o problema? – perguntou Gabriel da cama.

Julia tirou as mãos do rosto. Ele estava de óculos, lendo recostado na cabeceira.

Ela o fitou com uma expressão acanhada.

681/1201

– Fiquei muito tempo na frente do computador e agora meus olhos estão doendo. Vou marcar uma consulta com um oftalmo assim que voltarmos.

– Faz bem. Seus olhos são lindos, seria um pecado estragá-los. – Ele enfiou um dedo no livro que estava lendo e estendeu a outra mão para afagar o espaço ao seu lado. – Venha aqui.

Julia se juntou a ele na cama, notando que Gabriel estava lendo o diário da mãe.

– O que fez você decidir ler isso?

– Já que vou começar a investigar minha família, achei melhor não adiar mais.

– Está deixando você triste?

Ele largou o diário e coçou os olhos por trás dos óculos.

– É, acima de tudo, trágico. Ela se formou no ensino médio e foi para a cidade grande, onde passou a dividir um apartamento com uma amiga. Seu primeiro emprego foi na empresa do

682/1201

meu pai. Uma das secretárias dele tirou licença-maternidade e ela assumiu a vaga como temporária. Foi assim que eles se conheceram.

– Ela era jovem. – Julia pegou a mão dele.

Ele baixou os olhos para suas mãos unidas.

– Quase tão jovem quanto você quando a conheci. Engraçado como a história se repete.

– Não diga isso – falou Julia com a voz grave. – Você poderia ter escolhido esse caminho. Mas não escolheu. Nossa história é diferente.

– Eu escolhi esse caminho com outra pessoa.

Julia sentiu a raiva se acender dentro dela.

– Você não abandonou Paulina. Cuidou dela por anos e anos. Tampouco é o tipo de homem que abandonaria o próprio filho.

– Repita isso. – A voz de Gabriel era uma mistura de gemido e súplica.

Julia ergueu as mãos para tirar-lhe os óculos, inclinando-se sobre o corpo dele para pousá-los

683/1201
na mesa de cabeceira. Então levantou o rosto, ainda encostada nele.

– Gabriel Emerson, você não é o tipo de homem que abandonaria seu filho. E, por mais que goste de pensar em si mesmo como sedutor, nós dois sabemos que seduzimos um ao outro. Ele alisou seus cabelos com carinho, erguendo-lhe em seguida o queixo e colando os lábios aos dela.

– Seduzimos um ao outro. Você foi a única mulher que me convenceu a entregar o meu coração. E ainda me seduz, Sra. Emerson. Todos os dias.

Gabriel tornou a acariciar os cabelos dela.

– Parece que o caso dos meus pais começou quando eles estavam fazendo hora extra na empresa. Certa noite, ele a beijou. As coisas evoluíram...

– Ele a amava?

684/1201

– Dizia que sim. Comprava-lhe presentes extravagantes. Não permitia que fossem vistos juntos em público, mas se encontravam em hotéis. Inconscientemente, Julia levou a mão ao seu colar.

– Vi algumas das joias dela na sua gaveta. Artigos da Tiffany e algo parecido com uma aliança. Gabriel fechou a cara.

– Ele deu aquele anel para ela quando eu nasci. Ela costumava usá-lo e fingir que estava casada. Que farsa ridícula.

– Talvez ele tenha feito isso para protegê-la.

– Julianne, meu pai não fez nada para protegê-la.

– A voz dele soou fria. – Ela era jovem e tinha sido protegida pela família a vida toda. Esperava

que meu pai fosse largar a esposa e os filhos por ela. É claro que não foi o que aconteceu.

Julia o abraçou com força.

– O que você fez para descobrir mais sobre a sua família?

685/1201

– Enviei um e-mail para Carson, pedindo que ele fizesse uma pesquisa sobre os Emersons e sobre o meu pai. – Gabriel pigarreou. – Dei alguns telefonemas hoje e consegui marcar uma consulta com o Dr. Townsend. E com um urologista.

– Estou orgulhosa de você. Sei que está ansioso. Mas enfrentaremos juntos o que descobrir, independentemente do que seja.

Ele suspirou e pousou a mão em volta da nuca de Julia.

– Se tiver falado sério quando disse que gostaria de descobrir mais sobre a sua mãe, conte com a minha ajuda.

Ela se virou para deitar de costas, erguendo os olhos para o teto.

– As coisas dela estão com meu pai. Não acho que seja uma boa hora para perguntar sobre isso. Ele já está com muitos problemas na cabeça.

– Tem razão. Teve notícias dele?

686/1201

– Diane me enviou um e-mail sobre meu vestido de dama de honra. Devo buscá-lo assim que chegarmos.

Julia

ficou
calada
por
alguns
instantes,
pensativa.

– Você acha que Deus o perdoou? – indagou
por fim.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Por que está me perguntando isso?

– Por causa da nossa conversa no chuveiro.

Você dá a impressão de achar que seu passado
não foi verdadeiramente perdoado.

Gabriel se remexeu ao lado dela.

– Quando eu estava em Assis, depois da nossa
separação, tive a sensação de que Deus havia me
perdoado, sim.

– Mas ainda olha para si mesmo e não gosta do
que vê? – O tom dela era gentil.

– Por que deveria? Tenho tantos defeitos.

687/1201

– Assim como todos os seres humanos, meu
amor.

– Talvez eu seja mais consciente dos meus
pecados.

– Talvez não tenha aceitado a graça e o perdão
que lhe foram oferecidos.

Ele a fitou com um olhar severo.

Julia se aconchegou contra seu corpo.

– Não me leve a mal. Já vi quanto você evoluiu,
e é um verdadeiro milagre. Mas parte desse mil-
agre é reconhecer a magnitude da graça que
recebeu.

– Eu fiz tantas coisas terríveis – sussurrou ele.

– E o perdão de Deus é tão pequeno. – Julia ol-
hou de esguelha para ele.

– Não é isso que eu penso.

– Mas age como se pensasse, como se ainda est-
ivesse no inferno. Como se Deus não pudesse
perdoá-lo.

– Quero melhorar.

688/1201

– Então seja melhor. Aceite que Deus não o fez chegar tão longe apenas para abandoná-lo. Ele não é esse tipo de pai. E você também não será. Gabriel refletiu sobre as palavras dela por um momento.

– Se o que você diz é verdade, então não tem motivo para ter medo de ser mãe. Independentemente do que tenha acontecido com Sharon ou no seu passado, a graça está ao seu alcance.

– Acho que nós dois precisamos superar os nossos medos.

Ele acariciou seu rosto antes de rolar para cima dela.

– Você será uma mãe maravilhosa – sussurrou, colando os lábios aos de Julia.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Feriado do Dia do Trabalho, 2011

The Hamptons, Nova York

– Que foda! – exclamou Simon, caindo em cima dela.

– Põe foda nisso. – Ela deu uma risadinha, passando os braços em volta dele. – Foi incrível. Simon não podia discordar. Mal conseguia sentir o próprio corpo, de tão forte que havia sido o orgasmo. É claro que o fato de ele e April Hudson terem bebido mais mojitos do que deveriam talvez tivesse algo a ver com isso.

Simon tinha a vaga sensação de ter se esquecido de alguma coisa importante. Alguma coisa relacionada a April.

690/1201

Ela montou sobre ele.

– Vamos de novo – falou, com a voz arrastada, inclinando-se sobre o corpo de Simon. – Quase não doeu. Não sei por que esperei tanto...

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Feriado do Dia do Trabalho, 2011

Selinsgrove, Pensilvânia

– Seu pai tem usado este cômodo como quarto de hóspedes, mas estávamos pensando em transformá-lo em um quarto de bebê. – Diane ab-

riu a porta para o pequeno aposento contíguo ao quarto principal.

Julia entrou logo atrás dela, carregando uma sacola de presente azul e branca.

Faltavam pouco dias para o casamento e ela estava ajudando Diane a arrumar a casa.

– Eu queria pintar as paredes e preparar o quarto antes de o neném nascer. Mas agora... – Diane esfregava a mão na barriga.

692/1201

– Não vejo motivo para não deixar o quarto do bebê pronto.

Julia correu os olhos pelo cômodo, detendo-se em três caixas de aparência familiar no chão do closet.

– Talvez ele não venha para casa – sussurrou Diane, à beira das lágrimas.

Julia passou um braço em volta dos ombros dela.

– O hospital e os médicos estão habituados a casos como este. E muitas crianças já passaram pelas cirurgias que o pequeno Minduim vai precisar fazer.

– Minduim?

– Já que ele ainda não tem nome, eu o chamo de Minduim.

Diane apertou com mais força a própria barriga.

– Gostei. Minduim.

693/1201

– Estamos todos torcendo e rezando por ele.

Decorar o quarto de bebê pode ser um modo de expressar essa esperança, a sua crença de que ele virá para casa. – Julia brincou com a sacola que carregava. – Comprei um presente para você e o neném.

– Obrigada. É o primeiro presente que ganhamos.

– Já que ele é meu irmãozinho, quis ser a primeira. Abra.

Diane afastou com cuidado o papel de seda,

revelando um objeto retangular embrulhado.

Largou a sacola no chão e desembulhou o presente. Encontrou a imagem de um querubim tocando um violão, numa moldura dourada.

Ela o ergueu para admirá-lo melhor.

– Sei que você tem hesitado em se preparar para a chegada do bebê – falou Julia, com voz suave. –

Mas achei que o anjo poderia ser um símbolo de esperança. O quadro se chama *Angelo musicante*, 694/1201 e está exposto na Galleria degli Uffizi, em Florença.

– Obrigada, querida. – Diane lhe deu um abraço. – É muito gentil da sua parte.

Ela foi até a janela e pousou a moldura sobre o peitoril largo, recostando-a no vidro. Era como tivesse sido feita para aquele lugar.

– Seu pai estava pensando em transformar o seu quarto num quarto de hóspedes depois que o bebê nascer.

– Não é exatamente o meu quarto. Eu cresci na antiga casa do meu pai.

– Você é minha filha, sempre vai ter um quarto na minha casa – disse uma voz áspera atrás delas.

Ao se virarem, Diane e Julia depararam com Tom parado diante da porta.

– É muito gentil da sua parte, papai, mas não precisa reservar um quarto para mim.

– É o seu quarto. – O tom de voz e a expressão dele deixavam claro que não haveria discussão.
695/1201

Julia se limitou a suspirar e concordar com a cabeça.

Ela gesticulou para as paredes, que eram brancas.

– Já escolheram as cores?

Diane sorriu.

– Azul-claro e vermelho. Estava pensando em um tema marítimo. Talvez pintar um mural com um veleiro na parede. Acho que poderia trazer uma sensação de paz para o bebê.

– Acho lindo. Vou procurar algumas roupas de

cama e artigos com estampas de veleiros.

– Obrigada.

– Vou me certificar de que meu irmãozinho tenha tudo de que precisar. Estou louca para mimá-lo.

Os olhos de Tom ficaram marejados. Mas ele jamais admitiria isso.

– Então você decidiu decorar o quarto? – perguntou ele à noiva.

696/1201

– Acho que deveríamos ajeitar algumas coisas. Talvez não tudo. Depois da lua de mel, poderíamos pintar as paredes. – Diane ergueu os olhos para o rosto dele, sua expressão cautelosamente esperançosa.

– Como preferir. – Tom se inclinou para beijá-la, pressionando de leve a palma da mão sobre o ventre onde o filho deles crescia.

Julia caminhou até a porta, querendo dar a eles um pouco de privacidade.

– Vou dar um pulinho lá embaixo e ver o que Gabriel e tio Jack estão fazendo.

– Desculpe, querida.

Diane se afastou do noivo, mas não antes de levar suavemente sua mão até onde a dele repousava.

– Vai querer levar isso? Acho que eram da sua mãe. – Diane apontou para as caixas no chão do closet.

697/1201

O clima no quarto mudou rapidamente quando Tom e Julia olharam na direção em que Diane apontava.

– O quê? – disse Tom, ríspido.

– Essas coisas só estão ocupando espaço aqui.

– Talvez Julia queira levá-las para a casa dela em Massachusetts. Mas, se não quiser, ou não quiser

levá-las agora, tudo bem. Eu as abri só para ver o que era e depois tornei a fechá-las. Topei com

elas quando estava esvaziando este quarto.

– Eu gostaria de dar uma olhada nas coisas da

mamãe.

Julia notou que o pai abria e cerrava os punhos ao seu lado.

– Este não é o tipo de conversa que eu gostaria de ter três dias antes do meu casamento – resmungou Tom.

– Meu amor... – falou Diane em tom de censura.

698/1201

– Está certo. Por que não pede para Gabriel vir aqui em cima e me ajudar a carregá-las até o carro de vocês?

Julia assentiu e saiu do quarto, mas não antes de ver seu pai puxar Diane para um abraço.

Enquanto descia as escadas até o hall de entrada, ouviu vozes vindo da sala de estar.

– Já contou a ela?

Julia reconheceu a voz do seu tio Jack, irmão de Tom.

– Ainda não. – Gabriel parecia tenso.

– Vai contar? – A voz rouca de Jack ficou mais alta.

– Como as coisas têm estado tranquilas, não vejo necessidade. Ela já teve aborrecimentos demais nos últimos tempos. Não vou lhe dar mais um.

– Acho melhor que ela não esteja vivendo com medo.

699/1201

– Ela não está – disse Gabriel, já perdendo a paciência.

– Se eu descobrir o contrário, eu e você teremos um problema.

Quando os passos de Julia ecoaram ao longo do chão de madeira, as vozes pararam.

Ela entrou na sala de estar e viu Jack parado diante da parede oposta, com um ar hostil.

Gabriel estava em pé a poucos metros dele, com uma postura semelhante.

– O que está havendo? – perguntou ela.

Gabriel ergueu o braço e ela se aproximou,

aconchegando-se ao seu lado.

– Nada. Conseguiu ajudar Diane?

– Um pouco. Mas preciso da sua ajuda agora.

Tenho que carregar umas caixas até o carro.

– Claro. – Gabriel lançou um olhar significativo para Jack enquanto seguia Julia em direção ao hall.



700/1201

No dia anterior ao casamento, Julia concordou em ajudar a irmã de Diane, uma das madrinhas, a resolver algumas coisas na rua. Passou na florista para conferir se estava tudo certo com a encomenda, foi à igreja para dar uma olhada na decoração e deu um pulo no restaurante Kinfolks.

Não teria escolhido o Kinfolks como local para o jantar de ensaio, mas, como era um lugar que tinha valor sentimental para os noivos, Julia guardou sua opinião para si.

Tinha acabado de sair da reunião com o dono e o gerente para se certificar de que tudo estaria pronto para a noite quando topou com Deb Lundy, a ex-namorada de seu pai, e com Natalie, filha dela.

Julia tentou abrir um sorriso artificial quando Deb se aproximou.

– Oi, Jules. Quanto tempo.

701/1201

– Oi, Deb. Como vai?

– Tudo bem. Natalie veio passar o feriado em casa e estamos fazendo umas comprinhas. – Deb ergueu as várias sacolas que carregava.

Julia alternava olhares nervosos entre a loura alta e sua filha, que estava parada a poucos metros de distância com uma expressão azeda. As duas vestiam roupas caras e sandálias de grife e carregavam bolsas Louis Vuitton grandes.

Natalie era uma jovem atraente, com cabelos ruivos e olhos verdes. Ela e Julia tinham sido colegas de quarto na Universidade de Saint Joseph. Tinha sido até amigas. Mas isso foi antes de Natalie dormir com o namorado de

Julia, Simon, e convidá-la a se juntar a eles em um *ménage à trois*.

– Natalie deveria estar nos Hamptons este fim de semana com o namorado. Você se lembra dele, não? Simon Talbot, o filho do senador?

– Lembro.

702/1201

Julia resistiu à tentação de tecer mais comentários. Deb sabia exatamente quem Simon tinha sido na vida de Julia e que ele tinha sido preso havia dois anos por tê-la agredido. Infelizmente, o episódio resultara apenas em um acordo judicial e em uma pena de serviços comunitários para o réu.

Ignorando o óbvio desconforto de Julia, Deb continuou tagarelando:

– A Sra. Talbot ficou doente, então a viagem para os Hamptons foi cancelada. Mas fiquei feliz por Natalie ter podido vir para casa. Nos vemos tão pouco agora que ela está trabalhando na campanha presidencial do senador. Ela tem um cargo muito importante.

– Meus parabéns – disse Julia, tentando evitar que o desprezo transparecesse em seu tom de voz. Natalie ignorou Julia e se dirigiu à mãe:

– Temos que ir andando.

703/1201

Julia analisou a ex-colega com curiosidade. A última vez que tinham se visto fora naquele mesmo restaurante. Natalie a havia abordado e lhe mostrara o trecho de um vídeo que Simon gravara. Nele, Julia aparecia em uma situação comprometedora. Natalie ameaçara divulgar o vídeo na internet se ela não retirasse sua queixa de agressão contra Simon.

Em uma surpreendente reviravolta, Julia se manteve firme. Ameaçou, inclusive, contatar o jornal *The Washington Post* e revelar a eles que Simon tinha mandado sua nova namorada chantageá-la. O senador não gostaria nada disso. Na época, Natalie duvidara que Julia fosse levar

adiante sua ameaça. Mas provavelmente tinha mudado de ideia. Não havia indícios de que o vídeo tivesse sido compartilhado ou postado onde quer que fosse. Pelo jeito, eles tinham desistido.

704/1201

Às vezes Julia se perguntava por que nunca mais tinha ouvido falar deles. Mas, no fim das contas, se contentara em esquecer o assunto e aceitar sua boa sorte.

Ao topar com Natalie agora, Julia esperava que ela fosse ser grosseira ou agressiva; que recorresse a ameaças veladas ou indiretas. Mas ela apenas

lhe pareceu agitada, trocando o peso do corpo de um pé para o outro e olhando o tempo todo para a saída. Era como se estivesse com medo de alguma coisa.

Julia não viu ninguém ameaçador no restaurante ou na calçada do lado de fora. Perguntou-se o que tanto incomodava Natalie. E por que sua presunção e arrogância tinham desaparecido como num passe de mágica.

Deb gesticulou para a filha, mandando-a esperar.

– Foi um prazer revê-la, Jules. Fiquei sabendo que seu pai vai ser casar de novo.



705/1201

– Sim, amanhã.

– Nunca achei que ele fosse do tipo que se casa. Imagino que a idade faça isso com as pessoas. Julia ergueu uma sobrancelha. Deb era tão velha quanto o pai, isso se não tivesse um ou dois anos a mais. De todo modo, ela não tinha nenhum interesse em criar polêmica.

– Vamos. – Natalie puxou o braço da mãe e as duas seguiram em direção à porta.

Julia observou-as se afastarem com a nítida sensação de que havia algo que ela não sabia. Algo importante.

Dois dias depois, Rachel estava debruçada sobre a

ilha da cozinha, descansando a cabeça sobre o braço esticado.

706/1201

– Não está exausta? – perguntou ela. – Ficamos na rua até tarde na noite do jantar, e ontem também, no casamento. Preciso dormir mais.

Julia riu enquanto debulhava milho para o jantar.

– Acho que foi bom eu ter tirado um cochilo hoje à tarde.

Rachel revirou os olhos.

– Ah, é, tirou, sim. Gabriel disse que também cochilou esta tarde, mas meu irmão nunca cochilou um dia sequer na vida e duvido muito que consiga fazer isso com você na mesma cama que ele.

As faces de Julia ficaram rosadas, então ela focou toda a sua atenção no milho e mudou de assunto:

– O casamento foi lindo. Nem acredito que pude dançar com papai no casamento dele.

– Acho que não vou ter energia para comemorar seu aniversário hoje à noite, Jules. Desculpe,

707/1201

sou uma péssima amiga. – A voz de Rachel foi abafada por um bocejo.

– Por que não vai tirar uma soneca?

– Eu tentei. Como no seu caso, meu marido foi atrás de mim. Ou seja, não dormi nada, mas trabalhamos duro na tentativa de fazer um filho.

Julia deu uma risadinha.

– E como vai isso?

Rachel desmoronou para a frente, de um jeito dramático.

– Preciso de férias.

– De tentar fazer um filho?

Rachel resmungou com os olhos fechados.

– Sim, pelo amor de Deus. Estamos transando o tempo todo e nada de eu engravidar. É depressivamente. – Ela abriu os olhos e descansou a cabeça sobre a mão virada para cima. – Preciso de

um descanso. Deixe-me passar uns dias na sua casa. Prometo que não vou atrapalhar.

– Achei que você quisesse um bebê.

708/1201

– E quero, mas a que custo? Nunca achei que fosse dizer isto, mas estamos fazendo sexo demais. Estou começando a me sentir uma máquina.

– Opa, onde é que eu vim me meter? – Os olhos de Gabriel se estreitaram quando ele entrou na cozinha, vindo da varanda dos fundos.

– Não é nada. Sua irmã só está exausta. Rachel, esqueça o jantar e vá deitar no nosso quarto.

Você pode descer na hora da sobremesa.

– Sério?

Julia brandiu uma espiga de milho na direção das escadas.

– Vá.

Como um raio, Rachel saiu do banquinho e atravessou a porta correndo.

Gabriel a observou ir embora, balançando a cabeça.

– Diga-me que não vamos ficar assim.

709/1201

– Não vamos ficar assim. – Ela deu um beijo na têmpora dele.

– Promete?

– Prometo.

– Você me convenceu a fazer a reversão, aconteceu o que acontecer. E quase me convenceu também de que meu histórico familiar não importa.

– E não importa mesmo, querido. Acredite em mim.

Ele tirou a espiga de milho de Julia e a pôs de lado, pegando a mão dela.

– Não podemos criar muitas esperanças. Já faz quase dez anos que fiz a vasectomia.

– Ficaria feliz em adotar. Mas, pelo nosso bem, quero que tentemos ter um filho biológico. Um dia. E com menos drama do que estamos vendo com Rachel e Aaron.

Ele riu e a puxou para os seus braços.
Julia se aconchegou a ele, sua boca se abrindo
num bocejo demorado.

710/1201

Gabriel a fitou com preocupação.

- Por que não sobe para tirar um cochilo?
- Ainda tenho muita coisa para fazer.
- Bobagem. Richard está lendo na varanda dos fundos e Aaron está roncando em frente à TV. Acho que vamos acabar jantando tarde mesmo.
- Deixei Rachel dormir no nosso quarto.
- Então use o sofá do escritório. – Ele beijou a testa dela. – Você trabalhou duro tanto no jantar quanto no casamento. Uma soneca lhe faria bem.
- Gabriel lhe deu uma piscadela. – Já que não conseguiu dormir de tarde.

Julia o beijou e saiu da cozinha.

Ao se ver sozinho, Gabriel retirou um pequeno livro de couro da sua pasta e foi se juntar ao pai na varanda.

- Está um dia lindo – comentou Richard, fechando seu romance policial.

711/1201

- É verdade. – Gabriel se sentou na espreguiçadeira ao lado da que seu pai adotivo ocupava.

- O que está lendo?

Gabriel lhe mostrou o livro, que tinha a palavra *Diário* estampada na capa em letras douradas.

- É o diário da minha mãe.

Os dois trocaram olhares.

- Encontrei nele algo que pertencia a Grace. – Gabriel abriu duas folhas que tinham sido dobradas e enfiadas dentro do diário.

Richard olhou para os papéis com interesse.

- O que tem nelas?

- Nomes, endereços e números de telefone.

Uma tem os dados do meu pai. A outra, os de Jean Emerson, de Staten Island. Era a minha avó.

- É a primeira vez que você vê essas folhas? –

Richard encarou o filho.

712/1201

– É. Grace me deu as coisas da minha mãe quando eu era adolescente. Mas eu nunca tinha mexido nelas.

Richard assentiu, com uma expressão reflexiva no rosto.

Gabriel olhou para a caligrafia de Grace.

– Fico me perguntando por que ela fez isso.

– Tenho certeza de que conversamos com você sobre isso na época. Não lembra?

Por um momento, a atenção de Gabriel se voltou para o bosque atrás da casa.

– Só de algumas poucas partes.

– Quando sua mãe morreu, os assistentes sociais localizaram sua avó e pediram que ela o acolhesse. Ela se recusou. Grace telefonou para ela, tentando descobrir qual era o problema. Depois de falar com sua avó, guardou seu nome completo e endereço junto com as coisas da sua mãe, pensando que talvez um dia você fosse querer procurá-la.

713/1201

– Não me lembro de Grace dizendo que falou com a minha avó, só que os assistentes sociais localizaram meus parentes e que eles não quiseram nem saber de mim.

Richard franziu o cenho.

– Você era só um menino. Não fazia sentido sobrecarregá-lo com todos os detalhes do que aconteceu. Achei que tivéssemos contado depois que você cresceu.

Gabriel balançou a cabeça.

Richard franziu os lábios.

– Me desculpe. Deveria ter contado.

– Não tem por que se desculpar. Você e Grace me acolheram quando aqueles que eram sangue do meu sangue me rejeitaram.

– Você é nosso filho. – A voz de Richard ficou rouca. – Sempre foi nosso filho.

As mãos de Gabriel apertaram o diário com mais força.

714/1201

– Você vai ficar... ofendido se eu tentar descobrir mais a respeito dos meus pais biológicos?

– É claro que não. São suas origens e você tem todo o direito de conhecê-las.

– Você é meu pai – disse Gabriel baixinho.

– E sempre serei – falou Richard. – Aconteça o que acontecer.

– Coloquei você e Grace em perigo. Vocês hipotecaram a casa em que viviam para me salvar.

– O amor de um pai é incondicional. Independentemente do que fez ou deixou de fazer, você nunca deixou de ser nosso filho. Eu apenas rezei para que um dia você voltasse para nós. E foi o que fez.

Gabriel começou a balançar os joelhos, agitado. Os olhos acinzentados de Richard ficaram muito intensos, observando-o.

– Não trouxemos você ao mundo, mas você é nosso filho. Seu lugar era conosco.

715/1201

– O que Grace falou para a minha avó?

Richard se recostou na espreguiçadeira.

– Acho que ela explicou quem era e o que tinha acontecido com a sua mãe. Sei que falou sobre você. Tinha esperanças de conseguir fazer sua família mudar de ideia.

– Mas não conseguiu, certo?

– Não. – A expressão de Richard ficou carregada. – Sua avó estava cega por sua própria moralidade e com raiva da filha. Ela deserdou sua mãe quando ela ficou grávida e duvido que as duas tenham voltado a se falar depois disso.

– E quanto ao meu pai? Grace entrou em contato com ele também?

Richard se remexeu na espreguiçadeira.

– Sei que falamos sobre isso com você por causa da sua certidão de nascimento. Seu pai convenceu sua mãe a não incluí-lo nela, e é por isso que a certidão só tem o nome materno.

716/1201

– Mas então como Grace conseguiu encontrá-lo?

– Através da sua avó. Ela não estava muito interessada em ajudar o neto, mas se mostrou disposta a revelar o nome do seu pai. Tinha o endereço e o número de telefone dele, que devem ser os que você tem aí. – Richard indicou o diário com um gesto. – Grace sabia que seria melhor

não telefonar para a casa dele. Em vez disso, ligou para o escritório. Ele se recusou a falar com ela.

– Lembro-me de Grace dizendo que meu pai sabia onde eu estava, mas que não viria me buscar.

– Ela esperava que seus parentes fossem acolhê-lo, por isso entrou em contato com eles.

– Grace sempre esperava o melhor das pessoas.

– É verdade. Mas não era nenhuma boba. Depois de falar com sua avó e tentar em vão fazer contato com seu pai, desistiu. Você tem sido nosso filho desde então. – Ele olhou para Gabriel 717/1201

com tristeza. – Grace esperava poder estar aqui quando você encontrasse essas folhas. Sei que ela iria querer conversar com você sobre isso.

– Eu deveria ter procurado por elas mais cedo. Ele pensou por alguns instantes sobre a visão que tivera de Grace e sobre como ela o havia perdoado. Ainda sofria pela morte dela.

– Julianne tem muito carinho por você. – Gabriel mudou de assunto, mesmo que fosse apenas para se livrar de seus devaneios dolorosos.

– E eu por ela. Devo agradecer tanto a ela quanto a você por terem me permitido voltar para casa.

– Esta sempre será a sua casa. – Gabriel se remexeu na cadeira. – Ela acha que, se Deus é como um pai, deve ser como você.

Richard riu.

– É um grande elogio, mas está longe de ser verdade. Sou tão imperfeito quanto qualquer outra pessoa.

718/1201

– Quem me dera ter um quarto da sua imperfeição – murmurou Gabriel, baixando a cabeça.

– Grace e eu sempre pensamos em você como uma dádiva. Mas, desde que ela morreu, percebi algo ainda mais profundo.

Gabriel ergueu a cabeça, virando-a na direção do pai.

– Sei que sente algum tipo de gratidão por nós termos decidido adotá-lo, como se tivéssemos lhe feito um favor. Mas está vendo as coisas de uma perspectiva errada.

Richard olhou dentro dos olhos de Gabriel.

– Deus o deu para nós porque sabia que precisávamos de você.

Os dois trocaram um olhar demorado antes de voltarem sua atenção para o pomar e se perderem no silêncio. E, se alguém comentasse que os olhos de Gabriel estavam marejados, ele diria que era alergia.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

9 de setembro de 2011

Durham, Carolina do Norte

April Hudson saiu do prédio em que morava com a intenção de pegar seu carro e ir para o campus da universidade, mas foi detida bruscamente por um homem com um buquê de rosas.

– Olá – disse ele com um sorriso.

– Simon! – Ela correu em sua direção, jogando os braços em volta do pescoço dele e gritando: – O que está fazendo aqui?

– Vim ver você. E lhe trazer estas flores. – Ele ergueu a dúzia de rosas vermelhas de hastes longas que segurava na mão esquerda.

– São lindas. Obrigada. – Ela saltitou e tornou a abraçá-lo.

720/1201

Ele riu da sua exuberância e retribuiu o abraço, enterrando o nariz em seus longos cabelos louros.

– Estava preocupada que nunca mais fosse vê-lo. Quer entrar? – murmurou ela com o rosto

apertado em seu pescoço.

Ele assentiu e ela o conduziu até o elevador.

– São mesmo muito bonitas. – Ela aproximou o buquê do rosto, inalando o perfume. – E você escolheu rosas vermelhas desta vez. Da primeira vez que saímos você me deu rosas brancas.

– Branco simboliza pureza, virgindade. – Ele esticou a mão para acariciar seus cabelos. – Não é mais o caso.

Ela se retraiu, como se tivesse levado um tapa, e se apressou em estender as flores de volta para ele.

Simon estava prestes a lhe perguntar qual era o problema quando a porta do elevador se abriu.

April passou por ele e foi andando a passos

721/1201

rápidos pelo corredor, com o barulho das sandálias ecoando.

– April? Espere. – Ele correu atrás dela, ainda segurando o buquê.

Ela sacou as chaves da mochila e abriu a porta do apartamento, escondendo-se atrás dela como se pretendesse batê-la na cara de Simon.

– Espere um instante. – Ele espalmou a mão contra a porta, mantendo-a aberta.

– Olhe, você não precisava ter pegado um avião até aqui só para me dar flores e tripudiar sobre mim. Sei que não sou mais virgem.

– Do que você está falando? Não estou aqui para tripudiar.

– Você contou para todos os seus amigos?

Aposto que eles morreram de rir. Leve a boa garota cristã para sair duas vezes e ela vai dar para você como se fosse a noite do baile de formatura.

– Não foi nada disso – disse Simon, encarando-a.

722/1201

– Depois que passamos o fim de semana juntos você não entrou em contato comigo. Não ligou, não mandou mensagem. Agora chega o fim de semana de novo e você aparece na minha porta.

Você se despencou até aqui por uma trepada?

– Claro que não. Se você me deixar explicar, eu...

– Não sou uma trepada, Simon. Tome suas rosas vermelhas e volte para Washington. Não posso impedir que fique se gabando do que houve entre nós, mas seria decente da sua parte se me deixasse contar para os meus pais primeiro. Não quero que papai leia no jornal sobre como fiquei bêbada e fui para a cama com você no nosso segundo encontro.

Ela começou a fechar a porta, mas ele forçou o braço, impedindo-a.

– Espere um pouco. Posso entrar?

– Não.

723/1201

Simon se inclinou mais para perto, baixando a voz:

– Vim aqui porque queria ver você. E escolhi rosas vermelhas porque achei que você fosse gostar.

April agarrou a beirada da porta com força, mas não respondeu.

– Deixe-me levar você para jantar e então conversamos. Se não gostar do que tenho a dizer, pego o próximo voo de volta e você nunca mais vai me ver.

Ela estreitou os olhos verdes, desconfiada.

– Aonde você quer chegar?

– Eu gosto de você.

– Isso é tudo?

– Sim, é tudo. Não é o bastante?

– E quanto ao seu pai e a campanha presidencial?

Simon arregalou os olhos. Precisou de alguns instantes para se recompor.

724/1201

– Ele me pediu que a convidasse para sair. Eu convidei. Mas a política terminou *aí*.

– Não acredito. – A voz dela soou frágil, e ela parecia à beira das lágrimas.

– Tenha um pouco mais de confiança em si mesma, April. Você é linda e meiga. Não a teria convidado para os Hamptons e levado você para tomar mojitos só por política.

A
expressão
dela
deixava
claro
sua
desconfiança.

– Estou falando sério. Agora ponha estas flores na água e deixe-me levar você para jantar. – Ele estendeu as flores para ela e abriu um sorriso. April hesitou, olhando para o buquê.

– Está bem. – Ela abriu mais a porta para Simon poder entrar. – Mas nada de mojitos.

– Palavra de escoteiro – disse ele, levando a mão à têmpora antes de fechar a porta atrás de si.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Após o feriado do Dia do Trabalho, Julia e Gabriel voltaram a Cambridge para o início do período letivo. Ele iria dar um curso para a graduação e outro para a pós na Universidade de Boston, enquanto ela voltaria ao seu doutorado em Harvard.

Na segunda semana de setembro, Gabriel se consultou com um renomado urologista. Não quis que Julia o acompanhasse, pois o horário coincidia com o de uma de suas aulas.

Quando voltou para casa na hora do jantar, ela se juntou a ele, ansiosa.

– E então?

– Boa noite para você também. – Ele roçou os lábios nos dela e recuou, observando-a.

– Estou começando a me acostumar com eles.

726/1201

Gabriel tocou a armação de casco de tartaruga dos óculos dela.

Ela os ajeitou, constrangida, antes de tirá-los.

– Só preciso deles para ler. Pelo menos foi o que

o oftalmologista disse.

– Você parece uma bibliotecária sexy. Na verdade, acho que deveríamos levá-los para o escritório e apresentá-los às maravilhas do sexo em cima da mesa.

Julia riu.

– Você não vai me distrair com essa história de sexo em cima da mesa, professor Emerson.

Quero saber como foi a consulta.

O sorriso de Gabriel desapareceu.

– E se eu lhe prometer orgasmos consecutivos?

– sussurrou ele, agarrando sua mão e levando-a à boca. Ele a beijou ali, mordiscando a pele.

Ela engoliu em seco.

– Isso me parece... excelente. Mas ainda quero saber o que o médico disse.

727/1201

Ele se aproximou um passo, fazendo-a andar em direção à mesa da cozinha.

– E se eu lhe prometer sexo na mesa da cozinha, do tipo que você nunca experimentou antes?

Gabriel a sentou sobre a beirada da mesa, abrindo as pernas para que ele se encaixasse entre elas.

Julia levou a mão ao rosto dele.

– Eu diria que você está me deixando preocupada, pois está tentando me distrair com sexo.

Por favor, me conte o que aconteceu.

Gabriel se afastou e sentou-se pesadamente na cadeira mais próxima.

– Você cozinhou ou Rebecca deixou alguma coisa pronta?

– Rebecca fez lasanha. – Julia saltou de cima da mesa para buscar uma Coca-Cola na geladeira. Serviu o refrigerante em um copo com gelo e o entregou a ele. – Espero que esteja com fome.

728/1201

– O médico disse que não sabe se a reversão é possível. – Gabriel pousou o copo sobre a mesa, ríspido.

– Ah, meu amor. – Ela se sentou em uma ca-

deira ao seu lado e pousou a mão no braço dele.

– Ele está bem confiante de que poderíamos fazer uma inseminação artificial se a reversão não for bem-sucedida, mas preciso fazer um teste

para ver se estou produzindo espermatozoides saudáveis. Quando tiver os resultados, ele irá determinar se devemos ou não marcar a cirurgia de reversão. Meu teste está marcado para a semana que vem.

– E?

– Mesmo que ele faça a reversão, a probabilidade de sucesso é baixa. – Gabriel pigarreou. – Uma vez que o procedimento foi realizado há quase dez anos, as chances de gravidez são de cerca de 30 por cento. Há a possibilidade de meu

729/1201
organismo gerar anticorpos, de cicatrização e de um novo bloqueio dos canais de esperma.

– Não sabia que era tão complicado.

Ele esfregou os olhos.

– É bem mais complicado do que eu imaginava. Mas devo tirar o chapéu para o médico por ter me dado uma explicação tão detalhada. Ele também me proibiu de fumar.

– Bem, isso é uma boa coisa. Quando iremos saber se o procedimento foi bem-sucedido?

– Segundo ele, posso voltar a ser fértil dentro de alguns meses, ou pode demorar um ano. – Ele

hesitou. – Ou nunca acontecer.

Julia se sentou no seu colo, passando os braços em volta dos ombros dele.

– Sinto muito, Gabriel. Queria ter ido com você. Poderia apoiá-lo.

– Você estava lá em pensamento. – Ele deu um meio sorriso. – Se não houver nada de errado com a produção de esperma, podemos partir para

730/1201
a inseminação artificial. Se quisermos, podemos colher o esperma no momento da reversão e congelá-lo para o futuro. – Ele brincou com seus cabelos. – O médico sugeriu que você se consul-

tasse com um ginecologista, caso haja problemas de fertilidade do seu lado.

Julia fez uma careta.

Gabriel observou a expressão dela com atenção.

– Isso é um problema?

– Não. É só que detesto fazer esse tipo de checkup, mas entendo que seja necessário. Já tenho uma consulta marcada.

– Infelizmente, o médico também disse que precisaremos de três semanas de abstinência depois da cirurgia. Segundo ele, não posso ter nenhuma ejaculação nesse período.

Julia arregalou os olhos.

– Três semanas? *Scheisse*.

– Exatamente. Tem certeza de que ainda quer fazer isso?

731/1201

– Não me agrada nem um pouco ter que aguentar três semanas de celibato. – Ela estremeceu. – Mas fui celibatária por muito mais tempo do que isso antes.

– É verdade. – Um sorriso brincou nos cantos da boca de Gabriel. – Isso vai ser novidade para nós dois; celibato conjugal. Quem imaginaria que algo tão terrível fosse possível?

– Eu sem dúvida não imaginei. Exceto, como você bem sabe, durante uma semana por mês.

– Bem lembrado. Vamos ter que garantir que uma das três semanas coincida com seu ciclo menstrual. Ou então nosso celibato pode durar quatro semanas.

– Você pensa em tudo, professor.

Os olhos de Gabriel ficaram carregados.

– Tenho minhas necessidades.

Ela colou seu peito ao dele, levando sua boca a poucos centímetros da do marido.

732/1201

– Eu também, professor. Estou certa de que posso cuidar de algumas dessas necessidades sem envolver suas partes convalescentes.

– Partes convalescentes?

– Vou cuidar muito bem de você e de todas as partes do seu corpo. Você vai precisar de uma enfermeira.

Gabriel deslizou suas mãos para baixo, espalmando-as sobre as nádegas dela.

– Estou gostando de ouvir isso. Enfermeira, bibliotecária, aluna, professora, não há limites para o seus talentos, Sra. Emerson?

– Não. Na verdade, tenho outra identidade secreta.

– Ah, é?

Ela aproximou os lábios da orelha dele.

– Também sou a Lois Lane.

– Parece que vou ter que pegar meu uniforme de Super-Homem na lavanderia.

– Pelo jeito, vou ter um Natal feliz.



733/1201

– Ah, vai. – Ele lhe lançou um olhar caloroso, cheio de promessas. – Então vamos marcar mais algumas consultas. Estamos mesmo decididos a perseguir esse caminho, certo?

– Certo.

– E também concordamos em não começar uma família antes de você terminar o doutorado. Isso é apenas uma... preparação.

Ela sorriu e o beijou, então eles resolveram atarrasar o jantar para fazerem sexo comemorativo na mesa da cozinha, durante o qual Gabriel fingiu ser o Super-Homem, que havia voltado para casa depois de um longo dia de combate ao crime.

(Diga-se de passagem que sexo na mesa da cozinha quando se é um super-herói é uma experiência sexual melhor do que sexo na mesa da cozinha comum.)

734/1201

Algumas horas depois, Julia e Gabriel estavam sentados no chão do quarto, vasculhando as caixas de Sharon. Encontraram álbuns de fotografia repletos de fotos de bebê, além de brinquedos e o bracelete que Julia usara na maternidade.

Julia ficou surpresa ao ver que a mãe guardava lembranças de quando ela era bebê. E ainda mais surpresa ao encontrar uma cópia da foto de casamento de seus pais e várias outras de quando ainda eram namorados. Havia até algumas fotos de família anteriores ao divórcio.

Uma caixa continha joias, lenços e fotos de Sharon com outros homens. Gabriel observou Julia descartar estas últimas logo que as viu. Levando em conta o que ele sabia sobre o comportamento de Sharon com seus namorados, compreendia que Julia quisesse destruir todo e qualquer registro deles.

Ele deslizou o dedo pelas costas da mão dela, acariciando os nós de seus dedos.

735/1201

– Você tem um lar e uma família agora.

– Eu sei – retrucou ela, abrindo um sorrisinho que não chegou a seus olhos.

Ela procurou em vão pelo anel de noivado e pela aliança de casamento de sua mãe. Mas eles provavelmente haviam sido penhorados tempos atrás. Nem conseguia se lembrar de quando os vira pela última vez.

Se Julia tivesse esperanças de encontrar respostas entre as coisas da mãe, teria ficado muito desapontada. Os objetos que achou ali não ex-

plicavam por que, aos olhos de Sharon, Julia havia deixado de ser a bebezinha que ela amava mais do que tudo para se tornar uma presença irritante dentro de casa. Não explicavam como o álcool e o sexo tinham se tornado mais importantes do que a família.

– Querida? – A voz do marido a trouxe de volta de seus pensamentos.

736/1201

—

Uma
vida
inteira.
Três

caixas.

Que

desperdício.

Gabriel acariciou as costas dela com compaixão.

– Por que ela não me amava? – murmurou

Julia.

Gabriel sentiu seu coração se despedaçar.

Sentou-se atrás dela, puxando-a para junto do

peito.

– Quem me dera ter essa resposta. Tudo o que posso dizer é que entendo. Acredite, Julianne, eu entendo.

– É difícil para mim acreditar que ela me amou um dia.

– Ela guardou as fotografias. É óbvio que a amou quando você nasceu. Dá para ver no rosto dela. E a amou depois disso também, enquanto era pequena.

– Mas amava mais o álcool.

– O álcool é um vício.

737/1201

– Não quero parecer intolerante, Gabriel, mas não consigo entender como alguém pode escolher álcool e homens em vez da própria filha.

O abraço dele ficou mais apertado.

– Não é o certo. Mas você nunca precisou lutar contra um vício, Julianne. Isso é algo que conheço bem até demais. Tenho certeza de que houve momentos em que sua mãe quis parar.

– Ela buscou tratamento algumas vezes, sim.

– Todos estamos destinados à graça de Deus – sussurrou ele.

Como ela não respondeu, ele continuou:

– A culpa é toda minha. Fui eu que insisti que revirássemos o passado de nossos pais, e aí está o resultado.

– Não foi você que me magoou. Que tolice pensar que eu encontraria uma explicação em alguma dessas caixas. Se meu pai nunca a encontrou, como ela poderia estar em um monte de lixo?

738/1201

– Suas coisas de quando era bebê não são lixo. Vamos emoldurar as fotos e guardar as outras coisas em uma gaveta. Um dia, se tivermos uma garotinha, você poderá mostrar a ela quanto a mamãe era bonita quando era bebê.

Julia apertou o rosto na curva do pescoço dele.

– Obrigada.

Ele a abraçou com força, segurando-a assim até que ela estivesse pronta para guardar tudo de volta nas caixas.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

– Desculpe, mas pode repetir? – disse Julia, com os olhos arregalados para a ginecologista.

Era a terceira semana de setembro e Julia acabara de fazer seu checkup anual. Deveria ser um exame de rotina, com a intenção de descobrir se havia algum problema de fertilidade. No entanto, as observações da médica indicavam que os resultados podiam ser tudo, menos rotineiros.

– Quero que você faça uma ultrassonografia.

Minha secretária irá contatar a radiologia do Hospital Mount Auburn e marcar o exame.

Quero que seja atendida imediatamente e estou acrescentando essa observação no meu encaminhamento – falou a Dra. Rubio, fazendo anotações rápidas na ficha da paciente.

O estômago de Julia se revirou.



740/1201

– Então é grave?

– Talvez. – A médica fez uma pausa, seus olhos escuros fitando os de Julia. – É bom que tenha vindo a esta altura. Encontrei algo em um de seus ovários. Precisamos saber o que é. Você vai fazer a ultrassonografia, o radiologista vai preparar um laudo e enviá-lo para mim.

A partir daí, veremos o que fazer.

– Câncer? – Julia mal conseguiu pronunciar a palavra.

– É uma possibilidade. Pode ser um tumor benigno ou um cisto. Saberemos melhor em breve.

– A Dra. Rubio voltou a escrever. – Mas não deixe de fazer a ultrassonografia. É fundamental que você seja examinada com urgência.

Julia ficou sentada ali, imóvel.

Só conseguia pensar em Grace.

741/1201

– Meu bem, estou no meio da minha aula. Posso ligar de volta depois? – perguntou Gabriel em voz baixa ao telefone.

– Desculpe. Esqueci completamente. Nos vemos em casa.

Julia estava transtornada, lutando para não chorar. Ouviu passos do outro lado da linha e o barulho de uma porta se fechando.

– Agora já estou no corredor. O que houve?

– Estou indo para casa. Espero você lá. Peça desculpas aos seus alunos por mim.

Julia desligou antes de começar a soluçar. Algo no tom de voz dele, na sua paciência e doçura, piorou ainda mais a situação.

Assim que afundou o rosto nas mãos, ouviu o celular tocar. Não precisou conferir a tela para saber quem era.

– A-alô?

– O que houve?

– Conto no jantar – disse ela entre soluços.

742/1201

– Não, conte agora, ou dispenso meus alunos e vou encontrar você. Estou ficando preocupado.

– A médica encontrou algo no meu exame.

Houve silêncio do outro lado da linha.

Ela pôde ouvir Gabriel inspirar fundo.

– O quê?

– Ainda não sabemos. Devo fazer uma ultrassonografia no Hospital Mount Auburn o mais rápido possível.

– Você está bem?

– Estou. – Julia se esforçou ao máximo para soar convincente.

– Onde está agora?

– Estou voltando do consultório para casa.

- Fique onde está. Vou buscar você.
- Você vai ter que cancelar a aula.
- Não posso dar aula sabendo que você está sozinha e chorando. Não saia daí. Ligo de volta em um minuto.
- Eu estou bem. Só um pouco chocada.



743/1201

- Você não está bem. Espere só um minuto.
- Já estou quase em casa. Nos falamos daqui a pouco.

Ela desligou o celular.

Gabriel praguejou, então abriu a porta da sala de aula para dispensar os alunos.

Nos dias entre a consulta de Julia com a ginecologista e a ultrassonografia, Gabriel recebeu um telefonema do urologista, no qual foi informado de que sua produção de esperma estava normal. O professor Emerson era gloriosamente fértil. (Diga-se de passagem que ele nunca chegou a duvidar de fato de sua fertilidade.)

O alívio e a alegria foram ofuscados pela preocupação com Julia. Por não querer transtorná-

la, ele se fez de valente, mas no seu íntimo estava com medo.

744/1201

Ela era jovem. Era saudável. É claro que, antes do diagnóstico, Grace também acreditava ser jovem e saudável. Quando foi descoberto, seu câncer de mama já estava em estágio avançado. A virilidade e a força de Gabriel eram tão grandes que ele quase nunca se sentia desamparado, se é que já havia se sentido assim. Mas ver sua amada esposa se virar de um lado para outro na cama noite após noite, sem conseguir dormir, lhe dava uma sensação de impotência. Ela era um símbolo de luz, vida, amor e bondade. E era possível que estivesse muito, muito doente. Gabriel fechou os olhos e rezou.

– Meu amor? – A voz dela soou na escuridão.

– Sim?

– Quero que me prometa uma coisa.

Ele se virou de lado para ficar de frente para ela.

– Tudo o que quiser.

– Prometa que, se algo de ruim acontecer comigo, você vai se cuidar.

745/1201

– Não diga uma coisa dessas. – O tom dele era desnecessariamente ríspido.

– Estou falando sério, Gabriel. Não importa se minha hora vai chegar em breve ou quando eu estiver velha e de cabelos brancos. Quero que me prometa que vai continuar no caminho em que está agora. Que será um homem bom, que viverá uma vida boa e tentará encontrar a felicidade.

Gabriel teve a sensação de estar sufocando uma enxurrada de emoções que lhe subiam à garganta.

– Jamais encontrarei a felicidade sem você.

– Você encontrou a paz sem mim – sussurrou.

– Em Assis. Pode viver sem a minha presença.

Nós dois sabemos disso.

Ele espalmou a mão sobre a barriga de Julia, seus dedos acariciando a pele nua da esposa.

– Como um homem pode viver sem seu coração?

Julia apertou a mão sobre a dele.

– Richard vive.

746/1201

– Richard não passa de uma sombra do que era.

– Quero que me prometa. Tenho medo de você ter me tornado algo tão grande que, se algo acontecer comigo, você vá... – Ela deixou a frase pela metade.

– Sempre precisarei lutar contra o vício, Julianne, mas não acho que seja capaz de voltar à minha vida anterior. – Ele baixou a voz: – Se fizesse isso, aí, sim, estaria sozinho.

– Prometo que, onde quer que eu esteja, farei tudo ao meu alcance para ajudá-lo. Eu juro. – A voz dela era um sussurro desesperado.

– Se você fosse Francisco e eu, Guido da Montefeltro, você viria resgatar minha alma, não viria?

– Juro que sim. Mas não acho que a sua alma esteja correndo um perigo mortal.

Ele ergueu a mão para traçar as curvas das maçãs do rosto dela com o polegar.

747/1201

– Chega de conversas mórbidas. Se essa promessa for lhe trazer paz de espírito, então eu prometo. Mas nem ouse me abandonar.

Julia assentiu, seu corpo relaxando.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

No dia da ultrassonografia da esposa, Gabriel desmarcou suas aulas para acompanhá-la.

– Sinto muito, senhor, mas não permitimos a entrada de acompanhantes na sala de exame.

Gabriel se empertigou, revelando toda a sua altura, uma carranca distorcendo os belos traços do seu rosto. Ele olhou de cima para a técnica muito mais baixa.

– Como é que é?

A técnica apontou para um quadro de avisos na parede.

– É permitida a entrada apenas do paciente. Familiares devem esperar aqui.

Gabriel levou as mãos à cintura, irritado, seu paletó se abrindo como um leque.

– Ela é minha esposa. Não vou deixá-la sozinha.

749/1201

– O exame dura apenas trinta minutos em média. Daqui a pouco ela estará de volta. – A técnica meneou a cabeça para

Julia. – Sra. Emerson,

queira me acompanhar.

Gabriel puxou o braço de Julia para detê-la.

– Vamos a outro hospital.

Julia passou o peso do corpo de um pé para o outro, praticamente dançando no corredor.

– Eles me fizeram beber cinco copos d’água.

Estou louca para fazer xixi. Não me faça passar por isso de novo.

– Não vou deixá-la entrar ali sozinha. – Os olhos de Gabriel, duas labaredas azuis, fitaram os dela.

– Isto não pode esperar – disse ela, incisiva.

Ele pestanejou algumas vezes.

– E se houver algo de errado?

A técnica pigarreou, tornando a apontar para o quadro de avisos.



750/1201

– Não tenho permissão para discutir o que o exame revelar. Só a radiologista pode redigir um laudo oficial, que será enviado diretamente para a sua médica.

Gabriel balbuciou alguns xingamentos bem escolhidos e lançou um olhar fulminante para a técnica, que quase caiu dura.

– Vou ficar bem, querido. Mas, se não quiser que minha bexiga exploda bem na sua frente, você vai ter que me soltar. – Julia cruzou as pernas.

Gabriel a observou se afastar, sentindo-se ao mesmo tempo furioso e desamparado.

Dois dias depois, Julia foi chamada ao consultório da Dra. Rubio para conversar sobre o laudo da radiologista. Gabriel a acompanhou.

751/1201

– Miomas – anunciou a médica, triunfante. – Li

o laudo e vi a ultrassonografia. Concordo com a interpretação da radiologista.

– O que é um mioma? – perguntou Julia, segurando a mão de Gabriel.

– É um tumor benigno que pode surgir na superfície do útero ou dentro dele. São muito comuns. Segundo o laudo, você tem dois.

– Dois? – Julia souu apavorada. – Mas achei que você tivesse encontrado só um.

– Encontrei o maior durante o exame ginecológico. Como ele está preso à parede externa do seu útero, achei que fosse parte do ovário. Também há outro menor mais embaixo, na frente do útero. – A Dra. Rubio fez um rápido esboço das entranhas de Julia, enquanto Gabriel tentava bravamente não desmaiar.

(Não podemos esquecer que seu vasto conhecimento sobre questões uterinas era essencialmente tátil, e não visual.)

752/1201

– O maior tem cerca de 5 centímetros. O menor tem cerca de 3. – Ela apontou para o desenho com a caneta.

Julia sentiu um embrulho no estômago e afastou o olhar.

– Ela vai precisar de cirurgia? – Gabriel ignorou o desenho e fez contato visual com a médica.

– Não necessariamente. – A Dra. Rubio se voltou para a paciente. – Se não estão lhe causando incômodo, nossa tendência é não mexer neles. Vou prescrever um anticoncepcional para você. Os hormônios na pílula vão retardar o crescimento do mioma.

– E quanto à fertilidade?

A Dra. Rubio conferiu o prontuário de Julia.

– Ah, sim. Vocês querem ter filhos daqui a alguns anos. Nós vamos monitorar seus miomas, mas, como estão localizados no área externa do útero, não creio que fertilidade vá ser um problema. Porém, quando for engravidar, teremos que

753/1201

ficar de olho neles. Miomas tendem a crescer durante a gravidez por conta do aumento dos níveis hormonais. Eles podem ocupar espaço demais no útero e causar partos prematuros. Mas tudo isso será monitorado no momento certo. Por enquanto, considero que tivemos uma boa notícia. Vou pedir outra ultrassonografia para daqui a uns seis meses, apenas para verificar a evolução.

Julia e Gabriel trocaram olhares, então agradeceram à médica e saíram do consultório.

Mais tarde naquela noite, Gabriel estava acordado na cama, olhando para o teto, e uma inexplicável sensação de pavor passava em sua mente.

Tomando cuidado para não acordar Julia, saiu da cama e desceu o corredor até o escritório. Acendeu a luz, fechou a porta e foi até sua mesa. Em questão de minutos, o laptop estava ligado e ele pesquisava “miomas” no Google. Clicou em 754/1201

uma página que parecia promissora e começou a visualizar algumas fotografias dos tumores sendo removidos cirurgicamente.

Então desmaiou.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Gabriel teve a sorte de a cirurgia para reversão da vasectomia ter sido marcada para a primeira semana de outubro. Agora, era a vez de Julia falar às aulas para acompanhá-lo ao hospital. Na manhã do procedimento, ela acordou ao som de Peggy Lee cantando “Fever”. Esse não era o tipo de música que Gabriel normalmente escolheria, mas soava promissora. Julia vestiu o roupão e foi ao banheiro.

Gabriel estava parado em frente à pia, fazendo a barba, seus cabelos negros úmidos do banho, as pontas se enroscando em cachos. Ele estava de peito nu, uma toalha azul-escura enrolada bem baixo em volta dos quadris. Julia teve vontade de percorrer o topo do V que se estendia até debaixo

da toalha.

756/1201

Como sempre, ele usava um pincel de barbear para fazer espuma com o sabão, espalhando-a no rosto. Por trás dos óculos, seus olhos cor de safira estavam concentrados enquanto ele erguia o

aparelho de barbear e começava a raspar.

– À espreita pelas portas da casa, Sra. Emerson?

– falou, sem virar a cabeça.

– Vim ver o que estava deixando você febril, como diz a letra da música.

Gabriel se deteve e lançou um olhar tórrido para ela.

– Você conhece muito bem a resposta.

– Eu sei o que aumenta a minha temperatura.

Não tem nada mais sexy do que ver o homem que você ama se barbear.

Ele enxaguou a lâmina.

– Que bom que você pensa assim, pois é parte essencial do meu dia. – Os olhos dele brilharam.

– A não ser que você tenha se afeiçoado à minha

757/1201

barba por fazer. Se bem me lembro, pareceu gostar bastante dela ontem à noite.

Gabriel olhou para as coxas de Julia.

Ela sentiu suas faces se incendiarem. A lembrança de estar deitada de costas, com a barba por fazer de Gabriel se esfregando em sua pele...

Ele balançou a mão diante do seu rosto.

– Uma moeda pelos seus pensamentos.

– Desculpe, o que foi?

Ele deu uma risadinha.

– Perguntei como está se sentindo.

– Bem. E você? Nervoso?

– Não muito. Mas estou feliz por você ir comigo. Devo estar no hospital às dez. Isso nos dá bastante tempo para algumas atividades depois

que eu terminar de me barbear. Você precisa me dar algo a que me agarrar pelas próximas três semanas.

Ele continuou seu ritual, movendo a lâmina

com habilidade.

758/1201

– Isso eu posso fazer. – Julia se aproximou dele e deu um beijo sensual em suas costas.

– Acho melhor esperarmos eu acabar. Você está me distraindo.

– Sério?

Ela tornou a beijá-lo, dessa vez passando os braços por cima dos ombros dele, sentindo os músculos de Gabriel se retesarem sob seus dedos.

– Não consigo evitar, professor. Adoro tocar você.

Julia traçou os contornos dos seus biceps, descendo até seus antebraços, admirando cada músculo e tendão. Deslizou os lábios pelas costas dele até chegar às covinhas sobre a toalha.

Ele pousou a mão com força na pia.

– Não consigo me barbear com você me tocando.

– Então talvez eu deva barbeá-lo.

– Ah, é? – Os dois trocaram olhares ardentes.

759/1201

– Você gosta de me alimentar. Talvez eu goste de barbear você.

– Você está muito provocadora esta manhã.

– Talvez precise de uma lembrança sexy para aguentar nosso celibato conjugal.

Gabriel largou a lâmina de barbear e fez um gesto para o espaço à sua frente, um expressão bem-humorada no rosto.

Julia se enfiou ali, virando-se de frente para ele. Com um movimento ágil, ele a levantou para sentá-la sobre a pia.

Ele abriu os joelhos dela, afastando seu roupão do caminho. Então parou entre as pernas.

Gabriel baixou o olhar.

– Está sem calcinha esta manhã?

– Não tive tempo de colocá-la.

– Sorte a minha. – Ele sorriu, enquanto desfazia o nó em volta da cintura de Julia. – Sorte nossa seu ciclo ainda não ter começado.

Ela pousou as mãos sobre as dele, detendo-o.

760/1201

– Não vai me ensinar a barbeá-lo?

– Fazer a barba não tem tanta graça assim.

– Gostaria de fazer isso por você.

Ele deu um suspiro teatral, como se ela estivesse abusando da sua paciência. Então pegou a lâmina.

– Deslize a lâmina na direção do fio da barba, mas não faça pressão. Ela é muito afiada.

Ele se afastou, olhando no espelho enquanto demonstrava sua técnica. Satisfeito com sua exibição, enxaguou a lâmina antes de colocá-la na mão dela.

Julia olhou para ele e depois para o aparelho de barbear, fitando a lâmina que brilhava sob a luz das lâmpadas halógenas.

– Está com frio na barriga, Sra. Emerson?

– Tenho medo de fazer você sangrar.

Ele a encarou.

– Então agora sabe como me senti na sua primeira vez.

761/1201

O coração de Julia acelerou diante daquela lembrança. Gabriel estivera bastante apreensivo naquela noite, mas também fora muito gentil. Ele beijou o punho dela, sugando de leve sua pele.

– Tenha cuidado.

Ele separou as pontas do roupão de Julia, afastando em seguida a seda de cima dos seus ombros. Então espalmou a mão sobre seus seios, sentindo as batidas do coração dela.

Julia arqueou a sobrancelha.

– Você quer que eu faça sua barba seminua?

– Não. – Ele moveu a boca até sua orelha e baixou a voz até um sussurro gutural. – Quero que faça minha barba completamente nua.

Sem pressa, ele soltou o cinto do roupão, como se desembrulhasse um presente. Então tornou a parar entre os joelhos dela.

762/1201

– Não há nada mais sexy do que ser barbeado pela mulher que você ama enquanto admira o corpo dela.

Julia estremeceu sentindo o ar frio tocar sua pele aquecida. Pousou a mão esquerda sobre o ombro dele para se apoiar.

Ele assentiu e ela começou.

O aparelho de barbear deslizava de forma suave e fácil sobre a pele dele, sem nenhuma necessidade de pressão. Durante todo o tempo, dois olhos cor de safira se concentravam nela.

Ele pousou a mão na cintura de Julia e começou a acariciar os ossos da sua bacia com os polegares.

– Não sei se isso é uma boa ideia. – Ela enxaguiu a lâmina. – Vou acabar cortando você.

– Talvez possa ser um exercício de autocontrole para nós dois.

Gabriel traçou com as pontas dos dedos o caminho até seus seios, circulando-os de leve.

763/1201

Quando Julia gemeu, fez suas mãos descerem de volta até a cintura dela.

– Gosto de sentir sua pele.

Julia o encarou.

– Eu também.

Ela engoliu em seco e voltou ao que estava fazendo, tentando ignorar a sensação dos dedos dele deslizando sobre seu abdome e entre seus seios. Gabriel começou a brincar com seus mamilos, que estavam extremamente sensíveis.

– Você deve confiar mesmo em mim – gemeu ela, tentando manter a mão firme.

Ele passou um dedo sobre os dois picos salientes.

– Confio, Julianne. Como nunca confiei em ninguém.

Os olhos de Gabriel transbordavam ternura, sua intensidade azul comunicando muito mais do que suas palavras poderiam fazê-lo.

– Mas não consigo vê-la assim e não tocá-la.

764/1201

Ele aninhou seus seios nas mãos, tocando-os com cuidado.

Com paciência, ela passou a lâmina por sobre as partes do seu rosto ainda não barbeadas enquanto ele a acariciava e excitava. A respiração dela começou a acelerar.

Gabriel baixou as mãos até o meio das coxas de Julia, onde sua pele continuava um pouco sensível depois de ter sido provocada pela barba dele. Então ele subiu um pouco mais, centímetro a centímetro, atíçando-a.

Ela deslizou a lâmina mais algumas vezes e então recuou, admirando seu trabalho.

– Acho que acabamos.

Ele a beijou de leve.

– Obrigado.

– De nada. – Julia largou o aparelho de barbear e se inclinou para trás, apoiando-se nas mãos.

– Mas não pense que terminou.



765/1201

Os olhos dele brilharam ao pousarem sobre o ponto em que as coxas de Julia se encontravam. Seus polegares se enroscaram em volta dos cachos dela.

Ela lambeu seu lábio inferior.

– Então tire essa toalha, professor.

A cirurgia de Gabriel correu conforme o esperado. Inesperada, no entanto, foi a expressão sombria no rosto do cirurgião quando veio ao encontro de Julia na sala de espera.

– Sra. Emerson. – Ele a cumprimentou, sentando-se na cadeira vazia ao seu lado.

Ela fechou o laptop.

– Como ele está?

– A cirurgia correu bem. Foi complicada, mas nada fora do comum. Também colhemos um

766/1201

pouco de esperma e o congelamos, conforme as instruções do seu marido.

– Gabriel me disse que o senhor tem uma alta porcentagem de sucesso.

–

Julia
soava
esperançosa.

– Sim, tenho. Alguns pacientes conceberam uma criança até três meses após o procedimento. Mas cada caso é um caso. – O médico assumiu uma expressão grave. – Durante a cirurgia, seu marido teve uma reação à anestesia.

– Uma reação? Ele está bem? – O coração de Julia começou a acelerar.

– Vai ficar, mas teve vômitos. Ele está no soro e quero que passe a noite aqui. Está na sala de recuperação agora, mas logo será transferido para um quarto. Vou pedir para alguém vir buscá-la para ficar com ele.

O cirurgião notou a expressão preocupada de Julia.



767/1201

– Esse tipo de reação à anestesia geral não é incomum. Vamos monitorá-lo por precaução, mas provavelmente amanhã mesmo ele estará em condições de voltar para casa.

O médico afagou a mão de Julia e atravessou uma porta de vaivém, sumindo de vista.

– Gabriel? – sussurrou Julia.

Ele estava gemendo e se debatendo um pouco no leito hospitalar. Ela se inclinou para a frente para pegar sua mão.

– Amor? A cirurgia foi um sucesso. Você vai ficar bem.

Ele abriu os olhos de repente.

Julia afastou os cabelos da testa dele.

– Oi, meu amor – disse.

Gabriel tornou a fechar os olhos.

768/1201

– Estou me sentindo como um bebê. Na ver-

dade, estou péssimo. Tonto.

– Está com vontade de vomitar?

Ele balançou a cabeça.

– Só cansado.

– Então durma, meu amor. Estou bem aqui.

– Minha linda – balbuciou Gabriel, antes de

pegar no sono.

Julia lhe deu um beijo na testa.

Eu amo este homem com todo o meu coração.

Daria minha vida por ele. Daria tudo por ele.

Era raro ver Gabriel naquela situação. Ele dificilmente ficava doente; quase nunca, na verdade.

Quando não estava dormindo, a força da sua presença dominava o ambiente ao redor.

Agora, sua personalidade estava contida. Emudecida. Vulnerável.

Ela se lembrou da vez em que cuidou do professor quando ele estava bêbado. Julia o ajudara a



769/1201

chegar ao seu apartamento e ele vomitara em cima dela.

(E do suéter de caxemira verde dele.)

Lembrou-se de arrastá-lo até o banheiro, onde o limpou. Correram os dedos pelos cabelos dele, perguntando-se como seria ter um bebê para cuidar. Na época, esses devaneios pareciam tão distantes, inatingíveis.

Ao baixar os olhos para o rosto bonito de seu marido, ela soube que algo dentro de si estava em revolução. Algo havia mudado.

– Como ele está? – Rebecca olhou para Julia com preocupação quando ela entrou na cozinha na tarde seguinte.

Julia largou a bandeja sobre o balcão.

770/1201

– Dormindo. Diz que está com desconforto, mas só tomou os analgésicos depois que eu o ameacei.

Rebecca riu.

– E como você fez isso?

Julia pôs os pratos sujos dentro da pia.

– Eu o lembrei de que quanto mais ele demorar a se curar, mais teremos que esperar para fazer sexo. Ao ouvir isso, ele arrancou o frasco de comprimidos da minha mão. Acho que não teremos mais problemas para convencê-lo a tomar a medicação.

Rebecca balançou a cabeça, contendo um sorriso.

– Canja de galinha com pãozinhos caseiros para o jantar. O que lhe parece? – Rebecca foi até o fogão, onde cozinhava um frango inteiro numa panela grande em fogo brando.

– Uma delícia. Obrigada.

771/1201

– Vai precisar que eu fique durante o fim de semana?

– Não. Tenho certeza de que ficaremos bem. –

Julia olhou para Rebecca com curiosidade. –

Você faria isso?

Rebecca voltou a tapar a panela.

– Claro. Posso vir aqui sempre que vocês precisarem, exceto nos feriados. E, mesmo assim, se me avisarem com antecedência, posso ver se consigo me organizar. Pode parecer bobagem, mas penso em vocês como se fossem minha família.

– Não é bobagem. Nós pensamos o mesmo. –

Julia recostou-se no balcão. – É tão mais fácil quando você está aqui. A roupa suja some e aparece roupa limpa em seu lugar. Tem sempre comida na geladeira ou no freezer e a casa se mantém impecável. Nunca seria capaz de fazer o que você faz.

– É claro que seria. Mas não conseguiria estudar ao mesmo tempo. Precisaria escolher entre uma

772/1201

coisa e outra. Seu cunhado e a família dele ainda vêm visitar vocês?

Rebecca limpou as mãos no avental e foi até a ilha da cozinha. Um iPad estava apoiado em um suporte, como um livro de receitas. Ela abriu o aplicativo iCalendar e começou a descer a tela, olhando os compromissos dos

Emersons.

– Não. Com a minha ultrassonografia e a cirurgia do Gabriel, decidimos que seria melhor esperarmos até depois do Natal. Vamos passar o Dia de Ação de Graças em Selinsgrove, de qualquer forma. – Julia se encolheu ao perceber o lapso. –

Achei
que
tivesse
comentado
com
você.

Desculpe.

Rebecca abanou a mão no ar.

– Não se preocupe. Só preciso ajustar meu calendário.

– Não esperava que Gabriel fosse ficar tão fraco depois da cirurgia. Ele está insistindo em ir
773/1201

trabalhar amanhã, mas acho que não tem condições. Está com dor.

– Homens são os piores pacientes. Não tomam remédio, não obedecem ordens e nunca admitem que estão doentes. São como gatos.

Julia deu uma risadinha.

– Vou me lembrar disso.

– Na verdade, talvez seja mais fácil dar um comprimido para um gato do que para um homem. Por outro lado, um homem não vai arranhar você.

Agora Julia estava gargalhando.

– Que bom que Gabriel está lá em cima. Ele
ficaria
muito
irritado

se

nos

ouvisse

comparando-o a um gato.

Rebecca lhe deu uma piscadela.

– Miau.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Na semana seguinte à cirurgia de Gabriel, ele já havia praticamente voltado a ser o mesmo de antes. Com exceção do mau humor e da irritação por conta da falta de sexo.

(As más línguas talvez dissessem que, se ele estava mal-humorado e irritadiço, era porque afinal tinha voltado a ser o mesmo.)

Julia aturou sua rabugice como sempre, com bom humor e paciência de Jó. É claro que o fato de seu marido estar lhe proporcionando orgasmos com regularidade talvez tivesse alguma influência sobre seu estado de espírito.

– Recebemos uma carta de Katherine.

Gabriel gesticulou em direção à mesa da cozinha, onde as correspondências do dia estavam empilhadas.

775/1201

Julia pegou o pequeno envelope branco. Como ele dissera, a remetente era Katherine Picton, do All Souls College, Oxford.

– Ela continua na Inglaterra. Imaginei que já fosse estar de volta a Toronto por agora.

Gabriel puxou uma cadeira e se pôs a conferir o restante da correspondência, torcendo para não encontrar nenhuma surpresa.

– Ela vai passar o ano como professora visitante no All Souls. Abra e veja o que ela diz.

Julia colocou seus óculos de leitura, abriu o envelope e começou a ler.

Queridos Gabriel e Julianne,

Espero que esta carta os encontre bem.

Minha estadia em Oxford tem sido excelente e estou feliz com a pesquisa que venho fazendo aqui. Sempre lembro com carinho da nossa conferência no verão e espero vê-los em breve.

776/1201

Já mencionei isso antes, mas Greg Matthews me convidou para dar uma série de palestras em Harvard no fim de janeiro. Fui informada de que ele também convidou Jeremy Martin para apresentar um artigo.

Espero conseguir vê-los durante a minha visita.

Também espero que consigam me salvar das terríveis predileções culinárias de Greg.

Com o amor de sempre,

Katherine.

– O que ela diz? – Gabriel olhou para a esposa por sobre a armação dos óculos.

– Que virá a Harvard em janeiro. Não ouvi nada sobre isso lá no departamento. Você ouviu?

– Não vi nenhum anúncio formal. O que mais?

Julia lhe entregou a carta.

Gabriel correu os olhos pelo texto.

Fez uma careta.

– Jeremy.

– Sim.

777/1201

Ele jogou a carta de volta sobre a mesa.

– Não estou nada ansioso por esse encontro. Ele ainda está com raiva por eu ter pedido demissão.

– Você não pode tentar fazer as pazes com ele?

– Não sei. Fomos amigos durante um tempo, depois deixamos de ser. Vamos ver o que acontece. – Ele afastou os cabelos de Julia para trás dos ombros dela. – Não se preocupe com isso. O importante é que poderemos ver Katherine e convidá-la para jantar aqui em casa. Ela não gosta dos restaurantes que

Greg costuma

escolher.

Julia fechou seus óculos e os pousou sobre a mesa, sentando-se em seguida no colo de Gabriel.

– Não consigo imaginar Katherine tendo um caso com um professor de Oxford velho e caquético.

Gabriel deu uma risadinha.

– Nem eu. Mas o Velho Hut era considerado bonito na época. Já vi fotos antigas dele.

778/1201

– Mas o fato de os dois terem se envolvido...

Não é possível que ela não soubesse que era errado. Não só por causa da sua carreira, mas porque ele era casado.

Gabriel bateu a ponta do dedo no nariz dela.

– Imagino que ela o amasse.
– Isso não torna certo o que ela fez.
– O que nós fizemos foi errado também, como você deve se lembrar. – Ele baixara a voz, fitando-a dentro dos olhos com uma expressão séria.
– É verdade. – Julia passou os braços em volta do pescoço dele. – É fácil julgar os outros e nos esquecermos dos nossos próprios pecados.
– Se Katherine tiver sentido um décimo do amor que sinto por você, bem, posso entender por que se deixou levar. Por outro lado, agora que estou casado, me solidarizo com a Sra. Hutton. Se alguém tentasse roubá-la de mim... – Ele praguejou.

779/1201

– Meu amor por você agora é maior do que antes de nos casarmos. – Julia tinha uma expressão contemplativa. – O casamento é uma coisa estranha. Sinto que nossas vidas e nossos corações se uniram quase sem que eu percebesse. Não sei exatamente como isso aconteceu.
– O matrimônio é um sacramento. – O tom de Gabriel era solene. – E, é claro, tem também o sexo que não estamos mais fazendo.
– As três semanas estão quase acabando. Gabriel colou a boca à sua orelha.
– É melhor avisar aos seus professores que irá faltar nesse dia.

A proximidade dele a fez estremecer.

– Ah, vou?

– Acha mesmo que eu vou deixá-la sair de casa depois de ter passado três semanas sem você? – Ele mordiscou sua orelha. – Você vai ter sorte se eu deixá-la sair da cama.

780/1201

– Estou gostando de ouvir isso. – Julia descansou a cabeça no ombro dele. – Eu sei que, enquanto estávamos resolvendo nossos problemas médicos, você aproveitou para pesquisar sobre a sua família. Descobriu alguma coisa?
– Pedi a Carson para dar uma olhada para mim.

Ele iria conseguir uma cópia do relatório do le-gista sobre a morte da minha mãe, assim como informações médicas sobre os pais dela e sobre meu pai e os pais dele. Mas ainda não tive notícias.

– Ninguém vai dar esse tipo de informação para o seu advogado.

– Provavelmente não – disse Gabriel, franzindo o cenho. – Mas sei que ele costuma contratar de-tetives particulares que podem ser bastante per-suasivos. Eles vão descobrir o que preciso saber.

– Persuasivos?

781/1201

– Nesse caso, a informação provavelmente pode ser comprada. Se não puder, existem meios de obrigar as pessoas a falarem.

– Gabriel... – O tom de voz de Julia era de cen-sura. – Você já comprou informações dessa maneira?

– Já.

Sua resposta direta e imediata a surpreendeu.

– Não senti remorso depois?

– Claro que não.

– Por quê?

– Porque fiz isso por você, ora.

Julia se afastou dele.

– Não estou entendendo. Que tipo de inform-ação comprou?

Ele bufou.

– É uma longa história. É melhor ficar confortável.

Julia resistiu ao impulso de trocar de lugar e ficou onde estava, sentada no colo dele.

782/1201

– Devo dizer que, embora não pretendesse lhe contar isto, já faz alguns meses que ando ator-mentado com a ideia de que eu deveria ter contado.

– Me contar o quê?

– Como garanti que Simon e Natalie nunca mais voltassem a atrapalhar sua vida.

Os olhos de Julia se arregalaram quando Gabriel começou a contar sua história.

CAPÍTULO CINQUENTA

Abril de 2010

Selinsgrove, Pensilvânia

O celular de Gabriel tocou. Ele estendeu a mão para pegá-lo e ver quem era. Julianne havia telefonado várias vezes desde que ele a deixara em Toronto. Embora tivesse ouvido suas mensagens de voz em uma tentativa de se autoflagelar, não poderia se arriscar a respondê-las ou falar com ela.

Primeiro de julho. Se eu conseguir aguentar até lá, ela estará segura.

A mensagem na tela dizia que o número era confidencial. Gabriel tinha um bom palpite de quem estava do outro lado da linha.

– Jack – falou com voz áspera.

784/1201

– Encontrei a garota. O namorado dela também. Precisamos nos ver.

Gabriel esfregou os olhos.

– Não pode cuidar disso sozinho? É para isso que estou lhe pagando.

Jack xingou.

– Não confio na sua palavra. Tom me disse que você partiu o coração da minha sobrinha. Eu deveria estar lhe dando uma coça, e não fazendo um serviço para você.

– O serviço não é para mim. É para ela – disse Gabriel, perdendo a paciência. – A garota tentou chantageá-la. O cara mordeu sua sobrinha e ameaçou estuprá-la. Como, dentro disso tudo, eu sou o vilão da história?

– Melrose Diner, South Philly, amanhã às nove da manhã.

Jack desligou.

– Merda – disse Gabriel.



785/1201

Jack Mitchell era detetive particular. Pelo menos era essa ocupação que declarava ao preencher o imposto de renda. Ex-fuzileiro naval, também

trabalhava como segurança particular, investigador e certificando-se de que seus clientes não teriam

mais

problemas

com

determinadas

pessoas.

Resumindo, ele ajudava a proteger pessoas ricas de todo e qualquer tipo de ameaças, o que incluía chantagem.

Foi a Jack que seu irmão mais velho, Tom

Mitchell, recorreu quando seu amigo Richard

Clark precisou pagar as dívidas do filho com

traficantes de drogas. Jack e alguns de seus contatos pegaram o dinheiro fornecido por Richard

(conseguido por meio da hipoteca da casa da família em Selinsgrove) e convenceram os traficantes a esquecerem o nome de Gabriel Emerson.

786/1201

Jack podia ser muito persuasivo.

Quando Gabriel precisou de alguém para convencer um certo casal a manter distância de Julianne, na mesma hora pensou em Jack. Contatá-lo não foi fácil, mas, após alguns telefonemas para as pessoas certas, conseguiu falar com ele.

Apesar da relutância inicial de Jack, bastou que ele visse as fotos das lesões que o filho do senador causara em Julianne para aceitar o serviço. Jack

seguiu Simon e a ruiva com quem ele estava saindo enquanto os dois davam bandeira na Filadélfia e em Washington, D.C. Em pouco tempo Jack tinha um dossiê grosso o suficiente para mostrar a Emerson. E comprometedor o bastante (em sua opinião) para garantir que sua sobrinha não precisasse mais se preocupar com o filhinho de pai e a ruiva.

Jack ainda daria sugestões sobre como usar a informação da forma mais eficaz possível. E esperava conseguir alguns minutos sozinho com o



787/1201

filhinho de papai para ter uma conversinha com ele. Alguém precisava ensinar uma lição àquele filho da puta.

Jack deslizou o envelope pardo para Gabriel por sobre a mesa.

– Este é o material que os fará entregar tudo o que têm sobre Jules. Vou ter uma conversa com eles sobre o que vai acontecer se não fizerem isso.

O senador Talbot está se candidatando à Casa Branca. Eles vão concordar. Fim de papo.

– O que tenho nas mãos?

Gabriel passou uma série de fotografias em preto e branco, todas mostrando o filho do senador em algum tipo de atividade sexual. Em algumas estava com duas mulheres ao mesmo tempo. Todas reviraram o estômago de Gabriel.

788/1201

– Debutantes, rabos de saia do Capitólio, uma estagiária do gabinete do senador. – Jack pôs o indicador sobre o rosto branco e coberto pelas sombras de uma jovem.

Gabriel fez uma careta.

– Universitária?

– Não. Ensino médio.

– Menor de idade?

Os dois homens se encararam.

– Dezesete.

– Porra – balbuciou Gabriel. – Esse cara é um predador. O senador está envolvido?

– Os assessores dele já sabem que o garoto é um problema. Estão de olho nele.

– Mas ainda não fizeram nada?

– Não que eu tenha descoberto. Não entendo como podem deixar isso continuar assim. O garoto deu álcool e drogas para uma menina de 17 anos e depois dormiu com ela. Isso está filmado também.

789/1201

– Filho da puta.

Gabriel devolveu as fotos ao envelope e o

deslizou de volta sobre a mesa.

– Estou devolvendo seu dinheiro.

Jack enfiou as fotos dentro da sua jaqueta de couro e então sacou um envelope de um dos bolsos. Ele o estendeu para Gabriel.

Gabriel o descartou com um gesto.

Jack largou o envelope ao lado da caneca de café dele.

– Ela não é mais problema seu.

Gabriel cravou olhos azuis furiosos no homem sentado à sua frente.

– Ela sempre vai ser problema meu.

Jack estreitou os olhos.

– Homens como você gastam milhares de dólares em pó branco para enfiar pelo nariz.

Quase morrem por isso e matam os pais junto. –

Ele balançou a cabeça. – Estou feliz para caralho que você não esteja mais com ela.

790/1201

– Então aceite meu dinheiro. – Gabriel cerrou os punhos e inspirou fundo, resistindo à tentação de agarrar a cabeça de Jack e batê-la na mesa.

– Tom é que devia ter resolvido este problema.

A meu ver, ele não cumpriu seu papel de pai.

– Não seria a primeira vez. Se você gosta tanto de Julianne, posso saber por que não a tirou da mãe? Poderia ter lhe poupado uma cicatriz atrás da cabeça.

O rosto de Jack ficou muito vermelho.

– Ela contou para você?

– Claro.

– Merda.

Gabriel o encarou com um olhar fulminante.

– Não espero que entenda, mas, por motivos que não irei explicar, nós não podemos ficar juntos. Mas eu ainda atravessaria o Inferno por ela. E nem sonhando vou deixar um filho da puta com pai senador constranger e humilhar Julianne.

Não quer o dinheiro de um viciado em pó que

791/1201

partiu o coração da sua sobrinha? Ótimo. Mas

faça seu trabalho e faça direito, ou encontrarei outra pessoa para fazê-lo em seu lugar. – Gabriel enfiou o envelope no bolso e começou a se levantar.

Jack estendeu a mão para detê-lo.

– Ligo para você assim que tiver terminado.

– *Ótimo*. Espero que esta conversa fique entre nós.

Jack ergueu os olhos para ele, surpreso.

– Não quer que ela saiba?

O rosto de Gabriel ficou tenso.

– O importante é que ela esteja segura. Sem

chantagens. Sem que isso volte a perturbá-la. Eles se mantêm fora da vida de Julianne para sempre e

ela volta a dormir tranquila.

Os dois homens trocaram um olhar demorado antes de Gabriel sair do restaurante.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Outubro de 2011

Cambridge, Massachusetts

– *Scheisse* – disse Julia.

– Exatamente – falou Gabriel.

– Não acredito que você contratou meu tio

Jack

– Ele é bom no que faz. Já me tirou de enrascadas antes.

De repente, ela se deu conta de uma coisa.

– Era sobre isso que você estava falando com ele quando estávamos na casa do meu pai?

– Ele estava irritado por eu nunca ter lhe contado.

– Mas nunca me falou nada.

– Seu tio é um homem de poucas palavras.

793/1201

– Por que você não me contou? – Ela o censurou com o olhar.

– O que eu fiz pode ser justificável, mas não significa que seja legal. Não queria que soubesse de nada enquanto houvesse a chance de Simon ou Natalie decidirem envolver a polícia. Ou o FBI.

Antes de nos casarmos, eu lhe disse que cuidei do assunto e estava certo de que eles não iriam voltar a incomodá-la.

– Não achei que os tivesse ameaçado.
– Isso é mesmo tão ruim? – sussurrou ele.
Julia o encarou e notou uma decepção mal disfarçada em seus olhos.
– Eu lhe disse que não tinha confessado tudo sobre meu passado, Julianne. Nós concordamos que não tinha problema.
– Mas meu pai estava muito furioso com você. Não gostaria que ele soubesse que você me protegeu?

794/1201

– Quanto menos pessoas soubessem, melhor. Duvido que ele fosse mudar de opinião.
– Então, enquanto estávamos separados, você fez tudo o que podia para que eu ficasse em segurança? – Ela pestanejou para conter as lágrimas. – Obrigada.
Ele a abraçou apertado.
– De nada. Saiba que, assim que recuperei as fotos e os vídeos, destruí tudo sem dar nem uma olhada.

Os ombros de Julia relaxaram de alívio.

– Mas tio Jack viu.
– Acho que ele fez um grande esforço para não olhar. E agora está tudo acabado.
– Simon e Natalie devem ter cópias.
– Jack me disse que recuperou tudo o que envolvia você. E ainda tem algumas outras coisas guardadas, caso precise lidar com Natalie ou Simon de novo no futuro.
– Como ele conseguiu recuperar tudo?

795/1201

– Não importa. O importante é que você não precisa mais se preocupar com aqueles dois. Eles não vão voltar a importuná-la.
Julia o abraçou, chorando aliviada em seu ombro.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Outubro de 2011

Durham, Carolina do Norte

– O que você está fazendo? – April entrou na

cozinha descalça, vestindo apenas a camisa de botão do namorado.

Ele estava diante do fogão, preparando bacon e ovos em uma *única* frigideira.

– Café da manhã. – Simon sorriu para ela e se inclinou para beijá-la. – Dormiu bem?

– Dormi. – Ela esticou os braços sobre a cabeça, então deu uma risadinha. – Durmo melhor com você do que sozinha.

– Eu também – admitiu ele, mais para si mesmo do que para ela.

797/1201

Ela pegou uma jarra de suco de laranja na geladeira e serviu um copo para cada um.

– Eu durmo melhor com você, mas me sinto culpada.

– Culpada? – Simon se virou com a escumadeira na mão. – Por quê?

April baixou a cabeça, concentrando-se no seu suco de laranja.

– Porque estamos dormindo juntos sem sermos casados.

Simon congelou.

A castidade era tão estranha para ele quanto o Leste Europeu. Já a encontrara antes, em Julia, mas sempre lhe parecera algo irritante e estúpido, que tinha vontade de destruir por meio da sedução ou da manipulação.

Com April, no entanto, ele sentia algo totalmente diferente. Algo que talvez pudesse ser uma pontada de remorso.

Era uma experiência nova para Simon.

798/1201

– Sexo não tem nada de mau.

– Engraçado você dizer isso. – Ela tamborilou no copo de suco. – Você me ensinou que sexo é muito, muito bom. Eu adoro e gosto muito de estar com você.

– Então qual é o problema?

– Fui ensinada a esperar. E não esperei.

Simon se virou de volta para o fogão, sem saber o que dizer ou fazer. Por alguns instantes, con-

tinuou a preparar o café da manhã. Então desligou o fogo e colocou a frigideira de lado. Limpou as mãos na parte de trás da cueca samba-canção e andou até ela.

– Você foi ensinada a esperar porque seus pais não queriam que algum cretino abusasse de você.

– Simon. – O tom dela era de censura. – Não xingue.

– Desculpe. Seus pais estavam tentando protegê-la.

799/1201

– Não são só os meus pais. Tem minha igreja também.

– Bem, eles também estavam tentando protegê-la. E isso é bom. Mas nossa situação é diferente. Ela ergueu a cabeça.

– É?

– É. – Ele a envolveu em seus braços.

– Diferente como? – perguntou April, desconfiada. – Me explique.

– Não estou só me divertindo. Gosto de fazer sexo com você, mas também gosto da sua companhia. Quando estou ao seu lado, posso baixar a guarda. Não preciso ser o filho do senador Talbot. Posso ser eu mesmo. – Ele deu um sorriso hesitante.

– Também me sinto assim. – Ela se aconchegou no peito dele. – Mas, sempre que você vai embora, fico mal.

– Isso é porque nos importamos um com o outro.

800/1201

– Queria poder ficar assim para sempre – sussurrou ela, apertando os braços em volta da cintura de Simon.

– Eu também – admitiu ele.

Ficou surpreso ao descobrir que aquelas palavras eram sinceras; que, durante o pouco tempo em que a conhecia, passara a se importar muito com April. O relacionamento dos dois era fácil e gostoso, e ele não conseguia se imaginar sem ela.

– Eu amo você, Simon.

Ele sentiu o coração saltar até a garganta.

Não era idiota. Sabia o que tinha nos braços:

uma jovem linda, meiga e extraordinária. Ela não

tinha a bagagem que ele carregava. Não era cín-

ica, tampouco queria subir na vida às suas custas, como Natalie. E não era

medrosa e metida a

santa, como Julia. Julia sempre fizera com que ele se sentisse um animal, indigno de tocá-la.

O mais provável era que April tivesse acordado

naquela manhã, decidido que o amava e

801/1201

simplesmente lhe dito isso. Sem calculismo, sem

joguinhos, sem necessidade de usar o sexo para

“se dar bem”.

Sem que Simon percebesse, seus lábios estavam se movendo.

– Eu também amo você.

Ela o abraçou o mais forte que pôde, quase

quicando sobre os calcanhares.

– Que maravilha! – gritou. – Estou tão feliz!

– Eu também. – Ele sorriu diante do entusiasmo juvenil e desinibido de April e a beijou.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Cambridge, Massachusetts

O utubro estava chegando ao fim. A data tão es-

perada por Gabriel estava cada vez mais próxima.

Ele vinha fantasiando sobre o que iria fazer com

Julianne assim que seu celibato forçado terminas-

se, planejando meticulosamente suas atividades.

Na tarde anterior ao grande dia, Julia estava na

cozinha de casa quando telefonou para ele. O ce-

lular de Gabriel tocou só duas vezes antes de ser

atendido.

– Oi, minha linda.

Ela corou. Nunca deixava de lhe causar espanto

como, com duas ou três palavras, ele conseguia

fazer seu coração acelerar e sua pele ficar mais quente.

803/1201

– Oi, bonitão. Onde você está?

– Estou só comprando algumas coisinhas. E você?

– Em casa.

Gabriel fez uma pausa e Julia ouviu o som da porta de um carro batendo.

– Você chegou cedo. Achava que só fosse voltar lá pelas seis.

– A professora Marinelli teve que cancelar a aula porque está com laringite. Acho que vou subir e tomar um banho. Talvez tire um cochilo antes de você chegar. Acordei muito cedo hoje. O ronco do Range Rover voltando à vida encheu os ouvidos de Julia.

– Faça isso. Não vou demorar. Até já.

– Te amo.

– Eu também.

Julia ouviu o som de uma risadinha antes de

Gabriel encerrar a ligação. Perguntou-se o que ele tinha achado tão engraçado.

804/1201

Vasculhou a cozinha por alguns minutos, notando que Rebecca não tinha preparado nada para o jantar. Tornou a se perguntar por quê.

Intrigada, foi para o segundo andar. Não se deu o trabalho de pendurar as roupas, simplesmente largando-as no chão do banheiro antes de entrar no banho. Uma ducha quente seria revigorante depois de um dia tão cansativo.

Estava quase terminando quando ouviu a porta do boxe se abrir.

– Ora, ora. Olá.

Gabriel estava diante dela, nu e sorrindo.

Inclinou-se para a frente para beijá-la.

– Também precisa tomar banho? – perguntou ela, tentando não devorá-lo com os olhos, mas fracassando.

– Não. Só queria estar no mesmo lugar que você.

Ela tornou a beijá-lo.

805/1201

Com gosto, Julia deslizou a mão pelo centro do

peito dele, descendo até o V profundo em seus quadris. Então fechou o chuveiro e torceu os cabelos para escorrer a água dos cabelos.

Gabriel pegou uma toalha e a entregou a ela.

Foi então que Julia notou como os olhos dele brilhavam de antecipação, seu sorriso cada vez mais largo.

– O que foi?

– Esqueceu que dia é hoje? – Ele correu um dedo pelo seu braço.

– Não. A data especial é amanhã.

– Vamos começar mais cedo.

– Acha isso sensato?

– Não estou nem aí. Já esperei demais. A tolerância de um homem tem limites.

– Ah, é? – Ela inclinou a cabeça de lado.

– Então prepare-se para receber prazer, minha querida.

806/1201

Ela se apressou a esfregar a toalha sobre o corpo, secando-se, então a enrolou nos cabelos. Gabriel pegou um frasco de vidro e a estendeu para ela.

– Pintura corporal com chocolate. – Julia leu o rótulo e ergueu os olhos para ele em seguida. – Agora?

– Agora. – Ele agitou um pequeno pincel sob o nariz dela. – Você disse que tinha gostado da nossa experiência com pintura corporal em Selinsgrove. Decidi que deveríamos tentar de novo.

– Mas achei que você iria querer fazer outras coisas. Há três semanas que vem fazendo de tudo comigo. Não tenho podido fazer muito por você.

– As preliminares são tanto para mim quanto para você – sussurrou ele, seu olhar ficando intenso. – E tenho planos para nós dois.

– Uau – suspirou ela.

807/1201

– Pensei em experimentar no quarto, mas vamos acabar fazendo sujeira.

Ele se agachou diante de Julia, o rosto na altura do umbigo dela, e abriu o frasco. Molhou o pincel no chocolate, espalhando-o generosamente sobre as cerdas delicadas, antes de lhe dar uma piscadela.

– Podemos começar?

Ela assentiu, os olhos semicerrados.

Lentamente, ele começou a desenhar um coração em volta do seu umbigo.

A sensação do chocolate e do pincel deslizando pela sua pele quente a fez se encolher. E é claro que, embora quase fizesse cócegas, Gabriel não tinha a menor pressa.

– Prontinho. – Ele largou o frasco e o pincel de lado e lambeu os lábios. – Agora vem a parte divertida. Está pronta?

– Sim. – A palavra saiu mais como um gemido do que como uma afirmação.

808/1201

Ela estendeu a mão trêmula para agarrar uma barra de apoio quando a língua de Gabriel entrou em contato com a sua pele, deslizando pelo chocolate e mergulhando em seu umbigo.

Ela segurou firme, espalmado uma das mãos sobre a bunda dela.

– É mais gostoso do que eu esperava. – Ele a mordiscou. – Mas isso provavelmente é porque adoro o seu sabor.

A língua dele traçou um rastro flamejante até o quadril de Julia, onde começou a beijá-la com a boca aberta.

– Acho que preciso de mais chocolate. O que você acha?

– Sim, por favor. – Julia assentiu com vigor. – Mais, com certeza.

Gabriel pegou o frasco e o pincel.

– Então é melhor se segurar firme, meu amor, porque pretendo ser metódico.

809/1201

Ela se inclinou para a frente, aninhando o queixo dele na mão.

– Eu também.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Ao longo do mês de novembro, Diane e Tom receberam uma sucessão de relatórios positivos sobre a saúde do bebê. A cirurgia ainda seria necessária, mas o feto estava se desenvolvendo bem e Diane também estava saudável.

Julia recebeu as notícias do irmão com uma mistura de alívio e otimismo cauteloso.

Não havia contado à família sobre os miomas ou sobre a reversão da vasectomia de Gabriel. Eles não sabiam nem que Gabriel tinha feito a cirurgia original. Além do mais, Julia não queria preocupar ninguém com seus problemas de saúde, especialmente depois que a Dra. Rubio lhe garantira que miomas eram comuns e que, pelo menos àquela altura, não eram graves.

811/1201

Os Emersons sustentaram o fardo um do outro no que dizia respeito à saúde, dividindo apenas algumas informações com Rebecca. Julia, no entanto, parecia sustentar sozinha o fardo de sua carreira acadêmica.

(Ou pelo menos era o que achava.)

Na calada de uma das noites desse mês, Gabriel acordou sobressaltado. Ficou imediatamente alerta, os ouvidos atentos ao menor som. Escutou uma mulher chorando ao longe.

Procurou Julia na escuridão, mas ela havia desaparecido.

Sem nem sequer se dar o trabalho de acender a luz ou pegar o roupão, Gabriel se levantou, nu em pelo, e saiu do quarto.

Uma réstia de luz brilhava sob a porta do escritório.

Ele seguiu a passos rápidos em sua direção, o som do choro cada vez mais alto.

812/1201

Atrás da porta, encontrou Julia com a cabeça apoiada na mesa. Os ombros dela tremiam, seus óculos largados sobre o laptop aberto. Havia di-

versos livros espalhados em cima da mesa e pelo chão.

– Meu amor. – Gabriel pousou a mão sobre a cabeça dela. – O que houve?

– Não consigo.

– Não consegue o quê? – Ele se agachou ao seu lado.

– Colocar minhas leituras em dia. Tenho textos acumulados para todas as matérias. Deveria estar trabalhando nos artigos que preciso entregar, mas venho tentando ler o que falta antes. Já devia ter começado a revisar minha palestra, mas não tive

tempo. E estou tão cansada... – A voz dela falhou.

Gabriel olhou para ela com uma expressão compassiva.

– Venha para a cama.

813/1201

– Não posso! – gritou ela, jogando as mãos para cima. – Preciso ficar acordada a noite inteira e terminar as leituras. Amanhã, tenho que passar o dia inteiro na biblioteca trabalhando nos meus artigos. Não sei quando vou conseguir revisar minha palestra para publicação.

– Você não pode fazer mais nada hoje à noite.

Mesmo que ficasse acordada, está cansada demais para se concentrar. Se for para a cama agora, pode levantar bem cedo amanhã. Podemos conversar sobre suas leituras durante o café e vejo se consigo lhe dar uma versão resumida delas.

Julia balançou a cabeça.

– Resumos não vão adiantar.

– Julianne, são duas da manhã. Venha para a cama. – A voz dele assumiu um tom autoritário.

– Preciso ficar acordada.

– Vá dormir agora. Vou ajudá-la. Posso ir com você à biblioteca para ajudar com a pesquisa. Isso vai lhe poupar tempo.

814/1201

– Você faria isso? – Ela assoou o nariz num lenço.

Ele franziu o cenho.

– Claro. Tenho me oferecido para ajudá-la durante todo o semestre. Você nunca deixou.

– Você está ocupado com as suas próprias coisas. E ainda teve a cirurgia. – Ela se apressou em secar os olhos.

– Você vai ficar doente se não se cuidar. Venha. Gabriel a segurou pelo cotovelo, ajudando-a a se levantar, antes de fechar o laptop dela com força.

Ele a seguiu pelo corredor até o quarto.

– Estou exausta – disse ela, fungando e deitando a cabeça no travesseiro. Estava cansada demais até para ficar abraçadinha.

– Tudo o que precisa fazer é pedir. Por você eu faço tudo. Sabe disso.

– Eu deveria fazer isso sozinha.

815/1201

– Bobagem. – Gabriel pousou um braço na cintura dela. – O programa de doutorado é feito para ser extenuante. Todos os outros provavelmente também estão contando com alguma ajuda.

– Você não precisou de ajuda quando fez o seu.

– Pense no que está dizendo. Eu cheirava cocaína durante a pós-graduação. E tinha P... alguém para tomar conta de mim.

Ele suspirou, baixando a voz:

– Você cuidou de mim depois que voltei do hospital. Deve ter sido por isso que se atrasou. Deixe-me ajudá-la a recuperar o tempo perdido. Mas, por enquanto, precisa é de uma boa noite de sono. Amanhã conversamos.

Julia estava cansada demais para discutir. Em questão de minutos, sua respiração ficou mais pesada e Gabriel soube que ela havia adormecido.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

Naquele sábado, Julia e Gabriel planejavam passar o dia quase inteiro na biblioteca, fazendo pesquisas para os artigos que ela deveria entregar até o fim do semestre. Para demonstrar quanto estava agradecida, Julia preparou panquecas enquanto Gabriel lia o *The Boston Globe* sentado à mesa da cozinha, com suas

calças de pijama .

Julia despejou a massa em uma frigideira quente antes de se voltar para ele.

– Tenho pensado em uma coisa.

– Em quê?

– Você pode me dizer o que escreveu no cartão que deixou para mim no meu antigo apartamento em Toronto?

Ele baixou o jornal.

– Que cartão?

817/1201

– O que não sobreviveu ao meu ataque de raiva.

Ele fingiu vasculhar a memória.

– Ah, aquele cartão.

Ela revirou os olhos.

– Sim, aquele.

Ele dobrou o jornal e o largou de lado.

– Quer mesmo saber?

– Claro.

– Mas você o rasgou.

Ela o encarou.

– Achei que tivesse me perdoado.

– E perdoei – respondeu ele, arrependido. – Era apenas um bilhete em que eu pedia desculpas por ter sido um babaca.

– Que gentil – comentou ela. – O que ele dizia?

– Eu a chamava de minha Beatriz e falava que a havia desejado durante toda a minha vida, embora estivesse convencido de que você não fosse mais do que uma alucinação. Dizia também que,
818/1201

agora que a havia encontrado, iria lutar para torná-la minha.

Julia sorriu para si mesma enquanto virava as panquecas.

– E talvez tenha acrescentado um poema – emendou Gabriel.

Ela tornou a olhar para ele.

– Talvez?

– O soneto 29 de Shakespeare. Conhece?

Quando desafortunado e dos olhos dos homens

*Afastado, pranteio sozinho meu exílio,
Perturbo os céus moucos com meus inúteis gritos E, olhando-me a mim,
amaldiçoo meu destino,
Imaginando-me alguém de esperança mais rico*

—
*Homem notável, repleto de amigos —,
Quando o talento e visão alheios cobiço,
E o que mais almejo é o que menos consigo;*

819/1201

*Mesmo nessa hora, em que a mim quase
desprezo,
Penso em ti com alegria — meu espírito, de
repente,
Como a cotovia a erguer-se ao raiar do dia
Da terra sombria, canta hinos ante o Paraíso;
Pois tal é a riqueza do teu doce amor lembrado Que, pela fortuna de rei
algum, meu estado eu
trocaria.*

Julia levou a mão ao coração.

— Que lindo, Gabriel. Obrigada.

— Ainda mais lindo é eu não precisar mais me
contentar com lembranças. Agora tenho você.

Julia se apressou a desligar o fogo e afastar a frigideira do calor.

— O que está fazendo? — perguntou Gabriel,
intrigado.

Ela atirou a espátula para longe.



820/1201

— Vamos fazer sexo de “bilhete rasgado finalmente revelado”. Venho esperando por isso há séculos. — Ela pegou a mão dele, puxando-o em direção ao corredor. — Venha.

Ele fincou os pés no chão.

— Que tipo de sexo é esse?

— Você vai descobrir.

Ela o fitou com um olhar ardente e saiu correndo para as escadas, com o professor em seu encaixo.

Depois de um longo dia de pesquisa, Gabriel e Julia voltaram para casa quando já havia escurecido. Julia pediu pizza enquanto Gabriel conferia as correspondências de sábado.

Topou com um envelope creme endereçado a

ele em uma letra pontuda, que não lhe parecia

821/1201

familiar. O endereço do remetente era da cidade de Nova York

Curioso, abriu o envelope e leu o seguinte:

Caro Gabriel (se me permite chamá-lo assim),

Fui contatada há pouco por Michael Wasserstein, o advogado da nossa família, que me disse que você está buscando informações sobre nosso pai, Owen Davies. Soube por meio dele que você gostaria de saber mais sobre a história da nossa família.

Meu nome é Kelly Davies Schultz e sou sua meia-irmã. Também temos uma irmã mais nova, Audrey.

Eu sempre quis ter um irmão. Digo isso porque me sinto mal sobre como minha mãe e minha irmã se comportaram em relação ao testamento de papai, e gostaria que

822/1201

soubesse que, da minha parte, não concordei em contestá--lo. Na época, quis escrever para você para lhe dizer isso, mas mamãe estava dificultando as coisas e preferi não contrariá-la. Foi uma decisão equivocada.

Desde que mamãe morreu, na primavera passada, venho pensando em você e me perguntando se deveria entrar em contato. Foi providencial que tenha decidido iniciar sua busca agora.

Michael me disse que você mora em Massachusetts, que é professor e se casou há pouco tempo. Você e sua esposa estariam interessados em vir a Nova York para conhecerem tanto a mim quanto ao meu marido, Jonathan? Ficaria encantada em convidá-los para jantar. Acho que seria uma oportunidade de nos conhecermos melhor.

É improvável que você vá ter notícias de Audrey, por motivos que preferiria explicar

823/1201

pessoalmente.

Mas

estou

disposta

a

encontrá-lo e contar-lhe o que sei sobre a história da nossa família.

Envio em anexo meu cartão de visita com o número do meu telefone de casa e e-mail pessoal no verso. Peço que não se assuste com o fato de eu ser psiquiatra. Juro que não atendo membros da família e, além disso, sou especializada em psiquiatria infantil. Então, mesmo sendo tão jovem, você já está velho demais para ser meu paciente...

Aguardo notícias suas e espero que possamos nos encontrar. Por favor, não hesite em me telefonar ou escrever.

Sua irmã,

Kelly.

Gabriel se deixou sentar em uma cadeira e ficou ali, olhando para as folhas.

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

Depois do jantar, Julia releu a carta de Kelly Davies Schultz.

– O que acha? – Ela a dobrou com cuidado antes de devolvê-la para Gabriel.

– Tenho minhas dúvidas.

– Ela me pareceu simpática. E engraçada também. Por que a desconfiança?

– Eles tentaram me deserdar. Como vou saber que não é um golpe?

– Um golpe? Para quê? O dinheiro foi distribuído há anos.

Ele cruzou os braços diante do peito.

– Talvez queiram informações.

– Querido, quem tem informações é ela. Você queria ter a chance de descobrir mais sobre a história da sua família, especialmente no que diz

825/1201

respeito à saúde dos seus pais. Acabou de receber essa chance. Achei que fosse ficar feliz. Ela se sentou à cadeira do seu lado.

– Quando podemos ir?

A expressão no rosto de Gabriel ficou tensa.

– Quanto antes eu resolver isso, melhor.

– Temos planos de passar o Natal e o Ano-Novo em Selinsgrove. Vou querer ir antes se Diane tiver o bebê.

Gabriel cravou seu olhar nela.

– Você está muito enrolada agora. Venho tentando ajudá-la a recuperar o tempo perdido e prometo que continuarei fazendo isso.

Julia deu um meio sorriso.

– Tenho a sensação de que vem um “mas” por aí.

– Você ficaria chateada se eu lhe dissesse que quero fazer isso imediatamente? Talvez na segunda semana de dezembro, assim que as aulas
826/1201

terminarem? Posso pedir para algum aluno cuidar das provas.

Julia arranhou a mesa da cozinha com a unha.

– É nessa época que preciso enviar minha palestra para publicação. E estarei finalizando os artigos do curso para entregá-los. Acho que seria
o pior momento para viajar.

– Estava pensando que talvez eu devesse fazer isso sozinho.

Julia examinou as próprias unhas como se elas fossem fascinantes.

– Você não tem ideia do que vai descobrir.

Acho que vai precisar do meu apoio.

Gabriel sorriu.

– Sempre vou precisar de você, Julianne. Mas acho que meu primeiro encontro com Kelly deve ser só entre mim e ela. Se houver alguma revelação desagradável, terei que saber lidar com isso.

827/1201

– Se você prefere assim. Não podemos visitá-la

na semana do Natal ou perto disso?

– Não acho que seja uma boa ideia adiar. Pode ser que ela mude de ideia. E, sem dúvida, quanto mais cedo eu souber sobre meu histórico médico, melhor. – Ele a fitou com um olhar significativo.

– Eu jamais lhe pediria que fizesse algo que pudesse colocar seu doutorado em risco.

– Está bem. – Julia não pareceu muito entusiasmada.

– Podemos pedir para Rebecca ficar aqui enquanto eu estiver fora. Assim, você não ficará sozinha. Vai ser uma viagem curta. Dois ou três dias, no máximo. Vou ver se consigo marcar uma reunião com o advogado que cuidou da partilha dos bens do meu pai e encontrarei Kelly. Logo em seguida, voltarei para casa.

Ele pegou a mão de Julia, traçando a linha da vida dela com o polegar.

– Não consigo chamá-la de minha irmã.

828/1201

– Ainda acho que eu deveria ir com você.

– Você acabou de dizer que não tem tempo.

Precisa trabalhar. E sei que acabo distraindo você.

– Ele lhe ofereceu o que esperava ser um olhar provocante.

– Você me distrai mesmo.

– Ótimo. – Ele a ergueu nos braços e começou a andar em direção às escadas. – Prepare-se para uma bela dose de distração.

Julia pousou as mãos nos bíceps dele, fazendo-o parar.

– Me largue.

– Vou largá-la assim que chegarmos à cama.

– Preciso lhe dizer algo que você não vai gostar de ouvir.

– Então fale de uma vez – disse ele, tenso.

Ela se contorceu em seus braços e ele a largou ao pé da escada.

– Sua viagem a Nova York vai trazer à tona muitas lembranças sobre os seus pais. É óbvio

829/1201

que vou fazer de tudo para ajudar. Mas ainda não falamos sobre uma coisa muito importante, que é o perdão.

– Perdoar meus pais? – explodiu ele. – Que piada.

– O perdão é libertador. Ele serve tanto para você quanto para eles.

Gabriel se afastou dela.

– Não posso perdôá-los. Eles não merecem.

– Quem merece perdão, Gabriel? Você? Eu?

– Você, com certeza.

– Além de Deus, as únicas pessoas que podem me perdoar são as que fiz sofrer. Esse é o poder que nós temos. Podemos usá-lo para o bem, para perdoar quem nos fez mal. Ou podemos usá-lo para nos agarrarmos a velhas mágoas e feridas, que dessa forma nunca se fecharão.

Julia tornou a agarrar a mão dele.

– Não estou dizendo que eles mereçam. E certamente não estou lhe pedindo que esqueça ou

830/1201

perdoe nada do que tenha acontecido. Só quero que pense nisso.

– Já pensei até demais. A resposta é não.

– Como pode pedir perdão a Paulina se não está disposto a perdoar seus pais?

O ar escapou dos pulmões de Gabriel como se ela tivesse lhe dado um murro no peito.

– Não diga isso – sussurrou ele.

– Apenas pense no que eu disse, meu amor.

Pense na reconciliação com Maia e no que isso significou para você. E imagine o que significaria para o seu pai ouvir que você o perdoa.

Gabriel a levou para o andar de cima, mas não falou mais nada.

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

Enquanto Julia finalizava seus artigos e revisava sua palestra para publicação, Gabriel foi ao urologista para uma consulta de rotina no dia 5 de dezembro e depois pegou um voo para Nova York.

Assim que fez o *check in* no Ritz-Carlton, percebeu que tinha cometido um erro. Deveria ter

trazido Julia. A bela cama de casal estaria fria naquela noite. Ele detestava dormir sozinho. Isso sempre o fazia lembrar da separação dos dois, algo que Gabriel abominava.

Ele deu alguns telefonemas – para Lucia Barini na Colúmbia, para o advogado do pai e para Julia. Ficou desapontado quando a última ligação caiu na caixa postal.

832/1201

“Julianne, já cheguei a Nova York. Estou hospedado no Ritz-Carlton, quarto 411. Vou jantar com Kelly hoje à noite e depois voltarei para o hotel.

Conversamos mais tarde. Te amo.”

Gabriel encerrou o telefonema com um suspiro de frustração. Então preparou-se para encontrar a irmã.

Quando chegou ao Tribeca Grill, foi conduzido a uma mesa para dois, na qual uma mulher loura e mais velha estava sentada. Ao erguer os olhos para ele, Gabriel viu um par de olhos azuis iguais aos dele mesmo. Ela tapou a boca com a mão antes de se levantar.

– Eu sou a Kelly.

– Gabriel Emerson. – Ele apertou a mão dela, meio constrangido.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Você é igualzinho a ele.

– A quem?

833/1201

– Ao papai.

Por reflexo, Gabriel recolheu a mão de volta.

Kelly se esforçou para sorrir.

– Desculpe. Sente-se. – Ela gesticulou para a cadeira vazia à sua frente.

Ela se sentou e secou os olhos com um guardanapo.

– É que foi um choque vê-lo entrar. Você se parece tanto com papai quando jovem. Quantos anos tem, se não se importa que eu pergunte?

– Trinta e cinco.

– Eu me lembro dos meus 35. Não vou fazer charme e pedir que você adivinhe a minha idade. Tenho 49.

Gabriel assentiu, os músculos do maxilar se retesando e relaxando. Tentou encontrar algo para dizer, mas não conseguiu. Por sorte, foram interrompidos pelo garçom. Os dois pediram bebidas e bateram papo enquanto o esperavam voltar. Então pediram seus pratos, aguardando

834/1201

quase com impaciência que o garçom se retirasse outra vez.

Kelly se inclinou para a frente em sua cadeira.

– Estou muito feliz em conhecê-lo. Obrigada por aceitar meu convite.

– Não por isso. – Gabriel tentou forçar um sorriso.

– Eu lhe devo um pedido de desculpas.

O sorriso dele desapareceu.

– Por quê?

– Como falei na carta, deveria ter procurado você quando soube da sua existência. Deveria ter feito o que era certo em vez de me preocupar em contrariar ou não a minha mãe.

Gabriel levou suas mãos aos talheres.

– Já faz muito tempo. Não precisamos falar sobre isso.

– Obrigada. Devo dizer que mamãe sabia de você, mas nunca tocou no assunto, nem mesmo

835/1201

depois de papai morrer. Ela nunca o perdoou por ter tido uma amante.

O corpo de Gabriel ficou visivelmente tenso.

– Então você não sabia que eu existia, antes da partilha?

– Não, mas conheci sua mãe. Lamento que ela tenha morrido. – Kelly olhou para ele com compaixão.

– Obrigada. – Gabriel se empertigou na cadeira.

– Ela morreu quando eu tinha 9 anos. Mas a família que me adotou é muito boa.

– Michael mencionou isso. Ele me disse que papai se manteve informado a seu respeito e sobre tudo o que você fazia por anos e anos. Gabriel arqueou as sobrancelhas.

– Como é?

– Você não sabia?

– Não. Ele foi embora de Nova York logo depois que minha mãe morreu. Não tive nenhum contato com seu pai depois disso. – Gabriel
836/1201

trincou os dentes. – Nenhum telefonema, nenhuma carta, nada.

– Sinto muito. Achava que você e ele tivessem mantido contato, com base no que Michael disse.

– Kelly tomou um gole do seu vinho, pensativa. – Ele me contou que papai sabia qual família o havia adotado, e também que você foi para Princeton e Harvard. Aparentemente, eles continuaram conversando a seu respeito ao longo dos anos. – Se ele tinha interesse em discutir minha vida com o advogado, por que não se interessou em dar um telefonema? Ou escrever uma carta? Kelly baixou os olhos para a toalha da mesa.

– Talvez eu possa lançar alguma luz sobre isso. Papai era o tipo de homem que, depois de tomar uma decisão, nunca voltava atrás. – Ela ergueu o rosto, estudando a linguagem corporal de Gabriel com preocupação. – Mas temo que esta conversa esteja aborrecendo você.

837/1201

– Vim aqui em busca de respostas – disse ele, ríspido. – Já sabia que elas não seriam agradáveis.

– Sim, claro. Então você chegou a conhecer papai?

– Eu o encontrei uma vez.

– Mas cresceu na Pensilvânia, depois que foi embora de Nova York?

– Tive a sorte de uma família com contatos no hospital ter concordado em me acolher depois que minha mãe morreu.

– E a família da sua mãe?

Ele fechou a cara e ficou calado.

– Não quero ser enxada. Mas isso sempre me intrigou. Encontrei sua mãe algumas vezes e ela parecia ser muito próxima dos pais. Sempre me perguntei por que você não tinha ido morar com eles.

– Meu avô morreu antes de eu nascer. Minha avó cortou laços com minha mãe por conta das circunstâncias em que fui concebido. Quando ela

838/1201

morreu, minha avó disse à assistência social que não poderia me acolher. Minha mãe adotiva entrou em contato com meu pai, mas ele tinha me deserdado. Eu poderia ter acabado em um orfanato se não fosse pelos Clarks. – A expressão de Gabriel estava carregada.

– Sinto muito. – Kelly tornou a se inclinar para a frente na cadeira. – As coisas não foram nada fáceis para você, não é?

– Você conheceu minha mãe? – perguntou ele, apressando-se em mudar de assunto.

– Ela era uma das secretárias de papai. Era jovem e bonita e, sempre que eu o visitava no trabalho, me tratava muito bem. Eu gostava da sua mãe. Na época em que você nasceu, ou talvez logo depois disso, meus pais tiveram uma série de brigas. Depois as coisas se acalmaram. Então, alguns anos mais tarde, mamãe largou o papai e foi morar com meus avós em Long Island. Após seis meses, eles se reconciliaram e ela voltou a morar

839/1201

com ele em Manhattan. Estou apenas especulando, é claro, mas suponho que a separação tenha tido algo a ver com você. Uma das coisas que me lembro de ouvir mamãe gritando era “aquela criança”. É claro que eu e Audrey não fazíamos ideia do que ela estava falando. Achávamos que eles estavam brigando por causa de alguma de nós.

Gabriel franziu os lábios.

– Quantos anos você tinha quando eles se

separaram?

– Hum... deixe-me ver. – Kelly olhou para o teto. – Uns 23, mais ou menos.

– Então eu tinha 9. Foi quando nós fomos embora de Nova York

– Minha mãe deve ter dado um ultimato a papai, então sua mãe decidiu ir embora.

– Você nunca falou com sua mãe sobre nada disso?

Kelly arregalou os olhos de pavor.

840/1201

– De jeito nenhum. Meus pais brigavam, mas nunca nos contavam o motivo das brigas. Nunca tive coragem de perguntar à mamãe sobre isso, nem depois de adulta.

– Pode me contar mais alguma coisa sobre a minha mãe?

Kelly olhou os talheres, pensativa.

– Ela era bonita e muito carinhosa. Era jovem e cheia de vida. A minha tinha um quê de alpinista social e podia ser muito difícil. Não sei se você tem noção disso, mas a diferença de idade entre os seus pais era considerável. Papai nasceu em 1936. Sua mãe devia ser uns vinte anos mais nova.

– Sim, já sabia. O que pode me dizer sobre ele?

– Eu o amava, mas ele trabalhava muito. Tenho boas lembranças de passear com ele pela cidade e de comermos panquecas juntos nas manhãs de sábado. Ele era um ótimo pai, embora não fosse muito bom marido.

841/1201

– Mas sua mãe o amava.

– Claro. – Kelly soou ofendida. – Ele era bonito e charmoso. Tinha um senso de humor refinado e era muito bem-sucedido. Só tinha o defeito de ser mulherengo. Mas, por incrível que pareça, ele tinha adoração pela minha mãe. – Com essas palavras, os olhos de Kelly ficaram marejados.

Ela

ficou

calada

por

alguns

instantes,

esforçando-se para controlar suas emoções.

– Vejo que isto também está aborrecendo você.

Me desculpe. – O tom de Gabriel era gentil.

Kelly brandiu um lenço de papel no ar antes de secar os olhos.

– Foi um choque quando descobrimos que ele tinha uma amante, e nós, um irmão. Audrey nunca superou esse trauma.

– E você?

Kelly assumiu uma expressão de bravura.

– Tento praticar o que digo aos meus pacientes e aos pais deles. Você não pode controlar todas as 842/1201 coisas que acontecem na sua vida, mas pode controlar a maneira como reage a elas. Eu poderia continuar com raiva do meu pai por ele ter traído minha mãe. E poderia ter raiva da minha mãe por ela ter sido tão dura a ponto de me manter afastada do meu único irmão. Ou poderia optar por perdoá-los, e perdoar a mim mesma, e tentar consertar as coisas.

Ela baixou os olhos para as mãos, pousadas no colo.

– Sempre quis ter um irmão. Só não esperava que ele fosse tão jovem.

– Se servir de consolo, sinto muito. Lamento que minha mãe e seu pai tenham... se envolvido.

– A expressão de Gabriel se abrandou, assumindo um ar compassivo.

Os olhos dela encontraram os dele.

– Obrigada, Gabriel. Mas os tipos mais estranhos de milagres não surgem das piores circunstâncias? Aqui estamos nós, depois de todos esses 843/1201

anos. Por conhecer bem papai, estou certa de ele deve ter cuidado da sua mãe. E de você. Ou então não teria se mantido informado a seu respeito e o incluído no testamento.

– Não tenho tanta certeza. – Gabriel empurrou seu prato para o lado.

– Não consigo imaginá-lo brigando com minha mãe por algo com que ele não se importasse. E não era nenhum segredo que ele sempre quis ter um filho homem. Mas mamãe não queria engravidar outra vez.

Kelly baixou a cabeça para o prato. Mal tocara na comida.

– Quem me dera você tivesse tido mais tempo com ele. Mesmo que, nesse caso, Audrey e eu fôssemos ter ainda menos. – Ela abriu um sorriso triste para Gabriel. – Mas eu teria ficado feliz em dividi-lo.

– E Audrey?

844/1201

– Audrey. – Kelly suspirou. – Audrey ficou do lado de mamãe. Ela vê você como um aproveitador.

– Eu não queria o dinheiro – rebateu Gabriel, levantando a voz – Só o aceitei porque eu e minha família adotiva estávamos passando por dificuldades.

Kelly estendeu o braço por sobre a mesa, pegando a mão dele.

– Não guardo nem um pinga de rancor. – Ela o afagou antes de recolher a mão de volta. – Papai fez uma série de escolhas que tiveram consequências para todos nós. Mas ele está morto. Nossas mães estão mortas. É hora de perdoar e seguir em frente.

Ela fez uma pausa antes de prosseguir:

– Você, Gabriel, sem dúvida não fez nada para nos prejudicar. Poderia ter entrado na justiça e pedido mais. Poderia ter aparecido durante a leitura do testamento e constrangido minha mãe.

845/1201

Poderia ter convocado uma coletiva de imprensa ou falado com algum tabloide. Mas não fez nada disso. Suas atitudes demonstram que é um homem de caráter, e esse foi mais um motivo para eu querer conhecê-lo. Acho que Deus nos

uniu.

Ela lançou um olhar cauteloso para o irmão.

Ele pestanejou.

– Minha esposa também pensa assim. Ela vê a providência divina em tudo.

– Eu concordo com ela. – Kelly terminou seu vinho. – Posso perguntar o que o levou a escrever para Michael?

– Não acho que tenha sido a providência divina. Mas não descarto a possibilidade. – Gabriel brincou com o copo d'água. – Temo que o motivo da minha curiosidade seja mais prático do que qualquer outra coisa. Minha esposa e eu temos planos de começar uma família no futuro.

846/1201

Por isso eu gostaria de saber mais sobre o histórico médico dos meus pais.

– Isso é simples de resolver. Papai morreu de ataque cardíaco. Ele era sedentário, workaholic e comia o que bem entendia. Não sei se ele nasceu com tendência a colesterol alto, embora seja possível. Audrey e eu certamente não temos esse problema. Quanto aos pais dele, até onde sei, morreram já idosos, de causas naturais. Você tem informações sobre eles?

– Nenhuma. Não sei nem como se chamavam. O rosto de Kelly assumiu uma expressão triste.

– Lamento ouvir isso. Temos todos muito orgulho de nossos avós. Vovô era professor, como você. Dava aula de literatura romântica.

– Qual era o nome dele?

– Benjamin Spiegel.

Gabriel se empertigou na cadeira.

– Benjamin Spiegel? O professor Benjamin Spiegel?

847/1201

– Sim. Você o conhece?

– É claro. É o principal teórico do romantismo alemão dos Estados Unidos. Lemos o trabalho dele na faculdade. – Gabriel esfregou o queixo. – Ele era meu avô?

– Sim.

– Mas ele não era...? – A compreensão iluminou o rosto de Gabriel.

Kelly inclinou a cabeça, observando-o com atenção.

– Judeu, sim.

Gabriel parecia confuso.

– Não fazia ideia de que nosso pai fosse judeu.

Nunca me disseram nada.

– Não posso falar pela sua mãe, é claro, mas há uma longa história por trás do silêncio de papai. Quando jovem, ele teve uma briga com o pai e mudou seu sobrenome para Davies, deixando a família e as origens para trás. Quando conheceu e se casou com minha mãe, em 1961, apresentou-se 848/1201

como agnóstico. Portanto, o judaísmo nunca fez parte da nossa família.

Gabriel estava imóvel na cadeira, sua mente a mil por hora.

– Benjamin Spiegel – balbuciou. – Admiro muito os textos dele.

– Ele era um bom homem. Foi rabino, antes de abandonar a Alemanha na década de 1920. Era um professor muito benquisto na Colúmbia. Um dos prédios da universidade ainda tem o nome dele, assim como várias bolsas de estudo. Quando ele morreu, nossa avó, Miriam, fundou uma organização beneficente com seu nome em Nova York. Faço parte do conselho, junto com vários de nossos primos. Estou certa de que você será recebido de braços abertos, se estiver interessado.

– O que a organização faz?

– Nós promovemos a alfabetização e oficinas de leitura junto ao sistema público de ensino de Nova Yorke doamos livros e materiais escolares 849/1201

para os colégios. Também patrocinamos um ciclo de palestras na Colúmbia e no antigo templo que ele frequentava. Jonathan e eu vamos sempre. – Ela sorriu. – Gostamos de dizer que fazemos

parte da linha presbiteriana do judaísmo reformista.

Gabriel retribuiu o sorriso.

– Não sabia que tinha ascendência alemã. Ou judia. A família da minha mãe era inglesa, se não me engano.

– Muitas pessoas ficariam surpresas com o que descobririam em suas árvores genealógicas se voltassem atrás uma ou duas gerações. É por isso que todo esse ódio entre raças e religiões é uma tolice. Somos todos uma grande família, de uma forma ou de outra.

– Concorde.

Kelly sorriu.

850/1201

– Como você é professor de literatura, acho que seria perfeito se desse as palestras na Colúmbia em algum ano.

– É muito gentil da sua parte dizer isso, mas fico inseguro. Sou especialista em Dante.

– A julgar pela biblioteca dele, vovô se interessava por tudo. Estou certa de que havia espaço para Dante.

Gabriel limpou a boca com o guardanapo.

– Não vai ser constrangedor para a família?

Os olhos cor de safira de Kelly assumiram um brilho feroz por alguns instantes, como os de uma leoa.

– Você é da família. Se alguém ousar dizer o contrário, bem ... – A voz dela foi sumindo aos poucos, como se ela estivesse cogitando algo especialmente cruel. – Com exceção de Audrey, acho que todos os demais vão ser civilizados.

851/1201

– Nesse caso, por favor, diga ao conselho que será uma honra. – Ele fez uma pequena mesura com a cabeça.

– Excelente. Vou falar de você com nossos primos.

Kelly afastou seu prato e fez sinal para que o garçom o recolhesse.

– Você não comeu quase nada. – Ela olhou para o prato cheio de Gabriel com certa aflição.

– Estou sem fome.

Gabriel indicou ao garçom que também poderia levar o prato dele. Então pediu um café.

– Eu transtornei você? – perguntou Kelly com voz grave.

Gabriel ficou calado por alguns instantes.

– Não. É só muita coisa para processar. – A expressão de Gabriel mudou e seus olhos brilharam. – A revelação de que o professor Spiegel é meu avô é uma surpresa muito bem-vinda.

Kelly abriu um largo sorriso.

852/1201

– Gostaria de apresentá-lo à tia Sarah, a irmã mais velha de papai. Ela pode lhe contar tudo sobre o pai e a mãe dela e seus tios. Ela é um mulher maravilhosa. Muito inteligente.

Kelly o fitou por um momento.

– Sua mãe alguma vez lhe explicou por que decidiu chamá-lo de Gabriel?

– Não. Meu nome do meio é Owen por causa do nosso pai.

Os olhos azuis de Kelly faiscaram.

– O nome de batismo dele era Othniel. Fique grato por papai ter se livrado dele antes de você nascer.

– Meu nome significa alguma coisa para você?

– Gabriel esperou, ansioso, pela resposta.

– Infelizmente não. Exceto que, quando Audrey era adolescente e meus pais lhe deram um cãozinho de aniversário, ela quis chamá-lo de Gabriel. Papai teve um ataque e a proibiu de fazer isso.

O olhar de Kelly se perdeu ao longe.

853/1201

– Não me lembrava disso até agora. Meus pais também brigaram por causa disso. – Ela tornou a encarar Gabriel. – No fim das contas, ela o chamou de Godfrey, o que é um nome muito bobo para um pomerano. Embora cães dessa raça me pareçam bobos por natureza. Jonathan e eu

sempre tivemos labradores.

Gabriel ficou calado, sem saber o que dizer.

– O nome dele não consta na minha certidão de nascimento – falou após alguns instantes. – Não recebi o sobrenome dele, é óbvio.

Kelly pareceu ficar desconfortável.

– Infelizmente eu já sabia disso. Quando mamãe e minha irmã decidiram contestar o testamento, essa foi uma das evidências que citaram. Mas papai tinha assinado uma declaração juramentada antes de morrer, afirmando que era seu pai e que havia convencido sua mãe a deixar o nome dele fora da certidão de nascimento. Não sei que tipo de promessas papai fez para a sua

854/1201
mãe em troca. Mas ele deve ter se sentido culpado depois.

– Humpf – resmungou Gabriel.

– Na verdade, acho que ele sentiu algo mais do que culpa.

Kelly pegou sua grande bolsa e revirou seu conteúdo.

– Tome.

Ela pousou uma fotografia antiga sobre a mesa, ao lado da xícara de café vazia de Gabriel.

Era uma foto dele com a mãe. Gabriel parecia ter cerca de 5 anos.

– Não me lembro dessa foto. Onde a encontrou? – Ele analisou a imagem de perto.

– Papai guardava uma caixa com objetos pessoais em sua cômoda. Quando mamãe morreu, a caixa veio parar nas minhas mãos. Eu estava dando uma olhada nela uma noite e notei que havia uma parte em que o tecido do forro tinha

855/1201
sido rasgado. Lá dentro, encontrei essa fotografia.

Ele devia mantê-la escondida de mamãe.

– Não sei o que fazer com isso – disse Gabriel.

– Fique com ela, é óbvio. Ainda tenho outras coisas para lhe dar.

– Não poderia aceitá-las.

– Você lê alemão?

– Leio.

– Ótimo. – Ela riu, o som delicado e melodioso.

– Entendo um pouco, porque papai costumava falar alemão de vez em quando, mas não consigo ler. Então não tenho serventia para os livros do meu avô. E também não uso as abotoaduras de papai. Portanto, você estará me fazendo um favor ao tirar essas coisas das minhas mãos. Na verdade, considerando o tamanho do nosso apartamento e a quantidade de coisas que temos dentro dele, seria um *mitzvah*.

– Um *mitzvah* – murmurou ele, enquanto o garçom lhes servia o café.

856/1201

– Estou sendo muito indelicada, Gabriel, falando o tempo todo sem nem perguntar nada sobre você e sua esposa. Espero ter a chance de conhecê-la.

– Eu gostaria que isso acontecesse. – Gabriel enfim abriu um sorriso. – O nome dela é Julianne. Ela está fazendo doutorado em Harvard.

– Que nome mais bonito. Há quanto tempo estão casados?

– Desde janeiro.

– Ah, recém-casados. Você tem alguma foto dela?

Gabriel tornou a limpar as mãos com o guardanapo antes de pegar seu iPhone. Passou as imagens rapidamente até chegar a uma foto recente de Julia sentada à mesa dele na casa de Cambridge. Sem pensar no que fazia, traçou a curva do seu rosto com o polegar enquanto olhava a imagem.

Kelly o observava com muita atenção.

857/1201

Ele entregou o telefone para a irmã.

– Você deve amá-la muito.

– Amo, sim.

– Ela parece jovem.

Gabriel mal conseguiu conter uma carranca.

– Ela é mais nova do que eu, sim.
Kelly deu uma risadinha.
– Na minha idade, todo mundo parece jovem.
Estava prestes a devolver o telefone para ele quando se deteve. Olhou a foto mais de perto. Então cutucou a tela para aumentá-la.
– O que é isso em cima da mesa? – Ela estendeu o telefone para Gabriel, apontando para um pequeno objeto preto.
– É uma locomotiva. Eu a tenho desde criança.
Julia achou que daria um bom peso de papel.
Kelly tornou a olhar para a foto.
Gabriel franziu as sobrancelhas.

– O que foi?
– Ela me parece familiar.

858/1201

– Familiar?

Kelly ergueu a cabeça para encará-lo.
– Papai tinha uma parecida, de quando era criança. Ele guardava a locomotiva e dois vagões na cômoda. Então, um belo dia, a locomotiva sumiu. Quando Audrey lhe perguntou o que tinha acontecido, papai disse que ela havia quebrado. Mesmo na época, achamos que era uma desculpa esfarrapada. A locomotiva era de ferro. De quem você ganhou a sua?

– Não me lembro. Sempre a tive.

– Interessante – sussurrou ela.

– Por quê?

– A de papai era o brinquedo favorito dele quando criança. Acho que chegou inclusive a gravar as iniciais de seu nome na parte de baixo.

– Ela fitou Gabriel com um olhar significativo. – Quando chegar em casa, poderia dar uma olhada? Eu gostaria de saber.

– Isso faria alguma diferença?

859/1201

– Se for a locomotiva que estou pensando, então deve ter ganhado dele. Como o brinquedo era muito importante para ele, creio que você fosse tão importante quanto.

Ela devolveu o telefone a ele.

– Não consigo acreditar nisso.

Ela brincou com a xícara de café, girando a colher antes de depositá-la sobre o pires.

– Mas eu o conheci, entende? Durante anos. Era um homem complicado, intransigente, mas não era cruel. Se viu preso entre sua mãe e você e minha mãe e nós duas. Não estou dizendo que tenha feito a escolha certa. Se tivesse sido mais forte e minha mãe mais complacente, poderia ter tido todos os seus filhos vivendo na mesma cidade. Tudo isso me faz lembrar um pouco da história bíblica de Hagar e Ismael. Não posso deixar de suspeitar que minha mãe fez o papel de Sara. Embora o nome dela fosse Nancy. Quero acreditar que ele o amava. Que se importava com
860/1201

você e que foi por isso que o acompanhou de longe e o incluiu no testamento.

– Não consigo acreditar nisso – repetiu Gabriel com frieza.

– Mas é possível, irmão. Ele não era um monstro. E “há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha nossa vã filosofia”.

– *Hamlet* – disse Gabriel, a contragosto.

– Gosto de pensar que nosso avô estaria orgulhoso de nós dois. Você foi para Harvard. Eu fui para a Vassar. – Ela sorriu. – A sua esposa... Julianne é religiosa?

Gabriel guardou a foto que Kelly lhe dera no bolso interno do paletó.

– Sim. Ela é católica e dá importância à sua fé. Sem dúvida tenta viver de acordo com ela.

– E você?

– Eu me converti ao catolicismo antes de nos casarmos. Acredito, se é isso que está me perguntando.



861/1201

– Acho que não temos nenhum católico no conselho da nossa fundação. Você será o

primeiro. – Kelly fez sinal para o garçom trazer a conta. – Espere só até os primos saberem que agora temos um membro católico do judaísmo reformista.

“Foi um erro”, Gabriel bufou para o celular assim que a ligação caiu na caixa postal de Julia. “Eu não deveria ter vindo sem você. Julianne, eu preferiria que você não desligasse seu telefone. É a melhor maneira que tenho de entrar em contato.

Já passa da meia-noite e acabei de voltar para o hotel depois de jantar com Kelly. Desculpe por não ter podido ligar antes. Nossa conversa se estendeu mais do que o esperado. Ela é muito simpática.

Você tinha razão, como sempre. Engraçado como você quase sempre tem razão.” Ele suspirou

862/1201

devargar. “O retrato que Kelly pintou do nosso pai é bem diferente daquele que guardo em minha

memória. Não tive coragem de lhe contar que o

homem que ela adorava batia na minha mãe.” Ele suspirou de novo. “Querida que você estivesse aqui.

No fim do jantar, eu já estava começando a duvidar das minhas lembranças. A duvidar de mim

mesmo. Preciso lhe pedir uma coisa. Pode dar uma olhada na locomotiva em cima da minha mesa

para ver se tem algo gravado na parte de baixo dela? É importante. Vou ter que prolongar minha estadia. Kelly quer me apresentar a uma tia na sexta-feira. Isso significa que só voltarei no sábado.

Desculpe por isso, mas achei que seria melhor amarrar todas as pontas soltas antes de voltar para casa. Ligue para mim assim que receber esta

mensagem, não importa que horas sejam.” Ele fez uma pausa. “Apparuit iam beatitudo vestra . Amo você.”

863/1201

Gabriel jogou o celular em cima da cama grande e vazia.

Ainda estava digerindo a conversa com a irmã.

Tinha ficado surpreso com grande parte do que ela lhe dissera. Ficara claro que o relacionamento dela com o pai era amoroso e bom. Nesse sentido,

como em tantos outros, era como se ele e Kelly tivessem tido dois pais diferentes.

Algumas de suas perguntas haviam sido respondidas, o que era um alívio, ainda que as respostas levassem a mais perguntas. A notícia refer-

ente ao seu avô era ótima. Um sentimento de ternura se espalhou pelo seu peito ao pensar nisso.

Pelo menos tenho um parente de sangue de que possa me orgulhar, além da minha irmã.

Como ele desejava poder voltar para casa, encontrar Julianne adormecida e lhe contar tudo o que havia acontecido. Como desejava poder se aninhar nos braços dela e apagar aquele dia da

864/1201

memória. Cometera um erro colossal ao decidir fazer aquilo sozinho. E agora, como sempre, via-se obrigado a lidar com as consequências.

Amaldiçoando a si mesmo, foi para o chuveiro, na esperança de que a água quente o ajudasse a espairer. Em seguida, terminaria de ler o diário de sua mãe, para tentar descobrir a verdade sobre

o relacionamento dos seus pais.

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

5 de dezembro de 2011

Washington, D.C.

Natalie Lundy olhava para a fotografia em estado de choque.

Um estranho zumbido ecoou em seus ouvidos enquanto seu mundo parava de girar bruscamente. Ela continuou a olhar a foto em preto e branco – para o homem e a jovem loura que se abraçavam e sorriam para a câmera; para o grande diamante solitário que brilhava no dedo da mulher; para o anúncio da união de duas famílias poderosas no cenário político.

O estômago de Natalie embrulhou. Ela se debruçou sobre o cesto de lixo e botou para fora

866/1201

todo o café da manhã. Trêmula, limpou a boca e cambaleou até o banheiro.

Bebeu um copo d'água e botou a mente para funcionar. Ela havia acabado de perder tudo. Já ouvira os boatos, claro. Mas também sabia que Simon só estava com a filha do senador Hudson por motivos políticos. Ou pelo menos foi o que ele dissera da última vez em que estivera na sua

cama, no fim de agosto.

Ela havia feito tudo o que ele mandara. Tinha trabalhado para o pai dele e mantido a boca fechada. Mandava e-mails ou telefonava para Simon de vez em quando, mas suas respostas foram rareando até ele passar a ignorá-la por completo, em algum momento de novembro.

Ele estava fazendo Natalie de boba. Havia anos, na verdade. Sempre correndo atrás de outras mulheres enquanto se satisfazia com o corpo dela.

867/1201

E ela fizera coisas por ele. Coisas que não queria fazer, como diversas práticas sexuais e fingir que não se importava de ele comer outras mulheres.

Ela olhou para o seu reflexo no espelho do banheiro e uma ideia terrível lhe ocorreu.

Natalie não tinha nada a perder. Simon tinha e, por Deus, ela iria garantir que ele perdesse.

Ela largou seu copo de lado e secou a boca, voltando rapidamente para o quarto a passos firmes. Agachou-se no chão e afastou para o lado uma das tábuas do assoalho debaixo da cama.

Tirou lá de dentro um pen drive e o guardou com cuidado no bolso do blazer. Então recolocou a tábua no lugar.

Pegando o casaco e a bolsa, seguiu em direção à porta. Enquanto chamava um táxi, não notou o carro preto estacionado do outro lado da rua.

Tampouco percebeu quando ele entrou no tráfego atrás do táxi dela, seguindo-o a uma distância segura.

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

– Gabriel, você está recebendo minhas

mensagens? Esta é a terceira vez que ligo e cai na caixa postal. Deixei uma mensagem para você ho-je de manhã sobre a locomotiva. Tem duas letras gravadas na parte de baixo, “OS”. Não sei o que significam. Fazem algum sentido para você?

Como sabia que haveria alguma coisa ali? Nunca as havia notado. Que pena que vai ter que prolongar sua estadia, mas entendo. Espero que o encontro com sua tia corra bem. Estou na biblioteca

trabalhando no último artigo que preciso entregar. Como você sabe, não posso falar ao telefone aqui dentro. Me mande um torpedo que ligo de volta. Amo você. E estou com saudades.

Julia gemeu ao desligar. As mensagens de Gabriel vinham sendo cada vez mais melancólicas e



869/1201

tristes. De alguma forma, entre os assuntos que ele precisava resolver e o esforço dela para finalizar e submeter sua palestra a publicação, eles

havam se afastado. Julia estava preocupada com ele.

Pelo menos, se conseguisse terminar aquele último artigo, o semestre estaria concluído. Então ela e Gabriel poderiam começar a aproveitar o recesso de Natal.

Ela começou a digitar com determinação em seu laptop.

– O que acha de Giuseppe Pacciani, de Florença?

– perguntou Lucia Barini, chefe do departamento de italiano da Universidade Colúmbia, olhando para Gabriel do outro lado da sua mesa.

Ele bufou.

870/1201

– Nada de mais. Ele publicou algumas coisas além do seu livro, mas nada muito significativo, em minha opinião. Por quê?

– Estamos procurando alguém para substituir um de nossos professores que está para se aposentar, e ele está na nossa lista preliminar. Gabriel ergueu as sobrancelhas.

– Ah, é?

– No entanto, uma aluna do mestrado fez algumas alegações bem graves contra ele, que remontam à época em que ela era aluna dele em Florença. Você a conhece, Christa Peterson. Gabriel fez uma careta.

– Sim, conheço.

– Ouvi os boatos sobre o que aconteceu em Toronto. Também ouvir dizer que foi Christa que

os espalhou e que ela é um dos motivos pelos quais você e Julianne não estão mais lá.

871/1201

– Julianne foi aceita em Harvard. Nós iríamos nos casar. Eu já vinha querendo sair de Toronto – disse Gabriel em tom frio.

Lucia abriu um sorriso amigável para ele.

– É claro. Só fiquei sabendo dos problemas que Christa havia causado depois de Jeremy Martin me convencer a aceitá-la. Caso contrário, não teria me mostrado disposta a isso. Recebemos muitas candidaturas e posso me dar ao luxo de ser exigente.

Gabriel se limitou a ficar sentado ali, imóvel como uma estátua.

Lucia tirou os óculos.

– A esta altura, já percebi que Christa é uma encrueira e que tem uma tendência a criar confusão aonde quer que vá. Teve problemas com Pacciani em Florença, teve problemas em Toronto e, ao que parece, teve problemas com Katherine Picton em Oxford nesse verão. Katherine me telefonou para dizer que eu deveria

872/1201

começar a ensinar etiqueta para os nossos alunos, uma vez que é óbvio que eles não sabem se comportar em público. – Lucia falava com toda a seriedade. – Não gosto de receber esse tipo de telefonema de ninguém, muito menos dela. Este semestre os professores do departamento me informaram que ninguém quer fazer parte da banca examinadora de Christa. Estão com medo de serem acusados injustamente de assédio.

Gabriel a encarou com um olhar incisivo.

–

Eles

têm

toda

a

razão

de

estarem
preocupados.

– Foi o que pensei, também. Agora estou na posição desconfortável de ou ter que orientar Christa eu mesma, e ofender Katherine, ou lhe dizer para procurar outro lugar.

Lucia atirou os óculos sobre a mesa à sua frente.

– Você por acaso teria alguma sugestão?

Gabriel fez uma pausa, sabendo que, naquele instante, a carreira acadêmica de Christa estava 873/1201

nas suas mãos. Ele poderia explicar, com riqueza de detalhes, o que de fato acontecera em Toronto e em Oxford, e demonstrar até onde Christa era capaz de chegar para obter uma conquista sexual. Esse tipo de informação com certeza acabaria com qualquer dúvida que Lucia pudesse ter. Ele tirou os óculos do bolso e então os guardou de volta, ciente de quais seriam as palavras que Julia (e São Francisco) sussurrariam em seu ouvido.

Expor Christa também significaria expor a si mesmo e Julianne. Ela não queria alimentar boatos desse tipo. E merecia poder estar diante de um auditório repleto de acadêmicos e ser vista por quem era, não como parte de um escândalo. Lucia era sua amiga, mas não íntima. Gabriel não queria relembrar cada encontro que já tivera com Christa Peterson e causar constrangimento para si e para a esposa. Pelo bem dela, e pelo bem 874/1201 da sua reputação, decidiu tomar uma direção diferente.

– Deixando de lado as questões pessoais, posso lhe dizer que o trabalho que Christa me apresentou era medíocre.

– Tive a mesma impressão. Se você juntar isso ao comportamento dela... – Lucia deu de ombros. – Ela é um risco para o departamento.

– Duvido que Pacciani também não tenha sua parcela de culpa. Eu já pude vê-lo em ação.

– Ele representa outra situação complicada. –

Lucia gesticulou para uma pasta de arquivo aberta em cima da sua mesa. – Christa está fazendo alegações sobre o comportamento dele no passado, mas há relatos de que ele costuma levar suas alunas para a cama, e é por isso que quer tanto sair de Florença. Por motivos óbvios, não quero isso no meu departamento. É uma certeza de processos judiciais.

875/1201

– Claro – falou Gabriel, batendo o pé no chão inconscientemente.

Lucia guardou seus óculos em um estojo, que enfiou na bolsa.

– Chega de falar dos meus problemas. Deixe-me convidá-lo para almoçar. Tenho reserva no Nel Posto.

Ela se afastou da mesa.

– Temos muita conversa para colocar em dia. É verdade que Julianne falou para Don Wodehouse que a pergunta que ele fez era irrelevante para a sua tese?

Gabriel soltou uma gargalhada.

– Não, não é verdade. Pelo menos não nesses termos.

Os dois saíram da sala, Gabriel descrevendo com orgulho a apresentação de Julianne e a maneira como ela respondeu às perguntas, inclusive a do professor Wodehouse, do Magdalen College.



876/1201

– Maldição. – Gabriel xingou seu iPhone, que parecia ter morrido.

Como se tivesse o poder de ressuscitar os mortos, ele o sacudiu, pressionando o botão liga/desliga repetidamente. Já estava quase decidido a atirá-lo no Central Park por pura frustração quando se lembrou de que havia esquecido de carregá-lo na noite anterior.

– Julianne vai ficar preocupada – balbuciou ele enquanto caminhava pelas ruas de Nova York até

o escritório de Michael Wasserstein.

O Sr. Wasserstein estava aposentado, mas, como tinha sido o advogado de Owen Davies desde que redigira um acordo pré-nupcial para ele em 1961, concordara em receber Gabriel em seu antigo escritório.

Gabriel conferiu seu relógio. Ainda tinha tempo suficiente para fazer uma ligação rápida para 877/1201

Julianne de um telefone público antes de sua reunião.

Encontrou um na altura do Columbus Circle, passou seu cartão de crédito na ranhura e discou o número do celular dela. Após alguns toques, a ligação caiu na caixa postal.

– Maldição – resmungou ele outra vez.

“Julianne, pelo amor de Deus, atenda a droga do telefone. Vou ter que comprar um pager para vo-cê.” Ele bufou alto. *“Desculpe. Isso foi grosseiro.*

Será que pode atender o celular? Estou ligando de um telefone público porque me esqueci de carregar o iPhone ontem à noite e fiquei sem bateria. Assim que voltar ao meu quarto, irei recarregá-lo.” Ele fez uma breve pausa. *“Agora já não lembro se*

trouxe o cabo. Não consigo me lembrar de mais nada. Está vendo o que acontece quando fico longe de você? Tenho sorte de ainda não ter virado um mendigo. Estou indo me encontrar com o advogado do meu pai. Pelo jeito, ele tem coisas a me



878/1201

dizer que prefere não colocar por escrito.” Houve uma pausa mais longa. *“Querida que você estivesse aqui. Amo você. Me ligue assim que receber esta mensagem.”*

Gabriel colocou o telefone no gancho e saiu andando, seus pensamentos voltados para a reunião iminente.

– Como vão as coisas, Rachel? – perguntou Julianne à amiga do outro lado da linha de uma chamada de longa distância.

– Tudo bem.

O estado de espírito de Rachel, em geral animado, decididamente não era o mesmo.

– Qual o problema?

Julia ouviu uma porta se abrir e ser fechada em

seguida.

879/1201

– Estou entrando no quarto para Aaron não me ouvir.

– Por quê? Aconteceu alguma coisa?

– Sim. Não. Quero dizer, não sei. – Rachel parecia exasperada.

– Posso ajudar?

– Você pode me engravidar? Se puder, coloco você no próximo voo para a Filadélfia. E ainda providencio que seja canonizada por fazer um milagre.

– Rach. – O tom de Julia era de leve censura.

– O que há de errado comigo? – Rachel começou a chorar.

Ouvir os soluços da melhor amiga partiu o coração de Julia. As lágrimas de Rachel eram os gritos do fundo da alma de uma mulher que queria desesperadamente ser mãe.

– Rachel, querida. Sinto muito. – Os olhos de Julia ficaram marejados ao ouvir a amiga chorar, sem saber o que dizer.

880/1201

Quando as lágrimas de Rachel cessaram, ela falou:

– Nós dois fomos ao médico. O problema não é com Aaron. O problema sou eu. Não estou ovulando. Terei que começar a tomar injeções de hormônios na esperança de que eles consigam colocar meus ovários para funcionar. Senão... Rachel fungou.

– Sinto muito. Essas injeções de hormônios são muito ruins? – perguntou Julia, titubeante.

– Pode-se dizer que sim. Droga, não sei por que meu corpo não quer colaborar! A única vez que peço que ele faça algo de importante, ele me deixa na mão. Não entendo.

– O que o Aaron diz disso?

Rachel riu.

– A questão é o que ele não diz. Ele vive falando que está tudo bem, que tudo vai dar certo.

Preferiria que me dissesse que está puto da vida e decepcionado.

881/1201

- E ele está?
- Como poderia não estar? Eu estou.
- Com certeza ele está aborrecido por você também estar.
- Isso não me ajuda.
- Então converse com ele.
- Para quê? Para podermos discutir o fracasso que eu sou? Não, obrigada.
- Rach, você não é um fracasso. E parece que ainda tem opções. Então não perca as esperanças. Rachel não falou nada.
- Quer vir me visitar? – perguntou Julia.
- Não posso. Estou muito enrolada no trabalho agora. Mas vocês vêm passar o Natal conosco, não vêm?
- Vamos, sim. Chegaremos na semana que vem, acho. Assim que Diane entrar em trabalho de parto.
- Tem tido notícias deles?

882/1201

- Ligo para lá todo domingo e Diane me mantém atualizada por e-mail. Até agora, tudo está correndo bem, mas eles ainda estão preocupados com os efeitos do estresse do parto sobre o bebê. Ela vai dar à luz no Hospital Pediátrico, o que significa que eles terão que ir de carro até a Filadélfia quando ela entrar em trabalho de parto.

Ou talvez até precisem se hospedar em um hotel lá por volta da data do nascimento.

- Para quando é o bebê?
- Vinte e três de dezembro.

Rachel tornou a ficar calada.

Julia ouviu o som de uma porta se abrindo, seguido da voz de Aaron.

- Jules, tenho que desligar. – A voz de Rachel estava abafada. – Mas volto a ligar outra hora, es-tá bem?
- Claro. Amo você, Rachel. Não perca as esperanças.



883/1201

– É tudo o que me resta. – Rachel fungou uma última vez antes de encerrar a ligação.

Julia devolveu o fone ao gancho e em seguida fez uma longa prece pela amiga.

– Isso é ridículo – disse Julia na noite seguinte, empurrando o celular pelo balcão da cozinha.

– O que houve? – perguntou Rebecca, chegando da área de serviço com uma pilha de panos de prato recém-lavados.

– Gabriel. Estou recebendo as mensagens dele, mas não conseguimos nos falar desde que viajou. Sempre que ligo, cai na caixa postal, tanto no celular quanto no hotel. – Ela pousou a cabeça nas mãos. – Encontrei o cabo do celular dele lá em cima. Ele vai ter que comprar outro. Ou me ligar do hotel. Mas parece que está o tempo todo na rua.

884/1201

– Eles tiraram quase todos os telefones públicos das ruas de Nova York. Não vai ser fácil encontrar um.

Rebecca dobrou os panos de prato e os guardou em uma gaveta. Julia tamborilou no balcão de granito, lançando um olhar afiado para seu celular.

– Eu deveria ter ido com ele.

– Por que não foi?

– Tinha que terminar alguns artigos. Ainda tenho mais um para escrever, mas agora não consigo me concentrar. – Ela ergueu o rosto para encarar Rebecca. – Estou preocupada com ele.

– Tenho certeza de que ele está bem. Embora não seja do feitio dele esquecer as coisas. – Rebecca gesticulou para o cabo do celular. – Ele geralmente é tão...metucioso. – Esse é um jeito bastante educado de colocar a coisa.

885/1201

Julia olhou para as correspondências que Rebecca havia empilhado na ilha da cozinha e notou um envelope da companhia aérea Jet Blue endereçado a Gabriel.

Ela se levantou, as costas eretas.

– Acha que consigo um voo para Nova York hoje à noite? – perguntou Julia, pegando o laptop.

– Não vai ser barato, mas você pode tentar. – Rebecca deu um sorriso gentil. – Não faz nem dois dias que ele viajou.

– Parece uma eternidade – balbuciou Julia. Rebecca a olhou com ar compreensivo.

– Isso é porque vocês ainda são recém-casados. Julia acessou o site da Jet Blue e começou a digitar furiosamente.

– As passagens são uma fortuna – lamentou ela, enquanto descia a barra de rolagem por várias páginas.

– Pense nisso como um presente de Natal adiantado.

886/1201

– Se bem que eu nem gasto muito dinheiro em coisas para mim – ponderou. – Gabriel é quem faz questão de pagar os olhos da cara por tudo.

– Quando a vir, ele vai ficar feliz por você ter comprado a passagem. – Rebecca olhou de relance para as escadas. – Posso pegar a sua mala e ajudar você a arrumá-la, se quiser. Se o voo for hoje à noite, é melhor andar logo. Não vai querer ficar presa no trânsito na hora do rush, a caminho do aeroporto.

Julia levantou os braços e abraçou Rebecca.

– Obrigada. Ele vai ficar muito surpreso.

– Ele provavelmente está mais arrasado do que você – comentou Rebecca, enquanto seguia em direção à escada.

Julia ainda estava arrumando a bagagem de mão quando Rebecca entrou correndo no quarto, dizendo-lhe que o táxi estava a caminho. Sua pressa de chegar ao Aeroporto Logan era tanta que ela pegou rapidamente a maquiagem e a



887/1201

escova de dentes, deixando todos os outros artigos essenciais para trás.

Guardou o laptop e sua pesquisa na mala (muito mais importantes do que qualquer objeto de uso pessoal, uma vez que ela precisava terminar seu último artigo), localizou a bolsa e chegou à porta da frente bem a tempo de receber o táxi que chegava.

Em duas horas, Julia estava no Aeroporto Logan esperando pelo último voo para o Aeroporto John F. Kennedy em Nova York. Deixou uma mensagem para Gabriel com o recepcionista do Ritz-Carlton, dizendo-lhe que chegaria ao hotel mais tarde naquela mesma noite. Aproveitou para pedir que a recepção providenciasse água com gás, morangos e trufas para o quarto deles. Gabriel ficaria surpreso.

888/1201

Antes de sair do táxi, o professor pediu que o motorista o esperasse. Eles haviam parado um pouco mais à frente da casa em que Gabriel estava interessado, para não chamar atenção. Ele voltou devagar pela rua, observando os números das casas. Era um bairro residencial em Staten Island, salpicado de imóveis velhos e pequenos.

Então ele a viu.

A casa em si não tinha nada de especial – pequena e branca, com uma garagem separada e uma entrada para carros curta e asfaltada. Ficava em um terreno de tamanho modesto, com uma estreita faixa de grama que separava a fachada da calçada. Um Mercedes preto que parecia novo estava estacionado no acostamento.

Gabriel ficou parado ali, a duas casas de distância, observando.

Para sua surpresa, a porta da frente se abriu e um homem de cabelos grisalhos saiu. Ele se virou

889/1201

para trás, chamando uma senhora de idade. Depois que ela fechou e trancou a porta, ele pegou seu braço e a ajudou a descer com cuidado os degraus de entrada.

Gabriel se aproximou.

A mulher não devia ouvir direito, pois o homem falava alto, embora não com raiva. Gabriel escutou algo sobre uma consulta médica e a festa de aniversário de um tal de Joey.

A mulher viu Gabriel e se deteve, olhando em sua direção.

Ele diminuiu o passo, finalmente parando na calçada do outro lado da rua. Seu momento havia chegado.

Aquela era sua chance de falar com ela, de exigir respostas às suas perguntas, de revelar quem era.

O homem que a acompanhava olhou para Gabriel e então começou a puxar a mulher pelo braço, ainda falando alto.

890/1201

A mulher desviou os olhos de Gabriel e, obediente, seguiu seu companheiro até o Mercedes, onde ele abriu a porta e aguardou com paciência enquanto ela se acomodava.

O homem pareceu ignorar a presença de Gabriel. Fechou a porta do carro e contornou o veículo. Em seguida, ligou o motor e partiu.

Gabriel ficou olhando o Mercedes dobrar a esquina e sumir de vista.

CAPÍTULO SESSENTA

Já passava bastante da meia-noite quando Gabriel entrou no quarto do hotel. Ele estava exausto e de saco cheio da vida, o cabelo desgrenhado e a gravata torta.

Sem se dar o trabalho de acender a luz, jogou o casaco sobre uma cadeira e chutou suas botas para longe.

(Diga-se de passagem que as botas poderiam lhe dar um ar superdescolado, mas não o faziam porque ele as usava com terno.)

Assim que começou a tirar a gravata, a luz do abajur de uma das mesas de cabeceira se acendeu.

– Mas que...

O xingamento de Gabriel foi interrompido por

uma voz feminina.

– Amor?

892/1201

Os olhos dele se fixaram na imagem de Julianne, nua na cama com os cabelos despenteados, seus olhos castanhos meigos e sonolentos, seus lábios cor de rubi entreabertos, sua voz deliciosamente rouca.

Ela parecia uma gatinha sensual.

– Hum, surpresa! – falou, acenando para ele.

Com um grito, Gabriel correu na direção dela, engatinhou sobre a cama e levou as mãos ao seu rosto para poder beijá-la. Foi um beijo longo e bem dado, suas línguas se tocando até ficarem os dois sem fôlego.

– O que você está fazendo aqui? – Ele afastou o cabelo dela do rosto, num gesto amoroso.

– Vim trazer o cabo do seu iPhone. – Ela apontou para o objeto que ele havia esquecido em casa, agora em cima da mesa de cabeceira.

Os dedos longos dele deslizaram até a nuca de Julia, massageando sua pele. Os olhos de Gabriel brilhavam.

893/1201

– Você pegou um avião para Nova York para me entregar o cabo do meu celular?

– Não só o cabo. Trouxe também o adaptador para ligá-lo à tomada. Caso você queira carregar seu celular... bem, na tomada.

Ele beijou o nariz dela.

– Senti muita falta desse cabo. Obrigado.

– Senti falta do adaptador?

– Ah, com certeza. Muita, muita falta. – Os lábios dele se curvaram em um meio sorriso.

– Estava preocupada com você. Não conseguíamos nos falar ao telefone.

A expressão de Gabriel mudou e seus olhos pareceram cansados.

– Precisamos encontrar uma forma melhor de nos comunicarmos.

– Sinais de fumaça, talvez.

– A esta altura, aceitaria até pombos-correios.
Ela gesticulou para os morangos e chocolates

em cima da mesa, parte deles já consumidos.

894/1201

– Pedi serviço de quarto. Desculpe, mas comecei sem você. Não imaginava que fosse chegar tão tarde.

Ele trocou de posição, recostando-se na cabeceira e puxando-a para seu colo, enrolando o lençol em volta do corpo dela para que não ficasse com frio.

– Se soubesse que estava me esperando, teria vindo horas atrás. Estava em Staten Island, e depois fui ao Brooklyn para ver o apartamento em que morávamos.

– Como foi para você?

– Tudo parecia menor do que eu me lem-

brava... o bairro, o prédio... – Ele colou sua testa

à dela. – Estou feliz que esteja aqui. Me arrependi de ter vindo sozinho quase no instante em que saí de casa.

Julia respirou fundo, sentindo o cheiro dele:

Aramis, café e algo que poderia ser sabonete. Mas nada de fumaça.

895/1201

– Você daria uma ótima agente secreta, Julianne. Não fazia ideia de que estava vindo.

– Deixei uma mensagem para você com o recepcionista. Quando cheguei, ele pediu que um dos mensageiros me acompanhasse até aqui em cima. – Ela correu os olhos ao seu redor. – O quarto é lindo.

Os lábios de Gabriel se contorceam.

– Eu teria reservado uma suíte se soubesse que você viria.

– Isto já está muito melhor do que eu poderia imaginar. E ainda tem uma vista extraordinária para o Central Park

Ele apertou os braços à sua volta.

– Então, agora que está aqui, o que vou fazer com você?

– Vai me beijar. Depois, vai tirar esse terno e me mostrar quanto sentiu falta do cabo do seu

celular.

– E do adaptador – disse ele com uma piscadela.

896/1201

– E do adaptador.

– Espero que tenha dormido no avião. – Gabriel sorriu antes de colar a boca ávida à dela.

CAPÍTULO SESSENTA E UM

Gabriel ainda estava dentro de Julia, seus corpos entrelaçados.

Ela

corria

os

dedos

preguiçosamente por suas costas, para cima e para baixo, enquanto ele sustentava seu corpo sobre o dela.

– Você é minha família. – Ele traçou a curva do pescoço dela com o polegar.

Julia fitou-o nos olhos.

Ele prosseguiu, sua voz um sussurro rouco:

– Toda essa busca, toda essa ansiedade, quando o que eu procurava estava bem aqui.

– Meu amor. – Ela levou a mão ao queixo dele.

– Desculpe por ter me perdido dentro da minha cabeça e isolado você.

– Querido, você precisava descobrir mais sobre a sua família. É parte do seu processo de cura.

898/1201

– Eu precisava de você.

Ela lhe deu um sorriso de cortar o coração, como se Gabriel tivesse entregado o mundo em suas mãos.

– Também preciso de você, Gabriel. Fiquei triste enquanto você estava longe, por mais que Rebecca tenha me feito companhia. A casa parecia tão vazia. E dormir sozinha é um horror.

Ele riu e o corpo dela reagiu aos seus movimentos.

– Lembre-me desta conversa da próxima vez que decidir ir embora para fazer algo sozinho.

– *Um homem tem que fazer o que um homem tem que fazer.* Mas ele deveria levar sua esposa junto. – Julia afastou os cabelos dele de cima da

testa.

– Nunca discordo de uma mulher nua.

Os belos traços do rosto dela ficaram

pensativos.

899/1201

Gabriel tornou a acariciar sua face, os olhos

azuis aflitos.

– Deixei você triste?

– Estava só pensando em algo que Grace costumava dizer.

– O quê?

– Ela dizia que o casamento era um mistério; ao se casarem, duas pessoas se entrelaçam até se tornarem uma só. Quando estamos separados, é como se uma parte de mim estivesse faltando. – Ela se remexeu um pouco debaixo dele. – Fico feliz que sinta o mesmo.

– Eu já sentia isso antes de nos casarmos, mas agora é diferente. A dor é mais forte.

– Durante muito tempo, não consegui entender como o casamento poderia ser algo que estivesse acima e além do amor. Mas é isso que acontece. Simplesmente não sei explicar.

– Nem eu. Talvez esse seja o mistério.

Gabriel correu os olhos pelos seus corpos.



900/1201

– Acho melhor eu sair de cima de você.

– Gosto disso, de ficar abraçadinha depois de transar, com você ainda dentro de mim.

– Se esperarmos mais um pouco, vamos poder começar de novo.

Julia apertou os músculos em volta dele, que se contorceu em resposta.

– Se bem me lembro, professor, você precisa de muito pouco tempo para se recuperar.

– Graças a Deus – murmurou ele, começando a se mover dentro dela outra vez.

É preciso dizer que, em geral, os Emersons
dormiam
melhor
juntos
do
que
jamaís
conseguiriam fazê-lo separados. Aquele noite não
foi exceção.

(Quando eles enfim pararam de fazer amor, é
claro.)

901/1201

Ao acordar na manhã seguinte, Gabriel notou
que Julia continuava dormindo, o rosto dela col-
ado ao seu peito. Apreciou o perfil dela sem se
mexer, resistindo ao impulso de erguer seu
queixo para beijá-la.

Em vez disso, memorizou a pele de suas costas e
de seus ombros com os dedos.

Um grande fardo havia sido tirado de cima
dele. Gabriel não havia recebido exatamente as
respostas que buscava, mas, em vez disso, rece-
bera algo muito melhor: sua irmã e a descoberta
de seu avô. O professor Spiegel era erudito e
nobre, famoso por seu brilhantismo intelectual e
sua generosidade. Era um homem que Gabriel
desejava conhecer melhor. Um ancestral cujo
sangue ele ficaria feliz em passar para seus filhos.
Essa ideia lhe trazia conforto.

Kelly tinha plantado a semente da suspeita de
que seu pai talvez não fosse o monstro que ele
imaginava. As memórias e os sonhos de Gabriel
902/1201

se misturavam de tal forma que era possível que
ele tivesse confundido as duas coisas. De todo
modo, os fatos sobre os quais tinha certeza a re-
speito
do
pai
eram
comprometedores

o

suficiente.

Que tipo de homem abandona a mãe do seu filho e deserda a criança em seguida?

Ele sentiu um nó na garganta ao pensar em si mesmo.

– Você chegou a ver sua avó? – perguntou Julianne, piscando para ele, sonolenta.

– Só de longe. Ela estava saindo de casa para entrar em um carro, com alguém que provavelmente é meu tio. Pelo menos acho que era minha avó. Ela ainda mora na mesma casa.

– Não falou com eles?

– Não.

Gabriel moveu a mão até a base das costas dela, espalmando-a sobre as duas covinhas idênticas que havia sobre a curva das suas nádegas. Era 903/1201

uma das partes do corpo dela de que ele mais gostava.

(Em seu íntimo, ele se imaginou fincando uma bandeira ali, em um gesto de colonialismo corporal.)

– Por que não? – Julia ficou intrigada.

– Eles não são minha família. Parado ali, percebi que era como um alienígena para eles. Não temos nenhuma ligação. Nada. – Ele suspirou. – Pelo menos, quando encontrei minha irmã, reconheci os olhos dela.

Julia o encarou com curiosidade.

– Ela e eu temos os olhos do nosso pai.

– Você não precisa falar com sua avó para saber mais sobre o histórico médico da sua mãe?

– Carson conseguiu o laudo da autópsia dela.

Também obteve informações sobre seu histórico médico, por vias questionáveis.

– E?

904/1201

– Doenças cardíacas e pressão alta são hereditárias na família dela, mas não há nada de muito preocupante.

Julia relaxou perceptivelmente sob os dedos dele.

– Isso é uma boa notícia, não é?

– Sem dúvida. – Gabriel pareceu estranhamente apático.

– E quanto ao lado do seu pai?

– Kelly me disse que também há casos de doenças cardíacas do lado deles.

– Então você não quer conhecer sua avó e o restante da sua família?

– Tenho o diário de mamãe e algumas histórias que Kelly me contou. Já está de bom tamanho.

– Kelly conheceu sua mãe?

Julia se sentou ao lado dele.

– Lembra-se de tê-la conhecido quando ela trabalhava para o nosso pai. E também se lembra dos pais dela brigando, supostamente por causa 905/1201

da minha mãe e de mim. Quero apresentar você a

Kelly. Ela e o marido me convidaram para jantar

amanhã à noite e, na sexta-feira, devemos ir visitar nossa tia Sarah no

Queens.

– Adoraria conhecer sua irmã. Mas talvez você precise me levar para comprar algo para vestir no jantar. Foi Rebecca que fez minhas malas, então tenho apenas uma bagagem de mão cheia de lingerie e um único vestido.

Os olhos de Gabriel se incendiaram.

– Está claro que ela não conhece você muito bem.

– Por quê?

Ele se inclinou para a frente, roçando os lábios em sua orelha.

– Porque você dorme nua.

A proximidade dele excitou Julia, que começou a brincar com os pelos do peito dele.

– Terminou de ler o diário da sua mãe?

– Terminei.

906/1201

– E?

– Nada fora do esperado. Conforme o tempo

passava e ela percebia que nunca iria ter uma vida com o meu pai, foi perdendo cada vez mais o

entusiasmo, até parar de escrever de vez.

Julia pousou a mão sobre a tatuagem dele, pressionando com ternura.

– Está feliz por ter vindo a Nova York?

– Estou. Graças a Kelly, tenho boas notícias. O professor Benjamin Spiegel, da Colúmbia, era meu avô.

– Benjamin Spiegel – murmurou ela. – Não reconheço o nome. Ele era especialista em Dante?

– Não, em romantismo. Chegamos a ler alguns textos dele durante a pós-graduação.

– Katherine Picton detesta os românticos. Uma vez ela me acusou de fazer uma leitura romântica de Dante.

Gabriel deu uma risadinha.

907/1201

– Nem todo mundo dá valor aos românticos.

Mas o professor Spiegel dava. Durante décadas, a obra dele foi a principal referência da área. A maior parte das suas publicações está em alemão, mas ele também escreveu alguns artigos em inglês.

– E era seu avô?

– Era. – Gabriel assumiu uma expressão orgulhosa. – Kelly me disse que ele era muito benquisto na Colúmbia, e famoso por suas obras de caridade e sua liderança na comunidade judaica. Julia arqueou as sobrancelhas.

– Por que você nunca soube dele?

– Ele e meu pai tiveram um desentendimento.

Papai mudou de nome, virou as costas para o judaísmo e não falava sobre a família. Kelly sabia, é claro. Ela tem contato com nossos primos.

– Ela chegou a conhecê-lo?

– Infelizmente ele morreu antes de ela nascer.

908/1201

– Parece que agora sabemos de onde veio sua paixão pela literatura. E seu interesse por sexo *kosher*.

Ele riu.

– Meu interesse por sexo *kosher* tem outras origens, mas talvez haja alguma relação entre as duas coisas.

O rosto dele ficou sério.

– Descobrir quem foi meu avô foi o que salvou minha vida até aqui.

O sorriso de Julia desapareceu.

– E quanto a suas irmãs?

– Audrey não quer ter contato comigo. Kelly é ótima, mas tem uma visão do meu pai bem diferente da minha. – Gabriel fechou a cara. – Não sei qual é a verdade. Se ele é o pai carinhoso de que ela se lembra ou o homem que batia na minha mãe.

– Talvez fosse as duas coisas.

– Impossível.



909/1201

– Espero que ele não tenha batido em sua mãe ou em você, mas é possível que a relação dele com a esposa e as filhas fosse diferente.

– Isso não me traz muito consolo.

– Desculpe.

Gabriel enterrou o rosto no cabelo dela.

– Por que ele não nos quis?

O coração de Julia se apertou.

– Acho que ele queria vocês, mas também queria a outra família. O problema era esse. Queria ter tudo, mas não podia. O fracasso do seu pai

quanto a isso é só dele, não tem nada a ver com você. – Ela beijou Gabriel com força. – Não quer me contar mais sobre a sua irmã? Tanta coisa aconteceu e eu só ouvi alguns pedaços da história.

– Quero, sim, mas pode esperar? Tenho algo *kosher* que gostaria de fazer antes. – Gabriel virou de costas, puxando-a para cima de si.

910/1201

Depois que o serviço de quarto foi comido, Julianne voltou para a cama, cobrindo-se com um lençol.

– Por que não ficamos o dia inteiro aqui, fazendo sexo?

Gabriel se sentou aos pés dela, com os olhos brilhando.

– Essa é a Julianne que conheço e amo. Mas você não tem um artigo para escrever?

– Prefiro fazer outra coisa. Com você. – Ela o chamou com um dedo.

Gabriel estava prestes a puxar o lençol de cima do corpo dela quando seu iPhone tocou.

Ele fitou o aparelho.

Então lançou os olhos para os de Julia.

– Quem é? – perguntou ela.

A expressão de Gabriel ficou azeda.

– Seu tio Jack

911/1201

– Por que ele está ligando para você? – Ela se sentou na cama, puxando o lençol. – Será que aconteceu algo com o meu pai? Ou com o bebê?

– Espero que não.

Ele soltou o telefone do cabo e o levou à orelha.

– Alô?

– Emerson. Estou em um depósito da FedEx em Washington, D.C. – Como sempre, Jack foi direto ao ponto.

– E?

– Tenho nas mãos um pen drive que contém vídeos e fotografias, alguns da minha sobrinha. Não são indicados para menores de 18 anos. Gabriel se sentou na beirada da cama.

– Você me disse que tinha confiscado tudo – rosnou ele.

– Foi o que pensei. A garota devia ter um backup escondido em algum lugar. Tentou enviar para Andrew Sampson, um jornalista do *Washington Post*.

912/1201

– Então conserte o estrago. Isso é problema seu.

– Sei disso. Liguei apenas para discutir a estratégia.

Os olhos de Gabriel tornaram a saltar em

direção aos de Julia.

– O que está havendo? – perguntou ela.

Ele levantou um dedo, indicando que ela deveria esperar.

– O que sugere?

– A garota está com raiva do namorado porque ele lhe deu um pé na bunda para se casar com outra. Quer constrangê-lo, assim como ao pai dele. Sugiro que a ajudemos. Vou copiar tudo o que tiver a ver com a garota e o namorado dela para um novo pen drive e enviá-lo.

– Isso não é arriscado?

– Eles vão ser comprometidos e minha sobrinha ficará fora disso.

913/1201

Gabriel olhou para Julianne, para o modo como suas sobrancelhas estavam unidas, um vinco se formando entre elas.

– Sua sobrinha está aqui. Deixe-me falar com ela e já ligo de volta.

– Não tenho muito tempo.

– Não vou tomar essa decisão por ela.

Gabriel desligou, jogando o telefone em cima da cama.

Ele esfregou as mãos no rosto.

Julia se aproximou.

– O que está havendo? Por que Jack está telefonando para você?

– Ao que tudo indica, Natalie tinha um pen drive com fotos e vídeos escondido em algum lugar. Tentou enviá-lo por FedEx para o *Washington Post*.

– O quê? – berrou Julia. – Vai parar tudo na internet! Nos jornais! Ai, meu Deus!

914/1201

Ela enterrou o rosto nas mãos e começou a se balançar para a frente e para trás.

Gabriel estendeu a mão para tocar seu ombro.

– Calma. Jack interceptou o envio. Ligou para me perguntar o que deve fazer com o material.

Julia baixou as mãos.

– Diga a ele para destruí-lo. Peça que ele encontre todas as cópias e as destrua também.
– Tem certeza? Ele pode apagar as fotos em que você aparece e enviar o resto. Eles terão o castigo que merecem.
Julia puxou o lençol até o queixo.

– Não quero vingança.

Os olhos de Gabriel faiscaram perigosamente.

– Posso saber por quê?

– Porque já deixei tudo isso para trás. Quase nunca penso neles e quero que continue sendo assim. Não quero assistir à vida dos dois ser arruinada e saber que sou responsável por isso.

915/1201

– Você não seria a responsável. A responsabilidade é toda deles.

– Não é justo que ninguém seja responsabilizado pelos meus atos – disse Julianne, com voz firme. – Não entendo por que Natalie está fazendo isso agora, depois de você e Jack terem cuidado dela.

– Simon vai se casar com outra.

Julia arregalou os olhos.

– O quê?

– Suponho que Natalie esteja esperando que a noiva o largue quando o passado dele for exposto.

Julia parecia chocada.

– Ele finalmente a largou. Imaginei que Simon fosse ficar com ela, mas talvez o pai dele tenha exigido que ele terminasse com Natalie.

– Não ficaria surpreso. A eleição é ano que vem.

– E agora vai haver um casamento. – Julia balançou a cabeça. – Nada como um pequeno casamento de fachada para tornar um candidato

916/1201

mais palatável para as famílias. Só queria que Natalie me deixasse fora disso.

– Mas você está nisso. Pelo menos por enquanto. – Um sorriso sinistro tomou conta da boca de Gabriel. – Jack com certeza vai fazer outra visita a Natalie e ao apartamento dela. O que quer que eu diga a ele sobre o pen drive?

– Peça que destrua tudo.

Gabriel bufou de frustração, correndo os dedos pelo cabelo.

– Eles não merecem sua misericórdia.

– A noiva dele merece, seja ela quem for. Vai ser humilhada.

– Se está envolvida com ele, é uma idiota.

Julia se encolheu.

– Eu já fui idiota como ela – falou tão baixo que Gabriel teve que se esforçar para ouvir.

– Você não foi idiota; foi manipulada. Ora, não quer fazê-los sofrer?

– Não dessa forma.

917/1201

Ele se colocou de pé, levando as mãos à cintura.

– Eu quero! Pense no que ele fez com você.

Pense no que ela fez. Eles a fizeram sofrer durante anos. Quase destruíram você!

– Mas não destruíram – sussurrou ela para as costas de Gabriel, que se afastava.

Ele foi à janela e abriu as cortinas, lançando seu olhar para o Central Park.

– Eu quebrei o queixo dele, mas ainda não fiquei satisfeito. – Gabriel examinou os galhos nus e cobertos de neve das árvores. – Minha vontade era matá-lo.

– Você agiu em legítima defesa. Se não tivesse vindo me socorrer... – Ela estremeceu diante da lembrança do dia em que quase fora estuprada. – Mas o que está me pedindo para fazer não é legítima defesa.

Gabriel olhou para ela por sobre o ombro.

– Não. É justiça.

918/1201

– Já conversamos sobre como a justiça se associa à misericórdia. Já falamos sobre penitência e perdão.

– Desta vez é diferente.

– É mesmo. Porque, embora eu possa exigir justiça, neste caso abro mão dela. Citando *Os irmãos Karamázov*, um de seus romances preferidos, a Deus devolvo respeitosamente o

bilhete.

Gabriel bufou.

– Você está citando Dostoievski fora de contexto para defender suas ideias franciscanas.

Julia sorriu diante da indignação dele.

– Sei que está irritado comigo por eu não querer puni-los. Mas, meu amor, pense na mãe dele. Ela foi boa comigo. Ficaré arrasada.

– Você mesma ameaçou ir à imprensa – argumentou Gabriel, sem desviar os olhos das árvores.

919/1201

– Para lhes contar a verdade, não para divulgar fotos comprometedoras. E somente se Natalie não me deixasse escolher.

Gabriel cerrou o punho direito, que ele pousou na janela, resistindo ao impulso de esmurrar o vidro.

Não era justo.

Não era justo que uma pessoa tão boa quanto

Julianne fosse negligenciada pela mãe e pelo pai e deixada nas mãos de um namorado cruel e manipulador.

Não era justo que a Suzanne Emerson restassem apenas as migalhas que seu amante lhe dava, enquanto ele dedicava todo seu amor à primeira família.

Não era justo que Grace e Maia tivessem morrido enquanto outros continuavam a viver.

Não era justo que Tom e Diane estivessem esperando um bebê com problemas no coração.

920/1201

Não, o universo não era justo. E, como se isso não fosse lamentável o suficiente, quando a oportunidade de fazer justiça surgia, franciscanos como Julianne davam a outra face e falavam sobre misericórdia.

Droga.

Ele fechou os olhos.

Julia dera a outra face para ele.

Assim como Grace.

Assim como Maia.

Com um longo suspiro, Gabriel concentrou seus pensamentos em Assis e no que havia acontecido com ele ao visitar a cripta de São Francisco. Deus tinha vindo ao seu encontro ali, trazendo não justiça, mas misericórdia.

– Ligue para o seu tio.

– Gabriel, eu...

Ele abriu os olhos e descerrou o punho, mas não se virou para ela.

921/1201

– Apenas ligue para ele. Diga-lhe o que quer que ele faça.

Julia soltou o lençol, envolvendo-o ao redor de suas formas delicadas. Aproximou-se de Gabriel, colando seu corpo às costas dele.

– Você quer me proteger. Quer justiça. E eu o amo por isso.

– Ainda gostaria de ter matado aquele desgraçado.

– E matou. – Ela apoiou o rosto em sua omoplata.

Os músculos dele se retesaram.

– Como assim?

– Você me ama, é carinhoso comigo e me trata com respeito. Quanto mais tempo passo ao seu

lado, mais tudo o que diz respeito a ele parece um pesadelo. Então, em vários sentidos, você o

matou. Matou a memória dele. Obrigada, Gabriel.

922/1201

Gabriel fechou os olhos, sentindo-se invadido por uma enorme onda de amor e de mais alguma coisa que ele não sabia definir.

Julia beijou seu ombro e foi telefonar para o tio.

CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

Naquela noite, Julia e Gabriel jantaram no apartamento de Kelly em Manhattan, com o marido dela, Jonathan, e as filhas, Andrea e Meredith. Julia se sentiu bem-vinda na família de Gabriel assim como ele próprio. Ao fim da noite era

como se estivessem visitando velhos amigos, em vez de estranhos.

Kelly deu a Gabriel um par de abotoaduras e um velho boné dos Brooklyn Dodgers que tinham pertencido ao pai, além de alguns livros escritos pelo avô.

Gabriel confirmou para Kelly que a locomotiva que tinha em casa era, de fato, do pai deles. Ele havia gravado as iniciais “OS” no brinquedo quando criança, na época em que ainda se chamava Othniel Spiegel.

924/1201

Os Emersons convidaram os Schultz a visitarem Cambridge ou Selinsgrove e as duas famílias levantaram inclusive a hipótese de passarem as próximas férias de verão juntas nos Hamptons. Kelly fez questão de que Gabriel promettesse que iria participar da próxima reunião da Fundação Rabino Benjamin Spiegel. Estava louca para apresentar o irmão aos primos.

De volta ao Ritz, Julia conferiu os e-mails antes de dormir. Estava usando o boné dos Dodgers, que era pequeno demais para a cabeça de Gabriel. (Fato que, para sua grande diversão, ela não pôde deixar de ressaltar.)

Julia olhou para a tela do computador por trás dos óculos de armação de casco de tartaruga.

– *Scheisse*.

– Preciso mesmo começar a ensiná-la a xingar em outras línguas. Ouvi dizer que existem alguns impropérios bastante pitorescos em persa.

925/1201

Gabriel sorriu com malícia enquanto ia na direção dela, trajando um roupão de *plush* do hotel.

– Duvido que a língua persa consiga captar o que sinto ao olhar para isto. – Julia apontou para a tela.

Gabriel apanhou seus óculos e os colocou no rosto. Olhou para a foto em preto e branco escaneada de um noivado, reconhecendo Simon Talbot imediatamente.

Ele resistiu à tentação de xingar.

– Quem é a mulher?

– Sabe o senador Hudson, da Carolina do Norte? É a filha dele. Ela estuda na Universidade Duke.

Gabriel e Julianne trocaram olhares.

– A família dela é ultraconservadora. Como ela foi ficar com ele? – Gabriel parecia enojado.

– Nem imagino. Mas agora entendo por que Natalie está tão furiosa. Simon a trocou por uma



926/1201

noiva no melhor estilo Jacqueline Kennedy. Olhe só para ela.

– Quem lhe mandou essa foto?

– Rachel. Foi publicada no *Philadelphia Inquirer*.

Julia voltou a olhar para o laptop, fitando com tristeza a fotografia do casal sorridente.

– Tenho pena dessa garota. Ela não sabe onde está se metendo.

– Talvez saiba mas não se importe.

Gabriel puxou a aba do boné de beisebol que ela usava.

– Fica bem em você. Não sabia que torcia para os Dodgers.

Ela sorriu.

– Estou abraçando suas origens do Brooklyn.

927/1201

No dia seguinte, Julianne finalizou seu artigo enquanto Gabriel ia à luta, pesquisando sobre o avô nos arquivos da Universidade Colúmbia. À tarde, juntaram-se a Kelly e Jonathan para visitarem sua tia Sarah em uma casa de repouso no Queens.

Ao cair da noite, foram às compras e depois jantaram no restaurante The Russian Tea Room, voltando em seguida para o hotel. O quarto estava banhado por luz de velas quando Julia montou nele. Suas mãos pousaram sobre o peito de Gabriel, acariciando-o.

Ele apertava os quadris dela, incentivando-a a acelerar o ritmo.

– Diga meu nome – sussurrou ele.

Julia arfou enquanto Gabriel a penetrava.

– *Gabriel*.

– Nada me excita mais do que sua voz sussurrando meu nome.

– Gabriel – repetiu ela. – Que coisa mais linda.

928/1201

Ele a puxou para junto de si, os lábios percorrendo seus seios.

– Você me inspira.

– Você é muito intenso.

– É claro que sou. Estou com minha linda esposa, fazendo um sexo fantástico.

– Parece que somos as únicas pessoas no mundo.

– Ótimo – murmurou ele, observando-a enquanto ela subia e descia.

– Você faz com que eu me sinta bonita.

Em resposta, ele lambeu seus seios até ela começar a gemer.

– Amo você.

Os olhos de Gabriel ficaram determinados e ele a incentivou a ir mais rápido.

– Eu também.

– Ficaria orgulhosa de ter um filho com você – ela conseguiu dizer antes de levantar o queixo e fechar os olhos.



929/1201

Seu corpo estremeceu ao ser atravessado por uma onda de prazer.

Ele continuou a penetrá-la, observando-a chegar ao orgasmo. Então acelerou o ritmo, erguendo o corpo em uma última investida antes de gozar.

– Estou muito feliz que tenha vindo me encontrar em Nova York – Gabriel segurava a mão de Julia enquanto eles aguardavam na fila do *check in* do voo de volta para Boston. –

Pena não termos conseguido ir a nenhum espetáculo, mas pelo menos visitamos algumas atrações turísticas.

– Gabriel, você enfrentou as hordas para que eu pudesse fazer compras de Natal. Não tenho do

que reclamar. – Ela deu um beijo nos lábios dele.

– Vão acabar nos cobrando excesso de bagagem.

930/1201

– Só por cima do meu cadáver. É Natal, ora essa.

Ela riu.

– É verdade. Sabe, não consigo imaginar você aturando um espetáculo da Broadway do começo ao fim.

Ele torceu o nariz.

– Preferiria Shakespeare.

– O musical?

– Muito engraçadinha. Aturaria um espetáculo baseado em *Os miseráveis*. – Ele a fitou nos olhos.

– A sua interpretação desse livro mudou minha vida.

Julia olhou para os próprios pés, para as botas

Manolo Blahnik de salto alto que Gabriel insistira em comprar para ela na Barney's.

– Acho que muitas coisas conspiraram para mudar sua vida. Não posso levar crédito pelo que aconteceu com você em Assis.



931/1201

– De fato. – Gabriel ergueu a mão dela, correndo o polegar pelos nós dos dedos antes de brincar com a aliança de casamento. – Mas não teria chegado a Assis se não fosse por você. E não teria tido a alegria de descobrir sobre meu avô se você não tivesse concordado em ter um filho comigo. Você já me deu muito.

– Segundo Tammy, a paternidade causa algo de especial em um bom homem. Gostaria de ver o que ela vai fazer com você.

Gabriel piscou duas vezes.

– Obrigado, Julianne.

Ele capturou o sorriso dela com a boca, beijando-a até alguém pigarrear atrás deles.

Constrangidos, eles andaram para a frente na fila, com as mãos entrelaçadas.

932/1201

Os Emersons tinham acabado de passar pela se-

gurança do aeroporto quando o celular de Julia tocou.

– Jules? – A voz grossa de Tom ecoou em seu ouvido.

– Papai. Aconteceu alguma coisa?

A pausa do outro lado da linha fez Julia parar de andar. Gabriel parou ao lado dela, com uma expressão intrigada no rosto.

Tom pigarreou.

– Estou no Hospital Pediátrico, na Filadélfia.

– Ah, não. Diane e o bebê estão bem?

– Diane acordou no meio da noite se sentindo estranha e então viemos direto para cá. – Tom fez uma pausa. – Neste momento, está ligada a um monte de monitores, mas ela e o bebê estão bem. Só tem o seguinte... – Ele se deteve outra vez. – Ela entrou em trabalho de parto há poucos minutos.

– Vai ser prematuro.

933/1201

– Exatamente. – A voz de Tom estava tensa. – Eles só vão saber como o bebê está de verdade depois que ele nascer. Os médicos dizem que há muitas coisas que não conseguem ver em uma ultrassonografia. Talvez precisem começar a trabalhar no coração dele logo após o parto.

– Ele vai precisar ser operado?

– A cirurgia corretiva está marcada para mais ou menos três dias após o nascimento. Pelo que entendi, talvez ele precise ser operado antes disso, dependendo do que os médicos encontrarem.

Julia olhou para Gabriel.

– Estamos no JFK, em Nova York, nos preparando para embarcar em um voo de volta para Boston. Quer que eu vá para aí?

– Sim, se puder. Ela provavelmente ainda estará em trabalho de parto quando você chegar, então seria bom tê-la aqui conosco. Vão ser três dias muito longos, e não sei se... – Ele começou a tossir.

934/1201

– Estou a caminho. Vou trocar de voo e sigo direto para o hospital. Ligo assim que chegar para que você me diga onde devo encontrá-lo.

– Ótimo. – Ele parecia aliviado. – Jules?

– Sim, papai?

– Obrigado. Até já.

– Tchau, pai. Mande um beijo para a Diane.

Julia encerrou a chamada e olhou para o marido. O rosto dele estava carregado.

– Acho que deveria ter falado com você antes de prometer ir à Filadélfia. – Ela mordeu o lábio.

– É uma emergência. Temos que ir.

– *Temos?* – Julia ergueu os olhos para ele, esperançosa.

– O bebê vai ser meu cunhado. E não vou deixar você ir sozinha. – Ela a puxou para junto de si, conduzindo-a pelo mar de pessoas.

CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

– Jules?

Tom balançava o ombro dela, tentando acordá-la. Ela estava sentada em uma cadeira na sala de espera da Unidade de Partos de Risco. Gabriel estava em pé ao seu lado, segurando um copo de café ruim.

(Por sorte, ele conseguira se controlar e não fora reclamar com a administração do hospital sobre o estado lamentável de suas máquinas de vendas.)

Julia abriu os olhos e os estreitou por causa da luz.

Seu pai se agachou na sua frente.

– O bebê nasceu.

– Ele está bem?

936/1201

– Tiveram que fazer um parto de emergência, mas já está se recuperando, e Diane está com ele.

– Tom sacou o celular do bolso e o estendeu para ela. – É um rapazinho muito bonito.

Julia foi passando uma série de fotos de Diane, com aparência cansada, porém radiante, e de um bebezinho

mulato

com
cabelos
negros
encaracolados.

– Ele é lindo, pai. Estou muito feliz por você. –
Ela lhe devolveu o celular.

Tom olhou para a última foto por alguns instantes, o polegar acariciando a cabeça do bebê.

– Thomas Lamar Mitchell. Nascido no dia 11 de dezembro, com 3,450 quilos.

– Não sabia que vocês dariam o seu nome a ele.

– Um rapaz deve ter o nome do pai – resmungou Tom. – De todo modo, Diane quer chamá-lo de Tommy. Por enquanto.

937/1201

– Que seja Tommy, então. – Julia olhou para o marido, que fitava o copo de café com o rosto franzido.

– É melhor vocês irem para o hotel. Eu ligo se houver alguma novidade. Mas não poderão vê-lo hoje. Ele ainda está em observação e, se tudo der certo, irão operar seu coração dentro de alguns dias.

– Está bem, papai. – Julia o abraçou. – Parabéns.

CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

– Então, como está o bebê? – Rachel se debruçou sobre a mesa de jantar na antiga casa de seus pais.

Faltavam duas noites para o Natal. Julia tinha acabado de voltar para junto da família de Gabriel à mesa, depois de conversar com o pai ao telefone.

– Está bem. Parece que é normal o bebê permanecer internado até um mês depois da cirurgia. Ele poderá ir para casa em janeiro.

– Deve estar sendo duro para seu pai e Diane.

– Está, sim, mas eles estão acompanhando o bebê. Meu pai ia pedir uma licença não remunerada do trabalho dele na Universidade de Susquehanna, mas eles lhe deram uma licença-

939/1201

paternidade com vencimentos integrais. – Julia

sorriu. – Já viram empregador mais atencioso?

– E quanto às contas do hospital? – perguntou

Rachel, baixando a voz.

– Um anjo da guarda está cuidando de tudo que o plano não cobre. – Julia lançou um breve olhar em direção ao marido, então voltou a encarar a amiga.

– Alguns anjos da guarda são uns amores.

– Sobre o que vocês duas estão cochichando aí?

– perguntou Gabriel, metendo-se na conversa.

Julia sorriu.

– Sobre o meu irmãozinho. Mal posso esperar para comprar o primeiro boné dos Red Sox dele. Gabriel fez uma careta.

– Seu pai vai queimá-lo. Ele torce para os Phillies.

– Ele nunca vai queimar um presente meu. Sou a irmã mais velha.

940/1201

– Irmãs são muito importantes – falou Rachel em tom solene. – Lembre-se disso quando estiver comprando o meu presente de Natal.

– Vou tentar. – Gabriel afastou a cadeira da mesa e se levantou, erguendo seu copo d'água. Todos pararam o que estavam fazendo, inclusive Quinn, que ficou sentadinho em sua cadeira de bebê, olhando para o tio.

– Temos muito o que agradecer – disse ele.

O olhar de Gabriel cruzou com o de Julianne e o sustentou. Então ele fez uma longa pausa, olhando os irmãos, os cunhados e, por fim, o pai, que estava sentado à cabeceira.

– Mamãe tinha o hábito de obrigar todos a dizerem seus motivos para serem gratos durante jantares como este. Achei que seria melhor ir direto ao ponto e anunciar que sou grato por minha bela esposa, por meu novo emprego e por meu novo cunhado, Tommy.

941/1201

Os adultos ergueram suas taças de vinho em resposta, brindando à saúde de Tommy.

– Sei que todos ouviram o brinde que fiz à mamãe no casamento de Rachel e Aaron. – De repente, a voz de Gabriel ficou rouca. – Mas gostaria de repetir parte dele.

Enquanto todos na mesa expressavam sua concordância, Julia notou que a mão de Gabriel tremia um pouco ao lado do corpo. Ela pegou a mão dele e ficou feliz quando o sentiu apertá-la de leve.

– Esta noite não estaria completa se não reconheçêssemos a falta que nossa mãe, Grace, faz. Ela era graciosa e bela, uma esposa amorosa e mãe dedicada. Sua capacidade para a bondade e a compaixão não conhecia limites. Ela era generosa, gentil e muito, muito clemente. Ela me recebeu em sua casa. Foi minha mãe quando me vi sozinho, mesmo nos momentos em que fui difícil. Ela me ensinou o que significa amar alguém

942/1201

de forma abnegada e absoluta e, sem ela e papai, eu provavelmente estaria morto.

Gabriel se deteve e olhou para Richard e Julia.

– Recentemente, tive a oportunidade de descobrir mais sobre meus pais biológicos, assim como sobre minhas origens judaicas por parte de pai. Quando escolhi ler uma passagem do Antigo Testamento no casamento de Rachel e Aaron, não sabia disso. Agora as Escrituras ganharam um significado ainda maior, e posso dizer, como disse antes, que elas expressam o amor de Grace pela família.

Ele soltou a mão de Julia, sacou uma folha de papel dobrada do bolso e começou a ler:

– “Uma esposa exemplar; feliz quem a encontrar! É muito mais valiosa que os rubis. Seu marido tem plena confiança nela e nunca lhe falta coisa alguma. Ela só lhe faz o bem, e nunca o mal, todos os dias da sua vida.”

943/1201

Os olhos de Gabriel buscaram os de Julia e, por

um instante, o mundo parou de girar quando ele viu a admiração e o amor que irradiavam de seu rosto.

– “Escolhe a lã e o linho e com prazer trabalha com as mãos. Como os navios mercantes, ela traz de longe as suas provisões. Antes de clarear o dia ela se levanta, prepara comida para todos os da

casa e dá tarefas às suas servas... Administra bem o seu comércio lucrativo, e a sua lâmpada fica acesa durante a noite... Acolhe os necessitados e estende as mãos aos pobres. Não teme por seus familiares quando chega a neve, pois todos eles vestem agasalhos. Faz cobertas para a sua cama; veste-se de linho fino e de púrpura. Seu marido é respeitado na porta da cidade, onde toma assento entre as autoridades da sua terra... Reveste-se de força e dignidade; sorri diante do futuro. Fala com sabedoria e ensina com amor... Seus filhos se levantam e a elogiam; seu marido também a

944/1201

elogia, dizendo: ‘Muitas mulheres são exemplares, mas você a todas supera...’”

Ele fez uma pausa.

– Com essas palavras, peço que todos bebam à memória de nossa mãe, Grace.

Depois do brinde, não havia ninguém à mesa que não precisasse secar os olhos.

CAPÍTULO SESSENTA E CINCO

Dezembro de 2011

Arredores de Essex Junction, Vermont

Duas noites antes do Natal, Paul trabalhava no celeiro, imerso em pensamentos.

(Diga-se de passagem que também estava imerso em algo mais. Algo *orgânico*.)

– Ei.

Sua irmã Heather tinha entrado no celeiro quase sem fazer barulho e agora o observava, com os braços cruzados diante do peito.

– Ei, você – disse ele sem parar de trabalhar, olhando por sobre o ombro. – O que está fazendo aqui?

– Chris teve que ir dar uma olhada em um dos cavalos dos Andersons. Estão achando que ele
946/1201

está com cólicas. Ele vai passar a maior parte da noite fora, então pedi que me deixasse aqui.

Como vai?

– Bem.

– Não é o que parece. – A irmã de Paul o encarou até ele retribuir o olhar.

– Só estou preocupado com as entrevistas que terei que fazer. Vou me encontrar com representantes de seis faculdades diferentes na convenção da Modern Language Association em janeiro. É muita pressão.

– Sei. – Heather olhou desconfiada para o irmão mais velho.

– Tenho uma entrevista com alguém da St. Mike's. Se me contratarem, poderei vir ajudar papai nos fins de semana.

– Que ótima notícia. Vou dar uma palavrinha com o próprio São Miguel e pedir que ele lhe garanta o emprego.

947/1201

Heather inclinou a cabeça de lado para escutar a música que tocava ao fundo. Era uma versão de “In the Sun”, que Paul havia colocado para repetir e ouvia sem parar.

– Se está tão empolgado com suas chances de conseguir um emprego, para que ouvir *isso*? Acabei de chegar e já estou querendo cortar os pulsos.

Paul a fuzilou com o olhar e começou a andar na direção oposta.

Ela o seguiu.

– Encontrei Ali por acaso um dia desses no supermercado.

– Humm.

– Por que não a chama para sair?

– Nós saímos por um tempo.

– Não estou falando como amigos.

– Nós terminamos – disse ele, frisando a última

palavra. – Já faz dois anos.

948/1201

– Chris quer ir fazer snowboarding em Stowe no Ano-Novo. Ele vai alugar uma casa para não termos que ficar indo e voltando de carro. Convide Ali e venha conosco.

– Não me parece boa ideia.

Heather estendeu a mão e agarrou o braço do irmão, interrompendo-o no meio de um movimento.

– É uma ótima ideia. Como nos velhos tempos.

Convide-a.

– Não podemos deixar mamãe sozinha aqui.

– Foi para isso que vocês contrataram mais ajudantes. – Heather lhe abriu um sorriso cheio de dentes. – Você precisa relaxar um pouco, garotão. Está deixando essa história roer você por dentro. – Ela lhe abriu um sorriso travesso e tentou fazer cócegas nele. – *Roer, roer, roer.*

Paul afastou as mãos dela.

– Se eu disser que sim, você vai parar de me encher o saco?

949/1201

– Com certeza.

– Ótimo. Agora suma daqui.

– Ótimo. Vou fazer um café. E, quando você voltar para casa, quero vê-lo telefonando para ela. Heather foi embora do celeiro e Paul ficou parado onde estava por alguns instantes, perguntando-se o que acabara de concordar em fazer.

CAPÍTULO SESENTA E SEIS

23 de dezembro de 2011

Selinsgrove, Pensilvânia

Richard, os filhos, as noras e o genro estavam reunidos à mesa de jantar, comendo a sobremesa e tomando café. Rachel estava colocando todos a par de seus tratamentos de fertilidade.

– Sim, estou tomando hormônios. Mas me sinto melhor do que quando estava tomando a pílula. Ficava muito emotiva.

Aaron arqueou as sobrancelhas pelas costas de Rachel e todos riram da sua expressão incrédula. Todos, menos Rachel e Julianne.

Gabriel lançou um olhar para a esposa, notando que os olhos dela estavam apertados. Ela começou a fitar a mesa com tanta intensidade
951/1201

que Gabriel não ficaria surpreso se a madeira queimasse sob o seu olhar.

De repente, ela se levantou e saiu correndo, empurrando a cadeira para trás e derrubando-a.

Gabriel endireitou a cadeira e pediu licença, subindo as escadas dois degraus de cada vez para tentar alcançá-la.

Quando chegou ao quarto, Julia estava revirando a gaveta de sua mesa de cabeceira. Puxou-a para fora e despejou tudo o que havia dentro dela em cima da cama, espalhando os objetos sobre a colcha.

– Droga! – praguejou.

– O que foi?

Ele estendeu a mão, mas Julia passou raspando por ele.

Gabriel a seguiu até o banheiro, observando-a esvaziar seu estojo de maquiagem sobre o balcão. Jogava os objetos de lado freneticamente, uma expressão aflita surgindo em seus lábios.

952/1201

– Julianne, qual o problema?

– Não consigo encontrar.

– O quê?

Como ela não respondeu, Gabriel segurou seu braço.

– Julianne, *o que não consegue encontrar?*

– Minhas pílulas anticoncepcionais.

Por um instante, ele foi contaminado pelo pânico de Julia, mas logo afastou o sentimento.

– Elas só podem estar aqui em algum lugar.

Quando foi a última vez que as viu?

Ela piscou, desviando os olhos.

– Em Cambridge – sussurrou.

Então foi a vez de Gabriel arregalar os olhos.

– Não em Nova York? Nem aqui?

– Eu estava menstruada logo antes de você viajar para Nova York, lembra? Devia ter começado a tomar uma nova cartela naquela quarta-feira.

– E não começou?

953/1201

Ela balançou a cabeça.

– Fui encontrar você. Na correria para chegar ao aeroporto, eu as esqueci em casa. E enquanto estávamos em Nova York...

– Meu bem... – Ele estendeu a mão para tocá-la, mas Julia se virou na direção oposta, cobrindo o rosto com as mãos.

– Não acredito que passei quase um mês inteiro sem tomar a pílula e só percebi agora. Sou uma idiota.

– Você não é idiota. – Ele a puxou pelo pulso, girando-a de modo a envolvê-la em seus braços. – Estava com pressa de me encontrar em Nova York. Depois, recebemos o telefonema do seu pai no aeroporto. Você só estava com muita coisa na cabeça.

– Que bom que sua cirurgia ainda não deu resultado.



954/1201

Uma sombra atravessou o rosto de Gabriel, mas logo desapareceu, como uma nuvem passageira em um dia de verão.

– Só preciso de uma caixa de anticoncepcionais para substituir a minha até eu voltar para Boston.

– Julia explicou a situação ao farmacêutico na manhã seguinte.

O farmacêutico sorriu.

– Isso é simples. Vou telefonar para a sua farmácia de lá. Deve levar apenas alguns minutos. Sente-se, por favor.

– Obrigada.

Julia voltou para junto de Gabriel na área de espera da pequena farmácia de Selinsgrove.

– Tudo bem? – perguntou ele, encarando-a com preocupação.

955/1201

– Sim. – Ela suspirou de alívio. – Não deve demorar muito.

Gabriel pegou o iPhone e começou a mexer nele.

– O que está fazendo? – Julia olhou na direção dele, curiosa.

– Enquanto você falava com o farmacêutico, eu estava verificando nossas mensagens. Havia uma ligação do consultório do meu urologista.

– Não deveria ligar de volta?

– Se você não se importar.

– Não me importo. – Julia franziu as sobrancelhas. – Por que eles estão ligando para você na véspera de Natal?

– Sei lá. Estava aguardando um telefonema deles algumas semanas atrás, com o resultado dos meus últimos exames. Ainda não deve ter havido nenhuma mudança. – Ele parecia desanimado.

– O médico disse que poderia demorar até um ano. Não se preocupe. – Julia pegou a mão dele.

956/1201

Gabriel beijou as costas da mão dela antes de se levantar e sair da farmácia para telefonar.

Quando ele voltou, Julia já havia recebido a pílula, pago e tomado a primeira drágea.

Gabriel tinha os pés plantados no chão, olhando para a sacola de remédios na mão dela.

Julia fitou seus olhos arregalados e confusos.

– O que houve?

– Vamos para casa. – Gabriel pousou a mão sobre a base das costas dela, conduzindo-a em direção à porta.

– Está tudo bem?

– Conversamos no carro.

Obediente, Julia o acompanhou até o Jeep, que estava estacionado em frente à farmácia. Era o carro que Gabriel mantinha em Selinsgrove apenas por uma questão de conveniência.

– Você está me assustando – sussurrou ela.

957/1201

– Não há motivo para pânico. – Ele abriu a porta do carona para Julia, esperando que ela se acomodasse antes de fechá-la.

Quando se sentou no banco do motorista, nem se deu o trabalho de enfiar a chave na ignição. Apenas pôs o iPhone sobre o painel e se virou para ela.

Pela expressão em seu rosto, Julia notou que ele estava relutando em lhe contar o que havia acontecido.

– É uma notícia ruim?

– Não me parece.

– Então o que foi?

Gabriel tomou a mão dela na sua, traçando as colinas e os vales dos nós de seus dedos com o polegar. Deteve-se sobre a aliança de Julia.

– Olhe para mim.

Ela fitou Gabriel nos olhos, o coração começando a bater forte dentro do peito.

– Não quero que entre em pânico, está bem?

958/1201

– Gabriel, eu *estou* em pânico. Desembuche de uma vez. Ele franziu os lábios.

– Eles ligaram para me dar os últimos resultados dos meus testes. Deveriam ter ligado duas semanas atrás, mas houve uma... anomalia.

– Uma anomalia?

– Os resultados foram positivos. – Ele estava falando devagar, muito devagar, seus olhos perscrutando os dela.

Então esperou que Julia assimilasse por completo o significado daquela revelação.

Ela pestanejou. Várias vezes.

– Então você é...?

– Sim.

– Mas é impossível. Ainda não se passaram nem três meses.

– Eu sei. Eles repetiram o teste e tiveram os mesmos resultados. O médico gostaria de usar a

minha história como testemunho.

959/1201

O sorriso orgulhoso de Gabriel desapareceu ao ver o rosto de Julia.

– Mesmo que eu seja fértil, não faz diferença. Você vem tomando a pílula desde setembro. Seu organismo demoraria mais de um mês para voltar ao normal, não é?

– Não sei. A recomendação é que você use outro método contraceptivo caso deixe de tomar a pílula por alguns dias. Eu deixei de tomar uma cartela inteira. – Trêmula, Julia levou a mão à boca.

Gabriel passou o braço pelo ombro dela, puxando-a para si.

– Vou voltar à farmácia e comprar um teste de gravidez. Assim teremos certeza.

Julia arqueou as sobrancelhas.

– Agora?

– E por acaso você prefere esperar?

– Isso não pode estar acontecendo! – Ela enterrou o rosto nas mãos.

960/1201

Gabriel se encolheu.

– Seria mesmo tão terrível assim? – balbuciou ele, esfregando o queixo.

Julia não respondeu, então ele tocou seu ombro.

– Volto já.

Julia deixou a cabeça cair no apoio do banco e fechou os olhos, implorando pela ajuda de todas as divindades com ou sem nome.

CAPÍTULO SESSENTA E SETE

28 de dezembro de 2011

Washington, D.C.

Natalie Lundy olhou para o celular e xingou.

Havia semanas que vinha ligando sem parar para aquele número, deixando uma mensagem atrás

da outra na caixa postal, mas agora ele estava desativado. Simon trocara o número do celular. Os

e-mails tampouco tinham sido respondidos.

Ela olhou para a caixa de papelão que estava no

chão, seu conteúdo zombando silenciosamente da sua cara. Natalie estava desempregada.

Um dia antes do anúncio do noivado de Simon, ela fora chamada ao escritório do diretor da campanha do senador Talbot. Pelo menos Robert

962/1201
havia tido a decência de sentir vergonha do que estava prestes a fazer.

– Vamos ter que dispensar você – falou ele, evitando encará-la.

– Por quê?

– Estamos com excesso de pessoal. O senador quer que façamos alguns cortes nas despesas e nossos colaboradores vão ser os primeiros a serem afetados. Sinto muito.

Natalie ergueu uma sobrancelha para ele.

– Isso não tem nada a ver com meu relacionamento com Simon, tem?

– Claro que não – mentiu Robert com desenvoltura. – São apenas negócios, não tem nada de pessoal.

– Não me venha com essa conversa à la *O poderoso chefe*. Eu vi o filme.

Robert apontou o olhar para o espaço atrás dela e fez um sinal com a cabeça.

963/1201

– Alex irá acompanhá-la até a saída. Se quiser, posso dar uma ligada para Harrisburg e ver se consigo uma vaga para você com um dos deputados estaduais.

– Vá à merda. – Ela se levantou. – E pode dizer o mesmo para o senador e para o filho dele. Se querem se livrar de mim, ótimo. Mas isso não vai acabar aqui. Estou certa de que Andrew

Sampson, do *Post*, ficará interessado em ouvir o que tenho a dizer sobre a maneira como a família

Talbot conduz seus negócios.

Robert levantou a mão.

– Não seja impulsiva. Como disse, posso arranjar um emprego para você em Harrisburg.

– Porra, e eu lá quero ir para *Harrisburg*, Robert? Quero é saber por que estou

sendo

sacaneada desse jeito. Eu fiz meu trabalho, e muito bem, por sinal. Você sabe disso.

Robert olhou para Alex.

– Me dê um minuto.

964/1201

Alex saiu da sala, fechando a porta atrás de si.

– Preste atenção, Natalie. Não queira fazer ameaças que não pode cumprir.

– Mas eu posso.

– Isso não seria nada sensato.

– Que se dane a sensatez.

Robert se remexeu na cadeira.

– Naturalmente, estamos dispostos a lhe oferecer uma indenização generosa. Os detalhes serão enviados para o seu apartamento.

– Suborno para me manter calada?

– Indenização por ter sido demitida devido à reestruturação de orçamento.

– Sei. – Ela pegou a bolsa e se dirigiu para a porta. – Diga a Simon que ele tem 24 horas para me telefonar. Se eu não tiver notícias dele nesse meio-tempo, ele vai se arrepender.

Com essas palavras, ela abriu a porta e saiu em direção ao corredor a passos firmes.

965/1201

Mais de duas semanas depois, Simon ainda não tinha ligado. As evidências comprometedoras que

ela enviara para o *Washington Post* tinham chegado ao seu destino. A FedEx confirmara a

entrega. Mas Natalie não tivera notícias de

Andrew Sampson, ou de quem quer que fosse.

Talvez ele houvesse preferido não dar a notícia.

Talvez fosse picante demais.

Um dia depois de ela ter enviado a encomenda, seu apartamento fora arrombado. Não era preciso ser nenhum gênio para deduzir que o invasor tinha sido alguém da campanha do senador.

Haviam levado o laptop, a câmera digital, os arquivos e pen drives. Natalie já não tinha nada que pudesse usar para chantagear Simon ou qualquer

outra pessoa.

Ela havia recebido a “indenização”: 25 mil dólares. Era o suficiente para começar uma nova vida na Califórnia. Não seria mal se afastar dali e recomeçar, usando o dinheiro do senador Talbot.

966/1201

Poderia tramar sua vingança contra a família dele de Sacramento.

Não tinha nenhuma evidência para sustentar suas alegações, portanto nenhum jornalista que se desse ao respeito iria levá-la a sério. Mas ela podia aguardar a hora certa, vender sua história

para algum tabloide e pegá-los de surpresa em outubro. Isso já seria suficiente.

Sorriu para si mesma enquanto começava a fazer as malas.

CAPÍTULO SESSENTA E OITO

28 de dezembro de 2011

Selinsgrove, Pensilvânia

Uma hora depois, Julia e Gabriel estavam no banheiro da suíte deles na casa de Richard, olhando para dois testes de gravidez diferentes dispostos sobre a penteadeira. Ambos revelavam o mesmo resultado.

– Julianne? – A voz de Gabriel era um sussurro de cortar o coração.

Julia não estava olhando para ele, mas para os testes. Totalmente imóvel, como um animal acuado.

– A culpa é toda minha. – Ele ergueu a mão para tocá-la, mas pensou melhor e desistiu.

968/1201

Ela virou a cabeça, como se de repente tivesse se dado conta da presença dele.

– Como assim?

Gabriel fez uma pausa, tentando encontrar as palavras certas:

– Eu não a protegi. Sabia quanto estava preocupada em não engravidar agora. Devia ter usado camisinha. Devia ter perguntado se estava tomando a pílula. – Ele baixou a voz: – Decepcionei

você.

Julia fechou os olhos e respirou profundamente.

– Gabriel, você não me decepcionou. Eu é que fui uma idiota por esquecer de tomar a pílula. –

Uma lágrima surgiu no canto do olho dela e escorreu pela face.

Ele a interceptou com os dedos.

– Pare com isso. Você não é idiota. Estava com pressa porque queria me encontrar. Como sempre, estava mais preocupada com outra pessoa do que consigo mesma.

969/1201

Mais lágrimas escorreram por seu lindo rosto; seus ombros começaram a tremer.

– Agora é tarde.

Ele a abraçou e os dedos de Julia se fecharam em volta da sua camisa, agarrando-a como se ela estivesse se afogando.

CAPÍTULO SESSENTA E NOVE

Naquela noite, os Emersons tiveram dificuldade para dormir. Julia estava atormentada pelo medo e pela culpa – medo do que poderia acontecer com suas aspirações acadêmicas; culpa por dar tanta prioridade a elas. Gabriel estava em conflito. Por um lado, o fato de eles estarem esperando um bebê o deixava em êxtase. Mas as preocupações e a evidente angústia de Julianne o impediam de demonstrar o que realmente sentia. Além disso, também sentia-se consumido pela culpa por não tê-la protegido.

É claro que nenhum dos dois sabia que a reversão da vasectomia de fato daria resultado, quanto mais que este fosse tão rápido.

Enquanto todos os outros membros da família Clark aproveitavam o dia juntos, Julia ficou na
971/1201

cama. Estava exausta. Não tinha a menor condição de encarar Rachel e Aaron, ainda que ela e Gabriel tivessem concordado em esperar até o terceiro mês para anunciar a gravidez. Gabriel passou o dia tentando fingir que na

noite anterior não havia recebido o que era provavelmente a melhor notícia da sua vida. Estava decidido a dar o tempo e o espaço de que Julianne parecia precisar para aceitar o que, para ela, era uma grande decepção.

Mais tarde naquela noite, ela estava deitada em posição fetal do seu lado da cama de casal. Todos na casa dormiam. Todos, menos o marido e ela. Gabriel estava colado a ela, o braço relaxado sobre sua cintura. Julia dormira o dia inteiro, en-tão não estava com sono.

Embora ele estivesse à

beira da exaustão, sua preocupação com a esposa não o deixava descansar.

972/1201

O maior medo dela havia se concretizado. Ela estava grávida e apenas na metade do segundo ano de um doutorado de sete anos.

Julia fungou ao se lembrar disso.

Por instinto, Gabriel a puxou para mais perto de si, a mão dele se espalhando sobre o ventre dela.

Durante alguns instantes, ele se permitiu imaginar como teria sido a sua vida se Maia tivesse nascido. Naquela época, mal tinha tempo para Paulina quando ela estava grávida. Duvidava que sua atitude fosse mudar depois que ela tivesse o bebê.

O estômago dele se revirou. Conseguia ver a si mesmo gritando para ela calar a boca da criança que chorava, atrapalhando-o enquanto escrevia. Paulina teria que suportar sozinha o peso de ser mãe. Ele não se daria o trabalho de alimentar Maia, colocá-la para dormir, ou, Deus o livrasse, trocar uma fralda. Na época, não passava de um

973/1201

viciado egoísta. Paulina estaria sendo negligente se deixasse a filha sob seus cuidados.

Ele teria que se mudar, deixando Paulina cuidar de Maia sozinha. Bem, Gabriel provavelmente lhe daria dinheiro. Mas o vício acabaria por esgotar todas as suas reservas até matá-lo por fim. Então

Paulina e Maia ficariam sozinhas.

Mesmo que começasse um tratamento e, por algum milagre, superasse a dependência, não conseguia se imaginar sendo um pai participativo e dedicado naquela época. O velho professor estaria muito ocupado escrevendo livros e tentando alcançar mais sucesso na carreira. Enviaria cartões de aniversário e dinheiro, ou, o que era mais provável, mandaria a secretária ou talvez alguma das muitas mulheres de sua vida fazer isso em seu lugar.

Em suma, ele teria sido igualzinho ao pai, brigando ao telefone com Paulina, que o criticaria por não dar atenção à filha, até ele enfim se cansar

974/1201

dos conflitos e cortar laços definitivamente. A visão de Gabriel de como teria sido sua vida era muito clara.

Ele se forçou a retornar ao presente, abraçando Julianne mais forte. Já não era o velho professor, era um novo homem.

Estava decidido a empregar

todas as suas energias para ser o marido e o pai mais exemplar, presente e atencioso possível.

A primeira coisa que precisava fazer era consolá-la a esposa. Para isso teria que tomar as atitudes necessárias para garantir que ela não perdesse

tudo pelo qual havia trabalhado tão duro desde o ensino médio.

Ele abriu a boca para começar a sussurrar em seu ouvido, mas Julia se desvencilhou dos seus braços, jogando as cobertas para o lado e indo em direção ao closet. Ele a ouviu acender a luz e começar a mexer nas suas roupas.

975/1201

Gabriel foi atrás dela. Quando a alcançou, Julia já tinha vestido uma calça jeans, um dos velhos suéteres de caxemira dele e procurava meias.

– O que está fazendo?

– Não consigo dormir.

Julia não olhou para ele enquanto se inclinava para calçar um par de meias com estampa de

losangos de Gabriel.

– Para onde vai a esta hora?

– Pensei em pegar o carro e dar uma volta.

Clarear as ideias.

– Então vou com você. – Ele estendeu a mão para uma camisa num cabide.

Ela fechou os olhos.

– Gabriel, preciso de tempo para pensar.

Ele pegou uma calça jeans e um suéter de uma das gavetas.

– Já esqueceu o que eu falei em Nova York?

– Você falou um monte de coisas em Nova York

976/1201

– Uma delas foi que ficarmos longe um do outro não era uma boa ideia. Você concordou comigo. Somos companheiros, lembra?

Com as meias já calçadas, ela bateu o pé no piso de madeira.

– Lembro.

– Não me afaste de você. – O tom dele era quase de súplica.

– Não sei o que lhe dizer. É como se o meu pior pesadelo tivesse se tornado realidade!

Gabriel cambaleou para trás, quase como se tivesse levado um murro.

– Pesadelo? – sussurrou ele. – *Pesadelo?*

Julia não conseguia encará-lo.

– É por isso que preciso de tempo para pensar.

Não consigo expressar o que sinto sem magoar você. Vou perder tudo o que me esforcei tanto para conseguir por causa disso. Você nem imagina quanto isso dói.

Um músculo saltou no maxilar de Gabriel.

977/1201

– Era eu que estava hesitante quanto a termos filhos. – A voz dele era baixa. – Isso também trouxe à tona todos os meus velhos medos.

Ela ergueu a cabeça, seus olhos faiscando.

– Você me conhece, Gabriel. Sabe que eu nunca faria nada para tirar isso de você.

Eles se encararam até ela baixar os olhos para o chão.

– Deixe-me ir com você. Não precisamos conversar. Só quero estar ao seu lado. – A voz dele ficara mais gentil.

Julia notou que ele estava se esforçando ao máximo para ser compreensivo, embora seu instinto fosse assumir o controle e resolver a situação.

– Está bem – concordou ela, relutante.

Eles desceram as escadas e se agasalharam.

Puseram cachecóis e Gabriel pegou sua boina no armário do hall de entrada, enquanto Julia pegava um velho gorro de lã de Rachel.

978/1201

– O que acha de darmos uma caminhada? – Ele brincou com as chaves que havia deixado sobre a mesinha do hall.

– Uma caminhada? Está um gelo lá fora.

– Não precisamos andar muito. O ar fresco vai ajudá-la a dormir.

– Está bem. – Julia atravessou a sala de estar atrás dele até a cozinha, onde Gabriel pegou uma lanterna.

Em seguida, acompanhou-o até a porta dos fundos, saindo em direção ao quintal coberto de neve.

Gabriel não ofereceu a mão a ela, mas se manteve perto, como se estivesse com medo de que ela pudesse cair.

Caminharam em silêncio rumo ao bosque, o ar se condensando numa fumaça fantasmagórica conforme eles expiravam. Quando chegaram ao pomar, Julia se recostou na velha pedra,

979/1201

apertando os braços com força em volta do próprio corpo.

– Sempre acabamos voltando a este lugar.

Gabriel parou diante dela, apontando o facho da lanterna para o lado.

– É verdade. Este lugar me faz lembrar do que

realmente importa. Me faz lembrar de você.
Julia desviou os olhos da aflição que detectou
no rosto dele.

– Este lugar me traz lembranças muito felizes. –
A nostalgia tomou conta da voz de Gabriel. –
Nossa primeira noite juntos, a noite em que fizemos planos de consumir nosso amor, nosso noivado... – Ele sorriu. – Aquela noite no verão passado, em que fizemos amor bem ali.
Ela seguiu seu dedo em direção ao local em que seus corpos haviam se entrelaçado. Foi invadida por uma onda de imagens e emoções. Quase conseguia sentir os braços dele ao seu redor, pele contra pele.

980/1201

– Alguns meses atrás, eu estava com medo de ter filhos. Você me convenceu a ter esperança, a olhar para o futuro, não para o passado. A recompensa dessa esperança foi a descoberta de que nem todos os galhos da minha árvore genealógica estão apodrecidos.

– Deus está me punindo – disse ela.

Ele franziu a testa.

– Do que está falando?

– Deus está me punindo. Eu queria me formar em Harvard e me tornar uma professora.

Agora...

– Não é assim que Deus age – falou Gabriel, interrompendo-a.

– Como você sabe?

Ele tirou uma de suas luvas de couro e pousou a mão sobre o lado do pescoço de Julia, bem embaixo da sua orelha.

– Porque certa vez uma jovem muito madura para sua idade me disse isso.

981/1201

– E você acreditou nela? – Julia ergueu os olhos marejados para ele.

– Ela nunca mentiu para mim antes – sussurrou ele. – E, quando um anjo de olhos castanhos fala com você, o melhor a fazer é escutar.

Julia riu sem alegria.

– Acho que o seu anjo de olhos castanhos fez uma grande besteira.

O rosto de Gabriel ficou angustiado antes de ele conseguir se controlar. Mas ela viu sua expressão.

– Desculpe. Não quis magoá-lo.

Ela estendeu os braços para ele, que se aproximou, erguendo a outra mão para também pousá-la em seu pescoço.

– Não sei o que dizer sem parecer um cretino paternalista e insensível.

– É mesmo, professor?

Ele franziu os lábios, seus olhos na defensiva.

– É.

– Por que não tenta?

982/1201

Os polegares dele acariciaram seu queixo em sincronia.

– Sei que não era isso que você queria. Sei que o momento é o pior possível. Mas não consigo evitar. – Os polegares dele pararam de se mover.

– Estou feliz.

– Eu estou apavorada. Vou ser mãe 24 horas por dia, sete dias por semana. Não conseguirei estudar para as minhas provas ou fazer pesquisa para a minha tese. Não se tiver que cuidar de um bebê. O que está acontecendo é exatamente tudo o que eu temia.

Ela fechou os olhos com força e duas lágrimas escaparam deles, escorrendo por suas faces.

Gabriel as secou com as mãos.

– Você está falando como se fosse mãe solteira, Julianne. Mas não é. Farei de tudo para que não precise se responsabilizar sozinha pelo bebê. Vou conversar com Rebecca e propor que ela venha

983/1201

morar conosco. Talvez possa tirar uma licença-paternidade, ou usar meu ano sabático. Vou...

– Licença-paternidade? Está falando sério? – Os olhos dela se arregalaram.

– Mais sério, impossível. – Ele arrastou suas

botas na neve. – Vai ser um pesadelo para o bebê ser deixado comigo, tenho certeza. Mas farei o possível e o impossível para garantir que você conclua o doutorado. Se isso significar pedir licença-paternidade ou usar meu ano sabático, é o que farei.

– Você nunca cuidou de um bebê na vida.

Gabriel a encarou com um olhar que só poderia ser descrito como esnobe.

– Estive em Princeton, Oxford e Harvard. Certamente posso aprender a cuidar de um bebê.

– Cuidar de um bebê e se destacar em algumas das melhores universidades do mundo são duas coisas bem diferentes.

984/1201

– Farei pesquisa. Comprarei todos os livros de referência sobre recém-nascidos e vou estudá-los antes de o bebê nascer.

– Você vai ser ridicularizado pelos colegas.

– Azar o deles. – Os olhos azuis de Gabriel ficaram ferozes.

Os cantos da boca de Julia se curvaram.

– Vai ficar atolado até o pescoço em fraldas sujas e paninhos de boca, sobrevivendo à base de poucas horas de sono, enquanto tenta acalmar um ditadorzinho birrento e cheio de cólicas lendo as mesmas histórias de ninar quinhentas vezes seguidas.

– Como se costuma dizer: *Vem pro papai*.

Ela apertou o pulso dele.

– Você vai ser marginalizado pelo departamento. Vão dizer que não leva sua pesquisa a sério. As opiniões dessas pessoas podem diminuir suas chances de ganhar bolsas ou anos sabáticos no futuro.

985/1201

– Sou professor titular contratado. Eles que se fodam.

Julia sentiu o impulso momentâneo de soltar uma gargalhada. Mas conseguiu se conter.

– Estou falando sério, Julianne. Que se fodam.

O que podem fazer contra mim? Salvo algum acontecimento apocalíptico, eles vão ter que me aturar. Como escolho organizar minha vida familiar não é da conta deles nem de ninguém.

– Por que está tão decidido a fazer isso? – perguntou ela, perscrutando os olhos dele.

– Porque amo você. Porque já amo nosso bebê, mesmo que ele ou ela provavelmente ainda seja menor do que uma uva. – Ele acariciou o rosto dela com os polegares. – Você não está sozinha. Tem um marido que a adora e está feliz por estarmos esperando um filho nosso. Não vai passar por isso sozinha. – Ele baixou a voz até um sussurro: – *Estou bem aqui. Não me afaste.*

986/1201

Ela fechou os olhos e apertou os antebraços dele.

– Estou com medo.

– Eu também. Mas juro por Deus, Julianne, que vai dar tudo certo. Eu garanto.

– E se algo der errado?

Ele colou a testa à dela.

– Espero que nada de mal aconteça. Mas não devemos começar esta jornada pensando em todos os desdobramentos terríveis. Foi você quem me ensinou a ter esperança. Não se desespere.

– Como isso pôde acontecer?

Gabriel pegou um lenço no bolso do seu casaco e secou com carinho o rosto dela.

– Se não sabe como isso foi acontecer, querida, então estou fazendo alguma coisa de errado.

Ele tentou conter um sorriso maldoso, mas fracassou.

Julia abriu os olhos para fitar os dele, ligeiramente carregados de orgulho masculino.

987/1201

– Meu Super-Homem – balbuciou ela. – Eu devia ter desconfiado de que havia algo poderoso nos seus genes.

– Ora essa, Sra. Emerson, é claro que há algo poderoso nos meus jeans. Terei grande prazer em

demonstrar para você a qualquer hora. É só pedir.

Julia revirou os olhos.

– Muito engraçadinho, Super-Homem.

Foi então que ele a beijou, com ternura. Foi o beijo de um homem que havia acabado de receber o que mais queria de sua amada. Um presente muito desejado e imprevisto.

– Eu... eu rezei por isso – disse ele, hesitante.

– Eu também. Mais de uma vez. Já devia saber que São Francisco não sossegaria até convencer Deus a nos dar um bebê.

– Quanto a isso, já não tenho tanta certeza. –

Gabriel cutucou o nariz dela com o dedo. – Uma certa especialista em Dante me convenceu de que
988/1201

São Francisco tem o hábito de transmitir suas mensagens através do silêncio. Talvez ele não tenha dito nada. Talvez tenha apenas ficado parado ali, observando.

– Ah, disse, sim – argumentou Julia. – Esta é a maneira que ele encontrou de mostrar que eu estava errada em minha palestra e que ele realmente lutou com o demônio pela alma de Guido.

– Duvido. E o professor Wodehouse também.

Na verdade, acho que São Francisco deve estar se gabando de você em meio ao círculo dos abençoados.

– Não lhe dei muito motivo para se gabar nos últimos dias. Tenho me comportado como uma criança mimada e egoísta.

– Você não é nada disso. – A voz de Gabriel assumiu um tom severo. – Foi pega de surpresa, assim como eu, e tem muito mais a perder. Como falei antes, prometo assumir uma parte maior das responsabilidades para equilibrar as coisas.
989/1201

Ele a abraçou com força.

– Não esperava que minhas preces fossem atendidas. Ainda não consegui me habituar à ideia de que Deus me dá ouvidos, quanto mais de que Ele

decide conceder meus pedidos.

– Talvez a abundância da graça de Deus seja mesmo assim, inesperada.

– *Fun dayn moyl in gots oyern.*

Julia arqueou as sobrancelhas.

– Iídiche?

– Exatamente. Significa: “Da tua boca para os ouvidos de Deus.”

Uma sensação de ternura se espalhou pelo peito de Julia.

– Vamos poder ensinar iídiche ao nosso bebê. E italiano. E falar com ele sobre seu famoso bisavô, o professor Spiegel.

– E sua famosa mamãe, a professora Julianne Emerson. Você vai terminar seu doutorado, Julianne, e se tornará professora. Eu prometo.

990/1201

Ela enterrou o rosto na lã do casaco de frio de Gabriel.

CAPÍTULO SETENTA

1o de janeiro de 2012

Stowe, Vermont

Paul se viu sentado diante da lareira em um chalé nas primeiras horas da madrugada. Heather e Chris já haviam se retirado para o quarto, depois de darem as boas-vindas ao Ano-Novo, deixando Paul e Allison tomando suas cervejas num silêncio amigável.

Estavam os dois sentados no chão. Allison olhava para Paul com uma expressão indecifrável em seu belo rosto.

– Você se lembra da nossa primeira vez?

Ele se empertigou de repente, quase derramando a bebida.

Tossiu.

992/1201

– Como é? Por que está me perguntando isso?

Ela afastou o olhar, visivelmente constrangida.

– Estava só me perguntando se você alguma vez pensa nisso. Desculpe. Não deveria ter tocado no assunto.

Ele começou a tirar o rótulo da sua garrafa de

Samuel Adams enquanto esperava o coração voltar a bater.

– É algo em que você pensa com frequência? A nossa primeira vez? – Paul se importava com Ali; não queria que ela se sentisse mal. Tampouco queria que sentisse vergonha do passado deles.

De forma alguma.

– Uhum, você não?

– Foi você que terminou comigo, lembra? – Ele pegou a garrafa de cerveja de volta. – Aonde quer chegar com essa conversa?

– Só estava curiosa para saber se você ainda pensa em mim dessa forma.

993/1201

– É claro que penso. Mas o que está tentando fazer...? Me torturar? Tive que parar de pensar em você assim, ou então... – Foi a vez dele de ficar constrangido.

– Desculpe. – Allison abraçou as próprias pernas, descansando o rosto sobre os joelhos.

Quando Paul fitou os olhos dela sob a luz do fogo, eles pareceram perdidos. Muito tristes. Paul se virou para as chamas.

– No que está pensando? – perguntou, enfim.

– No seu cheiro. No som da sua voz sussurrando ao pé do meu ouvido. No jeito que você olhava para mim quando nós... – Ela deu um meio sorriso. – Você já não me olha assim. Entendo por quê. Foi culpa minha e preciso aprender a viver com isso.

– Talvez tudo aconteça por um motivo. – Paul fez questão de manter seu olhar fixo na lareira.

– Talvez. Quem me dera poder voltar atrás. Não ter sido tão burra.

994/1201

– O relacionamento a distância foi difícil para mim, também. Nós estávamos brigando demais.

– Eram brigas bobas.

– Sim, eram.

– Desculpe.

Ele se virou para ela.

– Pare de dizer isso, está bem? Você fez o que achava que devia fazer. Eu superei. Fim da história.

– Mas é isso que eu mais lamento – sussurrou ela.

– O quê?

– O fato de você ter superado.

Seus olhares se cruzaram e Paul poderia jurar ter visto lágrimas nos olhos dela.

Ela se apressou em secá-las.

– Não me entenda mal. Tenho boas lembranças, felizes. Mas, depois que nós terminamos e comecei a sair com outra pessoa, não pude deixar de voltar a pensar em nós dois.

995/1201

– Você namorou um tal de Dave, não foi?

– Foi. Nós trabalhávamos juntos, mas agora não mais. Ele se mudou para Montpelier.

– Vocês não ficaram muito tempo juntos.

Ela tornou a pousar o rosto sobre os joelhos.

– Ele era legal, mas não tanto quanto você.

– Ele a magoou? – O tom de Paul era desconfiado.

– Não. Mas, quando transávamos, ele nunca olhava para mim. Ficava o tempo todo com os olhos fechados. Parecia que nunca estava ali de verdade, entende? Era como se eu pudesse ser qualquer uma. Uma garota que ele arrastou para casa, em vez de a namorada dele.

– Ali, eu...

Ela o interrompeu:

– Não conseguia deixar de compará-lo a você.

Foi por isso que trouxe à tona o assunto da nossa primeira vez. Como você insistiu que deveríamos nos conhecer muito bem antes de fazermos sexo.

996/1201

Como reservou um quarto de hotel perto de casa para a nossa primeira vez. – Seu rosto se encheu de nostalgia. – Você sempre fez com que eu me sentisse especial, antes mesmo de dizer que me amava.

– Você é especial.

Ela o encarou.

– Acha que podemos recomeçar de onde paramos?

– Não.

Ela se encolheu.

Paul tomou a mão dela na sua.

– Ainda tenho sentimentos por você. Mas não estou pronto para entrar em um relacionamento agora. Mesmo que estivesse, não poderíamos simplesmente recomeçar de onde paramos. Somos pessoas diferentes agora.

– Você não me parece tão diferente.

– Mas eu estou. Acredite.

Allison apertou a mão dele.



997/1201

– Nunca acreditei tanto em ninguém. Tive ciúmes daquela Julia. Da maneira como você falava o nome dela. Porque era assim que costumava falar o meu. Mas terminei com você, e você se apaixonou por outra mulher. Teria ficado quieta se as coisas tivessem dado certo entre vocês. Mas não deram.

Paul tomou mais um longo gole de cerveja e balançou a cabeça.

No dia 2 de janeiro, Paul teve que partir para a convenção anual da Modern Language Association, que aconteceria em Seattle. Todas as entrevistas de emprego que havia marcado seriam durante a convenção.

Allison o levou de carro até o aeroporto de Burlington. Antes de ele sair do veículo, ela lhe deu uma pequena sacola de presente.

998/1201

– São só uns biscoitos com gotas de chocolate que fiz. Talvez haja um livro aí dentro também.

Paul lhe agradeceu com um sorriso.

– Que livro?

– *Razão e sensibilidade*.

Ele a encarou com uma expressão intrigada.

- Por que está me dando isto?
- Acho que talvez possa lhe dizer algo.
- Obrigado – falou ele. – Eu acho.
- De nada. Vou sentir sua falta.
- E eu a sua. Venha cá.

Ele a puxou para um abraço caloroso.

Allison retribuiu, recuando um pouco para dar um beijo suave, porém demorado, nos lábios dele. Ficou surpresa, mas também exultante, quando, em vez de se retrair, ele retribuiu o beijo.

– Logo, logo estarei de volta – disse ele depois que os dois enfim se separaram.

999/1201

Ela respondeu com um sorriso esperançoso, acenando até ele desaparecer no interior do terminal.

CAPÍTULO SETENTA E UM

10 de janeiro de 2012

Nova York, Nova York

Christa Peterson adentrou, lépida e faceira, o Departamento de Italiano da Universidade Colúmbia. Tivera um recesso de fim de ano muito agradável na casa dos pais em Toronto e até conhecera um homem com quem tivera um breve caso. Agora estava ansiosa para retomar seus estudos e continuar sua trajetória para se tornar especialista em Dante.

Curiosa, pegou todas as correspondências em seu escaninho, sentando-se em uma poltrona próxima dali para dar uma olhada nelas. Boa parte era lixo, com exceção de um simples comunicado impresso. Christa correu os olhos por ele.

1001/1201

O comunicado listava os nomes de três especialistas em Dante que visitariam o departamento ao longo das próximas duas semanas, como candidatos à recém-aberta vaga de professor catedrático. Christa leu os nomes duas vezes antes de relaxar na poltrona.

Ela sorriu. Mas não por causa dos nomes que viu ali.

Não, ela sorriu por conta de um nome que não constava da lista. Ao que tudo indicava, o plano de se vingar do professor Giuseppe Pacciani tinha dado resultados.

Com esse delicioso pensamento em mente, guardou o comunicado no bolso, jogou todo o lixo postal fora e estava se preparando para ir embora quando a professora

Barini a deteve:

– Srta. Peterson, precisamos conversar.

– Claro. – Obediente, Christa seguiu a professora até seu gabinete.

1002/1201

A professora Barini deixou a porta entreaberta antes de se sentar à sua mesa.

– Gostaria de lhe agradecer por ter aceitado meu conselho em relação ao professor Pacciani.

Notei que ele não foi incluído na lista de candidatos. – Christa nem tentou esconder seu entusiasmo.

Lucia ignorou o comentário e pegou uma pasta de arquivo, folheando rapidamente o conteúdo. Então olhou para Christa por sobre a armação dos óculos.

– Você está com um problema.

– Que problema?

– Deve escolher três professores para compor em a sua banca examinadora, mas fui notificada pelos membros do departamento de que ninguém está disposto a fazer parte dela.

– O quê? – Os olhos negros de Christa se arregalaram.

1003/1201

– Isso nunca aconteceu antes. Como chefe do departamento, não posso obrigar um membro do corpo docente a participar das bancas. E, mesmo que pudesse, não faria isso. A recusa deles em avaliá-la indica que não acreditam que você apresentará

um
trabalho
à

altura
de
suas

expectativas.

Christa não conseguia acreditar no que ouvia.
Era impensável que todos os professores do departamento se recusassem a trabalhar com ela.
Ninguém havia lhe dado o menor sinal de tamanha antipatia.

(Pelo menos não na sua frente.)

– O que isso significa?

Lucia suspirou.

– Significa que, infelizmente, em maio você receberá seu diploma de mestrado, mas sem a possibilidade de extensão para o doutorado. Portanto, terá que se candidatar a uma vaga em outro lugar para dar continuidade aos seus estudos.

1004/1201

– Você não pode fazer isso.

Lucia fechou o arquivo de Christa com um movimento brusco.

– O mestrado em filosofia possui critérios de desempenho que devem ser respeitados. De acordo com os membros do departamento, seu desempenho não é satisfatório.

– Mas... mas isso é um absurdo! – exclamou Christa. – Eu fiz todos os meus trabalhos. Tenho recebido boas notas. Ninguém apontou nenhum problema na minha pesquisa. Você não pode me expulsar do programa por puro capricho!

– Não agimos por capricho na Colúmbia, Srta. Peterson. O que temos são critérios. Por mais que tenha sido aprovada em suas disciplinas, ainda precisa qualificar sua dissertação. Como falei, ninguém está disposto a participar da sua banca examinadora. Isso significa que não poderá concluir o programa.

1005/1201

Christa olhou em volta, desamparada, tentando encontrar uma maneira de reverter aquela situação.

– Deixe-me conversar com eles. Irei falar com os professores para me defender.

Lucia balançou a cabeça.

– Não posso deixá-la fazer isso. A esta altura, eles já acrescentaram uma carta ao seu histórico.

Se for procurá-los depois disso, irão se considerar assediados por você.

Christa fez uma careta diante dessa ideia.

– Isso é ridículo. Não vou assediá-los.

Lucia a encarou.

– Mesmo assim, não posso deixá-la falar com eles.

Christa sentiu o controle que achava ter recuperado lhe escapar novamente pelos dedos.

(Não lhe ocorreu que deveria ter sido assim que o professor Emerson e Julianne se sentiram ao 1006/1201

serem colocados diante de um Comitê Disciplinar em Toronto.)

– É tarde demais para eu me candidatar a outros programas. Isso vai ser o meu fim. – O queixo dela começou a tremer.

– Não necessariamente. Muitos programas aceitam candidaturas até março. Minha assistente pode lhe dizer quais. Talvez devesse considerar a ideia de voltar para o Canadá.

– Mas quero ficar aqui. O professor Martin disse...

– O professor Martin não é o chefe do departamento aqui; eu sou. – Lucia meneou a cabeça em direção à porta. – Entendo que seja decepcionante, mas talvez em outra universidade você tenha mais sucesso.

– Deve haver algo que eu possa fazer. Por favor.

– Christa deslizou para a frente em sua cadeira, suplicante.

1007/1201

– Pode recorrer à reitora, se desejar, mas os regulamentos da universidade a impedem de exigir que membros do departamento participem de bancas examinadoras específicas. Temo que ela não possa fazer nada por você. – Lucia tornou a

indicar a porta com a cabeça. – Minha assistente irá ajudá-la a pesquisar outros programas. Boa sorte.

Christa olhou para a mulher na outra ponta da mesa, completamente chocada. Porém, enquanto saía da sala, lembrou-se de algo; algo que Pacciani lhe dissera ainda em Oxford.

“Cuidado, Cristina. Você não quer ter a professora Picton como inimiga... A professora Picton

tem admiradores espalhados por departamentos em todo o mundo. A chefe do seu departamento na Colúmbia foi aluna dela.”

O fato de que no fim das contas Pacciani tinha razão a enchia de raiva. Contudo, ao mesmo tempo que se deu conta disso, uma possível 1008/1201

solução lhe veio à mente. Tudo o que precisava fazer era dar continuidade aos seus estudos fora do círculo de influência da professora Picton. O que significava que precisaria investigar cada professor em cada departamento que oferecesse um

programa de doutorado em estudos sobre Dante. Tinha dias de trabalho pela frente, apenas para encontrar a possibilidade de se matricular em um programa de doutorado.

(Diga-se de passagem, no entanto, que as leis do carma tinham sido devidamente aplicadas.)

CAPÍTULO SETENTA E DOIS

Medo e ansiedade não são fáceis de controlar, ainda mais quando você passou anos da sua vida lutando contra esses sentimentos. Quando os Emersons voltaram a Cambridge, ambos marcaram

imediatamente

consultas

com

seus

analistas.

A Dra. Walters sugeriu várias estratégias diferentes que poderiam ajudar Julia a lidar com sua ansiedade no que dizia respeito à gravidez, mas também salientou o fato de que ela precisava

saber pedir ajuda, e também aceitá-la, em vez de tentar fazer tudo sozinha.

O Dr. Townsend analisou meticulosamente as preocupações de Gabriel quanto à saúde e ao bem-estar da esposa e do filho ainda por nascer.

1010/1201

Mas se mostrou satisfeito com o progresso que ele havia apresentado desde o verão.

Os Emersons também se consultaram com a Dra. Rubio, que confirmou a gravidez, estimando que a criança nasceria por volta do dia 6 de setembro. Uma série de consultas foi marcada, incluindo ultrassonografias para monitorar a evolução do feto e qualquer problema relacionado aos miomas uterinos. A doutora recomendou que Julia modificasse sua dieta e tomasse suplementos vitamínicos, para garantir tanto a sua saúde quanto a do bebê.

Ela também foi instruída a evitar sexo oral com seu marido.

– Como é que é? – A voz do professor reverberou no pequeno consultório.

– O homem não deve praticar sexo oral na mulher durante a gravidez – repetiu a Dra. Rubio com firmeza.

– Isso é ridículo.

1011/1201

A Dra. Rubio lançou um olhar frio para ele.

– Onde mesmo o senhor se formou em obstetrícia, Sr. Emerson?

– É professor Emerson e me formei em Harvard. E a senhora, onde cursou a faculdade contra sexo oral?

– Querido... – Julia pousou a mão em seu braço para tranquilizá-lo. – A Dra. Rubio está tentando nos ajudar. Nós queremos que o bebê fique saudável.

– Sexo oral é saudável – bufou ele. – Posso provar.

A Dra. Rubio xingou discretamente em espanhol.

– Se entrar ar na vagina, isso pode causar embolia gasosa e pode prejudicar o bebê. Aconselho todas as minhas pacientes a evitarem sexo oral. Não estou implicando com o senhor em especial, professor Emerson. Então, até nossa próxima consulta. Não se esqueçam: nada de cafeína,



1012/1201

laticínios crus, queijo Brie ou Camembert, álcool, mariscos, sushi, pasta de amendoim e, definitivamente, nada de sexo oral. – Ela fuzilou Gabriel com o olhar.

– Por que não diz logo “nada de prazer”? O que diabos resta depois disso? – resmungou ele, mal-humorado.

Julia deu uma risada nervosa.

– Estou certa de que encontraremos algo. Obrigada, Dra. Rubio.

Gabriel então levou Julia à Barnes and Noble mais próxima, onde comprou três livros sobre gravidez. Todos afirmavam que a mulher poderia receber sexo oral durante a gestação sem problemas, desde que não entrasse ar na vagina.

Em seguida, os Emersons foram para casa, onde o professor fez questão de colocar seu argumento em prática.

1013/1201

– Talvez seja melhor você não ir comigo na minha próxima consulta – ponderou Julia certa manhã, enquanto se vestia.

Era o dia 21 de janeiro, a data do primeiro aniversário de casamento deles. Rebecca – que estava maravilhada com a perspectiva de acrescentar a função de babá às suas demais obrigações domésticas – havia colocado sua casa em Norwood para alugar e se mudara para um dos quartos de hóspedes. Sua presença era tranquilizadora para Julia, ainda mais porque nem ela nem Gabriel tinham mãe para lhes dar conselhos durante a gravidez.

– Eu vou a todas as suas consultas. A Dra. Rubio não me assusta. – Gabriel abotoava a camisa e

soou impaciente. – E ela também não sabe de tudo.

Julia não se deu o trabalho de discutir.

Estava no segundo mês de gravidez e já começava a sentir os efeitos. Seus seios haviam
1014/1201

aumentado e estavam muito sensíveis. Ela passava a maior parte do tempo exausta, e começava a se incomodar com diversos cheiros. Tivera que pedir a Gabriel que ele parasse de usar Aramis, pois não conseguia mais suportar a fragrância. Livrou-se de todos os seus produtos com aroma de baunilha, substituindo-os por outros com aroma de toranja, um dos únicos cheiros que ainda era capaz de tolerar.

Para alegria de Gabriel, no entanto, os hormônios de Julia estavam tão em polvorosa que ela queria fazer sexo várias vezes ao dia. Exigência que ele cumpria com todo o prazer. (Pois, nesse sentido, como em tantos outros, Gabriel era um cavalheiro.)

– Você está bem? – Gabriel observou o rosto dela, que tinha um tom esverdeado.

Ela continuou a abotoar a calça jeans.

– Olhe, Gabriel, elas ainda me servem.

Ele se aproximou para lhe dar um beijo na testa.
1015/1201

– Isso é ótimo, querida. Mas talvez esteja na hora de começarmos a comprar roupas de gestante.

– Não quero passar meu aniversário de casamento fazendo compras.

– Não é preciso. Mas achei que poderíamos dar uma volta no Copley Place antes de fazermos o *check in* no Plaza para o fim de semana.

– Está bem – disse ela baixinho. – Parece ótimo. Quando Julia chegou à cozinha, seu estômago já estava embrulhado. Ela olhou para o prato de ovos mexidos sobre a mesa enquanto Gabriel se servia de algumas fatias de bacon.

Teve uma sensação estranha no fundo da

garganta.

– Por que não começa com uma torrada pura?
Era o que eu costumava fazer todas as manhãs. –
Rebecca pegou o pão e gesticulou para a
torradeira.

1016/1201

– Não estou me sentindo bem – anunciou Julia,
fechando os olhos.
– Comprei mais ginger ale. Sente-se que eu
pego uma para você. – Rebecca largou o pão e foi
em direção à geladeira.

Antes que Julia pudesse responder, sentiu um
espasmo no estômago. Cobriu a boca e correu
para o banheiro mais próximo.

Gabriel foi atrás de Julia, os sons dela fazendo
força para vomitar ecoando pelo corredor.

– Querida... – Ele se agachou ao seu lado, es-
tendendo a mão para afastar os cabelos dela da
frente.

Julia estava de joelhos, a cabeça acima do vaso
sanitário.

Vomitou várias vezes, esvaziando o estômago.
Gabriel acariciava suas costas com a mão livre.
Buscou uma toalha para limpar a boca de Julia e
um copo d'água.



1017/1201

– Isso deve ser amor – murmurou ela enquanto
bebericava.

– O que quer dizer? – Ele se sentou atrás dela,
aninhando-a em seus braços.

– Você segurou meu cabelo, professor. Deve me
amar mesmo.

Ele estendeu a mão, titubeante, para tocar seu
ventre.

– Lembro-me da vez em que você cuidou de
mim quando eu estava passando mal. E isso foi
antes de você me amar.

– Eu sempre amei você, Gabriel.

– Obrigado. – Ele beijou sua testa. – Nós fize-
mos essa criaturinha juntos. Não vão ser seus flu-

idos corporais que vão me afugentar.

– Vou me lembrar disso quando minha bolsa estourar.

1018/1201

Os Emersons passaram algumas horas passeando pelo centro comercial Copley Place antes de irem jantar em um restaurante italiano na zona norte da cidade.

Mais tarde, na suíte que haviam reservado no

Hotel Copley Plaza, Julia se despiu, largando suas roupas de qualquer jeito no chão. Gabriel examinou o corpo dela, fixando os olhos nos seios, que estavam intumescidos e fartos.

– A sua beleza sempre me deixa perplexo.

Julia sentiu sua pele se aquecer sob o olhar dele.

– Seus elogios sempre me surpreendem.

– Mas não deveriam. Talvez não os faça tanto quanto deveria. – Ele se interrompeu, ainda olhando para ela. – Já não somos recém-casados.

– Não, não somos.

– Feliz aniversário, Sra. Emerson.

– Feliz aniversário, Sr. Emerson.

1019/1201

Ele enfiou a mão no bolso, de onde tirou uma caixa azul amarrada com um laço branco de cetim.

Julia gaguejou.

– Desculpe. Tenho um cartão para você, mas esqueci o seu presente lá em casa. – Ela esfregou a testa. – Espero não estar ficando com cabeça de grávida.

– Cabeça de grávida?

– A Dra. Rubio diz que é comum mulheres grávidas terem problemas de memória de curto prazo.

Provavelmente

é

por

conta

dos

hormônios.

– Não preciso de presente nenhum, mas fico

grato por ter pensado em mim.

– É uma estrela de Davi numa corrente de prata. Sei que você não usa joias. – Ela apontou para a aliança dele. – Só essa. Mas pensei que talvez...

1020/1201

– É claro que vou usar. Obrigado, Julianne, foi muito atencioso.

– Desculpe ter esquecido. E obrigada pelo presente.

Ela lançou-lhe um olhar caloroso ao vê-lo entender a caixa.

Ao abri-la, encontrou um pingente de diamante solitário, preso a uma longa corrente de platina. Ergueu os olhos para Gabriel, intrigada.

– Combina com os brincos de Grace. – Ele foi para trás dela, gesticulando para o colar.

– É lindo. – Julia tocou a pedra enquanto ele prendia a corrente em volta do pescoço dela. – Obrigada.

– Obrigado por me aturar – sussurrou ele, beijando o local em que o pescoço dela se unia aos seus ombros.

– Não é nenhum sacrifício. Temos nossos altos e baixos, como qualquer casal.

Ele se endireitou, tomando a mão dela na sua.



1021/1201

– Vamos tentar garantir que os altos sejam mais frequentes do que os baixos.

Depois de terem passado algum tempo se amando, Gabriel e Julia estavam enroscados na cama. Julia correu os dedos pelo colar que descansava logo acima dos seus seios inchados.

– Está com medo? – sussurrou ela.

Os cantos da boca de Gabriel se curvaram.

– Apavorado.

– Então por que está sorrindo?

– Porque parte de mim está crescendo dentro de você. Tenho a chance de ver minha linda esposa carregar meu filho na barriga.

- Em alguns meses, teremos uma família.
- Já somos uma família. – Ele acariciou seus cabelos. – Como está se sentindo?

1022/1201

- Cansada. Quase peguei no sono durante uma das minhas aulas esta semana. Estou tendo dificuldade em me manter acordada à tarde sem cafeína.

O rosto de Gabriel ficou preocupado.

- Precisa descansar mais. Talvez devesse dar um pulo em casa para tirar um cochilo antes das aulas.

Julia bocejou.

- Eu adoraria, mas não dá tempo. Só preciso começar a ir para a cama mais cedo. O que significa que teremos que fazer sexo logo depois do jantar.

- É para já... – murmurou ele.

- Não me provoque. – Ela o empurrou de brincadeira e ele agarrou seu pulso, puxando-a para um beijo cheio de ternura.

- Espero que seja uma menina.

Julia ficou surpresa.

- Por quê?

1023/1201

- Para que eu possa mimá-la como mimo você. Um anjinho de olhos castanhos.

- Isso me faz lembrar... Até descobrirmos o sexo do bebê, vamos ter que inventar uma maneira mais prática de nos referirmos a ele ou ela. Detesto não saber como me referir ao nosso bebê porque não temos um pronome pessoal neutro.

- Adoro quando você fala de gramática. É tão sexy. – Ele a beijou. – Podemos usar simplesmente *o bebê*.

Julia baixou sua mão até o ventre.

- Por que tem tanta certeza de que será uma menina? Acho que vamos ter um garotinho.

- Ele é ela. E vamos ter que pensar em um nome apropriado.

– Como o quê? Beatriz?

– Não – falou ele baixinho. – Só existe uma Beatriz. Poderíamos chamá-la de Grace.

Julia ficou pensativa por alguns instantes.



1024/1201

– Ainda não estou pronta para decidir isso, embora Grace seja uma possibilidade. Mas ainda acho que vai ser um menino. Então, por enquanto, vamos simplesmente chamá-lo de Ralph.

– Ralph? Por que Ralph?

– É um ótimo apelido para quebrar o galho. Preferiria chamá-lo de Minduim, mas era assim que chamávamos Tommy antes de ele nascer. Gabriel deu uma risadinha.

– A sua mente é fascinante. Agora vá dormir, mãezinha. Nossas manhãs têm começado cedo nos últimos dias.

Ele lhe deu um beijo na testa antes de apagar a luz. Então aninhou a esposa nos braços.

Algumas horas depois, ele acordou com a mão de alguém acariciando seu peito nu.

1025/1201

– Meu bem? – A voz dele estava pastosa de sono.

– Desculpe por ter acordado você. – Ela se aproximou mais, enfiando sua coxa entre as dele. Gabriel sentiu beijos suaves ao longo do seu peito e pelo seu pescoço acima.

– Não consegue dormir?

– Não, não consigo.

Julia roçou sua mão pelos músculos abdominais dele, antes de descer mais um pouco.

Ela o beijou, e ele reagiu calorosamente. A sonolência e o cansaço de Gabriel pareceram se dissipar enquanto ela deslizava a mão para cima e para baixo.

– Você tem algo de que eu preciso.

– Tem certeza? – Ele agarrou o pulso de Julia, interrompendo seus movimentos.

Ela hesitou.

– Julianne?

1026/1201

– Desculpe se o acordei, mas preciso mesmo fazer amor com você. Agora.

– Agora?

– Sim. Por favor.

Ele recolheu sua mão de volta e afastou as cobertas.

– Faça de mim o que quiser.

Julia montou sobre ele imediatamente. Ele ergueu as mãos para segurar seus seios pesados enquanto ela se inclinava para beijá-lo.

– *Me convide a entrar em você* – sussurrou ele, enquanto vergava seu corpo para cima contra o dela.

– Você precisa de convite?

Gabriel fitou-a nos olhos, arregalados de tesão.

– Eu seria capaz de passar o resto da minha vida dentro de você e morrer feliz. Você é meu lar.

Julia titubeou diante da repentina vulnerabilidade que lampejou pelo rosto do marido. Ergueu

1027/1201

as mãos para cobrir as dele, pressionando-as contra os seios.

– Você vai me fazer chorar. Já ando emotiva demais.

– Nada de lágrimas, por favor. – Ele a abraçou mais forte.

– Então venha – sussurrou ela, alinhando seus quadris aos dele.

Ele a penetrou devagar.

– *Estou em casa* – sussurrou Gabriel.

Julia não tentou conter as lágrimas.

– Amo tanto você.

Ele respondeu lambendo e sugando seus seios, provocando-a e atijando-a. Em questão de minutos, estavam indo e vindo um contra o outro, suas peles quentes e vivas de prazer.

– Está gostoso? – rosnou Gabriel, descendo as mãos até os quadris dela.

1028/1201

Os olhos de Julia estavam fechados, seus lábios rosados entreabertos. Ela não respondeu, então Gabriel pousou a mão com ternura em seu rosto.

– Julia.

Ela pestanejou, abrindo os olhos.

– Está gostoso – falou, ofegante. – Muito gostoso.

As mãos grandes dele agarraram sua cintura, instigando-a a continuar.

– Mais rápido – murmurou Gabriel.

Em resposta, Julia começou a se erguer e descer de volta depressa, sem parar, até os dois se deixarem cair sobre a cama, quase exauridos.

CAPÍTULO SETENTA E TRÊS

31 de janeiro de 2012

Cambridge, Massachusetts

A professora Katherine Picton estava parada no auditório em Harvard, examinando os participantes do congresso. Havia apresentado sua palestra meia hora depois da do professor Jeremy Martin. Em seguida, respondera às perguntas da plateia e recebera um peso de papel muito elegante de presente do professor Greg Matthews, em nome do Departamento de Estudos Românicos. Ainda não tivera a oportunidade de ir falar com os Emersons. Estava ansiosa por isso. Eles a haviam convidado para jantar em sua casa para que ela pudesse escapar das preferências culinárias mais excêntricas de Greg.

1030/1201

– Ah, aí estão vocês! – O forte sotaque britânico da professora Picton cortou o burburinho de uma dezena de conversas.

Ela atravessou a passos largos uma das fileiras de assentos, indo direto para onde Julia continuava sentada, com Gabriel de pé ao seu lado, conversando amigavelmente com a orientadora de Julia, a professora Marinelli.

– Katherine – disse Gabriel com carinho, dando-lhe um beijo no rosto.

– Gabriel e Julianne. Que bom revê-los.

Ela se voltou para a professora Marinelli.

– Cecília, é um prazer revê-la também, como sempre.

– Digo o mesmo. – As duas se abraçaram.

– Agora me diga, já falou com Jeremy? – perguntou Katherine, voltando seus olhos azul-acinzentados para Gabriel.

– Não – respondeu ele, lacônico.

1031/1201

– Acho que já está mais do que na hora de vocês fazerem as pazes. Concorde?

Cecília olhou de um especialista em Dante para o outro e pediu licença educadamente, preferindo fugir para outra parte do auditório onde uma discussão não estivesse prestes a estourar.

– Não tenho nenhum problema com Jeremy – Gabriel parecia ofendido. – Ele é que tem um problema comigo.

Os olhos de Katherine faiscaram.

– Então não vai se importar se eu o trazer aqui.

A figura diminuta da professora se pôs a marchar em direção a Jeremy Martin e começou a falar com ele.

Julia estava aflita, perguntando-se o que poderia acontecer.

Era óbvio que o professor Martin não tinha interesse em falar com Gabriel. Julia ficou

1032/1201

observando-o olhar na direção deles, então olhou de volta para Katherine, balançando a cabeça. Katherine pareceu lhe dar uma bronca, mas não por muito tempo, até que os dois vieram andando em direção aos Emersons.

– Lá vamos nós – sussurrou Julia, pegando a mão de Gabriel.

– Emerson – disse Jeremy com a voz tensa, ao se aproximar.

– Jeremy.

Katherine olhou de um homem para outro e franziu a testa.

– Ora, andem logo com isso. Cumprimentem-se, cavalheiros.

Gabriel soltou a mão de Julia para poder apertar a do homem que tinha sido seu amigo.

– Se lhe servir de alguma coisa, Jeremy, sinto muito.

Julia ergueu os olhos para o marido, surpresa.

1033/1201

O professor Martin também pareceu espantado.

Ele passou o peso do corpo de um pé para o outro, olhando de Gabriel para Julia e então de volta para Gabriel.

– Vejo que devo lhes dar os parabéns. Vocês estão casados há cerca de um ano, não é isso?

– Exatamente – atalhou Julia. – Obrigada, professor Martin.

– Por favor, me chame de Jeremy.

– Eu lhe devo uma. Não vou esquecer – falou Gabriel, baixando a voz.

Jeremy recuou um passo.

– Este não é o lugar nem o momento para isso.

– Então por que não conversamos no corredor?

Ora, Jeremy, somos amigos há anos. Estou tentando lhe pedir desculpas.

Jeremy fez uma careta.

– Está bem. Se as damas me dão licença. – Ele meneou a cabeça para Katherine e Julia antes de seguir seu antigo amigo em direção ao corredor.



1034/1201

– Até que não foi tão mau – disse Julia, voltando-se para Katherine.

– Veremos. Se eles voltarem sem que haja derramamento de sangue, aí concordarei com você. – Os olhos de Katherine assumiram um brilho travesso. – Vamos espiar por trás da porta?

Durante o jantar na casa deles naquela noite, Gabriel e Julia estavam determinados a não anunciar a gravidez para Katherine. Já haviam combinado não contar a ninguém antes do segundo trimestre.

(Contudo, não fizeram nada para esconder o intrigante utilitário Volvo que Gabriel comprara recentemente e estava estacionado na entrada de veículos.)

Enquanto Gabriel estava na cozinha preparando o café, Katherine voltou seus olhos

1035/1201

oniscientes para Julia e cutucou a toalha de mesa de linho com um dedo.

– Você está grávida.

– O quê? – Julia vacilou, largando seu copo d’água para não derramá-lo.

– Está na cara. Você não está bebendo. Recusou café. Seu marido, que normalmente já é muito atencioso, está pairando ao seu redor como se você fosse de porcelana, ao mesmo tempo que tenta esconder o enorme orgulho encharcado de testosterona. Você não me engana.

– Professora Picton, eu...

– Achei que tivéssemos concordado que você me chamaria de Katherine.

– Katherine, ainda estou no início da gravidez. Não vamos contar a ninguém, nem à nossa família, até eu completar três meses.

– É uma decisão sensata. Talvez seja bom mesmo você só contar ao departamento o mais
1036/1201

tarde possível. – Katherine tomou um gole do vinho, pensativa.

– Estou com medo de contar a eles.

Katherine pousou a taça.

– Posso saber por quê?

Julia levou as mãos ao ventre.

– Por vários motivos. Fico achando que eles vão pensar que eu não sou séria o suficiente e que Cecilia pode desistir de me orientar.

– Que bobagem. Cecilia tem três filhos, dois deles nasceram enquanto ela ainda fazia pós-graduação em Pisa. Próximo problema.

Julia se deteve, boquiaberta.

– Hum, eu não sabia disso.

– Eu a conheço há anos. Ela trabalha fora e mesmo assim se empenha em dedicar tempo à sua família. É por isso que eles passam os verões na Itália, para as crianças poderem estar com os avós. Próximo problema.

1037/1201

– Hum, tenho medo de que cortem minha ajuda financeira e eu perca a bolsa.

– As universidades hoje em dia são bem diferentes de quando eu estudava. Existem dispositivos legais que impedem seu departamento de fazer uma coisa dessas. Você tem direito a uma licença-maternidade, como qualquer outra pessoa. Na verdade, se não me engano, Harvard possui uma comissão dos direitos da mulher cujo objetivo é garantir que você seja tratada com igualdade. Mesmo que seu departamento fosse chefiado por um idiota, o que não é o caso, ele teria que se guiar por essas diretrizes. Próximo problema.

– Não vou pedir licença-maternidade. Mas minha médica disse que preciso tirar pelo menos seis semanas depois que o bebê nascer. Estou preocupada que meu chefe de departamento me obrigue a trancar o semestre.

Katherine fechou a cara.

1038/1201

– Como assim, não vai pedir licença-maternidade? Está louca?

Julia começou a protestar, mas Katherine ergueu a mão.

– Posso ser apenas uma velha gagá, mas, sei que não vai conseguir dar conta do doutorado ou do recém-nascido se não tirar uma licença-maternidade. É um direito seu. Você deve tirá-la.

– O departamento não vai ver isso com maus olhos?

– Alguns dos fósseis jurássicos talvez, mas, se você tiver o apoio da sua orientadora, que diferença faz? Meu conselho é que converse com Cecilia e ouça o que ela tem a dizer. Ela saberá

orientá-la melhor. Não deixe os misóginos colocarem você em uma situação insustentável. Katherine bateu no próprio queixo com o dedo, pensativa.

– Estou sempre disposta a lutar contra injustiças. Eles que tentem lhe fazer mal. Na

1039/1201

verdade, estou quase me convencendo a aceitar o convite que Greg Matthews me fez para o seu departamento só para garantir que isso não aconteça.

Julia ficou boquiaberta.

– Você faria isso?

– Decidi vender minha casa e ir embora de Toronto. O All Souls está disposto a me aceitar em Oxford de forma mais permanente, mas a verdade é que não existem muitos membros daquela faculdade que eu consiga tolerar. Isso está tornando minhas refeições por lá muito desagradáveis.

– Seria maravilhoso tê-la aqui em Harvard.

– Estou começando a achar o mesmo. – Os olhos de Katherine brilharam. – É aqui que tudo acontece. Greg prometeu se encarregar pessoalmente do transporte da minha biblioteca. Minha vontade é aceitar a oferta só para vê-lo encaixotando meus livros com as próprias mãos.



1040/1201

Julia riu ao pensar no professor Matthews, um homem muito distinto, cuidando sozinho do transporte da extensa biblioteca particular da professora Picton.

– Estou feliz porque você e Gabriel terão um bebê. Quer eu peça transferência para Harvard, quer não, espero que me deixem ser a madrinha velha e excêntrica que compra presentes ridículos e dá à criança todo tipo de porcarias para comer.

– Nada me deixaria mais feliz. – Julia apertou a mão de Katherine no instante em que Gabriel voltou com o café.

Ele olhou de uma para outra.

– O que está havendo?

Katherine ergueu sua taça de vinho em um brinde a ele.

– Estava acabando de dizer a Julianne que aceito a honra de ser madrinha do bebê de vocês.

1041/1201

Pouco antes de dormir, Julia perguntou a Gabriel como tinha sido sua conversa com o professor Martin.

Gabriel fitou o teto.

– Melhor do que eu esperava, mas duvido que ele vá me perdoar algum dia.

Julia descansou a cabeça no peito do marido.

– Que pena, meu amor.

– Ele acha que eu o apunhalei pelas costas, assim como a todo o departamento. Embora o fato de eu ter me casado com você pareça ter abrandado o mau juízo que ele faz de mim.

Talvez a raiva dele diminua ainda mais quando souber que você está grávida.

– E como você se sente quanto a isso?

Gabriel deu de ombros.

– Ele era um amigo. Lamento que tenhamos nos desentendido, mas não lamento o que fiz.

Faria tudo de novo.

Julia suspirou.

1042/1201

– Bem, o dia não foi de todo perdido. Gostei de ver a reação das minhas colegas de turma à sua chegada.

Os lábios de Gabriel se contorceam.

– Ah, é? E como elas reagiram?

Julia se virou de bruços.

– Como se nunca tivessem visto um professor tão gostoso na vida. Você fez muito sucesso com sua gola rulê.

– Ah, sim, a gola rulê. Ela tem esse efeito nas pessoas.

– Era o homem que elas estavam admirando. E

fiquei orgulhosa de estar ao seu lado. – Ela enrolou a ponta do lençol entre os

dedos. – Mas ainda

existem boatos.

– Ah, é? – Gabriel ergueu o queixo para fazer contato visual com ela.

– Zsuzsa me contou que alguns de nossos colegas andam dizendo que foi você quem me colocou no programa.

1043/1201

– Idiotas – praguejou Gabriel. – Christa é a culpada por isso.

– A culpa não é só dela. Nós fizemos nossa escolha e agora precisamos viver com ela.

– A realidade dos fatos e o que eles estão dizendo são duas coisas totalmente diferentes.

– Isso é verdade. Mas você vai gostar de saber que agora Christa também é motivo de fofocas. Gabriel a encarou com um interesse cauteloso.

– Christa? Por quê?

– Sean, um dos doutorandos do meu departamento, tem um amigo na Colúmbia. Ele disse que Christa foi expulsa. Nenhum dos professores concordou em orientá-la.

Gabriel arqueou as sobrancelhas.

– Sério? Quando estive em Nova York, Lucia comentou que Katherine estava aborrecida com a maneira como Christa havia se comportado em

Oxford. Mas duvido que a expulsão dela tenha a 1044/1201

ver conosco. Lucia também disse que o trabalho dela estava deixando a desejar.

– É possível que ela não tenha se dado bem com os especialistas em Dante do departamento. Eles podem ser muito volúveis. – Julia deu uma piscadela travessa para o marido.

– Não faço a menor ideia do que você está falando – disse Gabriel, torcendo o nariz.

– Sean disse também que Christa está indo fazer doutorado em Genebra.

– Genebra não tem um programa de doutorado em italiano. Eles fazem parte de um consórcio.

– É para lá que ela vai, se os boatos forem verdade.

Gabriel balançou a cabeça.

– Se ela tivesse simplesmente se concentrado em seu trabalho em Toronto, e não ficado obcecada por mim, era provável que ainda estivesse por lá. Sua proposta de dissertação era muito boa.

As intrigas que criou foram sua ruína. E, para 1045/1201

completar, ela cometeu o erro colossal de bater de frente com

Katherine.

Isso

deixou

Lucia

apreensiva.

– Por quê?

– Katherine é uma das melhores pesquisadoras da área. Se alguém pretende publicar algo relacionado a Dante, fazer um pedido de bolsa ou tentar conseguir uma vaga, é a ela que as pessoas pedem opinião. Se Katherine aprovar você, ela dirá isso. Se não aprovar, dirá também. Ninguém quer excluí-la do processo, pois sabem que podem precisar do apoio dela no futuro. Isso inclui Lucia e seu departamento.

Julia frisou os lábios.

– Não queria que a vida de Christa fosse arruinada. Apenas que ela nos deixasse em paz.

– Ela é a única culpada por tudo o que lhe aconteceu. Teve várias oportunidades de repensar sobre suas escolhas, mas não quis fazer isso. Ninguém a obrigou a ir a Oxford para tentar sabotar 1046/1201

você, ou a apresentar um trabalho medíocre na Colúmbia.

– Você deve ter razão. – Julia pousou a cabeça no travesseiro. – O mundo acadêmico é um lugar estranho.

– Um pouco como Marte, na verdade. Só que com mais sexo.

Julia riu.

– Fico feliz que Katherine goste de mim. Tremo só de pensar no que aconteceria se fosse o contrário.

– Eu também. Mas, de todo modo, vou conversar com Greg Matthews e garantir que esses boatos a nosso respeito terminem de uma vez por todas.

– Não lhe peça favores por causa disso. Talvez precise da ajuda dele em relação a outra coisa.

– A quê?

1047/1201

– Katherine acha que devo tirar licença-maternidade. Ela quer que eu converse com Cecilia sobre isso.

Gabriel contornou o arco das sobrancelhas dela com os dedos.

– E o que você quer fazer?

– Vou conversar com Cecilia. Mas pretendia esperar até o segundo trimestre de gravidez. A maioria dos abo... – ela cruzou olhares com Gabriel e evitou a palavra – ...problemas ocorrem durante o primeiro trimestre.

– Se quiser tirar licença-maternidade, é o que deve fazer. Mas, se não quiser, não é obrigada. Eu vou tirar a minha de qualquer forma. Depois dela, eles me devem um ano sabático. Poderei

passar quase dois anos em casa com o bebê.

– Não existe nenhum regulamento que o proíba de tirar uma licença e um ano sabático consecutivos?

1048/1201

– Provavelmente. – Gabriel começou a acariciar a base das costas dela. – Mas está no meu contrato que eles devem me conceder um ano

sabático sem ser o ano que vem, no outro. Isso foi parte da oferta de emprego.

– Não gostaria de ver você desperdiçando seu ano sabático – disse ela baixinho.

Gabriel pousou a mão na base das costas dela.

– Como passar tempo com o bebê seria um desperdício?

– Você não vai poder terminar o livro.

– Estou certo de que terei tempo para escrever.

E, mesmo que não tenha, valerá a pena. Converse com Cecília e veja o que ela tem a dizer. Mas, seja qual for sua decisão, não se preocupe. Fiz uma promessa a você e pretendo cumpri-la.

Julia sorriu.

– É só por isso que não estou ficando louca.

Ele a fitou com um olhar intenso.

– Ótimo.

CAPÍTULO SETENTA E QUATRO

Abril de 2012

– Então, Julianne, em que posso ajudá-la? – disse Cecília Marinelli para sua orientanda, recebendo-a em sua sala e gesticulando para uma cadeira confortável em frente a uma mesa grande. Cecília tinha cerca de 1,50 metro de altura, cabelos negros curtos e olhos azuis. Era natural de Pisa e falava inglês com sotaque.

– Vim lhe pedir um conselho, na verdade – disse Julia, começando a retorcer as mãos.

– Então peça. – Cecília encarou Julia com uma expressão encorajadora.

– Hum... eu vou ter um bebê.

1050/1201

– Meus parabéns! Que boa notícia, não? – disse

Cecilia, passando a falar em italiano com um sorriso rasgado no rosto.

Julia respondeu também em italiano.

– Sim. Muito boa. Mas ele deve nascer em setembro, bem no começo do semestre.

Cecilia deu de ombros.

– Qual o problema? Você pede licença-maternidade e volta no ano que vem.

– Não quero atrasar meu doutorado, então não vou pedir licença-maternidade.

A professora Marinelli balançou a cabeça.

– Isso não é uma boa ideia. Normalmente, no terceiro ano, você deveria dar aulas no outono e fazer a disciplina de linguística, mais outra matéria. Depois, precisaria se preparar para suas provas no inverno. Como o bebê vai nascer em setembro, imagino que só vá poder dar as aulas e cursar as disciplinas em janeiro. O que significa que teria que estudar para as provas ao mesmo tempo. É muita coisa. – falou Cecilia com firmeza, mas também com carinho.

– Não tinha pensado nisso – A voz de Julia soou trêmula e frágil.

– Faça o que achar melhor, mas eu pediria a licença-maternidade.

– Sêrio?

Cecilia se recostou em sua cadeira por alguns instantes.

– Vai ser demais para você colocar tudo isso em um só semestre. Isso dará uma vantagem para os seus colegas nas provas. E você não pode ser dar ao luxo de não passar. Assim, poderá dar as aulas e cursar as disciplinas em setembro e fazer suas provas no inverno.

A professora Marinelli fez uma breve pausa.

– Sim, você se atrasará um ano. Mas é uma boa aluna. Acredito que conseguirá recuperar esse tempo quando estiver escrevendo a tese. Antes se

atrasar um ano do que perceber no meio do

semestre que não vai dar conta de tudo.

O coração de Julia se apertou ao ver seus planos caírem por terra. Começou a procurar freneticamente outra solução.

– Algumas das disciplinas não são oferecidas durante o verão?

Notando a reação da aluna, Cecilia voltou a falar em inglês:

– Não, sinto muito.

Julia tornou a retorcer as mãos sobre o colo.

– É que Gabriel vai pedir uma licença na Universidade de Boston para que eu não precise pedir a minha.

– Gabriel? Com um bebê? – Cecilia riu, falando consigo mesma em italiano.

(Aparentemente, achava a ideia do professor cuidando de um bebê muito engraçada. E não era a única.)

1053/1201

– Por essa eu não esperava. Mas isso demonstra que ele será um bom pai, não? Se está tão disposto a ajudar. Mas o fato de Gabriel pedir licença não resolve o problema do calendário acadêmico. Não é realista pensar que você vá conseguir ter um bebê e voltar à sala de aula no dia seguinte. Deus me livre, mas e se você tiver complicações e precisar de um período de resguardo depois do parto?

Julia se encolheu.

– Também não tinha pensado nisso.

Cecilia abriu um sorriso paciente.

– É para isso que temos conselheiros, para oferecer orientações e talvez sugerir um pouco de cautela. Aconselho você a pedir a licença-maternidade. Não vai perder sua vaga no doutorado nem a bolsa. Se quiser, posso lhe dar uma lista de leituras para o seu projeto de tese e você pode trabalhar nisso enquanto estiver afastada. Também

1054/1201

pode estudar suas outras línguas. Mas não vamos pôr o carro na frente dos bois.

Cecilia então voltou a falar em italiano, como se

essa língua lhes desse mais privacidade:

– E tem mais uma coisa, mas precisa me prometer que não contará a ninguém. O professor Matthews está esperando para fazer um anúncio formal.

– Claro – respondeu Julia também em italiano, olhando para sua orientadora com curiosidade.

– A professora Picton decidiu vir para Harvard.

– É mesmo? Isso é maravilhoso! – O coração de Julia saltou de alegria.

– É, sim. Ainda precisa continuar em Oxford por mais um ano, então chegará em setembro do ano que vem, quando você estiver voltando da licença. Não posso falar por ela, mas acredito que Picton vá querer ser uma das avaliadoras da sua tese. Isso é um excelente notícia para o seu projeto.



1055/1201

Julia sorriu, as engrenagens começando a girar em sua mente.

– Então – prosseguiu Cecilia, tornando a falar em inglês – não vou lhe dizer que será fácil ser mãe e estudante. Mas você vai conseguir. Diga a Gabriel que eu lhe dou meus parabéns. Estou muito feliz por vocês dois.

Julia agradeceu à professora e saiu da sala.

Quando Julia chegou em casa para o jantar, Gabriel estava sentado em um banco à ilha da cozinha, lendo o jornal.

Assim que a viu, ele o largou.

– Ora, ora. Olá, minha linda. Como foi seu dia?

– Mais ou menos. – Julia largou sua bolsa carteiro no chão e sentou-se ao lado dele.

1056/1201

– Qual o problema? – Ele pousou a mão na sua nuca e a puxou para si com carinho para poder beijá-la. – Está se sentindo mal?

– Tenho uma notícia boa e outra ruim.

Os cantos da boca de Gabriel se entortaram para baixo.

- Qual é a ruim?
- A professora Marinelli disse que preciso tirar licença-maternidade.
- Por quê?
- Como o bebê vai nascer em setembro, ela não acha que eu deva me matricular em nenhuma disciplina para este outono. Do jeito que é o calendário, seria demais se eu tentasse acumular todas as obrigações do terceiro ano no semestre de inverno. Então, ela sugere que eu tire o ano de folga. Gabriel esfregou o queixo, pensativo.
- Tinha me esquecido da loucura que é o terceiro ano. O que você quer fazer?

1057/1201

- O que eu posso fazer? Preciso pedir a licença-maternidade. – Ela apoiou os cotovelos no balcão.
 - Julianne, você pode fazer o que quiser. Se quiser assistir às aulas depois que o bebê nascer, nós daremos um jeito. O máximo que pode acontecer é você ficar com as notas incompletas enquanto se atualiza com o que perdeu.
 - O programa de doutorado não gosta que os alunos fiquem com notas incompletas.
 - Não, eles não gostam. Mas permitem em determinadas circunstâncias. Tenho certeza de que vão permitir no seu caso.
 - Mas depois terei que correr atrás do prejuízo enquanto estudo para as provas.
 - Isso é verdade. Só porque Cecília acha que vai ser difícil, não significa que é impossível. E, como disse antes, vou fazer dar certo. Eu prometo.
 - Julia olhou para ele, observando a ternura e a determinação em seu rosto.
- 1058/1201
- Você vai fazer dar certo?
 - Claro que sim. Mas não vou lhe dizer o que fazer. Decida-se e eu conversarei com Greg, se necessário.
 - Não, deixe que eu mesma fale com ele. Mas...
 - Ela se interrompeu.

– O quê?

– Preciso lhe dar a boa notícia. Cecilia disse que Katherine está vindo para Harvard.

Gabriel ficou boquiaberto de espanto.

– Como é que é? Recebi um e-mail dela semana passada. Ela não mencionou nada.

– Ao que parece, ela continuará em Oxford no ano que vem, mas virá para Harvard no seguinte. Esse é mais um motivo para Cecilia achar que seria uma boa ideia pedir a licença-maternidade: Katherine chegará assim que eu estiver voltando.

– Isso é ótimo.

1059/1201

– É, sim. Só que... – Julia balançou a cabeça. – Não quero tirar a licença-maternidade, mas estou com medo de não passar nas provas.

– Claro que você vai passar.

– Talvez, mas também não estarei na minha melhor forma.

– Então nós colocaremos você na sua melhor forma. Rebecca e eu estaremos aqui, segurando a barra. Você poderá estudar para as provas e fazer tudo o que precisar.

– Também quero ser mãe – sussurrou ela. –

Não quero ignorar o bebê.

– Tenho certeza de que você encontrará um equilíbrio.

Ele beijou o topo da cabeça dela antes de se encaminhar para a geladeira. Pegou uma garrafa de ginger ale e apressou-se em servi-la em um copo alto com gelo.

Entregou o copo para ela.

1060/1201

– Não precisa decidir agora. Matricule-se no semestre de outono e, se achar que precisa abandonar as disciplinas ou trancá-las, pode fazer isso depois.

– Não quero começar algo que não vá terminar. E certamente não quero me arriscar a não passar nas provas. – Ela olhou para Gabriel, uma expressão aflita em seu rosto. – Não quero ser uma mãe ausente, como Sharon.

– Você nunca será como ela.

Gabriel olhou para a ilha com tampo de mármore e traçou um desenho invisível em sua superfície.

– Para ser franco, não sei o que vai acontecer quando o bebê nascer. Mas, como disse, irei tirar a licença de qualquer maneira.

– Cecília comentou que poderia me dar uma lista de leituras para o meu projeto de tese. Eu poderia trabalhar enquanto estivesse de licença, além de estudar minhas línguas estrangeiras.

1061/1201

Ele ergueu a cabeça.

– Tenho certeza de que o bebê vai adorar ouvir sobre Dante, além de também ser capaz de falar mais do que um único palavrão em alemão.

Julia riu e passou um braço em volta da cintura dele.

– Acho que vou acabar perdendo muita coisa se não tirar pelo menos uma licença-maternidade parcial. Quem sabe em que tipo de encrencas você e o neném vão se meter na minha ausência?

– Ah, pode ter certeza de que vamos nos meter em várias. – Ele lhe deu uma piscadela. – Há um grande risco de também nos envolvermos regularmente em uma série de travessuras e traquinagens.

– Talvez você e o bebê precisem de mim.

Julia o fitou. Gabriel olhou dentro dos olhos dela.

– É claro que vamos precisar de você. Mas eu me viro se você não puder estar aqui. – Ele

1062/1201

tornou a levar os dedos ao rosto de Julia e acariciou de leve sua bochecha. – Se pedir a licença-maternidade, poderíamos passar parte do ano na Úmbria.

– Sério?

– Ou em Oxford, Paris, Barcelona. Onde quiser.

– Selinsgrove?

Gabriel recuou.

– De todas as cidades do mundo, é para lá que você quer ir?
– É onde sua família mora. E a minha também. Vai ser bom estar perto de Diane. Ela poderá me dar conselhos e poderemos pôr os bebês para brincarem juntos.

– Podemos falar com ela da Europa pelo FaceTime.

– O pomar fica lá.

Gabriel percorreu o lábio inferior de Julia com o polegar e suspirou.

– Sim, o pomar fica lá.

1063/1201

– Vou tentar me matricular para o outono e, se não puder voltar depois de o bebê nascer, tranco as disciplinas. Então peço a licença-maternidade para o semestre de inverno e começo a estudar para as provas.

– Me parece um bom plano. Katherine já estará aqui em setembro do ano que vem.

– Podemos ter o bebê no Hospital Mount Auburn, e a partir daí decidimos para onde queremos ir. Não sei se é uma boa ideia colocar um recém-nascido em um voo transatlântico.

– Hum. Não tinha pensado nisso.

Julia passou os braços em volta da cintura dele.

– Não pensamos em um monte de coisas.

– Ah, mas eu tenho um livro.

Gabriel estendeu a mão para pegar um exemplar de *O que esperar quando você está esperando*, que havia deixado por ali.

– Não deixe de marcar as partes em que ele fala sobre voos transatlânticos e sobre a possibilidade 1064/1201 de escrever um livro sobre a concepção dantesca do Inferno enquanto cuida de um bebê. Teria muito interesse em ler esses trechos.

Ele jogou o livro para o lado.

– Muito engraçadinha, Sra. Emerson.

Ela pressionou seu corpo contra o dele.

– Se formos à Europa, poderemos visitar alguns museus.

– É verdade.

– E poderemos dançar tango contra a parede.
– Teremos que levar Rebecca junto se quisermos voltar a dançar tango dentro de um museu algum dia. – Gabriel deu um beijo no pescoço dela.

– Os museus já não são tão tolerantes quanto costumavam ser.

Os olhos dele brilharam.

– Exceto durante nossa última visita à Uffizi.

Dessa vez, Julia ruborizou.

1065/1201

– É isso que eu quero de presente para o nosso próximo aniversário.

– O quê? Um museu? – Ele sorriu com malícia.

– Não. Dançar tango contra a parede com você.

– E se experimentarmos o Louvre da próxima vez?

Julia sentiu suas entranhas se incendiarem.

– Me soa muito promissor.

Ele beijou o pescoço dela, deslizando os lábios por sua pele.

– Temos muitas coisas boas pelas quais esperar no futuro, Sra. Emerson. Mas acho que nós dois precisamos ler aquele livro.

CAPÍTULO SETENTA E CINCO

Selinsgrove, Pensilvânia

– Você está *o quê*?

Uma pilha de talheres escapou das mãos de Rachel, caindo ruidosamente sobre a ilha da cozinha. Ela ficou olhando, boquiaberta, para sua melhor amiga.

Gabriel estava com o braço ao redor de Julia, os dois em pé na cozinha da família Clark. Scott e Tammy estava sentados com Quinn em seus respectivos banquinhos, Richard e Aaron entretidos em uma conversa perto do fogão.

– Estou grávida – repetiu Julia, seus olhos estudando o rosto de Rachel.

A cozinha caiu em silêncio.

1067/1201

– Mas... mas eu nem sabia que você estavam

tentando. Achei que iriam esperar – falou Rachel.
– Foi uma surpresa para nós também, mas uma surpresa bem-vinda. – Gabriel deu um beijo na têmpora de Julia.

– Que ótima notícia, Julia. Para quando é o bebê? – atalhou Tammy.

– Setembro. – Julia passou a mão sobre a barriga ligeiramente proeminente. – Contamos para papai, Diane e meu tio Jack ontem à noite.

– Acho que a ocasião pede alguns charutos.

Estou muito orgulhoso dos dois. – Richard apertou a mão de Gabriel e lhe deu um tapa nas costas, beijando Julia no rosto em seguida. – Vai ser ótimo ter outro bebê por aqui. Quinn e Tommy terão um novo amiguinho.

– Exatamente – acrescentou Tammy, abraçando Julia. Scott fez o mesmo.

Julia lançou um olhar apreensivo para sua melhor amiga.

1068/1201

– Rach?

– Eu... – Rachel fechou a boca de repente. Parecia prestes a explodir em lágrimas.

Aaron passou um braço em volta da cintura dela. Sussurrou algo em seu ouvido.

– Estou feliz por você – consegui dizer Rachel. Alguns instantes depois, abraçou Julia e Gabriel ao mesmo tempo. – De verdade. Estou feliz por vocês dois.

Os olhos de Julia ficaram marejados.

– Que tal deixarmos as meninas conversarem um pouco sozinhas? Tem algum jogo passando?

– Aaron apontou com o polegar em direção à sala de estar, onde ficava a TV widescreen.

Tammy, Quinn e os homens se retiraram depressa, deixando as duas melhores amigas sozinhas.

– Que surpresa – falou Rachel, sentando-se em um dos banquinhos. – Foi um acidente?

Julia mordeu a parte de dentro da bochecha.

1069/1201

– Gabriel não gosta que usemos a palavra *acidente*. Não quer que o bebê cresça achando que nós não o queríamos.

– Claro que não! – Rachel parecia horrorizada.

– Não foi isso que eu quis dizer. Desculpe.

– Mas, hum, é claro que foi imprevisto. Tínhamos planos de esperar.

Rachel fixou os olhos nos da amiga.

– Deve ter sido um choque para você. Está tudo bem?

– A princípio fiquei transtornada, mas Gabriel tem sido ótimo. Está muito empolgado, e o entusiasmo dele é contagiante. Rebecca veio morar com a gente, para ajudar com o bebê. Resolvi tirar uma licença-maternidade e Gabriel vai fazer o mesmo.

Rachel abafou uma risada, descansando o braço sobre a ilha da cozinha.

– Gabriel vai tirar uma licença-maternidade? Só acredito depois de ver.

1070/1201

– Bem, é uma licença-paternidade. Ele tem direito, então vai tirá-la. De todo modo, a universidade também lhe deve um ano sabático, mas ele

vai adiá-lo. – Julia se sentou no banquinho à esquerda de Rachel. – Estamos até pensando em nos mudarmos para cá durante uma parte do ano, depois que o bebê nascer.

Os olhos de Rachel se encheram de ternura.

– Papai vai adorar. Já contou para ele?

Julia balançou a cabeça.

– Estávamos esperando até contarmos a todos sobre a gravidez. – Lançou um olhar na direção da sala de estar. – Gabriel deve estar conversando com ele agora.

– Papai não vai negar. Rebecca vai vir também?

– Ainda não pensei nisso. Mas seria um pouco ridículo um bebezinho precisar de três adultos para tomar conta dele.

Rachel encarou a amiga.



1071/1201

– Você nunca passou muito tempo com bebês,

passou?

– Não.

– Vai precisar mesmo de Rebecca para cuidar da casa e cozinhar para todos. – Rachel fitou as próprias unhas. – Você e Diane poderão chorar pitangas sobre a maternidade. Nós iremos visitá-los nos fins de semana. O bebê terá a família inteira por perto.

– Era justamente o que queríamos. Desculpe por ter sido logo agora. Sei que você e Aaron estão tentando e me sinto tão...

– Pare com isso. – Rachel forçou um sorriso. – Estou feliz por você. E serei a melhor tia possível. Espero que um dia você tenha a chance de fazer o mesmo pelo meu bebê.

– Eu também.

Julia sorriu, sentindo uma tristeza solidária.

1072/1201

Naquela mesma noite, Aaron estava em pé no quarto que tinha sido da esposa na infância, ainda decorado com os prêmios e troféus que Rachel havia ganhado na escola. Ele a abraçava enquanto ela soluçava contra o seu peito.

Sentia-se desamparado. Impotente.

– Rach – sussurrou ele, afagando suas costas.

– Não é justo – ela conseguiu dizer, esmurrando-lhe o peito. – Eles nem queriam um bebê! Jules iria esperar até concluir o doutorado. Não acredito que isso esteja acontecendo.

Aaron não sabia o que dizer. Quando Julia havia anunciado a notícia, ele sentira inveja, mas não tanto quanto Rachel.

Após um ano tentando

engravidar, ela estava lutando contra uma depressão.

Aaron

não

queria

alimentá-la

concentrando-se em quanto a vida era injusta e levantando questões existenciais que provavelmente nunca seriam respondidas.

1073/1201

– Sei que está chateada, mas precisa se acalmar

– disse ele.

– Quero minha mãe. – Rachel pressionou a testa em seu ombro. – Ela saberia o que fazer.

– Por mais que eu adorasse sua mãe, ela não podia fazer milagres.

– Mas poderia me dar conselhos. E nunca mais irei vê-la novamente. – Uma nova onda de soluços escapou do peito de Rachel.

– Você sabe que isso não é verdade – sussurrou ele, tornando a afagar suas costas. – Entendo que seja um choque, mas você precisa superá-lo. As pessoas à nossa volta vão ter filhos. Você não vai querer que isso atrapalhe

seu relacionamento

com Julia.

– Isso não vai acontecer.

– Essa é a minha garota. Então, nada de lágrimas amanhã. – Ele recuou, o rosto vincado de preocupação.

1074/1201

– Não se preocupe. Minha atuação mais cedo foi digna de um Oscar. Tive vontade de chorar assim que ela contou.

– Não estou pedindo para você fingir, Rachel. Quero que pareça bem, mas também que isso seja verdade.

– Mas eu não estou bem. – Ela se sentou na beirada da cama.

– Quero falar com você sobre isso. – Aaron se juntou a ela na cama. – Em vez de se concentrar no que não temos, gostaria que começássemos a pensar no que temos. Nós temos nossos empregos, um bom lugar para viver, temos...

– Temos tratamentos de fertilidade que não estão funcionando – disse Rachel, xingando baixinho.

– Existem outras opções. Nós já falamos sobre isso.

– Não estou pronta para desistir.

1075/1201

– Não precisamos desistir. Mas talvez fosse melhor relaxarmos um pouco. Damos um tempo.

– Dar um tempo? – Ela o fitou, intrigada.

– Parar com os tratamentos e esquecermos essa história de ter um bebê. Pelo menos por enquanto.

Ela cruzou os braços diante do corpo.

– Não.

Aaron pegou a mão dela.

– Acho que a pressão está fazendo mal a você.

– Eu aguento.

– Não, amor, não aguenta. Conheço você como a mim mesmo. E, ouça o que eu digo, você precisa dar um tempo. Nós precisamos dar um tempo.

– Deveríamos tentar os tratamentos de fertilidade durante um ano. Não podemos parar agora. – O queixo dela começou a tremer.

– É claro que podemos. – Ele roçou os lábios nos dela. – Podemos conversar com nosso
1076/1201

médico quando voltarmos à Filadélfia. Depois, tiramos umas longas férias. Gabriel me prometeu emprestar a casa deles na Itália. Poderemos descansar a cabeça e simplesmente voltar a ser um casal normal.

– E se for isso mesmo? E se não pudermos... – Ela não conseguiu se forçar a concluir o raciocínio.

– Então começaremos a buscar outras opções. – Ele passou um braço ao seu redor. – Quer tenhamos um bebê ou não, temos um ao outro. Isso já é alguma coisa, certo?
Ela assentiu.

– Precisamos tomar conta de nós. E não estarei cuidando de você se deixá-la continuar assim.

– Me sinto uma fracassada. – Rachel secou o rosto com as costas da mão.

– Você não é nada disso – sussurrou ele. – É a mulher mais incrível que já conheci. Adoraria ter uma família com você, mas não se isso significa



1077/1201

– você ficar em frangalhos no processo. Desculpe, mas não quero ter filhos tanto assim.

Rachel o encarou com surpresa no olhar.

– Achei que isso fosse importante para você.

– Você está em primeiro lugar. Sempre esteve. –

Ele apertou seu ombro. – Quero a mulher com quem me casei. Assim que voltarmos a esse ponto, podemos voltar a falar em ter filhos. Está bem?

Rachel ficou calada enquanto refletia sobre o que ele estava propondo. Fechou os olhos e teve a sensação de que um grande peso tinha sido tirado dos seus ombros.

De repente sentiu que conseguia respirar de novo.

– Está bem.

Aaron puxou a esposa para os seus braços.

– Amo você.

1078/1201

Na outra ponta do corredor, Julia apoiou o quadril contra a bancada do banheiro, observando Gabriel escovar os dentes.

– Seu pai está muito orgulhoso pelo bebê.

Gabriel assentiu.

– Isso significa que ele está orgulhoso que nós façamos sexo e que você tenha me fecundado – prosseguiu Julia. – Você acha que eles fazem camisetas para avôs que expressem esse tipo de sentimento?

Gabriel soltou um grunhido gutural antes de começar a cuspir na pia.

– Tudo bem aí? – disse ela, cutucando suas costas. – Sabe falar?

Depois de cuspir mais um pouco, ele deu uma risada.

– Camisetas – disse enfim, pousando a mão sobre o balcão para se apoiar. – Como você pensa nessas coisas?

1079/1201

– Não fui eu quem falei. Acho que ninguém nunca me disse que estava orgulhoso de mim por eu ter feito sexo. Meu pai ficou feliz, mas não falou que estava orgulhoso.

Gabriel guardou a escova de dentes no porta-escovas antes de se endireitar.

– Eu falei.

Eles trocaram olhares.

– Sim, você falou. – Julia sorriu para si mesma.

– Meu tio Jack pareceu feliz quando lhe contei.

Mas estava estranho ao telefone.

– O que ele disse?

– Ele me deu os parabéns, mas também me deu um sermão.

Gabriel arqueou as sobrancelhas.

– Sobre o quê?

– Sobre a necessidade de eu me proteger e ao bebê. Eu garanti que estava fazendo isso e ele me perguntou o que você estava fazendo para nos proteger.

1080/1201

– E o que você respondeu?

– Que você é muito atencioso e que vai comigo a todas as consultas. Ele murmurou algo sobre isso não ser o suficiente.

Gabriel franziu a testa.

– Você argumentou?

– Perguntei com o que ele estava preocupado, mas ele meio que se fechou. Você acha que tem algo a ver com Simon e Natalie?

– Duvido. Se houvesse alguma coisa, ele nos contaria.

– Talvez – Julia balançou a cabeça. – Ele me prometeu que ficaria de olho em nós e eu disse que agradeceria qualquer ajuda que ele pudesse nos dar. Foi uma conversa muito estranha.

– Seu tio Jack é estranho. Talvez esteja decidido a espancar Greg Matthews para garantir que você consiga a licença-maternidade.

1081/1201

– Matthews já consentiu. Não preciso da ajuda

do tio Jack para isso. – Ela sorriu e saiu do banheiro.

Parou em frente à janela, olhando para o céu noturno sem estrelas.

Gabriel conseguia ver a silhueta do seu corpo através de sua camisola de linho branco anti-quada: as pernas longas e magras, os quadris e a bunda curvilíneos. Apagou as luzes e foi para trás de Julia, seus dedos talentosos levantando os cabelos dela e brincando com eles.

– A conversa com minha irmã foi difícil, mas ela pareceu receber bem a notícia. – Ele uniu suas mãos, pousando-as sobre onde o bebê deles crescia.

– Ela e Aaron vêm tentando há tanto tempo, e conosco foi tão rápido! Quando vimos, estávamos grávidos.

Gabriel riu e descansou o queixo sobre o ombro dela.

1082/1201

– Não foi bem assim. Contamos com uma intervenção divina.

– Você acredita mesmo nisso?

– Você não? – O corpo dele se retesou.

– Acredito, mas me sinto culpada. Parece tão injusto – sussurrou ela.

– Talvez devêssemos nos esforçar mais em apoiá-los. Isso só pode ser duro para os dois. – Ele beijou a nuca de Julia, pressionando o peito nas costas dela. – Já contou a ela como nos conhecemos?

– Não. Isso era algo precioso e doloroso demais para ficar trazendo à tona.

– E agora? – insistiu ele.

– Gosto que seja nosso segredo. A sua família é maravilhosa, mas duvido que entendam. Meu pai iria atrás de você com uma espingarda.

– Tem razão.

1083/1201

Ele começou a arrastar os dedos pelo seu couro cabeludo, tocando-a com carinho, mas ela se encolheu de repente.

– Desculpe – sussurrou ele. – Tinha me esquecido da sua cicatriz.

– Não tem problema. Só levei um susto.

Gabriel tornou a acariciá-la, dessa vez evitando o pedaço de pele protuberante debaixo dos seus cabelos.

– Sharon podia ser carinhosa às vezes, quando não estava bebendo ou entre os seus namorados.

– Julia engoliu em seco. – Costumava me levar para o zoológico e nós fazíamos piqueniques. Me deixava brincar de vestir as roupas dela e arrumava meu cabelo. Eu gostava dessas coisas.

Gabriel deteve sua mão, refletindo antes de falar.

– Lembro-me de algumas coisas boas sobre a minha mãe também. Lamento que Sharon tenha
1084/1201

magoadado você. Quem me dera poder fazer tudo isso desaparecer.

– Fico me perguntando por que Sharon se dava o trabalho de ser carinhosa comigo se a qualquer momento poderia voltar a me tratar de forma abusiva.

Gabriel continuou brincando com seus cabelos.

– Eu entendo. O ciclo de abusos intercalados por acessos ocasionais de ternura faz você ficar preso, esperando e torcendo pelos momentos de carinho. E, de vez em quando, eles voltam a ocorrer, mas só para serem retirados de você outra vez. Sei bem como é. Infelizmente.

Julia se virou para encará-lo.

– Nós passamos por muita coisa.

– Sim, passamos.

– O que aconteceu quando estava com Simon não me perturba mais. Não como antes. Tenho a sensação de que superei isso.

Gabriel praguejou baixinho.

1085/1201

– Aquele filho da puta tem sorte de ter uma família poderosa. Ainda sinto vontade de enchê-lo de porrada e ensinar uma lição para a namor-

adinha dele. Seu tio Jack não queria que os deixássemos se safarem.

Julia pousou a mão no peito dele.

– Agora já acabou. Simon vai se casar e Jack disse que Natalie se mudou para a Califórnia.

– Quanto mais longe, melhor.

– Não sei se serei uma boa mãe, mas sem dúvida tenho uma boa ideia do que não devo fazer.

Gabriel tocou seu ventre sobre a camisola.

– Parte de ser uma boa mãe ou um bom pai é ser uma boa pessoa. E, Julianne, você é a melhor pessoa que eu conheço.

Ele a beijou com ternura.

– Quando estou nesta casa, não consigo deixar de pensar em como a vida era aqui com meus pais. *Podemos ter um lar como o deles.* Um lar 1086/1201 repleto de amor e felicidade. Nós recebemos uma abundância tão grande de amor e graça... – A voz de Gabriel foi sumindo aos poucos.

– Estou muito aliviada por não ter que passar por isso sozinha.

– Eu também.

Gabriel pegou a mão de Julia e a levou para a cama.

CAPÍTULO SETENTA E SEIS

Durham, Carolina do Norte

April Hudson chegou feliz da vida ao seu prédio na tarde de segunda-feira, parando para conferir sua caixa de correio. Acabara de voltar de um fim de semana romântico nos Hamptons com seu noivo, Simon Talbot.

Ela suspirou ao pensar nele. Simon era alto, louro e bonito. Era inteligente e vinha de uma boa família. E as coisas que ele sabia fazer... Os Hamptons eram um lugar especial para eles. Foi lá que ela entregou sua virgindade a ele. E onde ele a pediu em casamento.

(Não no mesmo fim de semana, é claro.)

Enquanto dava uma olhada nas correspondências, sua mente era um feliz turbilhão de planos

1088/1201

de casamento e lembranças do fim de semana. Simon tinha sido tão carinhoso. Abril já não se sentia culpada por estar dormindo com ele, afinal iri-am se casar. Em breve acordaria ao seu lado todas as manhãs, para sempre.

(Estava tão imersa em pensamentos que não notou um certo ex-fuzileiro naval da Filadélfia sentado em um carro preto do outro lado da rua, que a observava para ver se Abril iria abrir a carta que ele havia depositado ali. E ela certamente não sabia que ele estava garantindo que ninguém perturbasse sua sobrinha e o filho dela, ainda por nascer.)

No fundo da sua caixa de correio, ela encontrou um envelope pardo. O envelope tinha seu nome, mas nenhum endereço de remetente ou selo. Intrigada, juntou toda a sua correspondência e pegou o elevador rumo ao terceiro andar. Assim que entrou no apartamento e trancou a porta, largou suas malas e se deixou cair no sofá.

1089/1201

Abriu o envelope pardo primeiro e ficou pasma ao descobrir que ele continha um maço de grandes fotografias em preto e branco. Todas traziam a data *27 de setembro de 2011* estampada. Um estranho zumbido preencheu seus ouvidos. Assim como o som das chaves escapando de sua mão e caindo no piso de madeira.

Folheando as fotos, ela viu dois corpos nus entrelaçados em uma cama. A identidade do homem era inconfundível. Lá estava o corpo dele, as posições que ele preferia, sua *técnica*.

Mas a mulher que estava com ele não parecia uma mulher. Parecia jovem, uma adolescente. E as coisas que estavam fazendo...

Abril tapou o rosto com as mãos, e um grito de angústia escapou dos seus lábios.

CAPÍTULO SETENTA E SETE

Naquela noite, Simon Talbot bateu à porta do escritório do pai na casa de sua família em Georgetown. Ele havia sido convocado por Robert, um

dos diretores da campanha do seu pai, que o mandara voltar para casa imediatamente. Simon não sabia o que poderia ser tão urgente. Pela manhã, tinha se despedido de April no aeroporto depois de os dois terem passado um fim de semana tranquilo e cheio de sexo. Pretendia pegar um voo para Durham na semana seguinte e lhe fazer uma surpresa. Em breve ela terminaria o semestre na faculdade e ele a ajudaria a arrumar suas coisas e a se mudar para o apartamento dele em Washington, onde era o seu lugar.

– Entre – chamou o senador.

1091/1201

Simon abriu a porta e andou em direção à cadeira posicionada em frente à mesa do pai.

– Não se dê o trabalho de sentar. Serei rápido. – Como sempre, o senador foi ríspido e direto ao ponto.

Ele atirou um maço de fotos sobre a mesa. Elas se espalharam em leque.

– Já viu essas imagens?

Simon olhou para a fotografia mais próxima dele. Pegando-a, pôs-se a analisá-la com atenção. Seu rosto ficou lívido.

– E então? Viu essas imagens antes ou não? – O senador ergueu a voz, esmurrando a mesa com raiva.

– Não. – Simon devolveu a foto à mesa lentamente, uma sensação de medo fazendo sua nuca se arrepiar.

– É você, não é?

– Hum...

– Não minta para mim! É você?

1092/1201

– Sim, sou eu. – Simon sentiu um aperto no peito. Estava com dificuldade para respirar.

– Você tirou essas fotos?

– Não, papai. Juro que não. Não faço ideia de quem as tirou.

O senador xingou.

– São cópias. Sabe de quem eu as recebi?

Simon balançou a cabeça.

– Do senador Hudson. Alguém enviou as originais para a sua noiva. Ela as mostrou ao pai, que mandou fazer as cópias e as enviou para mim.

O peito de Simon se apertou ainda mais.

– April as viu?

– Viu. Ficou histérica. A mãe teve que pegar um voo para Durham para ficar com ela. A garota precisou ser levada para o hospital.

– Ela está bem? Qual hospital?

1093/1201

– Concentre-se no problema, rapaz, pelo amor de Deus! Você faz alguma ideia do que isso significa para a minha campanha?

Simon cerrou os punhos.

– Esqueça a campanha por um minuto. April tentou se machucar? Em que hospital ela está?

– Temos sorte de os Hudsons não estarem interessados em chantagem. Querem apenas que você deixe a filha deles em paz. O casamento foi cancelado, é óbvio. Eles vão fazer o anúncio amanhã.

Simon pegou o celular e apertou uma tecla. Levou o telefone à orelha, mas, em questão de segundos, ouviu uma mensagem gravada dizendo que o número de April estava desativado.

– Papai, eu posso explicar. Deixe-me falar com April. Não é o que ela está pensando.

– Cale a boca! – gritou o senador. – Robert reconheceu a garota que está com você nas fotografias. Ela é uma estudante do ensino médio que

1094/1201

estagiou em meu gabinete. Você tem noção do estrago que fez? Como pôde ter sido tão burro?

– Isso foi há um ano. A data está errada. Juro que nunca traí April. Eu a amo.

– Ah, ama, sim – zombou o pai. – Tanto que passou esse tempo todo comendo aquela piranha ruiva pelas costas dela.

Simon deu um passo à frente.

– Não fiz nada disso. Eu terminei com ela.
Estou lhe dizendo, papai, com April é diferente.
O senador abanou a mão como se estivesse
afastando uma mosca.

– Tarde demais. Ela não quer mais nada com
você. E quem pode culpá-la? A garota nas fotos
tinha 17 anos, estava trabalhando para mim, você
dormiu com ela e a incentivou a beber e a usar
drogas. E está tudo registrado, porra, preto no
branco! – O senador correu a mão por sobre a
mesa, derrubando fotos, canetas e papéis.

1095/1201

– Papai, juro que posso consertar isso. Deixe-
me falar com April.

– Não. – O senador se colocou de pé, fuzilando
o filho com o olhar. – Os Hudsons querem que
você a deixe em paz, e é isso que vai fazer.

– Mas, papai, eu...

– Faça o que estou mandando uma vez na vida!
– vociferou ele.

Simon ficou petrificado, mas apenas por alguns
instantes. Pegou uma estatueta de bronze de um
cavaleiro que seu pai mantinha em sua mesa e a
atirou contra a parede.

– Você nunca me ouve! – gritou para o pai. –
Durante toda a minha vida, tudo o que fez foi dar
ordens e falar, mas nunca ouve merda nenhuma.
Então foda-se. Foda-se a sua campanha e foda-se
a família. A única coisa com que me importei um
dia é com April. E não vou perdê-la.
Com essas palavras, ele saiu do escritório,
batendo a porta com força atrás de si.



1096/1201

Aquilo era a mais amarga ironia, pensou Simon,
sentado em uma delegacia em Durham.

(Ao contrário de Gabriel, Simon não sabia o
verdadeiro significado da palavra *ironia*.) Ele havia tentado se encontrar com

April várias

vezes, sem sucesso. Enviou flores e cartas, mas
elas foram todas recusadas. Tentou lhe mandar e-

mails, mas April bloqueara seu endereço.

Por fim, tentou esperar por ela em frente ao seu prédio – e acabou preso. Agora, estava na delegacia, esperando para saber se seria autuado ou não. Não tinha advogado, e sabia que seu pai não iria ajudá-lo.

Tinha merecido ser preso da última vez, quando agrediu Julia. Na ocasião, estava furioso e queria acertar as contas com ela. Mas, no caso de

April, havia agido por amor. Só podia torcer para que, se aceitasse sua prisão e se declarasse

1097/1201

culpado, talvez tivesse a chance de consertar as coisas. Talvez ela (ou sua mãe, que era uma mulher boa e compassiva) lhe desse cinco minutos para se explicar.

Ele não sabia quem havia tirado aquelas fotos. Natalie não tinha participado daquele encontro em especial, embora conhecesse o quarto de hotel onde ele aconteceu. Era possível que tivesse contratado alguém para fotografá-lo.

Mas lhe parecia óbvio que tinha sido Natalie quem enviara as fotos para April. Ela era a única que tinha a ganhar ao vê-los separados. E, com um único gesto calculado, havia prejudicado tanto a ele quanto a April e a campanha do seu pai. E aquela vaca era vingativa o suficiente para querer fazer isso.

Portanto, enquanto Simon esperava pela oportunidade de consertar as coisas com April, ele iria a Sacramento fazer uma visitinha a Natalie.

1098/1201

Esses eram os planos em que pensava, sem nem desconfiar de que Jack Mitchell estava sentado em seu Oldsmobile preto bem em frente à delegacia, sorrindo ao pensar na sobrinha grávida.

CAPÍTULO SETENTA E OITO

Cambridge, Massachusetts

Quando os enjoos matinais de Julia diminuíram, ela desenvolveu uma estranha fixação por comida tailandesa. Havia um restaurante perto de seu velho apartamento em Cambridge

que era o seu favorito, e ela insistia que aquele era o único lugar capaz de saciar o seu desejo. Consequentemente, Gabriel ou Rebecca pediam comida de lá quase todo dia.

Considerando a quantidade de comida tailandesa que ela ingeria, Gabriel calculava que, a partir de um determinado momento, 75 por cento de sua massa corporal (assim como a do bebê) consistia em rolinhos primavera. Assim, já não chamavam o bebê de Ralph. Gabriel, Rebecca

1100/1201

e por fim Julia também começaram a se referir a ele como Rolinho.

No fim de abril, os Emersons foram ao Hospital Mount Auburn para fazerem outra ultrassonografia. Esperavam que a imagem fosse clara o suficiente para revelar o sexo do bebê.

– Rolinho é menino – sussurrou Julia, tentando ignorar a dor de sua bexiga cheia.

– Não, senhora – falou Gabriel com um sorriso.

– Confie em mim. De mulheres eu entendo. Esse bebê definitivamente é uma menina.

Julia não pôde deixar de rir.

A técnica chamou seu nome. Julia apertou a mão de Gabriel antes de segui-la até a sala de ultrassonografia.

(A esta altura, Gabriel já sabia que era inútil discutir com a técnica sobre acompanhar a esposa.)

1101/1201

– Vai querer saber o sexo do bebê? – perguntou a técnica enquanto estendia uma camisola hospitalar sobre o leito.

– Sem dúvida. Meu marido está esperando e sei que ele também está louco para saber.

– Claro. Vou deixá-la trocar de roupa e já volto.

Meu nome é Amelia. – A técnica sorriu e saiu para deixar Julia vestir a camisola hospitalar.

Em poucos minutos, a barriga de Julia estava coberta com um gel morno e pegajoso, e a ultrassonografia começou. Não pôde deixar de olhar para a tela do computador, que exibía uma

sucessão de imagens do bebê.

Na verdade, não conseguiu discernir muita coisa além da cabeça e do corpo. O pobre Rolinho mais parecia um alienígena.

– Demos sorte – falou Amelia, pressionando algumas teclas para capturar uma série de imagens.

– Seu bebê está na posição certa para eu poder dar uma boa olhada.

1102/1201

Julia suspirou aliviada. Estava empolgada, mas também nervosa.

– Vou capturar só mais algumas e então poderemos chamar seu marido. Está bem?

– Obrigada.

Poucos minutos depois, Amelia foi buscar Gabriel. Assim que ele entrou, foi direto para o lado de Julia e pegou sua mão para beijá-la.

– E então? – Ele se virou para Amelia, que tinha voltado a se sentar diante da tela do computador. Ela apontou para o monitor.

– Seu bebê está se desenvolvendo bem. Não vejo nenhum problema. E, meus parabéns, vocês terão uma menininha.

O rosto de Gabriel se abriu em um sorriso largo e feliz.

Os olhos de Julia se encheram de lágrimas. Ela levou a mão à boca, surpresa.

– Eu disse, mamãe. De mulheres eu entendo. – Ele beijou o rosto da esposa.



1103/1201

– Vamos ter uma menininha – repetiu ela.

– Tudo bem por você? – Os olhos cor de safira dele ficaram carregados de preocupação.

– Perfeito – sussurrou ela.

Gabriel fez cópias das imagens da ultrassonografia e mandou que fossem emolduradas imediatamente, mas resistiu ao impulso de deixá-las em exibição fora do quarto deles e do escritório.

– Agora que sabemos que Rolinho é menina, talvez seja melhor começarmos a pensar em

montar o quarto dela. – Gabriel manteve os olhos na estrada enquanto dirigia o Volvo num sábado de maio. – Também temos que começar a pensar em nomes.

– Parece ótimo.

– Talvez você já pudesse ir pensando no que quer para podermos ir às compras.

1104/1201

Julia se virou para encará-lo.

– Agora?

– Eu falei que iria levar você para almoçar, e é o que vamos fazer. Mas, depois, precisamos

começar a pensar no quarto dela. Quero que seja bonito, mas funcional. Algo que seja confortável para vocês duas, mas não infantil.

– Ela é um bebê, Gabriel. As coisas dela vão ser infantis.

– Você me entendeu. Quero que seja elegante, não como uma creche.

– Deus do céu. – Julia conteve um sorriso enquanto começava a imaginar como seria a decoração que o professor escolheria.

(Estampas de losangos, madeira escura e couro marrom-chocolate imediatamente lhe vieram à cabeça.)

Ele pigarreou.

– Devo confessar que já fiz algumas pesquisas na internet.

1105/1201

– Ah, é? Qual loja você viu? A Restoration Hardware?

– Claro que não – falou ele, contrariado. – As coisas de lá não seriam apropriadas para um quarto de bebê.

– Então o quê?

Ele a fitou com um olhar triunfante.

– A seção infantil da Pottery Barn.

Julia grunhiu.

– Viramos yuppies.

Gabriel olhou para ela, fingindo pavor.

– Por que diz isso?

– Estamos andando num Volvo e falando de fazer compras na Pottery Barn.
– Em primeiro lugar, Volvos têm uma excelente taxa de segurança e são mais bonitos que uma minivan. Em segundo, os móveis da Pottery Barn são funcionais e esteticamente agradáveis.
Gostaria de levar você a uma das lojas deles para que veja com os próprios olhos.



1106/1201

– Desde que possamos comer em um tailandês antes.

Foi a vez de Gabriel revirar os olhos.

– Está bem. Mas vamos pedir para viagem e fazer um piquenique. E vou querer comida indiana. Se vir mais um prato de macarrão de arroz na minha frente, não respondo por mim.

Julia caiu na gargalhada.

Mais tarde naquela noite, Gabriel se retirou para o quarto depois de um longo fim de dia listando os artigos necessários para o quarto de bebê. Alguns deles seriam colocados em uma lista de presentes, uma vez que suas irmãs (Kelly e Rachel), Diane, Cecília e Katherine haviam exigido que ele e Julia fizessem uma relação do que gostariam de ganhar.

1107/1201

Gabriel não tinha ideia de que os pais faziam isso e se viu intrigado com o conceito.

(Ele ficou irritado ao descobrir que a lista de presentes disponibilizada pela Pottery Barn Kids não incluía livros infantis em italiano ou iídiche.) Enquanto passava pela cama em direção ao banheiro, notou que os pés de Julia despontavam de baixo do edredom. O resto do corpo estava coberto.
Gabriel sorriu e puxou o edredom para cima

dos pés dela.

CAPÍTULO SETENTA E NOVE

Maio de 2012

Sacramento, Califórnia

Natalie Lundy seguia sua vida cotidiana alegre e confiante. O rompimento de Simon e April fora público, ele fora deserdado pela família e a campanha do senador Talbot estava arruinada.

No fim, ela não precisaria prejudicar seu novo emprego por contar histórias comprometedoras a tabloides. Alguém tinha feito isso por ela – provavelmente uma ex-amante ciumenta de Simon ou um adversário político do pai dele.

Natalie não tinha conhecimento dos planos de vingança de Simon. Ou do fato de que ele havia abandonado esses planos quando April decidira não dar queixa contra ele. Natalie ouvira dizer
1109/1201

que ele estava tentando reconquistar April, mas a opinião geral era de que isso seria mais que improvável.

Sem dúvida, Natalie e Simon não tinham ideia do envolvimento de Jack Mitchell, o que significava que ele dormia bem à noite, confiante de ter feito o que precisava para proteger a sobrinha grávida.

CAPÍTULO OITENTA

Julho de 2012

Boston, Massachusetts

– Não sei se isso é uma boa ideia. – Julia hesitou em frente à loja da Agent Provocateur na Newbury Street.

– Por que não? – Gabriel apertou a mão dela.

– Esta não é uma loja para gestantes. Não vão ter nada que sirva em mim. – Ela corou.

– Já falei com Patricia. Ela sabe que nós estamos vindo. – Ele sorriu para sua esposa grávida. – Na verdade, fiz alguns pedidos.

Julia reconheceu o nome da gerente da loja, a quem já havia sido apresentada. Gabriel não era o tipo de homem que se sentia intimidado diante
1111/1201

de lingerie. Na verdade, preferia escolher as peças ele próprio, pelo menos

para ocasiões especiais.

E aquela era uma ocasião especial. Com a evolução da gravidez, Julia começou a se sentir desconfortável dormindo nua. Como todas as suas peças de lingerie sensuais estavam muito pequenas, ela passou a usar calças de ioga e camisetas para dormir. Para Gabriel, essa não era uma mudança bem-vinda.

Então, como não poderia deixar de ser, ele tomou uma atitude.

Patricia os recebeu calorosamente, conduzindo-os até um provador particular no qual havia deixado um cabideiro repleto de camisolas, lingerie e roupões.

– Se precisarem de alguma coisa, é só chamar. – Ela indicou com um gesto o telefone em uma mesinha de canto, antes de fechar a porta atrás de si.

1112/1201

Julia correu os dedos pelo chifon transparente de um baby-doll preto, enquanto Gabriel a observava como um gato observa um rato.

– Acho que não consigo fazer isso. – Ela olhou de cara feia para o grande espelho de três folhas.

– Estamos sozinhos. Olhe, Patricia até nos providenciou bebidas. – Gabriel colocou alguns cubos de gelo em um copo e serviu uma dose de ginger ale sobre eles.

Ela aceitou a bebida, agradecida.

– Hoje não é um bom dia para mim. Estou me sentindo uma vaca.

– Você não é uma vaca – falou Gabriel, ríspido.

– Você está grávida. E linda.

Ela evitou o olhar dele.

– Não vou aguentar ficar diante daquele espelho. Vou parecer uma jamanta, e ainda por cima em três ângulos diferentes.

1113/1201

– Que bobagem. – Ele tirou a bebida da sua mão, pousando-a em uma mesa baixa ao seu lado. – Tire a roupa.

– O quê?

– Eu falei para tirar a roupa.

Julia se afastou dele.

– Não consigo.

– Confie em mim – sussurrou ele, chegando mais perto dela.

Ela ergueu os olhos em sua direção. Os olhos azuis dele estavam cheios de ternura, mas ele também parecia bastante determinado.

– Está tentando me fazer chorar?

Gabriel ficou tenso.

– Não, estou tentando ajudá-la a ver o que eu vejo.

Ele a chamou e Julia se aproximou.

Ele pousou as mãos em seus ombros e beijou sua testa.

1114/1201

– Escolha algo que achar bonito e experimente.

Vou ficar sentado ali de costas enquanto você se troca. Se não gostar de nada daqui, iremos a outro lugar.

Julia se apoiou nele por alguns instantes. Gabriel sustentou o peso dela, acariciando os lados do seu corpo.

Ela suspirou e foi pegar alguns cabides, levando-os até uma fileira de ganchos afixados à parede oposta do provador.

Gabriel sorriu, sentando-se em uma poltrona de couro posicionada a alguns metros de distância, de frente para o espelho. Teve o cuidado de ficar de costas para Julia enquanto ela se despia, pois não queria aborrecê-la.

Serviu-se de um copo de água Perrier e se pôs a avaliar as peças penduradas no cabideiro. Em consideração ao recato de Julia, não havia selecionado os itens mais provocantes – como os que deixavam os seios à mostra, por exemplo. O

1115/1201

objetivo era comprar lingerie que fizesse Julia se sentir confiante e sensual, e não constrangida e fria.

Embora algumas de suas escolhas pudessem ex-

trapolar os limites dela, Gabriel não tinha intenção de angustiá-la. Aquilo deveria ser divertido e, se possível, inspirador.

– Está um pouco apertado – falou ela.

– É para ser assim mesmo. Venha cá para eu vê-la.

– Ele manteve os olhos fixos no espelho, quase sem fôlego de expectativa.

– Acho que preciso de um tamanho maior.

– Eu dei suas medidas a Patricia.

– Você fez o *quê*? – gritou ela, quase histérica. – Mas eu estou enorme.

– Julianne – disse ele, sua voz autoritária. – *Venha. Aqui.*

Ela respirou fundo e andou em direção ao espelho.

Gabriel sentiu seu coração parar de bater.

1116/1201

Julia vestia um baby-doll de chifon preto, bordado com pequenas flores cor-de-rosa. Não havia tirado suas calcinhas de gestante da mesma cor, mas acrescentara uma meia-calça também preta, que ia até logo abaixo da sua barriga de grávida.

– Espetacular – disse ele.

Ela parou ao lado do espelho, sua mão deslizando entre as camadas de chifon preto até a barriga. Então virou-se devagar, conferindo sua bunda.

– Você está perfeita.

Julia olhou nos olhos dele pelo espelho.

Gabriel já não conseguia ficar sentado. Foi para trás dela, mas resistiu ao impulso de tocá-la. Sabia que, se cedesse à tentação, acabariam fazendo

sexo na poltrona de couro do provador, e as compras iriam por água abaixo. Ele certamente poderia se conter por alguns minutos enquanto ela o provocava.

1117/1201

– O que você acha? – perguntou ele, com voz rouca.

– Gostei. Mas ainda acho que está um pouco apertado. – Ela puxou as alças, expondo um pou-

co mais os seios inchados.

Gabriel moveu as mãos para pousá-las sobre eles, apertando-os.

– Acho que caiu como uma luva. Seu corpo é lindo.

A expressão nos olhos dela se abrandou.

– Você acha mesmo?

– Acho. – Ele acariciou seus seios através do tecido, deslizando os polegares com todo o cuidado sobre os mamilos sensíveis.

Os lábios de Julia se entreabriram enquanto ela observava Gabriel tocá-la, sua pele se arrepiando diante da voracidade que via nos olhos dele.

Lá estava um homem desesperadamente excitado e repleto de desejo, fazendo seu jogo de sedução.

1118/1201

Gabriel afastou os cabelos dela e colocou os lábios à sua orelha.

– Apenas pense em como vai se sentir quando tirá-lo.

Abandonando toda a cautela, ele pousou os lábios no pescoço de Julia, sua língua despontando para provar a pele dela.

– Está ficando quente aqui. – Ela fechou os olhos, apoiando-se no corpo dele.

– Estou só começando. – Gabriel encaixou seu corpo na curva das costas dela, para que Julia sentisse como ele estava excitado. – Suponho que vamos levar esse que você está vestindo, não? Agora escolha outra coisa.

Ela se virou para beijá-lo, erguendo a mão para afundar os dedos em seus cabelos. Beijou-o até estarem os dois a ponto de desistirem das camisas, antes de devolver as roupas ao cabideiro. Gabriel foi até a mesinha de canto e tirou o telefone do gancho.

1119/1201

– Patricia? Vamos precisar de mais gelo.

CAPÍTULO OITENTA E UM

Agosto de 2012

Arredores de Burlington, Vermont

Ao longo dos meses de inverno, Paul passava cada vez mais tempo com Allison. Eles saíam para jantar e iam ao cinema. Flertavam por e-mail e mensagens de celular. E os armários da casa de fazenda da família Norris estavam sempre cheios de cafés do Dunkin' Donuts e biscoitos caseiros.

Na verdade, sua amizade com Ali (pois Paul ainda a enxergava dessa forma) se tornara muito importante para ele. Paul esperava ansiosamente poder passar algum tempo com ela todos os fins de semana. Embora o relacionamento físico dos dois não tivesse evoluído para além de alguns

1121/1201

beijos bem comportados, a conexão que tinham se tornava cada vez mais profunda.

No entanto, nenhum dos dois poderia ter previsto a enorme alegria que viria no início de março, quando Paul recebeu a oferta de uma vaga de professor-assistente no departamento de inglês do Saint Michael's College. Ele não perdeu tempo negociando valores salariais, uma menor carga horária ou qualquer outro tipo de benefício. Simplesmente aceitou o trabalho. Com todo o prazer.

Enviou um e-mail para Julia contando-lhe sobre o novo emprego e eles retomaram a amigável troca de mensagens. Paul ficou pasmo quando, em meados de abril, ela lhe escreveu anunciando que estava grávida.

Levando em conta o fato de que haviam ficado um bom tempo sem se falarem, Paul não se sentiu à vontade para questionar Julia se aquele era o momento propício para a gravidez. Certamente

1122/1201

não tinha intenção de perturbá-la, não só em consideração à amizade dela, mas também porque não queria correr o risco de perder a aprovação de Gabriel no que dizia respeito à sua tese. Assim, Paul apenas enviou uma mensagem

parabenizando-a e prometendo enviar um presente de Vermont para o bebê.

Depois de finalizar e defender sua tese, e de sobreviver à cerimônia de formatura da Universidade de Toronto em junho, no fim de agosto Paul fez a mudança para sua nova sala no campus do St. Michael's College.

Ele estava feliz. Iria continuar morando com os pais até juntar dinheiro suficiente para dar a entrada em sua própria casa. Ajudaria na fazenda sempre que possível, mas os funcionários que seu pai contratara pareciam estar garantindo que tudo corresse bem. Além disso, a saúde do pai tinha melhorado significativamente.

1123/1201

Enquanto desencanaixotava os livros no seu novo escritório, encontrou seus bonecos de Dante e Beatriz. Para sua tristeza, a empresa que os fabricava havia ignorado seus insistentes pedidos de que fizessem um boneco de Virgílio.

(Novamente, a resposta oficial deles foi que Virgílio não merecia participar da brincadeira.) Tinha acabado de pôr Dante e Beatriz em cima da mesa quando ouviu alguém bater à porta.

– Entre – disse ele por sobre o ombro, sem se virar. – Está aberta.

– Oi.

Paul virou as costas para Dante e Beatriz e deparou com Allison parada ali.

Nesse instante, embora já a houvesse visto milhares de vezes e apesar de conhecê-la havia anos, Paul ficou impressionado com sua beleza. Seus cabelos, seu rosto, seus olhos. Ela era linda.

– Achei mesmo que você estaria aqui. Pensei que talvez precisasse de ajuda.

1124/1201

– Não tem muito o que fazer. Estou só arrumando meus livros. – Ele largou a caixa vazia no chão.

Ela pareceu decepcionada.

– Ah. Bem, não quero incomodar. Vou deixá-lo

voltar ao trabalho.

Ela se virou para ir embora e o coração de Paul se afundou no peito.

– Espere.

Ele se levantou, foi até Allison e pegou a mão dela.

– É bom ver você.

Ela abriu um sorriso.

– É bom ser vista.

– Há duas semanas não tenho notícias suas.

– Minha irmã precisou de ajuda com as crianças. Eu planejava ficar apenas uma semana, mas você sabe como é. – Ela esticou a mão e afastou alguns fios de cabelo da testa dele. – Senti saudade. Estava contando os dias.

1125/1201

– Também senti saudade. Muita.

Eles se olharam pelo que pareceu uma eternidade antes de Paul encontrar algo para dizer:

– Já estava prestes a dar uma parada mesmo. Quer comer uma pizza comigo no American Flatbread?

– Eu adoraria.

Ela fez menção de sair da sala, mas Paul a puxou pela mão.

Allison ergueu os olhos para ele, intrigada.

– Rosas – sussurrou Paul, deslizando seus dedos endurecidos pelo trabalho por sobre os nós dos dedos dela.

– Hein?

– Na nossa primeira vez. Você cheirava a rosas. Duas manchas avermelhadas surgiram no rosto de Allison.

– Achei que não se lembrasse.

Paul a fitou com intensidade.

1126/1201

– Como eu poderia esquecer? Até hoje, todas as vezes que sinto cheiro de rosas, penso em você.

– Já não uso perfume de rosas. Acho que passei dessa fase.

Paul ergueu a mão para aninhar o rosto de

Allison.

Ela apoiou o rosto na mão dele, fechando os olhos.

– Você voltaria a usar? Por mim?

Ela abriu os olhos, perscrutando os dele.

– Só se estiver falando sério.

– Estou. – Ele tentou fazer com que sua expressão mostrasse que estava dizendo a verdade.

– Então, sim.

Allison se aproximou e colocou seus lábios aos dele suavemente.

Com um leve empurrão, Paul fechou a porta da sala e a puxou para seus braços.

CAPÍTULO OITENTA E DOIS

9 de setembro de 2012

Cambridge, Massachusetts

Um gemido abafado veio do banheiro.

Os olhos de Gabriel se abriram de repente. Ele estava confuso. Por um momento, não sabia onde estava.

Quando tornou a ouvir o gemido, atravessou cambaleante e sonolento o quarto escuro.

– Querida? Tudo bem?

Ao entrar no banheiro, encontrou Julia quase totalmente arqueada, agarrando-se ao tampo de mármore da pia, os nós de seus dedos brancos. Ela respirava fundo.

1128/1201

– Quer que eu chame Rebecca? – Gabriel se virou para ir embora, preparando-se para sair em disparada pelo corredor.

– Não, ligue para o hospital.

– O que devo dizer?

– Diga que estou em trabalho de parto.

Ele entrou em pânico e começou a lhe fazer uma série de perguntas, zanzando pelo quarto em busca dos óculos e do celular e telefonando às pressas para a maternidade do Hospital Mount Auburn.

– A bolsa já estourou? – perguntou ele assim que conseguiu colocar uma enfermeira na linha.

- Não. Seu piso de madeira de lei está a salvo.
- Muito engraçado, Julianne.
- Está em trabalho de parto ativo?
- Acho que sim. As contrações estão dolorosas e regulares.

Julia tentou continuar respirando fundo e tranquilamente, uma técnica que havia praticado 1129/1201

repetidas vezes com sua professora de ioga pré-natal, que lhe prometera que isso daria certo. (Agora ela estava considerando pedir seu dinheiro de volta.)

- Qual é o espaçamento das contrações?
- Seis minutos.

Ela concentrou cada gota de sua atenção na sua própria respiração, isolando o som da voz de Gabriel.

(Ela o amava, é verdade, mas ele não estava exatamente ajudando.)

– A enfermeira disse que eu devo levá-la para o hospital agora mesmo. Já peguei a sua bolsa e a do bebê. Está pronta? – Gabriel tentou soar calmo e começou a afagar as costas dela por cima da blusa folgada.

– Estou. Vamos.

Julia se empertigou e deu uma boa olhada para o marido.

– Você não pode ir assim.

1130/1201

– Por que não? – Ele ajeitou o cabelo com as mãos, tentando ficar parecido com alguém que tivesse dormido a noite inteira. Então coçou sua barba por fazer. – Não vou ter tempo de me barbear.

– Dê uma olhada no espelho.

Gabriel olhou para o seu reflexo. Para seu espanto e horror, estava apenas com roupas de baixo: uma cueca samba-canção engraadinha com os dizeres *Medievalistas gostam de fazer no escurinho (da Idade das*

Trevas) estampados em letras fluorescentes.

– Droga! Me dê só um minuto.

Julia o seguiu para o quarto, arrastando os pés e rindo.

– Scott vai gostar de saber que estamos levando o presente de Natal dele para o hospital. Pelo menos se faltar luz vamos conseguir encontrá-lo. É só você baixar as calças.

– Você é a comédia em pessoa, Sra. Emerson.
1131/1201

Ela não conseguia parar de rir, achando sua gafe de etiqueta mais engraçada do que o normal. Ao longo das últimas semanas, ela havia deixado de usar a lingerie cara que Gabriel comprara na Agent Provocateur, sob o argumento de que as peças não eram quentes o bastante. Em resposta, Gabriel tinha declarado que as calças de ioga e camisetas que ela vinha usando eram “um atentado contra a sua sensualidade”, sugerindo que Julia usasse o corpo dele para se aquecer. Mas ela preferiu um travesseiro de corpo.

– Essa cueca medieval é um atentado contra a sua sensualidade – zombou ela, agarrando sua barriga enquanto gargalhava.

Ele lhe lançou com um olhar fulminante enquanto vestia uma calça jeans e uma camisa. Então, segurando-a pelo cotovelo, começou a conduzi-la pelo corredor. Eles pararam bem em frente ao quarto do bebê quando Julia teve outra contração.

1132/1201

Gabriel acendeu o lustre cor-de-rosa e branco para ver o rosto dela.

– Está muito forte?

– Sim. – Ela tentou se distrair, recostando-se no batente da porta e olhando para dentro do quarto.

Teria ficado satisfeita em comprar toda a mobília na Target, mas Gabriel havia insistido na Pottery Barn.

(Diga-se de passagem que Julia adorava os móveis de lá, mas também os achava caros demais.) Juntos ali e com todos os presentes que seus

amigos e familiares tiveram a generosidade de lhes dar, os móveis haviam transformado um dos quartos de hóspedes em um ambiente tranquilo para uma bebezinha. Julia escolhera verde-sálvia para as paredes e branco para os detalhes de madeira e os frisos. Um tapete elegante com estampa de flores em cor-de-rosa, amarelo e tons

1133/1201

pastel de verde cobria as tábuas do assoalho de carvalho.

– Este é o meu quarto favorito em todo o mundo – sussurrou ela, fitando os adesivos do Ursinho Puff que eles haviam colado sobre o berço e a mesa de trocar fraldas, antecipando olhinhos arregalados e curiosos.

– Está esperando por ela – disse Gabriel com um sorriso. – Está esperando pela nossa Rolinho. Assim que a contração passou, Gabriel pegou a mão de Julia e a ajudou a descer as escadas até o Volvo, onde já havia instalado a cadeirinha do bebê. Enviou um torpedo para Rebecca, explicando o que estava acontecendo e garantindo-lhe que eles manteriam contato.

Minutos depois, chegaram à maternidade do Hospital Mount Auburn. Quando se viram acomodados em uma das salas de parto, Gabriel já tinha conseguido evocar uma aparência de tranquilidade. Não queria que Julia notasse sua

1134/1201

ansiedade ou pressentisse a maneira como seu íntimo fervilhava de medos indizíveis.

Mas ela sabia. Julia sabia que ele estava com medo, então segurou sua mão e lhe disse que ela e Rolinho ficariam bem.

Eles ficaram de mãos dadas enquanto Julia fazia o exame pélvico, durante o qual a obstetra de plantão anunciou que Rolinho estava em posição transversal e que ela esperava que o bebê decidisse se virar quando chegasse a hora de nascer. Gabriel estava nervoso e exigia uma complexa explicação ilustrada do que era uma posição

transversal, então a enfermeira Tracy apressou-se em distraí-lo, ensinando a ele como ler o monitor de modo a poder dizer a Julia quando uma contração estava no auge e quando já estava prestes a terminar.

Julia ficou grata ao vê-lo distraído. Mas isso não o impediu de sacar o iPhone e buscar no Google

informações sobre bebês em posição transversal e



1135/1201

sobre a equipe de plantão que os estava atendendo.

(A essa altura, Julia desejava que ele tivesse deixado aquele maldito telefone em casa.)

Por sorte, os analgésicos a relaxaram a ponto de lhe darem sono, e Julia mergulhou em um estado de semiconsciência.

– Julianne?

Ela abriu os olhos e viu o marido de pé ao seu lado, uma expressão preocupada no rosto.

Julia abriu um sorriso tão fraco que o coração dele quase se partiu.

– Você estava gemendo.

– Devia estar sonhando.

Julia estendeu a mão e ele pegou, levando-a aos lábios para beijá-la.

1136/1201

– Minhas alianças – sussurrou ela, apertando os dedos em volta da aliança de Gabriel. – Eu as perdi?

Ele alisou seu dedo nu.

– Você as tirou meses atrás, lembra? Seus dedos estavam inchando e você ficou com medo de que elas ficassem presas. Passou a usá-las no cordão que eu lhe dei há um ano, lá no pomar.

Ela ergueu a mão para tocar o próprio pescoço.

– Tinha me esquecido. Eu as guardei na minha caixa de joias ontem.

– Você teve uma premonição. Rolinho está quase chegando.

Ela fechou os olhos.

– Achei que nada poderia ser mais difícil que

meu doutorado em Harvard. Estava enganada.

Gabriel sentiu um aperto no peito.

– Você logo estará de volta à universidade. Rebecca e eu vamos ajudar.

Julia gemeu em resposta.

1137/1201

– Sei que foi cedo demais. – Ele colou a boca à sua orelha. – Me desculpe.

– Já falamos sobre isso. Às vezes, surpresas são as melhores coisas que podem nos acontecer.

– Farei o possível e o impossível para compensá-la.

– Ter um filho com você não é nenhum sacrifício. Exceto pela dor. – Ela fez uma careta.

Ele pressionou os lábios na testa dela.

– Vou ligar para o meu pai. Ele vai falar com Tom e Diane. Duvido que consigam vir de carro com Tommy, mas ele vai se oferecer para trazê-los, de qualquer maneira.

Ela assentiu, mas manteve os olhos fechados.

– Ótimo.

Enquanto Julia dormia, a obstetra tentou tranquilizar Gabriel, dizendo-lhe que bebês em posição transversal não eram nada incomuns. Às vezes se reposicionavam durante o parto, ou o

1138/1201

obstetra podia virá-los. Não era motivo para preocupação.

Gabriel ficou grato pelo incentivo da médica, mas continuava apreensivo. O que lhe dava forças era a esperança em relação ao futuro – a certeza de que logo conheceria a filha e se tornaria pai. Enquanto Julia ficava deitada ali, adormecida e sonhando, ele andava de um lado para outro. Ela parecia tão pequena e frágil naquele leito hospitalar grande.

Tão jovem.

CAPÍTULO OITENTA E TRÊS

– Julia? – Gabriel segurava a mão dela enquanto outra contração atravessava seu corpo. Mantinha o olhar atento ao monitor, para avisá-la quando

estivesse acabando; em seguida, acariciava os nós de seus dedos ou sua testa, elogiando-a. – Você está indo muito bem.

Já ele, nem tanto. Estava desalinhado e nervoso e, se pensasse no assunto, extremamente preocupado. Por mais que estivessem em um hospital de renome em Boston, recebendo excelentes cuidados médicos, Gabriel estava apavorado.

Guardando seus medos para si, ele passava o tempo todo rezando em silêncio para que nada de mal acontecesse a Julia ou ao bebê.

Pouco antes das nove da noite, Julia começou a ter febre. A essa altura, a Dra. Rubio já havia
1140/1201

chegado ao hospital. Ela examinou Julia e ordenou que um antibiótico fosse acrescentado ao seu cateter intravenoso.

Gabriel mordeu o lábio, observando a enfermeira pendurar o novo saco ao lado dos demais fluidos que gotejavam lentamente para dentro do braço da esposa.

A Dra. Rubio rompeu a bolsa d'água de Julia e a encorajou a começar a empurrar. A anestesia peridural aliviava apenas parte da dor, que continuava intensa. Julia ainda conseguia sentir a metade de baixo do seu corpo.

A enfermeira Susan segurava uma das pernas de Julia, enquanto Gabriel segurava a outra. Ela empurrava a cada contração e, apesar do incentivo da Dra. Rubio e de Gabriel, tudo continuava praticamente na mesma. Passado algum tempo, a obstetra admitiu o que Gabriel vinha temendo: o bebê não queria sair da posição
1141/1201

transversal, e estava alto demais para ser retirado a fórceps.

Julia soltou um gemido fraco ao ouvir a notícia, deixando-se cair para trás no leito, quase exaurida.

– O que isso significa? – perguntou Gabriel baixinho, cerrando os punhos.

A Dra. Rubio franziu os lábios.

– Significa que precisaremos fazer uma cesariana de emergência. Os batimentos cardíacos do bebê estão começando a acelerar, sua esposa teve febre e existe possibilidade de infecção. Vou reunir minha equipe cirúrgica, mas precisamos começar imediatamente.

– Por mim, tudo bem – disse Julia.

Ela estava cansada. Muito cansada. A ideia de pôr um fim àquele parto lhe trazia um grande alívio.

– Tem certeza? – Gabriel segurava a mão dela, nervoso.

1142/1201

– Não temos alternativa, Sr. Emerson. Não posso fazer o parto natural dessa criança na posição em que ela está – retrucou a Dra. Rubio em tom firme.

– Como já falei antes, é *professor Emerson* – irritou-se Gabriel, com as emoções à flor da pele.

– Calma, querido. Vamos ficar bem.

Julia abriu um sorriso fraco e fechou os olhos, obrigando-se a suportar as contrações que continuavam a fustigar seu corpo.

Gabriel pediu desculpas com um beijo casto e sussurrou algumas palavras de conforto antes de a sala de parto se tornar o epicentro de uma intensa atividade. O anestesista chegou e fez uma série de perguntas. A enfermeira pediu que Gabriel a acompanhasse para vestir uma roupa cirúrgica.

Ele não queria se separar de Julia nem por um instante. Havia passado horas ao seu lado, dando-lhe lascas de gelo e segurando sua mão. Mas,

1143/1201

como queria estar junto da esposa também na sala de cirurgia, que era um ambiente esterilizado, concordou em acompanhar a enfermeira. Antes de ele sair, Julia estendeu a mão. Ele a tomou na sua, pressionando os lábios em sua palma.

– Não me arrependo – sussurrou Julia.

Ele recuou. A medicação para dor parecia estar afetando sua clareza de pensamento.

– Do que não se arrepende, querida?

– De engravidar. No fim de tudo, teremos uma garotinha. Seremos uma família. Para sempre. Ele lhe deu um sorriso tenso e beijou-lhe a testa.

– Nos vemos em poucos minutos. Aguarde firme.

Ela retribuiu o sorriso e fechou os olhos, controlando sua respiração de modo a se preparar para a nova onda de contrações.

CAPÍTULO OITENTA E QUATRO

Na ausência de Gabriel, Julia simplesmente fechou os olhos e se concentrou na respiração;

isto é, até ela estar deitada na sala de cirurgia e a Dra. Rubio começar a apalpar a área que tinha

sido preparada para a incisão.

– Consegui sentir isto – disse Julia, claramente alarmada.

– O que sentiu foi uma pressão?

– Não. Senti você beliscando minha pele.

Gabriel sentou-se ao lado dela, atrás do pano que bloqueava sua visão da parte de baixo do corpo de Julia. Ele pegou sua mão.

– Está sentindo dor?

– Não – falou ela, em pânico. – Mas continuo com sensibilidade. Estou com medo de sentir a incisão.

1145/1201

A Dra. Rubio repetiu o teste, beliscando e torcendo a pele dela, que insistia, cada vez mais ansiosa, que conseguia sentir tudo.

– Vamos ter que colocá-la para dormir – anunciou o anestesista, apressando-se em preparar a anestesia geral.

– Não é bom para o bebê. Dê outra coisa a ela – argumentou a Dra. Rubio.

– Não posso lhe dar mais nada. Já aplicamos duas doses de peridural. Vou ter que apagá-la. Julia ergueu o olhar para os olhos bondosos do anestesista.

– Me desculpe – sussurrou ela.
O anestesista afagou o ombro dela.
– Querida, não precisa se desculpar. Estou aqui para isso. Apenas tente relaxar.
Gabriel começou a fazer uma série de perguntas enquanto a equipe cirúrgica trabalhava a todo vapor ao seu redor.

1146/1201

Julia apertou a mão dele, como se lhe pedisse que não perdesse a cabeça. Ela precisava que Gabriel ficasse calmo. Precisava que ele velasse seu sono.

Ela mal conseguiu registrar o que os médicos estavam fazendo, ou as instruções do anestesista. A última coisa que ouviu antes de ser arrastada para a escuridão foi a voz de Gabriel em seu ouvido, garantindo-lhe que ele estaria ao seu lado quando ela acordasse.

CAPÍTULO OITENTA E CINCO

– Droga. – A Dra. Rubio estava agitada. Deu um monte de ordens e instruções e, no mesmo instante, sua equipe entrou em ação.
– Qual o problema? – Gabriel apertou com mais força a mão inerte de Julia.
A Dra. Rubio virou a cabeça para ele, sem fazer contato visual.
– Tirem o marido daqui.
– O quê? – Gabriel se levantou. – O que está havendo?
– Eu disse para o tirarem daqui! – exclamou a Dra. Rubio para uma das enfermeiras. – E mande o cirurgião de plantão vir para cá.
Imediatamente.
A enfermeira começou a conduzir Gabriel em direção à porta.

1148/1201

– O que está havendo? Alguém me diga! – Ele ergueu a voz, dirigindo suas perguntas para a equipe médica.

Ninguém respondeu.

A enfermeira pegou o braço dele e o puxou.

Gabriel lançou um último olhar para Julia. Suas pálpebras estavam cerradas, a pele, lívida, o corpo, inerte.

Era como se ela estivesse morta.

– Ela vai ficar bem?

A enfermeira o fez atravessar a porta de vaivém, levando-o até a sala de espera do centro cirúrgico.

– Alguém virá falar com o senhor em breve. –

Ela meneou a cabeça para Gabriel de forma encorajadora antes de voltar à sala de cirurgia.

Ele se deixou cair em uma poltrona, a mente a mil por hora. Em um minuto eles estavam se preparando para a cesariana e no minuto seguinte...

Ele retirou a máscara cirúrgica do rosto.



1149/1201

Pânico e medo correram pelas veias de Gabriel.

Tudo o que conseguia ver era o rosto de Julia, os braços esticados para os lados como se ela estivesse em uma cruz.

Na mente de Gabriel, ele estava no quintal da sua casa em Selinsgrove, caminhando em direção ao bosque. Havia percorrido aquele caminho mil vezes. Era capaz de ir até lá no escuro. Agora, era dia.

Ao se aproximar do bosque, ouviu uma voz chamando seu nome.

Ele se virou e viu Grace de pé na varanda dos fundos, acenando para ele.

– Volte.

Gabriel balançou a cabeça, apontando na direção do pomar.

– Tenho que encontrá-la. Eu a perdi.

1150/1201

– Você não a perdeu. – Grace deu um sorriso paciente.

– Perdi, sim. Ela se foi. – Os batimentos cardíacos

cos de Gabriel se aceleraram.

– Ela não se foi. Volte para casa.

– Tenho que ir buscá-la.

Gabriel vasculhou as árvores em busca de qualquer sinal de Julianne antes de entrar no bosque. Seus passos se aceleraram até que ele começou a correr, os galhos se agarrando e arranhando suas roupas e seu rosto. Ele caiu sobre as mãos e os joelhos assim que entrou na clareira. Olhou ao redor depressa e um grito angustiado escapou de seus lábios ao perceber que Julianne não estava em lugar nenhum.

CAPÍTULO OITENTA E SEIS

– Não acredito que perdemos uma hoje.

– Nem eu. Duas cesarianas de emergência ao mesmo tempo. Pelo menos só uma terminou mal.

– A pessoa suspirou. – Detesto noites assim.

– Eu também. Graças a Deus nosso turno acabou.

Gabriel levou alguns minutos para abrir os olhos. Teria adormecido, ou...

Ele esfregou o queixo. Não tinha certeza. Em um minuto estava no bosque nos fundos da casa, no minuto seguinte podia ouvir as enfermeiras conversando.

Seus ouvidos começaram a zumbir à medida que a lembrança de Julianne deitada na mesa de cirurgia, pálida e imóvel, lhe voltava à mente. As enfermeiras só podiam estar falando dela.

1152/1201

Não acredito que perdemos uma hoje.

Ele teve que conter um soluço ao ouvir passos, seus olhos se fixando em um par de sapatos horróricos. Era terrivelmente fora de propósito, e ele sabia disso, mas Gabriel não pôde deixar de notar

como eles eram grosseiros e calçavam mal.

Ele levantou a cabeça.

A enfermeira, que ele nunca tinha visto antes, lhe abriu um sorriso contido.

– Meu nome é Angie, Sr. Emerson. Gostaria de ver sua filha?

Ele assentiu e se levantou, cambaleante.

– Lamento que tenha ficado esperando tanto tempo. Alguém deveria tê-la trazido para o sensor antes, mas estamos muito ocupados e acabamos de fazer a troca de turno.

Ela o conduziu até a sala ao lado, onde havia um cesto de bebê. Outra enfermeira estava ali, escrevendo em um prontuário.

1153/1201

Gabriel se aproximou do cesto e baixou os olhos para o seu interior.

Havia um pequeno embrulho branco ali dentro, totalmente imóvel. Ele viu um rosto avermelhado e cabelos pretos parcialmente cobertos por um minúsculo gorro de crochê roxo.

– Ela tem cabelo – sussurrou ele.

Angie parou ao seu lado.

– Sim, um monte de cabelos pretos. Ela pesa quase 4 quilos e tem 48 centímetros. É um bebê de bom tamanho.

Angie pegou a criança, segurando-a nos braços.

– Vou lhe dar um pulseira igual à dela, para sabermos que ela é sua.

A segunda enfermeira prendeu uma pulseira de plástico branca em volta do pulso direito de Gabriel.

– Quer segurá-la?

Ele assentiu, secando o suor frio das mãos na roupa cirúrgica.

1154/1201

Angie colocou o bebê com cuidado nos braços dele. Na mesma hora, a criança abriu os olhos grandes e azul-escuros e olhou para ele.

Quando seus olhares se cruzaram, Gabriel teve a sensação de que o mundo havia parado de girar. Então ela bocejou, a boca pequenina como um botão de rosa se escancarando até os olhos se fecharem de novo.

– Ela é linda – sussurrou ele.

– É mesmo. E saudável. Foi um parto difícil, mas ela está bem. Como pode notar, o rosto dela

está um pouco inchado, mas vai desinchar com o tempo.

Gabriel ergueu a filha até ela estar a poucos centímetros do seu rosto.

– Olá, Rolinho. Sou seu papai e há muito tempo venho esperando para conhecê-la. Amo muito você.

1155/1201

Ele a colou ao próprio corpo, escutando sua respiração delicada, sentindo seu coraçãozinho bater por baixo do tecido que a embrulhava.

– Minha esposa – falou ele, a voz falhando, sem se importar em piscar para conter as lágrimas que voltaram a surgir em seus olhos.

As enfermeiras trocaram olhares.

– A Dra. Rubio não falou com o senhor? – perguntou Angie.

Gabriel balançou a cabeça, abraçando o bebê com força.

Angie olhou para a outra enfermeira, que franziu o cenho.

– Ela já deveria ter falado com o senhor a esta altura. Peço desculpas. Estamos muito ocupados, como já disse, e ainda tivemos a troca de turno. – Angie gesticulou para uma cadeira. – Por que não senta com a sua filha enquanto vejo se consigo encontrar a médica?

1156/1201

Gabriel obedeceu, segurando a filha perto do coração.

As expressões das enfermeiras lhe disseram tudo o que precisava saber.

Não haveria nenhum reencontro feliz.

Não haveria visão alguma de Julia com a filha nos braços.

Ele a perdera. Da mesma forma que Dante tinha perdido Beatriz, ele perdera sua amada.

– Eu fracassei com você – sussurrou ele.

Com a filha colada ao peito, Gabriel chorou.

CAPÍTULO OITENTA E SETE

Enquanto Gabriel ficava sentado ali com

Rolinho nos braços, o tempo parecia ter perdido o sentido. Imagens lampejavam diante de seus olhos. Ele se viu levando a filha para casa.

Alimentando-a no meio da noite. Descendo o corredor em direção ao quarto principal vazio.

Sentia-se tão sozinho.

Tinha amado uma única mulher em sua vida. A princípio, ele a amara como um pagão, ávido por idolatrá-la e adorá-la. Então aprendera que havia coisas mais importantes do que seu amor por Julia – a felicidade dela, por exemplo.

Em sua mente, conseguia vê-la e ouvi-la segurando a mão dele e sussurrando:

Não me arrependo de ter engravidado.



1158/1201

Agora, ela se arrependeria. Gabriel tinha ceifado sua vida.

Os ombros dele tremeram quando um soluço sacudiu-lhe o corpo.

Sua linda e meiga Julianne.

Gabriel estava com o celular nas mãos, mas não queria falar com ninguém. A julgar pelas mensagens que havia recebido, Richard e Rachel chegariam a qualquer momento. Rebecca estava preparando a casa para os hóspedes e para o bebê. Kelly mandara uma mensagem para dizer que tinha encomendado flores e balões, que estavam a caminho do hospital.

Não tivera coragem de dizer a eles que Julianne estava morta.

Olhou para o rosto da filha, perguntando-se como conseguiria ser pai sozinho. Ele dependia

1159/1201

tanto de Julianne. E, no fim das contas, foi seu egoísmo que pôs fim à sua vida.

Gabriel estava exausto e imerso em sua dor quando alguém entrou na sala e parou diante dele. Seus olhos se fixaram novamente em um par de sapatos muito feios e grosseiros.

– Sr. Emerson.

Ele reconheceu a voz da Dra. Rubio e levantou a cabeça.

Ela parecia cansada.

– Sinto muito pelo que houve. Tivemos várias emergências ao mesmo tempo e não consegui me liberar. Peço desculpas por...

– Eu posso vê-la? – perguntou Gabriel, interrompendo-a.

– Claro. Mas antes preciso explicar o que aconteceu. Sua esposa...

Gabriel não conseguia ouvir as palavras da médica. Estava tomado pela dor. Todas as
1160/1201

conversas que jamais tivera com Julia sobre ter filhos inundavam sua mente.

A culpa era dele. Ele a havia convencido a ter um bebê e então tinha acontecido antes que ela estivesse preparada.

Ele tinha feito aquilo. Ele havia plantado uma criança dentro dela, e disso resultou sua morte. Gabriel baixou a cabeça, anestesiado.

– Professor Emerson.

A Dra. Rubio se aproximou dele.

– Professor Emerson, o senhor está bem? – A voz dela, que carregava um leve sotaque, ecoou em seus ouvidos. A Dra. Rubio resmungou algumas palavras em espanhol, que Gabriel conseguiu identificar vagamente.

– Posso vê-la? – sussurrou ele.

– É claro. – A Dra. Rubio gesticulou em direção à porta. – Lamento que ninguém tenha vindo buscá-lo antes, mas a equipe de enfermagem estava sobrecarregada.

1161/1201

Gabriel se levantou devagar, com a filha ainda aninhada nos braços.

A Dra. Rubio o instruiu a colocar o bebê no cesto e então se pôs a empurrar o carrinho sobre o qual ele estava instalado.

Ele sacou um lenço do bolso e secou o rosto, ignorando as iniciais bordadas nele. Tinha sido um

presente de Julianne, por “nenhum motivo especial”. Ela era assim – generosa de espírito, de cor-ação. Como ele gostaria de estar usando a estrela

de Davi que ela lhe dera no aniversário de casamento. Certamente teria encontrado algum conforto nisso.

Gabriel seguiu a Dra. Rubio por uma série de salas, até chegar a um espaço que abrigava vários leitos hospitalares.

– Lá está ela.

Gabriel parou na mesma hora.

1162/1201

Julianne estava deitada em um leito com uma enfermeira inclinada sobre seu corpo, aplicando-lhe uma injeção.

Ele pôde ver as pernas dela se mexendo debaixo do lençol. Pôde ouvi-la gemer.

Piscou rapidamente, como se as lágrimas em seus olhos tivessem gerado uma miragem.

Sentiu o corpo vacilar.

– Professor Emerson? – A Dra. Rubio o segurou pelo cotovelo, tentando equilibrá-lo. – O senhor está bem?

Ela chamou a enfermeira e lhe pediu que colocasse uma cadeira ao lado do leito de Julia. As duas ajudaram Gabriel a se sentar e empurraram o cesto para perto dele.

Alguém colocou um copo d’água na mão dele.

Ele o fitou como se fosse um objeto de outro planeta.

A voz da Dra. Rubio, que vinha soando nebulosa aos seus ouvidos, ficou clara de repente:

1163/1201

– Como disse, sua esposa perdeu muito sangue. Tivemos que fazer uma transfusão. Quando fiz a incisão para a cesariana, um dos miomas se rompeu e, infelizmente, sangrou muito. Tivemos que fazer alguns reparos cirúrgicos em seguida, e foi por isso que o procedimento demorou tanto.

– Miomas? – repetiu Gabriel, a mão pousada sobre a boca.

– Um dos miomas da sua esposa estava preso à parede do útero bem no local em que fizemos a incisão. Conseguimos estancar o sangramento e suturá-la, mas isso tornou a cesariana mais complicada do que o habitual. Felizmente o Dr. Manganiello, nosso cirurgião de plantão, veio nos ajudar. Sua esposa vai ficar bem. – A Dra. Rubio pousou a mão sobre o ombro de Gabriel. – E parece que não há nenhum dano permanente no útero. Ela vai acordar em breve, mas estará grogue. Vamos lhe dar medicamentos para controlar a dor. Amanhã venho dar uma olhada em 1164/1201

vocês, quando estiver passando visita. E parabéns pelo nascimento da sua filha. Ela é linda.

A Dra. Rubio deu um tapinha no ombro dele e foi embora.

Gabriel olhou para Julia, notando que a cor voltara às suas faces. Ela estava adormecida.

– Sr. Emerson? – A enfermeira notou suas lágrimas. – Posso lhe trazer alguma coisa?

Ele balançou a cabeça, apressando-se em secar o rosto com as costas da mão.

– Achei que ela estivesse morta.

– O quê? – disse a enfermeira em tom estridente.

– Ninguém me falou nada. Ela parecia estar morta. Achei que...

A enfermeira deu um passo à frente, com uma expressão horrorizada no rosto.

– Sinto muito. Alguém do turno da noite deveria ter explicado ao senhor o que estava acontecendo. Houve outra cesariana de emergência 1165/1201

junto com a da sua esposa, mas a paciente perdeu o bebê.

Gabriel ergueu os olhos para fitar os da enfermeira.

– Mas isso não justifica – falou ela baixinho. – Alguém deveria ter vindo lhe dizer que sua esposa estava bem. Trabalho há dez anos aqui

fazendo partos e, durante todo esse tempo, foram poucas as mães que perdemos. Muito, muito poucas. E, quando isso acontece, abre-se imediatamente um inquérito e todos ficam transtornados.

Gabriel estava prestes a perguntar o que exatamente significava “muito poucas” quando ouviu um gemido vir do leito de Julia. Ele largou o copo d’água de lado e ficou de pé ao lado dela.

– Julianne?

Ela pestanejou, seus cílios se abrindo. Olhou para ele apenas por um instante, então tornou a fechar os olhos.

1166/1201

– Sua filha está aqui. Ela é linda.

Julianne não se mexeu.

Alguns minutos depois, no entanto, voltou a gemer.

– Está doendo – sussurrou ela.

– Espere um instante. Vou chamar alguém. –

Gabriel chamou uma enfermeira.

Depois que ela ajustou o cateter intravenoso de Julia, Gabriel pegou o bebê.

– Meu amor, esta é a sua filha. Ela é linda. E tem cabelos. – Ele ergueu o bebê para que Julia pudesse vê-la.

Os olhos de Julia estavam arregalados e sem foco, então ela os fechou de novo.

Gabriel tornou a aninhar o bebê junto ao peito.

– Querida? Está me ouvindo?

– Vai demorar um pouco até que ela recupere os sentidos. Mas com o tempo ela vai acordar. –

A voz da enfermeira interrompeu os devaneios de



1167/1201

Gabriel, que se perguntava ansiosamente se Julia

estava insatisfeita com a aparência do bebê. Ele pôs a criança de volta no cesto e sentou-se ao lado dele, vigiando a esposa com atenção. Jamais a perderia de vista novamente. Seu iPhone tocou, indicando a chegada de algumas mensagens que ele logo conferiu. Richard e Rachel chegariam em breve. Tom e Diane enviavam os parabéns e beijos para todos. E Katherine reiterou que fazia questão de ser a madrinha. Chegou inclusive a prometer um raro manuscrito da *Vita Nuova*, de Dante, como incentivo.

Gabriel tirou algumas fotos de Rolinho com o celular e as enviou rapidamente por e-mail para todo mundo, inclusive Kelly, dando-se o trabalho de dizer a Katherine que não havia necessidade de nenhum incentivo por parte dela.

1168/1201

– Ela tem cabelo?

Quando Julia finalmente acordou, a primeira coisa que notou foram as mechas pretas que despontavam do gorrinho de crochê roxo.

– Tem. Bastante. Mais escuro que o seu.

Gabriel sorriu e pôs o bebê sobre o peito da esposa.

Ela desembulhou o bebê e tirou seu gorro, colando a pele da filha à sua. A criança se aconchegou imediatamente ao corpo da mãe. Para Gabriel, aquela era a cena mais incrível que ele tinha visto na vida.

– *Ela é linda* – sussurrou Julia.

– Linda como a mamãe.

Ela deu beijos carinhosos na cabeça do bebê.

– Acho que não. Ela é a sua cara.

Gabriel riu.

– Permita-me discordar. Não acho que ela se pareça com nenhum de nós ainda, exceto pelo fato de ter os olhos da cor dos meus. Tem os

1169/1201

maiores olhos que já vi, mas não gosta muito de abri-los.

Julia levantou a cabeça para examinar o rosto do bebê, apertando-a ainda mais junto ao peito. Gabriel a encarou com preocupação.

– Está com dor?

Ela fez uma pequena careta.

– Parece que fui serrada ao meio.

– E acho que foi mesmo.

Ela o fitou com um olhar intrigado.

– Não, querida, eu não olhei. – Ele roçou um

beijo contra os seus cabelos. – Talvez seja melhor conversarmos sobre como iremos chamá-la. Os

avós dela não vão ficar muito contentes se dissermos que ela se chama Rolinho. E já tive notícias de Katherine, que acha que devíamos batizá-la em sua própria homenagem.

– Nós chegamos a cogitar Clare.

Gabriel refletiu por alguns instantes.

1170/1201

– Gosto de Clare, mas, como rezamos na cripta de São Francisco, talvez devêssemos chamá-la de Frances.

– Santa Clara era amiga de Francisco.

Poderíamos chamá-la de Clare e colocar Grace como nome do meio.

Gabriel fitou os olhos de Julia e sentiu um nó na garganta.

– Que tal Clare Grace Hope? Ela representa a culminação de tanta esperança, de tanta graça...

– *Clare Grace Hope Emerson*. É perfeito – sussurrou Julia, beijando a pequena bochecha de

Clare.

– Ela é perfeita. – Gabriel beijou Julianne e

Clare, envolvendo as duas em um abraço.

– *Minhas lindas, lindas meninas*.

CAPÍTULO OITENTA E OITO

Julia dormia como um anjo, respirando fundo, o corpo imóvel. Quando a enfermeira instruiu Gabriel a pousar Clare no cesto para dormir, ele se recusou. Segurava a filha nos braços como se tivesse medo de que alguém fosse levá-la embora. Seus olhos ficaram pesados e ele se recostou na

cadeira ao lado da cama de Julia, deitando a filha sobre o peito. Ela bocejou, parecendo contente, a

bochecha descansando no corpo dele, a bundinha para cima.

– Fé, esperança e caridade – sussurrou ele para si mesmo. – Mas a maior de todas essas é a caridade.

– O que disse? – Julia se mexeu na cama, virando-se para ele.

Ele sorriu.

1172/1201

– Desculpe, não queria acordá-la.

Julia moveu as pernas, hesitante, levando a mão ao local da incisão.

– A dor está voltando. Deve estar na hora de outra injeção.

Ela olhou na direção de Gabriel, para a maneira como ele segurava Clare nos braços, o corpo dela repousado bem no meio do peito dele.

– Você tem um talento inato para isso, papai.

– Espero que sim. Mas, mesmo que não tenha, vou fazer de tudo para desenvolver um.

– Eu não sabia – sussurrou Julia, seus olhos se enchendo de lágrimas.

– Não sabia o quê?

– Não sabia que era possível amar tanto outra pessoa.

Gabriel aninhou a cabeça de Clare em sua mão.

– Eu também não sabia. – Ele beijou a cabeça da filha. – Na verdade, eu estava só discordando de São Paulo,

1173/1201

– Ah, é? – Julia secou uma lágrima. – E o que ele achou disso?

Gabriel a fitou nos olhos. Ela sorriu.

– Eu falei a ele que a maior das virtudes não é a caridade; é a esperança. Conheci a caridade com Richard e Grace, mas também com você. E ela me ajudou a atravessar dias muito sombrios. E também descobri a fé, quando estive em Assis. Mas, sem esperança, não estaria aqui. Eu teria dado

um fim à minha vida. Sem a intervenção divina na forma de uma adolescente em um pomar na Pensilvânia, eu estaria no Inferno, e não sentado ao seu lado com nossa filha nos braços.

– Gabriel – sussurrou ela, as lágrimas correndo.

– A caridade é uma grande virtude, assim como a fé. Mas a esperança é a mais importante para mim. Isto é esperança. – Ele gesticulou para a bebezinha em seu peito, embrulhada em panos brancos e usando um minúsculo gorro de crochê.

1174/1201

As preces de agradecimento de Gabriel foram espontâneas e sinceras. Ali, naquele quarto, ele possuía uma abundância de riquezas: uma esposa bela e inteligente, que tinha um coração enorme e generoso, e uma linda filha.

– Aqui culminam todas as minhas esperanças, Gabriel. – Julia estendeu a mão para ele, que se esticou para enlaçar o dedo mindinho dela com o seu. – Este é o meu final feliz.

Ele olhou para o futuro com esperança e viu uma casa repleta do som de risadas infantis e de pezinhos apressados subindo e descendo as escadas. Viu Clare com uma irmã e um irmão – um adotado, outro não.

Viu batismos e cerimônias de primeira comunhão e a família sentada junto dele no mesmo banco de igreja, missa após missa, ano após ano. Viu joelhos ralados, primeiros dias na escola, bailes de formatura, corações partidos e lágrimas

1175/1201

de felicidade, e a alegria de apresentar Dante, Botticelli e São Francisco a seus filhos.

Viu a si mesmo conduzindo Clare pelo corredor de uma igreja em seu próprio casamento, e segurando os netos nos braços.

Viu-se envelhecendo ao lado de sua amada Julianne, de mãos dadas com ela em seu pomar.

– *Eis que surge minha bem-aventurança* – sussurrou ele, segurando a mão da esposa e Clare

Grace Hope, que dormia como um anjo em seu

peito.

Fim.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos falecidos Dorothy L.

Sayers e Charles Williams, a Mark Musa, à minha

amiga Katherine Picton e à Dante Society of

America por todo o conhecimento relacionado à

Divina Comédia, de Dante Alighieri, que serviu de inspiração à minha obra.

Neste romance, são

respeitadas as convenções da Dante Society

quanto ao uso de maiúsculas ao Inferno e ao

Paraíso.

Também busquei inspiração na arte de Sandro

Botticelli e no espaço incomparável que é a Gal-

leria degli Uffizi, em Florença. As cidades de Ox-

ford, Florença, Assis, Todi e Cambridge ofere-

ceram um pano de fundo para a história, assim

como o distrito de Selinsgrove.

1177/1201

A tradução para o inglês de Dante Gabriel Ros-

setti do poema *Vida nova* foi retirada do site Internet Archive, assim como o

original em itali-

ano. Também usei a tradução para o inglês de

Henry

Wadsworth

Longfellow

da

Divina

Comédia.

Agradeço a Jennifer, por suas opiniões e seu

apoio. Este livro não existiria sem seu incentivo e sua amizade. Agradeço

também a Nina, por suas

contribuições e sabedoria. Também agradeço de

coração a Kris, que leu o manuscrito original e

fez inestimáveis críticas construtivas.

Foi um prazer trabalhar com Cindy, minha ed-

itora na Berkley Books, e mal posso esperar para

voltar a fazê-lo em meus próximos dois ro-

mances. Devo ainda agradecimentos a Tom, por

sua sabedoria e seu empenho em conduzir minha

transição para a Berkley. E também, é claro, às

equipes de revisão, design e diagramação que trabalharam neste livro.

1178/1201

Minha agente, Enn, trabalha incansavelmente para promover minha obra e me ajuda a utilizar as mídias sociais, o que me permite manter contato com meus leitores. É uma honra fazer parte da sua equipe.

Também gostaria de agradecer a todos os que me incentivaram, em especial às musas Tori e Erika e aos leitores que administram o site Argyle Empire e as páginas do grupo SRFans nas redes

sociais. Meus agradecimentos especiais a Elena, que ajudou com a pronúncia correta do italiano no audiolivro. John Michael Morgan fez um trabalho magnífico em sua leitura de *O inferno de Gabriel* e *O julgamento de Gabriel*.

Por fim, não é nenhum grande segredo que eu pretendia concluir a história do professor e de Julianne com *O julgamento de Gabriel*. Agradeço a todos que me escreveram pedindo que a

história continuasse. O apoio constante de vocês e da minha família é inestimável.

1179/1201

– SR

Ascension, 2013

Quem é Sylvain Reynard?

Quase nada foi divulgado sobre a verdadeira identidade do autor por trás do pseudônimo Sylvain Reynard.

Sabemos que ele é canadense, já escreveu vários livros de não ficção e tem um profundo interesse pela arte e pela cultura renascentistas. Mas, embora declare ser do gênero masculino, seus fãs têm uma forte suspeita de que na verdade S.R. seja uma mulher.

Semifinalista ao prêmio de Melhor Autor e Melhor Livro no Goodreads Choice Awards de 2011, Reynard apoia diversas instituições de caridade e acredita que a literatura ajuda a explorar os diversos aspectos da condição humana,

como o sofrimento, o amor e a redenção.

1181/1201

www.sylvainrevnard.com



CONHEÇA MAIS TÍTULOS DA EDITORA
ARQUEIRO

Paixão sem Limites

ABBI GLINES

Blaire Wynn não teve uma adolescência normal. Ela passou os últimos três anos cuidando da mãe doente. Após a sua morte, Blaire foi obrigada a vender a casa da família no Alabama para arcar

1183/1201

com as despesas médicas. Agora, aos 19 anos, está sozinha e sem lugar para ficar. Então não tem outra escolha senão pedir ajuda ao pai que as abandonara.

Ao chegar a Rosemary, na Flórida, ela se depara com uma mansão à beira-mar e um mundo de luxo completamente diferente do seu. Para piorar, o pai viajou com a nova esposa para Paris, deixando Blaire ali sozinha com o filho dela, que não parece nada satisfeito com a chegada da irmã postíça.

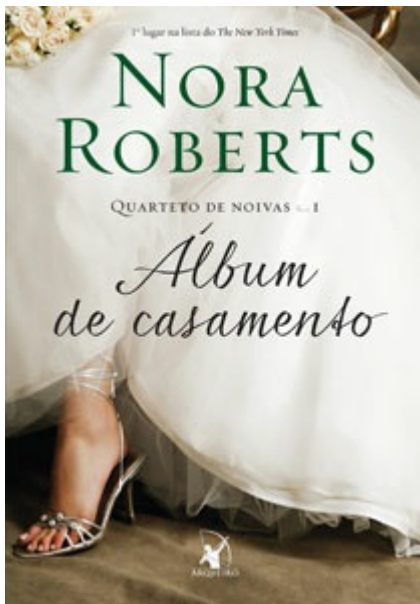
Rush Finlay é filho da madrasta de Blaire com um famoso astro do rock. Ele tem 24 anos, é lindo, rico, charmoso e parece ter o mundo inteiro a seus pés. Extremamente sexy, orgulha-se de levar várias garotas para a cama e dispensá-las no dia seguinte. Blaire sabe que deve ficar longe

dele, mas não consegue evitar a atração que sente, ainda mais quando ele começa a dar sinais de que sente a mesma coisa.

1184/1201

Convivendo sob o mesmo teto, eles acabam se entregando a uma paixão proibida, sobre a qual não têm nenhum controle. Mas Rush guarda um segredo que Blaire não deve descobrir e que pode mudar para sempre as suas vidas.

Paixão sem limites – primeiro volume da trilogia Sem Limites, que vendeu mais de 500 mil exemplares como publicação independente – é um livro romântico, sexy e intenso, que vai conquistar os leitores e deixá-los ávidos pela sequência.



Album de Casamento

NORA ROBERTS

Quando crianças, as amigas Parker, Emma, Laurel e Mac adoravam fazer casamentos de mentirinha no jardim. E elas pensavam em todos os detalhes. Depois de anos dessa brincadeira, não é de surpreender que tenham fundado a 1186/1201

Votos,
uma
empresa

de
organização
de

casamentos bem-sucedida.

Mas, apesar de planejar e tornar real o dia perfeito para tantos casais, nenhuma delas teve no amor a mesma sorte que tem nos negócios. Até agora.

Com várias capas de revistas de noivas no currículo, a fotógrafa Mac é especialista em captar os momentos de pura felicidade, mesmo que nunca

os tenha experimentado em sua vida.

Por causa da separação dos pais e de seu difícil relacionamento com eles, Mac não leva muita fé no amor. Por isso não entende o frio na barriga que sente ao reencontrar Carter Maguire, um colega de escola com o qual nunca falara direito.

Carter definitivamente não é o seu tipo. Professor de inglês apaixonado pelo que faz, ele cita Shakespeare e usa paletó de tweed. Por causa de uma antiga quedinha por Mac, fica atrapalhado na frente dela, sem saber bem como agir e o que

1187/1201

falar. E mesmo assim ela não consegue resistir ao seu charme.

Agora Carter está disposto a ganhar o coração de Mac e convencê-la de que ela é capaz de criar suas próprias lembranças felizes.



Lições do Desejo

MADELINE HUNTER

(Os Rothwells 2)

Atraente, sutil e tentador, lorde Elliot Rothwell é um homem acostumado a fazer sucesso entre as mulheres e a conseguir tudo o que deseja delas. Mas isso não se aplica a Phaedra Blair. A brilhante e exótica editora não parece disposta a ceder a seu pedido e cancelar a publicação das 1189/1201

memórias de um membro do Parlamento que po-

dem manchar o nome da nobre família Rothwell.

A pedido de seu irmão mais velho, o marquês de Easterbrook, Elliot vai a Nápoles para negociar com Phaedra. Historiador de renome e autor de

livros respeitados, tudo indica que ele seja a pess-oa ideal para a tarefa.

Porém, em vez de encontrar a bela mulher descansando à beira do mar Tirreno, Elliot descobre que ela está presa por causa de uma acusação injusta. Graças ao prestígio da família, o nobre consegue libertá-la, mas também se torna responsável por ela até voltarem à Inglaterra.

Percorrendo juntos uma das regiões mais belas e românticas da Europa, eles vão descobrir que discordam de quase tudo o que o outro pensa ou faz – exceto o que fazem juntos na cama. E, nessa aula de prazer, será cada vez mais difícil saber qual dos dois tem mais a ensinar.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA
ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett
Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim,

Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young *A farsa, A vingança e A traição*,
de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios,

Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião,

1191/1201

Uma curva na estrada, O casamento e A primeira vista,

de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo;

A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e

Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin *A revolta de Atlas*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack



INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br

e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,

you terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar

de promoções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta cadastrar-se diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para

1193/1201

atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[CAPÍTULO UM](#)
[CAPÍTULO DOIS](#)
[CAPÍTULO TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUATRO](#)
[CAPÍTULO CINCO](#)
[CAPÍTULO SEIS](#)
[CAPÍTULO SETE](#)
[CAPÍTULO OITO](#)
[CAPÍTULO NOVE](#)
[CAPÍTULO DEZ](#)

1195/1201

[CAPÍTULO ONZE](#)
[CAPÍTULO DOZE](#)
[CAPÍTULO TREZE](#)
[CAPÍTULO CATORZE](#)
[CAPÍTULO QUINZE](#)
[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
[CAPÍTULO DEZESSETE](#)
[CAPÍTULO DEZOITO](#)
[CAPÍTULO DEZENOVE](#)
[CAPÍTULO VINTE](#)
[CAPÍTULO VINTE E UM](#)
[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

1196/1201

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
[CAPÍTULO TRINTA](#)
[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)
[CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)
[CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)
[CAPÍTULO TRINTA E OITO](#)
[CAPÍTULO TRINTA E NOVE](#)

CAPÍTULO QUARENTA

1197/1201

CAPÍTULO QUARENTA E UM

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

CAPÍTULO CINQUENTA

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

1198/1201

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

CAPÍTULO SESSENTA

CAPÍTULO SESSENTA E UM

CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

CAPÍTULO SESSENTA E CINCO

CAPÍTULO SESSENTA E SEIS

CAPÍTULO SESSENTA E SETE

CAPÍTULO SESSENTA E OITO

CAPÍTULO SESSENTA E NOVE

CAPÍTULO SETENTA

1199/1201

CAPÍTULO SETENTA E UM

CAPÍTULO SETENTA E DOIS

CAPÍTULO SETENTA E TRÊS

CAPÍTULO SETENTA E QUATRO

CAPÍTULO SETENTA E CINCO

CAPÍTULO SETENTA E SEIS

CAPÍTULO SETENTA E SETE

[CAPÍTULO SETENTA E OITO](#)

[CAPÍTULO SETENTA E NOVE](#)

[CAPÍTULO OITENTA](#)

[CAPÍTULO OITENTA E UM](#)

[CAPÍTULO OITENTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO OITENTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO OITENTA E QUATRO](#)

[CAPÍTULO OITENTA E CINCO](#)

1200/1201

[CAPÍTULO OITENTA E SEIS](#)

[CAPÍTULO OITENTA E SETE](#)

[CAPÍTULO OITENTA E OITO](#)

[Agradecimentos](#)

[Quem é Sylvain Reynard?](#)

[CONHEÇA](#)

[MAIS](#)

[TÍTULOS](#)

[DA](#)

[EDITORA ARQUEIRO](#)

[CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA](#)

[EDITORA ARQUEIRO](#)

[INFORMAÇÕES](#)

[SOBRE](#)

[A](#)

[ARQUEIRO](#)

@Created by [PDF to ePub](#)

Document Outline

- [Título original: Gabriel's Redemption Copyright © 2013 por Sylvain Reynard Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda. Publicado mediante acordo com The Berkley Publishing Group, um membro da Penguin Group \(USA\) Inc.](#)
- [Prólogo](#)
- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZESSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZENOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
- [CAPÍTULO TRINTA](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

- [CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E OITO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E NOVE](#)
- [CAPÍTULO QUARENTA](#)
- [CAPÍTULO QUARENTA E UM](#)
- [CAPÍTULO QUARENTA E DOIS](#)
- [CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO QUARENTA E CINCO](#)
- [CAPÍTULO QUARENTA E SEIS](#)
- [CAPÍTULO QUARENTA E SETE](#)
- [CAPÍTULO QUARENTA E OITO](#)
- [CAPÍTULO QUARENTA E NOVE](#)
- [CAPÍTULO CINQUENTA](#)
- [CAPÍTULO CINQUENTA E UM](#)
- [CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS](#)
- [CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO](#)
- [CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS](#)
- [CAPÍTULO CINQUENTA E SETE](#)
- [CAPÍTULO CINQUENTA E OITO](#)
- [CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE](#)
- [CAPÍTULO SESSENTA](#)
- [CAPÍTULO SESSENTA E UM](#)
- [CAPÍTULO SESSENTA E DOIS](#)
- [CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO SESSENTA E CINCO](#)
- [CAPÍTULO SESSENTA E SEIS](#)
- [CAPÍTULO SESSENTA E SETE](#)
- [CAPÍTULO SESSENTA E OITO](#)
- [CAPÍTULO SESSENTA E NOVE](#)
- [CAPÍTULO SETENTA](#)
- [CAPÍTULO SETENTA E UM](#)
- [CAPÍTULO SETENTA E DOIS](#)
- [CAPÍTULO SETENTA E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO SETENTA E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO SETENTA E CINCO](#)

- [CAPÍTULO SETENTA E SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETENTA E SETE](#)
- [CAPÍTULO SETENTA E OITO](#)
- [CAPÍTULO SETENTA E NOVE](#)
- [CAPÍTULO OITENTA](#)
- [CAPÍTULO OITENTA E UM](#)
- [CAPÍTULO OITENTA E DOIS](#)
- [CAPÍTULO OITENTA E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO OITENTA E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO OITENTA E CINCO](#)
- [CAPÍTULO OITENTA E SEIS](#)
- [CAPÍTULO OITENTA E SETE](#)
- [CAPÍTULO OITENTA E OITO](#)
- [Agradecimentos](#)
- [Quem é Sylvain Reynard?](#)
- [CONHEÇA MAIS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO](#)
- [CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO](#)
- [INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO](#)
- [SUMÁRIO](#)